

3 176

I

OS LUSIADAS

OS LUSIADAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

EDIÇÃO CRÍTICA E ANOTADA
EM TODOS OS LOGARES DUVIDOSOS, RESTITUINDO,
QUANTO POSSIVEL, O TEXTO PRIMITIVO
PELA CORRECÇÃO DE ERROS
QUE NUNCA SE TINHAM EXPUNGIDO

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa
e honrado por ella com o premio D. Fernando,
destinado ao melhor trabalho sobre a vida e obras de Garrett;
membro do Instituto de Coimbra;
da Academia Real das Sciencias da Belgica;
da Academia Hespanhola, e por esta laureado com a medalha de oiro,
no concurso internacional de poesia
no segundo centenario da morte de Calderon de la Barca;
da Academia Real de Historia, de Madrid;
do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil, etc.

TOMO I

O annotador reserva todos os seus direitos de reimpressão

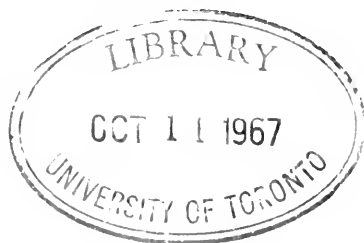
LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1889

Esta edição foi registada, e depositados os respectivos exemplares, para os efeitos da lei de propriedade litteraria, e das Convenções com a Hespanha, França e Belgica.

A propriedade litteraria das edições dos *Lusiadas*, annotados por Francisco Gomes de Amorim, pertence, no Brazil, ao ex.^{mo} sr. Agostinho José de Almeida, cidadão brasileiro, residente no Pará.



PQ
919 E
A-
1237
E.1

A ALBINO LEITE DE CAMPOS

Meu querido Albino:—No dia 21 de março de 1846, vespera d'aquelle em que eu devia regressar do Pará, afim de vir começar em Lisboa a minha modesta carreira litteraria, fui despedir-me de ti, á rua do Espirito Santo. N'essa occasião, brindaste-me com um exemplar dos *Lusiadas*, de Camões, o livro santo dos proscriptos, que nos fôra sempre companheiro e amigo na terra do exilio.

Tinha sido aquelle poema, desde que o conhece-ramos, o principal assumpto de nossos juvenis enthusiasmos; consolava-nos das amarguras e tristezas do desterro; elevava-nos a alma; e, sem sabermos bem porquê, sentiamos que pairavamos n'uma atmos- phera superior ás dores materiaes e ás desgraças ter- restres. Camões teve o poder portentoso de encerrar, nos estreitos limites de um livrinho, uma nação in- teira, n'aquelle tempo soberana dos mares e de gran- de parte do mundo conhecido, com toda a sua his- toria gloriosa: os seus monarchas famosos, os seus heroes, os seus sabios, os seus marinheiros, os seus descobrimentos e conquistas! Tendo comnosco essa obra maravilhosa do genio, esquecíamos as proprias desventuras; era como se tivéssemos presente a pa- tria, com todos os esplendores dos seus tempos au- reos!

Contavamos dezoito annos apenas; idade, ainda pouco reflexiva, para os que nascem cercados de

todos os commodos e confortos da vida; mas, para nós, visitados desde o berço pelo infortunio, amadurecêra o coração e o espirito, muito antes da adolescencia.—Porque me farias, pois, semelhante dádiva, no momento de nos separarmos, em vez de me dares qualquer dos romances ou novellas, que tinham então maior voga? A tua mão fatidica seria acaso movida por algum presentimento remoto do futuro? Adivinharias, na creança inexperiente, o temerario, que mais tarde pretenderia devolver-te, se não inteiramente immaculado, muito mais limpo de erros vergonhosos, o guia poetico da nossa infancia?

Nem tu nem eu o sabemos. O mesmo destino, que me trouxe aos braços do maior poeta portuguez moderno, chamado por este para vir fechar-lhe os olhos e escrever-lhe a vida, me guiou, ainda que com menos confiança, na improba tarefa de melhorar o maior poeta portuguez antigo, para poder restituir-t'ò, passados quarenta e tres annos, mais digno do teu amor, e de universal respeito.

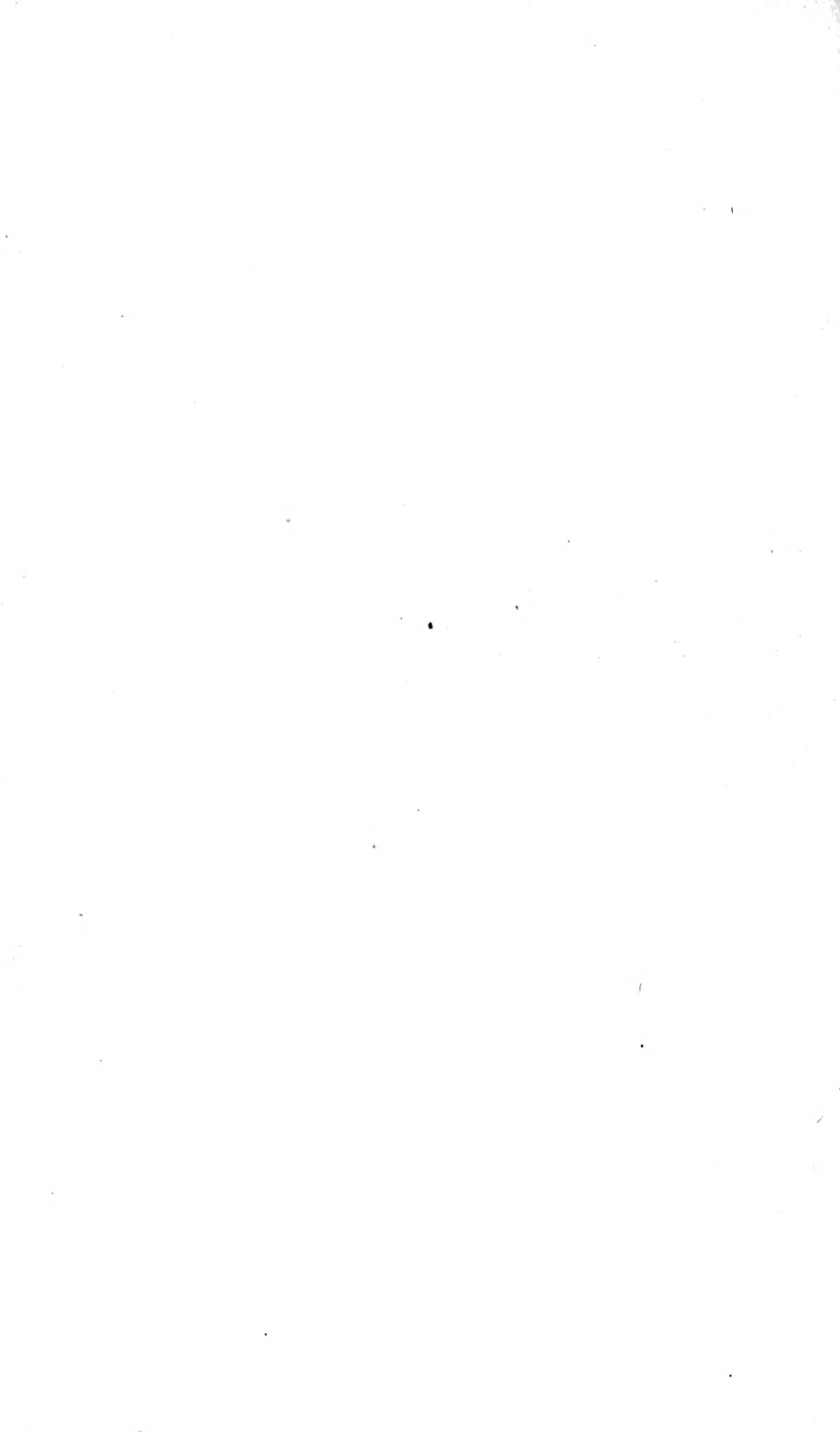
Acceita-o, pois; e acredita que o meu coração sente-se consolado, por te poder dar este testemunho público, affirmando que os presentes estudos te devem boa parte da sua existencia. Aquelle primeiro exemplar, offerecido no Pará, ha perto de meio seculo, foi precursor de outros, muito mais raros, preciosos dons com que novamente quiz distinguir-me a

tua amisade. Não é grande quem quer, senão quem o sabe ser. E se n'este mundo de ridiculas paspalhices e de grotescos apparatus, a nobreza das acções e as virtudes sinceras fossem justamente avaliadas por todos, não se limitaria o teu premio a esta pobre mas sincera offêrenda.

Sei que te magoaria, se fizesse demasiado ruido em volta do teu nome, porque te comprazes na modestia e na obscuridade. Bem vês, porém, que me era impossivel deixar de referir, ainda que em breves palavras, as circumstancias que motivaram a presente dedicatoria. São raras as amisades desinteressadas, que duram inalteraveis por tão longos annos, como tem durado a nossa (e a dos meus quasi irmãos, e tambem teus amigos, Agostinho e Frederico de Almeida); e eu não devia morrer, sem te provar que desejei pagar-te uma parte da minha divida, pondo o teu nome a par do

do teu amigo do coração

Francisco Gomes de Amorim.



SUMMARIO

I

INTRODUÇÃO: exame crítico, em que se pretende demonstrar a falsidade das relações de Manuel Corrêa com o poeta; valia dos dados biographicos, extrahidos da edição de 1613.—As edições datadas de 1572; os contemporaneos de Camões; Faria e Sousa e os seus manuscriptos; opiniões de escriptores modernos; investiga-se qual seja a primeira e qual a segunda; anno provavel em que foi impressa a ultima; analyse comparativa de ambas.—As edições de 1584, 1591 e 1597; probabilidades, ou certeza?—Differenças entre as de 1609 e 1612; equivoocos de criticos e editores, que a ellas se teem referido; maneira de as distinguir facilmente.—Esta edição; influencia do poeta na lingua e na poesia portugueza; tabella das differenças orthographicas, etc., etc.

II

ESTUDOS SOBRE O POEMA: restituição do que parece ser o texto primitivo, em todos os logares que foi possivel fazê-lo, sem violar-lhe a integridade; corrigem-se, pela primeira vez, muitos erros typographicos, introduzidos pela ignorancia, a malicia, ou má fé, e conservados até hoje pela indifferença ou excesso de respeito de alguns criticos; esclarecem-se taes emendas com annotações, quer em apoio das que pareçam indubitaveis, quer lembrando as mais plausiveis; adoptam-se algumas variantes, já introduzidas nas edições bem reputadas, que muitos modernos rejeitaram sem motivo, etc., etc.

III

APPENDICE: quadro em que se approximam os commentarios da edição dos *Lusiadas*, de 1613, attribuidos a Manuel Corrêa e a Pedro de Mariz, com as annotações manuscriptas do exemplar da edição de 1572, hoje possuido por sua magestade o imperador do Brazil, e que se dizia ter sido de Luiz de Camões. — «Memoria» de José Feliciano de Castilho. — Demonstra-se, com argumentos irrefutaveis, que tal exemplar não pôde ter pertencido ao poeta; e que o auctor das annotações mais numerosas foi, provavelmente, o mesmo que commentou a edição publicada por Pedro de Mariz, etc.

IV

ULTIMA VERBA: informações e documentos, alguns novos e curiosissimos, ácerca dos restos de Camões. — O tumulo, para o que não existe. — Portaria do governo, que nomeia uma commissão para procurar os ossos do poeta, depois do *tricentenario*; parecer de um de seus membros, dando-os como irremediavelmente perdidos. — Os destinos de Camões e os de Cervantes. — Actos da academia hespanhola; o que cumpre fazer á das sciencias de Lisboa. — Interessante carta inedita, a respeito da sepultura de D. Catharina de Ataide. — Um livro posthumo, e considerações de philosophia mansa, que uma das noticias, ali encontradas, suscitou ao auctor d'estes estudos. — A republica não pôde, ao menos por agora, substituir em Portugal, a monarchia. — Como devem educar-se as gerações futuras. — Versos a Camões. — Tabellas: das correccões feitas na presente edição; das que depois de feitas se encontraram já em outras; das que se adoptaram, e das que talvez se devam fazer ainda nas edições futuras. — Correccões e additamentos.

INTRODUCCÃO

I

Eu nunca tinha lido senão dois livros, quando meu irmão me emprestou, na cidade do Pará, onde ambos estávamos, os *Lusiadas*, de Camões. A revolução produzida no meu espirito por essa leitura, foi tal, que, antes de a ter concluido, passei casualmente á porta de um livreiro e pedi a quem ía commigo que me emprestasse dinheiro para a compra de um exemplar, embora não soubesse como poderia depois pagá-lo, porque não tinha de meu um só real!

Saí da livraria, entusiasmado, com o meu livrinho, in-24.º, lendo-o em voz alta, sem me preocupar com a dívida que acabava de contrahir, e menos ainda com o espanto que a minha exaltação causava ás pessoas que me encontravam.

Entrei em casa de meu primo Manuel Martins de Amorim, do qual eu era hospede e meu irmão caixeiro, com ar triumphante, mostrando aquelle thesouro, que podia levar commigo na algibeira para

toda a parte; e sentindo-me tão orgulhoso, como se tivesse sido eu que descobrisse a India ou que houvesse escripto o sublime poema. Como o exemplar de meu irmão já não era novo, e foi elle, afinal, que teve de pagar o meu, quando, dias depois, me appareceu o crédor, não direi que essas duas circumstancias lhe seriam indifferentes, se a este tempo não soubesse já os *Lusiadas* de cór e não fosse capitalista (possuia a enorme somma de tres mil e tantos réis, em cobre, que guardava debaixo do balcão, n'um sacco mais enorme ainda). Ao principio, senti-me um tanto humilhado com a sua incontestavel superioridade; mas, finda a leitura e já decorados tambem os dez cantos da divina epopêa. . . perdoei-lhe a riqueza.

Poderá causar admiração e pôr-se em dúvida a extraordinaria facilidade com que as nossas memorias absorviam tudo quanto liamos; o facto, porém, explica-se perfeitamente: não as tinhamos estragado a decorar, nas aulas de primeiras letras. E o poema de Camões é o consolador supremo de todos os portuguezes expatriados, como nós eramos então.

Só quem tem vivido fóra do seu paiz, longe de todos os que amou na infancia, com o pensamento nas caricias da mãe ausente e com os olhos no mar, que conduz ao ninho amado, pôde comprehender as saudades que desperta nas almas a obra d'aquelle grande genio. Escreveu-a elle no desterro; no desterro a editaram e commentaram Ignacio Garcez Ferreira, D. José Maria de Sousa Botelho, José Victorino Barreto Feio, Caetano Lopes de Moura, José da Fonseca, os benemeritos directores do gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro, e tantos outros! Foi ainda no exilio que outro immortal, Garrett, escreveu *Camões*, elegia ternissima e admiravel, que

é ainda hoje, depois dos *Lusiadas*, o mais imperecedouro monumento levantado a Luiz de Camões. E exilados traduziram o poema Henrique Garcez, D. Emílio Bravo, o illustre conde de Cheste, o nobre duque de Palmella, Gaubier de Barrault, Millié, Fournier, Paggi, Briccolani, Fanshaw, Lord Strangford, Musgrave, Harris, Quillinan. . . e quantos mais!

Todos sentiram que este era o livro em que se desafogavam as magoas de quem vivia ausente; e quizeram provar, cada um por sua maneira, que o tinham comprehendido e que os seus corações estavam identificados com elle. Acharam ali as mais gratas e suaves memorias; viram perpassar, diante do pensamento, as recordações de todos os que amaram e perderam; de envolta com vagos clarões de esperança, de tornarem a ver a patria, pulsava-lhes generosamente o peito, despertando-lhes altos desígnios e impellindo-os para cousas grandes e difficeis. Imagine-se, pois, o que será para nós, portuguezes, quando expatriados, esse codigo incomparavel de amor e de patriotismo! Decorâmol-o, ainda com maior devoção do que temos pelas orações ensinadas por nossas mães; venerâmol-o, com cega idolatria, quasi sem discernimento nem consciencia. Não consentimos que ninguem toque n'esta arca santa, onde guardâmos a nossa fé e a nossa lei. Longe do berço, até as suas imperfeições nos parecem bellezas! E amâmol-as, no conjuncto, como um fóco luminoso de gloria; porque elle não é para nós um livro sómente: é a alma da nação portugueza¹.

¹ «Quem é capaz de desatar o laço de estreita harmonia que prende Portugal, os *Lusiadas* e Camões?» Pergunta, com razão, o sr. Oliveira Martins, no seu interessantissimo estudo *Os Lusiadas* (Porto, 1872, pag. 56).

II

Desde os mais verdes annos comecei a beber n'aquellas paginas eternas tudo quanto sei de amor de Deus, da virtude, da patria, da familia e da humanidade. N'esses cantos, sagrados pela admiração dos seculos, ha lição immortal para todos os casos da vida; exemplos de sublimes affectos, de lealdade immaculada, de valor incomparavel: os mais puros, os mais formosos modelos, para inspirar nobres intuitos e melhorar os corações dos povos.

Apartado, com dois lustros apenas, do bafo maternal, acabei de crear-me quasi ao acaso; e posso confessar, sem falso pejo, que, se fui bom, honrado, justo e verdadeiro, não o devi sómente aos ternos affectos de minha adorada mãe: do íntimo do meu ser brotaram igualmente, fecundadas pela adversidade, as sementes que os *Lusiadas* e o *Camões*, de Garrett, lá tinham depositado na idade juvenil.

Foi, pois, movido de gratidão inolvidavel que, tendo consagrado parte da existencia á memoria do segundo, que era o mais precisado, me resolvi a empregar o pouco que ainda me sobrasse de forças de corpo e de espirito, concluindo e publicando estes estudos ácerca do primeiro.

Quantas vezes, meu irmão e eu — elle, com pouco mais de treze, e eu com menos de doze annos — recitavamos, profundamente commovidos, sem saber-mos bem porquê, cantos inteiros do divino poeta, aos freguezes da casa de nosso primo, na cidade do Pará! Que nos importava a qualidade do auditorio? Nem sequer nos passava pela cabeça fazer selecções

odiosas! O ponto era que nos viesse a talho qualquer citação. E mal começava um, acudia logo outro, com exemplos novos e mais frisantes; e, por fim, deixando-nos arrebatado pelo enthusiasmo, enfiavamos estancias sobre estancias, porque ambos tinhamos o poema na ponta da lingua. Os ouvintes — brancos, pretos, tapuios — nem sempre nos entendiam; mas, todos elles, boçaes ou intelligentes, vencidos pouco a pouco pela harmonia do metro, acabavam por pedir maior dóse, graça que nós lhes outorgavamos com verdadeira munificencia. Oh! tempos deliciosos, que não voltareis jamais! . . .

A verdade, porém, era que nós proprios, apesar d'aquelle papaguear insolito, não estavamos muito mais adiantados do que o geral dos nossos amadores. Soavam-nos agradavelmente os versos; aprendiamos n'elles os feitos de nossa heroica historia patria e maritima; as suas bellezas, tão bastas que chegavamos a comprehender muitas d'ellas, desabrochavamos a intelligencia e despertavam em mim o espirito aventureiro, que d'ahi a mezes me levou pelos sertões dentro; mas quantas cousas repetiamos, sem as entendermos! Nos primeiros tempos, não quizemos confessar, mutuamente, que metade talvez do livro escapava á nossa comprehensão e entendimento. Com o tempo, e, provavelmente, no intuito de experimentar cada um até onde chegaria o outro, fomos calando o assumpto, até que viemos á ingenua declaração da verdade. D'ahi por diante, a curiosidade propria de taes annos começou a trabalhar-nos, dia e noite. Pobres ignorantes! Mal imaginavamos, então, que chegaríamos á velhice, estudando-o sempre, sem termos conseguido aclarar todas as dúvidas e obscuridades, que já a este tempo começavamos a encontrar no maravilhoso poema.

III

Manuel Amorim, comquanto seguisse a carreira commercial, nunca mais deixou de consagrar todos os seus ocios ao estudo e meditação do nosso tão querido Camões; e, pelo exame comparativo que fez de muitas edições notaveis, dos *Lusiadas* e de outras obras do grande epico, eu o considero entre os mais distinctos e agudos interpretes do poeta, se bem que seja igual e voluntariamente dos mais desconhecidos, pela sua modestia¹.

Quanto a mim, digo candidamente que passei mais de vinte annos sem me preoccupar com as discussões que ambos tinhamos aos doze. Emquanto repeti, de cór, os dez cantos, seguidos ou salteados e cada estancia ou cada verso de per si, não pensei em analysál-os. Mas, logo que o uso inveterado do brometo de potassio, que apenas serviu para me apagar a

¹ Quando se escreveu a *Introducção*, era vivo ainda aquelle a quem se referem as linhas acima traçadas; e chegou a ouvir ler a maior parte d'estes estudos. Mas não quiz Deus conceder-lhe vida até os ver concluidos e impressos. No dia 24 de julho de 1887, domingo, pelas tres horas e meia da tarde, falleceu na calçada da Estrella n.º 74, 2.º andar, o homem que, depois que abri os olhos á rasão, foi o meu maior amigo n'este mundo. Desde esse dia funesto, sentindo quebrada a melhor ancora do meu desmantelado baixel, e vendo-o correr desnortado contra as praias do naufragio, trabalhei com ardor febril para que a tentativa, que elle tanto amava e applaudia, não ficasse incompleta. Mas como a terminei eu, faltando-me o animo, que o seu louvor me inspirava?! Quantas dúvidas ahi ficam ainda, das quaes só elle me estimulava a procurar a solução, dizendo generosamente, de cada vez que eu acertava em resolver alguma: «É o ovo de Colombo!»

memoria, começou a sua acção funesta, apeguei-me com ancia e desespêro aos meus amados *Lusiadas*, como se assim podesse impedir que o conteúdo de suas paginas me fugisse do cerebro! Então, voltei a recordar-me que tinha *sabido* o poema; porém que ainda, como durante a idade juvenil, não entendia a maior parte d'elle.

Da necessidade de o reler a miude, resultou a de o estudar, como nunca tinha feito até ali; de reflectir e de meditar sobre cada estancia, cada verso, discutindo estes commigo, um por um, durante annos; decifrando, interpretando (quem sabe se adivinhando?) e provocando, n'esta lucta pertinaz e incessante, os mais crueis padecimentos, que ha tantos annos me atormentam, sem poder triumphar de todas as dúvidas, que permaneciam teimosamente impene-traveis á minha acanhada intelligencia.

Só o profundo amor que voto á minha patria, e o desejo de concorrer para acrescentar, ainda que com tenuissima parcella, a gloria do seu grande epico, empenhavam n'esta batalha, que era para gigantes, o pygmeu ambicioso. Mas, como portuguez, doia-me cruelmente saber que tendo sido Camões tão erudito e tão insigne poeta, havia gente que se atrevia a accusal-o de offender frequentemente a grammatica; de ter versificado de maneira que a sua poesia não resistisse ás modas das escolas modernas; e, sobretudo, —depois de ter lido tantos detractores, como Garcez Ferreira, Verney, Soares Barboza, José Agostinho, etc., afóra os estrangeiros que não entendiam a lingua,— ver, em Antonio Feliciano de Castilho, que *nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria* (cuidava elle) *a assignar como sua uma unica estancia inteira de todos os dez cantos; se ha um* (acrescentava) *que diga que*

*ousava, que me aponte qual é essa estancia phenix que ao fim de quasi tres seculos está ainda tão lustrosa e juvenil!*¹

Pois conservam-se juvenis e lustrosos os versos de Tasso, de Dante, de Virgilio, e os do proprio Homero; resistem, sempre bellos e resplandecentes, ás

¹ *D. Jayme*, poema, por Thomaz Ribeiro, primeira edição, Lisboa, 1862, pag. XLVII. — De todas as críticas injustas, que se teem feito ao grande epico portuguez, as que peor effeito me produziram foram as de Castilho e José Agostinho de Macedo.

O padre poderia ter rasão n'alguns dos seus reparos, se o escrevesse de boa fé, lavado inteiramente de odios; porém, o modo por que procedeu, não causou a minima impressão no animo dos que o liam. Buscando apoio, para a sua maledicencia, recorreu a La Harpe, que não sabia uma só palavra de portuguez, e que se serviu da traducção infelicissima de outro, para censurar o que não entendia!

O frígido *Oriente* é um fructo pècco da inveja, que o público acolheu mal, por conhecer a intenção damnada com que fôra feito. Furioso pelo insuccesso, escreveu José Agostinho a *Censura dos Lusíadas*, para desafogar o fel que lhe ia na alma. Que resultou, porém, d'esta insidia malevola? Os seus *Gamas* e *Orientes*, embora correctos, só os lêem hoje raros estudiosos; e os *Lusíadas*, com todos os defeitos de que elle os accusou, lêem-se cada vez mais e com maior admiração, por nacionaes e estrangeiros, repetindo-se as edições sem cessar, em todos os formatos e idiomas!

A intolerancia para com as fraquezas e defeitos alheios, faz sempre que não nos perdoem os nossos. Camões foi um poeta creador e inspirado; remoçou tudo em que tocou o seu genio: a poesia e a lingua portugueza. José Agostinho era apenas crudito; pedia ás regras pautadas, contando as syllabas pelos dedos, o auxilio que lhe negavam as musas. Por isso dizia tanto mal d'estas, escrevendo que as invocadas por Camões, eram mulheres de Lisboa! Seriam; mas se este não tivesse feito *Lusíadas*, nunca aquelle produziria *Orientes*, e quejandos poemas, que, apesar de maus, teem todavia o seu logar na historia litteraria de Portugal—ainda que ali figurem tambem como attestados do que pôde a inveja nos homens de merecimento.

transformações dos seculos, ás vicissitudes das linguas e á decadencia das idades, e só os de Camões, tamanho como aquelles, perderiam o brilho?!

Foi desde então que eu me propuz indagar se na opinião d'estes censores implacaveis haveria toda a sinceridade, que deve ter a critica, para ser bem acceita e acatada; ou se unicamente a irreflexão daria motivo a accusações similhantes.

Tal é, pois, a origem dos meus modestos estudos. Antes, porém, de os apresentar ao juizo imparcial dos leitores; antes de fazer sentir a estes que o poema foi cruelmente tratado pela censura brutal e pelos typographos e revisores, indifferentes ao crime em que todos se tornaram cúmplices, pareceu-me conveniente preceder o meu trabalho de algumas reflexões, ácerca do poeta e das primeiras edições dos *Lusiadas*.

Depois de tantos e tão illustres mestres terem tentado fazer-lhe a biographia, a meu ver sempre com pouca felicidade, seria absurdo pretender eu imital-os. Não é essa a minha intenção. As considerações que vou expor, seguem um curso inteiramente opposto ao de todos os outros criticos; e, como não visam a recompor-lhe a historia, porque para isso seria necessario inventar os elementos com que ella se escreve, o leitor indulgente dar-lhe-ha a importancia que lhe dictar o seu criterio.

Muitas vezes serei obrigado, pela natureza do assumpto, a voltar atraz, repisando o que já tiver dito, ou insistir na mesma observação, para que ella cale bem no animo dos que me fizerem a honra de me ler. Não posso evitar similhantes repetições; mas como aqui não se trata de fazer estylo, e sim de apreciar o que pareça mais racional, e portanto mais verosimil e acceitavel, dar-me-hei por satisfeito se conseguir este ultimo resultado.

IV

Examinando attenta e minuciosamente tudo quanto se tem dito a respeito do auctor dos *Lusiadas*, vê-se que, infelizmente, existem apenas seis documentos *authenticos* para alumiar-lhe a vida¹. Cinco, publicou-os o visconde de Juromenha, na sua edição da imprensa nacional de Lisboa, em 1860². E o sexto é já conhecido desde o tempo de Camões.

Em primeiro lugar, temos a *Carta de perdão*, datada de Lisboa, a 7 de março de 1553, estando o poeta preso no Tronco da cidade, por ter ferido n'uma briga a Gonçalo Borges³. Perdoava-lhe o rei, por ser filho de Simão Vaz de Camões, cavalleiro-fidalgo de sua casa; porque n'esse anno ia servil-o na India; e por ser mancebo, e pobre. E «querendo-lhe fazer graça e mercê» obriga-o a comprar o perdão por 47.000 réis; isto é, mais da quarta parte do que seu neto D. Sebastião lhe deu depois, de tença an-

¹ Espero que nenhum dos illustres auctores vivos tome á má parte as minhas opiniões. Não tenho a menor intenção de offender os que cito, nem os que deixo de citar; digo o que penso, com a maior sinceridade, e com igual direito ao dos que me precederam.

² O alvará da tença, e as duas apostillas, de 2 de agosto de 1575 e 2 de junho de 1578, estavam publicados desde 1839, por Garrett, no seu admiravel poema *Camões*.

³ Porque não arranjariam os *biographos*, que tanta cousa inventaram na vida de Camões, uma causa que o justificasse do acto de se juntar aos dois mascarados contra Gonçalo Borges? Afigura-se-me pouco provavel que homem tão valente, moço e generoso, em vez de tomar o partido do mais fraco, ajudasse a perseguil-o em lucta desigual e covarde, sem motivo gravissimo. Não seria acaso este Gonçalo Borges irmão de

nual, por ter escripto os *Lusiadas*! A justiça do avarento príncipe não largou das unhas o poeta, sem que o soberano tivesse prova, escripta em dois documentos, de que o desgraçado pagára com lingua de palmo o impeto de acudir pelos amigos.

O segundo documento é o alvará de licença para a impressão dos *Lusiadas*, passado em Lisboa, a 23 de setembro de 1571, que se encontra em ambas as edições de 1572. Não fallaria n'este, por muito conhecido, se não quizesse notar que não se diz ali uma só palavra de louvor: é sêcco, arido, verdadeiro papel de chancellaria, regulando as condições de uma concessão restrictiva. Como se previsse que do favor concedido — só Deus sabe por que preço! — ia resultar algum onus para o thesouro, mostra-se desconfiado, cauteloso, quasi hostile; entrincheira-se n'uma reserva, que promette desde logo mais miseria e fome do que liberalidade e grandeza.

Segue-se-lhe o alvará da famosa tença de 41 réis por dia, ou 15.000 réis por anno, datado de 28

Ruy Borges, com quem casára D. Catharina de Athaide, já fallecida por este tempo — se porventura era aquella dama que residiu e morreu em Aveiro? — (Vide *Novissima Verba*, *Carta* de Xavier de Magalhães, no fim d'estes estudos.) E não podendo Camões chegar ao marido, aproveitaria, pouco decorosamente, é certo, mas levado por invencivel rancor, o ensejo de se vingar em pessoa do sangue d'elle? Que mina para os romanceadores biographicos, se lhes tivesse lembrado a tempo!

Depois d'isto escripto, vejo que o meu sabio amigo Camillo Castello Branco, no seu *LUIZ DE CAMÕES, notas biographicas*, dá effectivamente Gonçalo Borges como irmão bastardo do marido de D. Catharina. Eu já o tinha lido em 1880, quando essas notas se publicaram no *Camões*, de Garrett, edição do centenario, do Porto, de E. Chardron; mas esquecêra-me inteiramente. O facto é que, se tudo isto é assim, os motivos que moviam Camões n'esta occasião, não seriam muito para louvar.

de julho de 1572. N'esse escripto, que é a um tempo exemplo eterno da ingratição dos reis e monumento de vilipendio para os que o fizeram assignar por D. Sebastião, vê-se a indifferença e desdem com que era acolhido, no seu regresso á patria, o portentoso genio que vinha coroál-a de gloria immorredoura.

«Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem, que, havendo respeito ao serviço que Luiz de Camões, cavalleiro fidalgo de minha casa, me tem feito nas partes da India, por muitos annos, e aos que espero que ao diante me fará, e a informação que tenho de seu engenho e habilidade, e a *sufficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da India*, hei por bem, etc. ¹»

Custa a crer que semelhante vilania, indigna de uma alma generosa, viesse d'aquelle que, provavelmente, nos versos do immortal cantor bebêra o enthusiasmo, que o levou a perder a corôa e a vida nos areiaes de Africa! Infames e desleaes conselheiros, como em regra se encontram sempre ao alcance das pessoas reinantes, para lhes inspirar odio contra os que maior lustre dão aos seus reinados, devem, talvez, ter sido auctores d'esta insidia perversa. Cinco annos antes, em 1567, renunciava João de Barros, historiador insigne, o logar de feitor proprietario da casa da India, recebendo do mesmo rei D. Sebastião o fôro de fidalgo, uma tença de 400.000 réis, a faculdade de mandar vir annualmente nas naus da India fazendas que lhe rendessem liquidos 4.000

¹ Quem quizer ver todo o alvará, encontra-o no *Camões*, pelo visconde de Almeida Garrett, edição de 1854, a pag. 281; e no tomo 1 da edição Juromenha, a pag. 160, Lisboa, 1860. Não sigo a orthographia do documento, por me parecer desnecessario ao meu fim.

*cruzados, livres de direitos e fretes, e mais outras mercês; com as quaes se retirou para a sua quinta, em Pombal*¹.

¹ Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico*, tomo III, pag. 318. É transcripto, quasi á letra, da *Vida de João de Barros*, por Manuel Severim de Faria. Creio ser esta a segunda vez que cito semelhantes mercês, fiado no que diz o primeiro dos referidos escriptores; mas sempre me quiz parecer que haveria grande erro n'esta asserção. 1:600,000 réis, quantia a que montavam os 4:000 cruzados *livres*, com os 400,000 réis de tença, era muito mais do que tinha n'aquelle tempo um principe! 30,000 réis de ordenado, ou de tença, considerava-se então vencimento de primeira ordem. Affirma tambem Severim de Faria, que, além d'aquellas mercês, o filhamento de fidalgo lhe dava 2,000 réis de moradia; que por sua morte ficassem 50,000 réis de tença a sua mulher Maria de Almeida, e 150,000 réis a seu filho Jeronymo de Barros, *até o prover de uma commenda de mór quantia*; e para casamento de uma de suas filhas lhe deu a capitania de duas naus de viagem da India: «o que tudo depois se cumpriu».

Não me consta que na historia da litteratura portugueza haja outro exemplo de esbanjamentos semelhantes com um auctor! Mas isto ainda não é tudo. A inteireza de João de Barros (que, felizmente, em todos os tempos tem tido imitadores, porém todos muito menos afortunados do que elle!) «moveu aos réis a lhe fazerem por vezes algumas mercês, entre as quaes, el-rei D. João III no anno de 1550 lhe deu licença para emquanto vivesse poder mandar vir por sua conta da India tantas mercadorias, que tirasse d'ellas forros cada anno no reino 500 cruzados (200,000 réis; isto é mais acceitavel do que os 4:000 cruzados dados por D. Sebastião; deve ser erro typographico: seriam 400, e todos tem repetido até agora o erro). E el-rei D. Sebastião lhe perdoou as dividas em que lhe estava de certa artilheria, armas e munições, do tempo da viagem do Maranhão, que importariam mais de 600,000 réis. E no anno de 1563 lhe fez mercê de algumas mercadorias, que estavam na casa da India, e outras cousas do valor de 650,000 réis. Depois de seu fallecimento, pelo mesmo respeito fez mercê a sua mulher da quantia de 500,000 réis. E el-rei D. Filippe I

Compare-se esta largueza, verdadeiramente real, com a indigencia do poeta, aviltante para quem o deixou n'ella; e diga-se, francamente, se o rei, que tal consentiu, não merece que os seculos o cubram com o labéo do opprobrio. Mas os seculos são como os homens; e a ingratiidão dos reis não é menor que

deu 100,000 réis de tença a Jeronymo de Barros, seu filho, com licença de testar de 30,000 réis d'elles, em quem lhe parecesse». (*Vida de João de Barros*, por Manuel Severim de Faria, em — *Varios discursos politicos* — Lisboa, 1791, pag. 234, 241 e 242.)

Será possível haver n'isto confusão de nomes, e que as mercês concedidas a diversos venham nos escriptores como feitas a um só? Aparecem no archivo nacional nada menos que quatro differentes Affonsos de Albuquerque; crê-se que o Gil Vicente, ourives, não é o auctor dos *Autos*; Innocencio dá noticia de um João de Barros (2.º) doutor em leis, do desembargo de el-rei D. João III, e seu escrivão da camara; com este, ou ainda com outro, que seria realmente fidalgo, poderá dar-se o equivoco, ou equivococ. Pelo menos é esta a opinião do meu velho amigo João Pedro da Costa Basto, ao qual communiquei as minhas dúvidas, pedindo-lhe o favor de procurar o que havia a este respeito na Torre do Tombo. João Pedro trouxe-me este documento, persuadido, como eu, de que houve erro, ou, pelo menos, grande exaggeração nos beneficios que se suppõem feitos ao historiador da Asia:

«Eu el-Rey faço saber aos que este Alvará virem que, havendo respeito aos serviços que a El-Rey meu senhor e avô que santa gloria haja e a mim fez João de Barros no cargo de Feitor das Casas da India e Mina que serviu, e a me largar ora o dito cargo a seu contentamento, hei por bem e me praz por lhe fazer mercê de per seu fallecimento fazer mercê a Maria d'Almeida sua mulher de 50,000 réis de tença em cada um anno em sua vida . . . etc.— 10 de Janeiro de 1568.»

(Á margem:) «Por fallecimento de João de Barros se fez, por virtude do Alvará de lembrança aqui registrado, a Maria d'Almeida sua mulher Padrão de 50,000 réis de tença em sua vida do 1.º de Janeiro de 1571 em diante.— 10 de Abril de 1571». (Chanc. de D. Sebastião — Liv. 26, fl. 138.)

a dos povos. Hoje se vê, como ha trezentos annos, quasi o mesmo factó. Para Alexandre Herculano, historiador sem d'úvida grande, como João de Barros, restaura-se a casa do capitulo, em Belem, e erige-se-lhe um tumulo monumental, ao centro d'essa casa, *que dara para tres*; a nação, ou antes os que

Se fosse verdade ter-lhe dado o rei fôro de fidalgo, porque não se encontram n'este documento as palavras do estylo, adiante do nome, «cavalleiro fidalgo de minha casa»? E tambem não se vê aqui nem sombra de allusão a outras mercês! É todavia possivel que existissem; mas ainda que não tivesse havido mais que a tença dos 500.000 réis á viuva, este só factó significava uma desconsideração enorme para Camões. E se de feito Barros teve tudo quanto refere Severim de Faria, parece indubitavel que a tença dos 150.000 réis, dada ao poeta, dois annos apenas depois do fallecimento do historiador e um anno após a concessão feita á sua viuva, se fez com intenção affrontosa, para deprimir o merecimento do livro, pelo qual somos ainda conhecidos no mundo! Os jesuitas exaltavam um para aniquilar o outro!

Mas se a este respeito temos d'úvidas, não existem ellas ácerca do premio concedido por el-rei D. Manuel ao descobridor da India. Da primeira viagem deu-lhe 300.000 réis de renda; o posto de almirante da India, com todas as regalias e proventos d'ahi resultantes; fôro de *Dom.* para si e seus descendentes; permissão de mandar vir cada anno 200 cruzados e trazêl-os na mercadoria que lhe aproovesse, sem pagar direitos nem tributos, salvo a vintena para a ordem de Christo. Esta permissão, diz Castanheda, equivalia a 2.800.000 réis, o que me parece demasiado. (10 de janeiro de 1502, em Lisboa — Liv. III, de D. João III, fl. 166, Torre do Tombo. — *Appendice ao Roteiro da viagem de Vasco da Gama.*) — Na segunda viagem, todas estas mercês foram muito augmentadas, além de outras novas. O rei louvou-o muito por ter tornado o rei de Quiloa tributario de christãos, e por tudo que fez; e, além do mais, deu-lhe ainda 400.000 réis de renda. A Camões, que immortalizou no seu poema o Gama e D. Manuel, deu D. Sebastião 150.000 réis de tença! (Veja *Vasco da Gama e a Vidigueira*, pelo sr. Teixeira de Aragão.)

a governam, votam grossas sommas para occorrer a tão grandiosa despeza; e de Garrett, do cantor e émulo de Camões, ninguém se lembra! Ninguém se levanta no parlamento portuguez, que elle tanto honrou, para protestar contra a sua exclusão d'aquella mesma casa do capitulo—a que tinha mais direito que ninguém quem deu nome á architectura do monumento, e pediu que se fizesse ali o pantheão dos grandes homens. Só a minha voz, humilde e obscura, ousa bradar n'este deserto de justiça, contra o ingrato esquecimento dos contemporaneos. Commemoram-se na nossa imprensa os anniversarios funebres de tantos insignificantes politicos, ao passo que no dia 9 de dezembro de 1885 nem um só jornal registou o passamento do que fôra, como Camões, o maior do seu seculo! E vê-se, com a mais criminosa indiferença, perderem-se os ossos do immortal poeta! Pobre Garrett! Quando os teus poemas se tornarem *moda*, como são agora os do teu glorioso antecessor, virá a geração que viver n'esse tempo comprál-os a peso de oiro, por ostentosa vaidade; e ralhará muito, posto que esterilmente, contra quem confundiu com os de estranhos os teus restos mortaes, por incuria e desmazêlo dos que se fingiam teus amigos, ou se honravam com o teu sangue!

Do alvará, concedendo a pifia tença de 41 réis diarios, colhe-se a noticia de que a primeira edição dos *Lusiadas* seria, talvez, publicada antes de 12 de março de 1572¹; e somos tambem informados

¹ O sr. dr. Theophilo Braga, nos estudos que precedem a elegante edição (dita «dos typographos do Porto»), publicada em 1880, pela *imprensa Portugueza*, diz, a pag. xli, que «os *Lusiadas* appareceram á luz por meiado de julho de 1572, e immediatamente provocaram um extraordinario interesse».

de que o poeta era cavalleiro-fidalgo da casa real, honraria esteril, se não ridicula, para o mais celebre nome que tem tido a nação portugueza.

Em 2 de agosto de 1575 se concedeu por mais tres annos a Luiz de Camões a regia migalha, por uma apostilla¹; a 2 de junho de 1576 se passou a ementa para pagar o anno decorrido, porque se esqueceram de assentar no livro da fazenda a provisão da tença; e não lh'a tinham pago! E a 2 de junho de 1578 se renovou a concessão, pela ultima vez em sua vida, dos parcos 157000 réis.

N'estes seis documentos (Juromenha, tomo 1, pag. 166 e seguintes), unicos, indiscutivelmente verdadeiros, não se encontra uma só palavra de apreço pelos incomparaveis talentos do cantor sublime da nossa gloria. As mercês rendosas guardavam-se para ver-sejadores intrigantes. Os conselheiros de D. Sebastião eram insensíveis ao verdadeiro merecimento e á suavidade metrica. Roiam com prazer os versos coriaceos de Ferreira, de Sá de Miranda e de Caminha; e roeriam até cousas peiores, gabando-as de deliciosas, comtanto que lhes fossem servidas pela

Creio absolutamente na segunda parte d'esta noticia; mas tenho dúvidas sobre a primeira. O alvará que concedeu a tença, determina que os tres annos «começarám de doze dias do mez de março deste anno presente de mil quinhentos setenta e dous em diante que lhe fiz esta mercê», etc. Não me parece provavel que a *munificencia regia* se manifestasse, antes da publicação do livro; mas quer fosse assim, quer não, penso que não temos outro ponto de partida, para assignalar a data provavel do seu apparecimento; por isso disse que este deve ter sido «talvez» antes de 12 de março, no que é possível enganar-me: e prouvera a Deus, que fosse esta a vez unica!

¹ Garrett não transcreve nem cita esta apostilla, mas traz a de 2 de junho de 1578.

escola dos poetastros louvaminheiros, que se desfaziam em elogios a Mecenas de contrabando. Aquelle cantor austero, de antes quebrar que torcer, regressando da India, já curtido (*si vera est fama*) em perseguições, desterros e cadeias, costumado a dizer em voz alta a verdade, por mais amarga que ella fosse, aos reis e aos povos, não podia ser bem accedido n'uma côrte governada por jesuitas¹. Às palavras melifluas, á hypocrisia blandiciosa com que porventura fingiriam applaudil-o, no principio, succederia em breve a manifestação pública do odio,

¹ Estes cavalheiros de industria do milagre tinham tal predominio no animo do rei, que o levaram a mandar pôr luminarias, quando recebeu a noticia da matança de *S. Barthélemy*, em que o seu real collega de França alvejava a espingarda, como amador *emagé*, nos huguenotes que lhe passavam a geito por defronte da janella. Os jesuitas inventavam a cada passo *soldados divinos*, aos quaes attribuiam as victorias dos portuguezes; e de «um sapateiro idiota e analphabeto, mas grandemente fanatico e devoto da *companhia*, tiveram a astucia de fazer um propheta que prognosticava o que elles lhe suggeriam e a quem, por ultimo, fizeram passar por santo. O cardeal D. Henrique o mandou vir de Evora para Lisboa, e queria que se hospedasse em seu palacio: o infante D. Luiz com elle familiarmente se entretinha muitas vezes, e, o que é mais, o proprio D. Sebastião o admittia e mandava chamar para, em seu conselho, ser ouvido e dar alvitres!!!... Depois d'isto, ou um hospital de doidos, ou os campos de Alcacer-Kebir». (*Camões e os Lusíadas, ensaio historico-critico-litterario*, por Francisco Evaristo Leoni, Lisboa, 1872, pag. 72.— Veja igualmente a nota d'essa pagina.)

Entre maus, estupidos e fanaticos, o melhor que Luiz de Camões tinha a fazer era queimar o seu divino poema. Agradecemos-lhe não o ter feito; e honremos a memoria das suas sublimes virtudes e generosidade: porque foi generosidade incomparavel perpetuar eternamente o nome da nação e do rei, que o receberam com tamanha indifferença, e lhe deram a fome e o hospital em paga de os ter servido!

com que lhe apunhalaram a gloria. A miseria da tença e a qualificação de *sufficiencia*, dada a tão peregrino engenho, attestam a vingança cobarde dos filhos de Loyola. Precisava ser largamente paga com o ultraje feito ao genio a estancia 119 do canto x dos *Lusiadas*. E aquella ordem nefasta não costuma deixar em aberto as dividas d'esta especie.

Essas duas enormes afrontas não bastavam para saciar a sanha jesuitica, que nem á morte perdôa. Depois do fallecimento do poeta, um alvará de Philippe II, datado de 31 de maio de 1582, concedeu 67000 réis da antiga tença a sua velha mãe; uma nova ementa, de 13 de novembro do mesmo anno, manda pagar «6765 réis a Ana de Sá, may de Luis de Camões que Deos aja por outros tantos que ao dito seu filhio erão devidos do primeiro de janeiro do anno de MLXXX até *de7 de junho delle em que falleceo* a razão de 15000 por anno de tença». E outro alvará, de 5 de fevereiro de 1585, passado pelo dito rei, concede-lhe a pensão por inteiro. Mas em nenhum d'estes documentos se faz menção dos *Lusiadas*, do genio immenso de seu auctor, nem da honra que a publicação d'esse livro nos trouxera em perpetua herança. «... avendo respeito aos serviços que elle fez na India e no reino e a ella Anna de Sá ser muito velha e pobre» — diz o primeiro! — «... avendo respeito aos serviços de Simão Vaz de Camões, e aos de Luiz de Camões seu filhio cavalleiro de minha casa e a não entrar na feitoria de Chaul, de que era provido, e a vagarem por sua morte quinze mil réis de tença, hei por bem fazer mercê a Anna de Sá», etc., se escreveu no ultimo.

Eis tudo! E aqui foi preciso juntar os serviços do pae com os do filhio para que ambos reunidos chegassem á craveira de uma mezada de 17250 réis.

Assim, pois, concedendo que a mãe do poeta vivesse até 1586, teremos que elle e a sua herdeira receberam do estado, *em quatorze annos*, 2107000 réis! Metade da pensão annual de João de Barros, fóra os 400 cruzados de pimenta (outros dizem 4:000), e tudo o mais. É quanto os conselheiros de D. Sebastião julgaram que valia a gloria de Portugal! E é o que nós sabemos, com certeza absoluta, a respeito de Camões, e de ter sido a sua morte em 10 de junho de 1580¹.

V

D'aqui por diante, atravessâmos o vasto paiz das conjecturas, região aventureosa, povoada de sonhos e imaginações perigosas, onde tudo é vago, incerto, duvidoso. Partimos do possível para o provavel, d'este para o desconhecido e só Deus sabe até onde nos poderá levar a phantasia, nas azas da chimera! Sulcâmos ignotos mares: convem que nos não deixemos dominar por preocupação alguma, sob pena de naufragio certo. Amainemos o panno da curiosidade; espreitemos os horisontes; e, de sonda sempre na mão, vejamos se é possível, apalpando o fundo

¹ D. Gonçalo Coutinho, que poz na sepultura do poeta o sabido epitaphio, apesar do qual se lhe perderam os ossos, teria talvez escripto com mais proveito a sua biographia. No tempo em que elle viveu, não seria muito difficil reunir dados verdadeiros para ella; e visto que fez a *vida do doutor Francisco de Sá de Miranda*, mais rasão havia para se occupar de quem, como poeta, valia cem vezes mais. Infelizmente, a fortuna em todos os tempos se tem mostrado adversa aos grandes genios. Virgilio foi excepção, porque ella andava então distrahida, no Ponto, a perseguir Ovidio.

a cada instante, acharmos algum rumo que nos supra a falta da carta de marear. Saiba-se, porém, desde já, que n'este oceano de hypotheses, que vamos percorrer, tudo é fallivel; que ainda quando conseguissemos fazer algum descobrimento interessante — o que é improvavel — não poderíamos nunca marcá-lo scientificamente no mappa da viagem, porque nos faltam todos os elementos comprovativos; e a crítica, no nosso tempo, não se acceta sem que se apoie em factos incontestaveis.

Disse um sabio belga, o sr. Luiz Prospero Gachard, fallecido em 1885, que «conjecturas não são permitidas em caso algum, nem podem admittir-se nas discussões scientificas». Tratando-se de apreciações historicas, aquelle meu illustre consocio nunca dava curso ás proprias inspirações, dizendo que só se deviam deixar fallar os documentos. Perfeitamente raciocinado. Mas, onde poderemos nós portuguezes ir buscá-los, para authenticarmos com elles a historia de Luiz de Camões? Todos os escriptores, tanto antigos como modernos, que teem dito alguma cousa ácerca do nosso grande epico, foram beber ás escasas noticias dadas por Manuel Corrêa, no commentario dos *Lusiadas*¹.

¹ Por mau fado do poeta, que ainda além da morte o vae perseguindo atravez dos seculos, os seus maiores adoradores, os que lhe teem consagrado obras mais volumosas, são tambem infelizmente os que parecem mais destituídos de boa crítica! N'uma edição recente das *obras* de Camões, aliás feita com intenção de que fosse monumental, fervilham os versos errados, não só de edições já conhecidas, como, principalmente, dos que ali se introduzem pela primeira vez; tiram-se conclusões e deduzem-se consequencias de hypotheses, como se se tratasse de factos reaes e sabidos; e tudo isto, seguindo sempre, cegamente, a auctoridade de Manuel Corrêa, que já se vae ver o que vale!

Examinemos esta fonte, que, desgraçadamente, é unica, e vejamos se ella é tão pura que não envenene os que n'ella se dessedentam.

«*Os Lusiadas do Grande Lys de Camoens. Principe da Poesia Heroica. Commentados pelo Licenciado Manoel Corrêa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa, etc. Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria, natural da cidade de Elvas. Dedicados ao Doctor D. Rodrigo d'Acunha, Inquisidor Apostolico do Sancto Officio de Lisboa. Per Domingos Fernandez seu Livreiro. Com licença do S. Officio, Ordinario, y Paço. Em Lisboa, Por Pedro Crasbeeck. Anno 1613.*»

Tal é o titulo da obra de Corrêa. A licença do santo officio diz que o livro de Camões com rasão é tido em muita conta dos que entendem poesia: «e o commento que sobre elle fez o padre Manuel Corrêa . . . o explica com muita doctrina, erudição, e varia lição que teve». Pelo decurso d'estes estudos, o leitor fará idéa approximada do commentario. Depois da dedicatoria de Domingos Fernandez, ao inquisidor, diz: «O commentador ao leitor. Fiz ha muitos annos estas annotações sobre os cantos de Luiz de Camões, a petição de um amigo, sem intento de os imprimir; porque se o pretendêra, com muito mais rasão o fizera em vida de Luiz de Camões, que m'ó pediu com muita instancia. Vistas de alguns foi importunado as imprimisse. Mas assim, como havia muitos que m'ó aconselhavam, assim havia outros, que m'ó estorvavam, dizendo, que começasse por outra cousa. Com este conselho, que então me não descontentou, e com eu ser pouco inclinado a impressões (como é a maior parte d'esta nossa nação portugueza) me entretive té agora, não deixando de me combaterem muitos ácerca d'esta impressão. Hoje

o faço, só por sair pela honra de Luiz de Camões, que por esta sua obra não ser entendida de todos, é calumniada de muitos; e declarada de alguns. Os quaes sem lume das letras humanas, lhe põem annotações, que servem mais de o escurecer, e deshonrar, pois são contra o sentido do poeta, e verdade das historias, e poesias. Peço ao leitor, accete esta obra com o animo, que lh'a eu offereço, candido e amigo. E cedo, com o favor divino, lhe daremos outra, ou outras, em differente estylo, e lingua-gem, que por ventura satisfaçam mais. *O Licenciado Manoel Corrêa.*»

A isto, segue-se: «Ao estudioso da lição poetica».

Não é possível transcrever-se tudo. Tendo fallecido Corrêa, supponho que em 1611 ou 1612, conta Mariz que mandou arrematar por alguns dobrões estes commentarios, postos em almoeda pelo tribunal da legacia, porque o espolio do padre pertencia á sé apostolica; e o imprimiu, *depois de*, segundo affirma, *o ter acrescentado*¹.

O merito dos estudos de Corrêa, apesar da erudição que n'elles se manifesta, afigura-se-me limitadissimo. Affirma ter saído a campo em defeza de Camões, por não ser este «entendido de todos, ser calumniado de muitos e declarado de alguns». Estes

¹ A pag. 456 do tomo 1, da edição Juromenha, fallando da edição de 1613, se lê: «Thomaz Northon tinha dois exemplares d'esta mesma edição, com differentes vinhetas no frontispicio: serão duas edições? Encontrou tambem duas paginas com parte do prologo de Pedro de Mariz, inteiramente differente de quantos tinha visto. Seria o prologo da desconhecida edição de 1601?»

Assevera Gomes Monteiro, na edição Biel, que existem duas edições differentes do anno de 1613. Eu nunca vi senão uma. Quanto a variedade de prologos, Mariz era capaz de tudo.

logares communs, reproduzidos depois com mais ou menos arte por outros escriptores, attestam desde logo tal ou qual inepecia, que fartamente se demonstra em todo o livro. Corrêa não tem senso crítico; o que lhe vale, para não cair de todo, é saber rasoavelmente geographia, historia geral e patria, e ter soffrivel leitura dos poetas e da fabula. Mas o seu ouvido é insensivel; erra com frequencia os versos que transcreve; provavelmente, pela circumstancia de ser padre, altera com inaudito atrevimento alguns logares do texto, no canto ix; e commenta, com o mais deploravel criterio, parte das oitavas d'esse canto; traz muitas emendas, aliás bem cabidas por vezes, sem todavia explicar o motivo por que as fez; reproduz, sem consciencia, versos corrigidos de outras edições, não dando pelas correções que adopta; e rejeita outras, quando, talvez, ellas fizeram tanto ruido que chegaram ao seu conhecimento, allegando que o poeta não fizera assim taes versos; mas sem provar nada. Propõe, comtudo, a sua maneira de os alterar! (Veja commentario ao canto ix, est. 21, v. 6, pag. 243 v.) Com esta ausencia de critica, e tambem muita de senso commum, que se póde esperar dos seus commentos?! Eu creio que se elles não são inuteis, tambem não acrescentaram ao nome de Camões a menor parcella de gloria.

Se Camões tratasse Corrêa com a intimidade que o commentador se compraz de alardear, devia ter-lhe tomado o pulso aos *talentos*; e não cairia em lhe exigir a publicação do commentario, salvo se o corrigisse primeiro. Mas eu creio que a escassez absoluta de noticias, que se nota no livro a respeito do commentado, é prova irrecusavel de que Manuel Corrêa nunca o tratou e nem sequer o conheceu. Refere-se a elle em meia duzia de logares, muito de

passagem; e em nenhum diz cousa que nos inspire interesse, como opportunamente mostrarei.

Pelo facto de se ter dito que o poeta residira na freguezia da Mouraria, julgou-se que, visto ter sido cura d'ella o padre Corrêa, não podia haver contestação a respeito da sua mutua amisade¹. A isto respondem o *Santuário Mariano*, a *Corographia portugueza*, de Antonio Carvalho da Costa, e o *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro: que a parochia de Nossa Senhora do Soccorro é filial da de Santa Justa, d'onde se desmembrou em tempo do arcebispo D. Miguel de Castro, collocando-se na igreja (aliás ermida) de S. Sebastião da Mouraria, que era dos artilheiros, *pelos annos de 1596; e se começou a intitular freguezia de S. Sebastião da Mouraria*. Foi-se augmentando o numero dos freguezes; e parecendo a ermida pequena, determinaram fabricar maior templo; que só em 29 de setembro de 1646 se deu por concluido, sendo ali collocado n'esse dia o Santissimo Sacramento, vindo em procissão da sobre dita ermida, d'onde tambem se transferiu a imagem da Senhora do Soccorro, que deu titulo ao novo templo. Os parochos tiveram ao principio o titulo de curas².

¹ «... los padres de Luis de Camoens eran moradores en Lisboa, y en la Moraria, que es parochia de San Sebastian, de que era cura el licenciado Manuel Correa su amigo bueno, y comentador malo, y que escribió su vida.» Diz Faria e Sousa, na segunda *Vida del poeta*, e n.º 7 do tomo 1 do commentario ás *Rimas varias*. Veja-se a maneira por que se fazia a critica n'aquelle tempo. Foi em 1596 que começou a ermida a chamar-se parochia de S. Sebastião da Mouraria; e, passados menos de quarenta annos, já Faria e Sousa dizia isto! Quanto ao ter Corrêa escripto a *Vida de Camões*, imagine-se se assim pôde chamar-se ás insignificantes referencias do commentario!

² Obras citadas, pela ordem que vão no texto: tomo 1, pag. 370; tomo III, pag. 404; tomo III, pag. 433 (segunda edição, 1763).

Cáem portanto, por falta de base, todos os argumentos que d'aqui se derivaram. O poeta falleceu em 1580; e só dezeseis annos depois poderia Manuel Corrêa ser cura da Mouraria. Com effeito, a familia de Camões residiu na Mouraria, mas foi antes da ida do poeta para a India; isto é, quarenta e tres annos antes de 1596, em que se fundou a freguezia. Foi, pois, do erro de Faria e Sousa que nasceram todas as falsas supposições a que depois se deu curso, já se vê com que fundamento¹!

VI

Pedro de Mariz, na noticia que poz á frente dos commentarios, que diz serem de Corrêa, não só não adianta nem prova cousa nenhuma, como me faz temer que sejam d'elle proprio as insignificantes referencias a Camões, espalhadas pelo mesmo livro². Corrêa assevera ao leitor que só sáe «pela honra de Luis de Camões, e pela obra d'este não ser enten-

¹ Se Faria e Sousa reflectisse em que o documento, que disse ter achado na casa da India, segundo logo veremos, dava Camões como morador á Mouraria, antes da sua saída do reino, reconheceria o absurdo de o suppor amigo do cura de uma freguezia que só se fundou muitos annos depois de fallecido o poeta.

² Na *Memoria historica e critica*, ácerca de Luiz de Camões e das suas obras, por D. Francisco Alexandre Lobo, publicada nas *Memorias da academia das sciencias*, no anno de 1820, diz este auctor, em nota á pag. 3: «(d) Mariz mostra, na vida do poeta, pouca noticia, e ainda menos critica e intelligencia». Admira que Lobo assim pensasse de Mariz, e que desse tão cegamente credito ao que suppõe escripto por Corrêa, e ao que dizem Severim e Faria e Sousa, que ambos beberam no padre as suas informações! Mas tem sido moda seguir Corrêa, como se fosse um oraculo.

dida de todos»; Mariz acrescenta, «ao estudioso da lição poetica»: «. . . e procurando que algumas cousas, que os muito escrupulosos diziam faltava n'este commento antes que se imprimisse, se não achem agora menos n'elle. Principalmente em alguns logares até ora não entendidos, ou interpretados contra o verdadeiro intento do poeta. Para o que o mesmo commentador me tinha dado licença: sem a qual (póde ser) que lhe não mettêra a mão em sua sementeira. Vale e ama. *Pedro de Mariz*».

D'estes dois homens, um illude-nos, se acaso o não fazem ambos. Por ter sido Mariz que preparou a edição, devemos desconfiar mais d'este que do outro. Quem entender de estylos, compare com rigorosa attenção esses dois discursos, dirigidos ao leitor. Eu considero-os ambos da mesma penna; ou Corrêa os escreveu, apropriando-se depois Mariz de um d'elles, e mudando-lhe o final, ou são ambos d'este. Um e outro denunciam igual ausencia de sagacidade critica; e nenhum satisfaz, nem remotamente sequer, a natural curiosidade do leitor, que já devia ser enorme no anno em que se fez a publicação do commentario.

Torna-se sobretudo mais que suspeito o zêlo que *ambos* mostram pela gloria de Camões, saíndo juntos, ao cabo de tão longos annos, a esgrimir em defeza do poeta, que por esse tempo era já universalmente querido e admirado¹. Aonde estava a cortezia e primor d'aquelles paladinos de má morte,

¹ Além das edições portuguezas dos *Lusiadas* (afóra as das *Rimas*), que deviam ser oito ou nove, segundo as melhores probabilidades, havia nem menos de tres em castelhano, lingua então muito vulgar na Europa, na America e em grande parte da Asia. O nome de Camões andava pois apregoadado em

quando os jesuitas mutilavam o sublime poema? Um e outro assistiram, indifferentes e impassiveis, aos córtes brutaes, ás substituições parvoas e ridiculas, que os poetastros da companhia se divertiram a fazer nos *Lusiadas*; nenhum dos taes *amigos* de Camões escreveu por esse tempo a minima palavra de protesto contra aquelles barbaros e estupidos iconoclastas; e, depois, annunciam pomposamente que saem pela honra do cantor sublime, exactamente na occasião em que já não são precisos!

Agora, quando se restitue o livro immortal ao texto da primeira edição, é que acodem á porfia, n'um berreiro unisono, mas tardio e inutil, porque a fama do poeta corria já indisputada atravez do espaço e do tempo!

Eu não creio absolutamente nada na boa fé e lisura d'estes sujeitos, que, sem cerimonia, se espoliavam uns aos outros, como ainda hoje usam muitos. É possivel que Manuel Corrêa esteja innocente. Mas se em verdade fosse amigo de Camões, ou se ao menos o tivesse conhecido, quem acredita que nos não deixasse um unico pormenor biographico d'aquelle formoso engenho poetico? Nem sequer por incidente nos cita o menor facto da sua vida, quando os commentarios do poema se prestavam a não deixar nenhum no escuro! Acredite-o quem poder; a minha rasão recusa absolutamente aceitar quatro patranhas mal alinhavadas, e reproduzil-as como dados verdadeiros.

quasi todo o mundo conhecido. Não citei as edições de que falla Mariz; mas, comquanto elle seja de pouca fé, não tenho dúvida de que existissem. E chamo desde já a attenção dos leitores para a nota sobre a licença da censura, na edição dos *Lusiadas*, de 1597, de que adiante fallarei.

Pedro de Mariz, explorando a publicação dos commentarios, tinha todo o interesse em fazer acreditar que estes haviam sido escriptos por um amigo do poeta. E facilmente o conseguiu. A critica de então, como a de hoje ainda, em grande parte, mostrava-se de boa avença. Duvidava da veracidade de Fernão Mendes Pinto, ao qual chamava Mendes *Minto*, e engulia sem pestanejar os mais grosseiros embustes que lhe impingiam os biographos patranheiros. A circumstancia de vermos a approvação do santo officio, dizendo serem os commentarios de Corrêa, não prova que isto assim seja. Como os mortos não fallam, Pedro de Mariz podia muito bem tê-los recomposto, e attribuí-los áquelle, para os vender melhor. Não duvido, comtudo, accetá-los como de Corrêa, tendo sido, porém, muito acrescentados por Mariz, que faria as duas advertencias.

Quer, porém, o livro e essas noticias fossem escriptas por um, quer pelo outro, ou ainda por ambos, este facto é, para mim, de interesse bastante secundario. Os commentarios são por vezes tão ineptos, tão claras as tolices e mentiras, que se referem a Camões; tão fallhas de valor, a respeito da vida do poeta e da publicação da sua obra-prima, que me parece não dever insistir senão no ponto de que nem sequer se conheceram. Não me consta que exista um só documento, confirmando as asserções de amizade e de intimidade que ali se fazem, em nome de Corrêa. E, o que mais é, nenhum escriptor coevo se refere a essas relações. Quantos alludem a ellas, e as teem por verdadeiras, apoiam-se unicamente na obra de Corrêa. Esta fonte, impurissima, não tem a seu favor um unico elemento que a torne menos inoffensiva. Vicia, na sua origem, tudo que d'ella dimanar: erra-lhe as datas do nascimento e da morte;

e os que a ella recorrem, teem de reconstruir uma e outra com os documentos achados nos nossos dias; e depois voltar a beber ali, para recompor a vida de Camões. Estranho e singular meio de fazer crítica, principalmente na actualidade!

Diz-se que o que passa por auctor dos commentarios, viajára muito; e até por isso alguns crêem que a historia das *talhas* (canto VI, est. 74, v. 7), seja devida ao commento feito por Mariz. Se Corrêa viajou, o que não está provado, mas pôde admittir-se, andaria por longe de Lisboa, quando Camões voltou da India. Não tendo, porém, dados que possam guiar-me, não quero correr as aventuras que teem corrido criticos, aliás mais auctorisados, ainda que tambem mais credulos do que eu. E seria bem facil seguíl-os e imitál-os, podendo dar até uma face nova ao romance! Manuel de Faria e Sousa affirmou que o poeta era da mesma idade de Corrêa, no tempo em que ainda se persuadia que o nascimento de Camões fôra em 1517¹. Parecc-me isto improvavel. Diz o commentario do mesmo Faria, que Manuel Corrêa fôra cura da Mouraria; e tendo-se esta freguezia fundado em 1596, como atraz vimos, não creio que se desse um curato a um velho de setenta e nove annos. Se o fallecimento do citado padre foi, como pôde suppor-se, em 1612, teria então noventa e um. E tambem não acredito que em tão propecta idade pensasse em publicar commentarios, nem que escrevesse prologos, afinados pelo de Pedro de Mariz.

Mas Faria e Sousa diz n'outra parte, referindo-se ao retrato, que affiança ter sido mandado fazer por Corrêa, *no tempo em que se tratavam em Lisboa*:

¹ *Lusíadas*, etc., commentados, Madrid, 1639, tomo 1, pag. 17.

«que es de creer seria despues que vino de la India; porque no le pudo tratar antes, pues desde quãdo el P. saliò de Lisboa, hasta el año em que murió Corrêa van mas de 60. i pocos mas devia el tener quando murió. De que se sigue, que este retrato es de los ultimos dias del P. 1»

¹ Obra citada, tomo 1, pag. da *Advertencia para se ler*, no n.º ix. — Parece que a boa fé de Faria e Sousa foi surpreendida; ou então desejaria, á imitação de Pedro de Mariz, dar mais valor á sua obra, encostando-se acaso a qualquer tradição vaga, que dava ao retrato aquella origem. «El retrato del P. se sacó bien parecido a otro que era original, mandado hazer por su amigo el lic. Manuel Corrêa».

Nem Corrêa nem Mariz fallam de tal retrato. Fanshaw copiou-o, em ponto maior, da edição de Faria e Sousa; mas o que principalmente os distinguiria, se não fosse o tamanho, é uma faixa branca (na côr do papel), que passa por traz da cabeça, tendo a parte superior ao meio dos olhos da figura, na qual se lê, á nossa esquerda: «*Luis de* (segue a cabeça, lendo-se adiante d'ella, á nossa direita:) *Camões*». Como desenho, são ambos mediocres: no inglez, a cabeça do poeta parece a de um aguadeiro boçal; no de Faria ha uma tal ou qual intenção de nobreza, que não chega bem a exprimir-se. É lícito duvidar da sua authenticidade. — Apareceu ha annos, n'um *baçar* de Lisboa um retrato, dito de Camões, se bem me lembro pintado a tempera, que tinha todo o ar de ser um lôgro, comio os outros. Esqueceu-me de qual dos olhos o pintor o tinha cegado; mas recordo-me perfeitamente que era horrivel como trabalho artistico. *Parecia* feito no seculo xvii; não digo que o fosse, porque sabe-se a facilidade com que hoje se imita a pintura de outras idades; e ainda está na memoria de todos a historia dos Murillos *antigos* e *modernos*, custando estes 300.000 réis, e aquelles 300.000 réis! Dado que o tal retrato fosse realmente do tempo que digo, era possivel ser o mesmo ou cópia do que Faria e Sousa cria ter sido mandado tirar por Manuel Corrêa. De qualquer dos modos, não creio que seja nenhum *legítimo*. Um poeta como Camões não podia ter semelhante cara, que não diz nada, que não tem expressão nem sentimento. Eu julgo-a tão verdadeira, como

Logo, não podia Camões ser da mesma idade de Corrêa, como atraz assegurou, se acaso *tinha pouco mais de sessenta annos*, á data da sua morte. E se eram da mesma idade, por que rasão o não poderia tratar antes da sua ida para a India? Creio que fosse o poeta, que morresse com pouco mais de sessenta, segundo Faria aqui assevera, com bem pouca clareza; porque se eu tomasse a affirmativa como tendo sido Corrêa que morreu *com pouco mais de sessenta annos*, e se a sua morte tivesse logar em 1612, teria apenas dezeseite, pouco mais ou menos, quando o poeta regressou da India, em 1569 ou 1570! Á data da publicação dos *Lusiadas*, teria vinte! E andaria então nos estudos, em Coimbra, ou antes em Salamanca, muito frequentada n'aquelle tempo por estudantes

as relações de intimidade entre o cantor das glorias portuguezas e o seu primeiro commentador. Se, comtudo, a cópia tiver sido feita sobre um retrato tirado do natural, é forçoso que o poeta, infeliz em tudo, cásse nas unhas de algum ignaro pintor das duzias, que lhe adulterou as nobres feições, em que devia resplandecer uma alma grande. Parece-me, porém, verosimil que a obra seja invenção de qualquer especulador do tempo, depois do poema se ter tornado popular; e, quando mais tarde escasseasse a venda, se faria correr, por occasião do apparecimento dos commentarios de Corrêa, como tendo sido mandado fazer por este. Dado que o retrato não seja ainda *esperteza* de Pedro de Mariz!

Um pormenor curioso: na segunda edição de Corrêa, feita em Lisboa, no anno de 1720 por José Lopes Ferreira, vem um retrato de corpo inteiro, cego do olho direito; o da edição de Faria e Sousa cega-o do esquerdo; o de Garcez Ferreira vasalhe esse mesmo olho, apesar de no *Apparato preliminar*, a pag. 11, tomo 1, dizer que cegára do direito! E assim todos, d'ahi em diante, ora lhe tapam um ora outro, com a maior indifferença. Manuel Corrêa nem isto soube explicar; e nem sequer temos hoje certeza absoluta de qual dos dois lhe levou o pelouro, nem mesmo se tal pelouro houve!

portuguezes; e sendo Corrêa natural de Elvas, isto é, estando na fronteira, poderia tentar-se mais com esta do que com aquella. Antes dos vinte e seis ou vinte e sete de idade, não terminaria os seus cursos; e, a este tempo, já Camões, victima de cruéis enfermidades, se não sentiria com disposições de animo para admittir na sua intimidade aquelle clérigo juvenil, pouco proprio a consolá-lo em suas amarguras e tristezas, e menos apto ainda para confidencias.

Mas é evidente que Faria se refere a Camões; o que não impede que tudo isto seja uma grande trapalhada, em que os commentadores e criticos são os primeiros a enredar-se deploravelmente. Imagine-se, portanto, como poderemos tomar a serio qualquer biographia moderna, se apenas trinta ou quarenta annos depois do fallecimento do desafortunado cantor, já ninguém sabia nada certo a seu respeito?! Nem o anno em que nasceu, nem sequer aquelle em que exhalou o derradeiro suspiro, nem como imprimiu o seu livro immortal, nem o numero das edições que d'este se fizeram no seu seculo! Visto que ninguém quer confessar a verdade, e a verdade é que não sabemos absolutamente nada da vida de Camões e da impressão dos *Lusiadas*, todos vão acarretando sua pedrinha para este edificio de extravagancias.

VII

O romance da vida de Camões, começado por Manuel Corrêa ou Pedro de Mariz, foi continuado por Manuel Severim de Faria e Manuel de Faria e Sousa, que ambos se apoiam em Corrêa. O chantre de Evora, homem de boa fé, acceita sem exame

a noticia da amisade de Camões com o que tantos annos depois foi cura da Mouraria. Poderão responder-me que n'aquelle seculo ninguem duvidava d'ella. Mas quantas falsidades teem sido julgadas verdades incontestaveis? Ainda nos nossos dias ha muito quem acredite em milagres; e comtudo não é apoiando-se n'elles que se escreve a historia contemporanea. Taes elementos pertencem aos dominios da poesia; não nos é dado acceitál-os, por mais bellos que sejam, quando procurâmos factos.

«Nasceu Luiz de Camões — diz Severim de Faria — reinando el-rei D. Manuel, pelos annos de 1517, na cidade de Lisboa, *como o testefica Manuel Corrêa* seu commentador, que o conheceu, e foi seu familiar amigo¹», etc. A credulidade do chantre, como a de todos os mais, não discutiu, nem indagou se assim teria sido ou não. Entretanto, os documentos achados nos nossos dias pelo mais incansavel dos biographos, existiam já no archivo nacional, e eram então de recentes datas. Custa realmente a crer, que quem procurasse, com vontade de as achar, algumas noticias menos vagas do que as que se lêem no livro de Corrêa, a respeito do nosso poeta, não as

¹ *Varios discursos politicos*, Lisboa, 1791, pag. 279. Faria e Sousa tambem diz no n.º 5, da segunda *Vida del poeta*, tomo 1 do commentario ás *Rimas varias*: «El licenciado Manoel Corrêa, que fue hombre de credito, y que tratò al P. dize que el nació por los años de 1517. Y esso he seguido yo en aquel escrito» (a primeira *Vida del poeta*, no começo dos commentarios aos *Lusiadas*). Depois, deduz dos documentos achados na casa da India, de que adiante fallo, que Camões nasceria em 1524. Faria segue, nas suas noticias, quantas fabulas e invenções se acham nos commentarios de Corrêa e Mariz, apesar do desdem com que falla do primeiro: «Este hombre era docto en las letras humanas, y celebre en las lenguas

encontrasse ainda n'aquelle tempo! A critica acreditava piamente quantos disparates apregoavam frades ociosos e milagreiros vadios; por isso não duvidou do que lhe era indifferente. Acreditou, para não se incommodar; e pelo uso e costume em que estava de não descrever de cousa nenhuma—desde Christo em Ourique e Santiago na Galliza, até ás sereias que attrahiam marinheiros com o canto, os lobishomens que cumpriam fadarios, e as bruxas que entravam pelo buraco da fechadura, para chuchar meninos!

Tudo quanto affirmava frade ou padre, ainda que fosse mentira do tamanho da serra de Cintra, engulia-se piedosamente. Demais, que interesse tinha Portugal em duvidar de que Manuel Corrêa tivesse sido ou não amigo íntimo de Luiz de Camões, do divino auctor dos *Lusiadas*? Era-lhe absolutamente indifferente. Não via n'isso bem nem mal para o seu bruto egoismo; nem sequer se dava ao trabalho de pensar em semelhante futilidade; e, se pensasse, diria talvez que o cura fazia muita honra ao desvalido soldado, dando-lhe a confiança de o tratar por amigo.

hebrayca, griega, y latina; mas como el ser poeta no consta de lenguas, y es necessario que lo sea quien huviere de comentar ál que lo es deveras, él en lo tocante a la poesia no entendió lance alguno de aquel poema; y echose a la explicacion de fabulas, historia, y geografia». (Segunda *Vida del poeta*, n.º 40, tomo 1 do commentario ás *Rimas varias*.) Nos commentarios aos *Lusiadas* (tomo iv, col. 546), já tinha dito: «... hasta que el de 1613 le publicó Pedro de Mariz, con un llamado comento de Manoel Corrêa, que antes que ilustrarle, le pudiera deslustrar, si la ignorancia agena pudiera ofender a um tan científico escrito». E nunca perde ensejo de lhe cravar a unha, cada vez que lhe vem a talho de foíce.

VIII

Faria e Sousa, embora diga, no começo da primeira vida de Camões, á frente dos commentarios dos *Lusiadas*, que se encostára ao que escreveu Manuel Severim, não deixa de recorrer igualmente á auctoridade de Corrêa, quando falla do nascimento, e sempre que quer fundar-se n'algum ponto de apoio: «Verdad es, que dize el licenciado Manuel Corrêa, *persona de credito*, i de la idade del poeta, i su amigo, que nació en Lisboa por los años 1517¹». Este auctor, suppondo que Luiz de Camões gastára trinta annos a escrever os *Lusiadas*, faz a conta, partindo do nascimento em 1517, na noticia dada por Corrêa; mas julgando-se depois que tivera logar em 1524 ou 1525, ficam os trinta annos reduzidos a vinte e tres. Quantos calculos, sendo este exacto, cairiam do mesmo modo, se fosse possivel provar todas as circumstancias que dizem respeito á vida do nosso grande epico?!

Só muito mais tarde, na segunda *Vida do poeta*, publicada no tomo 1 dos commentarios ás *Rimas varias* (Lisboa, 1685, n.º 5), diz Faria e Sousa ter-lhe ido ás mãos um registo da casa da India, de Lisboa, de todas as pessoas principaes que foram servir na India, desde o anno de 1500; e que na lista do de 1550 achára este assento: «Luiz de Camões, filho de Simão Vaz, e Anna de Sá, moradores em Lisboa á Mouraria; escudeiro de vinte e cinco annos, barbiruivo: trouxe por fiador a seu pae: vae na nau de S. Pedro dos Burgaleses».

¹ *Lusiadas*, etc., commentados, Madrid, 1639, pag. 17.

Ainda que o poeta se alistou n'este anno, só embarcou — continúa a dizer o seu commentador — no de 1553. No registo e titulo da *Gente de guerra*, achava-se este assento, segundo o mesmo Faria assevera: «Fernando Casado, filho de Manuel Casado, e de Branca Queimada, moradores em Lisboa, escudeiro. Foi em seu logar Luiz de Camões, filho de Simão Vaz, e Anna de Sá, escudeiro; e recebeu réis 27400 como os outros».

De todos os auctores que se occuparam das obras do nosso epico, nenhum concorreu tanto para lhe honrar a memoria, até ao começo do seculo actual, como Faria e Sousa. Possuido de uma admiração, que attinge frequentemente o fanatismo, e que o torna por vezes cego idolatra, Faria consagrou a maior e a melhor parte da vida ao estudo do seu poeta; fez do proprio coração altar, onde aquelle era adorado; exaltou-lhe até os defeitos, n'umas occasiões; e n'outras lh'os disfarçou com tanta benevolencia, que o leitor portuguez sente-se commovido em vista da maneira por que elle lh'os desculpa. Vinte e cinco annos de investigações trabalhosas, impregnaram a obra d'este commentador incansavel de um respeito secular e lendario¹. Uma leitura immensa, uma erudição pasmosa, ao serviço de uma memoria feliz, fazem com que, apesar da distancia de quasi duzentos e cincoenta annos, do modo differente por que hoje se entende a critica historica, das faltas inherentes a quem se deixou levar mais pelo entusiasmo das citações do que pela analyse reflexiva dos factos, tambem eu me incline perante a sua memoria. Infe-

¹ «... passa de 24 años que traygo entre manos este comêto.» *Vida del poeta*, tomo 1 dos commentarios aos *Lusiadas*, col. 36, *in fine*.

lizmente, o culto idolatra é sempre mau guia, quando se procura a verdade; não poucas vezes a erudição desvaira o sabio, levando-o a querer ver em todos os versos que commenta imitações ou traducções de outros poemas, e accusando assim, sem dar por isso, o seu auctor predilecto de falta de originalidade! Comtudo, o homem que votou tantos annos da sua vida a honrar a memoria do nosso poeta nacional por excellencia, merece que se lhe perdoem, se não todas, a grande maioria das suas faltas e excessos.

Lamento, porém, que já no seu tempo se não soubesse nada certo a respeito de Camões. As noticias que nos deixou, extrahidas em parte das de Corrêa, são sem valor, porque não se prova a sua authenticidade¹. Manuel Severim de Faria, do mesmo modo que Faria e Sousa, tambem não deu novidade nem informações mais exactas, sobre o poeta e a sua obra: tudo que ambos referem, com excepção dos dois documentos achados na casa da India (os quaes não sei que credito merecem), foi colhido na edição publicada por Pedro de Mariz, ou se funda em deducções de raciocinios que o proprio Faria e Sousa se viu obrigado a reformar, na segunda vida do poeta, e que refundiria ainda se escrevesse terceira ou quarta.

Corrêa, ou quem quer que abusou do seu nome, diz que Camões servira na India, onde sempre dera provas de arrojo e valentia; e que em Lisboa exis-

¹ Julgue-se por este criterio: Na segunda *Vida del poeta* (commentarios ás *Rimas*, tomo 1, n.º 15), diz dos versos do soneto: *aquelle amor ardente, que já nos olhos meus tão puro viste*—«... presumo yo alude a la herida que traía en los ojos; y si esto es assi murió ella (a amante) luego despues de verle cõ aquel daño...»

Que parvoice!

tiam ainda muitas pessoas, que de suas acções guerreiras se recordassem e podessem testemunhá-las; mas não cita uma unica. E D. Francisco Alexandre Lobo, a pag. 47 e 48 da sua *Memoria historica e critica*, nota, com razão, que Diogo do Couto, dando-se por amigo, e nomeando a cada pagina os nomes dos soldados que se distinguiram nos vice-reinados de D. Francisco Coutinho e D. Antão de Noronha, não faça a mais leve menção de Luiz de Camões, que então devia servir n'aquellas partes. Mas não é só Diogo do Couto; nenhum dos historiadores da Asia falla d'elle; e, n'este ponto, cerca-o o mesmo pertinaz silencio, que, tanto antes da ida como depois do seu regresso ao reino, envolve no mysterio o maior genio da poesia moderna.

IX

Parece sufficientemente demonstrado, que nenhum dos escriptores antigos, que d'elle se occuparam, fazem obra, sem ser fundados em probabilidades falliveis; que existem apenas seis documentos dignos de fé, com referencia ao poeta e á publicação dos *Lusíadas*; que temos tambem os dois da casa da India, acreditando-se Faria e Sousa, ácerca da sua expatriação para Goa, que pouco mais elucidam sobre a sua biographia; e que nem Corrêa, nem Severim, nem Faria e Sousa tiveram conhecimento das primeiras cinco provas citadas, porque nenhum se referiu a ellas. Insisto portanto em que Manuel Corrêa nem sequer conheceu Camões; que Pedro de Mariz, segundo a phrase moderna, se me afigura um intrujão de marca; que Severim não fez senão reunir, com inteira boa fé, as tradições que no seu tempo vogavam; mas

que, embora plausiveis, não provam cousa nenhuma; que Faria e Sousa, o maior entusiasta do cantor sublime, e o mais fanatisado pregoeiro da sua gloria, cita os dois achados da casa da India e dá-nos noticias de manuscriptos, cujo valor vamos apreciar em seguida; mas que tambem só se apoia em conjecturas.

Finalmente, pelo estudo dos documentos que dizem respeito á sua vida, e de tudo quanto examinei com a mais profunda attenção, nos escriptores que d'ella tratam, sabe-se unicamente:

Que, em 7 de março de 1553, D. João III vendeu, por 47000 réis, uma *carta de perdão* a Luiz de Camões, por este haver ferido n'uma briga a Gonçalo Borges, e em attenção a que n'esse anno ia servir na India o mesmo rei.

Que tendo-se alistado (isto não se pröva, mas admite-se, accetando o dizer de Faria) tres annos antes, afiançado por seu pae Simão Vaz, sem se saber o mez nem o dia em que se alistou, *parece* ter partido para Goa, em logar de um soldado obscuro, de nome Fernando Casado, no referido anno de 1553, ignorando-se igualmente em que mez e dia saiu; pôde suppor-se ter sido depois de 7 de março.

Que recebeu 27400 réis (com a mesma clausula do parenthesis antecedente) de ajuda de custo, como os soldados vulgares — pouco mais de *metade do que lhe custára o perdão do soberano, por quem ia dar o sangue*.

Que no papel do alistamento se diz que era escudeiro, e que tinha vinte e cinco annos (*idem*). Saíria, portanto, na idade de vinte e oito, se com effeito tres annos antes tivesse os vinte e cinco.

Que, *provavelmente*, viveu dezeseite annos na India, onde se suppõe ter escripto grande parte do poema dos *Lusiadas*; muitas das suas *Rimas*; e va-

rias cartas, uma das quaes é indiscutivelmente de lá, e encerra curiosos e graciosissimos pormenores, sobre costumes do tempo, etc.

Que no anno de 1569, como refere Diogo do Couto, estava em Moçambique, «tão pobre, que comia de amigos, e para se embarcar para o reino lhe ajuntámos os amigos toda a roupa que houve mister¹».

Que chegou a Lisboa, em abril de 1570², no fim da chamada *peste grande*, que devastou a capital do reino.

Que trazia os *Lusiadas* quasi concluidos, segundo parece deprehender-se da leitura dos mesmos; e que obteve privilegio para os imprimir em 23 de setembro de 1571³.

Que em 28 de julho de 1572 lhe foi concedida a mesquinha tença de 157000 réis, a qual serviu de thema á infamia de Pedro de Mariz, que pretendeu desculpar a sordicia da realza, dizendo que talvez o poeta peccasse por ingrato⁴.

Que do referido alvará da tença colhe-se apenas a probabilidade de que a primeira edição dos *Lusiadas* seria publicada antes de 12 de março de 1572; tendo então o poeta quarenta e sete annos de idade

¹ *Da Asia*, decada VIII, cap. 28.º

² Veja *Memoria historica*, de D. Francisco Alexandre Lobo, pag. 53, nota.

³ Faria e Sousa, na segunda *Vida*, n.º 27, diz *4 de setembro*. Ignoro porque é semelhante differença. D. Francisco Alexandre Lobo, a pag. 58 da sua *Memoria*, traz a mesma data.

⁴ Com rasão diz Faria e Sousa: «a ingratidão só póde cair sobre beneficios recebidos; e não tendo o poeta recebido nenhuns, como podia ser ingrato?» — «Quien pudo dizir esto sino un ignorante hablador qual fue Mariz?» (Commentario ás *Rimas varias*, tomo I, n.º 30) — A villania de Mariz tambem foi stigmatisada por Garrett.

(se realmente nascêra em 1525), havendo decorrido dezenove depois da sua partida para a Índia.

Que em 2 de agosto de 1575 se lhe concedeu nova graça da tença, por mais tres annos; e que a 2 de junho de 1576 se passou a ementa para pagar o anno decorrido, porque —o favor dos servos orçava pelo dos amos:— tinham-se esquecido de lançar a concessão no livro da fazenda real!

E, finalmente, que em 1578 foi, pela ultima vez em sua vida, renovada a mercê dos 157000 réis, por mais tres annos.

Sabe-se a data do seu fallecimento em 10 de junho de 1580, pela ementa de 13 de novembro de 1582, na qual Filippe II manda pagar á mãe o resto da pensão do anno em que elle morreu; mas ignora-se o logar e a data do seu nascimento. O primeiro documento da casa da Índia, achado por Faria e Sousa, diz que tinha vinte e cinco annos, em 1550; se nenhuma circumstancia do tempo, entre os milhares das que hoje ignorâmos, ou qualquer conveniencia de familia, levou o pae a encobrir a idade, diminuindo-a ou acrescentando-a, devemos suppôl-o nascido no anno de 1525. Mas esta hypothese é muito fallivel. Faria e Sousa, na segunda *Vida del poeta*, n.º 7, já atraz citada, faz as seguintes considerações:

«Puedese dezir que el P. (poeta) al de poner de su edad en aquel acto no habló a lo cierto; de modo que teniendo más de 33 dixo eran solos 25. A mi me parece que el P. *no podia mentir tanto*¹, porque

¹ É um panegyrista quem diz isto! O sublinhado foi posto por mim, para frisar a inconsciencia do escriptor seiscentista. Pela doutrina d'estes admiradores fanaticos, as provadas virtudes do poeta não o isentavam de ser tido por elles como trapalhão e mentiroso! Felizmente, não é isso que se deprehende da leitura dos seus versos.

se echaria mucho de ver; y más que su padre, y no él, dixo la edad», etc. E logo adiante acrescenta que, depois d'isto escripto, soubera que o cardeal D. Fernando, filho de el-rei D. Manuel, fôra o introductor, em Portugal, dos livros de baptismo, talvez pelos annos de 1535. Isto attesta a fallibilidade de todos estes calculos. Quando nasceu Camões, não existiam semelhantes livros, nem se usava nas igrejas nenhuma fórma de assento. O proprio Faria o affirma, algumas linhas atraz. O caso, n'aquellas epochas de fé viva, era fazer almas christãs. Todos os outros interesses, derivados do facto do nascimento, se julgavam secundarios. Se o pae não sabia ler, ou, sabendo, se não tinha a curiosidade de ir pondo em livro seu as datas dos nascimentos dos filhos, poucos se poderiam gabar de saberem ao certo a sua idade. Só os reis e os fidalgos de mais illustre nascimento gosavam as honras da genealogia e da chronica. De um simples escudeiro, que se chamava Luiz de Camões, não valia a pena que alguém se occupasse. Ah! quanto dariam todos os grandes monarchas do seu tempo, os mais afamados principes da terra, para que esse obscuro sonhador os associasse á sua gloria gigante, se podessem adivinhar que elle saía do berço trazendo consigo o condão de dar a quem quizesse a immortalidade!

X

Eis, portanto, o facto doloroso: não temos uma unica data mais que nos sirva de guia. Nenhum outro documento, além dos que deixo apontados, tem o menor character de authenticidade. As noticias biographicas, escriptas no seculo xvi, carecem todas de valor historico; e as do nosso tempo, recompondo a

vida do poeta sobre illações, que me parecem infundadas, estão muito longe de satisfazer as exigencias da crítica moderna.

Confesso que não foi sem magoa que cheguei a estas tristes conclusões. Mas, por muito dura ou cruel que seja a verdade, eu prefiro-a a todos os romances, por mais bem architectados e formosos que sejam; e entendo que se ella é tal que se não deva ou não se possa dizer, melhor é calar-se o escriptor do que *inventar*, para occultá-la, ou para a substituir, quando a ignora.

Custa realmente a crer que não houvesse um só dos contemporaneos de Luiz de Camões, que, por amor ou por odio, levantasse tão alto o grito da admiração ou da inveja, que nós o ouvíssemos como os dos Verney e Macedos soar ainda hoje atravez dos seculos. Porque meia duzia de versos latinos, e quatro ou cinco sonetos — dos quaes só extremo o do Tasso — tudo, mais ou menos, feito de encommenda, em vez de nos esclarecerem, revelam sómente o mediocre talento de seus auctores, pequenos até na inveja, que, por medo, não ousa revoltar-se. Que atroz vingança do destino, que perversidade da sorte ergueu em torno do seu genio essa terrivel parede do mysterio, que só deixa saír do abysmo um nome, coroado de gloria, sim, mas despido de todas as circumstancias que deviam dar relevo aos seus eternos cantos?! Não se sabe quando nem em que sitio nasceu; como estudou; onde lhe correu a meninice; em que logares passou a juventude; os successos da sua idade viril; que terras andou da Africa e da Asia; quando começou e concluiu os *Lusiadas*; por que modo os publicou; que horriveis mutilações perpetrrou a censura n'esta obra-prima; se o auctor reviu ou não as provas; se a primeira edição se fez sobre

o manuscrito original; se o character da letra do auctor era de difficil leitura; se a agua do mar a tornára illegivel, ou se o poema se imprimiu por cópia deturpada de algum amanuense inhabil; quantas edições houve, em sua vida: nada, absolutamente! Como se a Providencia se comprazesse em demonstrar o proloquio de que se «o genio não tem patria», tambem não precisa de historia; occultou-nos a d'este, dando-o á nação portugueza, e inspirando-o, para celebrar, conjunctamente com as memorias e feitos nacionaes, um facto dos mais interessantes da historia do mundo moderno—o descobrimento da India, por mar, e a circumnavegação do globo!

E, todavia, não faltava no seu seculo quem pudesse transmittir-nos sufficientes apontamentos para se lhe escrever a mais ampla das biographias! Francisco de Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Jeronymo Côrte-Real, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes; e ainda Luiz Pereira e Fernão Alvares do Oriente, foram todos seus contemporaneos¹. Porque nos não deixaria nenhum d'estes noticia do mestre dos mestres? Seria por não haver então jornaes, como agora, ávidos sempre de novidades; e na maioria dos quaes a mediocridade encontra facil pregão e até premios que só se devem aos bons engenhos? Penso que não póde attribuir-se unicamente á falta de folhas diarias

¹ No livro *Camões e os Lusíadas*, por Francisco Evaristo Leoni, a pag. 110, diz este que os contemporaneos do poeta, ainda que carecendo de inspiração e de genio, tinham composto uma *sociedade de louvor mutuo*, como a que Horacio nos diz que houve em Roma. D'ella era excluido Camões, que se tinha já tornado celebre em Coimbra, por versos muito superiores aos dos seus rivaes. «Não póde, pois, tão formal silencio deixar de reputar-se premeditado e de attribuir-se á emulação que a todos elles causava a superioridade do mancebo que

a escassez que estou lastimando. A inveja é de todos os tempos; nem se creia que deixe de abundar no nosso. E quanto maior for o merecimento, mais ella tratará de encobri-l-o ou negál-o. Até que um dia, a obra prima do engenho arromba o dique que a tinha afogada no silencio, e espalha-se, como torrente caudalosa, atravez do espaço e do tempo. Então, como já não podem oppor-se-lhe, a acolhem ruidosamente; é applaudida, admirada, celebrada: todos se espantam de que, sendo tão grande, jazesse tanto tempo no segredo. Só então se repara em que ninguem quasi conhece o escriptor.

— Luiz de Camões?! Sim; o auctor dos *Lusiadas*. — Onde nasceu? Como viveu? Que fez? Por onde andou? Em que circumstancias falleceu? Era rico? Era pobre? Acabou no hospital? Teve ou não teve lençol, em que fosse embrulhado para a cova? Pediu esmola, ou pediu-a o Jáu por elle? E onde estão enterrados os seus ossos?!

Todos olham uns para os outros, e ninguem responde a estas interrogações. Porquê? Porque a inveja conseguíra o fim que tivera em vista: consummára-se a obra da iniquidade humana, com a parede do silencio. E o nome do divino poeta só chega á posteridade, como enigma indecifrável!

concebêra o projecto arrojado de compor uma epopêa da qual havia já escripto os primeiros cantos. — Caminha, n'uma serie de epigrammas, alguns dos quaes são visivelmente feitos contra Camões, manifesta a má vontade que lhe tinha; e uma crítica consequente nos leva a acreditar que iguaes sentimentos influíam em seus amigos íntimos, Ferreira, Miranda e Bernardes. — Devemos, mesmo, suppor que o fanatismo religioso de que todos elles participavam não era estranho á inimizade que os separava de Camões, o qual militava no partido anti-jesuítico». (Obra citada, pag. 111.)

Diga-se a verdade inteira: uma das causas d'este abafamento geral foi devida a serem os seus contemporaneos em poesia parte ladrões, parte invejosos, ou denunciantes; e todos pequenos de coração e de talento. Sá de Miranda, Ferreira e Jeronymo Côrte-Real, ainda que bons philosophos moralistas os dois primeiros, e sabedores da lingua, eram mediocres versejadores. Das suas obras se vê claramente o proposito de fingirem que ignoravam a existencia de tamanho poeta como Camões. Não ha vulgaridade a que não dediquem versos; mas evitam cuidadosamente quaesquer referencias ao astro de enorme grandeza que os assombrava. Pedro de Andrade Caminha, poetaastro insignificante, serviu até de testemunha de accusação contra o infeliz Damião de Goes, filado pela inquisição¹. Como podia este patife, amigo íntimo de Bernardes, que foi quem lhe deu a immerecida reputação de que gosava como poeta, louvar o immortal cantor dos *Lusiadas*?! Diogo Bernardes (embora Gar-

¹ «Entre as testemunhas accusatorias que n'este iniquo processo figuram, apparece Pedro de Andrade Caminha, poeta destituido de engenho e saber, mas fertil em escrupulos de consciencia, depondo *espontaneamente* contra o dito Damião de Goes, por lhe ter ouvido dizer n'uma pratica que com elle tivera sobre as particularidades que occorreram no fallecimento do infante D. Duarte, que *não havia homem que na morte não dissesse algumas parvoices*; o que não continha nada de heretico; mas contrariava os desejos dos parentes do infante e a opinião dos visionarios e milagreiros da côrte. . . » «Claro se vê quão fundados motivos teria Luiz de Camões para se receiar das machinações de seus inimigos, e das denúncias de qualquer fanatico, ou malevolo da estofa de Pedro de Andrade Caminha; porque de uma, ou de outra d'estas cousas, o devemos ter por suspeito, se não de ambas juntamente.» (Francisco Evaristo Leoni, *Camões e os Lusiadas*, pag. 165, 166.)

rett diga que Faria e Sousa não andou de boa fé, na questão das *éclogas*¹) é tido e havido como roubador dos versos de Camões; e não pôde haver dúvida de que o conheceu, e que nos seus manu-

¹ *Historia da lingua e da poesia portugueza*. Garrett escreveu aos vinte e seis annos, influenciado pela recente leitura da memoria historica do bispo de Vizeu, que defende Bernardes à *outrance*, e é demasiadamente severo no juizo que faz de Camões. (Veja *Memoria historica*, de D. Francisco A. Lobo, de pag. 97 em diante; e tambem *Obras de Luiz de Camões*, pelo visconde de Juromenha, tomo III, pag. 340 e seguintes.)

Não foi só o bispo de Vizeu quem defendeu Bernardes. Mas, por muito que façam, não o livram da fama de roubador de Camões, pois que este mesmo o accusa, n'uma dedicatória á infanta D. Maria. Diz ali —refere o visconde de Juromenha— que lhe foram usurpadas as oitavas a Santa Ursula, que aquelle publicára como suas! Isto, dito quando Bernardes estava vivo, prova igualmente o plagiato das *éclogas*, e talvez o de outras muitas cousas. Manuel de Faria e Sousa escreve igualmente: «... que el (Bernardes) usurpò algunas cosas a Camões; y quien lo hizo en unas, lo haria en quantas pudiesse». Cesteiro, que faz um cesto... — O numero dos que crêem no roubo, é immensamente maior do que o dos defensores, infelizmente para a memoria do auctor do *Lima*.

E não é só Bernardes o accusado. Faria e Sousa tambem cria que a *Primavera*, attribuida a Francisco Rodrigues Lobo, fôra furtada a Camões. Verdade ou não, parecem plausiveis as rasões de Faria; e tanto o padre Thomaz de Aquino, como José Maria da Costa e Silva, e ainda outros, apoiam os seus argumentos. Pelo dizer do auctor dos commentarios, julgava este ter visto, quando creança, um livro, que fôra parar ás mãos de seu avô, e que, mais tarde, cria ser o *Parnaso* de Camões, visto por Diogo do Couto, em Moçambique. Na infancia, emprestára-o a um seu amigo, estudante, que o levou para Coimbra, e o deu a Rodrigues Lobo. Não farei, a este respeito, côro com os que vieram antes de mim; comtudo, sempre digo que os unicos poetas d'aquelle tempo, cujos versos se podem confundir com os do auctor dos *Lusiadas*, são Diogo Bernardes e Rodrigues Lobo.

scriptos aprendeu a cantar, n'aquella corda suave que tem uns longes da poesia camoneana. Por isso, talvez, alcançou que ministros ignorantes o preferissem e impozessem ao rei, como mais digno de celebrar em poema as façanhas da jornada de Africa.

Luiz Pereira, João Lopes Leitão, e outros que taes, eram fraldiqueiros poeticos, que seguiam, ganhando, atraz dos collegas mais graúdos. Só Fernão Alvares do Oriente, apesar de diffuso e intrincado no labyrintho dos conceitos italianos, como diz o poeta das *Folhas cahidas*, paga seu humilde tributo á memoria do cantor sublime. Não se atreve, porém, a alongar o louvor ao mestre, com medo dos ladradores encobertos. Vê-se, todavia, que pretende imitar Camões, ainda que lhe fica immensamente distante.

Muitas vezes tenho pensado se na vida do immortal poeta se terão dado circumstancias que lhe attrahissem qualquer castigo do santo officio; e que d'aqui resulte tambem em parte o geral silencio que se fez á roda d'elle e da sua obra. Que a inquisição lhe mutilou o poema, tenho-o por indubitavel, apesar do voto em contrario do meu fallecido amigo José Gomes Monteiro¹. Mas não sei se parecerá temeridade

¹ É inconcebivel como este escriptor, eminentemente lucido e sagaz, se deixa levar pela phantasia, em alguns logares da introdução, aliás muito erudita e bem feita, que se encontra desde pag. xxi até lvi da rica e elegantissima edição dos *Lusiadas*, do sr. Biel (Porto, 1880)! Ali nos pinta (pag. xxvii e xxviii) com tão brilhantes côres Camões, lendo o seu poema aos frades de S. Domingos, que os terriveis inquisidores chegam quasi a parecer-nos graciosos e bellos, de tão embebidos que estão na erudição e na formosura dos sublimes cantos! E faz realmente pena que esta descripção, em que o auctor revela tanto engenho e talento, se baseie unicamente em conjecturas! Porém, eu estou muitissimo longe da sua boa fé, pelos motivos que tenho exposto, e pelos que irei apon-

aventar tambem a suspeita de que ella o perseguiu, visto que o seu nome não se encontra no indice dos processos que estão na Torre do Tombo. N'uma existencia que só se deduz de probabilidades e conjecturas, porque não lembrarei mais esta? Quem nos diz que não deriva d'ella o mysterio da sua vida, que attribuímos a outras causas? Os reinados de D. João III e de D. Sebastião foram os de mais terrivel esplendor e poderio d'aquelle tribunal nefasto; com elle, tudo era possibile. O que nos conta Corrêa, repetido depois por Faria e Sousa, e por todos os

tando para diante. Os sombrios e ferozes assassinos de tantos innocentes, não me parece que fossem susceptiveis de se abrandarem e enternecerem com versos.

Bem differente d'este pensar de Gomes Monteiro, é Francisco Evaristo Leoni (a pag. 156, 157 do seu *Camões e os Lusíadas*): «... Era este o dominicano fr. Bartholomeu Ferreira, fanatico e estulto de boa marca, como forçosamente devia ser um membro d'aquelle execrando tribunal, e como elle proprio se encarregou de nos provar que o era, escrevendo na censura que fez dos *Lusíadas* que *os deuses dos gentios são demonios*.— Que objecções, que reparos ineptos não faria a cada passo o tonsurado censor, torturando o espirito do pobre poeta, e compellindo-o a alterar e a supprimir estancias inteiras do seu poema?! Tudo nos faz acreditar que os *Lusíadas* soffreram sensiveis córtes e alterações notaveis, embora o sr. visconde de Juromenha queira persuadir-nos que *o poema dos Lusíadas saiu em vida do auctor como elle o concebêra*, e que apenas o emendou n'alguns logares, acceitando *espontaneamente* os conselhos dos frades de S. Domingos; já se vê por estes serem os mais idoneos e entendidos não só em autos de fé, senão tambem em poesia epica!»

Posto que tudo sejam conjecturas, estas estão immensamente mais perto, como todos sabemos, a respeito de inquisidores, e, por consequencia, da possibilidade de serem verdadeiras, do que as de Gomes Monteiro, do visconde de Juromenha, e de todos os que julgam que os *Lusíadas* saíram incolumes das unhas inquisitoriaes.

seus seguidores, sobre a paternal amizade dos frades de S. Domingos, é uma lenda. Fr. Bartholomeu Ferreira, licenciando a primeira vez os *Lusitãas*, só Deus sabe com que violações atrozes, é o mesmo frade, tão applaudido pelos críticos que me precederam, que licencia a deturpadissima edição dos jesuitas, em 1584! Em vez do louvor, que lhe teem prodigalisado os commentadores, elle merecia ser punido com a maior severidade, pelo crime de tocar ou deixar tocar na obra do genio.

Só pelo facto do poeta não ter sido processado, não se segue que a minha lembrança seja destituida de fundamento. O abominavel tribunal, assim como fazia desaparecer ás vezes victimas, que nunca se sabia o fim que levavam, mais facilmente apagara os vestigios de qualquer perseguição fóra dos seus tenebrosos carceres, se isso lhe conviesse por qualquer circumstancia de nós ignorada. Quem ousaria transmittir á posteridade essa noticia? O terror afogál-a-ia á nascença, emquanto a monstruosa instituição governasse¹. Com a inquisição não se brin-

¹ «Todavia a satisfação íntima que lhe resultava de haver levantado um tão prodigioso monumento á gloria da sua patria devia ser-lhe grandemente dissaboriada pelos continuos receios de que, denunciado por menos orthodoxo nos princípios da fé catholica, viesse a expiar nas torturas da inquisição o odio que professava aos jesuitas. Não podiam ser mais justificados os motivos que se davam para taes receios.—A intolerancia religiosa subira de ponto, contrastando com o que então praticavam os proprios moiros; aquelles a quem nós appellidavamos de barbaros, e que depois da desastrosa batalha de Alcazer-Kebir nos deram lições de humanidade e de admiravel tolerancia, consentindo que os portuguezes, que em Fez e Marrocos ficaram seus captivos, exercitassem o culto da religião christã, celebrando missas rezadas e cantadas, tendo prégação, e chegando mesmo a sair em procissão uma quinta

cava! Corrêa, Mariz, Severim, Faria, todos estavam fartos de o saber; e nenhum d'elles caíria na imprudencia de publicar a menor allusão a tal respeito, dado que effectivamente o poeta tivesse sido victimado por qualquer maneira.

Esse tribunal maldito, instituido pelo mais estúpido e fanatico dos reis portuguezes, como para assignalar o começo da decadencia da sua patria com tão deploravel testemunho de obscurantismo, apagou para sempre a memoria de muitos homens, que teriam sido ornamentos das letras e das sciencias, se elle não tivesse existido. Basta lembrarmos de Damião de Gões, para achar possivel que

feira de endoenças.» (*Camões e os Lusíadas*, por Francisco Evaristo Leoni, pag. 163 e seguintes.) Ahi mesmo refere que no anno da publicação dos *Lusíadas* se fez em Evora um auto de fé, em que se queimaram dezoito victimas, assistindo D. Sebastião e seus tios D. Henrique e D. Duarte, com todo o apparato real! E, em nota, cita fr. Pantaleão de Aveiro, escriptor jesuita, e por isso insuspeito, que refere o facto de ter Henrique de França, a requerimento do papa, mandado pedir a Solimão um sacello, que fôra tirado aos frades, e do qual a tradição rezava que tinha sido o logar, onde a Virgem e os apóstolos se achavam, á hora que sobre elles desceu o Espirito Santo, em linguas de fogo, dia de Pentecostes. Respondeu Solimão, que lhe deixassem fazer uma mesquita em París, para os da sua lei orarem a Deus e a Mafoma, e que immediatamente restituiria o logar aos frades. A intolerancia christã preferiu perder o sacello, a consentir n'esse acto de justiça e de equidade! Se nós, christãos, tivéssemos sido, pelo menos, tão justos para com os povos a que chamavamos barbaros, como elles se sentiram dispostos a sê-lo connosco, nunca se teriam dado as guerras e morticínios horriveis, que assombram e envergonham a historia da civilisação do mundo; e jamais poderia ser instaurado o processo da perversidade humana, por falta do mais atroz de todos os documentos—o da existencia da inquisição.

tambem o auctor dos *Lusiadas* lhe provasse o odio, ainda que não chegasse a ser mettido em processo por qualquer causa fortuita.

E d'ahi quem sabe que surpresas reserva o futuro aos admiradores do poeta?! Se um dia algum governo justo, e verdadeiramente amante da historia da sua patria, der ao archivo nacional os empregados de que sempre tem tido necessidade, para inventariar miudamente todas as suas riquezas, quem sabe —repito— que revelações fará aos estudiosos aquelle vastissimo deposito de documentos, chamado Torre do Tombo?! Talvez que ainda possa vir a saber-se com verdade toda a vida de Luiz de Camões; ou, pelo menos, a historia da primeira impressão do seu poema. E então se verificará quaes foram as conjecturas mais bem fundadas. . .

Mas isto é um sonho! Se fosse costume em Portugal possuirem tambem cabedaes os homens que trabalham; se eu os tivesse, e mais alguma saude, e se fosse moço, não só poderia ter-me desenganado, com relação á Torre do Tombo, mas teria desde muito ido a Simancas, onde estão os archivos de Hespanha, e a Veneza, examinar as correspondencias dos embaixadores, que residiam em Portugal por occasião do fallecimento do nosso auctor. Parece-me impossivel que elles não tivessem dito alguma cousa, para os seus respectivos paizes, ao descreverem o estado deploravel em que estava este reino; e mencionado a morte do seu poeta, como o ultimo dos desastres!

XI

É tempo de fallar dos manuscriptos achados por Faria e Sousa, segundo prometti em o n.º ix.

Tinha este commentador concluidos os seus estudos e começava a imprimil-os, quando ambos os manuscritos lhe foram ás mãos. «Oh! bom Deus! — exclama entusiasmado — como favoreceis as occupações honestas!» (*Vida del poeta*, tomo 1, col. 37.) E prosegue, dizendo por que modo encontrou casualmente aquelles documentos: «El primero, i de mas estima, apareció entre unos libros viejos de Pedro Coelló, librero en esta corte de Madrid; es una copia de los primeros seis cantos, escrita antes que el poeta passasse a la India... I porque ella me honra grandemente, *confirmando lo mucho que por conjeturas i juizios avia dicho sobre el poeta*, i sobre el poema en este comento, referirè particularidades della. Primeramente està escrita de letra buena, i conocida, porque es la misma de que Juan de Barros tenia escrita su quarta Decada, que yo vi: i su geografia de que tengo dos quadernos: i de que yo tuve escritas las obras de Francisco de Sá de Miranda, qui vinieron a caer en la libreria de um cavallero que mostrava estimar libros, desestimando mucho los auctores dellos.

«Fenece esta copia com esta declaracion:

«Estes seis cantos se furtarão a Luis de Camões da obra que tem começado sobre o descobrimento, e conquista da India por os portuguezes. Vam todos acabados, excepto o sexto, que posto que vay aqui o fim delle, falta-lhe hũa historia de amores que Leonardo contou estando vigiando, que hade prosiguir sobre a Rima 46 onde logo se sente bem a falta d'ella; porque fica fria, e curta a conversaçam dos rijiantes; e o proprio canto mais breve que os outros.»
(loc. cit.)

Copiei textualmente, para que se avalie a crítica com que se tem dado voga a estes dizeres, acrédi-

tando-os ás cegas. Da historia d'este achado, não vi em parte nenhuma que se confirmassem as conjecturas sobre o muito que Faria crê *ter acertado a respeito do poeta*. Também se não confirma, como elle assevera logo adiante, que o auctor trouxesse o poema entre mãos alguns trinta annos; porque é o proprio Faria, na segunda *Vida*, que faz calculos mui diversos, persuadido já a este tempo de que Camões nascêra em 1524 ou 1525, em vez de 1517 como suppozera ao escrever a primeira *Vida*. Mas de todos os seus juizos, o que me parece mais aventuroso, é tomar a serio a declaração de que os seis cantos do poema se *furtaram*. Qual seria o candido ladrão que tal confessasse (e por escripto!) sem ser interrogado por tribunal, e na esperança de attenuar com a confissão o castigo da culpa?! Estas credulidades do bom Faria e Sousa, em muitos logares da sua obra, prejudicam-no grandemente, a elle, e muito mais ainda ao seu commentado. No decurso das minhas notas o irei demonstrando.

Por agora, direi sómente que este primeiro manuscrito, embora contenha as estancias que Faria publicou como omittidas, não apoia em nenhum dado positivo a sua authenticidade, nem lança a menor luz sobre a parte biographica que, de passagem, investigo. Faria pretende provar que a cópia fôra feita antes da partida de Camões para a India; e que, portanto, este começára os *Lusiadas* na mocidade; que algumas das estancias, reprovadas pelo auctor, são pueris; que o poeta «limava, ponha, i quitava mucho; pues no siendo ya estos los primeros, ni aun serian los segundos borradores, apenas ay estancia en estos seis cantos, que no tenga alguna alteracion en lo que imprimiò: i en muchas dellas notablemente, como veremos en las lecciones varias

que pondrè aparte¹; i en las estancias que mudò enteras, o quitò, o añadiò, que pondrè en sus logares». (*Vida del poeta*, tomo 1, col. 38.) Cita em seguida todas as differenças que achou entre o manuscrito e o poema impresso, e que não transcrevo porque me tomariam grande espaço, não vindo muitas d'ellas ao meu proposito².

¹ Depois do apparecimento da edição de Faria e Sousa, quasi todas as que se seguiram, nos seculos xvii e xviii, aproveitam para as suas correccões as lições varias que elle publicára.

² Diz José Gomes Monteiro, a pag. xxxiii da *Introdução* já citada: «Este manuscrito, minuciosamente descripto e analysado por Faria e Sousa, é realmente valioso, não só pelas variantes aproveitaveis que fornece, mas porque *do seu confronto com as edições de 1572 se pôde concluir que a censura se absteve, pelo menos n'aquelles seis cantos, de offender o texto original*. É consideravel o numero de estancias que n'elle se encontram e que no impresso foram omittidas. São muitas as variantes, já de palavras, já de versos inteiros que se acham substituidos nas edições de 1572; mas *não ha uma unica d'essas oitavas, uma só d'essas variantes, que revele a impiedosa mão da censura na sua eliminação ou substituição*».

Sublinhei as palavras sobre que assentam as minhas dúvidas. Já disse mais atraz que estou em opposição absoluta com a confiança de Gomes Monteiro. Não creio nada do que elle affirma, com relação a abstenção da censura, segundo em seus logares irei mostrando. Mas o que já aqui occorre notar, é que tendo desaparecido inteiramente o manuscrito de Camões, qualquer especulador forjaria esta cópia, tirada do proprio livro impresso, a que juntaria as estancias omittidas, se *todas* são do poeta, e as variantes, que seriam talvez conhecidas por andarem apontadas n'algum exemplar de que se serviria o auctor. Os chamados *amadores*, em todos os tempos pagavam por bom dinheiro semelhantes curiosidades. Causa admiração, comtudo, que esses dois manuscritos, a que a publicação dos commentarios daria grande celebridade, se sumissem de tal modo, que nunca ninguem mais faça menção d'elles, depois do fallecimento de Faria e Sousa! E não parece menos

Do segundo manuscripto, *recomposto* por Manuel Corrêa Montenegro, ainda se colhe menos noticia, a respeito do poeta, como pôde ver-se em Faria e Sousa, e na *Introdução* de Gomes Monteiro. Comquanto algumas das suas variantes sejam acceitaveis, assim como muitas das do primeiro, e que eu admitta varias d'ellas, parte já introduzida por editores antigos, e umas tantas por mim, dou a estes

extraordinario que ao mesmo tempo se tenha sumido o livro da casa da India, onde estavam os documentos da partida do poeta. Não se julgue por isto que eu duvido da probidade de Faria; ou que o considero capaz de ter inventado esses escriptos, imitando o estylo do poeta, compondo as estancias, e fazendo as variantes, que nos dá como sendo de Camões— ainda que entre aquellas estancias ha algumas que eu confesso ter dúbidas de acceitar, como feitas pelo auctor dos *Lusiadas*.

Creio na boa fé e sinceridade do *achador*, que não supponho capaz de nos ter feito um logro indigno. E acreditaria tambem um tanto em Manuel Corrêa, se com effeito foi este que commentou o poema, e se entre a minha rasão e o livro se não tivesse interposto aquelle villão chamado Pedro de Mariz, que, provavelmente, é o *auctor* da supposta amisade do padre e do poeta. Era impossivel, se tal amisade tivesse havido, que o licenciado, ainda que fôra o maior dos ineptos, nos não desse outras noticias do amigo. Mas eu só vejo, em tudo quanto se diz no commento que se lhe attribue, a mão de um falsario.

O bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, a pag. 72 da sua *Memoria historica*, diz tambem que o poeta «*teve a condescendencia de desfigurar a sua obra*» para se conformar com o parecer (diria melhor — com as ordens terminantes) dos mesmos padres de S. Domingos. Mas ambos estes criticos beberam na mesma fonte impura (porque não existe outra) as suas impressões. Corrêa, ou Mariz, com as suas mentiras, é o responsavel de semelhantes affirmativas. Se quem quer que fez os commentarios soubesse a verdade, e a podesse dizer claramente e sem reticencias, não veriamos hoje cada estudioso puxar para seu lado, sem que nenhum talvez tenha rasão.

documentos muito menos importancia do que lhe deram os escriptores que me precederam. As variantes podem perfeitamente ser de Camões, que as teria escripto em exemplar de seu uso, como é costume, e as communicaria a possuidores da sua obra, para que estes as substituíssem n'ella, enquanto se não fazia nova edição. Digo que *podem ser*; mas *não affirmo que o sejam*. É possível que tanto um manuscrito como outro tenham a mesma origem, embora cada um fosse encontrado em lugar differente, e se reconheça que tem valor diverso. Póde talvez parecer singular que Faria e Sousa topasse logo os dois ao mesmo tempo, e não cada um por sua vez, e com largos intervallos; porque em verdade nenhum outro escriptor nos dá noticia de que fossem vulgares n'aquelle seculo similhantes achados. Todavia, o facto é possível. Más não vejo n'isto, do ponto de vista em que me colloquei, o menor motivo de regosijo para mim. Desde que nenhum d'elles reflecte nem sequer o mais tenue raio de luz sobre a biographia do poeta e sobre a publicação da sua obra, e que não podemos provar que *todas* as estancias omittidas são de Camões, nem a rasão por que elle desprezou algumas d'ellas, e tantas variantes, que se me afiguram felizes, para que se ha de continuar com o poema o romance que se fez da vida do auctor?

Se taes estancias e variantes se não tivessem conhecido, a questão biographica e a das edições do livro ficaria inteiramente a mesma: o *achado*, nem a melhora, nem a prejudica em cousa nenhuma. Existe; e é como se nunca tivesse existido. Se a sua natureza fosse tal que nos esclarecesse os pontos duvidosos; se algumas oitavas fizessem suspeitar, pela sua contextura, o motivo por que tinham sido excluidas; se atacassem os abusos politicos ou os religiosos; en-

tão, sim; tal achado seria preciosíssimo: lançava-nos, talvez, na pista da verdadeira causa por que tão pouco ou nada sabemos a respeito do auctor dos *Lusiadas*. Mas que interesse, e não sei se diga mesmo que authenticidade podem ter estes versos, que seguiam, segundo Faria e Sousa, depois da est. 40 do canto IV:

*Salaçar, grão taful, e o mais antigo
Rufião que Sevilha então sostinha;
A quem a falsa amiga que consigo
Trouxe, de noite só fugido tinha.
Fugiu-lhe a amiga enfim para outro amigo,
Porque vio que o dinheiro com que vinha
Perdeo todo de um resto: e não perdera
Se hum a carta de espadas lhe viera.*

.....
*Fugiu-lhe a alma indignada, e na montanha
Tartarea, inda blasfema. Ali refere (1)
Que mais, não açoutar a amiga ingrata,
Que os açoutes de Alecto, o pena, e mata (2)*

*E do metal de espadas aos damnados
Di7 males, e blasfemias sem medida;
Que já por não lhe entrar perde os cruzados,
E agora por entrar-lhe perde a vida.
Por pena quer Plutão, de seus peccados,
Que se lhe mostre a amiga, já fugida,
Em brincos de outro, e beijos enlevada:
Remette elle para elles: e acha nada. (3)*

Se isto é de Camões, se os *Lusiadas* tivessem sido escriptos n'este estylo, com tal gosto e elegancia de linguagem, e com similhante harmonia de versificação, posso assegurar que quasi ninguem os teria lido, e que o nome de seu auctor não sobrenadaria acima do seu seculo.

Parece-me igualmente digno de notar-se, apesar de nos dizer Faria e Sousa que o poeta «limava, po-

nia, i quitava mucho», que estas estancias omittidas se afastem por tal modo do original impresso, que quasi nenhuma liga com as que ali vemos. Vou transcrever outra amostra, em que entram personagens que não conhecemos no poema. Algumas das oitavas são tão mal metrificadas, tão desenchabidas, e ás vezes tão desconexas, que sinto tentações de protestar contra quem as pretenda attribuir ao mestre de nós todos. Só parte d'ellas parecem ter o cunho da sua musa sublime; comtudo, nada mais facil que imital-as, visto serem em mui pequeno numero, e longe umas das outras, recompondo-as até com os proprios versos de Camões, respigados pelo meio da sua obra. Se Manuel Corrêa Montenegro reformou um dos manuscriptos, porque não faria qualquer outro *montenegro* o mesmo com o primeiro, para o vender melhor ao proprio Faria, que todos deviam saber que andava empenhado em taes estudos?! Nada ha mais facil que lograr um entusiasta. Escuso citar agora exemplos de enganos semelhantes, que abundam na historia das falsificações litterarias; porque, ainda assim, não ousou afirmar nem negar que taes copias sejam falsas ou verdadeiras.

Transcrevo primeiro a est. 35 do canto iv, e depois d'ella tres das omittidas, que deviam seguir-se-lhe no poema, segundo assevera Faria e Sousa:

IMPRESSA :

*Com torva vista os vê, mas a natura
 Ferina, e a ira não lhe compadecem
 Que as costas dê; mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrecem.
 Tal está o cavalleiro, que a verdura
 Tinge co'o sangue alheio; ali perecem
 Alguns dos seus. Que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.*

OMITTIDAS:

*Passaram a Giraldo co'as entranhas
O grosso, e forte escudo, que tomára
A Pereç que matou que o seu de estranhas
Cutiladas desfeito já deixára.*

*Morrem Pedro e Duarte (que façanhas
Nos Brigios tinham feito) a quem criára
Bragança: ambos mancebos, ambos fortes,
Companheiros nas vidas, e nas mortes.*

*Morrem Lopo, e Vicente de Lisboa,
Que estavam conjurados a acabarem,
Ou a ganharem ambos a corôa
De quantos n'esta guerra se afamarem.
Por cima do cavallo Affonso vôa:
Que cinco castelhanos (por vingarem
A morte de outros cinco que matára)
O vão privar assim da vida chara.*

*De tres lanças passado Hilario cái;
Mas primeiro vingado a sua tuiha;
Não lhe peça, porque a alma assim lhe sai,
Mas porque a linda Antonia n'elle vinha: (?)
O fugitivo espirito se lhe vai,
E n'elle o pensamento que o sustinha;
E sahindo, da dama, a quem servia,
O nome lhe cortôu na bocca fria.*

Isto não tem a menor relação com o que estava antes, como se vê; nem com o que devia seguir-se-lhe, impresso no livro:

*Sentiu Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão, etc.*

Que importancia teem, portanto, aquelles esqueletos informes, que nem sequer podemos assegurar que saíram todos do estro do immortal poeta?! Acaso não

seria este manuscrito forjado pelos jesuitas? Não parecem alguns dos versos que acabam de ler-se perfeitamente iguaes e saídos da mesma penna que deturpou, em 1584 e 1591, as duas edições dos *Lusíadas*, feitas pelos padres, das quaes fallarei adiante? O proprio manuscrito, attribuido a Montenegro, não teria identica origem? Não se gabaria mentiroosamente este achador de o ter reformado, mudando-lhe as palavras esdruxulas, e praticando outras barbaridades semelhantes, sendo tudo, pelo contrario, obra dos mesmos odientos inimigos? Nada posso provar; mas inclino-me muito a crer que estas suspeitas não andam longe da verdade. Como é possível que qualquer pessoa, sem estar idiota, ousasse pôr mão sacrilega no poema, alterando-o a seu sabor, sem ter para isso motivos gravissimos? E como não acreditar, por outro lado, e á vista das citadas edições de 1584 e 1591, que a poderosa e vingativa ordem não tentasse, com estas oitavas falsificadas, lançar dúvidas na consciencia dos admiradores de Camões, amesquinhando-lhe o genio, e pretendendo substituir o verdadeiro poema?! Quanto mais comparo as chamadas «estancias omitidas» com as emendas dos jesuitas, nas edições feitas por estes, mais me persuado de que elles não seriam estranhos á existencia dos dois manuscriptos, embora não me seja permittido provál-o. Até a circumstancia do bispo de Targa, D. fr. Thomé de Faria, ter feito uma traducção, a pedido dos mesmos padres, na qual falla ao leitor como se a obra fôra sua, sem citar o nome de Camões, fortalece a minha crença. Mas se me engano, se os jesuitas estão realmente limpos d'esta tentativa de falsificação, ainda assim me repugna acreditar que sejam do nosso poeta muitos d'esses maus versos.

Os escriptores d'aquelle tempo não faziam grandes cerimoniaes uns com os outros. Diogo Bernardes e outros roubavam descaradamente o auctor dos *Lusiadas*; Francisco Rodrigues Lobo imitava-o tão servilmente, no *Condestabre*, que mais parece que o plagiava, sobretudo na batalha de Aljubarrota; André da Silva Mascarenhas, no seu poema, assaz chôcho, *A Destruição de Hespanha*, furtava numerosas estancias ao *Viriato tragico*, ainda inedito, de Braz Garcia Mascarenhas; este ultimo, que tambem se apossava de versos inteiros de Camões, fazia oitavas que se parecem enormemente com as chamadas estancias omitidas. Veja-se:

*Ditosa foste em perder a vida,
Antes de experimentares magoada.
Quanto custa a mulher bem entendida
Amar o ingrato e ver-se desamada;
Ir a agradecer, volver aborrecida,
Vivendo ciosa á vista da ciada:
Que é mais para sentir pena tão triste,
Que a morte, que passaste e não sentiste.*

Viriato tragico, canto IX, est. 104.

Não parece isto irmão-gemeo da *linda Antonia*, que *n'elle vinha*? E se quizerem comparar igualmente a oitava, em que Faria e Sousa nos falla de *Salazar*, *grão taful*, a quem não veiu *uma carta de espadas*, cá temos jogadores de manilha para o caso.

*Os dous, que seu pezar não ignoravam,
Se menos ciosos, mais atormentados,
A preços, que á manilha se ganhavam,
Não quizeram sahir de envergonhados.
Sillo e Metello os demais levavam,
Andando, como muitos, disfarçados;
Tambem á gentil Ormia um premio deram
Invejado de muitos, que o perderam.*

Idem, canto XI, est. 102.

Quanto ao gôsto, muitas das de Braz Garcia não desdizem das omittidas:

*D. Catarro accommette muita gente,
D. Pleuriç com alguma se agasalha,
D. Colica dá tão de repente,
Que faç afigurar logo a mortalha, etc.*

Canto vi, est. 15.

Devemos convir que é um acaso extraordinario. Quando Faria e Sousa chegava quasi ao fim do seu trabalho, Braz Garcia, que viajava para evitar uma perseguição que se lhe fez em Coimbra, podia estar em Madrid, e ter, por necessidade de dinheiro, inventado o primeiro *manuscripto*. Digo isto sem sombra de intenção de lhe macular a memoria, e como simples conjectura. Afigura-se-me, talvez erradamente, achar íntimo parentesco entre o estylo de muitas das estancias omittidas com o do *Viriato tragico*; mas nada affirmo.

No já citado *Condestabre*, de Rodrigues Lobo, ha tambem grandes parecências de duas estancias, na batalha de Aljubarrota, com outras duas das omittidas, que atraz transcrevi:

*Alli morre dom Pedro, o de Vilhana;
De Santiago o mestre se retira
Depois que seu poder o desengana;
Sandoval um e outro alli suspira;
Desordenada a gente castelhana,
Uma anteposta á outra, as costas vira,
De volta os nossos n'ella vão ferindo,
Uns San'Jorge gritando, outros fugindo.*

*Morre toda a nobreça de Castella
Mui valerosamente pelejando,
Marechal, ammirante e mestres d'ella,
Condes de Haro, Mayorga e Vilhalpando,*

*A flor de Hespanha valerosa e bella.
Fôra termo infinito ir recontando
Os que por conquistar a terra estranha
Deixaram; o melhor de toda Hespanha!*

*Condestabre, extrahido do Parnaso lusitano.
tomo 1, pag. 137.*

Se todas as estancias dos *manuscriptos* achados por Faria e Sousa fossem como as ultimas que acabo de transcrever, eu não teria a menor dúvida em as aceitar como legitimas. Estas estão authenticadas pelo talento de um poeta de raça; e mais me parecem de Camões do que de Rodrigues Lobo. E quem sabe, á vista das suspeitas manifestadas pelo mesmo Manuel de Faria, de quem ellas serão com verdade?! Mas sejam de quem for; o que é certo é que Luiz de Camões não foi sómente o maior dos nossos epicos; foi tambem o pae, o inspirador de todos os que lhe succederam, e que lhe ficaram a perder de vista. Depois d'elle, o unico genio capaz de o igualar na grandeza descommunal do talento poetico, foi Garrett.

XII

Acaba de ver-se quanto é pobre de documentos authenticos a historia de Luiz de Camões. Passarei agora ao exame da sua obra, e ao das duas primeiras edições que d'ella se fizeram, sobre as quaes tanto se tem escripto, e talvez inventado.

Nenhum escriptor, antes de Faria e Sousa, deu noticia de existirem duas impressões dos *Lusiadas*, com a data de 1572. Foi este quem primeiro teve conhecimento de uma segunda, supposta do mesmo anno:

«El gasto desta impression fue de manera, que el mismo año se hizo outra. Cosa que aconteció rara vez en el mundo; y en Portugal ninguna más de esta. Y porque esto ha de parecer nuevo, y no facil de creer, yo asseguro que lo he examinado bien en las mismas dõs ediciones que yo tengo; por diferencias de caracteres; de ortografia; de erratas qui ay en la primera, y se ven emédadas en la segunda; y de algunas palabras con que mejorò lo dicho.» (*Segunda Vida del poeta*, tomo 1, n.º 27.)

Eis o que disse Faria e Sousa.

Vou transcrever agora as opiniões de alguns contemporaneos, resumidas e publicadas no tomo iv do *Archivo pittoresco*, de pag. 169 em diante, pelo meu fallecido e sempre lembrado amigo Antonio da Silva Tullio. Este illustre escriptor foi de parecer que não houve mais de uma edição do poema, n'aquelle anno; e que as duas, por nós consideradas hoje como distinctas, seriam a mesma, tendo-se feito d'ella differentes tiragens, para lhe corrigir os erros. Reproduzindo parte dos seus artigos vou-os acompanhando com as indispensaveis annotações, em que discordo do seu voto, aliás muito respeitavel.

«A primeira edição dos *Lusiadas* de Camões foi publicada em 1572, isto é, ainda em vida do auctor; e porque d'ella se fez mais de uma tiragem, como provam os muitos erros que apparecem n'alguns exemplares e n'outros não, suppoz-se que tinha havido duas edições no mesmo anno de 1572¹.

«Antes de aventurarmos a nossa opinião a este respeito, recopilaremos quantas se tem já enunciado.

¹ Logo apreciaremos se houve ou não mais de uma edição, com a data de 1572.

«O primeiro crítico bibliographico que as confrontou, foi o morgado de Matheus D. José Maria de Sousa Botelho... Classificou elle de segunda edição a que achou com menos erros¹, e que além d'isso tem gravada ás avessas a portada que serve de tarja ao rosto do livro, ficando assim por ignorancia do desenhador, que a devêra ter copiado do original ás avessas para ficar direita na impressão².

«Concluiu tambem o morgado de Matheus, que Luiz de Camões não tinha revisto as provas de nenhuma das duas edições, á vista dos erros vergonhosos que ambas continham³.

«Este critico entende que houve segunda edição no mesmo anno de 1572; mas que se lhe conservou a data e os caracteristicos da primeira, naturalmente porque o auctor não conceiu nos córtes e substituições que os jesuitas (*sic*) queriam fazer no poema, como se viu depois na edição de 1584; e por isso *annuira á fraude* de se reimprimirem os *Lusiadas* sob a mesma data e censura da primeira impressão⁴.»

¹ «A primeira edição tem 100 erros; a chamada segunda, 133.» (*Nota posta por Tullio.*)

² Adiante se verá o valor d'este argumento.

³ É essa a minha opinião, mas não a do morgado. Tullio equivocou-se. Logo a pag. II da *advertencia*, da segunda edição (Paris, 1819), diz elle: «... mas o que me parece claro é que elle assistiu á impressão, ao menos da edição que tenho», etc. E repete isto mais vezes. Na pag. XI «... impressas (as primeiras edições) debaixo dos olhos de Camões». Pag. XXV: «... conforme á edição *princeps* de 1572, dada por Camões, impressa debaixo dos seus olhos», etc., etc.

⁴ O sublinhado é meu. Admiro o desplante com que um apaixonado, como era o morgado, assim injuriou a memoria de Camões!

XIII

«N'uma memoria apresentada á academia das sciencias de Lisboa, em 1821, por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, com o titulo de *Exame crítico das primeiras cinco edições dos Lusíadas*, se lê a respeito da de 1572 o seguinte:—«Recolhido Camões a Portugal, e tendo posto a ultima demão na sua epopêa, tratou de obter o privilegio para a imprimir, e com effeito o alcançou d'el-rei D. Sebastião por alvará de 24 de setembro de 1571. Este privilegio estendia-se ao tempo de dez annos, contados desde o dia em que a dita obra se publicasse; e quem contravesse a elle devia pagar 50 cruzados, sendo todos os volumes apprehendidos, metade para o mesmo Camões, e a outra metade para o accusador.

—«Quando esta graça se expediù ainda o poema não estava licenciado; e parece que seu auctor tinha alguma idéa de o não deixar no estado em que hoje o vemos, pois ali se diz expressamente, que se elle tiver acrescentado alguns cantos aos dez que apresentára, tambem estes se imprimirão debaixo do mesmo privilegio, havendo-se primeiro licença do santo officio; e não é provavel que se pozesse esta clausula graciosa sem expressamente ter sido pedida, antes ella talvez indica uma intenção anticipada de entresachar alguns episodios, que sem alterarem o plano geral, augmentassem e aformoseassem mais a epopêa. Provavelmente assim o teria feito o poeta, a não serem as injustiças e desgostos que depois atormentaram a sua existencia¹.

¹ José Gomes Monteiro, seguindo esta errada opinião de Trigoso, dá-lhe maior amplitude, dizendo que Camões «pre-

— «Conseguidas as licenças, e encarregando-se Antonio Gonçalves da impressão, saíram á luz os *Lusiadas* em 1572, em um volume de 4.º de 186 folhas, numeradas de um só lado, além das duas primeiras que o não são. O titulo ou frontispicio está mettido dentro de uma tarja, que representa, pela parte inferior, uma banquetta, em cujas extremidades assentam duas columnas irregulares, com ornatos, e em cima d'estas um frontão com um pelicano no meio, que lhe serve de remate. Esta estampa, mal desenhada, e peor executada, é aberta em pau. Na segunda pagina vem o privilegio de que já fallamos, e no reverso d'este a informação de fr. Bartholomeu Ferreira, qualificador do santo officio; na pagina em frente principiam logo os *Lusiadas*.

— «Afóra os titulos dos cantos, a primeira regra de cada um d'elles, e a inscripção do alto das pagi-

meditava acrescentar aos *Lusiadas* alguns cantos para celebrar a expedição de D. Sebastião contra Marrocos». (*Introdução*, edição Biel, pag. xxiv.) O alvará diz — «... e antes de se imprimir será vista e examinada na meza do conselho geral do Santo Officio da Inquisição pera com sua licença se aver de imprimir, e se o dito Luis de Camões *tiver acrescentado mais alguns Cantos*, tambem se imprimirão avendo pera isso licença do Santo Officio, como acima he dito». (*Obras de Luiz de Camões*, pelo visconde de Juromenha, tomo 1, pag. 168.) A data do documento é de 23 de setembro de 1571; e o poema saiu em 1572. Suppor-se que o poeta pretendia cantar os feitos de D. Sebastião, e tirar semelhante illação do alvará, afigura-se-me ir muito além do que elle quer dizer: «*se o poeta tiver acrescentado alguns cantos*» parece-me claro que se entende — *dentro do intervallo da concessão do alvará ao da publicação*. Trigoso, como acima se lê, e verifiquei que assim está na sua *memoria*, diz, a pag. 2 do seu *Exame critico das cinco primeiras edições dos Lusiadas*: «que se elle (Camões) tiver acrescentado alguns cantos aos dez . . .» Tal não diz o alvará. Em tudo mais, seguiu Gomes Monteiro a opinião d'aquelle critico; e custa a crer que

nas, que n'esta edição são em letra redonda, todo o corpo da obra é em caracteres italicos, de maior corpo do que aquelles que nas nossas officinas se conhecem actualmente com o nome de texto; as oitavas não são numeradas, nem ha argumentos no principio de cada canto.

—«Com a mesma data de 1572 appareceu uma reimpressão dos *Lusiadas*, muito semelhante á precedente, pois tem o mesmo formato, o mesmo numero de paginas, a mesma letra, o mesmo papel; enfim, á primeira vista parece em tudo identica, e só depois de confrontadas uma com a outra é que se podem perceber algumas differenças. Acontecendo, porém, que a maior parte dos nossos litteratos não fizessem esta combinação, seguiu-se d'aqui que quasi todos elles se persuadiram que ambas as duas

homens doutos se lancem assim no romance, em vez de applicarem a sua penetração e agudeza á analyse fria e succinta dos factos. E o facto, n'este logar, é que o alvará determina, unicamente, que o livro se não possa imprimir sem licença do santo officio; e que qualquer canto ou cantos que o auctor lhe juntar, o não deve fazer sem que primeiro os veja o censor. Para Camões poder introduzir os feitos de D. Sebastião, que só dois annos depois de publicado o livro fez a sua primeira viagem, seria preciso destruir completamente a unidade da epopéa, ligando o regresso dos descobridores da India, que tivera logar setenta e tantos annos antes, com a ida do rei á Africa! A historia de Portugal, contada aos soberanos de Melinde e de Calecut, pelo Gama, e as prophcias da ilha de Venus, no canto ix, entram como narrativas, e permitem-se; mas a acção do poema propriamente dita, começa com a partida de Lisboa, e termina pelo regresso dos navios ao Tejo. Como era possivel enxertar n'ella os feitos de D. Sebastião?! Além de que seria absurdo suppor-se que o poeta esperaria, com o livro no prélo, que o rei acabasse de fazer-se homem, e fosse ganhar (ou perder!) batalhas, para serem celebradas nos *Lusiadas*.

faziam uma só edição; e que até Manuel de Faria e Sousa, que trabalhou n'este assumpto, como elle assevera, o melhor de vinte e cinco annos, assim o entendeu quando publicou o seu commento dos *Lusiadas*, e só conheceu a differença mui posteriormente, isto é, na segunda *Vida do poeta* que não saiu á luz senão em 1685, alguns annos depois da sua morte.

—«As differenças d'estas duas edições consistem em que n'uma d'ellas (a que chamaremos n.º 2) as palavras do titulo: *Os Lusiadas . . . impressos em Lisboa*, estão escriptas com letra mais pequena do que na outra (a que chamaremos n.º 1); o privilegio d'aquella tem caracteres menos grossos; a letra da formação do qualificador é irmã da do texto, e a da assignatura é muito mais pequena, o que succede pelo inverso na edição n.º 1.

—«A tarja do frontispicio é quasi identica n'uma e n'outra: digo quasi, porque ha uma pequena differença, mas mui notavel e vem a ser, que em uma d'ellas está a estampa perfeitamente como se fosse vista pelas costas. Para que uma figura qualquer saía direita na impressão, é preciso que a chapa seja aberta contendo a figura pelo reverso; ora parece evidente, que tendo-se perdido ou destruido as fôrmas da tarja da primeira edição, e querendo-se fazer outras que lhes fossem semelhantes, o desenhador não attendeu a esta differença, e as riscou taes como estavam no original que lhe servia de modêlo; por isso o pescoço do pelicano que estava voltado para a direita, saiu para a esquerda, e o mesmo se observa nos traços das columnas, e em todo o resto da estampa¹.

¹ Estas observações de Trigoso não me parecem inteiramente exactas. Vou dar em seguida o resultado do meu pro-

— «Além d'estas pequenas alterações, em que não fallariamos se não fossem as desconfianças que ellas nos fazem nascer, e que adiante ponderaremos, ha outras que são muito mais importantes. A orthogra-

prio exame, feito sobre maior numero de edições do que as que elle viu.

Ambas ellas teem no frontispicio a portada com os titulos dentro, um pelicano ao centro e dois golphinhos dos lados. *Ambos os pelicanos estão voltados do mesmo modo*, e não como diz Trigoso; *mas o do n.º 1 vira a cabeça para a nossa direita, e tem o bico contra o dorso, do seu lado esquerdo; ao passo que o do n.º 2 enterra-o no meio do peito*. Esta só circumstancia bastaria para provar que os desenhos são diferentes, embora o desenhador os imitasse em quasi tudo o mais; e que não é copia do mesmo, *vista pelas costas*.

Tive a paciência de medir a compasso os dois desenhos. Depois de detido exame, cheguei á conclusão de que essas medições não tinham importancia para que por ellas se distinguissem as duas edições.—A aza esquerda do pelicano, em n.º 2, tem 17,5 millimetros, e a mesma aza do n.º 1, tem apenas 15. Os golphinhos, tambem no n.º 2 são maiores do que no n.º 1. O frontão differe igualmente nos traços perpendiculares do friso, bem como na altura dos capiteis das columnas, na grossura e nas bases d'estas; e em todo o desenho. As distancias de altura e largura, no interior das portadas, são diversas. Advirta-se, porém, *que taes differenças se encontram, até em exemplares do mesmo numero*. A bibliotheca nacional de Lisboa possui tres de um, e um de outro. Fui ali, levando commigo as duas primeiras edições do sr. Fernando Palha, cada uma de seu numero; e em todas as seis reunidas notei divergencias, ainda que mais pequenas n'umas que n'outras. O factó é que, por esse lado, nada poderia colher-se; e a opinião do nosso chorado Tullio, como adiante veremos, sairia triumphante d'esta prova, se não houvesse outras que a destruissem.

O sr. Tito de Noronha, no seu livro *A primeira edição dos Lusíadas*, cita varias obras em que se vêem portadas semelhantes á do poema de Camões, nas quaes, comtudo, como eu pessoalmente observei, se notam as mesmas diversidades que n'es-

phia das duas edições é bastante differente uma da outra, e nenhuma segue um systema constante. . . Emquanto ao texto ha tambem não poucas mudanças de palavras, pois a edição n.º 1 tinha saído bas-

tas. Veja-se, por exemplo, o livro iv da «*Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente, etc., Lisboa, 1586*». Em seguida ao titulo, licenças e privilegio, vem uma portada que se approxima muito das dos tres exemplares da bibliotheca, que eu julgo primeira, de 1572; mas a da que tenho por segunda, existente na mesma bibliotheca, parece estar nova, e nitidamente impressa, tendo sido sem dúvida feita na occasião de se publicar o livro; ao passo que a das citadas obras de Gil Vicente, de 1586, está gasta e cançada, como todas as das primeiras de Camões.

Ainda outro exemplo: no livro ii das ditas obras de Gil Vicente, a portada é semelhante á da que eu chamo segunda edição; e o pelicano olha do mesmo lado; mas, apesar da grande similhaça, *não é a mesma*. Veja-se tambem o *Tratado de la vida loores y excelencias del glorioso apostol y bienaventurado evangelista San Juan, el más amado y querido discipulo, etc. Lisboa, 1554*.

«Come
cam as obras
de deuaçam.
Livro Pri-
meyro.



M.D.LXXV.

(:) »

A portada é a mesma da supposta primeira edição, com a differença de ter as columnas invertidas, com a parte de baixo para cima. Ainda um pormenor curioso: Todos os capacetes estão voltados do mesmo modo, um para o outro, nas quatro edições dos *Lusíadas* da bibliotheca; nas do sr. Fernando Palha

tante errada. No exemplar que tenho á vista acha-se a pag. 40 v. uma transposição de seis oitavas¹, o que indica bem a pouca attenção com que foi feita: muitos dos outros erros se conhecem assim como este á primeira vista: ha porém alguns mais perigosos, por apresentarem um sentido, se não perfeito, ao menos intelligivel, e esta foi a causa por que, ainda que emendados na edição immediata, continuaram a copiar-se em muitas das seguintes.» —

ha differença no rosto da supposta primeira. Como, porém, julgo que este foi reproduzido pela photo-lithographia, talvez saísse voltado em sentido contrario ao d'aquellas.

Este meu trabalho estava concluido, quando appareceu o tomo vii do *Supplemento* do sr. Brito Aranha, ao *Diccionario de Innocencio*. Ali vem as duas portadas das edições de 1572; e sinto que não se diga de que edições foram copiadas. Noto n'ellas a mesma differença que achei nas do sr. Fernando Palha. Os capacetes da primeira portada, reproduzida no livro do sr. Brito Aranha, olham ambos para fóra; os da segunda ambos para dentro. Esta circumstancia, e o que mais adiante asseverou José Castilho, obrigou-me a ir ver de novo os exemplares da bibliotheca; e confirmo que os capacetes de todos quatro, até mesmo *o que traç as notas ms. de Castilho*, olham para dentro. Eu supporia, em vista da affirmativa de José Feliciano, que se tivesse commettido alguma fraude, trocando-se as portadas, se não me certificasse immediatamente que apesar do modo uniforme dos capacetes, tres dos pelicanos teem o bico espetado no peito, e um no lado! — Repito, porém, que todas estas alterações podem não passar de simples curiosidades. Fica demonstrado que semelhantes desenhos se empregavam indifferentemente n'aquelle seculo em obras diversas; e que só pelo exame comparativo dos caracteres typographicos do rosto, pelos do privilegio e das licenças, e pelas differenças orthographicas é que as edições do anno de 1572 se podem distinguir entre si.

¹ «O exemplar da collecção Norton, que hoje pertence á bibliotheca publica de Lisboa, não tem semelhante transposição.» (*Nota posta por Tullio.*)

XIV

«Francisco Freire de Carvalho, que fez em 1843 uma accuradissima (!) edição dos *Lusiadas* em presença da edição primordial, e das posteriores de maior credito e reputação¹, diz sobre a de 1572:

1 É impossivel que Tullio lesse, com intuito de a estudar, a edição feita por Freire de Carvalho, uma das mais disparatadas que eu conheço e que todavia adquiriu, não sei com que falsas bullas, uma reputação estupenda! Copiou a opinião de Innocencio (*Diccionario*, tomo II, pag. 380), mas não a examinou pessoalmente. Todos os que a citam, foram-se fiando uns nos outros, e assim lhe deram fôros de ser a mais accurada.

Por meus tristes peccados, acreditei-os eu tambem, que nunca tinha sequer aberto semelhante livro! Motivou a minha infeliz escolha a circumstancia de ser essa edição mais manuseavel; mas depressa paguei a minha ignorancia, e a imprudencia de ter acreditado os que proclamavam a sua excellencia. Principia por ser a de pontuação mais absurda e incongruente que se pôde imaginar, para perfeita interpretação do poema. E quando se pensa que o auctor de semelhantes arbitrariedades fôra professor de poetica e litteratura classica, fica-se logo fazendo idéa da orientação e do gosto que deu aos seus discipulos, o que explica ainda hoje muita cousa . . .

Veja-se como isto é claro, sobretudo para vulgarisar a obra entre estrangeiros, e como destôa horriavelmente da culta e elegante simplicidade de Camões:

*Alli se acharam juntos n'um momento
Os, que habitam o Arcturo congelado,
E os, que o Austro tem, e as partes, onde*

Canto I, est. 21.

*O padre Baccho alli não consentia
No, que Jupiter disse; etc.*

Canto I, est. 70

— «Que a typographia d'onde saíu pela primeira vez á luz o poema *Os Lusíadas*, era das mais imperfeitas, o mostram claramente os raros exemplares que ainda hoje existem, das duas edições attribuidas ambas ao anno de 1572; e quem por ellas quizesse formar juizo do estado da arte typographica em Portugal n'aquelle anno, ficaria entendendo que mui fracos progressos havia ella feito ainda no paiz. Tal é o desalinho e grosseria que taes edições apresentam. . .

— «Ora é bem de presumir que sendo os *Lusíadas* impressos em uma typographia ruim, bons não seriam os seus compositores e revedores; e que de

*Assi que, hum pela infamia, que arrecea,
E o outro, pelas honras, que pretende,*

Canto I, est. 34.

..... *donde vinham:
Quem eram: de que terra: que buscavam:*

Canto I, est. 50.

Nenhuma outra edição, antiga ou moderna, fez cousa que se parecesse com isto. A lição por elle seguida, é igualmente das menos puras, embora nos diga o contrario. Reproduz muitos versos, errados uns e corrigidos outros por differentes editores, que nos quer dar como emendas de sua lavra; pretende justificar as faltas de syllabas, provenientes de erros typographicos ou de copistas, como sendo de proposito commettidos pelo poeta, que, no conceito de Carvalho, suppriria o defeito com figuras de grammatica; e ralha muito, com rasão, contra os que accusaram Camões de ter errado a grammatica e os versos! Convem, sobretudo, desconfiar das notas, que podem muitas vezes induzir em erro a quem se fiar só n'ellas.—Como nos meus confrontos terei de referir-me com frequencia áquella edição, visto que comecei a trabalhar sobre ella (e quando dei por mim, não tive animo de estragar um exemplar de qualquer outra), abstenho-me de alongar mais esta nota.

tudo isto appareceriam os tristes effeitos na infeliz edição ou edições. Demais, que o exemplar manuscripto que serviu para sobre elle serem feitas as duas primeiras edições dos *Lusiadas*, não fôra o original do poeta, parece ser ponto fóra de toda a controversia¹. Pois como convir em que Camões, tão conhecedor de tudo quanto no seu tempo se sabia, do que é boa prova a vastissima erudição derramada pelos seus escriptos, fosse o copista do manuscripto de um poema, cuja primeira edição é torpissima, pelos muitos erros de orthographia, até de syntaxe, de metro e de rima que n'ella apparecem?

— «Que não fôra tambem o revedor das suas provas, muito embora alguém tenha que o fosse, pelo menos da reputada segunda edição de 1572 (edição que, é certo, apresenta algumas correções importantes, porém ainda cheia de grande numero de erros injuriosos a tão grande poeta), facilmente o admittirá quem não ignorar o estado de agros desgostos, de pobreza, de molestias, e até de miseria a que se via reduzido por aquelle tempo o cantor immortal dos altos feitos portuguezes. Pergunto, ralado de desgostos, de fome e de miseria, quem ha que possa occu-

¹ Alguns criticos conjecturam que o original entregue ao impressor, não seria o autographo, mas traslado adulterado por algum copista ignorante. Barreto Feio, na edição de Hamburgo, e Gomes Monteiro, na de Biel, pag. xxv da *Introdução*, inclinam-se a crer que o poeta não reviu as provas; e este ultimo acrescenta que o autographo, «enredado de riscaduras e entrelinhas, contendo emendas sobre emendas, desse causa a que os compositores lessem mal o original que compunham. A isto acresce a possibilidade de uma má calligraphia, o que ainda hoje não é raro nos homens de letras». Só o morgado de Matheus diz reconhecer que a impressão fôra feita sobre o manuscripto de Camões!

par-se, com a devida assiduidade, em trabalhos que demandam serenidade de espirito, e, quando menos, uma parca mediania? Ainda mais; á vista da triste pintura feita por todos os biographos de Camões, do estado de pobreza quasi extrema, com que se achava lutando nos ultimos annos da sua vida, isto é, no tempo em que saíram á luz duas edições do seu poema, e ambas, como geralmente se crê, do anno de 1572, facil é tambem de inferir que não fôra elle o seu editor; mas antes que venderia, e por mui diminuto preço, o seu manuscripto, e por consequencia o seu acanhadissimo privilegio, a algum especulador; sendo este quem recolheu o principal interesse pecuniario das duas primeiras edições dos *Lusiadas*, o qual de-vera servir para salvar da indigencia o seu altamente benemerito auctor¹.

— «Ora admittida esta opinião, que nenhuns visos tem de temeraria, é de toda a probabilidade que um tal editor dos *Lusiadas* não procederia na sua impressão com o cuidado e attento esmero de um auctor amante da sua boa reputação litteraria, e a mesma imperfeição typographica com que foram feitas estas edições de uma obra tão prima, acaso não é indicio manifesto de que fôra empreza, não já do seu egregio auctor, mas sim de um especulador com mira no lucro, a troco de pouco trabalho e de pequena despeza?²» —

¹ José Gomes Monteiro, na introdução á edição Biel adopta quasi as mesmas conclusões de Freire de Carvalho, que este já copiara do morgado de Matheus e de Mendo Trigo. Infelizmente, nada ha novo na historia do poeta! O que um diz, repetem-no os outros, embora cada um lhe vá imprimindo feições que pareçam remoçar as noticias, segundo a variedade do seu saber e a excellencia dos seus talentos!

² Por outras palavras e estylo, dizem todos o mesmo.

XV

«Em 1845, o sr. dr. J. F. de Castilho, então bibliothecario mór da bibliotheca nacional de Lisboa, conseguiu que áquelle estabelecimento fossem enviados os exemplares que se conheciam das edições de 1572, para elle os confrontar entre si com o da bibliotheca¹.

«Em resultado d'este exame, em que tão atilado crítico achou diferenças que os outros não tinham descoberto, escreveu o sr. Castilho n'uma folha, entre a guarda e o rosto, do referido exemplar da bibliotheca a seguinte nota:

— «Esta é, segundo todas as probabilidades, a segunda edição do mesmo anno da primeira de 1572.

— «Eis aqui os meios de distinguir uma da outra, nos dois exemplares que tenho presentes:

— «Tarja do frontispicio, mais larga no n.º 1 que no n.º 2 (não obstante o que diz Trigo, no tomo VIII das *Memorias da academia*). Ibi., n.º 1, o pelicano voltado para a direita; n.º 2 (este) para a esquerda. Ibi., as linhas obliquas da columna inferior da tarja são no n.º 1 da direita para a esquerda; as do n.º 2 da esquerda para a direita. Ibi., os capacetes olham ambos para fóra no n.º 1, e ambos para dentro no n.º 2². Em geral, todas as letras do frontispicio são maiores no n.º 1, e ha muitas outras pequenas diferenças.

¹ «N'esse tempo tinha só um; hoje tem quatro.» (*Nota posta por Tullio.*)

² Nas que eu examinei, olham todos para o mesmo lado, como atraz disse, excepto n'uma das edições do sr. Palha.

— «Privilegio. É inexacto o que diz Trigoſo, porque o typo é o mesmo nas duas edições¹. Ha porém muitas differenças que elle não mencionou, e que marquei com esta tinta (verde) ao lado, n'este exemplar, sendo os traços verticaes a indicação das palavras, onde na edição n.º 1 acabam as linhas². São 34 linhas no n.º 1 e 33 no n.º 2.

— «Informação do qualificador. No n.º 2 a letra é irmã da do texto; no n.º 1 mais miuda. A assignatura no n.º 1 do mesmo corpo que a informação; no n.º 2 maior. No n.º 1 o F de Ferreira por baixo do B; no n.º 2 por baixo do F. N'este exemplar vão marcadas, tambem com tinta verde, as alterações das duas edições, taes como as indica Trigoſo. Ha porém as seguintes differenças entre o que elle diz e o nosso exemplar.

CANTO V, est. 87.

1.^a ed.— *Essoutro que esclarece toda a Ausonia*

2.^a ed.— *Essoutro que escreaesse toda Ausonia*

— «A nossa edição (esta) diz assim:

*E soutro que esclarece toda Ausonia*³

¹ Parece-me que Trigoſo confundiu o character dos typos da informação do qualificador com o do alvará; devendo referirse áquelle o que attribuiu a este.

² Essas differenças, que examinei no alvará, onde se acha a nota escripta por Castilho, são realmente muito notaveis. A supposta segunda tem 33 linhas e acaba: «Lisboa, a. xxiiij: de setembro» e a supposta primeira tem 34 linhas e acaba: «Lisboa, a vinte e quatro dias do mez de setembro». Além d'isso, ha numerosas variantes na impressão de cada um dos alvarás. Por exemplo: diz a supposta primeira, no fim da 5.^a linha: *cõ*; e na supposta segunda *com*—; linha 10.^a, supposta primeira: *tẽ*— supposta segunda *ten*—; e ha outras muitas, que estão todas apontadas por Castilho.

³ Ambos os exemplares do sr. Palha concordam aqui com os da bibliotheca.

CANTO VI, est. 38

1.^a ed.—*Do Eolo Emisferio esta remota*2.^a ed.—*Do Eoo Emisferio esta remota*

—«E a nossa edição diz:

*Do Eoo Emisperio está remota*¹

CANTO IX, est. 17

1.^a ed.—*Por tom largos trabalhos e accidentes*²2.^a ed.—*Por tão largos trabalhos e accidentes*

—«E a nossa edição diz:

Por tão longos trabalhos e accidentes

CANTO IX, est. 74

1.^a ed.—*Qual tão de caçador sagaç e ardido*2.^a ed.—*Qual cão de caçador sagaç e ardido*

—«E a nossa edição diz:

*Qual tão de caçador sagaç e ardido*³

—«Serão erros de memoria de Trigozo?

—«Revelará isto a existencia de uma terceira edição de 1572, suspeita que fortalece a confrontação da largura das tarjas, de que acima fallámos, e que

¹ Igualmente concorda com as edições do sr. Palha.

² Castilho erra a transcrição. Uma das da bibliotheca diz, effectivamente: —*Por tom*. Ambas as do sr. Palha lêem:

*Por tam longos trabalhos e accidentes**Por tão longos trabalhos e accidentes.*

³ Concordam com ambas as do sr. Palha; mas a n.º 2 tem virgula em *sagaç*, o que se não vê nas outras.

é em contradicção com a nota de Trigoso pag. 170¹? Ou, pelo contrario, houve só uma, e as alterações notadas foram feitas pelo proprio auctor, em prova de prélo, e depois de impressos alguns exemplares²?» —

¹ As tarjas, como já fiz ver, não podem servir de testemunho n'este pleito.

² Esta foi a minha primeira opinião; mas depois convenci-me do contrario. Bastou-me para isto o exame do typo dos dois exemplares, que passei folha a folha. Em todos ha mais ou menos differenças, como em seu logar provarei. Parecendo-me o typo de um mais gasto que o do outro, fui á imprensa nacional, levando commigo os exemplares do sr. Fernando Palha. Ali reuni, por favor do meu prezadissimo amigo o ex.^{mo} sr. administrador d'aquelle estabelecimento, dr. Venancio Augusto Deslandes, os srs. Augusto Cesar Pereira da Cunha, director da officina typographica; Francisco Guilherme Tito da Silva, mestre da escola de composição; e Ignacio Lauer, director da officina de fundição. Estes três peritos, depois de attento exame, foram de parecer que as duas edições de 1572 fazem differenças entre si, comquanto pouco sensiveis, no typo em que foram impressas. As maiores desigualdades, segundo eu tinha já advertido, e me foi confirmado por aquelles senhores, consistem nas letras grandes, de cabeça de verso, e em letras pegadas ou separadas, que não podem escapar a olhos exercitados em cousas typographicas.

A pag. 53 dizem ambas:

Morto despois Affonso lhe succede

A palavra *despois* tem na supposta primeira o *s* pegado ao *p*; ao passo que na outra está separado. O *A* de Affonso, é n'aquella redondo e n'esta italico. Na oitava seguinte, a primeira lê:

Nam era Sancho nam tam desonesto

e na segunda:

Não era Sancho não tam desonesto.

O *N* da primeira é redondo e o da segunda italico; o *s* está igualmente na primeira pegado ao *t*; na segunda, embora pe-

XVI

«Ultimamente, o nosso collaborador e amigo o sr. Innocencio F. da Silva, no tomo v, do seu *Diccionario bibliographico*, n'um artigo riquissimo de noticias illustrativas e analyticas sobre as obras de Camões,

gado, tem o feitio muito differente. E todas as cabeças de letra d'esta oitava differem de uma para outra; e muito mais no verso d'esta mesma folha.

No alto da pag. 65 a supposta segunda diz *Canto terceiro*, em vez de *quarto*; na pag. 97, *Canto quinto*, em vez de *sexto*; na 148, *Canto oitavo*, em lugar de *nono*; na 152, *oitavo* por *nono*; na 160, repete o mesmo erro. E a primeira lê igualmente no alto da pag. 97, *Canto quinto*, por *sexto*; repetindo-se os erros na 99 e 100, bem como na 103.

Crêem os peritos que a falta de typo podia obrigar ao emprêgo dos differentes caracteres, porque em ambas as edições ha identica variedade de letra, e a mesma mistura de italico e de redondo; emfim, quantas desigualdades se acham n'uma, notam-se na outra. Isto poderia dar rasão a Tullio, se não fosse o resultado a que eu cheguei depois, fazendo, mais bem rectificada, a tabella das variantes orthographicas e faltas typographicas, que nas duas se notam. Essas differenças acham-se, desde o principio até ao fim de cada uma das edições, passadas folha a folha. Não é portanto uma tiragem, com reimpressões em que se emendam erros; mas, positivamente, duas edições distinctissimas, quer uma seja ou não contrafeição da outra. Para não cançar o leitor, e visto achar-se já publicada toda a tabella das variantes ou differenças orthographicas, no tomo vi da edição do visconde de Juromenha, desde pag. 483 em diante (já o morgado de Matheus tinha dado larga copia de tal variedade), limito-me a pôr no fim d'esta introdução uma tabella das differenças, apenas com dois cantos. No meu exame, corrigi as faltas que encontrei na citada edição do visconde; mas ninguem veja n'isto uma censura áquelle distincto admirador de Camões. A difficuldade d'estes trabalhos,

tratando da primeira edição dos *Lusiadas* pondera o seguinte:

— «Tem sido opinião vulgar entre os bibliographos, que não existem mais que duas edições diversas com a data de 1572, e que os exemplares que apparecem são necessariamente de uma d'ellas. Porém ha toda a rasão para crer que isto não passa de uma supposição erronea, e para elucidação do ponto transcreverei aqui parte de uma nota que ha pouco tempo me foi enviada do Rio de Janeiro, da penna

só póde ser avaliada por quem os tem feito; e ninguem ousará gabar-se de os haver terminado isentos de erros.

As conclusões a que, por fim, chegaram os peritos, provam, não menos incontestavelmente, a existencia de duas edições, *pelo menos*, com a data de 1572: «Se por acaso fosse o mesmo typo que serviu ás duas,—asseveram elles, designando a que eu lhes apresentei como supposta segunda, conforme o voto dos criticos que me precederam—*esta foi impressa primeiro*».

O parecer foi dado em 16 de abril de 1886. Mas, desconfiando eu que em uma das edições por mim apresentada áquelles distinctos mestres, o typo tinha já sido lavado, procedi a novo exame com as da bibliotheca nacional, confrontando-as minuciosamente; e penso que os peritos tinham rasão.

Entre as suppostas segundas, da bibliotheca, ha um exemplar, unico dos quatro que examinei, que lê no canto ix, est. 74 v. 1:

Qual cão de caçador saga7, e ardido,

É o verso atraz citado por Trigofo, que não notei n'aquelle logar, por me convir mais fazê-lo n'este.

Em todas as edições de 1572, quer primeiras quer segundas, se acha *tão* em vez de *cão*. Em duas, uma primeira e outra segunda, das da bibliotheca, foi emendada a palavra á mão, vendo-se ainda, distinctamente, a letra de imprensa; só a terceira tem ainda *tão*. No exemplar a que me refiro, lê-se *cão*, nitidamente impresso, em typo e papel iguaes. Confrontadas as tres estancias d'essa pagina, palavra a palavra, não lhes achei a menor alteração nem falta de uma só virgula. Houve portanto

do sr. conselheiro J. F. de Castilho, na qual o mesmo senhor, alludindo á memoria que escrevêra em 1848 (citada pelo sr. visconde, a pag. 406 do seu livro) se exprime nos termos seguintes: «Sendo bibliothecario mór, desejei confrontar as chamadas duas edições de 1572, e reuni ante mim, por favor de varias pessoas de Lisboa, sete exemplares de 1572. Passando a verificar as confrontações, segundo os preceitos dados pelos que designaram em que consistiam essas diferenças, tive occasião de reconhecer positivamente

tres edições, e teria rasão José Feliciano de Castilho? É este o mesmo exemplar visto por Trigoso? Não nego nem affirmo. N'este, não se encontra, no canto v, est. 87, v. 5, a palavra *escrevesse*, que Trigoso assevera ter lido; nem no canto ix, est. 17, v. 6, *tom largos trabalhos*, em vez de *longos trabalhos*, como dizem todas as outras.

Aquella de que nos dá noticia o morgado de Matheus, parecia ter evidentemente reimpressas as folhas 41 e 42, 47 e 48: porque, segundo elle, estavam ali corrigidos os erros que apontou a pag. vi da sua edição de 1819. No exemplar do sr. Palha, e no da bibliotheca (da supposta primeira) encontrei os erros que o morgado aponta; mas nenhum dos que resultaram da reimpressão d'essas folhas. Acaso teria o exemplar de lord Holland, examinado por D. José Maria de Sousa Botelho e por Firmin Didot, alguma relação com o que mencionou Trigoso, e diria *escrevesse?* ou teria assim o exemplar de que elle falla na sua *memoria* (pag. 12, nota a), do mosteiro de S. Bento da Saude, possuido hoje pelo imperador do Brazil? Trigoso pôde ter-se equivocado; e, de facto, não citou bem algumas cousas; mas não podia enganar-se, escrevendo *escrevesse* por *esclarece*.

A livraria de lord Holland, existente em poder do sr. visconde de Monserrate, foi por mim vista, no palacio que elle possui entre Cintra e Collares, favor que devi á fallecida senhora viscondessa do mesmo titulo. N'essa occasião, aquella illustre dama informou-me de que o exemplar dos *Lusiadas*, que eu procurava, e que se dizia ter pertencido a frei José Indio, desaparecêra, em Londres ou não me lembro aonde,

te, que com a data de 72 houve talvez quatro, e pelo menos tres edições. Creio ter provado na minha memoria serem contrafacções umas das outras, e publicadas no intervallo que medeiou até 1584, que é a segunda data conhecida de edição diversa. Era o meio de evitar os gastos, estorvos e perigos das varias censuras, etc.»

—«A demasiada extensão que é forçoso dar ao presente artigo não consente alongá-lo ainda mais com algumas considerações, que seriam aqui bem cabidas, em abono da opinião de s. ex.^a, quanto á ultima parte.

—«Seja porém o que for, da edição ou edições que vulgarmente se reputam uma só, e a que chamam segunda, hei noticia da existencia dos seguintes exemplares: 1.º o da bibliotheca nacional de Lisboa: 2.º o

antes da livraria ter vindo a seu poder. Que fim levaria? Onde parará hoje? Eis o que é difficil, se não impossivel de averiguar e descobrir*.

Emfim, ambas as edições, como ha de ver-se pela reprodução da tabella das differenças orthographicas, escrevem as mesmas palavras de diversa maneira; mas sem uniformidade em nenhuma: *antigua*, ou *antiga*; *por* ou *per*; *para* ou *pera*; *dagua*, *da agua*; *aa gente* ou *a gente*; *pelas*, *polas*; *impito*, em ambas; *antre*, e *dantre*, por *entre* e *de entre*; *empee* por *em pé*; *avorrecido*, *aborrecido*; *Queu*, por *Que eu*; *yra* por *irá*; *homês* por *homens*; *inica* por *iniqua*; *doçe*; *contrairos*; *algüs*; *algũa*; *nũa*; *tratallös*; e *tratalo*; *promettellos*, tudo pegado sempre, sem accentos, mesmo nas palavras em que são indispensaveis, etc., etc.

* Desejando apurar melhor n'estes apontamentos a historia do tão curioso exemplar de lord Holland, escrevi, para Cintra, ao sr. visconde de Monserrate, quando tinha certeza de que s. ex.^a estava no seu palacio, pedindo-lhe obsequiosamente todas as informações possiveis a este respeito. S. ex.^a, porém, que na occasião de eu entrar pela porta da sua residencia, quando ali fui, ha talvez dez annos, se deu o prazer de sair pela janella, para se poupar ao desgosto de me fallar, não tendo eu tido a honra de lhe ser previamente apresentado, não se dignou responder á minha carta.

que existia no convento de Jesus, pertencente hoje á Academia, dado aos religiosos do dito convento pelo fallecido dr. Lima Leitão, como consta de uma declaração autographa n'elle exarada: 3.º o que foi do fallecido visconde de Almeida Garrett, pertencente hoje ao sr. José Maria da Fonseca: 4.º o da collecção Norton: 5.º o da collecção Adamson (vendido por 11 libras): 6.º o que foi do dr. Rego Abranches, e depois de Joaquim Pereira da Costa: 7.º o que pertenceu ao extincto mosteiro de S. Bento de Lisboa, d'aqui levado pelo ex-benedictino fr. João de S. Boaventura em 1834 (vide o *Diccionario bibliographico*, tomo III, pag. 330), existente agora na bibliotheca publica do Rio de Janeiro: 8.º o do gabinete portuguez de leitura da mesma cidade, comprado por 154.000 réis (moeda do Brazil): 9.º o da bibliotheca imperial de Paris, etc., etc.» —

XVII

«Devemos acrescentar: 10.º o da livraria de D. Francisco Manuel, hoje incorporada na bibliotheca nacional de Lisboa¹.

«O sr. visconde de Juromenha, na vida de Camões diz:

— «Sobre estas duas edições tem-se suscitado uma questão, isto é, se a segunda foi realmente uma nova edição que saiu no mesmo anno, ou contrafacção da primeira. Eu estou persuadido que foi uma contra-

¹ Faltam n'esta lista os de Norton, comprados tambem pela bibliotheca; os do sr. Fernando Palha, que, me parece, vieram do Porto; e ainda outros que se diz existirem n'aquella cidade.

facção d'esta, porém ordenada pelo mesmo auctor¹ ou editor, retratada quantô foi possível da edição *princeps*, com os mesmos typos, para se não distinguirem d'aquella que saiu no mesmo anno de 1572; podia tambem sair em epocha differente á da data marcada no frontispicio². O que deu logar a esta subtileza, foi porventura a necessidade de evitar as delongas das licenças e censuras³, ou alguma cabala que se levantasse contra a integral reimpressão do poema, sem as amputações que soffreu na edição seguinte (1584). Edições do mesmo anno, parecendo identicas no typo, mas com variantes no texto se encontram de outros auctores, e os motivos podiam ser os mesmos.»

XVIII

«Taes são as conjecturas que até aqui se teem feito acerca dos exemplares que existem da edição dos *Lusiadas*, com data de 1572.

«Tambem a nossa é que não houve mais que uma edição, e que as alterações e correccões que se notam nos differentes exemplares que ainda existem, provém de diversas tiragens de algumas folhas, onde vem feitas as emendas que nas primeiras se não ti-

¹ Todos estes críticos, que dizem professar grande respeito pela memoria do poeta, classificam-n'o como falsario, com uma grande seincerimonia!

² Aqui, tem razão.

³ Vão uns atraz dos outros, em tudo. Se houvesse certeza, era evidente que não podiam deixar de repetir-se; mas, não a havendo, esta uniformidade conjectural, toda do mesmo typo, acceitando cegamente a opinião do que veiu primeiro, sem a discutir sequer, está muito longe de ser uma razão acceitavel e válida perante a crítica despreocupada.

nham corrigido: e que o editor, para as não perder, aproveitou quantas se imprimiram, intercalando-as nos exemplares que se iam encadernando, o que ainda hoje fazem muitos editores que compram manuscritos com absoluta auctoridade de os publicarem como lhes convier. Por consequencia entendemos que Luiz de Camões não reviu as provas de nenhuma d'essas tiragens, porque vendeu o manuscrito e o privilegio da impressão, sem querer saber mais de uma obra tão mal avaliada pelos seus contemporaneos¹.

«E n'isto nos apartâmos da opinião do sr. J. F. de Castilho, que posto se incline a crer que não houve mais de uma edição em 1572, presuppõe que o auctor emendára provas de prélo, depois de se imprimirem alguns exemplares². Tomâmos por fundamento d'esta nossa opinião as seguintes rasões:

«Está hoje averiguado que nem os exemplares que teem a gravura do rosto direita, havida por primeira, nem os que a trazem ás avessas, tida por segunda, se conformam uns com outros. Isto verificámos nós

¹ Parece-me muito aventurar, não havendo dado algum em que se funde semelhante opinião!

² Pela publicação das minhas tabellas do I e II cantos, ficará demonstrado, até á saciedade, que as alterações e correções se não deram só *n'algumas folhas*; as differenças de uma á outra edição existem *em todas as folhas*. E parecendo tambem provada a grande falta de typo, que então havia nas imprensas (nem de outro modo se poderia explicar a desigualdade d'aquelle de que se serviram nas de 1572), como podia o auctor emendar provas de prélo, depois de se tirarem exemplares *completos*? Seria preciso que houvesse muito typo empatado, á espera de que se fizesse a impressão, depois das novas correções, o que as posses das typographias não comportavam geralmente.

mesmo, nos quatro exemplares que hoje possui a bibliotheca nacional de Lisboa. De sorte que se quizermos contar as edições pelas variantes dos exemplares que se conhecem, havemos de concluir que houve mais de duas no mesmo anno da data (1572)¹.

«É porém absurdo crer tal, não só porque o poema dos *Lusiadas* não teve então grande nomeada, mas até foi julgado por obra mediocre. Haja vista o alvará do soberano a quem o auctor o dedicou, dando-lhe uma tença de 157.000 réis annuaes, por *tres annos sómente*; onde nem sequer se lhe consigna o titulo do poema, e apenas se diz que mostrára *sufficiencia no livro que fez das coisas da India*. Além d'isto, a tença não lhe foi dada, especialmente, por elle ter publicado os *Lusiadas*, como se tem dito, mas *havendo respeito* (são palavras do referido alvará d'el-rei D. Sebastião) *ao serviço* que Luiz de Camões, cavalleiro fidalgo da minha casa, *me tem feito nas partes da India*, por muitos annos, e *aos que espero que ao diante me fará*².

¹ Porque não? Foi uma das conclusões a que chegou José Feliciano de Castilho, na carta dirigida a Innocencio.

² Se este argumento colhesse, não ficaria tambem Garrett sem um tumulo, com os ossos talvez já perdidos, como os de Camões; nem se faria no mundo injustiça igual áquella que o exclue do templo de Belem. É opinião unanime, de todos os que tem escripto a respeito dos *Lusiadas*, e de seu auctor, que D. Sebastião praticou a mais atroz das iniquidades; e maior seria ainda, se, como pretende Tullio, a publicação dos *Lusiadas* não desse motivo á tença. E que outra razão haveria para mover o animo do rei, se realmente Camões fosse apenas um cavalleiro como qualquer outro? Todos os cavalleiros teriam, então, direito a tenças! Mas essa não é a verdade. A verdade é que o entusiasmo do povo, pelo apparecimento da sublime epopêa, corrigiu o acto indigno do rei. Onde descobriria Tullio que os *Lusiadas* foram julgados obra mediocre? De uma obra

«Quanto á extracção dos livros, sabemos quanto era então limitada, e sobretudo n'uma epocha tão calamitosa para Lisboa como foi a da publicação dos *Lusiadas*. Acresce que os livreiros da rua Nova alugavam certas obras para se lerem em casa, o que devia diminuir muito a venda. Como é crível pois que se fizessem mais de duas edições dos *Lusiadas* no mesmo anno?

«As alterações e emendas que se notam nos exemplares que existem, não provam diversidade de edições, não só porque muitos erros da chamada primeira, se repetem na que se julga ser segunda, mas porque esta traz erros que não vem n'aquella outra. Isto prova que houve mais de uma tiragem, que as

mediocre, não se fazem duas traducções ao mesmo tempo, como appareceram em Hespanha, no anno de 1580, as quaes deveriam ter levado dois ou tres annos aos traductores (pelo menos), tempo em que vivia ainda D. Sebastião. A popularidade do poeta passára desde muito a fronteira; e a prova é que quando o sombrio fundador do Escorial entrou em Lisboa, nove annos depois da publicação do livro, pediu que lhe apresentassem Luiz de Camões, que fallecêra pouco antes. Que outro intuito moveria o animo de Filippe II, se não fosse o desejo de conciliar o amor dos portuguezes, lisonjeando-os pelo caso que fazia do seu poeta nacional por excellencia? E a tença concedida á mãe do poeta, não testemunha igualmente veneração pela memoria d'este? Nada sabemos ao certo: mas, se temos de caminhar por inducções, com mais rasão devemos suppor que o poema teve desde logo grande nomeada, do que acreditarmos que deixára ainda por muito tempo na obscuridade o seu egregio auctor.—Francisco Evaristo Leoni, no *Camões e os Lusiadas* (pag. 163), diz: «Os *Lusiadas* tiveram desde logo immensa voga, e adquiriram a seu auctor uma gloria de que elle ainda se gosou». Conjectura por conjectura, prefiro esta á de Tullio, porque, ao menos, tem por si as traducções castelhanas e os testemunhos de Filippe II, nos *documentos da tença*.

emendas se fizeram na fôrma, e que algumas folhas saíram mais correctas que outras, aproveitando porém o editor todas quantas se imprimiram, de que resulta não sabermos qual seja o exemplar mais conforme ao original, ou, antes, á cópia que serviu para esta primeira edição¹.

.....

«O argumento da gravura, que serve de tarja ao rosto dos exemplares de 1572, estar ás avessas em muitos d'elles, tambem não prova que houvesse duas edições, porque as gravuras de madeira mettidas no prélo deterioram-se facilmente; e por isso inutilisando-se a que servira para a primeira tiragem, fez-se outra desenhada por um dos rostos impressos (de que resultou ficar ás avessas)² para se continuar a impressão.

.....

« Além d'isto, os exemplares que trazem a gravura direita não são conformes no texto, pelo que não serve este indício para que os reputemos de primeira edição. Nem o exemplar da bibliotheca de Lisboa, nem o do sr. Minhava, segundo nos diz o sr. visconde

¹ O trazer a supposta segunda erros que se não notam na supposta primeira, provaria o contrario do que Tullio quiz demonstrar; mas elle pretende que foram apenas reimpressões de folhas e que houve mais de uma tiragem na mesma edição. Isto não se póde admittir, visto demonstrar-se, pelas differenças orthographicas de *todas as folhas*, haver evidentemente mais de uma edição.

² Já disse que não está tal ás avessas, porque o pelicano não espeta o bico em o mesmo sitio do corpo. As gravuras são differentes, embora da sua comparação resulte pouca vantagem para resolver as dúvidas.—O proprio Trigoso, que notou estar a gravura ás avessas, mette os pés pelas mãos, como vulgarmente se diz, n'este assumpto das duas edições de 1572.

de Juromenha, tem a transposição de seis oitavas no canto III que notou o academico Trigoso no que teve presente para o exame a que já alludimos¹.

«Ainda mais. Se este poema tivesse tal voga assim que se publicou, não deixara Faria e Sousa de men-

Não lhe parece (a Trigoso), que aquella a que chama segunda, fosse clandestina. Como conciliar então a idéa de que se fizesse com intenção de ser *um arremedo da primeira*, de modo que figurasse ser a mesma aos olhos das pessoas que não passam além da superficie dos objectos (pag. 28 da sua memoria)?! E, logo em seguida, acrescenta que, quando diz arremedo, não é porque pretenda indicar que se imprimisse clandestinamente! Quer que fosse a malevolencia e intriga que difficultavam a concessão da licença, emquanto não desaparecesse do poema todo o seu ornato allegorico, os passos que não soassem bem, e se não cortassem outros «taes como a celebre oitava, em que os jesuitas se suppunham injuriados» por Camões (canto x, est. 119).

Toda esta critica é um mixto de contradicções! Enredado nas suas proprias hypotheses, o illustre academico não consegue desembaraçar-se d'ellas, sem largar parte da pelle do senso critico. «Talvez se diga, que publicando-se a segunda edição pelo modo que fica referido, tambem se não deveriam fazer emendas algumas (repare-se como elle sente a entalção!) a fim de mais facilmente poder passar por identica a primeira (se assim fosse, entendia-se; e as minhas conjecturas, oppostas ás de Trigoso, caíriam por terra, em vez de ser as d'elle que se esfacelam): mas quem não vê que seria uma barbaridade inaudita pretender que o auctor até imprimisse os erros que tinham escapado na outra edição (pag. 29)?»

E os versos coxos ou errados?! Que poeta, fazendo a reimpressão da sua obra, teria animo de os reproduzir sem os ter corrigido, melhorado ou substituido, fossem de que ordem fossem as considerações que se lhe oppozessem?! Pois tudo isto não está indicando a natureza de uma edição clandestina, para roubar o auctor? Porque o associam, pois, a esse lôgro os seus inconscientes admiradores?! Mas não devo antecipar reflexões, que adiante terão mais natural cabimento.

¹ Tambem não vi nenhum com essa transposição.

cionar que se fizera d'elle mais de uma edição no mesmo anno, quando imprimiu a primeira *Vida* de Camões; referindo-o sómente quando publicou a segunda, naturalmente induzido em erro pelas diferenças que já se tinham notado nos exemplares datados todos de 1572¹. Que Luiz de Camões vendêra o privilegio que requereu para imprimir os *Lusiadas*, e que por elle lhe deram mui pouco, infere-se, não só da pobreza e ruindade da typographia² em que se imprimiram, mas porque não reviu as provas, deixando correr a impressão á revelia, não querendo ter mais trabalho com uma obra que lhe tinha sido tão mal retribuida, pelo rei e pelo editor.

«Nos seguintes versos do canto v, está dada a razão por que elle engeitou este parto do seu estro³.

*Sem vergonha o não digo, que a razão
De algum não ser por versos excellente,
É não se ver presado o verso e rima;
Porque quem não sabe a arte não na estima.*

¹ Como poderemos nós saber as razões por que escassearam os exemplares de uma das edições, no tempo de Faria e Sousa. se nem sequer podemos discriminar quaes se fizeram no seculo xvii? Adiante mostrarei as dúvidas que existem a respeito de outras, bem mais perto de nós do que as de 1572. Faria e Sousa, antes de ter conhecimento da chamada segunda, escreveu os *Commentarios* aos v. 7 e 8, da est. 128 do canto x: «... i en Portugal, adonde rara vez se imprime un libro dos vezes, se tiene impresso este tantas, que no las sè todas».

² Tal não é a opinião de Gomes Monteiro, na introdução da edição Biel, que diz saírem das officinas de Antonio Gonçalves obras, já relativamente luxuosas, comparadas com os *Lusiadas*.

³ Não creio que haja guia mais fallivel e desnorteador do que os versos, para que possamos acceitál-os como orientação de uma crítica séria. Versos! Mas eu proprio, pobre e humilde poetastro, escrevi centenaes d'elles, que levariam os meus

«E n'esta oitava do ultimo canto:

*Não mais, musa, não mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
De uma austera, apagada, e vil tristeza.*

«Para nós é argumento decisivo de que Luiz de Camões não reviu nenhuma prova das tiragens da impressão do seu poema, o estarem todos os exemplares datados de 1572 crivados de erros vergonhosos¹.

biographos (se porventura eu os pudesse ter!) a quebrar as cabeças nas esquinas, sem atinarem com os caminhos por onde andei doudejando durante a minha vida poetica! Referi por vezes aventuras que nunca tinha corrido; chorei lagrimas como punhos sobre desditas suppostas, escrevendo innumeras declarações apaixonadas, a varias Natercias apocryphas; e desejei, emfim, comquanto o não conseguisse, imitar o illustre Mery, que na sua ainda então modesta residencia de Paris descrevia brilhantemente as formosissimas paizagens da India, asseverando que as andava percorrendo, n'aquella admiravel trilogia romantica intitulada *Eva*, a *Florida*, e a *Guerra do Nizam*! A poesia é tudo quanto ha de mais opposto á vida real; e talvez que por se fiarem muito n'ella, todos os biographos de Camões se tenham afastado cada vez mais da verdade.

¹ É provavel — e eu creio — que não revisse; mas não se póde tirar similhante illação. Parece até incrível que tão illustre escriptor, e tão perito em assumptos de typographia, avançasse tal proposição! Quantas obras de grandes engenhos, revistas por seus auctores, apparecem ainda hoje crivadas de erros?! O auctor é sempre a pessoa menos competente para rever os seus proprios escriptos, porque vae seguindo o seu pensamento, e não a composição typographica.

«O primeiro que os cotejou, o morgado de Matheus, um dos que entende que houve duas edições no mesmo anno, e durante a vida do poeta, affirma, que examinando as duas suppostas edições de 1572, depois de as ter cotejado miudamente tres vezes, palayra por palayra, achára na que se julga primeira cento e sessenta erros typographicos; e na chamada segunda cento e trinta e tres, além dos de pontuação. Não só isto; mais de trinta e cinco versos emendou este zeloso crítico, por lhe parecerem viciados¹; e ainda assim a sua famosa edição de Paris não é tida pela mais correcta.

«Freire de Carvalho, no prefacio da edição Rollandiana de 1843, assegura que nos exemplares da chamada segunda edição de 1572 que examinou, achára oito versos com syllabas de mais ou de menos, e para cima de cem erros typographicos, communs a ambas as edições².

«O sr. José Feliciano de Castilho, como já vimos, achou no exemplar da bibliotheca nacional de Lisboa que tem os indicios da chamada segunda edição, alguns erros mais que não vem na julgada por primeira.

«Os quatro exemplares que actualmente possui a mesma bibliotheca, um dos quaes se diz ser da primeira edição, tambem discordam de outros que pa-

¹ Emendou? Já estavam quasi todos emendados. Correcções, propriamente suas, fez rarissimas, a não ser na pontuação; e até declarou que acceitava algumas de outros com repugnancia, por lhe parecer que seria absurdo prescindir d'ellas. Por vezes o provarei, n'estes estudos.

² Este editor não entendia absolutamente nada de versos; o seu apoio, em tal caso, produz effeito contrario. Era elle o primeiro a erral-os!

reciam identicos, mas que bem cotejados apresentam diferenças essenciaes¹.

«Com que fundamento, pois, se tem julgado, por tantos annos, que houve duas edições dos *Lusiadas* no anno de 1572? E ainda mais, como houve quem julgasse que o poeta tinha revisto as provas da chamada segunda edição, que tem quasi os mesmos erros da havida por primeira?

«Mr. Mablin, sub-bibliothecario da universidade de París, n'uma extensa carta dirigida á nossa academia², esforçou-se em vão para mostrar que o morgado de Matheus devêra ter seguido a chamada segunda edição de 1572, por julgar que esta fôra corrigida por Camões. Apesar de ser muito para louvar o trabalho a que se deu este sabio estrangeiro, confessâmos que nenhum dos seus argumentos nem exemplos nos convencem.

«O que até aqui temos adduzido e ponderado, parece-nos bastante para fundamentar a opinião—de que Luiz de Camões não revira as provas da impressão do seu poema feita em 1572, e de que não houve mais que uma edição n'esse anno.»

XIX

Aqui terminam os estudos de Silva Tullio. Depois d'elles, appareceu a formosissima edição do sr. Biel,

¹ Confesso não ter cotejado, do principio até ao fim, os quatro exemplares da bibliotheca; mas, na parte que examinei, salteando, achei os tres da supposta primeira semelhantes entre si, excepto o que traz o verso «Qual cão de caçador sagaz e ardido» (canto ix, est. 74, v. 1).

² «*Lettre à l'académie des sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades. Paris, 1826.*» (Nota posta por Tullio.)

do Porto, com a introdução de José Gomes Monteiro, e um estudo — *Camões e os Lusíadas* — de outro meu amigo, também já fallecido, José da Silva Mendes Leal. D'este ultimo trabalho farei opportunamente duas ou tres citações que, por virem de auctoridade, servirão de escudo á minha humilde opinião.

Gomes Monteiro, investigador distincto, publicára em Hamburgo, com applauso dos entendidos, uma bella edição das *Obras de Gil Vicente*. Esta introdução dos *Lusíadas* não desdiz dos seus bons creditos¹. Na parte biographica, acredita, como Mendes Leal, e todos os mais críticos, na amizade de Manuel Corrêa com o nosso poeta. Porém n'outros pontos está muito longe de participar da opinião de Silva Tullio. Eis o que elle diz (pag. xxviii até xxxi):

«Descoberto este phenomeno litterario de duas edições feitas no mesmo anno e pelo mesmo impressor, foi geralmente acreditado o facto, attribuindo-se, conforme a opinião de Faria, á immensa procura da primeira edição, que exigira promptamente uma segunda. Hoje, porém, estudada a questão mais attentamente, é opinião geralmente seguida que a reimpressão fôra, sim, feita alguns annos antes de expirar o praso concedido pelo alvará de privilegio, mas só depois de exhausta a primeira edição, e ainda em vida de Camões².

¹ A pag. xlix da referida introdução á edição Biel, diz Gomes Monteiro: «Eu não posso partilhar os louvores que a edição das obras de Camões tem justamente merecido; e o sr. Barreto Feio não é responsavel pelos erros e imperfeições que se dão nas minhas debéis tentativas ácerca da vida e obras de Gil Vicente».

² Convenho, excepto em que fosse ainda em vida de Camões, salvo se este estivesse impossibilitado, por enfermidades, de tomar conhecimento do facto.

«E, na verdade, se attendermos a que entre esta e a que ostensivamente se publicou como segunda, em 1584, medeiaram doze annos, e que d'ahi até o fim do seculo xvi as edições se succederam com o intervallo de seis annos, facilmente acreditaremos que essa larga lacuna de doze annos fosse interrompida com uma edição, que deve ter sido a chamada segunda de 1572, publicada com a mesma data, mas sómente cinco ou seis annos depois.

«A origem d'este phenomeno podia attribuir-se a diversas causas: ou a uma contrafacção fraudulenta, feita dentro ou fóra do paiz, caso previsto, como vimos, pelo alvará de privilegio; ou á consciencia do impressor que, vendo sair da sua officina, deturpado de erros tão grosseiros e tão bastos, um livro que desde a sua apparição o publico saudára, ainda assim, como uma obra maravilhosa¹, quizera valer á sua reputação e dar satisfação ao desgostoso auctor, apressando-se a publicar uma nova edição, com sacrificio de uma boa porção de exemplares da primeira; podia finalmente attribuir-se a fraude editorial do proprio impressor. A primeira d'estas hypotheses é excluida pelas importantes correcções da segunda edição, feitas á vista do autographo, ou de um exemplar emendado da primeira edição. A segunda hypothese é igualmente inadmissivel. Se a nova edição fosse feita com o fim, tão honroso para o impressor, de corrigir a primeira, não se veria n'ella reproduzida uma multidão de erros gravissimos, que ficaram sendo communs a ambas, as edições. Só a fraude do editor explica cabalmente o facto². Era da conveniencia de Antonio Gonçalves

¹ Outra conjectura, inteiramente avessa á de Silva Tullio!

² Inteiramente de accôrdo.

forrar-se por esse dolo ás despezas e delongas de novas licenças; e sobretudo lhe convinha furtar-se ao perigo de submeter novamente á censura um livro escripto com desusada liberdade e já licenciado com tanta fortuna; perigo real, se attendermos ás mutiladas edições de 1584, de 1591 e ainda á de 1597, as quaes vieram patentear que Antonio Gonçalves andára avisadamente valendo-se d'aquelle estratagemas editorial.

«Com este intuito empregaram-se varias cautelas para não revelar a reimpressão da obra. O formato, os typos, os ornatos typographicos e, afinal, a mesma data da impressão são iguaes em ambas as edições; e, se alguma differença material veiu de futuro a notar-se, ficou ella tão imperceptivel, que foi necessario decorrer mais de meio seculo, para que Faria e Sousa, que por espaço de vinte e cinco annos tinha trazido entre mãos o poema de Camões, só depois de ter publicado o seu grande commentario aos *Lusiadas*, viesse a descobrir a existencia da dupla edição.»

Segue, dizendo por que as duas edições diversificam entre si; depois continua: «... além d'esta differença, que nada influe na pureza do texto, divergem ainda as duas primeiras edições pelas preciosas variantes que a segunda conseguiu transmittir á posteridade e que, sem a fraude feliz de Antonio Gonçalves, se teriam talvez perdido para sempre. Ainda nos fins do seculo XVI, e depois seguidamente até nós, em dezenas e dezenas de edições se adoptou, com raras excepções, o texto infinitamente mais correcto da segunda edição¹».

¹ Repito que a considerada até hoje como segunda, deve ter sido a primeira impressa.

XX

Gomes Monteiro censura em seguida, que o morgado de Matheus adoptasse para a sua edição monumental o texto da supposta primeira. E, tendo transcripto um trecho d'este crítico, acrescenta: « O illustre editor não reconhece o valor do criterio litterario. Elle entende que um lapso de tempo mais ou menos largo é bastante para obliterar os caracteres da verdade. A rasão é um instrumento inutil para a descobrir. Se ignorâmos historicamente, por falta de testemunhos coevos, a qual das duas edições o poeta deu a sua approvação; se pelo mesmo motivo não sabemos se foi elle ou o seu livreiro que fez as emendas da segunda; n'esta incerteza preferimos a que parece ser a primeira, e attribuamos os seus erros a Camões e as correcções da segunda ao seu livreiro¹! Segundo este singular systema de exercer a critica litteraria, não ha com effeito meio de averiguar qual das duas edições é a mais estimavel: se a primeira em que se diz que Jupiter mandou á terra, por seu mensageiro, a Jesus Christo, *o filho de Maria*, se a segunda em que se diz que o mensageiro fôra Mercurio, *o filho de Maia* (tabella 1, n.º 13); se a primeira, onde se lê que o Sol (Phebo)

¹ Similhante raciocinio é com effeito inadmissivel; e custa a crer que, tendo-o feito, Gomes Monteiro se não convenesse desde logo que a supposta segunda é sem dúbida a que foi primeiro impressa; que é a menos errada; e, finalmente, aquella que todos teem obrigação de seguir, porque as edições *princeps* são sempre as que fazem auctoridade, a respeito de qualquer auctor.

dá crescimento aos mariscos, se a segunda em que essa supposta virtude é, conforme a crença vulgar, attribuida á Lua (Phebe) (variante n.º 46); se aquella em que o monstro da Sicilia se vê transformado no sexo masculino, se a segunda em que *Scylla* (variante n.º 54) retoma o seu verdadeiro sexo feminino. Não saberemos, por ultimo exemplo, se Camões approvára a edição em que o Oriente andava armado de uma espada, ou se esse attributo pertencia, segundo os mythologos, á constellação *Oriente*, como se lê na segunda edição: *o ensifero Oriente* (variante n.º 55). A esta fatal hesitação deveu o nobre editor o optar quasi sempre pelo erro. Das variantes ou, antes, correccões, indicadas como exemplos, apenas a enviatura de Mercurio mereceu ser aproveitada da segunda edição; as outras, igualmente emendas de tres erros capitaes, ainda que não tão mal soantes, foram engeitadas, como erros de *revisores ignorantes*, e as erratas da primeira, passadas para a edição de grande luxo, como lições genuinas de Camões!¹

«Com a presente edição dá-se uma tabella de cem variantes numeradas, das quaes oito são visivelmente erratas da primeira (cita quaes são), e sete, erros proprios da segunda (idem), podendo, feita a deducção d'estas quinze erratas, considerar-se como verdadeiras variantes, ou, antes, emendas á primeira, nada menos de oitenta e cinco. D. José Maria de Sousa apresenta nas notas de sua segunda edição de 1817², feita por Firmino Didot com sua auctorisação, apenas quarenta e tres variantes, a que junta o seguinte *N.B.*: Quem examinar estas variantes nos seus proprios logares, não poderá deixar de ver

¹ Veja a minha nota de pag. 77 n'esta *Introdução*.

² Aliás 1819. Foi equivoco de Gomes Monteiro.

que uma parte d'ellas deve considerar-se como emendas typographicas; a outra parte não pôde attribuir-se senão a *um revisor de provas falto de estudo e de intelligencia*, e só uma muito pequena merecerá a approvação do leitor sabio! — Se o leitor quizer avaliar a sciencia e consciencia d'esta affirmação, pôde lançar os olhos ás variantes condemnadas com tamanho desprezo pelo nobre editor, e convencer-se-ha que todas ellas, menos tres, são justas emendas de erros da primeira edição.»

Em vez de não se dar por convencido, como Silva Tullio, com a memoria escripta pelo sr. Mablin. Gomes Monteiro applaude-a, acha-a admiravel de subtileza e rigor philologico: «É um trabalho completo que deve ser lido por todo o amador dos *Lusiadas* que quizer conhecer a superioridade da segunda edição de 1572 sobre a primeira».

XXI

No mesmo anno em que se publicou a edição Biel, e tambem para celebrar o terceiro centenario de Camões, appareceu no Porto um volume de 87 paginas, intitulado *A primeira edição dos Lusíadas*, por Tito de Noronha¹. Entre os escriptores que me

¹ Eu tinha as minhas annotações quasi terminadas (em abril de 1886), quando me occorreu consultar os peritos da imprensa nacional. Por essa occasião me perguntou o meu amigo sr. conselheiro Deslandes se eu tinha lido o estudo do sr. Tito de Noronha; e como eu respondesse negativamente, disse-me que não deixasse de o ver. Não o achando em Lisboa, pelo menos nas lojas onde o procurei, e vendo-o annuciado n'uma livraria do Porto, da praça de D. Pedro, n.º 24, escrevi ao meu amigo Albino Leite de Campos, pedindo-lhe

precederam no estudo d'este assumpto, penso que o sr. Noronha é o unico que acredita que a edição dos *Lusiadas*, tida até agora como segunda, seja a primeira; e que a considerada primeira, é a segunda. Esta é tambem a minha opinião, comquanto se apoie em argumentos mui diversos dos d'elle. Para não repisar tanto a mesma materia, transcrevo do seu trabalho apenas o que me parece mais essencial. Diz, a pag. 20:

«A paginação é igual, mas não é igual o olho do typo; n'uma, nos *st* ligados o *s* não excede o olho da letra; na outra, o *s* tem a fôrma do *f* sem travesão; n'uma os *CC* versaes descem abaixo do olho da letra, contornando interiormente a letra que se lhe segue; na outra os *CC* terminam na linha inferior do olho da letra; além d'isso, os reclames não estão justamente em pontos iguaes nas duas edições, bem como ambas são differentemente espacejadas em mais de um ponto.» — «... O que é certo, é que da mesma fôrma não podiam ter saído as duas edições, que são dessimilhantes, não só sob o ponto de vista litterario, mas typographico.»

A pag. 21 e 22 reproduz as opiniões de não serem as duas do mesmo anno; do livro não ter sido grandemente considerado; apoiando-se na magreza da tença, para demonstrar que nem a côrte nem o público o tivessem recebido com favor; de não ser a occasião muito asada para empreendimentos litterarios, por causa da peste, etc. A pag. 23 dá como

o favor de o comprar e de m'o remetter; o que elle fez immediatamente.

Não só me não arrependi de similhante leitura, como tive muito gosto, sabendo por ella que a minha opinião se encontrava com a do sr. Noronha, ao qual todavia cabe a prioridade de ter publicado primeiro a sua.

rasão de não se ter feito mais do que uma edição, em 1572, o afastar-se o poema, na sua linguagem e estrutura, do periodo em que era publicado; crê que os contemporaneos o guerrearíam litterariamente, e que seria obra pouco accetavel para elles e menos digna de leitura. Julga ver nos versos de Bernardes e outros, como já víra tambem Evaristo Leoni e diversos escriptores antigos e modernos, allusões a Camões, nas pag. 24 e 25; e cita esses versos¹.

Infelizmente, o sr. Tito de Noronha funda tambem grande parte da sua convicção na improbabilissima amisade de Manuel Corrêa, para corroborar a sua opinião, quanto á chamada *segunda* edição. Assevera que a de Corrêa reproduz esta, o que é manifesto engano, como irei provando n'este trabalho. E todas as suas considerações, desde o fim da pag. 47 até á 52, afiguram-se-me inconsistentes.

XXII

Voltemos, porém, á questão das duas edições.

Mais atraz (pag. 17 e 18), tratando da diversidade d'ellas, tinha dito que «as differenças que porven-

¹ A pag. 37 deve corrigir-se um notavel equivoco. Escreveu o sr. Noronha: «O entusiasta editor da famosa edição de París, 1817, apartando-se do caminho seguido pela maioria dos editores antecedentes, não accitou o texto de Faria e Sousa, nem as correcções de Barreto Feio», etc. Barreto Feio só publicou a sua edição em 1834; não era portanto possivel que D. José Maria de Sousa Botelho podesse seguir-lhe as correcções em 1817. Ponho aqui esta nota, não como censura, mas para que outros não citem erradamente o facto. Só quem lida em taes trabalhos é que pôde avaliar a facilidade com que se incorre n'estas pequenas faltas.

tura se possam encontrar em exemplares semelhantes provém de se terem baralhado cadernos, ou mesmo folhas, dos dois exemplares, ou mesmo de se haver entresachado em exemplares incompletos quaesquer folhas de edições posteriores e parecidas. Por esta fórma, duas edições podem parecer tres ou quatro, e mais até, por não conferirem exactissimamente em todas as suas folhas, comquanto apparentem um todo commum».

A ultima opinião é plausivel; a primeira, não me parece. Como se podiam baralhar cadernos ou folhas, sendo as duas edições feitas, segundo a sua opinião (pag. 18 e 80), com treze annos de intervallo? E como se reuniriam essas folhas, dado que por qualquer circumstancia, muito improvavel, existissem, se, como quer o distincto crítico, a impressão fosse feita por editores differentes e em annos tão distantes um do outro? Mais natural, certamente, é terem-se recomposto exemplares de uma, mais ou menos estragada, com restos ainda aproveitaveis da outra. Os dois exemplares do sr. Fernando Palha teem, por exemplo, os alvarás e a licença do santo officio perfeitamente irmãos, sem discreparem em cousa nenhuma; isto é: *trazem ambos o alvará e licença que estamos costumados a achar na supposta segunda*, com a data xxiiij de setembro, e não *vinte e quatro dias do mez de setembro*, por extenso, como lê a supposta primeira. Typo, e collocação da assignatura, tudo é igual. Mas a pagina, onde começa o poema, é já inteiramente distincta, correspondendo perfeitamente ambas as edições ás suas respectivas congeneres, como verifiquei por differentes vezes na bibliotheca nacional.

Acceitado este facto, de se completarem exemplares de qualquer das duas com folhas de outras do

mesmo anno, perguntarei se elle responde a todas as minhas dúvidas—sobre se não haverá mais nenhuma edição, além das duas, com data de 1572?—Francamente, não responde¹.

¹ O sr. Noronha equivocou-se, dizendo (pag. 51) que a lição de Manuel Corrêa é o «texto genuino da que elle co.ihceou em vida do auctor». Ha notabilissimas differenças entre ellas. Para não alagar tudo com citações, bastará mencionar a substituição dos quatro versos que o mesmo sr. Noronha transcreve a pag. 48; e provar-se, como adiante se ha de ver, que quem quer que fez essa edição, adoptou, inconscientemente, versos corrigidos, que não estavam em nenhuma das que trazem a data de 1572*. Já demonstrei igualmente o credito que merece a *saida* de Corrêa pela *honra do amigo*, em virtude do apparecimento da primeira edição dos jesuitas. Suppondo que Corrêa viveu até 1611 ou 1612, e que escrevesse os seus commentarios em vida do poeta, se é d'elle a falla ao leitor, e se n'ella não faltasse á verdade, dando-se por amigo de Camões, sem nunca o haver sido, mostrou-se verdadeiro *amigo de Peniche!* Deixou passar ainda vinte e seis annos, sobre a publicação da dos *piscos*, sem sair pela honra de Camões?!

Dado que eu tivesse a mesma confiança, que mostra o sr. Noronha, na lealdade de Manuel Corrêa, estou muito longe de a ter na boa fé de quem quer que fez a edição que se publicou com o seu nome. Mas o auctor d'esse livro, não só não falla em primeira nem segunda edição dos *Lusíadas*, como em cousa nenhuma de interesse, que diga respeito á vida de Camões.

A pag. 84, diz ainda o sr. Noronha, que a edição clandestina fôra feita «em epoca proxima da da edição adulterada (dos *piscos*), para poder concorrer com ella, embaraçar-lhe a venda», etc. Isto é inteiramente inadmissivel, porque são de formatos differentes.

* Quem quizer ver as numerosas *emendas*, ou variantes, introduzidas na edição dita de Manuel Corrêa, não tem mais do que ler as notas de José da Fonseca, na sua edição de Paris (1846); e ali verá a cada passo a declaração de que este ultimo editor adopta todas, ou quasi todas essas lições. Na presente edição, cito-o tambem muitas vezes, ainda que nem todas as correções que Fonseca lhe attribue, sejam do auctor dos commentarios. Mas por tudo isto se verá que essa edição não é o texto genuino da segunda, nem de nenhuma outra, tendo até muitos versos errados.

São muito curiosas e interessantes algumas das considerações que faz o sr. Tito de Noronha, n'este estudo; mas, aquellas que viriam ao meu proposito, reproduzem argumentos já extrahidos por mim de outros criticos, por isso as não transcrevo¹. Concordo com elle em que a edição tida até aos nossos dias por segunda, deve ser a primeira; que no anno de 1572 se não fez mais do que uma; que a que nós ambos considerâmos segunda, é uma contrafeição; que se esta fosse feita pelo auctor, não se limitaria ás insignificantes emendas que ali apparecem; que a *nossa* primeira é a mais correcta, e a que mais probabilidades teria de ter sido feita sob as vistas do poeta, se acaso este revisse alguma, o que não creio.

Discordo em todos os demais pontos da sua crítica, e especialmente n'aquelle em que assevera que a contrafeição se fez em 1585, devendo contar-se como segunda edição a primeira dos jesuitas. Para que a do texto supposto não mutilado, fosse «como que um protesto ás injúrias que a censura lhe fizera», não devia ser furtiva. O facto de se publicar em 1591 a segunda dos jesuitas, attesta que esse protesto se não deu, vendendo-se a primeira dos padres sem concorrência, no espaço de cinco a seis annos, segundo as datas das licenças. Nem se julgue que invalida este parecer a asserção do sr. Noronha de que o impressor podia fazer segunda edição, dentro dos dez annos (de 1572 a 1582) «visto que para isso tinha privi-

¹ Advirto que, não sendo minha intenção referir-me ou citar todos os escriptores portuguezes que teem escripto sobre Camões, limito os meus reparos unicamente áquelles que se occuparam dos mesmos assumptos de que eu me occupo. Não vá alguém tomar como falta de consideração, o que não é senão uma lei imposta pelas conveniencias do meu trabalho.

legio». Poderia; *mas não sem novas licenças da inquisição, e do ordinario*; e se a reimpressão foi feita com intenção criminosa, como tudo parece proval-o, é claro que aquella reflexão cáe por si mesma. Similhante edição não se deve aceitar senão como clandestina. Portanto, em vez da nobre origem que lhe attribue a boa alma do sr. Tito de Noronha, ella representa, pelo contrario, uma violação do direito de propriedade litteraria, que n'aquelle tempo era garantida pelo privilegio real. Mesmo admittindo a hypothese do sr. Noronha, em 1585, vivia ainda a mãe e herdeira do poeta, que seria a verdadeira victima do roubo.

Vê-se, pois, de tudo que deixo dito, que o voto de Silva Tullio é insustentavel. Todos crêem na existencia de duas edições, pelo menos, com a data de 1572; e parece-me que as tabellas das differenças testemunham, irrecusavelmente, essa existencia. Ponghamos portanto de parte as probabilidades, aventadas por varios críticos, ácerca da pobreza com que foi feita a primeira edição, e das circumstancias que a motivaram: se o auctor a fez por sua conta, se a venderia a qualquer editor, e se fôra composta á vista do manuscripto original de Camões, ou por qualquer cópia, já adulterada¹. Muitas vezes, n'estes estudos, terei occasião de voltar ao mesmo assumpto.

¹ D. José Maria de Sousa Botelho diz, na pag. xiii da sua edição de Paris (1819), referindo-se á supposta primeira, de 1572: «... não ha uma estancia, uma pagina, em que não se reconheça ter sido feita a impressão sobre o manuscripto de Camões». Mas não ensina por que processo reconheceu isto. Affirma, unicamente, que tal factó seria «evidente a todo o homem versado em litteratura, e na lição da boa poesia, examinando os exemplares d'este original de 1572», que elle tinha presente. Estudei profunda e attentamente esse original; e confesso que nada descobri que me elucidasse, provavelmente

Infelizmente, tudo é conjectural no que se tem dito até hoje; e, por consequencia, no que eu tambem vou dizendo. O caso está sómente em que umas conjecturas possam assentar em raciocinios que pareçam de mais peso do que os que serviram de fundamento á critica de outros escriptores. Que o leitor desapaixonado julgue e sentencieie o pleito.

XXIII

Mr. Mablin, escrevendo nove annos depois da primeira edição do morgado de Matheus, crê n'uma segunda, *corrigida por Camões*; e pergunta: «Como póde suppor-se que Camões, livre de cuidados, cheio de saude, lisonjeado pelo acolhimento que o publico fizera ao seu poema, não vigiasse a reimpressão que se fazia, quasi debaixo das suas vistas, e consentisse que mão estranha tocasse na obra que devia levar-lhe o nome á posteridade?¹»

E em que se apoiou o sabio francez para acreditar que se a reimpressão dos *Lusiadas* tivesse sido feita pelo auctor, este se limitasse ás ridiculas e quasi frivolas correcções, que vemos na supposta segunda?

porque não sou bastante «versado na litteratura nem na lição da boa poesia»; mas qual será a rasão por que succede o mesmo a todos os que não seguiram aquella singularissima opinião do morgado, embora muitos d'elles estejam bem no caso em que eu confesso não estar? Talvez porque o numero dos obtusos e ignorantes é immensamente superior ao das pessoas que teem segredos particulares para conhecer que *a impressão dos Lusiadas foi feita sobre o manuscripto original de Camões*. Em vista de taes obcecações, que resultado se poderá colher do estudo d'estes criticos?

¹ *Lettre à l'académie royale des sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades*, Paris, 1826, pag. 2.

Acaso deixaria ficar sem resposta os votos emittidos pelos seus contemporaneos, embora estes os não escrevessem ou as suas opiniões não chegassem ao nosso tempo? Não lhe manifestariam alguns d'elles, seus amigos intimos, quaesquer dúvidas, sobre logares pouco intelligiveis do poema? Não mudaria n'este centenaes de versos, refundindo oitavas, e talvez que até cantos inteiros? Não substituiria muito, como Faria diz que fizera na primeira edição, quando falla das suppostas estancias omittidas? Acaso um poeta da sua esphera se daria por satisfeito, julgando ter attingido a perfeição, em vez de emendar, diminuir, ampliar e esclarecer todos os logares que o precisassem, na segunda? Parecerá demasiada ingenuidade admitir tal absurdo.

Quem desprezou (se são d'elle, e se as desprezou realmente) tantas estancias, como as que achou Faria, excluindo-as do texto da sua obra, refundiria, infallivelmente, esta, em muitas partes; e, embora não podesse explicar satisfactoriamente as lacunas, resultantes das amputações fradesco-inquisitoriaes, não deixaria, comtudo, de alumiar o seu quadro, onde fosse conveniente fazê-lo; e de melhorar tantos versos, que eu tenho quasi dúvida de acceitar agora como filhos do seu altissimo engenho.

Ao contrario do que pensaram o morgado de Matheus, Mendo Trigoso, Mablin, Gomes Monteiro e outros, eu creio que a edição que elles julgaram primeira, não é senão a segunda; emquanto que esta, considerada a mais correcta, foi a primeira impressa; mas, *provavelmente*, tambem não seria feita sob as vistas de seu auctor.

Quem reflectir bem em todas as circumstancias, que devemos suppor que se deram, no espaço de tempo que decorreu durante a composição d'esta

obra-prima, custar-lhe-ha a convencer-se de que o grão cantor a desamparasse, no dia supremo da victoria. Levára-a comsigo de Lisboa para a India, afim de ir gravando no aço puro d'aquelle novo escudo de Eneas os feitos heroicos de uma grande raça, já semi-extincta; cobríra o peito, nos combates, com essa egide gloriosa; burilou-a, com intenso amor da patria, nos remotos confins da Asia; deu eterna celebridade á gruta de Macau, onde os seus carnes parecem ouvir-se ainda resoar através dos seculos; resolvêra perecer com o seu thesouro, nas margens do Mecon, se não pudesse salvál-o; gastára longos annos, e todas as potencias da alma, n'um immenso esforço de memoria, para restaurar os cantos, apagados n'esse naufragio cruel pelas ondas do mar da Cochinchina; e, restabelecido o livro sagrado do nosso culto (se bem que talvez com parte das lacunas que ainda hoje nos parece ver-lhe), tivera a ventura incomparavel de o trazer á ditosa patria, sua amada! Mas, antes que a luz se acabasse aqui com elle¹, ao cabo de dezeseite annos de constancia, repentinamente, por qualquer simples contrato, perdido o amor da gloria e da honra portugueza, que eram a sua fé, o seu lábaro, a sua vida, deixál-o-ia cair, estupidamente, nas mãos de um editor ignaro, de um impressor semi-analfabeto, para que completasse os estragos da agua salgada, e os dos inquisidores, no acto solemne de o mandar á posteridade!

Não parece crível.

¹ «Esta é a ditosa patria, minha amada,
A' qual, se o céo me dá que eu sem perigo
Torne, com esta emprêsa já acabada,
Acabe-se esta luz ali commigo.»

E, se tal aconteceu, como eu por vezes penso, Camões estava gravissimamente enfermo.

Que importa que os auctores não estivessem costumados n'aquelle tempo a rever as provas dos seus escriptos, ou que não as soubessem corrigir? Como se ha de acceitar, sem invencivel repugnancia, a opinião de que o poeta, o patriota inexcédível, desamparasse inteiramente essa porção da sua propria alma? Que não fosse ver, todos os dias, como se compunha cada folha saída do livro do seu coração? Que não tropejasse, fremente de indignação e colera, vendo-a tão maculada dos mais torpes erros, que elle não tinha commettido?!

Ora, se isto custa a admittir-se, com relação á *primeira, legitima* (e não á que até ao sr. Tito de Noronha nos davam como tal, e que saiu tão deturpada e defeituosa), como se ha de acreditar que o auctor presidiria á reimpressão da segunda, *verdadeira*, muito mais errada do que aquella?! É absolutamente inaceitavel.

Se a tradição vale alguma cousa, ella nos dá o poeta, não feliz e com vigorosa saude, após a publicação da sua obra, como quer o sr. Mablin; mas doente, cansado de trabalhos e de affrontas, desilludido, humilhado com a miseravel tença de 157000 réis, em premio de tamanhos serviços. E não seria, de certo, n'este estado, nem com tal disposição de espirito, que iria rever, para segunda edição, o sublime poema; salvo se só tivesse em mente provar aos vindouros, que era tão ignorante em rever provas, como em conservar uniformidade nas regras da orthographia¹.

¹ Eu não posso admittir que exista orthographia, dita camoneana, como alguns querem. Os erros de uma e de outra das

Mas não podia ser essa a intenção de quem nos legou os *Lusiadas*, onde se zela tanto a honra portugueza, como o nome do cantor, que a celebrava.

A segunda edição do poema, não é, pois, senão uma contrafeição da primeira. Saiu tanto mais incorrecta, quanto maior foi a ignorancia dos que a tentaram subrepticamente, com a intenção criminosa de roubar a mãe do poeta, provavelmente no mesmo anno de 1580, em que falleceu seu filho; ou ainda no de 1579, adquirida a certeza prévia de que elle se não levantaria mais do seu leito de tormentos.

Que outra rasão poderia haver para este crime, porque evidentemente o foi, senão aquella? Os motivos, allegados por varios criticos, sobre difficuldades da censura, parecem-me graciosos. Taes difficuldades não provinham, em geral, senão das imprensas, por falta de typo, ou por quaesquer outras circumstancias, que ainda hoje se repetem com frequencia. Pelo facto de lermos, por exemplo, na edição de 1597, que as licenças trazem a data—a do santo officio, de 15 de novembro de 1594, e a do ordinario, de 30 de dezembro de 1595, devemos concluir que era das licenças que provinha a demora? Pela propria leitura d'ellas se vê que, longe de existirem dúvidas (quanto a esta edição), houve a maior benevolencia e bons desejos da parte de todos os censores¹.

primeiras edições são da responsabilidade exclusiva dos typographos ou revisores; do contrario, chegaríamos ao absurdo de que o poeta, que reformára a lingua, não sabia escrevê-la.

¹ É muito para notar-se um pormenor interessante, na do santo officio. Diz o censor, fr. Manuel Coelho: «Vi estas obras de Luiz de Camões, *as quaes foram já muitas vezes impressas e emendadas*», etc. Tratando-se da que, *officialmente* (não contando a subrepticia), conhecemos por quarta edição, e demonstrando o parecer do padre que este não era tolo, é

Parece-me clarissimo que, mediando ainda dois annos, desde a concessão das licenças até á publicação da obra licenciada, os embarços para a sua publicação não podiam, sobretudo n'este caso, provir da censura. Porque não aconteceria o mesmo, com relação ás duas primeiras edições? E, dado que alguma demora tivesse havido na impressão da primeira, em que a censura fez os terriveis estragos que opportunamente irei notando, não havia já motivo para se dificultar a segunda. Os córtes, que quizeram fazer-lhe, fatalmente se executaram; e, visto que seu auctor não ousaria restituir o texto á sua primitiva pureza, e que não lhe vemos um só verso mudado, uma unica emenda, que tenha importancia e valor decisivo, porque havemos de suppor que a que nos dão por primeira, não seja a segunda? A clandestina?

XXIV

Mas, se se teima em seguir este falso raciocinio, repare-se até onde elle póde levar os que o fazem. Parece-me bem frisante o exemplo citado, de que os impedimentos para a contrafeição não podiam provir da censura. Sendo assim, e julgando-se unanimemente que a segunda foi feita com intento de se confundir com a primeira, pelo menos aos olhos do leitor ignorante: porque tem o mesmo numero de

claro que não podia, referindo-se unicamente *às tres* anteriores (ou mesmo ás quatro, contando-se aquella), dizer, *com propriedade*, que *já tinham sido impressas muitas vezes*. Parece portanto accentuar-se a opinião de que houve, pelo menos, *mais algumas*, além d'aquelle numero, antes da de 1597, que não chegaram ao nosso conhecimento.

paginas, o mesmo formato, typo e papel semelhantes, tudo, enfim, quanto podesse illudir os compradores—teremos Luiz de Camões connivente n'uma burla!¹

Quem avalia, pelo estudo dos seus versos, as suas tendencias moraes, a unidade e homogeneidade do seu nobre character e do seu altissimo espirito, não pôde admittir similhante hypothese². Portanto,

¹ Diz Sebastião Trigoso, no *Exame critico das primeiras cinco edições dos Lusíadas* (pag. 28), segundo já fiz ver atrás, que o caso estava em não se dar pelo lôgro porque «houve tenção determinada de que ella parecesse a mesma, ao menos aos olhos das pessoas, que não passam além da superficie dos objectos». É natural perguntar-se:—Que interesse tinham esses ignorantes em conhecer o lôgro? Se não havia inconveniente em que a gente illustrada desse pela fraude, não se percebe o fim com que esta foi feita! Se para illudir os que concediam as licenças, estes seriam os primeiros a inteirar-se d'ella!

² «A biographia do artista está sempre nas suas obras: a biographia de Camões encontra-se nos *Lusíadas*. Da primeira á ultima das estrophes está registada toda a serie de crenças e de pensamentos que lhe formaram a vida, a vida que, como o poema, se abre entusiasta, ardente, forte, e termina triste, desanimada e sombria. Sombria, como o foi a morte do poeta, que coincidia com a morte da sua patria. Esta é a verdadeira e fertil biographia, a do espirito, onde a alma pôde ir encontrar lição, incitamento e tempera bastante para não estalar ao embate das vicissitudes da vida...»—«É certo que as vicissitudes da vida influem no movimento interior do espirito, e que para o explicar cumpre conhecê-las: mas é tambem certo que na troca de força activa que se dá reciprocamente, o character, o genio do individuo importa muito mais para determinar os actos da vida, do que estes para determinar o primeiro. Assim me parece que estudar e determinar o character é o meio mais seguro de conhecer a biographia; e é pela successão e sequencia de sentimentos, que um e outro se nos patentearão.» (Oliveira Martins—*Os Lusíadas, ensaio sobre Camões e a sua obra*, etc. Porto, 1872, pag. 39 e 40.)

quer seja uma, quer outra, que se deva considerar primeira d'estas duas edições, é indubitavel que uma d'ellas se fez com fim criminoso, e que Camões foi inteiramente estranho á sua feitura.

Reconheço que não se póde sustentar discussão séria sobre orthographia portugueza, que n'aquelle tempo não tinha (como ainda não tem hoje!) regras fixas. Todavia, parece-me improvavel que o poeta, mestre como era em tudo, não tivesse adoptado desde logo, segundo usou o seu émulo Garrett, no começo da sua carreira litteraria, um systema unico, melhor ou peor que o dos seus contemporaneos. Mais que qualquer outro, elle devia saber e sentir quaes eram as tendencias e indole da lingua, cujos dominios alargou immensamente, para regularisar-se. Vemos, comtudo, sensível differença, como já atraz notei, entre as duas edições, sobretudo nas terminações dos verbos no preterito imperfeito: uma escreve, por exemplo, *edificaram* e outra *edificarão*; além de outras variantes, não menos extraordinarias¹.

Se isto não indica, claramente, que o poeta foi estranho á segunda edição, prova, até á evidencia, que não assistiu á impressão de uma d'ellas: aliás, igualaria a orthographia. E devemos suppor que se alguma se fez debaixo das suas vistas, não deve ter sido a menos correcta. Oppondo-se do mesmo modo

¹ Ha hoje «artes» que ensinam a escrever d'esse modo; e não pouco me tem custado a repellir os maus fructos d'aquella semente do absurdo. O ensino official adopta e approva toda a casta de grammaticas que se lhe apresentem, ainda que estejam em opposição entre si. Os funestos resultados d'esta *liberdade* são embrulhar e baralhar tudo cada vez mais; de modo que não falta quem diga que as suas reformas são, em geral, para confundir e não para esclarecer.

a minha rasão a conceder que tão egregio espirito se associasse a um lôgro, feito a quem quer que fosse, rejeito absolutamente a idéa de que elle tivesse parte na segunda legitima, *seja ella qual for*.

Repito, portanto: essa edição só pôde ter sido feita depois ou proximo ao tempo da sua morte, e com o intuito de roubar a sua herdeira. E como não ha ninguem n'este mundo que me possa convencer de que Luiz de Camões faria a segunda edição dos *Lusiadas*, sem lhe mudar um unico verso, estou profundamente convencido de que a mais correcta foi primeiro impressa.

Pelas reflexões de alguns críticos, que me precederam, e segundo as minhas proprias, julgo duvidoso que no mesmo anno se vendessem duas edições. O tempo provavel, que levava a consumir cada uma orçava por cinco, seis, sete, até oito annos, segundo se apura da historia das que conhecemos. Hoje mesmo, que se lê muito mais, é necessario que qualquer obra agrade excessivamente, para que se venda em menos tempo uma tiragem de dois mil exemplares, como talvez seria a primeira dos *Lusiadas*. Calculando-se, como successo memoravel, o seu apparecimento, não deve esquecer-se que a maior somma de consumidores pertencia aos conventos, onde residia, em geral, a população illustrada; e que estes compravam um, ou, quando muito, dois exemplares, para as suas respectivas livrarias. As ordens religiosas eram numerosissimas no reino; mas nem todas tinham o mesmo grau de saber. Dêmos, porém, de barato que no primeiro anno se vendessem mil, e no segundo quinhentos exemplares, repartidos por todas as classes sociaes, que possuissem sufficientes luzes para entender aquella obra-prima de poesia. Attenda-se a que faço o calculo mais

favoravel: que auctor se gabará ainda hoje, entre nós, de semelhante consumo? As obras de Garrett e de Herculano, que respondam.

E advirta-se tambem que, agora, além da enorme vulgarisação dos conhecimentos, facilitada pelas communicações quasi diarias com outros paizes, temos em Portugal todos os meios possiveis de relacionar entre si as diversas povoações do reino, que então viviam quasi incommunicaveis, por falta de boas estradas, impedindo por isso a diffusão das idéas. O frade e o jesuita dominavam, como senhores absolutos, sobre populações ignorantes; e é bem sabido que não se empenhavam em as pôr em condições de se instruirem e de se emanciparem da sua tutela nefasta.

Os quinhentos exemplares, restantes da primeira edição, ficariam, pois, longamente esquecidos, ou pouco menos, nas estantes do livreiro, concedendo-se que estes calculos se não afastem muito da verdade. E sendo assim, dentro do praso que supponho necessario para se espalharem os primeiros mil e quinhentos, attingiria el-rei D. Sebastião a idade dos vinte annos.

A leitura do poema exerceria, talvez, no seu espirito poderosissima influencia, sem que elle ousasse confessal-o, não só pelas tendencias fanaticas, herdadas de seu avô, como pelo receio dos seus mentores jesuitas, naturaes inimigos do poeta¹. Um de-

¹ Francisco Evaristo Leoni, na sua obra *Camões e os Lusitadas* (pag. 158) diz que é de presumir que Camões alcançasse entregar um exemplar do poema nas mãos do soberano a quem o dedicava (o dirigir-se, na invocação, ao reinante, não é dedicar-lhe o livro); mas não acredita que este jamais o lêsse. «Muito menos podemos admittir, como insinúa o sr. vis-

sejo ardente e invencível de gloria, que sabemos ter-se apossado da alma d'este principe, não podia ser-lhe inspirado senão pela assidua leitura do livro, que tornára immortaes os seus antepassados. Pensaria o ambicioso moço em igualál-os, se não em excedêl-os; e tentou a empresa, não louca, segundo alguns querem, mas loucamente preparada como disse Garrett, de fundar um vasto imperio no coração da Africa¹.

conde de Juromenha, fundando-se n'uma ficção poetica de Garrett, que Luiz de Camões fosse chamado ao paço para ali o recitar (recitar?!).—No dominio da historia deve rigorosamente proscrever-se o que é só proprio e admissivel no romance» (mesma pagina 158). Tem rasão; mas, em vista de um tal rigor, e não sendo licito esperar-se que elle trouxesse á vida do poeta especies novas, baseadas em documentos irrecusaveis, porque romanceia como os outros, fundando-se em conjecturas, e encostando-se tambem á supposta amizade de Manuel Corrêa?!

Se algum dos chronistas de D. Sebastião mencionasse o facto do chamamento do poeta ao paço, para ler (e não recitar) o seu poema, não se estaria tres seculos á espera da vinda d'este critico, para fazer similhante descoberta. Quem não duvida dar voga a uma nota, posta por José da Fonseca, á est. 99 do canto v, da sua edição de Paris (1846), não tem direito de censurar os que o precederam, e lhe eram immensamente superiores pelo talento.

¹ O auctor atraz citado, escreveu (em nota a pag. 156), que «Garrett, n'uma nota ao acto 2.º do drama *Fr. Luiz de Sousa*, diz que a *invocação a D. Sebastião nos Lusíadas*, parece *escrita depois da primeira jornada d'el-rei á Africa*.—É o maior e o mais remontado disparate que se ha impresso desde que ha letra redonda.—A primeira jornada de D. Sebastião á Africa foi em 1574, e os *Lusíadas* saíram á luz em 1572. Como é, pois, que a chamada invocação, que outra cousa não é senão *exhortação*, se imprimiu dois annos antes de poder ser composta?»

Faz pena que este homem erudito, que nem sempre entendia bem o que lia, caísse, talvez por inveja ou odio politico,

Dos dezoito aos vinte annos, a idade dos sonhos prodigiosos e das phantasias para que não ha impossíveis, foi affeiçãoando os animos á sua idéa, que em 1574 poz em execução, fazendo a primeira viagem.

De volta á patria, em vez de diminuir com a dura experiencia dos primeiros desenganos, os seus projectos tomaram mais largo vôo. Animado por inspirações diversas, entre as quaes não faltaria tambem acaso a de perfidos conselheiros, fatalmente caminhou aquelle principe direito á sua ruína e á da nação inteira. Despovoou-se o reino, para correr ás armas, atraz de uma creança caprichosa; mas, como o genio da epocha era essencialmente guerreiro, e tão grandiosa tentativa fallava a todos os corações, ninguem reparou na juventude do chefe.

Quem pensaria então em comprar versos, quando o dinheiro era indispensavel para atavios militares? Camões devia sem dúvida ser popular, como soldado e como poeta; mas não estava em cheiro de santidade com o rei, que lhe preferia Bernardes, simples versejador — se houvermos de comparál-o com o éstro gigante do auctor dos *Lusiadas*; e os cortezãos não podiam festejar quem não tinha o real agrado¹.

em fazer esta accusação absurda. Nunca se teria atrevido a ella, em vida de Garrett, sob pena de ficar achatado por este como um bôlo! Dizer que «parece escripta», está muito longe de ser o «remontado disparate», que Leoni suppõe. Chamar-lh'o, é que se me afigura asneira grande. A «invocação» (como todos os escriptores dizem, e não «exhortação») fôra tão bem feita, e tão a proposito, *que parecia feita depois da primeira jornada do rei á Africa*. Isto é o que quiz dizer Garrett; e o que realmente disse, para todos os que o entendem.

¹ É possivel tambem que a este tempo já o poeta estivesse inteiramente impossibilitado por graves doenças.

XXV

Partido o rei, e sobrevinda a tremenda catastrophe, Camões caíria, temporariamente pelo menos, no esquecimento. Todas as forças do estado se afundaram, subvertidas nos areiaes de Alcacer-Kebir. Em Portugal só ficaram legiões de mulheres, de creanças e de velhos, não contando os frades nem os jesuitas, para chorar tanta intrepidez e tanta gloria, imprudentemente malbaratadas. Ferido no mais íntimo, em todos os sentimentos de patriotismo e de amor que o prendiam á terra do seu berço; vendo aniquiladas para sempre todas as suas mais caras esperanças; contemplando essa vasta multidão de figuras luctuosas, que vagueavam ao acaso, como sombras errantes, pelas ruas da sua perdida Sião, cederia tambem ao peso de tão extraordinarias desventuras; doente, talvez desde o começo da impressão dos *Lusiadas*, de que outrem se encarregaria, retomou o pobre leito, d'onde nunca mais poderia erguer-se.

Se é verdadeira a noticia que chegou até nós de seus ultimos infortunios, restava-lhe um só amigo na terra dos vivos, que pelas sombras caladas da noite esmolava para elle e sua infeliz mãe o pão amargo da caridade!

Porque é que Manuel Corrêa, se tivesse sido seu amigo, não nos contaria este e outros pormenores? A tradição de que o poeta acabára miseravelmente, n'um hospital, vogava já nos fins do seculo XVI; porque nos não diz nada a tal respeito, senão porque realmente nada soube (elle ou quem usou do seu nome), e não se atrevia a aventurar opinião alguma, com medo de ser desmentido, se publicasse os seus

commentarios, por quem realmente conhecesse a verdade?!

O amigo, unico, do maior poeta das Hespanhas seria portanto o humilde jáu, aquelle que — se não mente um dos escriptores que figuram nos commentarios de Corrêa — lhe pedia alguns maravedis para carvão, e elle não os tinha para lhe dar!

Não tinha; porque a cidade, e o reino todo, celebrados nos seus divinos versos, estavam tão desgraçados como o seu cantor! Os campos jaziam incultos, em grande parte, por falta de braços; o commercio esterilisa, pela ausencia de gente válida, assim como as artes e as poucas industrias que entre nós existiam; as riquezas da India, que na verdade eram grandes, — na posse das familias nobres — sonegavam-se — parte, pelo egoismo dos possuidores, receiosos de um futuro que só promettia desditas; e parte para irem saciar a cobiça e avidez formidavel dos moiros, no resgate dos captivos, que, em geral, regressavam á patria, para se venderem a Castella, pelo mesmo preço por que os parentes os haviam resgatado aos africanos.

Abriu-se em Lisboa mercado para a honra portugueza, durante o curto e funesto reinado do fraco rei D. Henrique. Nem os proprios heroes do oriente, capitaneados outra vez por D. João de Mascarenhas, desdenhavam o oiro de Philippe II!

Camões, estorcendo-se n'uma dolorosa agonia de dois annos, presenciaria do seu humilde catre todo esse infausto e crudelissimo vilipendio. Seria então, vendo-o assim na miseria extrema, vivendo de outras miserias maiores, que o seu fiel jáu obtinha das raras almas bemfazejas, que um perfido editor, quem quer que fosse, seguro da impunidade, com a certeza da morte proxima do auctor, reimprimiria, subrepticia-

mente, os *Lusiadas*. E, por suprema irrisão da sorte, ao passo que a fronte augusta do poeta caía no fundo de uma cova, onde se perderiam para sempre os seus restos mortaes, retenia o seu nome na posteridade; saía dos prélos de um ladrão a sua immortal epopêa, roubada á pobre mãe, que lhe sobreviveu ainda alguns annos, e que nem sequer teria então com que lhe mandasse fazer o mais modesto enterro!

Esgotada a primeira edição, proseguiria a venda da segunda, como se fosse ainda continuação d'aquella. Quem daria pelo crime? A quem occorreria levar um exemplar da antiga, para os confrontar entre si, no acto de comprar a moderna? Tendo sidò a exploração feita sem inspirar desconfianças, que importava que depois se descobrisse o dolo? O estado do paiz não permittia que se gastasse o tempo em futilidades similhantes¹. O ultimo rei portuguez era já fallecido tambem; acclamava-se Philippe de Hespanha, que dentro em pouco viria receber as felicitações dos seus *fieis* lusitanos. Voltava, ainda que trazido nas azas do ruim agouro, o periodo das festas e regosijos. E cada um tratava de ver se descobria quem quizesse comprál-o, não regateando no preço por que se vendesse, visto que a excessiva abundancia da mercadoria fazia com que ella diariamente se avariasse.

Que interessava, portanto, em similhante conjunctura, ao curioso que adquirisse um exemplar dos *Lusiadas*, certificar-se da authenticidade da edição

¹ D. Francisco Alexandre Lobo, na sua *Memoria historica e critica ácerca de Luiç de Camões e das suas obras*, descreve, de pag. 68 em diante, o estado deploravel em que estava o reino, desde 1572 até 4 de agosto de 1578, anno em que morreu D. Sebastião, em Africa.

princeps?! Um unico homem se lembrou de Luiz de Camões, e teve desejos de o ver, quando se davam estes derruimentos da gloria portugueza: foi Philippe II, que um anno depois da morte do poeta, julgando-o ainda vivo, viera visitar a capital do seu novo reino!

XXVI

Recapitulando, pois: de nenhum dos auctores que tenho lido, até hoje, cõlho prova alguma que contrarie a minha convicção inabalavel: a edição considerada segunda por todos os críticos (excepto pelo sr. Tito de Noronha) é a que foi primeiro impressa.

Que a por mim considerada realmente segunda se faria dentro do ultimo anno da vida do poeta, quando este não podesse já erguer-se do leito; e só appareceria á venda após a sua morte, ou pouco antes d'ella.

Que esta me parece feita na mesma typographia, com typo absolutamente irmão, differindo apenas nas partes que já atraz ficam indicadas.

Que não se póde admittir a existencia de uma só edição com a data de 1572, pelo factõ indubitavel *de serem duas composições distinctas*, as que conhecemos, e não simples reimpressões de folhas; porque se prova, segundo já fartamente demonstrei, que em todas as folhas de ambas se acham mudanças, desde o principio até ao fim, e que consistem: nas letras maiusculas do começo dos versos; nas letras pegadas ou separadas; no augmento ou falta de virgulas; nas variantes orthographicas; no numero de erros, e em muitas outras pequeninas cousas, que resultam de uma confrontação minuciosa como a que eu fiz,

e da qual vão transcriptos adiante os dois primeiros cantos.

Parece-me incontestavel a natureza clandestina da segunda, visto ser essa a mais incorrecta: quem commette um erro, nunca póde proceder com a segurança de quem obra bem, com justiça e direito; o erro attrahiria os erros: *abyssus abyssum invocat*.

Que Camões não teve parte n'esta ultima, feita com intenção fraudulenta.

Que não podemos associál-o, sem flagrante injustiça, a uma acção dolosa, em vista da incontestavel nobreza e elevação dos seus sentimentos e da austera severidade com que em toda a sua obra fulmina sem piedade o vicio e o crime¹.

¹ No interessante opusculo *Luiz de Camões, notas biographicas*, pag. 77, por Camillo Castello Branco (Porto, 1880: saiu primeiro como prefacio da setima edição do *Camões*, de Garrett) escreveu o preclarissimo auctor: «Se Luiz de Camões, em pureza de costumes, condissesse com a sobr'excellencia do engenho, seria exemplar unico de talento irmanado com o juizo. Não se conciliam as regras austeras da vida serena e pausada com as convulsões da phantasia».

Não se demonstra, por nenhum documento authenticico, o seu provimento no logar de *Provedor dos defuntos e ausentes de Macau*, quanto mais a vaga accusação de peculato, inventada sem dúvida pelos invejosos da sua gloria. Pedro de Mariz, o vilão que o taxou de ingrato, para absolver D. Sebastião, ao qual unicamente cabe a pecha de mal agradecido, não merece o menor credito. Quanto aos peccados de amor, são todos veniaes. Ninguem consagra maior admiração aos variados talentos de Camillo, nem mais reconhecimento pela sua amizade, do que eu lhe voto; mas releve-me a ousadia de lhe lembrar que ainda ha poucos annos foram atroz e infamemente calumniadas pessoas que ambos nós conhecemos e amamos. Se o que se disse da probidade de Garrett, por exemplo, chegasse ao conhecimento dos vindouros, que pensariam elles?! E se o que ainda hoje se escreve, a respeito de alguns homens vi-

Que não apparecendo em nenhuma das edições que conhecemos, de 1572, emenda que auctorise a julgar-se que o poeta levaria até ao fim a reimpressão de uma d'ellas, sem lhe alterar uma estancia, um unico verso — facto absolutamente impossivel de acreditar (appello para todos os poetas presentes e futuros), sobretudo, conhecendo-se tantas estancias omittidas, que se dizem suas — só poderemos, *ra-soavelmente, acceitar, como feita debaixo das suas vistas, se alguma o foi, a mais correcta, a que eu considero primeiro impressa.*

Fica, logica e rigorosamente demonstrado, que, excluida a participação de Camões na segunda, por ter sido feita de má fé, ella não póde ser senão a mais errada¹.

Das circumstancias referidas pelo morgado de Matheus, e por Trigoso, a respeito de outra ordem de differenças, como a do exemplar de lord Holland, e a do que dizia *escraresse*, nada se póde averiguar sem que elles appareçam. Logo veremos novos exemplos, na historia dos *Lusiadas*, de edições semelhantes, com as datas de certos e determinados

vos — e que nós sabemos serem mentiras, inspiradas sómente por odios politicos — fosse ouvido pelos estranhos, não se julgaria que este paiz era uma horrenda caverna de Caco, onde os ladrões grelavam espontaneos como os cogumellos?!

Meu amigo: da leitura dos *Lusiadas*, áparte uma ou outra exuberancia de florescencia poetica, não se colhe senão uma lição admiravel; ensina-nos a ser portuguezes, como o deviamos ser, e não como a politica pequena dos nossos pequeninos corrilhos nos vae fazendo lentamente. Leiamos, pois, todos os dias o immortal poema, para podermos lutar contra esse amesquinhamento diario; e não vejamos no livro senão a grandeza do mestre.

¹ Veja o commentario ao canto II, est. 1, v. 6.

annos. Penso, comtudo, que nunca nos será permitido penetrar a causa d'esses mysterios bibliographicos. Que taes edições não são da mesma tiragem, tenho-o por evidente; porque umas apparecem mais, outras menos correctas, orthographicamente; e algumas até com emendas de versos, que nas outras faltam! Resta, porém, provar-se que sejam do mesmo anno, o que julgo inadmissivel, apesar da identidade das datas, e de tudo mais que se lê nos rostos de cada uma.

Voltando ás de 1572, repito: que não sei se deva ou não julgar-se que houve mais de duas com a mesma data. Sobre estas, que são bem distinctas, entendo que não póde haver dúvidas, *dado que os acrescentamentos que eu fiz nas tabellas das differenças do primeiro e segundo canto (e que attribuí a faltas, no respectivo volume do visconde de Juromenha), não provenham de edições diversas, em vez de serem descuidos*; porque, se tal facto se demonstrasse, eu seria o primeiro a declarar, com a mais ingenua sinceridade, que dava por nullos todos os meus exames, e que, apesar d'elles, não ficára sabendo absolutamente nada a respeito das de 1572, nem de cousa nenhuma que tenha relação com a obra de Camões.

Mas, emquanto isto se não prova, proseguirei com os meus corollarios: a primeira, legitima, de 1572, pelas rasões já ditas, de guerras, saídas do rei para a Africa, etc., só acabaria de vender-se em 1578; a segunda, poderia ter sido extrahida mais rapidamente, pela annexação do reino, que nos tornaria communs os mercados de Hespanha. O interesse de Philippe II pelo poeta, e a facilidade de se levarem os *Lusiadas* para todos os dominios castelhanos, onde a nossa lingua se fallava e escrevia então correctamente (do

mesmo modo que succedia em Portugal e suas conquistas com a dos novos dominadores), davam margem a esta hypothese. E o apparecimento, no mesmo anno de 1580, das duas versões castelhanas, de Bento Caldeira e de Luiz Gomes de Tápia, parece denotar que fôra sobre a que considero segunda que ambos elles trabalharam, sendo esta por consequencia anterior a 1580, talvez de 1579 ou ainda 1578. Como nada sabemos ao certo a respeito do poeta, póde-se tambem conjecturar que qualquer paralytia, atacando-o alguns annos antes da sua morte, se tornaria connivente com os auctores da edição fraudulenta.

XXVII

Sabendo-se, pelos documentos que publicou o visconde de Juromenha, que a mãe de Camões era ainda viva em 1585, como foi que os jesuitas se apossaram da obra de seu filho, em 1584, e fizeram d'ella uma edição mutilada?! Só nos é permittido suppor que n'este anno estaria tambem já esgotada a segunda, falsificada; e insistir ainda na possibilidade de ter sido esta do anno de 1578 ou 79, protestando, pela ultima vez, contra a ingerencia de Camões na sua feitura. Ficam portanto as primeiras cinco, que conhecemos (sem que eu duvide de que houvesse mais alguma), com seis annos, pouco mais ou menos, de intervallo entre umas e outras. A primeira, 1572; a segunda, 1578; a terceira, 1584; a quarta, 1591; e a quinta, 1597. Houve outras? Quantas? Depois da ultima, só Diogo Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, dá noticia de uma, de 1607, que ninguem mais viu; e diz-se que Mendes Leal possuia um exemplar de 1579, o que seria verdadei-

ra maravilha. Esta preciosidade bibliographica virá destruir todos os meus calculos? Como ainda não a vi, nada posso dizer por enquanto¹.

¹ Eis as informações que me é concedido dar a tal respeito. Só no começo d'este anno de 1886 tive noticia de semelhante edição. Esperava que Mendes Leal viesse a minha casa para lhe pedir que m'a mostrasse; mas tendo elle partido para Madrid, sem nos vermos, escrevi-lhe, pedindo-lhe que se tinha lá o livro, o trouxesse comsigo, quando voltasse, para eu o examinar. Respondeu-me, que logo que viesse m'o enviaria immediatamente. Achando-me em Vidago, por occasião do seu regresso, não pude logo perguntar-lhe pela referida edição, nem receber outros livros, que por elle me remetia o sr. marquez de Molins.

Indo para Cintra, em 12 de julho, disseram-me que Mendes Leal estava ainda nas Caldas da Rainha; e só tive certeza da sua ida para Penha Verde, quando os jornaes deram noticia de que elle ali estava gravemente enfermo. Apesar do sacrificio que fazia, como doente, a nossa velha amisade obrigou-me a ir vê-lo. Demorei-me algum tempo á sua cabeceira, contemplando-o, sem lhe dirigir a menor palavra, porque já quasi não fallava, senão com grande esforço.

Depois do seu fallecimento, escrevi ao meu velho amigo Frederico Biester, herdeiro do exemplar citado, pedindo-lhe o favor de m'o confiar, e de procurar os meus livros, vindos de Madrid, que eu não tinha chegado a receber. Dias depois, teve Frederico a bondade de me levar as obras do sr. marquez de Molins; e já antes me tinha escripto, dizendo que não sabia se o exemplar dos *Lusiadas* estava em Lisboa, na bibliotheca publica, guardado com outros livros, ou se em Madrid; mas que, em todo o caso, logo que o recebesse, m'o remetteria. Por occasião da sua visita, fez favor de me confirmar a mesma promessa.

N'este mez de novembro, de 1886, persuadido de que se teria esquecido do meu pedido, mandei lembrar-lh'o; e eis aqui a sua resposta:

«Meu caro amigo:— Ainda não pude encontrar a celebre edição dos *Lusiadas*.

«Em Madrid, onde estive ultimamente com minha irmã, não a achámos entre os livros do Mendes Leal. É possível

A de 1584 é ainda hoje conhecida pela designação de *edição dos piscos*. Quem quer que a dirigia, annotando o v. 2 da est. 65 do canto III,

E a piscosa Ceçimbra, etc.

assevera que o poeta escrevêra assim, porque em *Ceçimbra se reuniam muitos piscos*, etc. Basta isto para dar a medida do estúpido que, talvez de proposito, seria encarregado de alterar o texto do poema. Todavia, parte d'estas *illustrações* foram expungidas da segūnda, de 1591, igualmente attribuida aos jesuitas. Mas não se creia que estes a melhoraram n'outros pontos. Repetem-se aqui as mesmas mutila-

que esteja na bibliotheca; mas o empregado que fez o catalogo dos livros que ali estão depositados, diz tambem que a não encontrou.

«Receio muito que o livro esteja desencaminhado; mas continuarei a fazer todas as investigações para ver se é possível encontrá-lo, e fica certo que t'o enviarei logo que elle appareça.

«Sempre—teu velho amigo do c.=Frederico Biester.

«3 de novembro de 1886.»

Agora, algumas breves reflexões. Como é que possuindo Mendes Leal este thesouro, não disse uma só palavra d'elle nos seus estudos, feitos para a edição Biel? Consta que lhe fôra mandado de presente, por pessoa desconhecida, com uma carta anonyma, dizendo que lhe enviava aquelle mimo um amigo, a quem elle fizera favor grandissimo. Ignoro se isto é verdade; tal facto importa pouco ás minhas considerações. Continuo-as, pois.

É possível que a aquisição tivesse logar depois do seu escripto publicado na edição Biel. Sendo assim, por que motivo me não fallou a mim de similhante preciosidade? Dera-lhe eu conhecimento do meu trabalho, havia muito tempo; e desde o começo do anno passado lhe tinha pedido o favor de mandar procurar por todas as terras de Hespanha, em que tivesse possibilidade de o fazer, edições antigas dos *Lusíadas*. Tinhamos correspondencia a este respeito, communicando-me elle noticia de cada exemplar que lhe apparecia, e per-

ções da de 1584, convindo advertir que o texto da ultima é peor que o d'aquella.

Antes de passar adiante, farei uma acareação curiosa, que talvez dê alguma importancia á minha opinião, sobre qual seja a primeira e qual a segunda, das de 1572. *A edição de 1584 é impressa, pelo menos em grande parte, á vista da que eu considero segunda, de 1572*; e lê o v. 8 da est. 29, canto 1:

Começarão a seguir sua longa rota;

ao passo que a minha primeira traz: -

Tornarão a seguir sua longa rata:

e a segunda: *Começaram* e não *Começarão*.

guntando-me se queria que o comprasse. Até de uma das vezes me disse ter achado a edição dos *Lusiadas* de 1607, da existencia da qual só Barbosa Machado dera noticia. Pedi-lhe immediatamente que a adquirisse, para mim, e que me avisasse logo que a tivesse em seu poder.

Na volta do correio, respondeu-me que fôra equivoco do livreiro, porque se tratava das *Rimas*, do mesmo anno.

A respeito da tal edição de 1579, nem palavra! Porquê? Eramos amigos velhos; e não creio que elle deixasse de me fallar n'esse exemplar, se com effeito o reputasse como de edição desconhecida, indubitavelmente feita n'esse anno. O que me parece, pois, é que tal edição pertence ao anno de 1597, tendo sido transpostos os dois ultimos algarismos, engano porque se daria na tiragem do primeiro rosto, e se lhe acudiria logo, pondo a era como devia ser, na tiragem dos que se lhe seguiam. Ou para não perder uma folha já impressa a valer, ou talvez mesmo de proposito para fingir mais tarde uma edição diversa, deixaria Manuel de Lyra ou Estevão Lopes ir assim o exemplar, que só agora apparece.

Se alguém o tiver, comparando-o com a referida edição de 1597, poderá dizer se o meu reparo é justo, ou se effectivamente ha uma outra edição, com a data de 1579. Isso daria a quasi certeza de se terem feito tres edições, nos primeiros sete ou oito annos, o que não julgo impossivel, comquanto o não acredite sem provas.

É verdade que na est. 1, v. 7 do canto II, a de 1584 não lê, como todas que são feitas pela mais errada de 1572, *fingidas*, mas *infidas*, segundo as que seguem o texto verdadeiro; contudo, podia o exemplar de que se servia o impressor ter a correcção manuscrita, copiada de outra, legitima; e como isso não influa no ponto de vista dos editores, deixou-se ir. Como quer que seja, a de 1584, e, por consequencia, a de 1591, trazem erros que vem da que eu classifico segunda, de 1572, e alguns dos quaes não vem na que chamo primeira, do mesmo anno.

Mas ha mais: a de 1597 seguiu igualmente o texto d'aquella, da mais errada, em todos os logares! Logo, parece evidente que os exemplares que mais facilmente se encontravam eram os da *minha* segunda; e que todas as reflexões que fiz a tal respeito podem ser exactas. É certo que a de 1609 se imprimiu á vista de uma das mais correctas e que a de 1613 podia ser cópia d'ella, aperfeiçoada por Corrêa ou Mariz; todavia, parece provada a raridade d'estes exemplares, assim como a abundancia dos menos correctos, porque o proprio Faria e Sousa trabalhou sobre um da *minha* segunda; e, por esse tempo, nem sequer conhecia os da outra! Ora, se, como todos queriam, excepto o sr. T. de Noronha, a mais perfeita fosse segunda, por que motivo havia de ser esta quasi desconhecida? E não se argumente agora com o facto de apparecer hoje maior numero de exemplares d'esta do que d'aquella. Isto explica-se perfeitamente: esses exemplares estavam na posse das ordens religiosas, que os conservavam cuidadosamente nas suas livrarias; ao passo que os outros, menos estimados, iriam desaparecendo no consumo público. Extinctos os conventos, era naturalissimo

que viessem ao mercado; e se não se deu logo por elles, foi porque nem todas as pessoas nomeadas para arrecadar os bens d'essas corporações seriam dignas da confiança que n'ellas depositaram os governos.

Parece-me portanto sufficientemente demonstrado este assumpto, a que voltarei ainda, incidentalmente, a proposito das minhas annotações e commentos.

Quanto ás deturpações do texto, feitas pelas duas dos jesuitas, só na de 1597 principia a restaurar-se¹. Procurei debalde a causa de semelhantes arbitrarie-

¹ Quem quizer ver as dentadas, que os inimigos do poeta deram nos *Lusiadas*, poderá, á falta das edições de 1584 e de 1591, ler a do sr. Biel (na *Introdução*, de José Gomes Monteiro); e o trabalho do sr. Tito de Noronha (*A primeira edição dos Lusiadas*), onde vem numerosas citações dos principaes erros. Parece que o padre Thomaz de Aquino, na sua edição de 1779 (segundo diz Trigoso), dava a de 1584 como modelo de exacção! É inacreditavel, sabendo-se que os deuses se chamam ali «*incolas do mar*»; a «*clara dea*», «*nunca feia*»; e outras parvoices semelhantes. Em partes, ainda na de 1597 se mudam estancias inteiras. E, além dos aleijões nos versos, os erros typographicos são n'esta aos cardumes; e os orthographicos não são menores. Cito este só exemplo; *Hatte*, por *até!* E ha peor. Erra a numeração das estancias, n'umas partes; n'outros exemplares, não a traz no começo do canto 1 e só principia na est. 48. Isto dá-se com o meu.

No da bibliotheca (que por signal está muito bem encadernado) só da pag. 177 em diante se acham as estancias numeradas. N'este logar tem mettida uma tira de papel, de letra do fallecido Silva Tullio, que diz: «Começa a num. Folhas tiradas da edição de 1597 numerada». Acaso quererá isto dizer, que Tullio conheceu dois exemplares d'esse anno, assim como existem de outros? Nada posso responder. Não será o exemplar da bibliotheca composto com folhas de um dos de 1609, de dois typos unicos? Quando vejo pessoas que parecem auctorizadas, passarem sobre estas dúvidas sem ao menos alludirem a ellas, como hei de eu resolvê-las?

dades; não ha um unico documento que responda á justa curiosidade dos contemporaneos. Por mais que se queira, não é possivel pôr em dúvida que o poeta foi victima de uma enorme cabala dos padres; e de roubos, talvez ainda em sua vida, cuja importancia não podemos determinar hoje.

XXVIII

Encerrarei a parte que n'estes estudos diz respeito ás primeiras edições dos *Lusiadas*, com a descripção exacta das de 1609 e de 1612, por serem estas as reputadas de texto mais puro (apesar da opinião de Gomes Monteiro em contrario), depois das mutilações antecedentes.

Innocencio Francisco da Silva diz, no respectivo artigo ácerca de Luiz de Camões, referindo-se á de 1612: «Alguns teem para si com plausivel fundamento, que esta edição é a propria de 1609, apenas com o frontispicio mudado¹».

José Gomes Monteiro, na *Introdução* da edição Biel, disse (a pag. XLVI): «Seguiu-se a esta a edição de 1609, feita á custa de Domingos Fernandes, e impressa por Pedro Crasbeeck, o fundador da illustre dynastia dos impressores d'este nome, que até ao anno de 1698 estiveram na posse de imprimir as obras do poeta².

¹ Logo veremos a conta em que deve ser tomada esta afirmativa.

² No que nem sempre se houveram com o cuidado e diligencia que se devia esperar da sua illustração, infelizmente! Para não citar mais que dois exemplos, veja-se a edição de 1644, quando já o poema estava restituído ao texto antigo, que

«Pela primeira vez apparece o texto genuino dos *Lusiadas* restituído n'esta edição, que, para mais completo desaggravo do nome de Camões, é offercida a um *deputado do santo officio*, o illustre D. Rodrigo da Cunha.

«Esta edição é *dupla*, isto é, repete-se n'ella o phenomeno que se deu com a de 1572, existindo duas edições, ambas com a data de 1609, impressas na mesma typographia e publicadas pelo mesmo editor, mas completamente distinctas quanto ao material da impressão. Uma d'ellas é impressa em caracteres italicos, emquanto na outra se encontra notavel irregularidade. Tres qualidades de typo entram na composição do texto do poema: caracteres redondos, corpo 14, e duas variedades de italico, sendo uma de corpo 14 e outra de corpo 16¹. Esta diversidade de typos é regularmente distribuida aos cadernos de 16 paginas; circumstancia de que póde inferir-se

não traz a est. 125 do canto III: e a de 1669, onde faltam oito oitavas do canto V, de 92 a 99, inclusivè!

O meu exemplar de 1644 tambem lê, como o do visconde de Juromenha (a pag. 465 do tomo 1) nas licenças da ultima pagina: «Está conforme este liuro as *Lusiadas*, etc. notaçoens com seu original n'este conuento do Carmo de Lisboa em 10 de Mayo de 644». Assigna: «O D. Fr. Gaspar dos Reys». E seguem as outras licenças. No volume II dos *Annaes da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro*, a pag. 24, diz o sr. dr. João de Saldanha da Gama, distincto bibliothecario, que o exemplar d'esse estabelecimento traz a data da licença referida em *9 de Maio*, o que acho singular.— Quanto ao dizer o frade *notações*, em vez de *index dos nomes proprios*, é manifesto equivoco. O meu tem os mesmos erros de paginação e a falta da estancia (já citada), que accusa n'aquelle o sr. dr. Saldanha da Gama.

¹ É manifesto equivoco. As variedades de typo são quatro; tres em italico de corpos differentes e uma em redondo.

que na sua composição trabalhavam simultaneamente duas ou tres series de compositores. Como explicar este phenomeno? São enigmas typographicos, não raros nos *Lusiadas*, cuja decifração deixo aos homens da arte¹.

«Pela primeira vez apparece n'esta edição de 1609, de *typo italico*, a correcção do verso 5 do canto III, est. 65:

Sentiu-o a villa e viu-o o senhor d'ella,

¹ Creio que o exemplar de que Monteiro aqui trata foi adquirido no seu leilão, depois do fallecimento do illustrado crítico, pelo sr. conde de Villa Real. Por intervenção do meu excellente amigo o sr. conselheiro Martinho Augusto da Cruz Tenreiro, e por favor do illustre titular, tive ensejo de examiná-lo detidamente. Mas ou o meu fallecido amigo descreveu outro, que talvez lhe fosse emprestado, antes de adquirido este, ou se equivocou — o que não me parece possível — porque ha manifesto desaccordo entre o que elle diz e o exemplar que tenho á vista.

Em vez da *regularidade aos cadernos de 16 paginas*, traz este typo italico, de folhas 1 a 18 (36 paginas); de folhas 19 a 22, typo italico maior, sem divisão de oitavas (salvo na pag. 18), as quaes se conhecem apenas pela letra de cabeça, que no primeiro verso sáe um pouco mais fóra do alinhamento; fl. 23 e 24, typo igual ao primeiro; fl. 25 a 32, igual ao segundo; fl. 33 a 42, italico mais pequeno que o do começo do livro; 43 a 48, typo redondo; fl. 49 até á pag. 79, italico do mais miudo; de fl. 79 v., a fl. 88, redondo; de 89 a 96, italico do começo do livro; 97 e 98, redondo; 99 a 102, italico do principio; 103 a 112, redondo; 113 a 120, italico do começo; 121 a 136, redondo; 137 e 138, italico do começo; 139 a 142, redondo; 143 e 144, italico do principio; 145 a 154, redondo; 155 a 158, italico do primeiro; 159 a 162, redondo; 163, italico pequenino; 164 a 170, redondo; 171 a 174, italico do mais miudo; 175, redondo; 176 a 178, italico miudinho; 179 e 180, redondo; 181 e 182, italico do começo; 183 e 184 redondo; e, finalmente, 185 e 186, italico do mais pequeno! Vi alguns outros exemplares semelhantes a este, e nunca lhes achei a regularidade aos cadernos de 16 paginas de que falla Gomes Monteiro.

emenda adoptada por todas as edições posteriores, e tambem erradamente attribuida a Faria e Sousa. A edição consorte, *typo mixto*, conserva ainda a antiga lição.» ... «Passa a edição de 1609 indevidamente por ser, entre as antigas, uma das mais correctas, quando, pondo de parte as alterações da censura, ella é inferior á de 1597, e ainda ás de 1612 e 1613 . . . Das cinco valiosas emendas da edição de 1597, que ficam apontadas, só a da *mãe primeira* foi adoptada¹.»

Primeiro que tudo, o citado verso do canto III, nem mesmo na edição de 1612 vem ainda perfeitamente corrigido. Lê-se d'este modo:

Sentio o a Villa e vio o a senhor d'ella

E, em segundo lugar, as edições que Innocencio e outros suppõem ser de 1609, com rosto de 1612, tanto podem ser d'este ultimo anno com rosto d'aquelle, como o inverso. Nenhum crítico, me parece, tratou até hoje de desembrulhar estas dúvidas; mas em resultado de detidos exames que eu fiz em numerosos exemplares de umas e de outras, tenho por evidente que Gomes Monteiro tomou como de 1609 uma que teria o rosto d'esse anno, e talvez o começo do canto 1; mas que era infallivelmente de 1612.

Duas edições que possui o meu illustre amigo o sr. Fernando Palha, talvez o primeiro dos camoneanos portuguezes, tendo uma a data de 1609 e outra a de 1612, são ambas d'este ultimo anno; advertindo que a que lê 1609 tem o rosto feito á penna; e era

¹ A de 1613, attribuida a Manuel Corrêa, tambem não adopta todas as emendas da de 1597; e as que adoptou, não teve consciencia d'ellas—prova da *amisade* do commentador com o poeta!

por isso facil o equivoco¹. O primeiro caderno d'esta, sem numeração de oitavas, pertence effectivamente á de 1609².

¹ Hoje possui o sr. Palha outro exemplar, authentico, de 1609, que é o mais bello de quantos tenho visto, em typo italico, de dois corpos, encadernado em pergaminho.

² O exemplar sem rosto, da edição *desconhecida*, com as correccões manuscriptas, de Verdier, de que falla o visconde de Juromenha (a pag. 391 e seguintes do tomo v das *Obras de Luiz de Camões*), é do anno de 1609, de dois typos unicos, em italico, uma das mais ferteis em incorrecções typographicas. Juromenha, Verdier, e ainda outros fazem demasiados escarcéos a este respeito; se tivessem visto a variedade de *trapalhadas* que se dá com as edições d'este anno, não hesitariam em classificá-la; mas parece que nenhum d'elles teve noticia de que houve duas, uma de dois typos, ambos italicos e outra de quatro. A edição de Juromenha, reproduzindo os erros do exemplar *mysterioso*, desde o canto 1, até o x, fez um trabalho de pouco criterio, não indicando os numeros das estancias a que pertenciam os versos errados; e, segundo seu costume, transcrevendo-os por vezes com pouca fidelidade, por falta de ouvido. Dei-me á tarefa de os procurar, e verifiquei, nas primeiras doze citações, ser indubitavel que pertencem todos á referida edição de 1609, menos o ultimo, que o transcriptor errou: *Diŕ-lhe mais que acompanhando a lusitano. O mais é . . . demais*. E errou-o segunda vez, transcrevendo a emenda. Os que conferi são os seguintes: est. 27, v. 2; est. 44, v. 4; est. 47, v. 6; est. 48, v. 1 e v. 8; est. 54, v. 6; est. 58, v. 4; est. 59, v. 6; est. 62, v. 2; est. 70, v. 5; est. 74, v. 2; e est. 83, v. 5, que é a tal a que o editor aggravou o erro com outro maior.

Possuo duas edições de 1609, com rosto, ambas perfeitas, e ambas com todas as incorrecções que apontou Juromenha. Fica, pois, esclarecido este ponto (assim eu podesse resolver os que seguem!) que a tamanhas auctoridades pareceu obscuro e mysterioso. E persuado-me que assim succederá com o exemplar mencionado por Trigoso, o de que falla o mesmo visconde (no tomo vi, pag. 469, *nota*), e o que perfeitamente descreve o sr. dr. João de Saldanha da Gama (tomo 1, pag. 209 e seguintes dos *Anaes da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro*). Em

O resto, com as estancias numeradas é da de 1612. Tres exemplares do sr. João Antonio Marques, outro camoneano distincto, considerados differentes, são todos de 1609. A bibliotheca nacional possui cinco de 1609, nem todos completos; e dois de 1612, ambos

minha humilde opinião, todos elles são de edições de 1609; se bem que uns, da de quatro typos diversos, e outros compostos com folhas de edições differentes, quer das duas que hoje se conhecem d'esse anno, quer com fragmentos das de 1612, como Innocencio e Juromenha affirmam ter visto. Creio que foi José Gomes Monteiro quem primeiro informou haver duas edições do mesmo anno, de 1609; circumstancia que, se fosse sabida, tiraria anteriormente muitas dúvidas. Mas, apesar de tudo, o proprio Monteiro se deixou illudir, tomando a de 1612 pela de 1609, só pela mudança do rosto e das primeiras 47 estancias do canto 1!

É evidente haverem-se recomposto exemplares com folhas de edições de differentes annos. A questão, para os livreiros, era que fossem do mesmo formato; e quem sabe se os compradores seriam por igual indifferentes?! Talvez que para uns e outros bastasse ler-se o titulo do poema. Muitos, nem dariam talvez pelas lacunas! Compravam-se e vendiam-se quantos apparecessem em menos mau estado. E ainda ha hoje quem diga que o livro não agradára desde logo ao público!

Do que diz o sr. dr. João de Saldanha da Gama, sobre o que antes d'elle escrevêra Innocencio Francisco da Silva, de não serem os exemplares de 1612 os do anno de 1609, apenas com a mudança do frontispicio, no texto explico o que observei em grande numero de exemplares. Dá-se, porém, a mais singular das casualidades entre aquelle que s. ex.^a descreve (no tomo 1 dos *Annaes da bibliotheca*), e outro que tenho á vista, pertencente ao sr. Fernando Palha. As primeiras oito folhas d'este, são da edição de 1609, exemplar de dois typos unicos, ambos em italico, sem numeração impressa de estancias (nas primeiras 47 pozeram-lh'a em manuscrito); o resto, de oitavas numeradas, e de um só typo, é da edição de 1612, exactissimamente como acontece ao da bibliotheca do Rio de Janeiro! Quem nos dará a chave d'estes enigmas? Que estudioso typographo explicará, satisfactoriamente, as causas de similhantes variedades de ty-

com as primeiras estancias das edições de 1609. Um d'estes, encadernado em pergaminho, com parte do rosto rasgado, e data impressa de 1612, tem as primeiras 47 estancias da edição de 1609; d'ahi por diante, até á est. 17 do canto VIII, é de 1612. Da est.

pos? E que brochador ou encadernador, a d'estas composições de exemplares, com o mesmo numero de folhas de edições diferentes? Quem obrigou o acaso a collaborar com tal bonhomia n'estas singularissimas coincidencias? Coincidencias?! O mais extraordinario é isto: a minha edição de 1597, exemplar excelente, bem encadernado, adquirido no leilão do fallecido conselheiro Minhava, e que, como é sabido, tem as estancias numeradas, traz as mesmas 47, nas primeiras 16 paginas, com a numeração feita á mão! Repete-se, portanto, o facto que se dá com o do sr. Fernando Palha e com o da bibliotheca do Rio de Janeiro; advertindo, porém, que o character da letra, de typo italico, faz tão pouca differença do da edição de 1597, que se confunde quasi com elle, assim como com o da edição de 1609, que fornece ao exemplar de 1612, do sr. Palha, as suas 47 primeiras oitavas: *mas não é de nenhuma d'estas edições!* Haveria, pois, igualmente duas edições com a data de 1597, tendo uma as estancias numeradas, e a outra não? Sinto-me propenso a acreditar-o.

Depois d'isto escripto, revi novamente, por diferentes vezes, os exemplares da bibliotheca nacional, e escrevi n'esta *Introdução* o acrescentamento á nota de pag. 134.

O exemplar do sr. Palha tem o rosto feito á mão, em letra que grosseiramente imita a de imprensa; e, em baixo, a data de 1609, embora só 16 paginas sejam realmente d'esse anno. No ante-rosto, em caracteres semelhantes aos do frontispicio, se bem que mais pequenos, lê-se: «Foy do doutor João Barrozo Pereira, Des.^{or} da Relação do Porto». E no fim da pagina: «1740». — Por carta do sr. Palha, sei que pertenceu ao secretario da associação commercial do Porto, Fernandes, fallecido ha annos. Não era pois impossivel que fosse o mesmo de que se serviu Monteiro para o seu estudo. Mas fosse ou não, é indubitavel que nenhuma de 1609 traz emendado o verso que elle cita; e houve portanto equívoco com uma de 1612, com o rosto e as primeiras estancias da de 1609.

18 á 41 tem caracteres redondos de uma das de 1609. Seguem estancias numeradas da de 1612, até á 61, do canto IX; d'aqui á 85, sem numero, da de 1609; e da 86, em diante, outra vez 1612!—Outro exemplar, muito bem conservado, apesar de aparado, com data de 1612, e o carimbo de *Norton*, tem as mesmas 47 estancias da de 1609. Não se póde, pois, passar por estes exemplares sem exame. O engano proveiu simplesmente de poderem transitar os frontispicios de uns para outros, segundo convinha aos livreiros fazêl-os passar por serem de um ou de outro anno, em conformidade com os pedidos que tivessem.

Mas a verdade é que só nas edições de 1612 se encontra o verso do canto III, escripto da maneira que digo acima; e que *todas* as de 1609 conservam a lição incorrecta das de 1572. Longe de mim pôr em dúvida a seriedade do illustre escriptor o meu finado amigo Gomes Monteiro. Creio, porém, que elle foi illudido pelas mudanças dos rostos. Além d'este equivoco, em que todos podiam cair (e eu, de certo, caírei n'outros maiores!) dão-se differenças, muito mais notaveis, nas edições de 1609.

XXIX

Possuo dois exemplares identicos, d'esse anno, um dos quaes está cheio de annotações, de letra do seculo XVII, que suspeito que fosse de João Franco Barreto. O typo d'esta edição é todo em italico, de dois corpos differentes. Não é, pois, aquella a que se refere Gomes Monteiro, de um só typo italico, que traz corrigido o verso citado. A segunda, exemplar magnifico, brochado em pergaminho, é em tudo semelhante áquella.

Porém, a que teve a bondade de me emprestar o sr. dr. Jeronymo Ferreira das Neves, igualmente distincto camoneano, faz consideravel differença d'estas duas. As primeiras dezoito folhas são em italico; seguem-se quatro, no começo do canto II, em caracteres maiores, do mesmo typo, com os versos unidos e sem divisão de oitavas, excepto nas duas primeiras, como se o poema fosse em verso solto. Recomeça nas duas folhas seguintes o italico do canto I; mais oito folhas de versos unidos, sem divisão de estancias; segue-se um italico mais miudo, que deita dez folhas; seis, em typo redondo; trinta e meia, no italico miudo; nove e meia, em redondo; oito, em italico, como o do canto I; e, tendo começado o canto VI com duas oitavas de italico, encontram-se duas folhas em redondo; quatro de italico, como o do canto I; dez de redondo; oito de italico, igual ao do canto I; e, pela primeira vez, apparece um caderno de dezeseis folhas de redondo, entre os cantos VII e VIII; duas folhas de italico, semelhante ao do canto I; quatro de redondo; duas de italico igual ao citado; dez de redondo; quatro de italico menor; quatro de redondo; uma de italico menor; sete de redondo; quatro de italico menor; uma de redondo; tres de italico menor; quatro de redondo; e termina por duas de italico, igual ao já citado!— Este exemplar do sr. dr. Neves está como se fosse agora saído do prélo, tão perfeito é o seu estado de conservação; e foi por s. ex.^a mandado encadernar primorosamente.

Uma das edições da bibliotheca é em tudo igual á do sr. dr. Neves, até á est. 109 do canto X. D'ali em diante differe d'aquella, tendo duas folhas de redondo; duas de italico pequeno; duas de redondo; e termina por duas de italico igual aos anteriores.

As tres do sr. João Antonio Marques, que, segundo já disse, são todas de 1609, parecem-me conformes a esta ultima da bibliotheca, com pequenissimas differenças da que tem o rosto de 1612¹.

Examinei todas estas edições com a maior attenção e escrupulo, tanto na blibliotheca, como as que pude obter de fóra; e em nenhuma d'ellas encontrei a que descreve Gomes Monteiro, na edição Biel, com a regularidade dos cadernos de dezeseis folhas, que elle aponta. Do mesmo modo, não existe entre nenhuma d'estas de 1609 a que o illustre crítico affirmou trazer corrigido o quinto verso da est. 65 do canto III. Achei-o sómente nas de 1612, e da maneira por que o escrevi atraz. Convenho com o meu fallecido amigo em que as de 1609 são, typographicamente, muito mais incorrectas que as de 1612; mas não na reproducção do texto, que esta ultima volta

¹ No tomo VII do *Supplemento ao Dicionario* de Innocencio, pelo sr. Brito Aranha, diz este, fallando das edições de 1612, que o sr. Marques possui um exemplar, adquirido no leilão Minhava, e que este comprára no de Gomes Monteiro. Basta o mais leve exame para se reconhecer que semelhante livro só tem o rosto e a folha 5 da edição de 1612. As licenças, comquanto sejam as mesmas da de 1609, são de outra tiragem. Mas, em tudo o mais, esta edição é absolutamente igual a outra de 1609 que possui o mesmo sr. Marques (por signal que a ultima é um optimo exemplar, muito bem conservado e bem encadernado), das que são compostas em quatro qualidades de typo (e não tres, como teem dito os que fallam de tal edição); tres em italico e uma em redondo. Esses dois exemplares do sr. Marques, excepto o rosto e a folha 5, que são, como já disse, de 1612, e as licenças da de 1609, porém de outra impressão, por mim conferidos folha a folha, tem a mesma variedade de typo, no mesmo numero de paginas, ora de um, ora de outro, os mesmos erros de paginação; finalmente, são ambos da mesma tiragem de todos os que tenho visto com a data de 1609, embora alguns d'elles não correspondam entre

a deturpar em varios logares, quando aquella o tinha já restituído como o publicára a edição *princeps*.

Tanto umas como outras teem igual numero de folhas (186), com a paginação de um só lado; e podendo transitar de uns exemplares para outros, o que explica muita cousa.

Assim, temos nas edições de 1609 duas diferentes entre si: uma, com dois typos apenas, ambos em italico, e divergindo pouco um do outro; á primeira vista, qualquer pessoa menos familiar em cousas typographicas o poderá tomar por unico. A outra é impressa em quatro caracteres, que differem bastante, especialmente no canto x. Isto, quanto ás que eu vi. Segundo Gomes Monteiro, existiriam impressas só em tres qualidades de typo, e aos cadernos regulares de dezeseis folhas; o que acho improvavel.

si com tanta igualdade como a d'estes. Saiba-se, porém, que uma circumstancia fortuita fez subir no leilão Minhava o preço d'este supposto exemplar de 1612; vem a ser que as folhas 181 e 182 são em caracteres redondos, feitos á mão! No exemplar irmão, o redondo acaba, como n'este, na 180; e começa na 181 o italico pequeno, que segue até 182 v.; e recomeça o redondo na 183. Mas como os caracteres italicos pareceram mais difficéis de imitar ao curioso que substituia a falta de folhas, imitou admiravelmente o olho do typo redondo, sem se preocupar com a desigualdade. E isto tornou o livro mais cobiçado pelos amadores!

O que a mim me interessa, em todas estas minucias, que parecerão fastidiosas, é demonstrar que se José Gomes Monteiro tomou um exemplar de 1609 como sendo de 1612, do mesmo modo acreditou que um legitimo de 1612 era de 1609, visto que tinha o rosto d'este ultimo anno. Repiso ainda, pois, que foi illudido com os rostos que affirmou uma falsidade; porque, fazendo inteira justiça á sua probidade litteraria, tambem eu assevero que quando elle escreveu similhante opinião estava profundamente convencido de que ella era verdadeira.

Repito: só as de 1612 são de *um typo unico, italico*, como a que o referido crítico diz ter analysado, tendo o rosto com a data de 1609. E que nenhuma das de 1609, *legitima* (das que eu vi), traz a correcção indicada.

Acrescentarei ainda que, comquanto entre todas as edições d'estes dois annos só a de 1612 seja de typo unico, italico, este caso se dá sómente no corpo da obra, porque os titulos do alto da pagina *são de letra de varios caracteres*, ou typos (como succede a quasi todas as outras); mas que não ha nenhuma rasão para considerar a de 1612 superior á de 1609, porque, embora esta seja muito incorrecta, não ouisa todavia enxovalhar o texto, como a de 1612¹.

¹ Na bibliotheca nacional existe um exemplar, da edição de 1609, que me parece reunir bastantes condições para excitar a cobiça dos amadores. Tem muitas folhas de papel cheias de notas manuscriptas, intercaladas nas folhas impressas. Li parte d'essas annotações e achei-as não só interessantes, como até me pareceu que já as tinha visto. Na dúvida, copiei ao acaso a que se refere á est. 45 do canto vii, a pag. 102 (devia ser 120). Diz assim:

«est. 45 v. 3. Os portuguezes que seguiam o Gama hiam a pé, e eram dose, segundo Barros e Castanheda, de cujos nomes traz alguns Damião de Goes no cap. 39.º a saber: Diogo Dias, João de Sá, Alvaro de Braga, Ferz. Martins, Alvaro Velho. O P. se lembrou d'esta companhia por não faltar á imitação de Virg. nos companheiros que dá a Eneas. Necnon et Phrygij comites, etc. Ou no 5

*Cætera Trinacrijs pubes seniores Acestæ
Fertur equis, etc.»*

Examinado o caso, estas notas, escriptas em letra do seculo xvii, podem muito bem ser de Manuel de Faria e Sousa, que no citado exemplar começaria os seus commentarios. Pelo menos, a que se refere á mesma est. 45 do canto vii, corresponde

Para as distinguir, visto que os rostos de uma podem ser communs á outra, ou vice-versa, bastará co-tejar os versos 7 e 8 da est. 36 do canto II. A de 1609 lê:

*Pelas lisas columnas lhe trepavão
Desejos, que como hera se enrolavão.*

E na de 1612:

*Armados de belleza, e d'esquiuaça,
Principio de receio, e da esperança.*

Os d'aquella, são de Camões; os d'esta, não: per-tencem ao poetastro jesuíta, que mutilou o texto, em 1584 e 1591.

Nas minhas edições de 1609, em caracteres itali-cos de dois typos unicos, a composição typographica do começo do canto II, é a mesma da edição de 1612! É não só do mesmo typo, mas poder-se-ia dizer da mesma tiragem, se não houvesse differença em duas

perfeitamente a este logar, embora esteja traduzido a caste-lhano, lingua em que elle publicou os commentarios aos *Lu-siadas*:

«*Os outros portuguezes, etc.* Eran doze solamente (segun Barros i Castañeda) estos que ivan acompañando al Gama. De los nombres dellos tiene Damian de Goes en el cap. 39 estos, Diego Diaz, Juan de Sá, Alvaro de Braga, Fernando Martinez, Alvaro Vello. El P. se acuerda desto por acudir a la imitacion de la cõpañia de Eneas alli mismo.

*Necnon & Phrygij comites, & Ictus Julius
Incedunt. O en el 5.
Caetera Trinacrijs pubes senioris Acestæ
Fertur equis, etc.»*

É de luzir o olho! Se não estivesse na bibliotheca! E assim mesmo, quem sabe?! ...

ou tres letras. Começa esse canto com um *i*, em vez de *j*, mettido n'um quadrado, de floreados iguaes, em ambas as edições:

*Ia N'este tempo o luzido Planeta,
Que as horas vay do dia distinguindo*

o *N'este*, acha-se em ambas escripto do mesmo modo; ao passo que no exemplar de 1609, do sr. dr. Neves, principia:

Ia n'este tempo o lucido Planeta

Mas o que sobretudo estabelece capital differença entre umas e outras é que *nenhuma das de 1609 traz as estancias numeradas, como succede a todas as verdadeiras de 1612.*

D'esta ultima transcrevi os dois versos acima, para as distinguir; a estancia inteira é reproduzida da de 1597:

*Os crespos fios d'ouro se esparzião
Peilo collo, que a neve escurescia,
E nos laços que delles se tecião
Contente a liberdade se prendia:
Os olhos pretos, onde arder se vião
Outras luzes mais bellas que a do dia:
Armados de belleza, e de esquiuança,
Principio de receio, e da esperança¹.*

Apenas falta uma virgula, na de 1597, adiante de *belleza!* Seria curiosissimo o estudo, que abrangesse todas as edições, até hoje conhecidas, dos seculos XVI e XVII, antes que desapareçam inteiramente. So-bejam-me os desejos de o tentar; mas, no meu estado de saude, tendo já dobrado o cabo tormentorio dos sessenta annos, cançado de trabalhos, e aborre-

¹ Ha outros muitos, errados; mas basta citar estes.

cido com as contrariedades de toda a especie, que n'esta terra é costume levantarem-se diante de quem pretende estudar, torna-se-me absolutamente impossivel. Se o governo se importasse com similhante tentativa, poderia nomear mais uma commissão, que nada avultaria entre tantas que já existem, para este encargo; ou pelo menos podia tomál-o a si a academia real das sciencias, sobretudo agora, que Sua Magestade El-Rei tenta dar-lhe impulso¹.

XXX

Fechemos este longo e fastidioso trabalho, fallando da presente edição.

Fiz diligencia para a vestir á moderna, como cumpre que seja uma obra eternamente joven. Tendo sido Camões o maior mestre da lingua e da poesia portugueza, não me foi necessario grande esforço

¹ Essa commissão devia tambem encarregar-se de recolher novamente no convento de Sant'Anna as ossadas das freiras e dos irmãos de S. Crispim, que d'ali saíram em procissão para Belem, por occasião do tricentenario do poeta; de fazer erigir o dito convento em *Tumulo de Camões*, reunindo ali todos os monumentos de qualquer especie que o recordassem; de trasladar para o mosteiro de Santa Maria de Belem os restos mortaes de Garrett, se acaso os não perdeu já a incuria; de pôr os de Castilho ao lado dos de Garrett e de Herculano, porque não é justo, nem equitativo, dar sómente ás cinzas d'este a homenagem que se deve aos tres, e principalmente a Garrett; finalmente, de examinar se existem outros ossos de Vasco da Gama, mais authenticos do que os que estão no convento dos Jeronymos, e substituil-os por aquelles.—A memoria do sr. Teixeira de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira*, veiu ultimamente dizer onde estão os verdadeiros. (Veja, no tomo II, os artigos que levam por titulo: *Novissima verba*.)

para o trazer á naturalidade de agora, sem o prejudicar, nem sequer levemente.

Acabei com o *assi*, onde pude fazêl-o; o *si*, o *mi*, o *antiguo*, o *moura*, e todas as outras affectações, que, no estado actual da lingua, andavam enxovalhando o poema, tanto ou mais ainda do que os proprios erros. Uns *Lusiadas*, ataviados com trajos e ademanes antiquados, dando ares de casquilho velho e pretencioso, seriam mais ridiculos do que dignos do amor e respeito que universalmente se lhe deve.

«Declarâmos que somos contrários á reimpressão dos nossos escriptores antigos com a orthographia dos tempos em que escreveram, que não serve hoje senão de difficultar a intelligencia e em muitos casos a belleza de phrase; e atrevemo-nos a affirmar que a este systema e ás consequencias d'ellz devemos até certo ponto a mui pouca lição que entre nós infelizmente se encontra dos classicos nacionaes, sendo raro o individuo que, sem manifesta propensão para o estudo das antiguidades, se queira dedicar assiduamente a uma leitura que é tão contrária áquella a que está habituado.» (*Roteiro da viagem de Vasco da Gama, em 1497*, segunda edição, publicada por A. Herculano e o barão do Castello de Paiva; Lisboa, imprensa nacional, 1861.)

Não estando os *Lusiadas* no caso d'aquelle monumento do seculo xv, a que os benemeritos editores julgaram, por excepção, dever conservar a orthographia, acceitei o principio que elles tinham como regra, e tentei, quanto possível, pôr esta edição ao alcance de toda a gente. Quem medita na maneira orthographica por que foram escriptos, comparando-os com outras producções poeticas impressas muito depois, não pôde deixar de convencer-se de que expressamente se conceberam para serem entendidos pela

maioria dos que os soubessem ou ouvissem ler; porque, como bem disse o sr. dr. Theophilo Braga: «Tanto pela sua vida como pela sua obra, Camões é a synthese do typo e da nacionalidade portugueza». Sendo evidente que no modo de expressar os seus versos elle se anticipou muitissimo ao seu tempo, escrevendo para ser lido emquanto durar essa nacionalidade, estou convencido de que interpreto com fidelidade o seu pensamento, excluindo d'esta obra prima tudo que sejam archaismos, e conservando-lhe a actualidade de linguagem, que estava na intenção do cantor sublimado.

D. José Maria de Sousa Botelho, morgado de Matheus; na sua segunda edição dos *Lusiadas* (Paris, 1819) tambem já tinha dito: «Não é materia de dúvida entre as nações cultas que os classicos devem ser reimpressos com a moderna orthographia, pela rasão justa que similhantes livros andam sempre em mãos de todos, nacionaes e estrangeiros¹». Em vista das tres auctoridades citadas, para que é invocar outras?

Parece-me não haver n'isto nem sombra de desacato á austera gravidade da poesia heroica, que é propria de todos os tempos. Não hesitei, n'esta parte, em o limpar das palavras mal soantes ou amaneiradas, que o uso tem já expellido da lingua. Tomei como base para este trabalho a edição que eu considero primeira (e que os outros teem chamado se-

¹ Veja-se a *Carta á academia real das sciencias de Lisboa*, no tomo vi, parte 1, da *Historia e memorias* da mesma academia, desde pag. cviii em diante. Ali accentua D. José Maria mais claramente a sua opinião, a respeito da orthographia com que se devem reimprimir os grandes poetas, ampliando as materias que resumira na sua citada segunda edição de 1819.

gunda). Seguindo-lhe, porém o texto, rejeitei a orthographia; e não adoptei cegamente a pontuação, que considero viciada em muitos logares, sem que tal falta seja do poeta. Além das duas edições de 1572, tive por auxiliares as de 1584, 1597, que se diz revista por Soropita; 1609, 1612, 1613, de Manuel Corrêa; 1631, de João Franco Barreto; 1639, de Faria e Sousa; 1644, 1651, 1663, 1669, 1670, 1721, 1731, 1732, de Ignacio Garcez Ferreira; 1772, 1782, a mais correcta do padre Thomaz de Aquino; 1819, segunda do morgado de Matheus; 1834, de José Victorino Barreto Feio; 1843, de José Liberato Freire de Carvalho; 1846, de José da Fonseca; 1869, do visconde de Juromenha; 1880, do gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro; 1880, do sr. Biel, revista por José Gomes Monteiro; 1880, dos typographos do Porto; 1882, do sr. dr. Theophilo Braga; e ainda muitas outras, que, como algumas d'estas citadas, eram simples copias das havidas por mais correctas. Tive igualmente presentes numerosas traducções, entre as quaes devo extremar a hespanhola, de Luiz Gomes de Tapia, 1580; a do sr. conde de Cheste, 1872; a italiana, de Carlo Antonio Paggi, 1659; a franceza, de Duperron de Castera, 1735, etc., etc.

Á vista d'ellas, corriji ou indiquei as emendas que conviria talvez fazer ainda a cada um dos versos, que se me afiguraram deturpados. Assim como se sacrifica muitas vezes um membro, para salvar o corpo humano da gangrena, assim eu limpei, posto que ás vezes com mão tremente, do livro santo da patria portugueza, tudo que n'elle introduzira a ignorancia ou a malevolencia. Não sei se todas as minhas substituições serão sempre as melhores; se estarei, talvez erradamente, persuadido de que ellas rastejam, quando não os restabeleçam inteiramente, os

versos, do modo por que Camões os escrevêra; mas confio que todos verão nos meus esforços o desejo de acertar. Infelizmente, fica ainda muito que resolver, porque á minha limitada penetração não foi dado ir mais longe. Do mesmo modo que ha na Italia um interprete dantesco, deveríamos nós ter um camoneano, se em Portugal houvesse poder que, desinteressadamente, zelasse a gloria nacional.

Fiz tambem algumas brevissimas correcções de linguagem (não se assustem osmeticulosos). Eu sei que ninguem tem o direito de alterar uma obra alheia, ainda mesmo que o podesse fazer melhorando-a; por isso, quer nos versos, quer na grammatica, apenas mudo o que o bom senso está ensinando não serem faltas do poeta. Seria absurdo admittir-se que tão portentoso genio ignorasse até as regras elementares da syntaxe; e que o mais harmonioso de todos os cantores portuguezes deixasse tantos hendecasyllabos errados no seu immortal poema.

A arte da grammatica portugueza de João de Barros foi publicada em 1539; seguiu-se-lhe a de Fernão de Oliveira, em 1552¹; e só muito mais tarde (1619) saiu á luz o *Methodo grammatical* de Amaro de Roberedo. Mas tudo isso — diz Soares Barboza — eram systemas meramente analogicos, fundidos pela mesma fórma dos latinos, crivados de erros e defeitos, sem as indispensaveis observações sobre o genio particular e o character da lingua, etc. Teve portanto o

¹ D'esta segunda, diz José da Fonseca, n'uma nota da sua edição dos *Lusiadas* (París, 1846), que Oliveira escrevia muito mal, e cita exemplos. Para este homem, sem gosto, que, segundo Garrett, era assaz trapalhão, dizer isto, imagine-se o estado em que estaria a lingua, quando Camões principiou a trabalhá-la!

nosso Camões de aperfeiçoar e polir o instrumento de que ia servir-se, n'um seculo em que reinava ainda grande incerteza, senão obscuridade, n'este ramo dos conhecimentos. D'esse cahos tirou, pois, aquelle grande engenheiro a ordem mais admiravel. O seu genio, filho da omnipotencia divina, disse o FIAT; e a luz foi feita d'essas trevas. A sua poesia é vasada n'um molde tão perfeito, que nada melhor nem mais novo fizemos ainda, desde então até agora, apesar de parecer aos espiritos obcecados que essa poesia não resiste ás modas e ás mudanças do tempo. Para mim, é ella sempre tão contemporanea, tão da actualidade, tão lustrosa e juvenil, como se Camões a tivesse produzido hontem!

Digo-o com a maior sinceridade: diante de um estudo serio e consciencioso dos *Lusiadas*, cáem por terra quasi todas as accusações que se lhe tem feito. Não nego — antes o affirmo — que no poema se encontram muitos versos maus, que destoam da generalidade das suas bellezas; mas quem nos poderá affirmar o porque elles ali se encontram, e se são ou não do mesmo auctor que deu vida a tantas formosuras? Acaso as mutilações da censura não supprirão muitas lacunas no nosso espirito?

A censura! Mas por onde passou a sua garra maldita, inflammada pela chamma ardente das fogueiras inquisitoriaes, deve ter ficado tudo esterilizado! Os logares que ella tocou perderam, como a vestal poluida, a consagração poetica, tornando-se prosaicos e inintelligiveis. Onde o fogo da inspiração ficou immaculado, que alma portugueza deixará de esquecer-se com delicia a esses clarões de gloria?! Saltam aos olhos o que podem ter sido talvez erros de amanuense, que não entendia bem a letra que copiava; má calligraphia do proprio auctor, que os typographos

mal saberiam ler; ou ainda estragos produzidos na sua obra pela agua salgada, e o que foram mutilações dos censores. Nestas, vemos estancias mal ligadas, faltas de sequencia, estranhas quasi ao assumpto, obscuras e sem a belleza que tão insigne mestre revelava em todas as obras de sua creação. Chegaremos até a pôr em dúvida que sejam suas! Aquelles, pelo contrario, claramente indicam a maneira de os corrigir; se não veja-se por este exemplo, entre tantos:

Que pelas aguas humidat caminha

Acaso viu já algum dos numerosos editores dos *Lusiadas* aguas que não sejam humidat? Todavia, *todos*, á carga cerrada, assim o trazem, reproduzido desde as primeiras edições, de 1572! Poderia eu deixar de corrigir tal destempero, tendo a convicção absoluta de que o poeta escrevêra *túmidas* (porque das ondas do mar, por onde fôra a armada de Vasco da Gama, se pôde dizer que *inchavam* e se *intumesciam*)? Francamente: só se eu julgasse que Luiz de Camões estava idiota, quando escreveu similhante verso, ou se Deus me não tivesse dado mais alguma vontade, do que deu a todos os que me precederam, para deitar fóra esta parvoice, que, como tantas outras, igualmente espungidas da minha edição, anda ha mais de trezentos annos enxovalhando os *Lusiadas*¹.

Existem de feito no poema alguns erros, que se está no costume de ouvir reprehender como graves peccados contra a syntaxe; e á vista dos quaes decidem logo os *sabios* que o auctor os deixou assim por ignorancia da arte de bem poetar ou de bem escrever. É o mais descommunal dos absurdos!

¹ Veja nota ao v. 3 da est. 48, no canto VIII.

Usam vulgarmente os mestres, quando empreendem longos trabalhos poeticos, deixar para emendas finaes versos que, no correr do trabalho e durante a effervescencia da inspiração, não acudiram desde logo á mente, com o acabamento desejado. As idéas e os pensamentos, que na imaginação se atropellavam, são muitas vezes imperfeitamente entrevistos, mal fixados, ainda sob a fórma embryonaria; só mais tarde o genio creador lhes dá ordem e sequencia, de que resulta a harmonia e a belleza. Ninguém ignora que o estado de inspiração do poeta não é um estado normal; a febre do talento domina-o (*in medias res*) na composição da sua obra. Então se põe de parte as estancias defeituosas, as rimas imperfeitas ou incompletas, que n'esses momentos de suprema combinação mental não podiam ser attendidas, sem risco de quebrar o fio da urdidura, desviando a intelligencia da pura espiritualidade para a mechanica da fórma. Comtudo, não se tiram do logar a que pertencem; unicamente, para haver maior facilidade de as procurar depois, no meio de tantos mil versos, marcam-se com um signal qualquer, que póde muito bem ser até um erro de syntaxe, para depois não escapar a olhos como os de Luiz de Camões.

Porque as não corrigiu, no fim, como indubitavelmente tencionava fazê-lo? Ignorâmol-o. Mas, porque o ignorâmos, não se segue que taes erros existam ali pelo motivo de não ter o poeta dado por elles. Tal conclusão, seria o cumulo do disparate¹. Que admira, porém, que a tirem, se a ignorancia até o

¹ Advirta-se, todavia, que raros erros existem nos *Lusiadas*, ou entre os que hoje nos parecem taes, que não possam justificar-se com outros semelhantes nos nossos escriptores classicos. Então, não se consideravam faltas de syntaxe as que

accusa de fazer uso do maravilhoso mythologico? Os que assim procedem, julgam-no segundo as idéas do nosso tempo, como bem diz Mendes Leal; e não conforme ás do seu. Apesar do poema ter todas as condições de immortalidade, e o sublime privilegio, de poder gosar de uma juventude eterna, deve ter-se em vista que o auctor educou e formou o seu espirito em plena renascença, quando a Italia remodelava o mundo, e Roma se apontava como exemplo a todos os povos cultos.

«A poesia, a arte, a historia emanavam da latinidade, glorificada no passado, consagrada no presente. Do mundo latino procediam todos os elementos de vitalidade litteraria. Camões participa necessariamente, largamente d'esses elementos.» (Mendes Leal, *Camões e os Lusíadas*, edição Biel, pag. xxxvi, Porto, 1880.)

São tão assinalados, tão incontestaveis, tão enormes os serviços por elle prestados á lingua e á poesia, que quando mesmo não tivesse escripto os *Lusíadas* bastavam as *Rimas* para lhe dar o primeiro lugar entre todos os poetas portuguezes até Garrett.

Ainda em sua vida, calculára o poeta, com previsão verdadeiramente prophetica, que em diversas idades se occuparia da sua obra a inveja e a maledicencia; e, consciente do que valia, fallou de si com nobre altivez, como quem se via já diante da posteridade, disputando com os almotacés da sua gloria. Em alguns logares dos *Lusíadas* e nas proprias *Rimas* o vemos ser justo comsigo. Citarei, de

agora assim se nos afiguram. Especialmente nos *cancioneiros*, acharemos exemplos que provem esta affirmativa; sobretudo nas mudanças de tempos dos verbos, que se alteravam á vontade da rima, e não á da nossa actual grammatica.

passagem, a *Ecloga* 1, quando se refere á morte de D. Antonio de Noronha. Na *Carta*, escripta da *India a um amigo*, mandando-lhe um *soneto*, sobre o mesmo assumpto (é o 12, da edição *princeps*) diz que essa *Ecloga* lhe parecia *melhor que quantas fizera*.

Ali põe estes versos na bôca de *Umbrano*, como resposta ao que acabava de dizer do mallogrado mancebo, que entre os pastores tinha o nome de *Tionio*:

*Emquanto os peixes humidos tiverem
As arenosas covas d'este rio,
E correndo estas aguas conhecerem
Do largo mar o antigo senhorio:
E enquanto estas ervinhas pasto derem
Ás petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos, que cantaste,
Sempre viva o pastor, que tanto amaste*¹.

E viverá, seguramente. Julgue-se por mais est'outra amostra:

*Qual o mancebo Euryalo, enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As iras da soberba e dura guerra;
Do crystalino rosto a côr mudando,
Cujo purpureo sangue, derramado
Pelas alvas espaldas, tinge a serra,
Que, como a flor que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido e cansado:
Tal te pinto, Tionio, dando o espirito
A quem to tinha dado,
Que este é sómente eterno, e infinito*².

¹ *Rimas*, 1666, pag. 160. A conjunção *E*, no v. 5, é correcção moderna.

² *Rimas*, 1666, pag. 158-59.—O bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, na *Memoria historica e critica*, publicada em

Quantas bellezas juntas! A lição de historia; a propriedade das imagens, com que pinta a morte do chorado amigo; e, coroando o quadro, a profunda fé religiosa, que nunca desamparava tão sublime engenho¹!

1820, pela academia real das sciencias de Lisboa, censura Camões porque os seus pastores, em vez de fallarem a linguagem simples dos campos, são philosophos cidadãos, discursando sobre a inconstancia das cousas do mundo. O reparo é justo; porém, todos os poetas pastoris incorrem na mesma falta, como nota o proprio bispo, referindo-se a Virgilio. Theocrito, Gesner, e o nosso Domingos dos Reis Quita foram os mais felizes, entre todos. Já disse um mestre insigne, que as composições pastoris são desperdicio, não riqueza de nossas musas (*Garrett*). Comtudo, Camões está longe de merecer a dureza com que o trata D. Francisco Alexandre Lobo. Que me importa se são philosophos, se rudes camponios que fallam nas suas eclogas, quando elles dizem d'estas bellezas, incomparaveis pela delicadeza e verdade das imagens e pela formosura e suavidade dos versos?

*Já disse, que de amor sempre tiveram
As coisas insensiveis pena, e gloria;
Vêde as sensiveis, como se perderam,
E dirvos-hei das aves larga historia;
Que as penas, que em sua alma se soffreram,
Nas azas lhe ficaram, por memoria;
E aquelle altivo e leve movimento,
Lhe ficou do voar do pensamento.*

(CAMÕES, *Egloga VII*, dos *Faunos*, pag. 240, edição de 1666.)

¹ Nota o meu illustre amigo e mestre Camillo Castello Branco (a pag. 36 e seguintes de *Luz de Camões, notas biographicas*), que o poeta, bem como a grande maioria dos seus contemporaneos, não se refira uma só vez, nos seus versos, á mãe, pae, ou a qualquer outro parente. Confesso que nunca tinha feito, nem creio que ninguem fizesse antes de Camillo, este reparo, que em verdade tem todo o fundamento. Mas seria acaso por desamor, ou não permittiriam os costumes do tempo estas expansões públicas? Quero antes crer que o que nos parece hoje

«Esse homem — diz o seu émulo Garrett — levantou a cabeça lá das extremidades da Asia, e viu tudo pequeno á roda de si, todos os poetas pygmeus, todos acanhados com as linguas modernas ainda mal perfectas, escravos da imitação classica, incertos e entalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões que as novas idéas, que o novo estado do mundo requeria. Teve animo para conceber e força para executar um rasgado e necessario atrevimento de se abrir caminho novo, de crear emfim a poesia moderna, dar não só a Portugal, mas á Europa toda um grande exemplo, e constituir-se o Homero das linguas vivas.»

«... Só direi que a influencia de Camões na nossa poesia, e em toda a litteratura portugueza foi tal que desde então até hoje ainda se não deixou de sentir, mesmo nas epochas em que mais desvairados teem andado nossos poetas...¹»

Depois do voto do homem que mais se irmanou com elle pelo genio, entendo que devo terminar estas tão mal alinhavadas quanto extensas reflexões críticas.

Ahi vae, pois, a obra do poeta, com as annotações que usei fazer-lhe, movido menos pela confiança

falta, fosse devido unicamente a não estar em moda, como agora, alardear sentimentos, que muitas vezes são mentirosos. Então, guardava-se para o santuario domestico a ternura filial; ao passo que nos nossos dias fazemos ostentação d'ella, talvez porque pouco a conhecemos. Camões era sincera e profundamente religioso, nem se comprehende grande poeta que o não fosse. Todo o coração que tem fé em Deus, e crê, como elle cria, na immortalidade da alma, não póde ser indifferente aos affectos da familia.

¹ *Historia da lingua e da poesia portugueza*, pag. 189, Porto, 1867.

que me inspiraram as poucas forças do que pelo immenso amor que sempre tenho tido á minha patria.

Rogo ao leitor, imparcial e benevolo, que as leia com indulgencia; desculpando as faltas que n'ellas encontrar, em attenção á sinceridade que inspirou tal tentativa.

Se diligencieei destruir, porque não tinham base sufficiente para subsistirem, os escassos elementos biographicos, fornecidos por Pedro de Mariz ou Manuel Corrêa foi por me parecer preferivel a ignorancia absoluta ao romance inventado por devaneadores phantasistas.

O auctor dos *Lusiadas* desapareceu, com tudo que era mortal e transitorio; mas deixou-nos n'esse livro o seu espirito redivivo; o seu modo de ser, de sentir, de amar — a photographia da sua alma, — que vale bem as mais minuciosas noticias da sua historia, e da de todas as miserias humanas. Que necessidade temos de outros documentos para o julgar, além d'essa producção sublime do genio? Quando não se póde instaurar ao escriptor o processo de que eu me servi para lavar na presença dos contemporaneos o nome de Garrett das calúmnias com que os odios politicos pretenderam infamá-lo, melhor é não saber cousa nenhuma a seu respeito.

Escusâmos de apoucar, com injuriosas suspeitas, que podem ser torpes mentiras, aquelle que quanto mais o considerarmos puro de toda a macula, mais lisonjeará o nosso amor proprio de portuguezes. Nos *Lusiadas*, escriptos com o sangue do seu coração, ficou tão profundamente esculpido o character, a essencia da nação, que, apesar da sua desventura, foi impossivel matá-la em Alcacer-Kebir; e sessenta annos de captiveiro e de degradação moral não bastaram ainda para seu completo aniquilamento! É por-

que n'essa elaboração prodigiosa cooperaram immortaes fautores: o genio, a probidade, a fé e o patriotismo. E se algum dia o nome de Portugal for apagado da lista das nações, poderão os fugitivos que escaparem das ruinas d'esta perdida Troia, ir, como Eneas, fundar uma nova Roma, levando piedosamente os *Lusíadas* por Penates.

Villa Estephania, 21 de setembro de 1886.

Francisco Gomes de Amorim.

Tabella das differenças orthographicas e typographicas
das duas edições dos LUSIADAS de 1572
pertencentes ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Fernando Pereira Palha

CANTO I

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
1 3	mares,	mares
1 6	humana :	humana.
1 7	Entre	E entre
1 7	edificáram	edificarão
1 8	sublimáram	sublimarão
2 2	foram	forão
2 4	andaram deuastãdo	andarão deuastando,
3 2	fizeram	fizerão
3 3	Trajano	Trajano,
3 6	obedece'ram	obedeçerão
4 3	humilde	humilde,
4 3	celebrado,	celebrado
4 6	corrente :	corrente,
4 8	tenham ás	tenham a as
5 2	nam	não
6 5	õ novo	o novo
6 7	que	q̃.
8 3	meyo	meio
9 3	mostra	mostra,
10 1	nam	não
10 2	eterno,	eterno
10 3	vil	vil,
10 3	conhecido,	conhecido
10 4	pregam	pregão
10 6	superno :	superno.
10 8	gente.	gente :
11 1	nam	não
11 1	façanhas,	façanhas
11 4	dezejosas :	dezejosas,
11 7	Rodamôte	Rodamonte
12 4	citara	citara

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
12 6	Magriço :	Magriço.
12 7	Gama	Gama,
13 2	memória,	memoria:
13 6	victoria :	victoria.
14 3	fizeram	fizerão
14 6	chora:	chora.
15 6	polo mundo	polo mundo
15 8	Oriēte	Oriente
16 1	Em vós	Em vos (A ed. Jur. traz ac- cento agudo.)
16 4	inclinado,	inclinado:
16 6	vòs	vos
17 1	Em vós	Em vos (A ed. Jur. traz ac- cento agudo.)
17 5	vòs esperam	vos esperarão
19 6	cortando,	cortando.
20 2	està	està,
20 2	gente,	gente (Falta na ed. Jur.)
20 6	juntamente,	juntamente
21 2	foy	foi
23 1	assentos	assentos,
23 4	Razam	Razão (Jur. poz igual.)
23 4	concertavam:	concertavam.
23 7	assi	assy
23 8	horendo.	horrendo. (Falta na ed. Jur.)
24 2	polo,	polo
24 4	do Luso,	de Luso,
24 4	nam	não (Falta na ed. Jur.)
24 6	fados grandes,	fados grandes
24 6	intento,	intento:
24 7	sesqueçam	sesqueção
25 2	singelo,	singelo (Falta na ed. Jur.)
25 2	pequeno,	pequeno
25 5	temido,	temido
25 7	gloria	glória,
26 1	antiga	antigua
26 5	memoria	memoria,
26 7	Hum	Hum,
26 7	capitam	capitão
27 2	dividoso	dividoso
27 3	nam	não

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
29 3	climas, ¹	Climas
29 6	Africana,	Africana
29 8	começaram	Tornarão
29 8	rota.	rata:
30 2	per	por (Falta na ed. Jur.)
30 4	recebendo:	recebendo.
30 7	esqueceram	esquecerão
31 2	fortissima	fortissimo (Falta na ed. Jur.)
31 2	de Hespanha	de Hespanha,
31 4	banha,	banha:
31 5	venceria	venceria,
32 5	sepultado	sepultado,
32 7	chegam	chegão
32 8	navegam.	navegão,
33 1	bella,	bella
33 4	sua Romana	sua Romana (E não <i>si Romana</i> , como alguns affirmam que dizem estas ed. de 1572.)
33 6	mostráram	mostrarão
33 8	corrupçam	corrupção
34 5	arrecea	arrecea,
34 8	favorecem.	favorecem:
35 4	desmedida:	desmedida.
35 8	consagrado,	consagrado. (Falta na ed. Jur.)
36 1	sustentava	sustentava,
36 3	antigo	antiguo
36 8	tras	tràs
36 8	medonho,	medonho
36 8	yrado	irado
38 5	Nam queiras	Não queres (Falta na ed. Jur.)
38 5	padeçam	padeção
38 7	Nam	Não
38 7	juis	juys
39 1	razam	razão
39 1	nam	não (Falta na ed. Jur.)
39 1	mostrasse,	mostrasse

¹ O morgado de Matheus cita, por um equívoco, como erro, *experimentados* e diz que deve ser *exprimentados*. Sim, deve ser para que o verso fique certo; mas não porque, como elle quer, se deva escrever *exprí...* em vez de *experf...*

	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
Est. v.		
39	5 tençam	tenção
39	8 merece	mereçe
40	3 detras,	detras
42	2 omnipotente,	omnipotente
42	8 peixes converteo.	pexes convertêo.
43	1 levavam	levavão
43	3 mostravam	mostravão
43	5 passavam,	passavão
43	6 antigo:	antiguo.
44	1 Gama	gama
44	3 coraçam	coração
44	4 favorece,	favorece
44	5 deter nam ve razam	deter, não ve razão
44	8 cuidava	cuydava
45	6 Nam	Não
45	6 della:	della.
45	7 sera (Por <i>será</i> —em ambas.)	
45	7 deziam	dezião
45	8 teriam	terião
46	1 eram	erão
46	3 eram	erão
46	4 Dūas	Dūas
46	7 nam	não (Falta na ed. Jur.)
47	1 algodam vinham	algodão vinhão
47	4 sobraçados:	sobraçados,
47	5 Da cinta	Das cintas
47	5 despídos,	despídos:
47	6 adagas e tarçados:	adagas, e tarçados. (Na ed. Jur. falta a virgula.)
48	1 acenavam	açenavão
48	3 ligeiras se inclinavam	ligeiras, se inclinavão,
48	4 amainassem:	amainassem.
48	5 trabalhavam	trabalhavão
49	1 Nam	Não
49	2 sobia	subia
49	8 Phaetom	Phaeton
49	8 engeitam	engeitão
50	1 perguntavam	perguntavão
50	2 vinham	vinhão
50	3 eram	erão
50	3 buscavão,	buscavão

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
50 4	tinham	tinhão
50 5	tornavam	tornavão
50 6	convinham	convinhão (Na ed. Jur. errou a 2. ^a , pondo convenhão.)
52 5	razam	razão
52 6	vòs nam se nega:	vos não se nega.
52 7	habitais	abitais (Falta na ed. Jur.)
53 1	Ilhas, (Na ed. Jur. em vez de virgula, tem ponto.)	Ilhas
53 5	ensinou	insinou
56 6	dia.	dia:
57 3	tam	tão
57 5	entam	então
57 7	crêrão	crêrão
57 8	estendêram	estendêrão
60 5	habitando. (Na ed. Jur. em vez da virgula, tem ponto.)	habitando,
60 8	tomáram	tomarão
61 6	Nam	Não
61 6	dá	dã
62 4	barbara,	barbara (Falta na ed. Jur.)
62 5	está	estã
62 8	vinham	vinhão
63 2	fè	fê
63 6	dè	dê
64 1	Respondeo	Responde (Falta na ed. Jur.)
64 2	sabia:	sabã.
66 2	pedes	pedes,
67 8	bravas,	bravas.
68 2	sulphuneas	sulphureas
69 7	Tratallos	Tratalos
70 3	levarão	levãrão
70 6	tam	tão (Falta na ed. Jur.)
71 2	supito (Por <i>subito</i> em ambas.)	
71 5	Os (Ambas as ed; em vez de Oh.)	
71 5	Eternidade,	Eternidade
71 6	nam	não
72 5	cortàram	cortãrão
72 7	obsequente (dizem ambas)	

	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
Est. v.		
72	8 aposent.	apouento: (Na ed. Jur. falta a pontuação.)
73	1 gram	grão
73	2 nascido,	nascido
74	3 Ajam	Ajão
75	4 Debaixo de	Debaixo do (Falta na ed. Jur.)
78	6 roubadas	roubadas,
78	7 passavam	passavão
78	8 ancoravam	ancoravão
79	6 nós	nos
80	3 acompanhado	acomponhado (Falta na ed. Jur.)
80	6 cilado	cilada (as do sr. Palha não trazem o erro; mas vem nas da bibliotheca.)
81	1 nam	não (Falta na ed. Jur.)
81	7 sejam	sejão (Idem.)
81	8 Desbaratados,	Desbaratados
83	3 todo dano,	todo o dano
85	6 cre	cre
87	3 Com a adarga, e co a astea perigosa—	(Dizem ambas as ed.; não usava apostrophe em <i>co</i> .)
88	5 atroce	atroçe
89	1 fogo	o fogo
90	3 povoaçam	povoação (Falta na ed. Jur.)
92	1 almádias	almádias
93	1 Tornam	Tornão
93	4 defesa,	defesa
93	6 antigo, (Dizem ambas; e o morgado de Matheus escreveu <i>antiguo!</i>)	
94	6 má tençam	mà tenção
95	1 Capitam	Capitão
96	3 Nerêo	Nerêo
96	5 Capitam	Capitão
96	5 nam	não (Falta na ed. Jur.)
96	8 passava.	passava:
97	5 razam	razão
97	6 declara:	declara.
100	5 Nam	Não (Falta na ed. Jur.)
100	5 tam	tão
101	2 determinaçam	determinação

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
102 3	nam	não (Falta na ed. Jur.)
102 5	Capitam	Capitão
102 5	Mouro	mouro
104 1	Capitam	Capitão
104 4	dissera.	dissera :
105 3	eram	erão
105 5	O grandes (Exclamação, escripta assim em ambas, bem como a do verso immediato.)	
105 6	certo.	certo :

CANTO II

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
1 4	celeste	Celeste
1 6	abrído	abrído: (Falta na ed. Jur.)
1 7	fingidas	infidas
2 3	Capitam	Capitão
2 5	Ilha	Ilha,
2 5	alvoroçado	alvoroçado (Falta na ed. Jur.)
3 8	desejala.	desejala, (Idem.)
5 1	Capitam	Capitão
5 4	Nam	Não (Falta na ed. Jur.)
5 6	nam	não (Idem.)
6 1	estam	estão (Idem.)
6 3	nam	não (Idem.)
6 4	cri:	cria: (Idem.)
6 7	Capitam	Capitão
7 3	aventurados	aventurados,
7 8	Os que christãos (<i>que, é demais, em ambas as ed.</i>)	
9 1	apresentaram	apresentarão
9 3	correram,	correrão, (Falta na ed. Jur. a virgula na 2. ^a)
9 5	guardaram	guardarão
10 1	mocidade,	mocidade
10 6	fingido,	fingido
11 2	Spirito	spirito
12 2	estava,	estava
12 7	Thionèu	Thionêu
12 8	Verdadeiro	verdadeiro

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
13 1	foram	forão
13 6	foram	forão
14 1	Tornam	Tornão
14 1	recado,	recado
14 3	Capitam	Capitão
14 3	(Jur. traz «mandado» na 1. ^a ; e na 2. ^a «mandado» sem o; vê-se que o o estava lá, mas não tomou tinta; ficára raso.)	
14 4	sincéro	sincêro (Falta na ed. Jur.)
14 6	nam	não
15 3	agasalhãrão	agasalhãrão
15 5	nam	não
15 6	senam	senão
15 7	nam	não
15 8	tam clara, e tam	tão clara, e tão
16 2	subiam	subião
16 4	pareciam	parecião
16 6	traziam	trazião
17 1	aparelhavam	aparelhavão
17 3	ancoravam	ancoravão,
17 5	treiçam determinavam,	treiçãõ determinavão, (Jur. põe <i>traição</i> na 2. ^a , mas lá diz <i>treiçãõ</i> .)
17 8	tinham	tinhão

Até aqui foi conferido por seis ed., sendo duas suppostas 1.^{as}, uma do sr. Palha e outra da bibliotheca; e quatro 2.^{as}, sendo tres da bibliotheca, e uma do sr. Palha.

18 4	inclinam	inclinão
19 1	Nerèò	Nerêo
19 3	mar	Mar
19 7	nam chegasse,	não chegasse
20 6	suma.	suma:
21 3	Nam	Não (Falta na ed. Jur.)
21 5	teso.	teso,
22 1	direito	dereito (Falta na ed. Jur.)
23 3	exercitam	exercitãõ
23 6	mostram	mostrãõ
23 8	a a gente (Trazem sempre ambas.)	
24 3	yrada (Em ambas.)	

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
24 4	hũ	hum (Falta na ed. Jur.)
24 4	atravessando,	atravessando
24 7	O estava	Os estava (Na ed. Jur. falta O grande na 2. ^a)
24 8	medo.	medo: (Falta na ed. Jur.)
25 3	estrondo	estrondo,
25 5	razam	razão
25 6	valha:	valha,
25 7	cuydão (Em ambas.)	
25 8	ande ser (Por <i>hão de ser</i> em ambas.)	
27 2	(O morgado, Barreto Feio, Freire de Carvalho, e todos os seguidores d'estes, <i>mais camoneamos que o proprio Camões</i> , escrevem <i>rãas</i> , que não vem em nenhuma das duas primeiras ed.!)	
28 2	guiãra	guiãra
28 6	doçe (Em ambas.)	
29 2	Mouros,	Mouros (Falta na ed. Jur.)
29 3	fogirlhe	fugir lhe (Idem.)
29 6	ou das	ou das,
30	—(Os primeiros quatro versos são exclamatorios, mas nenhum d'elles tem <i>h</i> , nem ponto de admiração, nem nenhum outro signal interjectivo: «O caso grande, estranho, e não cuydado,» e só no fim da estancia fecha com signal de ?—E em todos os mais logares segue o mesmo.)	
31 2	portos	portos,
31 4	confiança:	confiança
31 6	tão	tam (Falta na ed. Jur.)
31 6	não	nam (Idem; é muito para notar como aqui varia a orthographia!)
31 8	não pòde (Na ed. Jur. na 1. ^a tem agudo, sendo grave.)	nam pôde
33 6	recebida:	recebida
33 7	ceo,	Ceo
34 1	caminho,	caminho
34 2	Tam	Tão
34 3	visinho	visinho,
35 8	acabãrão	acabárão
36 1	esparziam	esparzião (Falta na ed. Jur.)

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
36 3	tremiam	tremião
36 4	nam	não (Falta na ed. Jur.)
36 5	saiam	saião
36 6	Minino	minino
37 8	Marte,	Marte:
38 1	sembante	sembrante
38 5	nū	num
39 1	ò Padre	ô Padre
39 3	amoroso.	amoroso, (Falta na ed. Jur.)
39 8	mofina:	mofina.
40 8	sera (Por <i>será</i> em ambas.)	
41 4	rosa	rosa.
41 8	Lhe	Lhe (Falta na ed. Jur.)
41 8	gram	grão
42 2	moveram	moverão
42 3	sobido	subido (Falta na ed. Jur.)
42 6	façe (Em ambas.)	
42 6	puro: (Na ed. Jur. tem virgula na 2. ^a)	puro.
43 5	Por lhe por (Em vez de <i>pôr</i> ; em ambas.)	
43 8	está	està (Falta na ed. Jur.)
44 1	nam	não
45 6	mar	Mar
45 7	môres	môres
46 8	seram	serão
47 5	milagroso,	milagroso
47 6	estãdo	estãdo?
48 8	Nam... horrendo.	Não ... horrendo: (Na ed. Jur. falta <i>Nam</i> e <i>Não</i> .)
50 2	sendo,	sendo:
50 4	fazendo:	fazendo. (Falta na ed. Jur.)
50 5	gram	grão (Idem.)
50 7	veram	verão
50 7	extrema	extrema,
52 1	sostentarse,	sustentarse, (na ed. Jur. falta virgula na 2. ^a)
53 4	Capitam	Capitão
53 8	linda, e nam	linda e não
54 5	Aureo	Aurea (Falta na ed. Jur.)
55 4	Gantico	Gangetico (Idem.)
56 2	Maria	Maia

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
56 2	tenha	tenha,
56 4	venha.	venha:
56 6	Capitam se nam	Capitão se não
56 7	manda	mãda
56 7	q̄	que
57 1	Cylenêo	Cylenêo
57 2	pês	pês (Falta na ed. Jur.)
57 2	deçe (Em ambas.)	
57 7	galêro	galêro
58 2	grande	grande,
58 6	perclaro (Em ambas.)	
58 8	gesto	gesto,
59 1	parte.	parte,
59 5	esforço	esforço,
59 7	coraçam	coração (Falta na ed. Jur.)
60 3	tinham	tinhão
60 5	Capitam	Capitão (Falta na ed. Jur.)
60 6	noite	noite,
60 7	entam	antam
61 1	aparece	apareçe
61 3	teçe (Em ambas.)	
61 5	favorece	favoreçe
62 1	Nam	Não
62 1	senão	se não
62 6	imolava.	imolava: (Falta na ed. Jur.)
62 7	Teras	Teràs (na ed. Jur. tem <i>t</i> pe- queno na 2. ^a)
63 2	acharas	acharàs
63 2	verdade,	verdade
64 2	Capitam	Capitão
64 6	Nam	Não (Falta na ed. Jur.)
65 5	movimento	movimento, (Idem.)
65 6	banda	banda,
65 7	levam	levão
65 7	acima	acima,
65 8	força	força,
66 1	levavam	levavão
66 3	cortavam	cortavão (Jur., na 2. ^a , diz <i>cos-</i> <i>tavão</i> .)
66 5	vigiavam	vigiavão
66 7	sentiram	sentirão

	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
Est. v.		
66 8	nam... fogiram	não... fogirão (Falta <i>nam</i> e <i>não</i> na ed. Jur., e escreve na 1. ^a <i>fugiram</i> .)
67 5	vam	vão
67 6	perdêram	perderão
68 2	viram	virão
68 4	respiram	respirão
68 5	aviam	avião
68 6	viram	virão
69 1	tam	tão (Falta na ed. Jur.)
69 7	Nam	Não (Idem.)
69 7	tivera	tivêra,
69 8	recebera	recebêra
70 4	nam	não (Falta na ed. Jur.)
70 8	acharâm	acharão
71 5	Capitam	Capitão (A ed. Jur. traz c pequeno na 2. ^a)
71 7	Cylenêo	Cylenêo (Falta na ed. Jur.)
72 3	aquêtava,	aquentava
73 3	arte,	arte
73 6	porporea (Em ambas.)	
73 8	entravam	entravão
74 2	De gente	Da gente
74 6	findo (Por <i>fundo</i> , em ambas.)	
74 7	hū	hum
74 7	que tomàram	q̄ tomarão (Na ed. Jur. errou os accentos.)
74 8	manifestàram	manifestarão (Idem.)
75 8	servissem.	servissem:

No verso da pag. 31, canto II, est. 75, ha um curioso e interessante pormenor: o 2.º verso d'essa estancia começa com letra pequena, em ambas as edições. Comtudo, não são as mesmas, como este facto daria logar a suppor-se. Além do O do verso 1 ser differente (hesito aqui em afirmar que não sejam do mesmo typo), na supposta 1.^a temos mais versos começados por letra pequena, n'esta mesma estancia; um, na immediata, que é a 76; 2 na 77; e outro na 78. Todas as vezes que o verso principia n'este logar pela letra q, succede este phenomeno typographico, indicando falta de typo sufficiente d'aquella letra; mas na supposta 2.^a, só faltou no começo do verso citado!

Seria por casualidade que se deu na mesma pagina a mesma circumstancia? Querer-se-ia porventura levar a imitação, o logro, até o ponto de introduzir as mesmas faltas de letras maiusculas nos mesmos logares? Mas, se assim fosse, devia conter a supposta 2.^a tantas mudanças como as da outra. E teria sido absurdo fazer-lhe as alterações orthographicas que vou notando. Acho tudo isto extraordinario. E quizera antes poder aceitar a hypothese de Silva Tullio, de uma só edição (se não fosse esta fatal tabella que me mostra o contrario!) do que achar-me em frente de taes dúvidas, sem as poder resolver satisfactoriamente. O que porém se avigora no meu espirito é a opinião de que a segunda, verdadeira, não se podia fazer senão com fim criminoso. Já disse que examinei duas edições da supposta 1.^a e quatro da supposta 2.^a e que ellas differem o sufficiente para se poderem distinguir. Certeza? Quem a pôde ter em cousa alguma do que respeita a Camões?!

SUPPOSTA 1.^a

Est. v.

76 2 nam
 76 6 ceuadas
 76 7 entam
 77 1 Capitam
 77 4 que
 77 7 crece
 77 8 endurece
 78 2 que
 78 3 nam
 79 4 Nam
 79 4 amado
 80 1 Nam
 80 3 matando,
 80 7 grande
 81 1 geraçam
 81 5 nós
 82 2 ô Rei
 82 8 sincêro
 83 1 nam
 83 1 ó Rei, que nam
 83 2 Capitam
 83 3 visse,

SUPPOSTA 2.^a

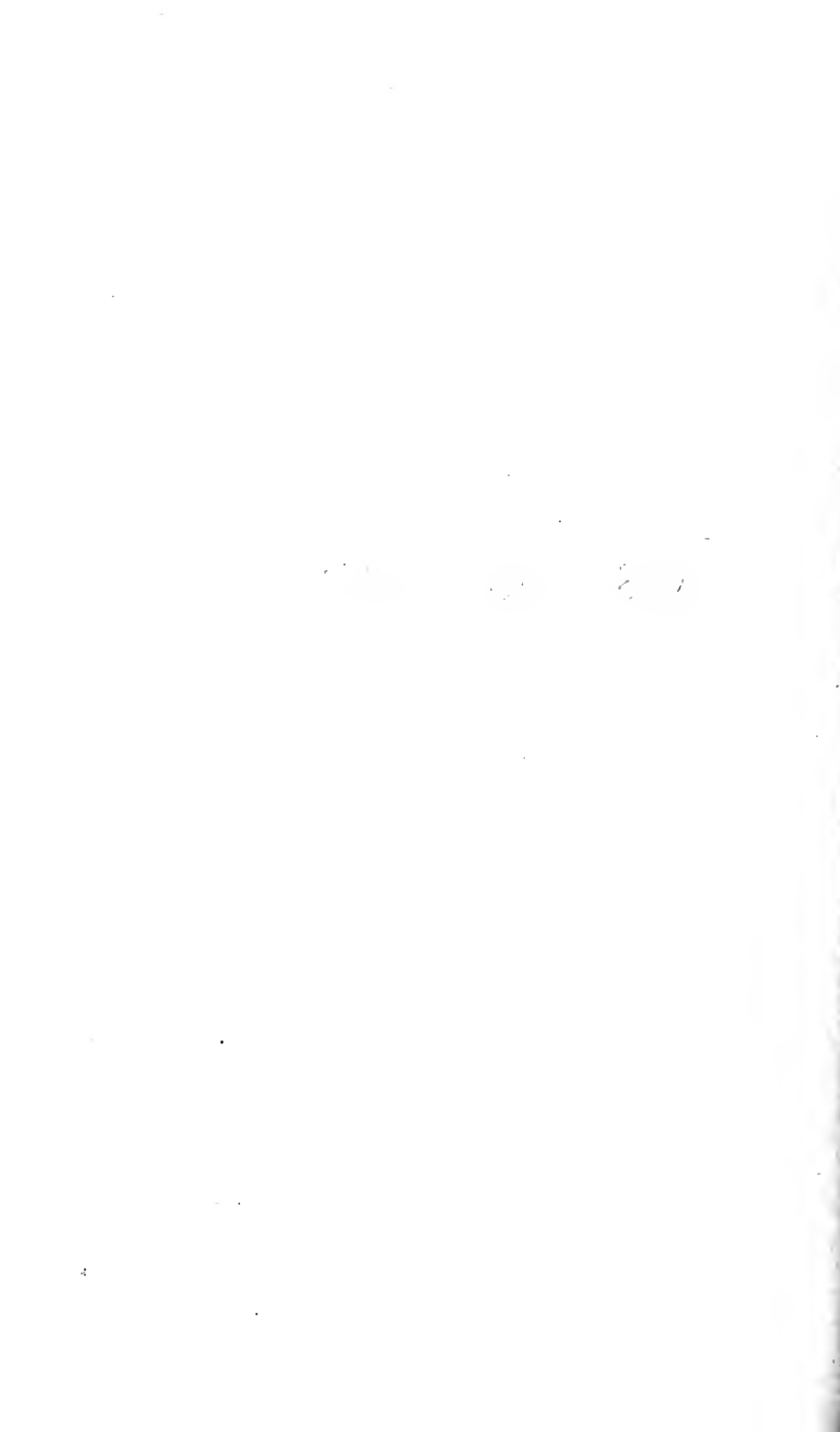
não
 çeuadas (Falta na ed. Jur.)
 antam
 Capitão
 Que
 creçe (Falta na ed. Jur.)
 endureçe
 Que
 não
 Não
 amado,
 Não
 matando
 grande,
 geração
 nos (Falta na ed. Jur.)
 ó Rei
 sincêro
 não
 ô Rei, que não (Na ed. Jur.
 tem circumflexo em am-
 bas.)
 Capitão
 visse

Est. v.	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
83 8	frota	frota,
84 2	cabeça,	cabêça (Na ed. Jur. errou o accento.)
84 3	Nam	Não
84 5	merces	merçes
84 6	conheça,	conheça (Na ed. Jur. pôz, na 2. ^a , um til no o.)
84 7	podérem	podérem,
85 2	fallando	fallando,
85 3	louvavam	louvavão
86 2	tâto	tanto (Falta na ed. Jur.)
86 8	Nam	Não (Idem.)
87 1	Nam	Não (Idem.)
87 2	vsuda	vsada (Idem.)
87 5	nam	não
87 7	tam	tão (Idem.)
88 1	chegada	chegada, (Idem.)
88 2	almâdias	almâdias
89 2	mensagemeiro,	mensagemeiro
89 3	embaxada	embaixada (Idem.)
89 7	buscauam	buscauão (A ed. Jur. traz v em vez de u, em ambas.)
89 8	festejavam	festejavão
90 1	faltam	faltão
90 1	artificio	arteficio (Falta na ed. Jur.)
90 6	estam	estão
90 8	tangiam	tangião
91 1	Respondenlhe	Respondem lhe (Na ed. Jur. põe <i>hyphen</i> , na 2. ^a , quando não deve ter.)
92 3	Menon (Em ambas, em vez de <i>Memnon</i> .)	
93 4	Lustram	Lustrão
93 5	azagaias.	azagaias,
94 8	algodam	algodão
95 7	pès	pês
95 8	Cobrem ouro,	Cobrem, ouro (Na ed. Jur. falta letra grande, por que é começo de verso.)
96 4	nam	não
96 4	sobido	subido (Falta na ed. Jur.)
97 4	companhia,	companhia :

	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
Est. v.		
97 5	Hispano	Hispano :
97 8	Carmesi (Lêem ambas, e não <i>carmersi</i> , como diz a ed. Jur. que traz a 1. ^a)	.
97 8	cor,	cor
97 8	preza :	preza.
98 6	gibam	gibão
99 2	Mûrice	Mûrice
100 1	incitavam	incitavão
100 2	resonando	resoando
100 3	coalhavam	coalhavão
100 6	nuães (Em ambas.)	
101 1	Capitam	Capitão
101 3	razam	razão
101 5	admiraçam	admiração,
101 7	tinha	tinha, (Falta na ed. Jur.)
102 1	offerece	offereçe
102 3	fallece	falleçe
102 8	guerrà	guerra
103 2	fizeram	fizerão
103 3	ganháram	ganhãrão
103 4	viueram	viuerão (A ed. Jur. traz <i>v</i> em vez de <i>u</i> , em ambas.)
103 6	que de Luso mereceram	que os de Luso merecerão (ambas trazem dois pontos; Jur. marcou-os só na 1. ^a)
104 1	piidade	piidade,
104 4	insana,	insana. (Falta na ed. Jur.)
104 7	recebemos	reçebemos
104 8	nam	não (Falta na ed. Jur.)
105 4	fido	fido,
105 7	gloria	gloria,
106 1	vam	vão (Falta na ed. Jur.)
106 3	vam	vão
106 7	tangiam	tangião
106 8	respondiam	respondião
108 4	auidas	ãuidas (A ed. Jur. traz, na 2. ^a , <i>ãuidas</i>)
109 1	Capitam	Capitão
109 3	regiam,	região
109 5	geraçam	geração
110 4	Africa	Affrica

	SUPPOSTA 1. ^a	SUPPOSTA 2. ^a
Est. v.		
110 5	freios (Em ambas; n'outros logares dizem tambem ambas <i>freos.</i>)	
111 3	nam conhece	não conhece
111 5	Nam	Não
111 5	resplanéce	resplandeçe
111 8	nam	não
112 1	Cometeram	Cometerão
112 2	vão (Por <i>vãã</i> , em ambas.)	
112 4	Plutam	Plutão
112 6	duro	duro, (falta na ed. Jur.)
112 8	Nereo:	Nereo.
113 2	sotil	subtil (Falta na ed. Jur.)
113 2	Tesifonio (Em ambas, em vez de <i>Ctesiphonio.</i>)	
113 7	razam	razão

OS LUSIADAS



OS LUSIADAS



CANTO PRIMEIRO

I

*As armas, e os barões assignalados
Que, da occidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram inda além da Taprobana;
E, em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;*

Verso 5—*Em perigos e guerras esforçados*

A primeira edição, de 1572, traz a conjunção *E* fóra do seu lugar, no v. 7, alterando assim o sentido da estancia; e a segunda, não a trouxe¹. Até 1639, anno em que Manuel de Faria e Sousa publicou os seus commentarios, todas aquellas a que faltava esta copulativa, tinham seguido a segunda; e as que a mostravam no v. 7 eram reproducções da *princeps*. Assim, não se encontra na de 1597, e vem na de 1609, que foi, provavelmente, a de que se serviu Manuel Corrêa para a sua cópia, ainda que com bastantes mudanças, como opportunamente se ha de ir vendo.

¹ Convem advertir de uma vez para sempre que, de ora em diante, quando n'estas notas me refiro á primeira ou segunda edição, das que trazem a data de 1572, chamo primeira á que todos os escriptores que me precederam, excepto o sr. Tito de Noronha, qualificam como segunda; e considero segunda a outra.

Faria e Sousa, que emquanto conhecia só a segunda edição a considerava erradamente como primeira, notou que no v. 5 havia uma falta qualquer; e collocou ali outra conjuncção, que todavia não era a legitimamente posta por seu auctor, antes de lhe alterarem a estancia. Escreveu d'este modo:

Que em perigos, e guerras esforçados,

Esta innovação, acceita por uns e rejeitada por outros, trouxe os editores divididos até ao nosso seculo. Uns davam a lição da primeira, outros a da segunda, e alguns — raros — a de Faria e Sousa. D. José Maria de Sousa Botelho, morgado de Matheus, publicando, em 1817, a sua tão formosa quanto incorrecta edição, feita sobre a segunda, havida por todos como primeira, não influiu favoravelmente para a união dos tres ramos dissidentes da familia camoneana dos *Lusiadas*. Só dezeseite annos depois do morgado, dois illustres emigrados portuguezes deram á luz, em Hamburgo, a de 1834, que, geralmente, conciliou os votos das maiorias. Esta foi, e é ainda hoje, uma das mais correctas; sobrelevando, porém, a todas as existentes, até agora, a do sr. Biel, prefaciada, annotada, e penso que revista ainda pelo meu fallecido amigo José Gomes Monteiro. Pelo seu luxuoso papel, magnifica impressão, gravuras, ornamentação interior e exterior, e pelos estudos que a exornam é o mais esplendido monumento que a arte de imprimir tem levantado ao nosso grande epico. Apenas se lhe notam duas ou tres levissimas incorrecções, que deviam vir notadas como erros typographicos, porque evidentemente o são; mas que o benemerito editor não apontou, talvez para não macular tão formosa obra.

O apparecimento da de Barreto Feio resolveu algumas dúvidas graves; e, entre ellas, a verdadeira lição d'esta passagem, tirando a conjuncção *E* do v. 7 e pondo-a no v. 5, a que legitimamente pertencia.

Advirto igualmente, que muitas edições variam no modo de escrever esta e outras estancias; umas dizem: *de antes navegados*; outras *d'antes*; *ainda além*; *inda além*; *promettia*; *permittia*, etc. Seguindo sempre o texto, com a primeira de 1572 á vista, irei adoptando o que me pareça mais racional e logico; e farei a possivel diligencia de não me apartar muito das lições primitivas: e aqui era já boa occasião de o fazer, se não tivesse a convicção de que Camões escreveu *promettia*, e não *permittia*.

N'esta primeira estancia dos *Lusíadas* começa a censura do padre José Agostinho de Macedo. Se valesse a pena fazer-se a confrontação do seu enregelado *Oriente* com o inspirado poema de Camões, ficaria patente a boa fé da sua critica; como, porém, o julgo indigno de semelhante honra, limitarei os meus reparos a meia duzia de citações. Aqui diz elle mal do v. 3, affirmando que o poeta não podia escrever sem falsidade «mares nunca d'antes navegados». Entretanto, repete-o elle muitas vezes no seu *Oriente*:

..... e o mar navega,
Que até agora se diz o intacto Oceano.
Canto II, est. 27, v. 3 e 4.

E os nunca abertos campos do Oceano
Corta a armada segura, e diligente
Canto III, est. 67, v. 3 e 4.

Por mar impervio, e nunca navegado:
Canto IV, est. 29, v. 4.

Pelo até agora impervio, e intacto Oceano
Canto VI, est. 19, v. 3.

Para que é mais? Em todo o livro abundam os «intactos oceanos», attestando a pobreza de imaginação e engenho e a malevolencia d'este mau frade.

II

*E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando;
E aquelles que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.*

Quer Jeronymo Soares Barboza, na *Grammatica philosophica* da lingua portugueza (pag. 385, edição de 1830, Lisboa, typ. da Academia), que haja discordancias ou solecismos nos termos da proposição de parte d'esta oitava. Não tem rasão; pelo menos com relação á syntaxe dos classicos, do seculo

de Camões. Todos elles, mais ou menos, incorrem nos mesmos defeitos, que então se não consideravam taes. E comquanto eu tente n'estes estudos fazer concordar, sempre que seja possível conseguil-o sem offensa do poeta, os seus versos com as fôrmas da nossa grammatica actual, advirto que os *erros verdadeiros* são rarissimos de encontrar nos *Lusiadas*, excepto os que devem considerar-se exclusivamente typographicos.

III

*Cessem do sabio grego e do troyano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das victorias que tiveram;
Que eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram;
Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.*

É tempo já que este *Alexandro*, do v. 3, passe a chamar-se simplesmente *Alexandre*, como toda a gente, apesar da sua altissima prosapia. Todas as edições dizem *alevanta*, no v. 8. A lingua permite similhante variedade; todavia, sempre que o possa fazer, sem prejudicar o verso, prefiro escrever *levanta*.

IV

*E vós, tágides minhas, pois creado
Tendes em mim um novo engenho ardente;
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dae-me agora um som alto, sublimado;
Um estylo grandiloquo e corrente;
Para que a vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.*

Verso 1—*E vós, tágides musas, etc.*

Segundo Manuel de Faria e Sousa, Camões teria escripto *musas*, em vez de *minhas*; porque assim estava no primeiro

manuscripto, que aquelle commentador disse ter encontrado em Madrid, quando tocava quasi o termo dos seus longos commentarios. Ainda que nem esse manuscripto, nem o de Manuel Corrêa Montenegro, que tambem affirmou que achára, mereçam grande confiança, eu não teria dúvida em acceitar a presente correcção, como feita pelo poeta, *antes* ou *depois* de impressa a primeira edição dos *Lusiadas*, se a julgasse indispensavel. Parece-me ter todo o cunho de uma boa substituição do proprio auctor. (Veja a minha annotação ao canto IV, est. 102, v. 5. E veja tambem, nos *Commentarios* do tomo I de Faria e Sousa, columna n.º 647 em diante, onde começam as lições várias.)

Quanto ao *mi*, dos v. 2 e 4, não pôde ter logar no trabalho que aspira a pôr o poema em harmonia com a actualidade da lingua.

No v. 5, *som alto, e sublimado*, parece-me improprio de Camões. *Sublimado* está acima de *alto*; por isso, creio que a conjunção *e* foi introduzida na primeira edição pelo typographo. Retiro-a.

Porque de vossas aguas Phebo ordene,

Lêem todos, no v. 7. Atrevo-me a corrigir, persuadido de que assim fôra feito o verso. Como está, não acho crível que o deixasse o poeta: *Porque Phebo ordene que de vossas aguas não tenham inveja ás de Hippocrene?* Mas deve ser o contrario: o que pretende o cantor é que as aguas do Tejo não tenham que invejar áquellas.

V

*Dae-me uma furia grande e sonora,
E não de agreste avena ou flauta ruda;
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende e a côr ao rosto muda;
Dae-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.*

Todos escrevem *frauta*, no v. 2. Não vejo rasão para que, expungidos outros termos obsoletos, se deva conservar este.

Verso 4—*Que o peito accende e a côr ao gesto muda;*

Ainda que muitas vezes nos *Lusiadas* se encontra *gesto*, em vez de *rosto*, creio firmemente que n'este logar, pelo menos, o poeta escreveu o primeiro e não o segundo substantivo. Do contrario, haveria manifesta impropriedade. O medo, o enthusiasmo, a ira, mudam a côr do *rosto*, não a do *gesto*. É possível, e parece certo, que no tempo de Camões o vocabulo tivesse dupla significação; mas o poeta, que era mestre na lingua latina, como podia ignorar que *gestus* e seus derivados vem dos movimentos e gesticulação dos mimicos?! Eu não creio que fosse elle quem repetidamente escreveu *gesto* em vez de *rosto*, nos *Lusiadas* e nas *Rimas*, ainda que n'estas muito menos vezes. O *Diccionario* de Moraes, em *Gesto*, cita Vieira, e bem: «Se com o gesto de ambas as mãos o rejeitasse». Engana-se, porém, acrescentando: «O rosto, ou parecer; o semblante, physionomia». E apoia-se nos *Lusiadas*! Continuando, transcreve de Bernardes (*Floresta*): «merencorio no *gesto*, parecia». Merencorio no *gesto*, admite-se. Em seguida, invoca outra vez os *Lusiadas*; e cáe em grave erro, escrevendo: «O *gesto do mundo*; a face. *Vieira*». Vieira não diz tal, nem mesmo como figura. *O gesto do mundo*, quer dizer o *movimento*, e não a *face*. Moraes, cáe n'outras peiores!

A maioria das edições, que se julgam mais correctas, supprimiu o *a*, antes de *Marte*, no v. 6. Nenhuma das considerações que tenho lido, até agora, me convenceu da necessidade de as imitar. Em rigor, e comparando a presente passagem com outras do poema, por exemplo, com a est. 50 do canto II, deve ir o verso sem correccção:

*Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito lusitano, etc.*

Se Marte invejava o valor dos portuguezes, porque não poderiam estes ajudá-lo? Manuel Corrêa, ou quem quer que foi o auctor do commentario que se lhe attribue, escreveu, talvez ao acaso:

Gente vossa, a que Marte tanto ajuda

Sendo seguido por alguns dos modernos. Faria e Sousa tenta provar, com Virgilio, que a gente portugueza ajudava

Marte; e informa que a supressão da preposição *a* vinha do primeiro manuscrito, a que chama *original*. Comtudo, não a tira. Mais singular é que nunca se fizesse reparo em que, duas oitavas antes d'esta, Camões dissera:

*Que eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram*¹.

Esta obediencia de Neptuno e Marte, afigura-se-me superior a tudo quanto possa dizer-se em tal assumpto. É claro que os portuguezes podiam perfeitamente ajudar deuses que lhes obedeciam. Não sigo portanto os exemplos de Barreto Feio, Biel e outros, que não usam a preposição citada.

Freire de Carvalho tambem não corrigiu, mas não disse porquê.

No primeiro ms., de Faria e Sousa, se é verdadeiro, teria o poeta escripto *Que Marte*, segundo aquelle affirma; porém no que mandou para a imprensa, emendou, avisadamente: *Que a Marte*.

VI

*E vós, ó bem nascida segurança
Da lusitana antiga liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena christandade;
Vós, ó novo temor da moira lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande:*

No v. 5 escrevo *moira*, em vez de *maura*, seguindo as mais auctorisadas opiniões de que os classicos se devem reeditar com a orthographia moderna.

¹ Barreto Feio, que não reparou n'estas frisantes approximações, apoia-se, para sustentar a preposição, no futil pretexto de que mais adiante Marte defendêra os portuguezes no conselho dos deuses contra Baccho. Mas o poeta não sabe se o fez *porque o amor antigo o obrigava*, se *porque a gente forte o merecia* (canto 1, est. 26); ao passo que nos logares que cito, não tem hesitações nem dúvidas.

Cumpre acrescentar aqui o seguinte:

Havendo já terminado este trabalho, me emprestou o meu amigo Miguel de Novaes a edição dos *Lusiadas*, publicada no Porto, em 1881, pelo fallecido A. R. da Cruz Coutinho. Em alguns pontos, folguei de ver que o fallecido pensava como eu; encostou-se, porém, como todos, á *amisade* de Manuel Corrêa, para fallar de Camões; e traz apenas uma das emendas que eu faço: a do v. 6 da est. 34, canto 1. Mas o que me pareceu n'esta edição de maior novidade foi a opinião que se refere aos v. 5 e 6 da presente estancia. Pretende Cruz Coutinho, que a *maravilha fatal da nossa idade* não seja D. Sebastião, mas a *maura lança*. E diz que «não tendo aquelle principe, *então na idade de dez ou doze annos*, praticado factó algum que o tornasse notavel, e menos ainda *maravilha*», etc., etc.

Quando se publicaram os *Lusiadas*, em 1572, D. Sebastião, que nascêra a 20 de janeiro de 1554, contava dezoito para dezenove annos, e não dez ou doze. É certo que nada tinha ainda feito; mas penso que o chamar-lhe Camões *maravilha fatal*, provinha tanto das circumstancias do seu nascimento, como da sua indole fogosa e das suas tendencias guerreiras. Nos *Elogios dos reis de Portugal*, a pag. 175, escreve d'elle Antonio Pereira de Figueiredo: «... e como era d'uma indole elevadissima, não revolvía no seu pensamento, senão armas, guerras, victorias, dilatação de imperio, e de nome. Accendiam n'elle muito este appetite de gloria, as repetidas noticias, que vinham da India, das proezas que lá faziam os dois Viso-Reis D. Constantino de Bragança¹, e D. Luiz de Ataíde». Chamar á moira lança *maravilha fatal da idade ou do seculo* em que viveu o auctor dos *Lusiadas*, seria disparate enorme. Nem mesmo nos seculos e idades anteriores, quando os moiros dominavam ainda em parte de Portugal, e os nossos batalhadores diligenciavam expulsál-os por meio de contínuas guerras, se poderia com propriedade dizer que a lança moirisca era *maravilha fatal*. *Maravilha*, definem todos os dictionarios, *pessoa ou cousa*, que, por muito extraordinaria, causa admiração; e tambem — *prodigio, milagre, factó ou acção*, nem sempre comprehensivel. *Fatal*, não significa só *funesto*, como queria Cruz Coutinho; mas é tambem o que tem de succeder, infallivelmente, segundo uns, por influção do *destino*; e, conforme

¹ Quería talvez dizer D. Antão de Noronha, que foi o antecessor de Ataíde.

outros, *providencialmente*. O proprio Camões o disse na est. 38 do canto x:

*Occultos os juiços de Deus são;
As gentes vans, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura;
Sendo só providencia de Deus pura.*

Concedendo, pois, que seja pouco feliz a idéa de qualificar D. Sebastião como *maravilha fatal*, rejeito, por absurda, a lembrança de substituir a pessoa do rei pela *moira lança*. Vi em Manuel Corrêa a mudança do participio *dada*, para masculino, no v. 7 d'esta estancia; mas não fiz caso d'ella, assim como de outras muitas, que julgo feitas inconscientemente. *Dado*, tratando-se de *maravilha*, era tolice; e foi talvez por isso que José da Fonseca seguiu a lição da de 1613. Assim como Fonseca copiou Corrêa, em quasi tudo, Cruz Coutinho segue Fonseca, reproduzindo os erros do geral dos editores, excepto o que mencionei atraz, e mais alguns já corrigidos antes da sua edição ser publicada. Muitas das considerações que faz este editor, na *Vida de Camões*, devem ser lidas; não porque tenham o menor valor biographico, porém pela sensatez com que em varias partes se referem ao poema, e aos córtes e deturpações que este padecêra.

O—*que todo o mande*, do v. 7, fatalmente o errou o poeta, porque o verbo deveria estar no indicativo. Comtudo, Ignacio Garcez Ferreira, ao qual o visconde de Juromenha chamou precursor de José Agostinho de Macedo, acha-lhe a seguinte saída:

«Parece que a rima obrigou a dizer *o mande*, devendo ser *o manda*, referindo-se ao mundo: mas pôde passar, como uma deprecação¹».

Luiz Antonio Verney, qualificado por fr. Fortunato de S. Boaventura, com o apoio de Francisco Freire de Carvalho, de Innocencio Francisco da Silva e de outros, como *o maior sabio portuguez do seculo xviii*, escreveu (a pag. 218 do tomo 1

¹ Este commentador diz, a pag. 5 do tomo 1, que segue em geral a Faria e Sousa, o que não julgo muito exacto; e menos ainda que confrontasse Faria, como tambem assevera, com a edição de Corrêa, ou de Pedro de Mariz. As que Garcez mais segue parecem-me ser as de 1631 e 1669, apesar de lhe escaparem algumas das correções que estas trazem.

do seu rançoso *Verdadeiro methodo de estudar*), que as duas oitavas antecedentes «*sam tam oscuras, que nam se-pode intender sem comentario: e o mesmo podia dizer, de quasi toda a invocasam*».

Este *sabio*, que, para os menos entendidos, como eu, não passa de *escrevedor* massudo, pesado, indigesto, de pessimo ou nenhum gosto, tratando a lingua portugueza como se fosse gallega, ou moira, e gabando-se de a *saber bem*, foi dos mais atrevidos detractores de Camões, no seculo passado. Asseverou, no tal *Methodo*, que os portuguezes não são poetas, «mas meros versejadores». Apesar de confessar (pag. 177 do tomo 1), que tem pouca noticia de poetas portuguezes, ou que não tem *toda a necessaria para formar juiço exacto d'elles*, não hesita em avançar que os não ha, no paiz da Europa em que relativamente mais abundam, como affirmou Garrett!

José Agostinho de Macedo accusava Camões de excesso de crudição; Verney affirma que não tem nenhuma! A boa fé d'estes criticos é assim em tudo. Quando Verney louva o poeta, é d'este modo que procede:

«*Avemos de confesar, que Camões teve muito ingenho, imaginasam fecunda, e grande: e que se-tivese estudado ou tratado, com quem ensinase bem, as coisas que devia, poderia desempenhar, o argumento da Epopeia. Com effeito o que fez de bom, tomou dos-nosos...*» «*Mas querèlo comparar com Omero, como fazem muitos: ou querèlo colocar, sobre os das-outras Nasões todas; com a razam, de que o seu poema o-traduziu um francez na sua lingua, e o Paggi na nosa Italiana; iso nam deixa de ser temeridade, fundada em uma prova fóra do-cazo. Tambem um curiozo se-divertio, em traduzir o Vieira em Italiano; e contudo ninguem faz cazo de tal tradusan, e auctor: e o mesmo succede ao Camões; que a maior parte dos-nosos bons Poetas, nam sabem que o-ouve no-mundo!!!*»

Ponho aqui tres pontos de admiração, pela impossibilidade de responder de outro modo. A má fé ou ignorancia d'esta critica salta aos olhos. Não nego os serviços que Verney prestou a Portugal, onde tinha nascido, cooperando para a reforma dos estudos; mas, sendo de origem franceza, por seu pae, fazia-se passar por italiano e insultava covardemente a sua patria. Tendo completa ausencia de gosto, se não tambem falta de sufficiente instrucção litteraria, nunca se deveria ter mettido a fallar do que não entendia; pois que vivêra tantos annos longe do seu paiz, onde nunca mais voltára, e nem a sua lingua

já sabia! Fallando dos sonetos de Camões, atreve-se a chamar detestavel a um dos mais formosos, pelos sentimentos que expressa. É aquelle que principia:

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente, etc.*

Diz que a «proposição d'este soneto» *manifestamente se vê ser uma parvoíce!*¹

VII

*Vós, tenro e novo ramo florecente
De uma arvore de Christo, mais amada
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesárea ou Christianissima chamada;
Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deu por armas, e deixou
As que elle para si na cruz tomou:*

Alguns editores põem entre parenthesis os quatro ultimos versos d'esta oitava. Não me parece que isso a torne mais ou menos intelligivel; e portanto não os imito.

VIII

*Vós, poderoso rei, cujo alto imperio
O sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do hemispherio;
E, quando desce, o deixa derradeiro;
Vós, que, esperâmos, jugo e vituperio
Do torpe ismaelita cavalleiro,
Do turco oriental, e do gentio
Que inda bebe o licôr do santo rio:*

¹ Entre os muitos opusculos que safram a refutar o *Verdadeiro methodo de estudar*, tornou-se notavel o que se intitula *Reflexões apologeticas á obra intitulada Verdadeiro methodo de estudar*, etc., por fr. Arsenio da Piedade (aliás padre José de Araujo). Valensa (leia Lisboa), na officina de Antonio Balle (Francisco Luiz Ameno, que se occulta no mesmo opusculo sob o pseudonymo de Ni-

Verso 5—*Vós que esperamos jugo e vituperio,*

Lêem as duas primeiras. Parece-me que este verso nunca foi bem entendido pelos críticos de Camões. Pelo menos, assim se me afigura, á vista do modo por que todos lhe pozeram a pontuação. Penso que o poeta quiz dizer: *Vós, que, segundo esperamos, continuareis a ser jugo e vituperio,* etc. Crente n'esta lição, orthographiei-o como julgo que deve ser: o que todavia não impedirá a quem souber mais do que eu, que despreze a minha emenda.

Jeronymo Soares Barboza e o padre Macedo, abocanharam-n'ò, por não o entenderem. A mim, parece-me sufficientemente claro.

As de 1572, como se vê da transcripção, apenas trazem virgula em *vituperio*.

IX

*Inclinae por um pouco a magestade,
Que n'esse tenro gesto vos contemplo;
Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da real benignidade
Pondo no chão, vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos.*

No v. 2 pôde admitir-se *gesto*, porque *rosto* daria ao verso um som horripilante.

Verso 6—*Ponde no chão: vereis um novo exemplo*

As duas primeiras, e mais algumas, trazem dois pontos, adiante de *chão*; outras, contentam-se com uma virgula. De qualquer dos modos, poderia passar, se realmente o poeta assim tivesse feito o verso. Mas é que não disse *ponde*, como todos

colao Francez Siom), 1748. O auctor era jesuita; e, comquanto eu deteste a seita, devo dizer que a resposta ao livro, que atacava todo o systema scientifico do ensino, então usado em Portugal, é muito superior ao escripto de Verney. Este tinha, porém, a seu favor a idéa, que era boa e util; por isso devia vencer fatalmente, mesmo sem a *Resposta*, de Verney, publicada no mesmo anno e na mesma officina, reproduzindo identicos argumentos; e, com relação a Camões, bastante amenisado e negando até parte do que primeiro affirmára.

teem seguido; escreveu *pondo*, fallando com o devido acatamento, e não intimando o rei para que pozesse os olhos no chão, como quem lhe dava ordens, em vez de lhe dirigir uma súplica respeitosa. Só depois d'esta condicional, em que apurou a sua modestia, usa da liberdade de lhe dizer, nas duas estancias seguintes: «ouvi». Este *pondo* é, pois, uma especie de introdução, ou de licença que toma para as advertencias e considerações que vae fazer-lhe, nos versos immediatos.

« *Se quiçerdes descer com a vista até ao meu livro, vereis, divulgado em versos numerosos, um novo exemplo de quanto póde o amor da patria.* » Foi isto que elle disse.

No v. 7 lêem todas *valerosos*, que vem de valente; apesar d'isso, prefiro escrever *valorosos*.

X

*Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas, alto, e quasi eterno:
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi; vereis o nome engrandecido
D'aquelles de quem sois senhor superno;
E julgareis qual é mais excellente:
Se ser do mundo rei, se de tal gente.*

XI

*Ouvi; que não vereis com vãs façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas.
As verdadeiras nossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rhodomonte, o vão Rogeiro,
E Orlando, inda que fôra verdadeiro!*

Todas as edições lêem *vossas*, no v. 5. Referindo-se Camões aos gloriosos feitos e acções dos portuguezes, e não aos do rei, que a este tempo não tinha nenhuns, parece-me tolice typographica. O poeta não era aulico, para escrever bajulações

indignas; prova em todo o poema, mesmo quando louva, a mais absoluta independencia de character, á qual deveu talvez a miseria de toda a sua vida.

É certo que poderia dizer ao rei *vossas*, alludindo ás da nação, de que este era chefe; porém, mais natural é que escrevesse *nossas*, em vez de metter, sem motivo plausivel, a D. Sebastião, que ainda nada fizera.

No v. 7 supprimo a conjunção *e*, depois de *Rhodomonte*, porque não era provavel que o poeta a deixasse, repetindo-a logo no começo do v. 8, onde está bem posta.

XII

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao rei e ao reino tal serviço;
Um Egas e um dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze pares dar-vos quero
Os onze de Inglaterra e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Enéas toma a fama.

Verso 6—*Os doze de Inglaterra e o seu Magriço*

Erro de todas as edições. Se fossem treze, devia contar-se assim; mas eram doze, na sua totalidade; e, portanto, a lição deve dizer onze; porque só com o Magriço perfazia aquelle numero: não era duzia de frade, como todos teem entendido. (Veja-se a minha annotação ao canto vi, est. 57, v. 3; e v. 5 da 59, etc.; e veja igualmente a lição do primeiro ms. de Faria e Sousa, que diz: *Os onze*.)

XIII

Pois se a troco de Carlos, rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria;
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande e prospera victoria;
Outro Joanne, invicto cavalleiro;
O quarto e quinto Affonsos; e o terceiro.

Apesar de Manuel Corrêa e Faria e Sousa terem asseverado, como toda a gente entende, sobretudo depois de se ter fallado nos doze pares, que esta referência do v. 1 é a Carlos Magno, o annotador da edição Roilandiana, professor de oratoria, poetica e litteratura classica, diz: «Talvez Carlos VII, chamado o *victorioso*, que morreu em 1461».

Imagine-se por aqui a critica e a verdade com que tal edição ganhou creditos de excellente!

XIV

*Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que, nos reinos lá da aurora,
Sós, fizeram, por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora!
Um Pacheco fortissimo; e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terrível; Castro forte;
E outros, em quem poder não teve a morte.*

Verso 3 — *Se fizeram por armas tão subidos,*

Assim vem este verso em todas as edições, embora a grammatica se opponha a que elle ligue racionalmente com os outros. Muito tempo me pareceu que a correcção deveria ser *sustiveram*; mas, depois de larga reflexão e repetida leitura do poema, decido-me por *sós*, que é mais vezes usado nos *Lusitadas*. Veja canto II, est. 18, v. 3 — *as velas sós*; mesmo canto, est. 27, v. 8 — *sós as cabeças n'agua*; canto IV, est. 20, v. 2 — *reliquias sós de cammas*; e sobretudo aquelles dois versos, quasi semelhantes a estes, do canto VI, est. 48, v. 7 e 8:

*Que elles sós poderiam, se não érro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.*

É verdade que temos um bom exemplo na est. 83, do mesmo canto VI:

*Oh! ditosos aquelles que poderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer, emquanto fortes sustiveram
A santa fé nas terras mauritanas!*

Parece-me todavia que a lição aqui será *Sós, fizeram*, e não *sustiveram*.

José da Fonseca corrigiu, na sua edição de Paris, de 1846:

Fiçeram só por armas tão subidos

Acho pouco feliz.

Verso 7—*Albuquerque terribil, etc.*

Modernizei *terribil*, embora todos os outros editores o tenham conservado, dando para isso razões que não lograram convencer-me.

XV

*E emquanto eu estes canto (a vós, não posso,
Sublime rei, que não me atrevo a tanto!)
Tomae as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o pêso grosso,
Que pelo mundo todo faça espanto,
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.*

Versos 1 e 2—*E emquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime rei, que não me atrevo a tanto,*

Suprimo a conjuncção *e*, e ponho parte do v. 1 e todo o v. 2 entre parenthesis, acrescentando-lhe um ponto de admiração. Penso que assim fica mais correcto, e muito mais claro. E para que não produzam mau effeito á vista dois parenthesis na mesma estancia, tiro o do v. 6, que só a de 1597 e as que por ella se guiaram não trazem. Similhantes alterações em nada offendem o texto.

Esta estancia responde aos que teem dito que Camões tencionava acrescentar alguns cantos sobre os feitos de D. Sebastião em Africa. Uma tal opinião, manifestada a proposito da reserva com que se licenciou a primeira edição do poema, é absurda. O poeta diz aqui, positivamente, que não cantaria o rei, dando como desculpa motivos de respeito, que, provavelmente, não devem ter sido os que actuaram no seu espirito para essa resolução. E quem sabe se esta prova de independencia de character, não contribuiu para o desdem com que foi acolhido e para a exiguidade da tença? Accusaram-n'o de não

ter celebrado devidamente as acções heroicas dos seus contemporaneos vivos; mas a India do seu tempo era já bem diferente do que fôra no dos Almeidas, Albuquerque e Castros. Inaugurára-se ali o reinado da ambição e da cobiça, que tudo corrompia; e era prudente não cantar homens que, com raras excepções, já tinham mais de chatinadores do que de cavalleiros. Essa abstenção igualmente lhe adquiriria invejas e odios, que no reino auxiliariam sem grande esforço a injustiça do soberano.

Está ainda na memoria dos poucos que se lembram de Garrett, do unico rival que em Portugal teve Camões, a vileza de muitos dos seus contemporaneos, que elle desprezava. Pelo desdem com que tratou alguns d'elles, e até dos mais altamente collocados, semearam-lhe a vida de intrigas vis e de calúrnias covardes, indispondo-o com a rainha, do começo até ao fim da existencia. Mas os caminhos da gloria são juncados de espinhos, que só depois da morte do poeta se convertem em rosas immortaes e em louros que nunca murcham!

XVI

*Em vós os olhos tem o moiro frio,
Em quem vê seu exicio afigurado;
Só com vos ver, o barbaro gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tethys, todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado;
Que, affeiçãoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.*

Deixo ir *gesto*, no v. 7; mas deve entender-se que é *ros-to*. *Gesto* não pôde ter semelhante sentido, no fallar de hoje: um *gesto tenro*, seria muito para ver e admirar! Apesar da repetição frequente do vocabulo, duvido que o poeta assim escrevesse.

Esta oitava deu grande gaudio a José Agostinho, para espraiair a sua inveja. De feito, a lembrança de comprar D. Sebastião para genro de Tethys, não é das mais felizes; todavia, Camões merece, até certo ponto, desculpa, visto que imitou semelhante extravagancia das *Georgicas*, de Virgilio (lib. 1, v. 31.):

Teque sibi generum Tethys emat omnibus undis.

Era o renascimento de todas as idéas da antiguidade classica.

XVII

*Em vós se vêem da olympica morada,
Dos dois avós as almas, cá famosas;
Uma na paç angelica doirada,
Outra pelas batalhas sanguinosas;
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valorosas;
E lá vos tem logar, no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.*

A edição *princeps*, diz *avós*; e a segunda *avôs*.— Os dois eram D. João III e o imperador Carlos V.

XVIII

*Mas, enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dae vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos argonautas; porque vejam
Que são vistos de vós, no mar irado:
E costumae-vos já a ser invocado.*

XIX

*Já no largo oceano navegavam,
As desinquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as vélas concavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as prôas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Proteo são pastadas.*

Verso 2 — *As inquietas ondas apartando,*

Inquietas escrevem todos; porém o verso está frouxo, ou antes falto de uma syllaba. Persuado-me que Camões o não teria deixado sem ella, escrevendo *desinquietas*; e que o *des* cairia da fôrma, sem que na prova se dêsse pela falta.

No v. 8 lêem todas: *cortadas*. Corrijo para *pastadas*. A não ser isto, que necessidade tinha de fallar aqui em *gado*? É possível que, como n'outros logares, o proprio auctor escrevesse *cortadas*, tendo em mente *pastadas*, e equivocando-se no acto de passar a idéa ao papel; mas, para mim, é indubitavel que foi d'este modo que pensou o verso, como se vê, por exemplo, no canto vi, est. 20, v. 5 e 6:

*O propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara.*

José Agostinho observa, a proposito de Camões ter escripto *Próteo*, para acertar o verso: «Nós não dizemos senão *Prothèo*», etc. Mas tambem dizemos *Jehovah*, e elle escreve *Jeová*, para rimar com *renova* (*Oriente*, canto ii, est. 58, v. 7 e 8). Em harmonia com a linguagem que vulgarmente usava este crítico, devia ser-lhe applicado certo rifão, que repugna á gravidade do meu trabalho.

XX

*Quando os deuses, no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se juntam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente*¹:

¹ Estes versos disse Faria e Sousa que estavam no primeiro ms., que affirmou ter achado, postos pela seguinte fôrma:

*Pisando o crystalino céu formoso
Pelo caminho lacteo excellente,
Se juntam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente.*

Não se vê aqui um proposito desaforado de alterar o texto? Acredita alguém que Camões deixaria isto assim? Eu penso que, se não foram os jesuitas, é evidente a intenção de forjar um documento falso, para o vender a um apaixonado do poeta, qual era Faria e Sousa.

*Pisando o crystallino céu formoso,
Véem pela Via Lactea, juntamente,
Convocados da parte do Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante.*

Ambas as de 1572 lêem, no v. 7, de *Tonante*. Por todas as outras referencias de Camões, a esta augusta personagem mythologica, deve ser *do* e não *de*.

Tambem n'este logar vocifera o padre Macedo contra o maravilhoso dos *Lusiadas*. Cita a caterva de estrangeiros ignorantes que abocanharam Camões, e compraz-se, apesar de instruido, em fazer causa commum com os que nem sequer sabiam a nossa lingua! Se foi com a idéa de emendar os *Lusiadas* que elle escreveu o *Oriente* (embora affirme, na introdução á *Censura dos Lusiadas*, que não teve tal pensamento), podia limpar as mãos á parede!

O seu maravilhoso faz rir as pedras! Sendo padre, apresenta como Deus um titere, pondo-o a acenar com a cabeça, a proposito de tudo; encarrega o diabo do papel de tyranno, auxiliado pelos collegas inferiores; mas mostra-os todos muito asnos, incapazes de urdir uma intriga com geito; verdadeiros idiotas! Põe Vasco da Gama a sonhar, na costa de Africa, emquanto o infante D. Henrique, que baixa do céu para desmanchar o conluio dos diabos (que nem ao menos tiveram noticia de que elle ali fôra!), lhe recita, em sonhos (que horror!) a enorme somma de 664 versos, ou sejam 83 oitavas! E atreve-se este auctor a achar longa a narração do Gama ao rei de Melinde! Eu, se apanhasse tamanha massada, em sonhos, nunca mais acordava! (Veja o meu *commentario* e *nota* ao canto II, est. 20, v. 3.)

XXI

*Deixam dos sete céus o regimento,
Que do poder mais alto lhes foi dado;
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o céu, a terra e o mar irado.
Ali se acharam juntos n'um momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os do Antartico polo, e partes onde
A aurora nasce e o claro sol se esconde.*

Ainda que seja permittida aos poetas a supressão do *s*, no plural de *the*, encontra-se tantas vezes n'este poema, e muitas d'ellas sem necessidade, que o tenho, não por abuso de Camões, mas por erro typographico. Escrevo, pois, *thes*, no v. 2.

Verso 7—*E os que o Austro tem, e as partes onde*

Este, erradò em todas as edições —porque só tem nove syllabas— é quasi prova de que o poeta não assistiu á impressão do seu poema. Por pouco ou nenhum credito que mereça o segundo ms. de Faria e Sousa, e dizer este que, embora podesse ter sido copiado de algum outro original de Camões, só o fôra depois dos *Lusiadas* terem sido impressos muitas vezes; apesar d'isso, não hesitei em recorrer a elle para completar o verso citado. No ms. de Manuel Corrêa Montenegro, lia-se (como affirmou Faria e Sousa):

E os que o antarctico polo, e as partes onde

lição que me parece tambem adulterada por Montenegro, o qual, segundo Faria, era um trapalhão. Corrigi portanto o verso, como entendo que deve ter sido escripto por Camões; porque não se pôde admittir que tamanho poeta nos dissesse que entre os deuses estavam tambem *as partes, onde a aurora nasce*: destempero inconcebivel!

Ou fosse Camões que emendára no autographo, d'onde Montenegro copiou *antarctico polo*, ou emendasse este ultimo, acceito-o. Quanto á mudança de *do* para *que*, era facilima de se dar, no transporte do original para a cópia; e pôde até ser erro do proprio Faria e Sousa. Antes de *partes*, suprimo *as*, deixando sómente a conjuncção *e*, porque tal como se acha o verso, tanto na primeira edição impressa, como no ms. de Montenegro, não se deve attribuir a Luiz de Camões.

XXII

*Estava o padre, ali, sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'um assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo e soberano.*

*Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornára um corpo humano;
Com uma c'róa e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.*

XXIII

*Em luzentes assentos, marchetados
De oiro e de per'las, mais abaixo estavam
Os outros deuses, todos assentados,
Como a rasão e a ordem concertavam.
Precedem os antigos, mais honrados;
Mais abaixo, os menores se assentavam.
Quando Jupiter, alto, assim di'zendo,
C'um tom de voz começa, grave e horrendo:*

XXIV

*«Eternos moradores do luzente
Estellifero polo e claro assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso, não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido, claramente,
Como é dos fados grande e certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De assyrios, persas, gregos e romanos.*

Verso 6—*Como é dos fados grandes certo intento*

Todas as edições. A adulteração é evidente. Camões, que provou assaz a sua erudição, não podia ignorar que não ha fados grandes nem pequenos. E em nenhuma outra parte do poema se acha repetição d'este absurdo. O que elle escreveu foi: *grande e certo intento*, como eu restabeleço. A prova d'isto é que a edição *princeps* não tem virgula, entre *grandes* e *certo*; tendo saído da caixa o *s*, em vez do *e*, que devia estar ali, o compositor reuniu-o a *grande*; e ficou *grandes*. A segunda edição, que não entendeu o que copiava, dividiu-os por uma virgula: *grandes, certo*, etc.

A *boa fé* do padre Macedo assignala-se aqui uma vez mais!

XXV

*«Já lhe foi, bem o vistes, concedido,
Com poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao moiro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o castelhano, tão temido,
Sempre alcançou favor do céu sereno;
Assim que sempre enfim, com fama e gloria,
Teve os tropheus pendentes da victoria.*

Ambas as primeiras edições trazem *bem o vistes*, no v. 1, entre parenthesis. Suprimo-o, por desnecessario; o verso está clarissimo.

Cum poder, escreveram as de 1572, no v. 2, sendo seguidas pela maioria das modernas. A primeira em que encontro *com*, por *c'hum*, ou *c'um*, é a de Manuel Corrêa, de 1613. Seguiram-n'a depois as de 1644, 1651, 1663, 1669, etc.

XXVI

*«Deixo, deuses, atraç a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando, com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram.
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando levantaram
Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cerva espirito divino.*

Duvido que esta assim saísse da penna de Camões. Jupiter vem fallando de *gente*; e não é natural que tamanho personagem metta, como em vulgar se diz, os pés pelas mãos, sem o menor respeito pela syntaxe dos portuguezes. Se eu me atrevesse, restabeleceria a estancia toda da seguinte maneira:

*Deixo, deuses, atraç a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançára,
Quando, com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto se afamára.*

*Tambem deixo a memoria que a obriga
A grande nome, quando levantára
Um por seu capitão que, peregrino,
Fingiu na cerva espirito divino.*

Mas como isto é mais serio, limito-me apenas a indicar as minhas dúvidas, e a retirar, por inutil, o *a* de *alevantaram*.

XXVII

*«Agora vêdes bem, que, commettendo
O duvidoso mar, n'um lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve;
Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido, e onde breve
Inclina seu proposito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.*

Eis outra, igualmente pouco restaurada, depois do naufragio nas ondas da Cochinchina. A agua do mar devia ter apagado a maior parte das letras do manuscrito, porque o sal ataca a tinta. Limito-me a corrigir o v. 7, que todas as outras lêem *Inclinam*.

Esta correcção, e a da est. 26, que se ha de vir a fazer com o tempo, é indispensavel ao v. 4 que diz: *a mais se atreve*. Se tal referencia não fosse a *gente* e sim a portuguezes ou lusitanos, deveria estar no plural, *atrevem*.

Tudo isto prova que, no acto de se imprimir o poema, lhe faltou a correcção e última lima de seu auctor, como se ha de ir vendo.

XXVIII

*«Promettido lhe está do fado eterno,
Cuja alta lei não pôde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do sol a roxa estrada.
Nas aguas tem passado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.*

Se continuasse a entender-se *gente*, deveria ler-se, no v. 3, *tenha*, e não *tenham*.

No v. 4 todos lêem *entrada*, em vez de *estrada*, como eu corrijo. Supponho ser erro typographico, apesar de Faria e Sousa querer que seja allusão á entrada do sol, que vem de outro hemispherio. Mas, n'este caso, em toda a parte, quando apparece a aurora, se vê igual phenomeno; e não é isso que o poeta quiz dizer: Que tenham (os portuguezes, ou que tenha a gente) longos tempos o governo do *mar*, *que vê do sol a roxa estrada*. É portanto um determinado mar o *unico* que pôde ver a roxa *estrada* do sol, e não *entrada*. E este mesmo erro se dá no v. 3, est. 59, d'este canto:

No céu sereno, abrindo a roxa entrada

devendo ler-se tambem *estrada*.

XXIX

*«E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos;
Tantos climas e céus exp'rimentados;
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
N'esta costa africana, como amigos:
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.»*

A primeira de 1572, lê, no v. 8: *Tornarão a seguir sua longa rata*: e a segunda *Começaram a seguir sua longa rota*. — O padre Macedo, que parece ter conhecido unicamente a segunda edição, censura asperamente Camões por ter errado o metro. Mas o verso, na *princeps*, corrigido o erro de *rata*, está certissimo; o poeta não tem culpa da asneira, feita pelos que o roubavam. E ainda que se concedesse que era primeira aquella que lê *começaram*, acaso sabe alguém, *como, quando*, ou *quem* imprimiu ao desventurado auctor a sua obra, da qual as bellezas teem resistido ás más cópias, aos maus typographos, e aos maus criticos, depois de ter largado parte dos seus primores nas garras da inquisição, e escapado aos ultrajes das horrorosas edições jesuiticas?!

XXX

*Estas palavras Jupiter dizia;
Quando os deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro differia,
Rasões diversas dando e recebendo.
O padre Baccho, ali, não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a lusitana gente.*

XXXI

*Ouvido tinha aos fados, que viria
Uma gente fortissima de Hespanha,
Pelo mar alto; a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha;
E com novas victorias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha:
E altamente lhe dóe perder a gloria,
De que Nysa celebra inda a memoria.*

Verso 7—*Altamente lhe dóe perder a gloria*

Lêem todas. É, porém, evidente a falta da conjunção *E*, que liga e torna mais suave e numeroso o verso. Não hesitei por isso em acrescentar-lh'a, confiado em que fôra posta pelo poeta, e caíra ao compôr-se.

XXXII

*Vê que já teve o Indo subjugado;
E nunca lhe tirou fortuna ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso.
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes portuguezes que navegam.*

As duas primeiras lêem *de Parnaso*.

De quantos bebem água do Parnaso, escreveu Barreto Feio, no v. 4, seguido unicamente pela edição Biel, segundo creio.

XXXIII

*Sustentava contra elle Venus bella,
Afeiçoada á gente lusitana,
Por quantas qualidades via n'ella
Da antiga (tão amada!) sua romana;
Nos fortes corações, na grande estrellla,
Que mostraram na terra tingitana;
E na lingua: na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção, crê que é latina.*

Verso 8—*Com pouca corrupção crê que é a latina.*

Todas as edições. Eu suprimo o artigo, que tornava o verso mais duro.—Depois d'isto escripto, acho a emenda na de José da Fonseca (Paris, 1846).

XXXIV

*Estas causas moviam Cytheréa;
E mais, porque das parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara déa,
Onde a gente belligera se estende.
Assim que, um, pela infamia que recebea,
E a outra, pelas honras que pretende,
Debatem; na porfia permanecem;
E a qualquer seus amigos favorecem.*

No primeiro ms., diz Faria e Sousa que Camões teria escripto antes (ou depois, quem sabe?!) *alma déa*, no v. 3, em vez de *clara déa*. Se é substituição de Camões, ou se a fez anteriormente á impressão, devemos convir que não foi feliz. É comtudo possível que fosse tomada simplesmente como lembrança, para se mudar n'outra edição. N'este caso, tambem não merece muitos gabos; a bôca abria-se n'um hiato enorme, de tres *aaa*: *celebrada a alma*. Todavia, apesar do verso ficar mais frouxo, parecia-me preferivel áquelle ridiculo consorcio

de uma *clara* com um *claro*, tendo por testemunhas Venus e as Parcas!

Em meu conceito, bastava que o v. 2 mudasse *claro* para *bem*; e ficava tudo remediado. Mas vão lá adivinhar quem foi o culpado d'isto!

Os jesuitas, na celeberrima edição dos *Piscos*, escreveram o v. 3:

Que hade ser celebrada a nunca fea

Transcrevo do *Exame critico das cinco primeiras edições dos Lusíadas*, de Mendo Trigo, por não ter agora á vista a edição citada. Desejei muito obtel-a para estes estudos; e, no leilão do fallecido conselheiro Minhava, por meu pedido a fez subir o meu amigo Albino Campos até 179\$000 réis. Era um verdadeiro cumulo, sobretudo para mim! Similhante edição, em vez de se chamar *dos Piscos*, deveria dizer-se *das parvoíces*, pelas que encerra. Os *deuses* são ali tratados por *os senhores*; a guerra d'estes, *guerra dos de cima* com os gigantes! N'outra parte, os mesmos deuses são *incolas do mar*. E, não contentes os editores com os córtes brutaes, feitos no poema, substituiram tambem differentes passagens com versos de lavra propria, que, ainda quando fossem superiores aos de Camões, não se podiam mudar sem crime; quanto mais sendo ineptos, sem poesia, feitos por poetastros, como se vê d'este exemplo do canto II, est. 33, que é dos substituidos:

*Tão propinqua a ti, e tão visinha:
Anima-te e esforça, Varão forte, etc.*

Tambem lêem todas, no v. 6:

E o outro pelas honras que pretende,

E o outro, referindo-se a Venus, póde, em rigor, permittir-se, em certas circumstancias, e a poetas de menos pulso; mas Camões deve ter escripto como eu restabeleço.

Versos 7 e 8:—*Debatem, e na porfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.*

Igualmente dizem todas, começando pelas duas primeiras. Está a ver-se o engano: a copulativa *E* pertencia ao v. 8; ao

recorrer da composição, saiu do seu logar, e introduziu-se no v. 7; reparando na letra grande, ao meio do verso, o typographo substituiu-a pela minuscula, trocando ao mesmo tempo o a pequeno pelo grande, no começo do v. 8. Isto é tão certo e tão facil de acontecer, ainda hoje! O resultado foi ficar o v. 7 duro, e desligado d'elle o v. 8. Restituídos agora aos seus logares, cil-os perfeitamente harmonicos, e como seu auctor os deve ter escripto.

XXXV

*Qual Austro fero ou Boreas, na espessura
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da matta escura,
Com impeto e braveza desmedida;
Brama toda a montanha; o som murmura;
Rompem-se as folhas; ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto, levantado
Entre os deuses, no Olympo consagrado.*

XXXVI

*Mas Marte, que da deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
D'entre os deuses em pé se levantava;
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo, ao collo pendurado,
Deitando para traç, medonho e irado;*

XXXVII

*A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer, se pôz diante
De Jupiter, armado, forte e duro;
E, dando uma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no solio puro,
O céu tremeu; e Apollo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.*

XXXVIII

*E disse assim: «Ó padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece que creaste;
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cujó valor e obras tanto amaste,
Não queres que padeça vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiç direito,
Rasões de quem parece que é suspeito:*

Verso 4—*Cuja valia e obras tanto amaste,*

Lêem todas.—Embora o primeiro ms., citado por Faria e Sousa, não mereça indiscutível confiança, acceito, todavia, algumas das suas emendas, por me parecerem racionalíssimas, e porque já assim fizeram outros editores, desde 1597.

Se não as escreveu Camões, no intuito de melhorar de futuro o seu trabalho, ellas honram o genio do poeta.

Esta é uma d'ellas. *Valor* harmonisa-se mais do que *valia* com o character intrepido dos nossos navegadores. Referindo-se á substituição, diz o padre Thomaz de Aquino:

«E colhe-se d'aqui, que *valia* em portuguez era synonymo de valor; e como tal apparece na est. 82 do canto iv.» Effectivamente, alguns dictionarios modernos trazem *valia*, tambem como significado de *valor*; o que me parece não poder acceitar-se, ainda mesmo auctorizado por mestres, se quizer tomar-se no sentido de valor militar e guerreiro, etc. Parece-me que nunca este vocabulo teve na nossa lingua tal significação, nem creio que Camões quizesse dar-lh'a. (Veja-se a minha annotação ao canto iv, est. 102, v. 5.)

A primeira lê: *não queres que padeçam*, no v. 5; e a segunda *Não queiras*. Trata-se de *gente*; e Camões não podia ter escripto *padeçam*, mas sim *padeça*. Como o erro se encontra na mesma oitava, isto é: *gente* no v. 3, e o verbo *padeecer*, que lhe diz respeito, no v. 5, não tenho a menor dúvida em corrigir; o que não faria, se o substantivo *gente* estivesse n'outras estancias mais atraz, como acontece na 26, d'este mesmo canto. Mas, repito: estou convencido de que taes emendas virão a fazer-se, para tirar das costas de Camões erros de grammatica, que não se lhe podem attribuir sem injustiça. Não as faço eu agora, para que se não diga, sem reflexão, que invento um poema novo,

e o attribuo ao nosso poeta, como já por ahí rosnam os que não conhecem nem remotamente o meu trabalho.

XXXIX

*«Que, se aqui a rasão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque emfim vem de estomago damnado:
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece e o céu deseja.*

Os sustentasse, no v. 3, como todas lêm, não me parece bom; ainda não se interpoz, da última estancia em diante, nenhuma allusão que possa pôr em dúvida de que continúa a tratar-se de *gente*. Comtudo, apesar da minha convicção, não corrijo, para *a sustentasse*, por temer que possa haver equívoco com *a rasão*, do v. 1.

No v. 4, *estomago damnado*, póde passar, sem que se tome por erro. Costumâmos, por metaphora, dizer de alguém que está *estomagado*, etc. Parece que já no tempo de Faria e Sousa censuravam o emprego do vocabulo *estomago*, por *animo*, como se vê do respectivo commentario a esta estancia. O commentador responde perfeitamente aos críticos; foi, porém, menos feliz, defendendo o emprego de igual termo, na est. 85 do canto II. Que eu, accéitando agora *estomago*, no v. 6, não acredito que fosse o poeta que assim escreveu nos outros logares, onde se me afigura posto com manifesta impropriedade. E a prova é que *estomago*, por *animo*, se prestou á chocarrice indecente do padre Macedo, torpemente repisada pelo padre Garcez Ferreira. José Agostinho diz: «Baccho, arguido de indigestão, não replicou, nem rebateu a invectiva». E o arcade Gilmedo: «Teria bebido demasiadamente». Parece incrível que amigos de Baccho assim o abocanhassem!

XI

*«E tu, padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,*

*Não tornes para traç; pois é fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercurio, pois excede em ligeireza
 Ao vento leve e á setta bem tallada,
 Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
 Da India, e onde a gente se reforme.»*

Verso 3—*Não tornes por detraç; pois é fraqueza*

Dizem as primeiras. Tornar *por detraç*, é diferente de tornar *para traç*, ou recuar. Todavia, assim escreveu grande parte dos modernos, a começar na edição de Hamburgo, de 1834, e acabando na do sr. Biel.

Depois de feita a minha emenda, vi que não podia pavornear-me com ella; já Manuel Corrêa, em 1613, e as edições de 1644, 1651, 1663, 1669, 1670, etc., a trazem todas. Acharemos repetições d'este modo de dizer, no canto II, est. 22, v. 6; e est. 24, v. 1, etc.

XLI

*Como isto disse, o padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentiu
 No que disse Mavorte valoroso;
 E nectar sobre todos esparziu.
 Pelo caminho Lácteo, glorioso,
 Logo cada um dos deuses se partiu,
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Para os determinados aposentos.*

XLII

*Emquanto isto se passa na formosa
 Casa etherea do Olympo omnipotente,
 Cortava o mar a gente bellicosa,
 Já lá da banda do Austro e do Oriente,
 Entre a costa ethiopica, e a famosa
 Ilha de São Lourenço; e o sol ardente
 Queimava então os deuses, que Typhœu,
 Co'o temor grande, em peixes converteu.*

XLIII

*Tão brandamente os ventos os levavam,
 Como quem o céu tinha por amigo;
 Sereno o ar e o tempo se mostravam
 Sem nuvens, sem receio de perigo.
 O promontorio Prasso já passavam,
 Na costa de Ethiopia, nome antigo;
 Quando o mar, descobrindo, lhes mostrava
 Novas ilhas, que em torno cerca e lava.*

Verso 3— *Sereno o ar, e os tempos se mostravam*

Camões não dizia isto. Estava o ar sereno e o tempo bom. Mas *os tempos?* É banalidade, que só poderia admittir-se, se o verso estivesse frouxo, e ella lhe servisse de cunha; aqui, não é preciso ajuda.

Verso 7— *Quando o mar descobrindo lhe mostrava*

Só a edição Biel pôz, *descobrindo*, entre virgulas, como deve ser; mas nem ella, nem nenhuma outra emendou *lhe* para *lhes*.

XLIV

*Vasco da Gama, o forte capitão,
 Que a tamanhas emprezas se offerece;
 De soberbo e de altivo coração,
 A quem fortuna sempre favorece;
 Para se aqui deter não vê rasão,
 Que inhabitada a terra lhe parece;
 Por diante passar determinava:
 Mas não lhe succedeu como cuidava.*

XLV

*Eis apparecem logo, em companhia,
 Uns pequenos bateis, que vem d'aquella
 Que mais chegada á terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga véla.*

*A gente se alvoroça; e, de alegria
 Não sabe mais que olhar a causa d'ella.
 —Que gente será esta?—Em si diçiam:
 —Que costumes, que lei, que rei teriam?—*

XLVI

*As embarcações eram, na maneira,
 Mui velozes, estreitas e compridas;
 As vélas com que véem eram de esteira,
 D'umas folhas de palma bem tecidas;
 A gente da côr era verdadeira,
 Que Phaeton, nas terras accendidas,
 Ao mundo deu, de ousado e não prudente:
 O Pado o sabe e Lampetusa o sente.*

XLVII

*De pannos de algodão vinham vestidos,
 De varias côres; brancos e listrados;
 Que uns traçem ao redor de si cingidos,
 Outros em modo airoso sobraçados.
 Da cinta para cima véem despídos;
 Por armas, teem adargas e terçados;
 Com toucas na cabeça; e, navegando,
 Anafis sonorosos véem tocando.*

Verso 3—*Uns traçem de redor de si cingidos,*

Lêem as duas primeiras. Toda esta oitava tem sido victima de profundas alterações, e algumas bem singulares! Restitúo o *Que*, no começo do v. 3, por suppor quasi impossivel que Camões o escrevesse sem elle.

A edição de 1597, e outras, lêem:

Hũs traçem dederòr de si cingidos

No seculo xvii, em que geralmente os Crasbecks fizeram edições bastante correctas, apparece estropiada parte d'esta estancia.

As de 1651, 1663, 1669, 1670, etc., que escreveram *ao redor*, como eu, nenhuma traz o *Que*, e erram o v. 4, lendo:

Outros em modo brioso sobraçados

Vamos ver ainda mais diferenças.

Verso 5 — *Das cintas para cima vem despidos*

Das cintas, não entra aqui por conveniencia do verso, nem por nenhuma outra. O poeta quiz dizer que vinham despidos da cintura para cima; e não lhe cabendo *cintura* no metro, escreveu *cinta*, porque não consta que antigamente se dissesse cintas, como se cada pessoa tivesse mais de uma. A segunda edição corrigiu *cinta*; mas só o morgado de Matheus adopta esta lição.

Verso 6 — *Por armas tem adagas, e tarçados*

Nova singularidade! As de 1651, 1663, 1669, 1670, etc., que todas emendam já para *adargas*, e não *adagas*, são as mesmas que erram o v. 4! Não é portanto erro de impressão *de todas as edições*, proveniente de ter saído adagas, nas duas primeiras, como asseverou Barreto Feio, na de Hamburgo¹.

Tambem no v. 8 mudei *vão tocando*, como lêem todas, para *vêem*. Não podia ser *vinham vestidos*, *vêem despidos*, e *vão tocando*, como se já se fossem embora. Ainda que eu não acredite que todas estas repetições sejam do poeta (e, se o fossem, provariam, como tenho dito já, que ou elle não teve tempo de corrigir o poema ou de restaurar com igual perfeição os estragos produzidos pela agua salgada), procuro restituir-lhe ao menos a indispensavel concordancia que seu auctor lhe déra.

Penso portanto que a oitava, como a deixo, fica, quanto possível, tornada á sua origem, sem agravo dos manes de Camões.

¹ Francisco Freire de Carvalho carecia de sinceridade. quando deu a entender, n'uma nota da edição Rollandiana, que o editor da de Hamburgo emendára conforme a edição de 1651. Barreto Feio era um character venerando, incapaz de dizer que tal erro era de todas as edições, se d'isso não estivesse persuadido, ou se tivesse visto a correção n'alguma d'ellas. Carvalho, que tantas vezes se apropriou das emendas d'aquelle, sem o citar, comprehendia assaz mal os deveres de justiça.

XLVIII

*Co'os pannos e co'os braços acenavam
 Às gentes lusitanas, que esperassem;
 Mas já as prôas ligeiras se inclinavam
 Para que junto ás ilhas amainassem.
 A gente, e marinheiros trabalhavam,
 Como se aqui os trabalhos se acabassem;
 Tomam vélas; amaina-se a verga alta;
 Da ancora o mar ferido em cima salta.*

É pouco intelligivel o v. 5: *gente*, era toda que ia a bórdo. *Marinheiros*, tambem não iria ali pessoa que, nas occasiões precisas, não soubesse alar um cabo. Nenhum dos escriptores coevos, Barros, Castanheda, Damião de Goes, Gaspar Corrêa, nem mesmo o auctor anonymo do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* particularisa as classes de todos os que compunham essa expedição aventureosa.

Sabemos, pelo poema, que eram simultaneamente soldados e marinheiros; mas ignorâmos se havia quem tivesse a obrigação exclusiva de se occupar só da manobra dos navios. Todos trabalhavam, vigiavam, pelejavam, e eram todos por um, e um por todos. Todavia, o serviço deveria distribuir-se convenientemente, para evitar confusões, que seriam perigosissimas, em occasiões de combate. E no v. 1 da est. 73 do canto vi vemos que assim era, porque lá se lê:

Correm logo os soldados animosos.

Mas, aqui, talvez o poeta escrevesse:

A gente, os marinheiros, trabalhavam.

Pelo menos, ficava claro.

XLIX

*Não eram ancorados, quando a gente
 Estranha pelas cordas já subia.
 No gesto, ledos véem; e, humanamente,
 O capitão sublime os recebia.*

*As mesas manda pôr em continente.
Do licôr que Lyceu plantado havia,
Enchem vasos de vidro; e, do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.*

No v. 2 deveria ler-se: *pelos cabos já subia*. Nos navios não ha cordas, senão a do sino; tudo o mais são cabost¹. Suppor-se que Luiz de Camões, marinheiro de alto bórdo, tal ignorasse, parece-me absurdo. Comtudo, não rejeito desde já a emenda com que o presentearam, ha mais de tres seculos, os typographos ou copistas, se acaso os teve a sua obra, sem ouvir mais votos.

No v. 3, parece que a concordancia pedia que se lesse: *leda vem*, porque se trata de *gente estranha*. Mas terminando o v. 2 com ponto final e recomeçando a oração no v. 3, pôde passar; até porque estamos ainda muito no começo do trabalho.

No v. 4, pelo mesmo motivo se havia de ler: *a recebia*, se não tivesse havido a mudança referida, no v. 3.

L

*Comendo, alegremente, perguntavam,
Pela arabica lingua, d'onde vinham;
Quem eram; de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes lusitanos lhes tornavam
As discretas respostas, que convinham:
— Os portuguezes somos; do Occidente
Vimos, buscando as terras do Oriente.*

No v. 5 *lhes*, em vez de *lhe*.

¹ É certo que ao conjuncto do apparelho dos navios se dá tambem o nome de *cordoalha*, *cordoame*, *cordagem*; e que a fabrica, onde se fazem os cabos, se chama *cordoaria*; mas o facto é este: a bórdo não ha senão cabos. E o nome mais commum de todo o apparelho é *massame*, do mesmo modo que aos cadernaes e moitões se dá o de *poleame*, e ás vélas o de *velame*.

Versos 7 e 8—*Os portuguezes somos do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente.*

Lêem todas, excepto a de Manuel Corrêa, que, em vez de *terras*, escreveu *partes*, sem dizer por que o fazia.

Francisco Evaristo Leoni (*Camões e os Lusíadas*, Lisboa, 1872, pag. 177, *nota*) ia quasi acertando com a correcção. Fal-tou-lhe, porém, o quasi. Admirou-se de que até então ninguém advertisse n'um erro tão facil de notar e corrigir; mas tambem o não corrigiu senão na primeira parte, deixando o resto por fazer:

— *Os portuguezes somos: do Occidente
Imos buscando as terras do Oriente.*

Diz elle. Eu creio que basta ponto e virgula, em *somos*; e parece muito mais natural que Camões escrevesse: «do Occi-dente *vimos*» do que «do Occidente *imos*», etc. Leoni, que não perdoava a ninguém, devia lembrar-se de que todos os que lidam n'estes trabalhos carecem de indulgencia.

É certo que na est. 8o do canto II, v. 6, se lê: *Imos buscan-do as terras apartadas da India*, etc. Ali, porém, é outra a ma-neira por que o embaixador se exprime na presença do rei de Melinde; e *Imos* está perfeitamente. Aqui, não. Embora os casos sejam realmente os mesmos, a fôrma differe absoluta-mente. E o essencial é que não se entenda, como ainda até hoje trazem todos: *Os portuguezes somos do Occidente*; por-que não havia portuguezes, n'aquelle tempo, que não fossem do Occidente.

LI

— *Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antartico e Calisto;
Toda a costa africana rodeado;
Diversos céus e terras temos visto;
De um rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.*

Parece-me que o v. 1 se deve ler:

O mar temos corrido; e navegado

porque *correr* e *navegar*, com aquelle *Do*, no principio do verso, não me sabe muito ao nosso poeta. Tambem o v. 7 se me afigura que precisa de alguma cousa, para completar o que antecede, no 5 e 6, e o que segue, no 8. Não diria Camões:

Que não só pelo mar, com leda fronte, etc.?

LII

— *E, por mandado seu, buscando andamos
A terra oriental, que o Indo rega;
Por elle, o mar remoto navegamos
Que só das feias phocas se navega.
Mas já rasão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois; que terra é esta que habitaes;
Ou se tendes da India alguns signaes?—*

Dos feios phocas, dizem todas as edições no v. 4. Phoca, boi ou lobo marinho, era, indifferentemente, feminino ou masculino; e como não altera o verso, modernisei-o.

LIII

«Somos» — *um dos das ilhas lhe tornou, —
«Estrangeiros na terra, lei e nação;
Que os proprios, são aquelles que creou
A natura sem lei e sem rasão.
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãe hebréa teve, e o pae, gentio.*

Verso 4—*Natureza sem lei, e sem rasão*

Assim alterou Manuel Corrêa este, e outros muitos, sem explicar porquê. Similhante confiança do *amigo* de Camões, prova que elle tinha tanta auctoridade sobre o poeta como sobre o poema, para fazer o que quizesse.

LIV

*«Esta ilha pequena, que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala;
E, por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitál-a:
E, porque tudo enfim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.»*

João de Barros, fallando de Moçambique, diz: «... e tanto, que poucas cidades ha no reyno que de cincoenta annos a esta parte enterrassem em si tanto defunto, como ella tem dos nossos. Cá, depois que n'esta viagem a India foi descoberta té ora, poucos annos passaram que á ida, ou á vinda não invernassem alli as nossas náos, e alguns invernou quasi toda huma armada, onde ficou sepultada a maior parte da gente por causa da terra ser mui doentia». (*Decada* I, liv. IV, cap. IV.)

LV

*«E já que de tão longe navegaes,
Buscando o Indo Hydaspe, e a terra ardente,
Piloto aqui tereis; por quem sejaes
Guiados pelas ondas sabiamente.
Tambem será bem feito que tenhaes
Da terra algum refresco; e que o regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.»*

No v. 2 acrescento o artigo *a*, antes de *terra*, por me parecer que ali deve ter estado e o retiraram sem annuencia nem conhecimento do poeta. É claro que não o traz edição nenhuma.

LVI

*Isto dizendo, o moiro se tornou
A seus bateis, com toda a companhia;
Do capitão e gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.*

*N'isto, Phebo nas aguas encerrou,
Co' o carro de crystal, o claro dia;
Dando por cargo á irmã, que alumiasse
O largo mundo, emquanto repousasse.*

Verso 7—*Dando cargo á irmã, que alumiasse*

Lêem todas. O por, ficou dentro do caixotim do typographo, se não caíu da fôrma no acto de entrar no prélo. Fosse como fosse, Camões não deixava assim o verso.

LVII

*A noite se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, e não cuidada;
Por acharem da terra tão remota
Nova, de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida e nota
Na gente, e na maneira desusada;
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.*

LVIII

*Da lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas neptuninas;
As estrellas os céus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam,
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.*

LIX

*Mas assim como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No céu sereno, abrindo a roxa estrada
Ao claro Hyperionio, que acordou:*

*Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O regedor das ilhas, que partia.*

No v. 3 todas lêem *entrada*. Já no v. 4, est. 28 d'este canto, fiz igual correccção, discordando da opinião de Faria e Sousa, pelos motivos que ali disse. A aurora abre o caminho ou estrada ao sol. Isto foi o que escreveu o poeta. *Abrir a entrada* não me parece proprio de Camões.

Na *Memoria* de Francisco Dias Gomes (tomo iv, das de *Litteratura*, da Academia), quando trata da *Analyse e combinações philosophicas sobre a elocução, e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões*, etc., diz bellas cousas sobre este logar dos *Lusiadas*. Todo o trabalho d'aquelle sabio academico, a respeito do nosso grande epico, merece ser lido; e quem o fizer, não terá que arrepender-se.

LX

*Partia alegremente, navegando,
A ver as naus ligeiras lusitanas,
Com refrescos da terra; em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que, os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras asianas
Vieram; e, por ordem do destino,
O imperio tomar a Constantino.*

A edição *princeps* lê no v. 8:

O imperio tomarão a Constantino.

e a segunda

O imperio tomáram.

E, d'ali por diante, assim tem vindo sempre, mais ou menos estropiado, na maioria das edições. José da Fonseca, na de París, de 1846, diz que Gendron «estampou»... o mesmo que eu estampo.

É o visconde de Juromenha, explica que esta seria melhor construcção grammatical; mas é singular que, em vez de a se-

guir, deixe a lição da *princeps*, que diz copiar, e adopte a da segunda de 1572 (primeira para elle)! Não o faz, porém, só aqui; em varios outros logares, reconhecendo a melhoria das correccões que outros fizeram, nem sempre as acceita. Devo advertir que a emenda para *tomar*, vem já nas edições de 1651, 1663, 1669, 1670, etc.; e que, portanto, não é novidade.

Freire de Carvalho, não a proposito d'este verso, mas de outros semelhantes, entende que não é erro, e que o poeta usára da figura *écthlipse*. Eu não penso tal; o verso foi bem corrigido. As *écthlipses*, de origem grega, repugnam á indole da nossa lingua. E, segundo Garrett, apenas são toleraveis em certas vozes, que na prosa mesma se pronunciam e escrevem no final com *m* ou sem elle. Embora n'este logar podesse ter applicação (*tomaram*), só o faria um poeta mediocre e não Luiz de Camões, insigne mestre da lingua, que não devia ignorar as regras de que fallou Garrett. Para mim tenho que todo o poema dos *Lusiadas* foi profundamente revolvido, não sei por quem, nem por que causa. Durezas de versos pertencem a Ferreira e outros que, apesar de terem manejado mui bem o seu idioma, versejavam como aquelle poeta de quem Bocage dizia:

*Antes um corno pelos peitos dentro,
Que um verso de Saunier pelos ouvidos.*

Em vez de attribuirmos todos estes altos e baixos ao mais melodioso dos nossos cantores, acreditemos antes que taes disequilibrios só se devem ás mutilações que soffreu a sua obra prima.

LXI

*Recebe o capitão alegremente
O moiro e toda a sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só para este effeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce; e dá-lhe o ardente
Não usado licôr, que dá alegria.
Tudo o moiro contente bem recebe;
E, muito mais contente, come e bebe.*

Verso 2— *O moiro, e toda sua companhia*

Dizem todas. É evidente que deve ter o *a*, antes de *sua*, como corrijo.

LXII

*Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxarcia; de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem, tão barbara e enleuada.
Tambem o moiro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe diçia,
Se porventura vinham de Turquia.*

Ainda que *estrangeiro* se pôde tomar por *estranho*, o v. 3 coxeia, por falta de uma syllaba. Poderia ler-se:

Notando do estrangeiro o modo e uso;

No v. 8, será talvez *da Turquia*, e não *de*, como trazem todas.

«E isto foy emquanto lhe parecia que nós eramos turcos ou mouros de alguma outra parte, porque elles nos perguntavam que se vinhamos de Torquia, e que lhes mostrassem os arcos de nosa terra e os livros de nosa ley. E depois que souberam que nós eramos christãos ordenaram de nos tomarem e matarem á treizam, mas o pilloto seu que comnosco levavamos nos descobrio todo o que elles hordenavam de fazer contra nós se o poderam poer em obra.» (*Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, segunda edição, pag. 29.)

LXIII

*E mais lhe diç tambem, que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé;
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê.
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao capitão pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.*

LXIV

*Responde o valoroso capitão,
 Por um que a língua escura bem sabia:
 —Dar-te-hei, senhor illustre, relação
 De mim, da lei, das armas que trazia.
 Nem sou da terra, nem da geração
 Das gentes enojosas de Turquia;
 Mas sou da forte Europa bellicosa:
 Busco as terras da India tão famosa.*

A primeira de 1572, lê *Responde*, no v. 1; e a segunda, *Respondeu*, como seguiram muitas. José da Fonseca attribue esta e outras variantes a Manuel Corrêa!

Verso 4—*De mi, da ley, das armas que trazia*

Com o *mi*, podemos nós bem; a dúvida está em dizer *que trazia*, quando devia ter dito *que trago*. Mas se para os grammaticos modernos é isto um solecismo, sêl-o-ia igualmente no tempo em que Camões escrevia? Parece-me que não. E se desattenderem as rasões que dei na *Introdução* (pag. 156, texto e nota), e as que agora allego, posso affirmar que similhante construcção era geralmente permitida, sobretudo aos poetas, como se pôde ver nos *Cancioneiros*, onde abundam taes exemplos.

Por via de regra, somos sempre mais exigentes com os grandes homens do que com as mediocridades; entende-se que quanto mais perto elles estiverem da divindade, pelo genio, menos devem errar. Convem, comtudo, não nos esquecermos do famoso *errare humanum est*, porque todos somos peccadores. Só Deus é infallivel; e, por isso mesmo, cheio de misericordia. N'este caso, porém, repito que Luiz de Camões, embora nos pareça que errou, julgâmol-o em relação á grammatica do nosso tempo, e não á do seu.

Faria e Sousa pensava mui diversamente, escrevendo: «*que trazia*. Por dezir que traygo: variando los tiempos, no solo con la licencia docta Poetica, sino inclinandose aun a la vulgaridad de los Romances antiguos, quando dezian:

*A tomar irè consejo
 con la madre que tenia;*

*i con el que ella me diere
al punto me bolveria.»*

Tambem no *Romanceiro*, de Garrett, sobejam casos parecidos:

*Se encontraste meu marido
Na terra que Deus pisava:*
(Tomo II, pag. 7.)

*Vou-me á côrte de Paris
Donde padre e madre tinha.*
(Idem, pag. 35.)

*Não é por pae nem por mãe,
Nem por irmã que eu tivera:*
(Tomo III, pag. 188.)

*Inda não é meia noite,
Á sua porta batêra:*
(Idem, idem.)

Não acabaria nunca de accumular exemplos, se isso fosse preciso!

LXV

*—A lei tenho d'Aquella, a cujo imperio
Obedece o visivel e invisivel;
Aquella que creou todo o hemispherio;
Tudo o que sente; e todo o insensivel;
Que padeceu deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injusta e insoffrivel;
E que do céu á terra, emfim, desceu,
Por subir os mortaes da terra ao céu.*

A edição do sr. Biel escreveu, como deve ser, *Aquella*, no v. 1; e não *aquella*, como lêem todas as outras. Sigo, portanto, aquella como mais correcta.

Invisibil, *insensibil* e *insuffribil*, são adjectivos obsoletos, que já ninguém usa, e que vou substituindo pelos seus equivalentes modernos. Não ha rasão nenhuma para deixar em edições portuguezas da actualidade termos puramente latinos, embora, com as respectivas desinencias, formemos ainda hoje muitos superlativos.

A edição de 1597 emendou o penultimo verso para *deceo*, em vez de *desceu*. Restabeleço-o. José da Fonseca attribue igualmente aquella emenda a Manuel Corrêa.

LXVI

—*D'este DEUS-HOMEM, alto e infinito,
Os livros que tu pedes não traxia;
Que bem posso escusar trazer escripto
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.—*

Segundo a nossa syntaxe moderna, aqui temos, no v. 2, outro exemplo de discordancia, e até com a mesma palavra, escripta em igual tempo do verbo: *não traxia*. Serão, talvez, estas das estancias apagadas pelo mar da costa de Camboja, que o poeta depois se não lembrou de restabelecer, como primitivamente as tinha escripto? Ou de proposito as deixou assim, auctorizado pelos *cancioneiros*? Quem! poderá responder-nos?!

LXVII

*Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros a mostrar as armaduras:
Vem arnezes e peitos reluzentes;
Malhas finas e laminas seguras;
Escudos, de pinturas diferentes;
Peloiros, espingardas de aço puras;
Arcos e sagittiferas aljavas;
Partaxanas agudas; chuças bravas;*

LXVIII

*As bombas vem de fogo; e juntamente
As pannels sulphureas, tão dammosas!
Porém, aos de Vulcano não consente
Que dêem fogo ás bombas temerosas;*

*Porque o generoso animo e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra quanto póde; e com rasão:
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.*

Entendem todos que *é animo valente e generoso* no v. 5; as exigencias da rima levaram o poeta a fazer a transposição forçada, aqui; mas que ás vezes se encontra em muitos outros logares, sem necessidade, e sem se saber quem a fez, nem porquê.

LXIX

*Porém d'isto, que o moiro aqui notou,
E de tudo o que viu, com olho attento,
Um odio certo na alma lhe ficou;
Uma vontade má de pensamento.
Nas fallas e no gesto o não mostrou:
Mas, com risonho e ledó fingimento,
Tratál-os brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.*

Verso 5—*Nas mostras, e no gesto o não mostrou*

Lição absurda, de todas as edições. O poeta escreveu *fallas* e não *mostras*. O visconde de Juromenha, que foi o unico que se lembrou d'esta emenda, não ousou fazêl-a, e apenas a indica nas notas da sua edição. A mim, parece-me que a correccção carecia de ser ainda mais radical: *Nas fallas e no rosto*, etc.

LXX

*Pilotos lhe pedia o capitão,
Por quem podesse á Índia ser levado.
Diç-lhe, que largo premio levarão
Do trabalho, que n'isso for tomado.
Promette-lh'os o moiro, com tenção
De peito venenoso e tão damnado,
Que a morte, se podesse, n'este dia,
Em logar de pilotos lhe daria.*

No v. 3 foi introduzido antes de *largo* o artigo *o*, sem cumplidade do poeta.

A correção, que adopto, encontra-se na edição de Manuel Corrêa. A maioria das do seculo xvii, começando pela de 1663, e algumas das do seculo xviii, acceitaram-n'a igualmente. Dos modernos, encontro-a em Barreto Feio, e na chamada edição dos typographos do Porto (1880). Juromenha escreve, em nota, (tomo vi, pag. 534): «Emendariamos: *Diŷ-lhe que largo premio levarão*» e acrescenta que «assim emendára Corrêa». Comtudo, não corrige.

A proposito d'este verso, direi, aos que não tiverem lido Barros ou Castanheda, que o Gama assentára com os pilotos dar-lhes por premio de seu trabalho, a cada um dos dois, «valia de trinta meticaes d'ouro, pezo da terra, que poderão ser quatorze mil reaes dos nossos e mais huma marlota de grã. As quaes cousas elles quizeram logo levar na mão, dizendo, que não podiam de outra maneira partir, por quanto as haviam de deixar a suas mulheres para sua mantença». (Barros, *Decada* 1, liv. iv, cap. iv.)

Vasco da Gama, que não se fiava n'elles, pagou; mas obrigava um a ficar sempre a bórdo, emquanto o outro ía a terra. Sobrevindo o rompimento, pela má fé dos moiros, e tendo os pilotos tido ensejo de fugir, durante o castigo que Vasco da Gama infligiu á povoação, quando o xeque pediu de novo a paz, um dos pilotos tinha-se internado pelo sertão, e o outro fôra morto pela nossa artilheria. (Barros, *Decada* 1, liv. iv, cap. v.)

O xeque, já amedrontado, mandou restituir tudo que elles tinham recebido, enviando outro piloto, que, dizia elle, devia servir melhor. Este, vinha igualmente conluiado para em Quiloa, ou Mombaça, atraçoar os portuguezes, como referem Barros, Castanheda, e o nosso poeta igualmente com mais variedade.

No *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, que me parece ter sido visto por Camões, e poder portanto apontar-se como estudo de uma das origens mais importantes dos *Lusiadas*, se diz que Vasco da Gama dera duas marlotas a cada piloto, e não uma só, como asseverou Barros. O anonymo auctor do *Roteiro* merece a mais absoluta confiança, como testemunha presencial do facto, pois ía no navio de Nicolau Coelho:

«O capitam moor lhe deu huum dia huum convite, o qual foy de muitos figos e comservas, e lhe pedio que lhe dese dous pilotos que fossem comnosco, e elle dise que sy, comtanto que hos comtentassem, e o capitam mor lhes deu trinta meticaes

d'ouro (o metical, segundo Goes, valia 420 réis; Barros, diz que os 30 valiam 147.000) e duas marlotas a cada huum e foy com condiçam que daquelle dia que elles isto rreçebesem que se quisesem sair fóra que ficase huum delles sempre em o navio, do quall elles foram mui contentes.» (Pag. 26 e 27, segunda edição.)

Este curiosissimo documento, que Herculano julgava escripto por um simples soldado ou marinheiro, e conjecturava, com grandes probabilidades, que talvez fosse Alvaro Velho, tinha sido, se não copiado, seguido muito de perto por Castanheda, na primeira metade do livro 1 da *Historia do descobrimento e conquista da India*, na primeira edição de 1551, segundo affirma o proprio Herculano (a pag. xxxi do mesmo *Roteiro*). D'aqui, a minha justificada supposiçãõ de que fôra visto por Camões, quando não no ms. original, na publicação do historiador citado, a qual se editou novamente em 1554. Como quer que fosse, julgo que o poeta, quando compunha a sua obra, tinha á vista este monumento, que descreve, mais cruamente que nenhum outro, todos os successos que os *Lusiadas* nos pintam por sua vez com mais delicadas tintas. Quasi que não ha um só pormenor dos que Camões nos conta, que não se ache no *Roteiro*. É elle, pois, como já disse, uma das fontes mais dignas de fé para quem quizer estudar as origens do poema. Com Barros, Castanheda, Damião de Goes (*Chronica d'el-rei D. Manuel*), e as *Lendas*, de Gaspar Corrêa, pelo que diz respeito ao descobrimento e conquista da India, pouco mais haverá que respigar¹.

LXXI

*Tamanho o odio foi e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade
Que o filho de David nos ensinou!
Oh! segredos d'aquella eternidade,
A quem juiço algum não alcançou!...
Que nunca falte um perfido inimigo
Aquelles de quem foste tanto amigo!*

¹ Gaspar Corrêa crê antes que o *Roteiro* (este ou outro, talvez) seria escripto por um clérigo que fôra na primeira viagem de Vasco da Gama (vidè *Lendas da India*, tomo 1, prologo).

As duas de 1572, liam, no v. 5, *Os segredos*, etc. A correção é da de 1597; mas só com interrogação.

LXXII

*Partiu-se n'isto enfim, co'a companhia,
Das naus o falso moiro, despedido
Com enganosa e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno; e, recebido
Na terra, do inimigo ajuntamento,
Se foi o moiro ao cognito aposento.*

Verso 7—*Na terra do obsequente ajuntamento*

Lêem todas. O verso presta-se a dúvidas sobre o que seja *obsequente*. Alguns dicionarios, que copiam dos *Lusiadas*, querem que seja *obediente*. Manuel Corrêa explica que «era a gente da terra, que lhe obedecia, polo que lhe chama obsequente, que quer dizer obediente, porque era regedor d'ella». Para evitar que o abocanhe segunda vez algum futuro José Agostinho, adopto a substituição do primeiro ms. que Faria e Sousa diz ter achado.

É curiosissimo o que a respeito do moiro, d'esta estancia, se lê no *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*: «E neste mêo tempo nos mandou dizer o rrey de Mamcobiqy que queria fazer paz connosco e ser noso amigo, e desta paz foy enbaxador huum mouro branco que era Xarife, que quer dizer creligo, o quall era huum grande bebado». (Pag. 3o, segunda edição.)

LXXIII

*Do claro assento ethereo, o grão thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento lusitano
Ao moiro ser molesto, e aborrecido,
No pensamento cuida um falso engano
Com que seja de todo destruido.
E, emquanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palayras praticava:*

LXXIV

*«Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas,
Hajam os portuguezes alcançado
Das indianas gentes bellicosas;
E eu só, filho do padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?»*

LXXV

*«Já quiçeram os deuses, que tivesse
O filho de Philippe, n'esta parte,
Tanto poder, que tudo submettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte.
Mas hade-se soffrer que o fado dêsse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu, co'o grão macedonio e co'o romano,
Dêmos logar ao nome lusitano?»*

É claro que substituo *Philippo*, do v. 2, e quejandos, por nomes de agora; quem não gostar, continue a ler pela lição antiga. No v. 5, lêem todas: *ha-se de soffrer*.

LXXVI

*«Não será assim; porque antes que chegado
Seja este capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra; e o indignado
Peito revolverei da moira gente:
Porque sempre por via irá direita
Quem do opportuno tempo se aproveita.»*

Corrijo *assi*, no v. 1, e *maura*, no 6, pelas rasões anteriormente ditas.

LXXVII

*Isto dizendo, irado e quasi insano,
Sobre a terra africana descendeu,
Onde, vestindo a fôrma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveu;
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
D'um moiro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co'o xeque mui valido.*

No v. 3 pôde aceitar-se *gesto humano*; mas no 6, não. Deve ter sido *rosto* que o poeta ali escreveu. Converter-se no *gesto* de alguém, é tolíce que não dizia Camões. Peço que vejam bem este abuso constante de *gesto*, até ao fim do poema, e digam se pôde permittir-se. Por emquanto, abstenho-me de fazer a mudança.

LXXVIII

*E, entrando assi a fallar-lhe a tempo e horas,
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diç como eram gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas.
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veiu, que roubadas
Foram por estes homens, que passavam;
Que, com pactos de paz, sempre ancoravam.*

Deixo ir, com bem magoa, o *assi*, do v. 1, para que se saiba que não sou eu que o erro!

LXXIX

«*E sabe mais*» — *lhe diç* — «*como entendido*
Tenho d'estes christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar teem destruido
Com roubos, com incendios violentos;
E traçem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

No primeiro ms., achado por Faria e Sousa, afirma este que o v. 3 lia *discorrido* e não *destruido*. Effectivamente, *discorrer* significa *correr em direcções oppostas*; e seria muito mais logico do que *destruir o mar*. Porém, o v. 4 desfaz o equívoco, explicando que destruíam o mar com roubos e incendios, etc.; e portanto não póde haver dúbida sobre qual seja a lição verdadeira.

LXXX

*«E tambem sei que tem determinado
De vir por agua á terra, muito cedo,
O capitão, dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem, co'os teus, armado,
Esperál-o em cilada, occulto e quedo;
Porque, saindo a gente descuidada,
Cairá facilmente na cilada.*

Verso 8— *Cairão facilmente na cilada.*

Erro de todas. Quer se refira á *gente*, que saísse descuidada, quer ao capitão, a concordancia grammatical exige que se escreva *cairá*; e não *cairão*. Demais, o v. 6 lê: *esperál-o em cilada*. A correcção é, portanto, indispensavel.

LXXXI

*«E se inda não ficarem d'este feito
Destruídos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha, ou ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos ou perdidos.»*

Aqui, não posso restabelecer a concordancia com a estancia antecedente. Se esta é de Camões, deve pertencer á classe das *esperadas para emendas finaes*, ou á das que não lembrou

como tinham sido escriptas, antes de apagadas pela agua do mar da Cochinchina.

Verso 1 — *E se inda não ficarem d'este jeito*

Freire de Carvalho, Juromenha, e outros modernos, escrevem *geito*, como as de 1572. Manuel Corrêa parece-me ter sido o primeiro que lê *feito*. A maioria das do seculo xvii, e, modernamente, as de Hamburgo e sr. Biel, adoptaram a emenda. Além do *geito* no v. 1 e no 5 indicar pobreza, acho *feito* mais apropriado á acção da emboscada, o que de certo não escaparia a Camões, na composição do verso, que outros lhe estropiaram.

De *geito*, sim, foi o piloto; e tanto que Vasco da Gama teve de o mandar açoitar: «... e á primeira das ditas ilhas poseram nome a Ilha do Açoutado, porque ao sabado á tarde o pilloto mouro que comnosco levavamos mintio ao capitam, dizendo-lhe que estas ilhas eram terra firme, e por esta mintira que lhe disse o mandou açoitar.» (*Roteiro*, pag. 34.)

No v. 4 lêem todas *manha e ardil*, que são synonymos. Afigura-se-me que o poeta escreveu *ou*, em vez de *e*. Liga do mesmo modo, torna racional a repetição e dá ao verso a energia que lhe faltava: *outra manha, outro ardil, que melhor te contente*.

LXXXII

*Tanto que estas palavras acabou:
O moiro, nos taes casos sabio e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho.
E logo n'esse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.*

Tem havido grandes dúvidas a respeito do v. 1, que, se não está muito claro, tambem me não parece grandemente obscuro. Cada edição o orthographiou de sua maneira; eu ponho dois pontos, para que se entenda que foi Baccho que acabou de fallar, disfarçado na figura do moiro, bem acceito do xeque; e que é este xeque o que deita os braços ao collo do orador.

O agente do verbo *acabou* não é, pois, como alguns editores teem entendido, o moiro do v. 2. Este erro estúpido não deve ser attribuído a Camões; alguém substituiu tolamente *moiro*, onde devia estar *xequê*. Não ousou fazer já a mudança, limitando-me a indicál-a; mas espero que a traga o tempo, e brevemente.

Manuel Corrêa, o *amigo* de Camões, em vez de nos esclarecer este, e outros muitos logares, contenta-se com embrulhál-o mais, deixando *acabou* sem pontuação nenhuma, e sem dizer porquê. Faria e Sousa estabelece perfeitamente a verdade, no começo do respectivo commentario a esta estancia; mas torna logo a atrapalhar tudo: «Luego que el demonio trãsfornado en aquel Moro feneció su platica, le echò los braços al cuello el Xequê, agradeciendole mucho el cõsejo...» Até aqui, muito bem!

«*Nos taes casos, sabio e velho.* El Moro viejo, i sabio en semejantes astucias, quiere dezir: I veys ai como era el demonio en figura de esse viejo Moro, porque el demonio es el verdadero sabio, i viejo en ellas desde el Paraiso terrestre adonde con semejantes engaño el genero humano. I como los Moros em mêtiras, i malicias son muy discipulos del demonio, con grã propiedad le finje el P. transformado em uno.» (Tomo 1, col. 345.)

Eis como são todos os commentadores e críticos, em geral! Se no v. 2 se lesse, como deve ser:

O xequê, nos taes casos sabio e velho,

já não acontecia nada d'isto.

LXXXIII

*E busca mais, para o cuidado engano,
Moiro, que por piloto á nau lhe mande,
Sagaç, astuto e sabio em todo o damno,
De quem fiar se possa um feito grande.
Diç-lhe que, acompanhando o lusitano,
Por taes costas e mares com elle ande,
Que, se d'aqui escapar, que lá diante
Vá cair d'onde nunca se levante.*

No v. 3, lê a segunda, de 1572, *em todo dano*.

E ambas, no v. 6, *co elle ande*; erro em que as imitam muitas das modernas. A de 1663 é a primeira em que vejo *com*, dando por este modo ao verso a syllaba que lhe faltava. É claro que Freire de Carvalho não corrige.

No v. 8 lêem as duas primeiras *onde*; e assim escrevem ainda alguns. Freire de Carvalho, que traz a emenda, assevera que «quasi todas as edições lêem *onde*»; e que a correcção «é da pequenina edição de 1651». Nada d'isto é exacto. Quasi todas as dos Crasbeecks corrigiram, começando pela pequenissima de 1631; mas já muito antes d'ellas o fizera a de 1613, que por signal escreve com este primor:

Và cair donde nunca se a alevante.

Juromenha, que parece ter-se guiado, em tudo, pela de Freire de Carvalho, tambem diz que antes d'elle emendára a de 1651 e a de 1843.

LXXXIV

*Já o raio apollíneo visitava
Os montes nabatheios, accendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por agua a terra, apercebido.
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido;
Mas poude suspeitar-se facilmente:
Que o coração presago nunca mente.*

Verso 3—*Quando Gama cos seus determinava*

Freire de Carvalho escreveu (pag. 298): «*Quando Gama* lêem as duas edições de 1572, e as suas cópias; mas que lêem mal o mostram todos os logares parallelos do Poema sem excepção». Em seguida, cita esses logares.

Por esta nota, parece que foi elle que poz o artigo *o*, em *Gama*. José da Fonseca, que era da mesma força, afirma que acolhêra a «emenda da edição Rollandiana, escorado no que diz o seu sabio editor». E cita as palavras que transcrevi atraz.

Arcades ambo.—A edição Juromenha repete: «Adoptámos a emenda—o *Gama*—feita pelo editor da edição Rollandiana, de 1843, pelas rasões por elle expendidas, emenda que já antes tinha feito Ignacio Garcez Ferreira».

Se a tinha feito Ignacio Garcez Ferreira, não parece que seja do editor da Rollandiana!

Numerosas edições trazem o artigo, muito antes do apparecimento da Rollandiana, e até da de Garcez Ferreira. A primeira em que o encontro, das que tenho presentes, é a de 1663, seguindo-se as de 1669, 1670, 1721, etc., etc.

Nenhuma das duas de 1572 accentúa, no v. 4, o *a*, antes de *terra*. Apesar d'isso, a maioria dos editores escreve *á terra*, o que é insustentavel. Foi Manuel Corrêa, ou quem quier que fez a edição de 1613, que primeiro pôz accento grave no *a*; e os modernos mudaram para agudo. A bórdo dos navios diz-se: *vou a terra fazer aguada, buscar agua a terra, vou por agua a terra*, etc.; e não *á terra*; porque não se trata de nenhuma terra determinada, mas de qualquer que se encontre na derrota do navio. Quando as duas primeiras edições querem indicar o accento agudo, escrevem sempre com dois *aa*, o que não se dá n'esta passagem.

Depois do *mas*, do v. 7, convem saber-se se é *pôde* ou *póde*. As de 1572 não trazem accento, que é o melhor meio que se conhece de escapar a estas difficuldades. Entre as modernas, umas escrevem com accento circumflexo, outras com grave, e algumas com agudo! E tambem as ha sem nenhum. Só o gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro (entre as que tenho á vista) lê *poude*. Esta é, me parece, a verdadeira lição. Porque, pela leitura da estancia, se depreheende que o coração advertira antecipadamente do perigo.

E recorrendo-se a João de Barros (*Decada* 1, liv. iv, cap. 4), diz este claramente: «Vasco da Gama però que sem comparação alguma dava estes louvores a Deos, e mostrava maior prazer, assi polo haver nelle, como por animar a companhia dos trabalhos que tinham passado, todavia como quem esguardava as cousas com mais attenção, não ficou mui satisfeito dos modos, e cautelas, que sentio no mouro, fallando com elle, porque entendeo não ficar tão contente como mostrou, quando soube que eram portuguezes. E sem saber que era do reyno de Féz, escola militar delles, do ferro dos quaes podia elle, ou cousa sua andar assinado, attribuiu que a tristeza que lhe vio seria por saber que eram christãos; e por não desconsolar a

gente em tanto prazer como tinha, não quiz communicar isto que entendo nelle com pessoa alguma».

Não quiz communicar, mas acautelou-se, como capitão prudente, responsavel pelas vidas dos que levava comsigo, e pelos resultados da viagem. Não ha portanto d'úvida de que *poude* é a lição verdadeira do ultimo verso. Consultando-se o *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, já vimos no meu commento ao v. 8 da est. 62, d'este canto, a confirmação do que Barros aqui diz.

Para se entender bem Camões, é indispensavel ter sufficiente lição dos nossos historiadores da India, especialmente do *Roteiro*, de Barros, e de Castanheda, que devem servir como que de illustrações aos *Lusiadas*, tanto pela historia como pelas descripções geographicas.

LXXXV

*E mais tambem mandado tinha a terra
Antes pelo piloto necessario;
E foi-lhe respondido em tom de guerra,
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque bem sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vae, como podia,
Em tres bateis sómente que traçia.*

Pela rasão já dita, tiro do v. 1 o accento agudo no *a*, o qual se acha em muitas das edições antigas, e em muito poucas modernas. Nenhuma das de 1572 o traz.

De antes, lêem as duas primeiras, no v. 2; porém este *De* afigura-se-me posterior á feitura do poema. *Antes* d'aquella occasião, tinha o Gama mandado a terra pelo piloto. Salta aos olhos que Camões não podia ter escripto *de antes*, que é locução adverbial, e significa *antigamente*, *n'um tempo anterior*, e não póde ter applicação aqui, em que a acção é toda seguida. (Veja a nota ao v. 7, est. 104 d'este canto.)

Ainda que no v. 3 poderia passar *som*, sem reparo, corrijo para *tom*, convencido de ser erro typographico.

Verso 5—*Por isto, e porque, sabe quanto erra*

Lição errada das de 1572, seguida por todas as modernas, embora começada já a corrigir pela de 1669. O verso carecia de uma syllaba; e conhece-se perfeitamente que devia estar no autographo, porque só ali cabe—*bem*, como natural complemento do metro, e do sentido.

José da Fonseca (París, 1846), escreveu, no v. 6, *aversario*. Parece-me pieguice.

LXXXVI

*Mas os moiros, que andavam pela praia,
Por defender-lhes a agua desejada,
Uns, de escudo abraçado, e de a7agaia;
Outros, de arco encurvado, e setta ervada;
Esperam que a guerreira gente sãia,
Outros muitos, já postos em cilada;
E, porque o caso leve se lhes faça,
Põem uns poucos diante, por negaça.*

Verso 2—*Por lhe defender a agua desejada*

Lêem todas. O menos sabedor de cousas typographicas, sente que houve aqui transposição. O verso parece errado, sem o estar. Restabeleço-o, como creio que o poeta o escreveu. Toda a estancia, e não só esse, foi profundamente remexida.

Versos 3 e 4—*Um de escudo abraçado, e de a7agaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,*

Lêem as duas primeiras. É claro que não pôde ser; e o proprio v. 8 o está dizendo. Dois homens a passeiar, ainda que estivessem armados até aos dentes, e tivessem a força de seis leões cada um, não impediriam tres bateis, cheios de portuguezes, de ir fazer aguada. É verdade que elles estavam ali realmente por negaça, como diz o citado v. 8; se fossem dois só, tomál-os-iam por espiões e não como passeiadores. Mas o erro é manifesto. Dois, *um de escudo e de a7agaia, outro de arco e setta ervada*, como dizem os v. 3 e 4, não são *uns poucos*, postos *por negaça*, segundo affirma o verso ultimo.

LXXXVII

*Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos moiros, acenando
Com a adarga, e com a haste perigosa,
Os fortes portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer pôde que é primeiro.*

Aqui parece ter havido salto entre a oitava antecedente e esta. Como explicar de outro modo o terem os moiros posto na praia alguns dos seus por negaça, e apparecerem agora a incitar e desafiar descobertamente os portuguezes? Que os *Lusíadas* foram grandemente mutilados, antes ou no acto de se imprimirem, tenho-o por indubitavel; mas não é possível a ninguem explicar a causa. Nas estancias que se dizem omitidas, não ha nenhuma que pertença a este logar ou que esclareça o ponto duvidoso.

Segundo o primeiro ms. de Faria e Sousa, Camões teria feito assim o v. 3, antes de escrever *hastea*:

Com a adarga e co a lança perigosa,

A abundancia da letra *a*, que presidiu á sua construcção, torna-o pouco agradável, de qualquer maneira. Manuel Corrêa lê:

Com a adarga, e com a hastea perigosa,

A de 1631:

Có a adarga e cõ a hastea perigosa

A de 1663:

Com a adarga, e com a hasta perigosa,

As de 1669 e 1670:

Com a adarga, e com a haste perigosa,

Preferi esta, por me parecer a mais correcta de todas. A maioria dos modernos—Barreto Feio, Freire de Carvalho, Juromenha, gabinete portuguez de leitura, Biel, typographos do Porto, etc., escrevem todos:

Com a adarga, e co'a hastesa perigosa

Convem advertir que os compositores das duas primeiras edições, não usam nunca da apóstrophe; em vez de *co' a hastesa*, como hoje usâmos, compozeram *co a astea*, supprimindo tambem o *h*.

LXXXVIII

*Qual, no corro sanguineo, o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O toiro busca; e, pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada.
Mas o animal atroce, n'esse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando, duro corre, os olhos cerra,
Derriba, fere, mata e põe por terra:*

Verso 4—*Salta, corre, asovia, acena e brada.*

Escreveu assim Manuel Corrêa, dizendo: «E porque esta está clara para os que sabem latim: para os que o não sabem declararei algumas palavras. Assovia, é proprio de homens, que andam em corro de touro, os quaes lhe assoviam, para que intenda n'elles». Explica tambem, para os que não souberem latim, que «fronte cornijera, é frente com cornos»!

De modo que temos este *amigo* de Camões alterando, de proposito, sem rasão justificada, a obra do poeta, com o fim de ser agradavel aos que não sabiam latim! O que lhe cumpria, se tal amisade tivesse existido, era dizer por que fazia semelhante emenda, ou quem lh'a lembrára; porque ella se encontra, com pouca differença, no primeiro ms. de Faria e Sousa. Que relação poderá haver entre esta correcção, posta n'uma edição de 1613, com aquelle ms. achado em Madrid, vinte e cinco annos depois?...

No v. 5 deixo passar *atroce*, porque a syllaba tirada faria falta á medida.

Verso 7—*Bramando, duro corre, e os olhos cerra*

Suprimo a conjunção *e*, para não enlanguescer um verso, que deve ser energico e bravo, a fim de exprimir bem a violencia do toiro. Por todas as pinturas de Camões, o mais insigne mestre n'estes assumptos, estou persuadido de que elle assim o escrevêra.

Verso 8—*Derriba, fere, e mata e põe por terra:*

Apesar de tudo, perdoemos alguma cousa ao auctor dos *commentarios*, que se dizem de Manuel Corrêa; de vez em quando, faz alguma emenda bem feita. Foi elle quem supprimiu a primeira conjunção, *e*, antes de *mata*.

Muitos dos modernos, que não direi quaes são, para não se suppor que os cito com o proposito de os malsinar, conservam ainda as duas conjunções. A primeira, indubitavelmente, não foi posta por Camões. Dão-se aqui os mesmos motivos, se não mais fortes ainda, que apontei no commento antecedente, para que essa conjunção seja eliminada. Na acção de derribar, ferir, matar e pôr por terra, só a segunda é permittida, para ligar a idéa dos que o toiro, nos seus impetos de furor louco, arrasta pela arena, depois de mortos. As imagens são todas admiraveis de propriedade, e magnificos os versos que descrevem o quadro. Seria crime querer tornál-os suaves e emolientes, como irreflectidamente fizeram os que lhes introduziram a copulativa inopportuna.

LXXXIX

*Eis nos bateis o fogo se levanta
Da furiosa e dura artilheria;
A plumbea pella mata; o brado espanta;
Ferido o ar, retumba e assobia;
O coração dos moiros se quebranta,
Que o temor grande o sangue lhes esfria:
Já foge o escondido de medroso;
E morre o descoberto aventureoso.*

Todas lêem, no v. 2, *Na furiosa*, devendo ser *Da furiosa*, como restabeleço

Comquanto não seja minha intenção citar os erros da segunda de 1572, não deixo de os indicar, sempre que tenha de

recorrer a ella para verificar qualquer d'úvida. Aqui lê o v. 1, sem o artigo *o*, em *fogo*.

O v. 4 está languido; mas não imagino como Camões o escreveria, e forçoso é deixál-o ir assim. Antigamente dizia-se *assoviar*; e ainda hoje se pronuncia d'este modo, nas nossas provincias do norte; comtudo, escrevo *assobiar*, que é mais usado.

Verso 6— *O temor grande o sangue lhe resfria:*

É evidente a falta do *Que*, em todas as edições. Fosse onde fosse que elle se perdeu, é impossivel que o poeta não o tivesse posto. Escrevo igualmente *lhes*, em vez de *lhe*, porque se falla de *moiros*.

Talvez que o v. 7 se devesse ler:

O escondido já foge de medroso

porque está um tanto fraco, e creio ter havido transposição.

XC

*Não se contenta a gente portugueza;
Mas, seguindo a victoria, estrue e mata:
A povoação, sem muro e sem defeza,
Esbombardêa, accende e desbarata.
Da cavalgada ao moiro já lhe peza,
Que bem cuidou comprál-a mais barata;
Já blasphema da guerra; e maldiçia
O velho inerte e a mãe que o filho cria.*

XCI

*Fugindo, a setta o moiro vae tirando,
Sem força, de covarde e de apressado;
A pedra, o pau e o canto, arremeçando:
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a ilha, e tudo o mais, desamparando,
Á terra firme foge, amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.*

No v. 5, liam as antigas, até 1660, *todo o mais*; a d'esse anno corrigiu para *tudo*; porém a maior parte das edições modernas rejeitam a emenda. Eu adopto-a, crente em que foi assim que escreveu o poeta.

Tenho minhas dúvidas sobre a pontuação dos v. 6 e 7. Não será melhor interpretação esta:

*Á terra firme foge; amedrontado
Passa, e corta do mar o estreito braço,—?*

Nenhuma edição os traz assim, é claro; nem mesmo como eu os escrevo na respectiva estancia.

XCII

*Uns vão nas almadias, carregadas;
Um corta o mar, a nado, diligente;
Quem se afoga, nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente.
D'est'arte o portuguez, emfim, castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.*

Estou convencido de que toda esta estancia foi modificada, sem conhecimento do auctor. *Uns vão, um corta o mar, quem se afoga*; este modo de dizer tem ares suspeitos. Peço ao leitor apenas um minuto de attenção: se comparar a presente oitava com a 64 do canto vi, v. 5, 6, 7 e 8, ficará persuadido de que tambem aqui se deveria ler:

*Quaes vão nas almadias carregadas;
Qual corta o mar, a nado, diligente;
Qual se afoga, nas ondas encurvadas;
Qual bebe o mar, e o deita juntamente!*

Não será isto? A consciencia dos críticos intelligentes que me responda, se póde.

XCIII

*Tornam victoriosos para a armada,
Co'o despojo da guerra e rica prêsa;
E vão, a seu prazer, fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defeza.
Ficava a moira gente magoada,
No odio antigo mais que nunca accêsa:
E vendo, sem vingança, tanto damno
Sómente a estriba no segundo engano.*

Talvez que o v. 2 lêsse:

Co'o despojo da guerra (rica prêsa!)

Camões precisaria recorrer a synonymos, para metter n'um verso cunhas que tivessem a mesma significação? Ou encareceu aqui, em parenthesis, o valor da cousa apprehendida? Se me objectassem a aspereza da pronúncia—*guerra rica*—, responderia que pouco ou nada se prendia o poeta com ella, por ser uso commum do seu tempo. Não faltam (ainda mal!) testemunhos do que digo, espalhados nos *Lusiadas*. *Por regimento* (canto I, est. 102, v. 2); *celeuma medonha* (canto II, est. 25, v. 1, que mudei); *mar Roxo* (canto II, est. 49, v. 1); *por rei* (canto III, est. 86, v. 1); *formosissima Maria* (canto III, est. 102, v. 2); *por ruas* (canto IV, est. 5, v. 8); etc., etc.

José da Fonseca propõe que, no v. 8, se escreva *estribam*, para tornar o verso mais cheio. Tratando-se, porém, de *moira gente*, rejeito o alvitre. Em vez d'isso, escrevo *a estriba* (a vingança), na persuasão de ser esta a lição do poeta.

XCIV

*Paçes commetter manda, arrependido,
O regedor d'aquella iniqua terra;
Sem ser dos lusitanos entendido,
Que, em figura de paç, lhes manda guerra.
Porque o piloto falso, promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,*

*Para os guiar á morte, lhes mandava,
Como em signal das paizes que tratava.*

Nos v. 4 e 7 pouho no plural os relativos dos verbos, que estavam no singular; é *lhes*, e não *lhe*, embora seja permittida esta licença em poesia; mas tão repetida se acha nos *Lusíadas*, que a julgo falta typographica, e não abuso do poeta.

XCV

*O capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado;
Que tempo concertado e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto que lhe vinha,
Foi d'elle alegremente agasalhado;
E, respondendo ao mensageiro, attento,
As vélas manda dar ao largo vento.*

A edição de 1613 lê: *costumado*, no v. 2. Não a sigo (no que todos, ou quasi todos me teem imitado) porque, n'este logar, *acostumado* imprime maior suavidade ao verso.

Alguns põem o v. 6 entre parenthesis. Não acho rasão que tal justifique. Ha muitas edições modernas, que se dizem *cópia fiel*, ora da primeira, ora da segunda, e que o não são de uma nem de outra; a maioria d'ellas foi feita sobre a segunda do morgado de Matheus (que traz o parenthesis), ou sobre a Rollandiana, de Freire de Carvalho (que o copiou d'aquella).

XCVI

*D'est'arte despedida, a forte armada
As ondas de Amphitrite dividia;
Das filhas de Nereu acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia.
O capitão, que não caía em nada
Do enganoso ardil, que o moiro urdia,
D'elle mui largamente se informava
Da India toda, e costas que passava.*

XCVII

*Mas o moiro, instruido nos enganos
Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
De morte ou captiveiro, novos dammos,
Antes que á India chegue, lhe prepara.
Dando rasão dos portos indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.*

XCVIII

*E diç-lhe mais, co'o falso pensamento
Com que Sinon os phrygios enganou,
Que perto está uma ilha, cujo assento
Povo antigo christão sempre habitou.
O capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que, com dadivas grandes, lhe rogava
Que o leve á terra, onde esta gente estava.*

Não diria Camões essa gente, no v. 8?

XCIX

*O mesmo, o falso moiro determina,
Que o seguro christão lhe manda e pede;
Que a ilha é possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede.
Aqui, o engano e morte lhe imagina,
Porque, em poder e forças, muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quiloa; mui conhecida pela fama.*

Manuel Corrêa substituiu, sem rasão nem explicação de qualidade nenhuma, *ilha por terra*, no v. 3. Nada lhe falta nem sobeja, nem ha obscuridade que careça esclarecimento; com-tudo, o *amigo de Peniche* alterou-o por sua conta e risco, se-

gundo fez em muitos outros logares (ainda que n'alguns bem). E o peor foi que a maioria das edições do seculo xvii, se não todas, e parte das do xviii, adoptaram a emenda; embora todas essas tambem rejeitem a suppressão do artigo *o*, em *engano*, no v. 5, que o mesmo Corrêa, ou quem quer que é, tirou.

Na edição Juromenha assevera-se que a de 1597 já corrige o v. 4; é engano. N'essa lê-se ainda *Mahamede*. Manuel Corrêa ou Mariz escrevem, pela primeira vez (supponho eu), *Mafamede*.

Por estas mudanças (e não as aponto todas!) se vê que a citada edição de 1613 está longe de ser *cópia fiel* da primeira, de 1572, como cria o sr. T. de Noronha.

C

*Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a deusa, em Cythera celebrada,
Vendo como deixava a certa róta,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente, d'ella tanto amada;
E, com ventos contrários, a desvia
D'onde o piloto falso a leva e guia.*

CI

*Mas o malyado moiro, não podendo
Tal determinação levar ávante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diç: que pois as aguas, discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha teem perto, cuja gente
Eram christãos com moiros juntamente.*

Verso 6—*Os levaram á força por diante,*

Deve ter dito Camões. Dois *por*, um ao pé do outro, quando tinha a metter-se-lhe pelos olhos e pelos ouvidos a lição propria, que occorre até aos menos poetas, não me parece crível. Entretanto, fica esperado.

CII

*Tambem n'estas palavras lhe mentia,
 Como por regimento enfim levava;
 Que aqui gente de Christo não havia,
 Mas a que a Mafamede celebrava.
 O capitão, que em tudo o moiro cria,
 Virando as vélas, a ilha demandava;
 Mas, não querendo a deusa guardadora,
 Não entra pela barra, e surge fóra.*

-CIII

*Estava a ilha á terra tão chegada,
 Que um estreito pequeno a dividia;
 Co'uma cidade, n'ella situada,
 Que na frente do mar apparecia;
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fóra ao longe descobria;
 Regida por um rei de antiga idade:
 Mombaça é o nome da ilha e da cidade.*

Se ainda me restassem dúvidas de que este poema não foi impresso por seu auctor, bastaria a presente estancia para m'as tirar todas. Aqui falta o que quer que seja.

A primeira edição escreve d'este modo:

*Estava a Ilha aa terra tam chegada,
 Que hum estreito pequeno a diuidia,
 Hũa cidade nella situada,
 Que na fronte do mar aparecia,
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fora, ao longe descobria,
 Regida por hum Rey de antigua idade,
 Mombaça he o nome da Ilha, e da cidade.*

Parece que se Camões tivesse revisto o v. 3, não deixaria de advertir na dúvida em que ficariam os leitores, para o entender. A lacuna será devida a ter o copista deixado de escrever a preposição *com*, que, por não caber no verso, o poeta

encolheria na abreviatura *co huma*, ou *c'huma*? Eu escrevo *co'uma*, persuadido de que se entende, embora me não satisfaça.

João de Barros diz: «A situação da qual Cidade estava metida por hum estreito, que torneava a terra, fazendo duas bocas, com que ficava em modo de Ilha tão encoberta aos nossos, que não houveram vista d'ella senão quando amparáram com a garganta do porto». (*Decada* 1, liv. iv, cap. v. Veja-se igualmente o *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, pag. 35 e seguintes, da segunda edição.)

Por esta lição, e pelo pouco que Faria e Sousa diz no respectivo commentario, penso que a minha interpretação não será de todo desastrada.

CIV

*E sendo a ella o capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptisado,
Como o falso piloto lhe dissera;
Eis vêem bateis da terra, com recado
Do rei, que já sabia a gente que era:
Que Baccho, muito d'antes, o avisára,
Na fórma de outro moiro que tomára.*

No v. 7 está perfeitamente *d'antes* (todos escrevem *de antes*); porque o adjectivo *muito*, que o precede, indica espaço de tempo decorrido anteriormente, e não acção immediata, como na est. 85 d'este mesmo canto, v. 2.

CV

*O recado que traçem é de amigos;
Mas debaixo o veneno vem coberto:
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh! grandes e gravissimos perigos!
Oh! caminho da vida, nunca certo!
Que, aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!*

As de 1572 lêem, no v. 6, *caminho da vida*; e creio que assim escreveram todas, até á pequenina, revista por João Franco Barreto, em 1631. D'ahi por diante, só os ferrenhos, como Freire de Carvalho, dizem *de vida*.

CVI

*No mar, tanta tormenta e tanto danno;
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pôde acolher-se um fraco humano?!
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?!*

Manuel Corrêa lê, no v. 7, *indine* por *indigne*. Ambas as edições de 1572 trazem *indigne*; e nenhuma outra imitou o *amigo*, que estropiava os *Lusiadas*.

FIM DO CANTO PRIMEIRO

OS LUSIADAS



CANTO SEGUNDO

I

*Já n'este tempo o lícido planeta,
Que as horas vae do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deus Nocturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
Ás naus, que pouco havia que ancoraram.*

Enganam-se os editores, que tomam este deus do v. 6 como simples adjectivo, escrevendo-o com *n* pequeno. Gomes Monteiro, na edição Biel, fazendo igual observação, parece crer que Faria e Sousa fosse o primeiro que fez a correção graphica, dizendo que este cita um logar de Plauto, que attesta a existencia, no paganismo, do deus que presidia á noite. Conhecendo Monteiro perfeitamente as duas edições de 1572, não devia esquecer-se que ambas ellas trazem o nome do deus com letra maiuscula.

O morgado de Matheus, com todo o seu horror das correções e cega idolatria pelo texto sagrado do poeta, corrige, sem dizer a causa, *Nocturno*, para *nocturno*, atacando assim pela base o seu systema de respeito! Quem tiver pachorra, veja, no fim da minha *Introdução*, as cópias fieis que ali dou de dois cantos, mostrando as differenças das duas primeiras edições entre si; e coteje-as com a segunda, publicada em Paris, em 1819, por Firmin Didot, revista por D. José Maria

de Sousa Botelho, e dada como muito mais correcta pelo illustrado fidalgo. Só então reconhecerá o leitor curioso que do que disse o morgado ao que fez, ha sua differença. Não se comprehende como aquelle acatamento se converte na constante destruição de todo o systema graphico das primeiras edições, que elle corrige com perfeita liberdade (e não sem rasão). Ora, se é permitido a tão apaixonado adorador revolver assim o poema, embora com intenção de o tornar mais intelligivel, porque não poderão fazêl-o os que a sangue frio encontram erros indubitaveis, e não teem menores desejos de o poder pôr clarissimo?

A respeito do v. 7, diz Faria e Sousa que o original traz *fingidas*; mas que *em todas as outras edições* acha *infidas*. Esta declaração, que sublinhei, é prova irrecusavel de que essas edições de que falla se tinham feito á vista da que eu chamo primeira; e que elle trabalhava sobre uma segunda, que seria então mais vulgar. Do contrario, como se explica que *em todas as outras* lesse Faria *infidas*, e só na que chama original, *fingidas*? Advirto que elle tambem qualifica por vezes de original o primeiro ms.; e não deixará de fazer peso a circumstancia de estar ali, como *desprezada*, a palavra *infidas*. Elle mesmo diz, nas lições varias (do ultimo tomo dos *Commentarios aos Lusíadas*, columna 651): «*Infidas, fingidas; i empeorõse*».

Porém, a este tempo não tinha Faria ainda conhecimento de uma outra edição com a mesma data de 1572; e quando esta lhe foi ás mãos, tomou-a por segunda, devendo-se unicamente ao seu equivoco a opinião errada, que todos depois acceitaram como verdadeira, menos o sr. Noronha e eu. Se fosse segunda, não leria em todas as outras *infidas*, em vez de *fingidas*, como diz a primeira; e, se tambem no citado ms. se lia *infidas*, será mais um motivo para se duvidar da sua authenticidade. Podia ter sido forjado, com fim commercial, ou conteria realmente lições varias de ambas as primeiras? Quem ousará responder, tendo desaparecido o autographo?! Ninguem pôde fazer obra pelo que não viu; mas, ou temos de acreditar Faria e Sousa em tudo, ou dál-o por embusteiros. Acreditando-o, não podemos duvidar de que em todas as edições a que se refere acima, se lia *infidas*; logo, é claro *serem todas feitas sobre a primeira*, visto que a segunda lê *fingidas*. Ninguem ignora que as edições *princeps* são aquellas a que todos os escriptores dão preferencia, para tirar quaesquer dú-

vidas, suppondo-se sempre que seus auctores assistissem á feitura d'ellas, ainda que por acaso assim não succedesse. Portanto, a que julgo primeira é, sem contestação, a mais correctá; e não podemos rasoavelmente considerá-la segunda, unicamente pela circumstancia fortuita de ter sido a última que viu o citado auctor dos *Commentarios aos Lusíadas*. (Veja todo este assumpto na minha *Introdução*.)

II

*D'entre elles, um, que traç encommendado
O mortifero engano, assim dizia:
«Capitão valoroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via;
O rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.*

Dantre elles, escreviam as edições de 1572, no v. 1, e não Manuel Corrêa, como disse José da Fonseca. A primeira em que leio *D'entre elles*, é a de 1663.

Reino de Neptuno e salsa via, é tudo o mesmo. Não diria o poeta:

Tens de Neptuno o reino, a salsa via ?

III

*«E, porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receioso,
Entres a barra; tu, com toda a armada.
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil e cansada,
Diç que na terra pódes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la.*

Em nenhuma das edições anteriores á de 1631 achei o artigo *a*, que se refere a *armada*, no v. 4. Foi essa a primeira

que o usou, seguindo-se-lhe todas as outras crasbeeckianas, e, em geral, as mais correctas das modernas. Não o trazem Freire de Carvalho, o visconde de Juromenha, gabinete portuguez, etc.

IV

«*E se buscando vaes mercadoria,
Que produz o aurifero Levante:
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria:
O rubi fino, o rigido diamante;
D'aqui levarás tudo, tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.*»

Hoje não dizemos *vás* e *produze*, como lêm todas, nos v. 1 e 2. Se *produze* fosse preciso para acertar o metro, que remedio haveria senão deixál-o ir, como succedeu com *atroce* (canto 1, est. 88, v. 5)? Não havendo, porém, falta, parece-me absurda a opinião que suppõe ter sido licença poetica. Nos classicos vem tudo isto auctorizado; e ainda agora se permite aos poetas acrescentar ou diminuir uma syllaba, pela figura *paragoge*, ou *posposição*, como n'este logar; e pela *prothese* ou *apposição*, quando a syllaba se põe no começo do vocabulo. Mas não succedendo aqui nenhum d'esses casos, é perfeitamente inutil que se leia *produze*.

O *amigo* de Camões errou o v. 8, na de 1613, escrevendo:

Com que faças fim a teu desejo.

V

*Ao mensageiro o capitão responde,
As palavras do rei agradecendo;
E diç que, porque o sol no mar se esconde,
Não entra para dentro, obedecendo;
Porém, que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo
Cumprirá, sem receio, o seu mandado;
Que a mais, por tal senhor, está obrigado.*

Todas as edições escrevem o v. 7 sem o artigo *o*, antes de *seu*. Parece-me que a falta não é do auctor, por isso restabeleço a lição, que torna o verso mais suave e numeroso.

VI

*Pergunta-lhe depois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia.
O mensageiro, astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
D'esta sorte, do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia;
Por onde o capitão, seguramente,
Se fia da infiel e falsa gente.*

«Os pillotos que nós levavamos diziam que em esta ilha de Mombaça estavam e viviam mouros e christãos, e que vivyam apartados huns dos outros, e que cada huns tinham seu senhor, e que como nós aquy chegamos, que elles nos fariam muita honra e que nos levariam pera suas casas. E isto era dito pollo que elles dezejavam de fazer, que nam por ser asy.» (*Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, pag. 37 e 38.)

A edição de 1613 traz assim o v. 3:

O mensageiro astuto, que na serra

Que amigo!

VII

*E de alguns, que traçia, condemnados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventureados
Em casos d'esta sorte duvidosos,
Manda dois, mais sagaçes, ensaiados;
Porque notem dos moiros enganosos
A cidade e poder; e porque vejam
Os christãos, que só tanto ver desejam.*

Os que christãos, lêem, no v. 8, as de 1572. Penso ter já dito não ser meu proposito mencionar todos os erros que se encontram em qualquer d'ellas, nem nas que as seguiram; o que

me parece bem corrigido, acceito-o, sem me importar quem corrigiu; salvo se alguma circumstancia especial me obriga a acrescentar mais algum reparo aos já feitos.

VIII

*E por estes ao rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava
Tenha firme, segura, limpa e branda;
A qual bem ao contrario em tudo estava!
Já a companhia, perfida e nefanda,
Das naus se despedia, e o mar cortava:
Foram, com gestos ledos e fingidos,
Os dois da frota, em terra recebidos.*

IX

*E depois que ao rei apresentaram,
Co' o recado, os presentes que traziam,
A cidade correram; e notaram
Muito menos d'aquillo que queriam;
Que os moiros, cautelosos, se guardaram
De lhes mostrarem tudo o que pediam:
Que, onde reina a malicia está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.*

Verso 1 — *E só depois que ao rei apresentaram*

Assim emendaria eu este verso, se tivesse absoluta convicção de que não foi o proprio Camões que o deixou com uma syllaba de menos.

«E o capitam mandou dous homens ao rey desta cidade pera mais confirmar suas pazes, os quaees, como foram em terra, foy loguo muita gente com elles até a porta do paço, e antes que chegasem ao rrey pasaram por quatro portas onde estavam quatro porteiros, cada huum a sua porta, os quaees estavam com seuhos cutellos nus nas mãos. E quando chegaram ao rey elle lhes fez muito gasalhado, e lhes mandou amostrar toda a cidade, os quaees foram ter a casa de dous mercadores christãoos, e elles mostraram a estes dous homens huuma carta em que adoravam, em a qual estava debuxado o

Espirito Santo. E depois de tudo visto, o rrey mandou mostrar de cravo e pimenta e gengibre e de trigo tremês ao capitam, e que disto poderiamos carregar.» (*Roteiro*, pag. 38, 39.)

Eram muito vagas as noticias havidas no tempo em que se escreveu o *Roteiro*, ácerca de religião, nas costas da Africa oriental e na India, acreditando-se ao principio que parte d'aquelles povos eram christãos verdadeiros. Por isso foi facil illudir os primeiros navegadores d'esses mares; e se Vasco da Gama tivesse sido menos cauteloso e prudente, talvez que não levasse a tão bom termo a sua arrojada empreza.

X

*Mas aquelle que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mães; que urdia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava n'uma casa da cidade,
Com rosto humano, e habito fingido,
Mostrando-se christão; e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.*

Verso 5—*Estava em uma casa da cidade*

Assim escreveu João Franco Barreto, na pequenina edição de 1631, seguida por Faria e Sousa. Ambas as de 1572 escrevem *ma casa*. Não sei pois em que se auctorisaram aquelles dois editores para fazer a mudança. A maioria das edições dos seculos xvii e xviii, bem como grande numero das modernas, entre as quaes Barreto Feio e Biel, trazem *em uma*. Rejeito a lição, que viola, sem necessidade, a integridade do verso.

Freire de Carvalho, escreve, com Barreto Feio, *ordia*, no v. 3; quando as duas primeiras dizem, como deve ser, *urdia*.

XI

*Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Espirito a pintura:
A candida pombinha, debuxada
Sobre a unica Phenix, Virgem pura.*

*A companhia santa está pintada
 Dos doze, tão torvados na figura,
 Como os que, só das linguas que caíram
 De fogo, varias linguas referiram.*

XII

*Aqui os dois companheiros conduzidos,
 Onde com este engano Baccho estava,
 Põem em terra os joelhos; e os sentidos
 N'aquelle Deus, que o mundo governava.
 Os cheiros excellentes, produzidos
 Na Panchaia odorifera, queimava
 O Thioneu; e assim por derradeiro
 O falso deus adora o verdadeiro.*

Todos lêem *giolhos*, no v. 3, que pôde ser muito bonito; mas que eu não usarei, salvo quando obrigado pela rima.

XIII

*Aqui foram de noite agasalhados,
 Com todo o bom e honesto tratamento,
 Os dois christãos; não vendo que enganados
 Os tinha o falso e santo fingimento.
 Mas, assim como os raios espalhados
 Do sol foram no mundo, e n'um momento
 Apareceu no rúbido horisonte
 Da moça de Titão a roxa fronte:*

Na moça de Titão, liam as de 1572, no v. 8. A de 1644, depois geralmente seguida, corrige *Da moça*. Barreto Feio, que escrevia no desterro, só pôde citar, como primeira em que achou a emenda, a de Paris, de 1759¹.

¹ O morgado de Mathieus (segunda edição, Paris, 1819, pag. xxvi, da *Advertencia*), parece suppor que a correcção é de João Franco Barreto; este lê ainda: *Na moça*. O morgado diz igualmente que a referida edição de Paris de 1759 lê *A moça*; e foi talvez por este ultimo editor que Barreto Feio fez a sua citação. A edição referida é a de Pedro Gendron (Veja Innocencio, *Diccionario bibliographico*, artigo Luiz de Camões.)

Aqui cabe uma observação, digna de notar-se. Ambas as de 1572 escrevem o v. 3 d'esta oitava com falta de *s* no fim de *engamados!* Se a palavra *christãos*, da segunda, não tivesse o *s* pegado ao *t*, de differente character de letra, poderiam renascer as dúvidas sobre se houve só uma do mesmo anno; porém, examinando-as com attenção, acham-se-lhes logo sensíveis differenças. Vê-se, todavia, que, ou se tinha em vista fazê-las de modo que se confundissem, ou o editor copiava uma d'ellas com a mais absoluta inconsciencia e ignorancia.

XIV

*Tornam da terra os moiros, co'o recado
Do rei, para que entrassem; e, comsigo
Os dois, que o capitão tinha mandado,
A quem se o rei mostrou sincero amigo.
E, sendo o portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro do salso rio entrar queria.*

Dentro no salso rio, lêem todas, no v. 8. Escrevo *do*, convencido de ser esta a lição do poeta. Se elle quizesse dizer *no rio*, não escrevia *dentro*.

XV

*Diçem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras, e sacerdote santo;
Que ali se agasalharam, e dormiram,
Emquanto a luz cobriu o escuro manto:
E que no rei e gentes não sentiram
Senão contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
Numa mostra tão clara, e tão perfeita.*

Não escreveria o poeta, no v. 2 :

Co'as sacras aras, sacerdote santo,

em vez do que se lê no texto? D'este modo ficaria com pausas na segunda e na quarta syllabas, visto não poder tê-las na sexta.

É este um dos casos que responde a Mr. Mablin, na sua *Lettre à l' Académie Royale des Sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades* (nota, á pag. 40). Diz este sabio: «Il est fort douteux qu'on trouve dans le poëme du Camoëns un seul vers qui, outre l'accent obligé de la deuxième, n'ait l'accent que sur la quatrième; ceux qui ne l'ont pas sur la sixième, l'ont ordinairement sur la quatrième et sur la huitième».

Aqui, não o vemos na segunda, nem na quarta, nem na sexta; unicamente se encontra na oitava; mas o verso, comquanto esteja certo, parece errado, pela deslocação das pausas, que só vemos na primeira, terceira, oitava e decima.

Tambem tenho minhas dúvidas sobre o modo por que se deva entender *tanto*, no v. 6. Estando empregado como adjectivo, *tão grande, tal*, etc.; ou como pronome demonstrativo — *em tanta quantidade*, etc., póde ir o verso pontuado como está, embora as primeiras edições tenham vírgula em *contentamento*, e dois pontos em *tanto*: grande numero de editores orthographiou como eu. Mas se *tanto* foi posto aqui como adverbio, segundo se me afigura, *tanto assim que*, etc., deve escrever-se d'este modo:

Senão contentamento e gosto; tanto

Parece-me ser este o verdadeiro sentido que lhe deu o poeta, comquanto eu não ouse fazer a correcção.

XVI

*Com isto, o nobre Gama recebia
Alegremente os moiros, que subiam;
Que levemente um animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A nau, da gente perfida se enchia;
Deixando á borda os barcos que traçiam,
Alegres vinham todos: porque crêm
Que a prêsa desejada certa tem.*

Verso 6—*Deixando a bordo os barcos que traçiam*

Lêem todas, sem exceptuar as de 1572. Como é, porém, que os moiros deixavam os barcos a bórdo?—A bórdo, signi-

fica dentro do navio. E elles deixavam-n'os de fóra. Por isso digo, e repito, que a maioria dos erros dos *Lusiadas* tem sido conservada pela indifferença dos editores. *A' borda*, e não *a bordo*, escreveu o poeta; por isso restituo a lição á sua origem.

A pontuação tambem me parece longe da verdadeira, por igual motivo. As primeiras põem dois pontos em *traçiam*; outras, ponto e virgula. Mas todas erram a grammatica; porque, quer com dois pontos, quer com ponto e virgula, se fica entendendo que —*traçiam*— se refere a *gente*, do verso anterior; quando deve ser o contrario. No v. 5 ponho portanto ponto e virgula, em *enchia*; e em *traçiam* só cabe virgula, porque este liga com *todos*, do verso seguinte, conforme corrige o meu texto.

Exemplifiquemos, dando o texto das duas de 1572, seguido pela maioria dos modernos:

*A nao da gente perfida se ENCHIA,
Deixando a bordo os barcos que TRAZIAM:
Alegres vinham todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.*

A minha edição:

*A nau, da gente perfida se enchia;
Deixando á borda os barcos que traçiam,
Alegres vinham todos: porque crêm
Que a prêsa desejada certa tem.*

Os dois ultimos, que terminam a estancia, não são grande cousa, pelos consoantes que os fecham. É preciso ler *crem, tem*, para que a rima não arripie. Se n'aquelle tempo eram permittidas estas liberdades, não temos direito de condemnar agora o poeta por ellas.

XVII

*Na terra, cautamente apparelhavam
Armas e munições; que, como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
N'elles ousadamente se subissem.*

*E com esta traição determinavam
Que os de Luso de todo destruissem;
E que, incautos, pagassem d'este geito
O mal, que em Moçambique tinham feito.*

Verso 5—*E n'esta treição daterminavam*

Dizem as de 1572. Freire de Carvalho crê que *traição* deve ler-se, contando-se-lhe tres syllabas, pela figura diéresis. Comquanto alguns bons grammaticos tenham editado os *Lusiadas*, nunca nenhum d'elles manifestou a mesma opinião. A primeira que corrige, como eu escrevo, é a de 1597, de Manuel de Lyra. Ha, comtudo, ainda varios modernos que preferem seguir o verso errado.

XVIII

*As ancoras tenazes vão levando,
Com a nautica grita costumada;
Da prôa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra, balisada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assignalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Vôa do céu ao mar como uma setta.*

Tenaces, no v. 1, não é rima; por isso, escrevo como hoje se usa e não como antes de mim escreveram todos.

Tambem não digo, seguindo os que me precederam, *abalissada*, no v. 4, para que se entenda bem que a barra estava assignalada por balisas, e não que era barra notavel ou distincta.

XIX

*Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E, propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.*

XX

*Já n'agua, erguendo vão com grande pressa,
 Com as argenteas caudas, branca escuma;
 Doto, co'o peito corta e atravessa
 Com mais furor o mar do que costuma;
 Salta Nise; Nerine se arremessa
 Por cima da agua crespá, em força summa;
 Abrem caminho as ondas, encurvadas
 De temor das nereidas apressadas.*

Já na agua, lêem, no v. 1, ambas as primeiras, e muitas outras.

O *a* de *na*, deve elidir no immediato, de *agua*, para evitar o hiato desagradavel, que obriga a abrir muito a bôca. A correção acha-se na edição de 1644, e em muitas das que se lhe seguiram. Dos modernos, parece-me que não a fez nenhum, porque, em geral, se copiam; e a lição do primeiro é quasi que a do ultimo, com excepções rarissimas.

Todos os que dizem seguir a edição *princeps*, lêem, no v. 2, *Co as argenteas*; e os que affirmam copiar a segunda, de 1572, escrevem, como deve ser, *Com as argenteas*, porque n'aquella saíu o verso errado.

As edições anteriores ao morgado de Matheus, começando pelas de 1572, liam, no v. 3, *Cloto*, por *Doto*. Foi elle o primeiro que, em lingua portugueza, corrigiu, tendo já sido o erro denunciado por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, no *Exame das cinco primeiras edições dos Lusíadas*. Muito antes d'estes, fizera a emenda Duperron de Castera, na sua traducção franceza (París, 1768). Este traductor adopta, de Faria e Sousa, o gosto das allegorias; e aqui suppõe serem as tres nymphas as virtudes theologaes, dizendo:

«Doto, será a caridade; Nise, a esperança; Nerine, a fé»
 (pag. 142 do tomo 1)!

Faria e Sousa, pelo contrario, quer que as tres nymphas sejam os tres navios da expedição; ou antes os tres anjos da guarda, de Vasco da Gama, de Paulo e de Nicolau Coelho. Curiosos visionarios!

A propósito do logar citado, traz Gomes Monteiro, na edição Biel, o seguinte additamento á nota de Barreto Feio, ali reproduzida. É digno de ser meditado, talvez mais por mim

do que por nenhum outro *corregedor de erros typographicos*.

«A substituição da parca *Cloto* pela nereida *Doto* é justa; mas, para se avaliar quanto é temerario attribuir a erros de imprensa ou do proprio poeta as lições que se nos figuram mais viciadas, transcrevo da *Memoria ácerca das primeiras cinco edições dos Lusíadas*, de Sebastião Mendo Trigo, a seguinte nota a este verso:

— «É provavel que este erro não seja d'imprensa, mas do mesmo Camões. Com effeito todas as edições até ao seu tempo liam:

Æquoris esse Deas; qualis Nereia Cloto.» —

Vejam-se n'este espelho, onde eu me estou contemplando, pondo de antemão as minhas barbas de mólho! O que me vale, é que não vou procurar nos poetas antigos passagens que auctorisem as do nosso. Pelo contrario: detesto o systema de quasi todos os commentadores, que tão pobre fazem Camões, sobretudo Faria e Sousa, julgando-o incapaz de produzir cousa nenhuma de sua propria lavra, e querendo que todas as creações do seu admiravel engenho sejam similis do que outros fizeram antes d'elle! É claro que as obras do genio humano teem entre si maior ou menor relação de parentesco; mas nunca se póde dizer que sejam traducções ou cópias umas das outras, como queria o malevolo José Agostinho de Macedo (que tão servilmente imita os *Lusíadas* na composição do seu frígido *Oriente*¹); e como, sem tal querer, antes no intuito de o exaltar, chegam aos mesmos resultados Manuel Corrêa e,

¹ O padre, que tanto abocanhou os *Lusíadas*, onde viu um argueiro, não deu pela enorme trave que atravessa o olho do seu *Oriente*! Quando este poema não vae mascarando Camões, cae em parvoçadas capazes de fazer morrer de riso os mais sorumbaticos.

Primeiro, faz com que o Gama conte ao rei de Melinde uma historia de Portugal, que poderia chamar-se da carochinha ou do arco-da-velha. E quando chega á presença do rei de Calecut, põe-lhe em versos, insipidamente correctos, toda a historia da criação do mundo. Na India, terra classica do elephante, o heroe portuguez, que nunca talvez tivesse visto nenhum, *explica* ao Samorim a maneira por que Deus creou estes pachydermes! Em seguida á criação do homem e á sua expulsão do paraiso, que, segundo se crê, deve ter sido no Oriente, *illustra* o mesmo soberano com a lenda do diluvio, que chama *universal*, e que já no tempo do invejoso padre ninguem ignorava que não chegára á India, e que não havia quasi

sobretudo, o já citado Faria e Sousa, com a sua deploravel mania de ver em tudo imitações do antigo.

Voltemos, porém, ao resto da nota de José Gomes Monteiro:

«E naturalmente — continúa elle, transcrevendo Trigo — o poeta portuguez teria em vista este logar do latino. Depois, reflectindo-se que Hesiodo, numerando as filhas de Nereu, contava como uma d'ellas Doto (e não Cloto), restituiu-se assim o logar de Virgilio.» —

«Effectivamente — volve Monteiro — consultando tres edições antigas das obras de Virgilio, existentes na bibliotheca pública portuense, achei que em uma edição de Veneza de 1519, e em outra de 1529 do celebre Robertus Stefanus, em ambas se lê *quales Nereas Cloto*; mas já em uma, falta de frontispicio e de colophon, mas notada a lapis pelo bibliothecario como sendo tambem de 1529, se lê *quales Nereas Doto*. O erro não era pois nem do typographo nem de Camões, mas do exemplar da *Eneida* de que o poeta se servia.

«Lembrarei por fim que já antes do morgado de Matheus Duperron de Castera, na sua traducção franceza dos *Lusiadas*, publicada em 1735, tinha advertido n'este erro, e o corrigiu, citando o logar de Virgilio.»

noticia d'elle na China! Não lhe poupa a massada da Arca de Noé — *O lenho guardador da especie humana* — assevera, com singular criterio, o ex-frade! Teima em fallar dos grandes successos da Asia, que os ouvintes sabiam mais a fundo do que elle: impinge-lhes a historia de Moysés, a passagem do mar Vermelho, Pharaó, o maná do céu, a lei das doze tábuas, a Palestina, o Euphrates, o Hydaspes, Indo, Ganges: — *Muitas cousas enfeixa, e poucas ata!* — Cita as visões de Daniel, as prophecias, sem dizer os nomes de visionarios nem de prophetas (porque a cousa que o auditorio sabia melhor, era a Biblia!). E afirma (a um idolastra!) que — *Caiu desfeita em cinza a idolatria*.

Este é o censor implacavel de Camões, e que lhe cáe em cima com todo o poder da inveja, quando o immortal poeta se excede n'algumas phrases ao rei de Melinde, a respeito dos moiros que pelejaram na Europa e na Africa com os portuguezes!

No cabo da criação do mundo, em chocha poesia, vem segunda edição do resumo da historia de Portugal (copiando sempre servilmente aquelle em quem morde!). E termina, emfim, a arenga da embaixada, em que gastou mil cento e noventa e dois versos — oitenta e uma oitavas do canto IX, e sessenta e oito do canto X! — (Veja o meu *commentario* ao canto I, est. 20.)

O *Oriente* compõe-se de uma embrulhada, nem sempre em versos tão escorritos como têm pretendido os inimigos de Camões — segundo mostrarei ainda. — São os *Lusiadas invertidos*, com quasi todas as mesmas descripções episodicas, viradas do avesso!

Duperron admira-se de que o erro escapasse á diligencia do commentador hespanhol (é assim que elle qualifica Faria e Sousa, por ter escripto os commentarios em castelhano, apesar de ser portuguez); e adverte que Cloto é uma parca, e que nem Hesiodo, nem Homero, nem Virgilio deram tal nome a nenhuma das filhas de Nereu. Em seguida, cita os versos de Virgilio, por onde parece poder concluir-se que foi por esta traducção que Trigoso lembrou a emenda.

XXI

*Nos hombros de um tritão, com gesto accêso,
Vae a linda Dione, furiosa;
Não sente quem a leva o doce pêso,
De soberbo, com carga tão formosa.
Já chegam perto d'onde o vento teço
Enche as vélas da frota bellicosa:
Repartem-se, e rodeiam n'esse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.*

Verso 1 — *Nos hombros de um tritão, com rosto accêso,*

Deveria escrever-se, porque, segundo já tenho dito, *gesto* tem hoje um sentido muito mais restricto do que no tempo em que Camões compunha. Comtudo, não me permitto muitas d'estas mudanças, embora devesse talvez fazê-las para que os leitores menos lidos nos classicos podessem melhor entender o poeta. Em muitos logares das rimas se encontra *rosto*, e até nas comedias; porém, a verdade é que Camões abusava da substituição de *gesto*, porque assim se lê na maioria dos seus versos, — ainda que não podemos condemná-lo em absoluto, visto que não os imprimiu em sua vida, nem sabemos quem lhe dirigiu a impressão dos *Lusiadas*.

XXII

*Põe-se a deusa, com outras, em direito
Da prôa capitania; e ali, fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a véla inchando.*

*Põem no madeiro duro o brando peito,
Para detraç a forte nau forçando;
Outras, em de redor, levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.*

Da *prôa capitaina*, lêem todas, no v. 2. Escrevo como hoje se diz, comquanto serei obrigado algumas vezes, por causa da rima, a imitar os outros.

Entender-se-ia então que *detraç*, como lê o v. 6, valia o mesmo que recuar; e, provavelmente, alguns dicionarios se terão auctorizado com esta passagem, para dar um sentido ao vocabulo, que elle não pôde ter hoje, como adverbio nem como locução adverbial, ou preposição, etc.

Nenhum escriptor de boa nota diria hoje senão *tornar para traç*, *ir ou vir atraç*, etc. Ainda que eu pudesse, não emendaria comtudo este logar, nem os que se lhe seguirem com a mesma accepção, porque creio que foi Camões que assim os deixou.

E se adoptei a emenda da est. 40 do canto 1, foi por têt-a encontrado já em muitas outras edições, bem reputadas; mas, espontaneamente, não a teria eu feito.

Verso 7—*Outras, em de redor, lidando estavam*

Eis como me parece que deveria ser entendido este verso; comtudo, só ousou lembrál-o. *Levando-a estavam*, é arrevesado; e não creio que assim o deixasse o poeta.

XXIII

*Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o pêso grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas;
Ali mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas, estorvando
Da gente portugueza o fim nefando.*

Á *gente*, lêem todas, no v. 8, como se fosse possível acreditar que o poeta assim escrevesse. Estorvar a morte *da gente*

portugueza, é logico e correcto. Deve ser esta a lição verdadeira; tendo caído o *d*, pozeram *A* grande, com accento agudo, deixando o sentido ambiguo.

XXIV

*Torna para detraç a nau, forçada,
Apesar dos que leva, que, gritando,
Mareiam vélas; ferve a gente, irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando;
O mestre, astuto, em vão da pôpa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mette medo.*

Não leria o v. 1:

Retorna para traç a nau, forçada,

em logar do que está? *Detraç*, não é o mesmo que *atraç*. (Veja o commento ao v. 6, est. 22, d'este canto.)

O editor de 1613, e a maioria dos que se lhe seguem, tiram o *a*, antes de *outro*, no v. 4. De feito, a sua presença ali não melhora muito este, que abunda em vogaes, e está assaz frouxo. Comtudo, deixo-o ir, senão pelo motivo allegado pelo morgado de Matheus —de dar energia— porque não acho nada que justifique n'este logar a sua suppressão.

O estava, deveria dizer o v. 7, como lê a segunda de 1572, que preferiu errar o metro a offender a syntaxe, se acaso obrou com conhecimento de causa. D'este modo concordava com *mestre astuto*. Porém a *princeps* entendeu que o plural podia passar, com uma pequena licença ou ellipse, e escreveu *Os*, por amor da poesia. Eu sigo esta, persuadido de que é a lição do poeta.

Manuel Corrêa assevera que alguns criticavam Camões da introdução de muitas palavras latinas na lingua portugueza, a proposito de *marítimo penedo*. As rasões que dá o cura da Mouraria (se foi elle que escreveu), terminam d'este modo: «E Luiz de Camões, soube para sua profissão o que lhe bastava; e n'este particular não tenho que tratar, que hoje vivem muitos homens d'estes que o conheceram e trataram». Quanto

mais elle se cansa, menos eu o acredito; ou, para melhor dizer, menos creio em que isto fosse escripto por elle.

XXV

*A medonha celeuma se levanta
No rude marinheiro, que trabalha;
O grande estrondo a moira gente espanta,
Como se vissem horrida batalha;
Não sabem a rasão de furia tanta;
Não sabem n'esta pressa quem lhe valha:
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.*

Ou o ms. dos *Lusiadas* foi copiado para a imprensa por grande ignorante, ou a letra do poeta era quasi inintelligivel, ou a agua do mar da Cochinchina lhe apagou de tal modo os caracteres, que seria difficil ao proprio auctor restabelecer o que primeiro escrevêra—dado que, no acto da impressão, este se achasse em condições physicas de poder acudir-lhe.

Não se explicam de outro modo as alterações frequentes, e os erros que tanto a miude se encontram. Esta oitava, da qual Manuel Corrêa corrigiu o primeiro verso, como eu faço, para fugir da cacophonia: *celeuma medonha*, devia ser assim restabelecida:

*A medonha celeuma se levanta
No rude marinheiro, que trabalha;
O grande estrondo a moira gente espanta,
Como se visse uma horrida batalha.
Não sabendo a rasão de furia tanta,
Não sabe, n'esta pressa, quem lhe valha:
Cuida que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.*

É claro que o *hão de ser* se refere a *enganos*. Apesar de convencido de ser esta a lição verdadeira, abstenho-me de a adoptar por agora. Limito-me á transposição do v. 1; a escrever *levanta*, por *alevanta*; e *moira* por *maura*, no v. 3.

As duas primeiras edições, lêem, no v. 8: *E que ande ser*, etc.

XXVI

*Eil-os, subitamente, se lançavam
 A seus bateis velozes, que traziam;
 Outros em cima o mar alevantavam,
 Saltando n'agua, a nado se acolhiam.
 D'um bordo e d'outro subito saltavam,
 Que o medo os compellia do que viam;
 Que antes querem ao mar aventurar-se,
 Que nas mãos inimigas entregar-se.*

Veloces, como todas lêem no v. 2, pareceria hoje affectação ridícula. Aqui, deveria talvez dizer-se:

Para os bateis velozes que traziam;

E no v. 3, para evitar a cacophonia:

Outros o mar em cima levantavam

Freire de Carvalho introduziu no v. 4 uma correcção, propriamente sua, escrevendo: *e a nado*. Affirma (a pag. 229, *Anotações ao canto II*) que a virgula e a conjuncção *e* «tornavam o verso mais digno do reconhecido bom juizo do poeta». Comquanto eu não acceite a lição, que me parece desnecessaria, desconfiei da originalidade d'este annotador, por saber quanto elle foi dado a buscar nas traducções apoio para as suas emendas; e não me foi difficil pilhá-l-o. Esta, pertence á versão castelhana, de Luis Gomes de Tápia (Salamanca, 1580), onde vem a virgula e a conjuncção *e*, que elle copiou fielmente:

*Otros el mar en alto levantavan
 Saltando en el, y a nado se acogian.*

Que muitos d'estes versos estão deturpados, tenho-o por infallivel. Aqui, porém, não se trata unicamente de erros typographicos; e forçoso é passar adiante. O que não percebo é a rasão por que a maioria dos editores modernos, sem exceptuar os mais correctos, se compraz em fazer o hyato: *saltando na agua*, quando as duas de 1572 lêem ambas: *Saltando nagoa*

Tambem me parece que seria melhor escrever no v. 7:
E antes querem, embora o que está não seja erro.

XXVII

*Assim como em selvatica lagôa
 As rãs, no tempo antigo lycia gente;
 Se sentem porventura vir pessoa,
 Estando fóra d'agua incautamente,
 D'aqui e d'ali saltando, o charco sôa,
 Por fugir do perigo, que se sente;
 E, acolhendo-se ao couto que conhecem,
 Sós as cabeças n'agua lhe apparecem;*

XXVIII

*Assim fogem os moiros. E o piloto,
 Que ao perigo grande as naus guiára,
 Crendo que seu engano estava noto,
 Tambem foge, saltando n'agua amára.
 Mas, por não darem no penedo immoto,
 Onde percam a vida doce e cara,
 A ancora solta logo a capitaina:
 Qualquer das outras, junto d'ella amaina.*

Por causa da rima, não escrevo *capitania*, como n'outros logares.

XXIX

*Tendo o Gama attentado na estranheza
 Dos moiros, não cuidada; e juntamente
 O piloto fugir-lhe com presteza:
 Entende o que ordenava a bruta gente.
 E vendo, sem contraste e sem braveza
 Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
 Que a nau passar ávante não podia;
 Havendo-o por milagre, assim dizia:*

Verso 1 — *Vendo o Gama, attentado a estranheza*

Um as edições dizem *Vendo*, e outras *Tendo*. A maioria dos modernos lê, seguindo as primeiras, *Vendo o Gama*; e quasi todas as do seculo xvii corrigem *Tendo o Gama*. Adopto esta emenda, porque, do contrario, não se entenderia a lição; mas escrevo na *estranheza*, em vez de *a estranheza*.

O *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza* (indecididamente attribuido a Caldas Aulete), que gosa do credito de ser dos melhores que temos, cita, em *extranheza*, este logar dos *Lusiadas*. Escreve-o, porém, assim: «*Vendo o Gama attento a EXTRANHEZA dos moiros*». Seria muito bem citado, se fosse assim que Camões tivesse escripto, ou se outros lhe não desfigurassem o que elle fizera. Mas *ver attento*, não é o mesmo que *ver attentado*. Como diz o mesmo *Diccionario*, *attentar, é reparar em, ver com attenção, olhar, observar com tento*, etc. É pois este mesmo livro que apoia a minha emenda, porque não póde admitir-se que Camões escrevesse: *Vendo o Gama reparado a estranheza*: ou *Vendo o Gama olhado a estranheza*; *Vendo o Gama attendendo a estranheza*, etc. Ao passo que: *Tendo o Gama attentado na estranheza dos moiros*, fica perfeitamente intelligivel e correcto.

A acreditar-se no primeiro ms., achado por Faria e Sousa leria Camões, primeiro:

Vendo o capitão claro a estranheza

Ficava o verso coxo, mas entendia-se. Depois da emenda, que não o melhorou, embora Faria diga o contrario, esqueceu-se de o corrigir, em harmonia com tal substituição.

As duas de 1572 dizem—a primeira:

*Vendo o Gama, atentado a estranheza
Dos mouros não cuidada, e juntamente,*

E a segunda:

*Vendo o Gama, atentado a estranheza
Dos mouros, não cuidada, e juntamente,*

A edição Biel, no v. 8 lê: *Havendo por milagre*, e não *Havendo-o por milagre*.

Uma testemunha ocular conta assim este caso: «Á terça feira, em alevantando as amquoras pera ir pera dentro, o na-

vio do capitam moor nom quis virar, e hiia em quu que estava por popa. E emtam tornámos a lançar as ancoras: e em os navios estavam mouros comnosco, os quaees, depois que viram que nom hiamos, rrecolheram-se em huuma zavra, e hindo já por popa, os pillotos que vieram de Momcobiquy comnosco lançaramse á augoa, e os da zavra os tomaram. E como foy noute o capitam pingou dous mouros dos que traziamos, que lhe disesem se tinham treičam ordenada, os quaees disseram que como fomos dentro, que tinham ordenado de nos tomar e se vingarem do que fezeramos em Momcobiquy, e estando pera pingarem outro, com as mãos atadas deitou-se ao maar, e o outro, se lamçou no quarto d'alva¹.» (*Roteiro*, pag. 39 e 40.)

XXX

— *Oh caso grande, estranho e não cuidado!*
Oh milagre, clarissimo e evidente!
Oh descoberto engano, inopinado!
Oh perfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se, sem perigo, sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

XXXI

— *Bem nos mostra a divina Providencia*
D'estes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança!
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança:
Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pôde ser guardado.

¹ *Pingar*: Tormento que consistia em deitar pingos de oleo, ou resina a ferver, e até de metal derretido sobre a pelle de algum individuo para o constranger a confessar qualquer cousa. *Nota, posta pelos editores do Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, nas paginas acima citadas.

XXXII

—*E, se te move tanto a piedade
D'esta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas, perfida e malina,
N'algum porto, seguro de verdade,
Conduzir-nos já agora determina;
Ou nos amostra a terra que buscamos;
Pois só por teu serviço navegamos.*—

Talvez que no v. 4 devesse ler-se:

D'aquella a salvas, perfida e malina:

Visto que já, no v. 2, dissera *gente peregrina*, escusava de repetir o substantivo, alludindo aos moiros.

Excepto o maravilhoso, tudo o mais é quasi textualmente descripto pelo *Roteiro*, e por Barros, seguindo-os o poeta, sem sombra de servilismo, dando á poesia a elevação e sublimidade que não cabe na prosa; e tocando os quadros com as tintas da ficção, que os tornam mais variados, attrahentes e bellos.

Manuel Corrêa avisa, aqui, que a terra que os portuguezes buscavam era a... India!

XXXIII

*Ouviu-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e, commovida,
D'entre as nymphas se vae, que saudosas
Ficaram d'esta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera é recebida;
Ávante passa; e, lá no sexto céu,
Para onde estava o padre se moveu.*

A *princeps* escreve o v. 6:

*Já na terceira esphera recebida
Ávante passa, etc.*

A segunda diz:

*Já na terceira esphera recebida:
Ávante passa, etc.*

Deve ser esta a lição verdadeira, não tendo ainda a pontuação sufficiente, que diligencieei completar-lhe. Mas, para justificar o *recebida*, falta-lhe um *é*, que ponho, porque ali o deve ter deixado o poeta.

XXXIV

*E, como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no rosto se mostrava,
Que as estrellas, o céu, e o ar visinho,
E tudo quanto a via a namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espiritos vivos inspirava,
Com que os pólos gelados accendia;
E tornava de fogo a esphera fria.*

No v. 2 é impossivel deixar ir *gesto*, em vez de *rosto*, como todas lêem. Ninguem me póde convencer de que tão altissimo poeta fosse o auctor da troca. Elle escreveu *rosto*, e eu assim restabeleço. Do contrario, por que modo saberíamos quando nos quer fallar de *gesto* ou de *rosto*? O reformador e mestre da lingua, que tanto a enriqueceu, não teria senão um vocabulo para os dois?! É absurdo acreditar-o.

Ambas as de 1572 trazem, no v. 3, *e o céu, e o ar*. Supprimo a primeira conjuncção *e*, por me parecer desnecessaria, e tornar o verso demasiadamente amaneirado. D. José Maria de Sousa Botelho ralhou, porque já outros, antes de mim, a tinham supprimido, acrescentando que a repetição d'ella dava graça ao verso. Além de ser contrária á pureza da dicção elegante, não é verdade que a sua falta faça o verso prosaico. Prosaica, e peor que isso, é a interpretação errada que aquelle editor accitou no seguinte:

Verso 4—*E tudo quanto a via namorava*

Como lêem ambas as de 1572. É erro, em que só a edição Biel advertiu; e que muito antes de a ver eu tinha corrigido

do mesmo modo. Era *tudo quanto via Venus, que se namorava da sua formosura*; não era ella *que namorava tudo que via*, como erradamente entenderam os editores, até 1880.

Freire de Carvalho, que zelosamente copiava as tolices das antigas, escreve, no v. 8: *do fogo*, em vez de *fogo*, como todos teem corrigido, desde 1663, primeira em que acho a emenda, talvez já feita na de 1651, que tanto auxiliou o dito editor.

XXXV

*E, por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lhe apresenta, assim como ao troyano,
Na selva Idea, já se apresentára.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram;
Que primeiro desejos o acabaram.*

Mataram e acabaram, por matariam e acabariam.

XXXVI

*Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via.
Da alva petrina flammæ lhe saíam,
Onde o menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.*

Parece-me que o v. 4 ficaria melhor transpondo-se, e lendo: *Com quem brincava amor*, etc. Com relação ao v. 5, se *petrina* é *seio* ou *peito*, assim se chamava também a cintura ou cinto de Venus. Veja-se a tunda, dada em Faria e Sousa, por D. José Maria de Sousa Botelho (Paris, 1819, pag. 393) e a resposta de Barreto Feio (na de Hamburgo, pag. 379). E quem for mais curioso, procure igualmente em Faria todo o commentario d'este logar (tomo 1, desde a col. 426 até 432).

XXXVII

*C'um delgado sendal as partes cobre,
De que vergonha é natural reparo;
Porém, nem tudo esconde, nem descobre
O véu, dos roxos lyrios pouco avaro;
Mas, para que o desejo accenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no céu, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.*

No v. 2 lêem todas: *De quem vergonha, etc.*

Faria e Sousa, no prologo ao tomo 1 dos *Commentarios aos Lusíadas* (col. 9), diz:

«Con estas condiciones vino a aver en este poema algunas cosas en cuya exposicion los ingeniosos, i otros que tienen sudado en ellas, están aguardando uno Expositor con la ansia que el montero, el descubrimiento, i la carrera del animal que busca. Quales son en la est. 37, del C. 2. *o véo dos roxos lirios pouco avaro*. En la 5. del 5. *mais celebre por nome, que por fama*. En la 87. del 6. *quem não dirá que nascem roxas flores*, etc. En la 21. del 9. *da mãy primeira com o terreno seyo*. I en la 59. del mismo: *E vós se na vossa arvore fecunda Peras*, etc. I semejantes, que exponemos, no siendo menos oscuros otros que hasta agora passaram por entendidos, estando muy lexos desso: i mucho más la fabrica, la alegoria, el espíritu, i el alma, i el misterio de todo el poema, que hasta oy no ha oido nadie, que yo sepa, aviendo tratado a muchos que tratan con gran credito destes studios.»

Se Lope de Vega, ou quem quer que fez o *Elogio ao commentador*, que antecede o prologo, disse, cobrindo-se com o nome de mestre Vicente Espinel, que *Lui7 de Camões nascêra para escrever o poema, e Manuel de Faria para o commentar*, devemos convir que este lhe não fica atraz, nos gabos incessantes que faz de si mesmo.

Infelizmente, em numerosos logares dos commentos aos *Lusíadas* ficou o celebre crítico muito longe de merecer os louvores com que tão complacentemente se gratifica. O primeiro dos versos aqui citados por elle está por tal modo embrulhado nas suas theorias (col. 433 e seguintes, do mesmo tomo 1), que bem se pôde prometter um doce a quem tirar

d'ali uma opinião a limpo. Envolvido no emaranhado systema de ver em tudo a religião e a igreja catholica, enreda-se nas maiores difficuldades, tentando demonstrar que os logares obscuros d'essa estancia só podem ser entendidos pelos doutos; mas que tambem os indoutos os poderão entender, a seu modo. Porque ás cousas sagradas, em seu conceito, só se pôde chegar com os olhos do entendimento:

«Para aguilas solamente es lo interior de los rayos desta poesia misteriosa.» E, no seu dizer, *O véu dos roxos lyrios pouco avaro*, cobre cousas sagradas!

Quem tiver a pachorra de ler oito columnas, que tantas são as que commentam a oitava a que este verso pertence, não perderá o seu tempo. Ali verá a *Venus celeste*, escamoteada ás vezes pela *Venus profana*; e outras curiosidades, que provam não só a erudição de Faria, como os seus destemperos; e, provavelmente, os apertos em que se viu para fazer passar os seus livros diante da inquisição. Foi ella, talvez, que obrigou aquelle notavel escriptor a dizer despropositos, certo de que, sem elles, o seu trabalho seria condemnado. Commentar estas oitavas, reconheçâmol-o com sinceridade, para salvar Faria e Sousa, era, realmente, muito difficil, sobretudo na presença de hypocritas: embora ninguem presumisse tanto de si como elle, alardeando, com insolita vaidade, a sua competencia critica. (Vejam-se, principalmente, os numeros xi, xii, xiii, xiiii, do prologo dos *Commentarios aos Lusíadas*.)

XXXVIII

*E mostrando, no angelico semblante,
Co'o riso uma tristeza misturada;
Como dama, que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos, maltratada;
Que se queixa e se ri, n'um mesmo instante,
E se torna entre alegre e magoada:
D'esta arte a deusa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste, ao padre falla:*

A edição *princeps* (e não Manuel Corrêa, como suppoz José da Fonseca—Paris, 1846) escreveu *semblante*, no v. 1; e a segunda *sembante*. Em nenhuma das que possuo acho *semblante*, senão da de 1721 em diante.

Verso 5—*Que se aqueixa, e se ri, nhum mesmo instante*

Lê a primeira, de 1572. E a segunda *aqueixa, e ri nũ*, etc. A de 1613 corrigiu, e bem, *queixa*. Esta emenda foi geralmente adoptada pela maioria dos editores dos seculos xvii e xviii; porém muitos dos modernos, saudosos do *aqueixa*, tornaram a introduzil-o, não sei porquê. Se foi respeito pelo texto, poderia dizer-se-lhes, que *tarde piaram*; porque não ha um só dos que o trazem, que não tenha acolhido na sua edição correções de muito maior ponderação que esta, sem lhes fazerem cara.

Todas lêem, no v. 6, *entre alegre magoada*. Corrijo, porque a phrase bem conhecida diz *entre alegre e magoada*. O *e* deve ter caído na composição; Camões não fazia o verso sem elle.

XXXIX

*« Sempre eu cuidei, ó padre poderoso,
Que para as cousas que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affavel e amoroso,
Posto que a algum contrario lhe pesasse.
Mas, pois que contra mim te vejo irroso,
Sem que t'o merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina;
Assentarei emfim que fui mofina.*

Do v. 5, deito fóra o *mi*, que trazem ainda todos. No v. 6, *nem te errasse*, por *nem te fizesse erro*. Comquanto hoje possa parecer solecismo semelhante maneira de construir a phrase, está longe de considerar-se peccado de syntaxe. Nós classicos é vulgar, sobretudo em poetas. D. João de Menezes, um dos do *Cancioneiro* de Garcia de Rezende, diz, na glosa a *Memento homo quia cinis es*:

Perdôa a quem te erra.

E o mesmo Garcia, nas *trovas á morte de D. Ignez de Castro*, que inspiraram o formoso episodio do canto iii dos *Lusíadas*, tambem escreveu:

*Que eu a elle não errava,
Nem fizesse traição:*

XL

«Este povo, que é meu, por quem derramo
 As lagrimas, que em vão caídas vejo;
 Que assaḡ de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo!
 Por elle, a ti rogando, choro e bramo,
 E contra minha dita emfim pelejo.
 Ora, pois; porque o amo, é maltratado:
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI

«Mas morra emfim nas mãos das brutas gentes;
 Que pois eu fui...» E n'isto, de mimosa,
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
 Como co'o orvalho fica a fresca rosa.
 Calada um pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa;
 Torna a seguil-a: e, indo por diante,
 Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

As de 1572 lêem, no v. 1, *moura*, por *morra*.

A primeira em que acho a emenda, é a de 1663, seguida pelas de 1669, 1670, 1721, por Garcez Ferreira e outros muitos; porém, os modernos voltaram a escrever *moura*. Se se tratasse de *mouras* encantadas, ainda poderia explicar-se o gosto... É verdade que *masmorra* dá um *calemburgo*; todavia, antes disso que *mas moura*.

«*Que pois eu fui...*» é semelhante ao *Quos ego*, de Virgilio, na *Eneida*; e usado com a mais apropriada elegancia. Mas, aqui, não assignala ameaça; testemunha descontentamento, queixume de filha mimada, que se amua.

No v. 6 lê a primeira, de 1572:

Lhe impedira a falla piedosa.

E a segunda escreve *piadosa*, como outras muitas. A de 1613 corrige: *Se lhe impedira*; emenda que até o proprio D. José Maria de Sousa Botelho accceitou, sem ralar, na de 1819.

XLII

*E d'estas brandas mostras commovido
 (Que moveram de um tigre o peito duro);
 Co'o vulto alegre, o qual do céu subido
 Torna sereno e claro o ar escuro,
 As lagrimas lhe alimpa; e, accendido,
 Na face a beija, e abraça o collo puro:
 De modo que d'ali, se só se achára,
 Outro novo Cupido se gerára.*

Parece que para ligar o sentido d'esta estancia com o da antecedente, caberia melhor *Que*, no começo do v. 1, do que a conjunção *E. Que*, empregado depois do verso: *Lhe atalha o poderoso e grão Tonante*, seguiria admiravelmente: *O qual* (primeiro significado de *Que*) *d'estas brandas mostras commovido*, etc. Parece pouco crível que não lhe occorresse o *Que*, sendo Camões, entre todos os nossos poetas, o que sabia usar da lingua com mais propriedade, escrevendo sempre o termo adequado para exprimir o pensamento. E é singular que seja nos *Lusíadas*, a sua obra prima, onde mais vezes se encontram estas desafinações. Não será isto devido, como tantas vezes tenho dito que suspeito, aos estragos da agua salgada, que elle não teve ensejo de reparar, ou a restauros inconscientes de quem dirigia a impressão do poema?...

Metto o v. 2 entre parenthesis, no intuito de tornar a lição mais intellegivel. *Que moveram*, quer dizer, *Que moveriam*; por exigencia do metro, serviu-se da ellipse.

No v. 3, adopto a excellente correcção, introduzida na edição Biel, e sem a qual ficaria este logar obscuro. Até áquelle benemerito editor, todos escreviam *qual*, sem ser antecedido pelo *o*, que esclarece a passagem.

Acaso não diria o 7, em vez do que está:

De modo que se só ali se achára

ou:

E se com ella só ali se achára?

Eu estou convencido que muitas d'estas lições não são do poeta, mas dos seus... *aperfeiçoadores* anonymos, que infallivelmente deve ter tido na primeira impressão.

XLIII

*E co'o seu apertando o rosto amado,
 Que os soluços e lagrimas augmenta,
 Como menino da ama castigado,
 Que quem o afaga o choro lhe acrescenta;
 Por lhe pôr em socego o peito irado,
 Muitos casos futuros lhe apresenta,
 Dos fados as entranhas revolvendo;
 D'esta maneira enfim lhe está dizendo:*

Alguns ainda trazem, no v. 2, *saluços*, como as duas primeiras. Que lhes preste!

Muitas das dos seculos xvii e xviii corrigiram, como eu, o v. 4, que as de 1572 escreveram *quem no afaga*. As modernas, seguindo o morgado de Matheus e Barreto Feio, restabelecem *no*. A primeira que emendou, foi a de 1609.

XLIV

*«Formosa filha minha, não temais
 Perigo algum nos vossos lusitanos;
 Nem que ninguém commigo possa mais,
 Que esses chorosos olhos soberanos;
 Que eu vos prometto, filha, que vejais
 Esquecerem-se gregos e romanos,
 Pelos illustres feitos que esta gente
 Hade fazer nas partes do Oriente.*

XLV

*«Que, se o facundo Ulysses escapou
 De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
 E se Antenor os seios penetrou
 Illyricos, e a fonte de Timavo;
 E se o piedoso Enéas navegou
 De Scylla e de Charybdís o mar bravo:
 Os vossos, môres cousas attentando,
 Novos mundos ao mundo irãõ mostrando.*

A edição de 1631 (revista por João Franco Barreto), e as de 1644, 1663, 1669, 1670, 1721, 1731, etc., lêem todas, no v. 7, *intentando* por *attentando*. Nenhum d'aquelles editores, alguns dos quaes foram benemeritos, reparou que o verbo empregado por Camões está aqui no sentido de *emprehender*, e não no de *projectar*. *Intentando* denota ainda o *proposito*, o *designio de fazer*; ao passo que *attentando* (não como significação de olhar, ou de reparar) indica já a acção, *estar fazendo*. En.bora os nossos dictionarios dêem *intentar* como synonymo de *attentar*, só quem não sente as differenças que ha entre um e outro é que os confunde. N'este ponto, acho rasão aos que negam que a lingua portugueza tenha synonymos. Ainda que seja quasi imperceptivel a diversidade do valor de cada vocabulo de que se compõe a sua synonymia, existe, comtudo; mas escapa á percepção, na maioria dos casos, porque quasi se aprecia mais pelo sentimento do que pelo entendimento.

A respeito do v. 6, vejam-se adiante as notas á est. 47 d'este canto, e á 82 do canto vi.

XLVI

*«Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os turcos, bellacissimos e duros,
D'elles sempre vereis desbaratados;
Os reis da India, livres e seguros,
Vereis ao rei potente subjugados;
E por elles, de tudo enfim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.*

XLVII

*«Vereis este que agora, pressuroso,
Por tantos mares o Indio vae buscando,
Tremar d'elle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto e milagroso,
Que tremam e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem d'ella hão medo os elementos!*

Verso 2 — *Por tantos medos, o Indo vae buscando,*

Lêem todas as edições. Mas, para mim, não é só duvidoso, é certo que deve ler-se *mares*, em vez de *medos*.

Já Faria e Sousa escreveu: «Dizem alguns, que o poeta confessa fraqueza no seu heroe, dizendo que ia cheio de medos. É por que nem sequer n'este logar (que fará no fundo?!) o entendem. Quer dizer aqui o *tantos medos*, perigo tão grande. Provo-o com o mesmo poeta, na bôca do mesmo heroe, que fazendo oração a Deus, achando-se n'outro perigo grande, no canto vi, est. 82, diz: *Se tenho já passado novos e perigosos medos de outra Scylla e Charybdis, etc.*»

Apesar d'esta opinião, sustento a emenda, tanto n'este logar, como na citada est. 82 do canto vi, a que se refere Faria.

Podem objectar-me, que Neptuno não tremia ainda do Gama, porque mal o conhecia; e que só veiu a tremer na sua terceira viagem. Mas semelhante saída não resiste á crítica; nem é séria. Ou o Gama era o heroe que nos pinta Camões, em todo o seu poema, ou um fracalhão ridiculo, como aqui, e na estancia citada por Faria, o querem fazer os commentadores. Na est. 44 do canto i, diz o poeta:

*Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece;
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece;*

Na 51, canto i:

*Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antartico e Calisto;
Toda a costa africana rodeado;
Diversos céus e terras temos visto:
De um rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.*

Quem diz isto, de si e dos seus companheiros, e o muito mais que por todos os cantos está espalhado, não se mostrava

agora cheio de *medos*. Só um paspalhão ousaria gabar-se, persuadido de que alguém se illudiria com elle. Mas tal não é a verdade historica, nem a que escreveu tão fielmente o poeta. Vasco da Gama era capaz de ir muito além do que tinha promettido; assaz o provou, levando ao fim a sua arrojada empreza, e governando mais tarde a India. Para que é pois amesquinhá-lo, dando ao verso uma interpretação errada?

Vejamos a est. 82, a que allude Faria e Sousa. Ahí, está o heroe e seus companheiros luctando com horrorosa tempestade:

*Se tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla e Charybdis, já passados;
Outras syrtes, e baixos arenosos;
Outros Acroceranios infamados:
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desamparados?
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende!*

Porque hão de ser aqui *medos* e não *mares* tambem? Porque não se ha de querer ver claramente que a Scylla e Charybdis falta, infallivelmente, o complemento *mares*, que liga com *syrtes* e *baixos arenosos*? Veja-se a est. 45 d'este mesmo canto II, com as comparações tiradas da *Odyssea* e da *Eneida*: é a mais absoluta prova do que affirmo.

Com rasão se está lastimando o Gama, na citada estancia do canto VI, á divina Guarda, que senhoreia terras e mares, dos mil perigos que encontra no caminho; porém, as suas queixas não indicam pusillaniedade; pelo contrario: na estancia immediata, chama ditosos aos que morreram entre as lanças africanas pela fé de Christo. Do que elle se lamenta, é de poder parecer obscuro, com os seus argonautas; mas não teme a morte, venha ella como vier.

Na est. 95, e nas que se seguem até ao fim do mesmo canto VI, pinta-nos o poeta magistralmente a situação d'aquelles intrepididos navegantes, e a dos que se lhes seguiram nos mesmos mares e guerras, sem a menor idéa de medo; embora *vão, por meio de horridos perigos, trabalhos graves e temores; mas, forçando o rosto, que se enfia, a parecer seguro, ledo, inteiro, para o peloiro ardente, que assovia*, etc. Creio, pois, que se deve ler, tanto n'esta est. 47, com na 82 do canto VI, *mares*, e não *medos*.

Mas vejamos ainda como no v. 3 da presente estancia achâmos igualmente materia para esta confirmação.

Seria improprio de tamanho poeta, como foi Camões, ter dado *tantos medos* ao Gama, no verso antecedente, e pôr logo no seguinte Neptuno *a tremar de medroso* (ainda que só tre-meu d'ahi a annos). Era verdadeira scena de farça!

Antes de citar a passagem, em que Barros conta as tremuras neptuninas, ouça-se primeiro a extraordinaria opinião do mais apaixonado dos commentadores:

Diz Faria e Sousa, que Homero e Virgilio pozeram *medos* nos seus heroes, e que Camões os imitára, citando, para auctorisar as suas opiniões, até a Escriptura Sagrada! E acrescenta: «Deve notar-se que quasi tudo que a poesia antiga disse por exaggeração, com pouco motivo ou nenhum, achou-o o nosso poeta para dizê-lo com tanto fundamento, que nenhuma cousa que diga se pôde chamar hyperbole ou exaggeração: e assim, imitando com as nossas verdades as fabulas com que Homero e Virgilio engrandecem os seus heroes, faz parecer que esses dois paes da poesia estavam propheticamente cantando os feitos e successos dos portuguezes; pois cantando de Ulysses e Enéas o que não fizeram, vieram os portuguezes a fazer o que elles cantaram».

Quando um commentador chega a estas conclusões, como é possivel censurál-o da boa fé com que suppõe que Camões tudo copiava e imitava dos antigos?

Quanto ao amigo Manuel Corrêa, ainda que o espremam, não deita nada.

Eis como Barros descreve a tremura do mar: «... uma quarta feira vespera de Nossa Senhora de Setembro ás oito horas da noite, saltou tamanho tremor em todas as naus, que cada uma se houve por perdida, parecendo-lhe que ella só padecia este tremor, sem entender a causa. Tudo era com as bombardas fazerem signaes umas ás outras, cuidando ser aguajes sobre alguns baixos, tudo era posto em revolta, uns accudindo ao lume que não podiam ter, outros á bomba, á sonda, e muitos a barris, e a taboas, em que esperavam de se salvar, não podendo entender uns aos outros de confusos d'este perigo, té que o mesmo Almirante veio em conhecimento do que era, dizendo: *Amigos, prazer e alegria, o mar treme de nós, não hajaes medo, que isto é tremor da terra.*» (*Asia*, Decada III, liv. IX, cap. I.—Veja tambem nota á est. 45 do canto II, e á 82 do canto VI.)

XLVIII

*« Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
 Que inda ha de ser um porto mui decente
 Em que vão descansar da longa via
 As naus, que navegarem do Occidente.
 Toda esta costa enfim, que agora urdia
 O mortifero engano, obediente,
 Lhe pagará tributos; conhecendo
 Não poder resistir ao luso horrendo.*

XLIX

*« E vereis o Mar Roxo, tão famoso,
 Tornar-se-lhe amarello, de enfiado;
 Vereis de Ormuz o reino poderoso,
 Duas vezes tomado e subjugado.
 Ali vereis o moiro, furioso,
 De suas mesmas settas traspassado;
 Que quem vae contra os vossos, claro veja
 Que, se resiste, contra si peleja.*

Os que foram traspassados pelas proprias settas, atrapalharam Faria e Sousa, que encheu quasi duas columnas, explicando a complicada theoria de *Venus e da egreja catholica*. O *milagre* foi posto em pratos limpos pelo bispo D. Jeronymo Osorio, na *Vida d'el-rei D. Manuel*. Com ser bispo, o honrado historiador não seguiu Barros e Castanheda; referiu simplesmente como os inimigos, na sua torvação, se frecharam uns aos outros.

L

*« Vereis a inexpugnavel Diu forte,
 Que dois cercos terá, dos vossos sendo;
 Ali se mostrará seu preço e sorte,
 Feitos de armas grandissimos fazendo.
 Invejoso vereis o grão Mavorte
 Do peito lusitano, fero e horrendo.
 Do moiro ali verão que a voz extrema
 Do falso Mafamede ao céu blasphema.*

Deveria talvez continuar a ler-se, no v. 7, *vereis*, e não *verão*, como trazem todas as edições. Faria e Sousa escreveu *lu7*, em vez de *vo7*; e disse no fim do commento ao verso, que outras edições liam como elle escrevia. É notavel que tão grande admirador do poeta incorresse n'esta grave falta; mas o que me parece peor é a sua singular mania de contestar, quasi a cada verso, a originalidade de Camões, sem ter consciencia de que ataca pela base o merito do poeta que tanto admira! «Otras ediciones dizem, *vo7 extrema*. Si esto agradare mas, tãbien es de Virgilio».

É unico!

No v. 8, liam igualmente *Mahamede*, até á de 1612, que é a primeira que corrige.

LI

*«Gôa vereis aos moiros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente; e sublimada,
Co'os triumphos da gente vencedora,
Ali, soberba, altiva e exalçada,
Ao gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá; e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.*

Verso 3—*De todo o largo Oriente, e sublinada*

Auctorisando-me com outros logares analogos do poeta — *O largo mundo*, canto 1, est. 56, v. 8, etc., etc.; — escreveria eu *largo Oriente*, que me parece ter sido a palavra deixada de escrever, ou de compor, por lapso.

LII

*«Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente;
E vereis em Cochim assignalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente,
Que cithara jamais cantou victoria
Que assim mereça eterno nome e gloria.*

A qualificação de *insolente*, no v. 6, significa, aqui, *animoso*, *cheio de ousadia desusada*, *não vista*, etc.

No v. 8 poderia mudar-se, para evitar o *eterno no*:

Que assim mereça nome eterno, e gloria.

LIII

*«Nunca com Marte instructo e furioso
Se viu ferver Leucate, quando Augusto,
Nas civis accias guerras, animoso,
O capitão venceu romano injusto;
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra scytico e robusto,
A victoria trazia e prêsa rica,
Prêso da egypcia linda, e não pudica.*

LIV

*«Como vereis, o mar fervendo, accêso;
Co'os incendios, os vossos pelejando;
O idolatra levando, e o moiro, prêso;
De nações diferentes triumphando;
E, sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo china navegando,
E ás ilhas mais remotas do Oriente:
Ser-lhes-ha todo o oceano obediente*

Verso 2—*Cos incendios dos vossos pelejando,*

Lêem as duas primeiras e todas as que se lhes seguiram.

José Gomes Monteiro emendou, perfeitamente, na edição Biel, *os vossos*, e não *dos vossos*. Não era o mar que pelejava com os incendios; eram os portuguezes, que, com o heroico Duarte Pacheco, defendiam os seus navios das machinas inflammadas que contra elles lançava o Samorim, segundo refere Damião de Goes, na *Chronica d'el-rei D. Manuel* (parte 1, do cap. 9).

Verso 3—*Levando o idololatra, e o moiro prêso,*

Lêem todas, menos Barreto Feio, que escreve *idolatra*. O morgado de Matheus, sempre severo com os que ousaram corrigir Camões, aproveitando aliás parte d'essas correções, diz d'esta passagem (na *Advertencia*, pag. xxx, da sua edição de Paris, 1819): «Deixei *idololatra* pela rasão que o verso tem assim a medida certa, e fica mais bem sustentado: a palavra é latina, da qual derivâmos *idolatra*, e talvez o poeta quiz ali conservar a sua origem.»

Se já temos *idolatra*, que necessidade havia de admittir *idololatra*, mal soante, e que nunca foi usada por Camões? Bastava que o illustre editor reflectisse um instante, e poria tudo a direito, como devia estar antes de impressos os *Lusiadas*. Eu restituo o verso á sua origem, com a mais absoluta confiança, sem lhe tirar nem pôr nada. Faço apenas a transposição; e parece-me que fica melhor e mais cheio. Se me enganar, se por acaso o poeta escreveu *idololatra* (o que não creio, ainda que me esfolem vivo!) nem sequer se poderá dizer que esta substituição não seja d'elle.

É impossivel imaginar-se por que transformações passou este poema. Relendo as *rimas* do auctor, as suas formosissimas *canções*, *eclogas*, *elegias*, *sonetos*, tudo tão harmonioso, tão melodico e suave, sobretudo no que incontestavelmente se reconhece ser da sua penna, parece que passou sobre muitas das estancias dos *Lusiadas* um bulcão, que revolveu até aos fundamentos este mar immenso de poesia!

Que profundas trevas cobrem a mysteriosa existencia do cantor e a historia da impressão da sua bella epopeia! Afigura-se-me, de cada vez que o meu pensamento mergulha na escura noite d'esse genesis, que o manuscripto se perderia, talvez no naufragio, ou que ficou tão estragado por este, que se tornasse impossivel restaurál-o de memoria; que, por doença, não pudesse o poeta fazê-lo pessoalmente; e o ditasse, a qualquer amanuense ignorante, e de má letra; ou que elle mesmo a teria pouco decifrável, como ainda hoje succede a tantos escriptores celebres. N'uma palavra: estou convencido que o autographo que serviu para a impressão era pouco menos que inintelligivel, se não estava todo adulterado. Confirmam-me n'esta opinião as bellezas do precioso livro, enredadas em torpissimos erros, que não provém de tão grande engenho. Dir-se-ia um jardim delicioso, povoado das plantas mais raras de todas as zonas, e invadido por parasitas, que luctam em vão por destruil-as.

E que parte tomaria tambem n'estas tentativas destruidoras a *santa* inquisição, ou com que temiveis condições concederia as licenças para a obra se imprimir? É igualmente impossivel responder-se; mas, pelo decurso d'estes estudos, se irão calculando os estragos. Sebastião Francisco de Mendo Trigo, no já citado *Exame das cinco primeiras edições dos Lusíadas*, diz, d'este verso: «... não me parece provavel que Camões a usasse (a palavra *idololatra*), d'esta maneira, pois julgo demasiada affectação dizer idololatria, idololatra, etc., sem o exigir assim a medida do verso. Nem me persuado que se ache em algum auctor portuguez aquella palavra assim escripta» (pag. 35, col. 2.^a).

Só Barreto Feio e Biel accentuam *ás ilhas*, como deve ser, no v. 7. As mais, lêem todas—*as ilhas*.

No v. 8, nenhuma escreve no plural, *Ser-lhes-ha*, que tem de concordar com *os vossos*, do v. 2, e com *Amostrarão*, do v. 2 da estancia que se segue a esta.

LV

«*De modo, filha minha, que, de feito
Amostrarão esforço mais que humano;
Que nunca se verá tão forte peito,
Do gangetico mar ao gaditano,
Nem das boreaes ondas ao Estreito,
Que amostra o aggravado lusitano:
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.*»

O v. 1 deve ler-se, como eu escrevo, *de feito*, e não *de geito*, segundo trazem todas. A troca da letra *f* por *g* era facilima, por estarem em caixotins pegados um ao outro. Deve ser esta a lição verdadeira. *De modo que de geito*, não pôde ser de Camões.

Que mostrou, lêem todas, no v. 6. Só Barreto Feio, unico a quem este anachronismo offendeu, corrige: *Que mostrará*. A synalepha torna, porém, o verso durissimo; e José Gomes Monteiro, na Biel, rejeita a emenda, com o fundamento de prejudicar o hendecasyllabo, offender o ouvido, e tambem por acreditar que o poeta, reincidindo no mesmo erro do canto x, est. 141, denuncia descuido em ambos os logares.

Tal não é a minha opinião. Quando chegarmos ao supposto anachronismo d'esse canto, fallaremos. Quanto a este lugar, *mostrará* seria bom, se, effectivamente, como observa Monteiro, não prejudicasse o verso. Por isso, ponho no presente o verbo, que as edições de 1572 traziam no preterito e Barreto Feio no futuro, não sem razão; e escrevo *amostra*. D'este modo fica igualmente melhor a concordancia com *Amostrarão*, do v. 2. E, além d'isso, attendendo-se a que o grão Tonante está fallando aqui propheticamente, e *vendo*, por consequencia, os successos que vae revelando, tanto faz dizer *mostrará*, como *amostra*. De nenhum dos modos o verso fica inteiramente escorreito, como o quereria Gomes Monteiro, e eu tambem, se fosse possível pôr tudo de accordo; mas melhora-se; e desfaz-se o erro, que não pôde ser de Camões.

É impossivel admittir-se o descuido ou esquecimento. Embora o nosso poeta fosse tão susceptivel de errar como qualquer outra pessoa, não parece crível que duas vezes o fizesse, referindo-se, em logares diversos, ao mesmo assumpto ¹. Uma, seria facil; duas, commettendo em ambas identico anachronismo, não posso acreditá-lo. Bastava pensar n'um dos casos para dar logo pelo equivoco do outro. É evidente a adulteração do texto. E afigura-se-me que tanto esta correcção, como a que proponho no canto x, est. 141, v. 5, andam mui perto da verdade, se porventura não forem as lições legitimas.

LVI

*Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Um pacifico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha.
E para que em Mombaça, aventurado,
O forte capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quiêto repousasse.*

Pôde objectar-se, ainda que não sei se de boa fé, que quem ignora a data de um factio historico a repetirá sempre errada, emquanto não for advertido do erro. Mas crê alguém que o poeta não soubesse que o descobrimento da India fôra anterior á viagem de circumnavegação, de Fernão de Magalhães?! Quem tal affirmasse, diria o maior dos disparates.

Verso 2 — *Filho de Maria aa terra, porque tenha*

A edição *princeps* escreveu bem; mas a segunda traz *Maria*, em vez de *Maia*. (Veja-se o que cito na *Introdução*, a pag. 101.)

Tirando-se do v. 3 a conjunção *e*, antes de *socegado*, ficaria talvez melhor. Na primeira, de 1572, traz vírgula também, o que parece desnecessario. Comtudo, não ousou supprirnil-a, porque julgo ser esta a maneira com que o poeta acode por vezes ás exigencias do verso, escrevendo, em lugar de *Um socegado e pacifico porto, Um pacifico porto e socegado*. N'estes casos, vem sempre a vírgula, antes da conjunção *e*.

LVII

*Já pelo ar o Cylleneu voava;
Com as a7as nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cançados adormece;
Com esta, as tristes almas revocava
Dos infernos; e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galero costumado:
E d'esta arte a Melinde foi chegado.*

Do inferno, lêem ambas as de 1572, e a maioria das outras. O verso coxeava, por falta de uma syllaba, que lhe introduziu a edição de 1660, escrevendo *dos infernos*. D'este modo já as vogaes não podem elidir umas nas outras, e fica certa a medida. Comtudo, muitos modernos, insensiveis á melodia metrica, parece não crêrem que Camões soubesse fazer versos certos!

LVIII

*Comsigo a Fama leva, por que diga
Do lusitano o preço, grande e raro;
Que o nome illustre a um certo amor obriga,
E faz, a quem o tem, amado e caro.
D'esta arte vae fazendo a gente amiga,
Co'o rumor famosissimo e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.*

Algumas edições, começando na de 1644, que outras seguiram, escrevem, no v. 8: *o gesto e o modo*. Freire de Carvalho, na sua *Tabella* 5.^a lembra *que talvez conviria fazer-se ainda a correccão citada!* E o seu admirador, José da Fonseca, também acha que o verso ficaria *mais cheio e correcto*, se assim andasse escripto, embora não o corrija. Nenhum d'elles diz que a emenda estava já feita por outros.

Eu não a acceito; se alguma cousa houvesse de mudar aqui, seria *rosto*, em vez de *gesto*; porque *rosto* é o que deve entender-se.

LIX

*D'ali para Mombaça logo parte,
Aonde as naus estavam temerosas,
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra inimiga e terras suspeitosas.
Porque mui pouco val esforço e arte
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia e siço,
Se lá dos céus não vem celeste aviso.*

LX

*Meio caminho a noite tinha andado;
E as estrellas no céu, co'a luz alheia,
Tinham o largo mundo alumiado;
E só co'o somno a gente se recreia.
O capitão illustre, já cançado
De vigiar a noite, que receia,
Breve repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartos, vigiava:*

Todas lêem no v. 6 *que arreceia*.

Não sei como o poeta escreveria o v. 8. Nós dizemos: *gente do quarto*, ou *de quarto*. *Gente a quartos* é possível que, por ellypse, possa justificar-se igualmente. Como está, parece voz de official, mandando. Sabem todos que a bórdo dos navios, parte da tripulação vigia, de quatro em quatro horas. A esse espaço de tempo se chama *quarto da meia noite*, *quarto d'alva*; primeiro quarto, segundo, etc., etc.

LXI

*Quando Mercurio, em sonhos, lhe apparece,
Dizendo: «Foge, foge, lusitano,
Da cilada que o rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo damno.
Foge, que o vento, e o céu te favorece;
Serenos o tempo tens e o oceano;
E outro rei, mais amigo, n'outra parte,
Onde pódes seguro agasalhar-te.*

Todas lêem *fuge*, nos v. 2 e 5; hoje, diz-se *foge*.

O v. 6 está frouxo; não me atrevo a dar-lhe a syllaba que lhe falta, por suppor que seria Camões que o deixou sem ella.

LXII

*«Não tens aqui senão apparelhado
O hospício, que o cru Diomedes dava;
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos, a gente que hospedava.
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas:
Foge, das gentes perfidas e feras.*

Parece que seria melhor, para ligar com o que vem de traz, ler-se, no v. 1:

E aqui não tens senão apparelhado, etc.

LXIII

*«Vae-te ao longo da costa, percorrendo;
E outra terra acharás, de mais verdade,
Lá quasi junto d'onde o sol, ardendo,
Iguala o dia e noite em quantidade;
Ali, tua frota alegre recebendo
Um rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria;
E, para a India, certo e sábio guia.»*

Todas as edições escrevem:

E para a Índia certa e sábia guia.

Não é crível que Camões escrevesse *certa e sábia guia*, referindo-se ao piloto. Como ambas as de 1572 trazem o verso sem nenhuma virgula, os editores as tem seguido, fazendo substantivo feminino do que é masculino. No *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza* cita-se este logar, logo no começo do artigo, dando *guia* no feminino, e escrevendo, entre outros significados:

*Gasalhado seguro te daria
E para a Índia certa e sábia guia.*

Mas antes de concluir, traz outro paragrapho, onde diz: «—s. m. o conductor, o individuo que dirige, individuo conhecedor do terreno, que ensina o caminho nas marchas dos corpos do exercito.»

Logo, é tambem substantivo masculino; e o piloto, a que se allude aqui, era o *conductor*, o *individuo que dirige*, aquelle que devia guiar a frota de Vasco da Gama, o *certo e sábio guia*, como escreveu Camões.

Cada editor moderno pontuou isto a seu modo, de maneira que uns dizem:

E para a Índia certa, e sábia guia.
outros: *E, para a Índia, certa e sábia guia.*
e ainda: *E para a Índia, certa e sábia guia.*

Faria e Sousa, que tambem escreve:

E para a Índia certa e sábia guia

diz, comtudo, no *Commentario* respectivo: «te darà guia cierta i sabia; piloto bueno i docto para llevarte a la Índia».

É exactamente o que Camões escreveu. Mas *ao piloto bom e douto* não se póde chamar sem impropriedade *piloto certa e sábia*; a *minha guia*, se nos referirmos a homem, é tolice. E menos ainda se póde dizer que *certa*, seja aqui attributo de *Índia*, quando o é de *guia*. Moraes, em *guiador*, diz: «*O guia*.

Apollo guiador das 9 musas; e auctorisa-se com Barros, no *Clarimundo*. Nos proprios *Lusiadas* (canto v, est. 78) se lê:

..... o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

O rei de Melinde deu ao Gama piloto, *certo e sábio*, isto é, homem que sabia, e que não era falso e traidor, como os anteriores: «Do saber do qual Vasco da Gama, depois que praticou com elle, ficou muito contente, principalmente quando lhe mostrou uma carta de toda a costa da Índia arrumada ao modo dos moiros, que era em meridianos, e parallellos mui miudos sem outro rumo dos ventos; porque como o quadrado d'aquelles meridianos, e parallellos era mui pequeno, ficava a costa por aquelles dois rumos de norte sul, e leste oeste mui certa, sem ter aquella multiplicação de ventos, d'agulha commum da nossa carta, que serve de raiz das outras». (Barros, *Decada* 1, liv. iv, cap. vi.)

LXIV

*Isto Mercurio disse; e o somno leva
Ao capitão, que com mui grande espanto
Acorda; e vê ferida a escura treva
De uma subita luz e raio santo:
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esp'rito ao mestre seu mandava,
Que as vélas desse ao vento, que soprava.*

LXV

— *Dæe vélas* — disse — *dæe ao largo vento,*
Que o céu nos favorece e Deus o manda;
Que um mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda. —
Alevanta-se n'isto o movimento
Dos marinheiros; de uma e de outra banda
Levam, gritando, as ancoras acima,
Mostrando a rude força, que se estima.

Os editores não estão de accordo sobre a maneira de pontuar o v. 6. Escrevem, geralmente:

Dos marinheiros, de uma e de outra banda;

A edição Juromenha, lê:

Dos marinheiros; de uma e de outra banda

Esta interpretação, que parece inaceitavel á primeira vista, depois de meditado o verso, não repugna de modo algum: *de uma e de outra banda levam, gritando, as ancoras acima*. Os demais editores entenderam que *o movimento dos marinheiros, de uma e de outra banda* só tinha referencia ao navio do capitão mór, que estaria prêso a duas amarras e não haveria portanto impropriedade em se dizer *levam, gritando, as ancoras acima*. Juromenha, ao contrario d'aquelles, parece crer, pela sua pontuação, que o poeta se refere a *toda* a armada; que *o movimento* era de *todos os marinheiros* que a compunham; e o levantar ancoras, *de uma e de outra banda* não allude unicamente ao navio chefe, mas tambem aos outros.

A estancia seguinte demonstra o acerto da correcção; e o *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* dá rasão ao benemerito admirador de Camões. Adopto pois a lição, persuadido de que é a verdadeira.

No v. 8 escrevo *rude*, e não *ruda*, como todas lêem, excepto a de 1613.

LXVI

*N'este tempo, que as ancoras levavam,
Na sombra escura os moiros, escondidos,
Mansamente as amarras lhes cortavam;
Por serem, dando á costa, destruidos.
Mas, com vista de lynces, vigiavam
Os portuguezes, sempre apercebidos:
Elles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhes fugiram.*

Nos v. 3 e 8 lêem todos *lhe*; corrijo ambos os logares.

Sobre o assumpto d'esta oitava, diz o *Roteiro*: «Em esta noute seguinte, á mēa noute, vieram duas almadias com mui-

tos homens, os quaees se lançaram a nado, e as almadias ficaram de largo e se foram ao navio Berrio, e outros vieram ao Rafaell. E os que foram ao Berrio começaram de picar o cabre¹, e os que estavam vigiando cuidaram que eram toninhas, e depois que os conheceram bradaram aos outros navios, e outros estavam já pegados nas cadêas da enxarcia de traquete do Rafaell, e como foram sentidos callaramse e decceram abaixo e fogiram» (pag. 40).

LXVII

*Mas já as agudas prôas, apartando
Iam as vias humidas de argento;
Assopra-lhes galerno o vento e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, d'onde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.*

Outro *lhe*, por *lhes*, no v. 3.

Ambas as edições de 1572 lêem o v. 8 como eu o escrevo; ao passo que as de 1651, 1663, 1669, 1670, 1721, 1731 (Garcez) e muitas outras, escrevem:

A vida escapa em salvo por acerto.

LXVIII

*Tinha uma volta dado o sol ardente,
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dois navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram;
Porque haviam de ser da moira gente,
Para elles, arribando, as vélas viram:
Um, de temor do mal que receiava,
Por se salvar a gente, á costa dava.*

¹ Cabo, amarra.

Navegando co'os ventos, que respiram

Assim escripto, o v. 4 seria mais natural, embora perdesse com a mudança a pausa na segunda syllaba. E foi talvez por isso que o poeta lhe virou os pés para a cabeceira.

Não acredito que Luiz de Camões deixasse o v. 6, como se lê em todas as edições, rimando *viram*, de *ver*, com *viram* de *virar*.

Sobre elles arribando, as vélas tiram,

ou, talvez:

Para elles, virando, as vélas tiram,

póde ser que elle dissesse.

Tirar tem aqui a legitima significação de *puxar*. O *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza* (a pag. 1759) diz: «*Tirar* avante, fazer caminhar, fazer avançar: Dava Albuquerque ordem de *tirar* avante nas aguas vivas o junco á força e zelo dos portuguezes para a ponte».—Tudo quanto quizerem; mas o verso como está, parece-me que não foi feito por Camões, apesar de vermos outras rimas semelhantes, n'elle e n'outros poetas do seu tempo.

Tambem havia no v. 7 um *arreceiava*, usado por todos, e que eu puz fóra, por inutil.

No ingenuo e sincero *Roteiro*, lê-se, a respeito d'estes navios, encontrados por Vasco da Gama: «E em amanhecendo vimos dous barcos a julavemto (sotavento) de nós em mar obra de tres legoas, pollo qual loguo arribámos contra elles pera os avermos de tomar, porque desejavamos de aver pillotos que nos levasem onde nós desejavamos. E quando vêo a oras de vespora fomos com huum dos ditos barcos e tomámollo, e outro se nos acolheo a terra, e naquelle que tomámos achámos dezasete homes e ouro e prata e muito milho e mantimento e huma moça, molher de huum homem velho, mouro honrrado que hii vinha. E tanto que nós chegámos junto com elles todos se lançaram ao mar, e nós hos andámos tomando com os batés» (pag. 42).

LXIX

*Não é o outro que fica tão manhoso;
Mas nas mãos vae cair do lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano;*

*Que, como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia: e, se a tivera,
Mais dammo, resistindo, recebêra.*

LXX

*E, como o Gama muito desejasse
Piloto para a India, que buscava,
Cuidou que entre estes moiros o tomasse;
Mas não lhe succedeu como cuidava;
Que nenhum d'elles ha, que lhe ensinasse
A que parte dos céus a India estava;
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde achará piloto certo.*

Que nenhum d'elles houve, que ensinasse

Talvez que d'este modo se devesse ler o v. 5, e não como vem no texto.

V. 8 lêem todas as edições:

Melinde, onde acharão piloto certo.

O agente d'esta oração é o Gama. Apesar d'isso, e de tantos grammaticos terem sido editores dos *Lusiadas*, deixaram-se ir atraz da toada, e nenhum d'elles reparou no erro. José da Fonseca, na sua edição de Paris, que só vi depois de feita por mim a respectiva emenda, é o unico que o corrige como deve ser.

LXXI

*Louvam do rei os moiros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O capitão o assella por verdade,
Porque já lh'o dissera d'este geito
O Cylleneu, em sonhos; e partia
Para onde o sonho e o moiro lhe dizia.*

LXXII

*Era no tempo alegre, quando entrava
 No roubador de Europa a luz phebea;
 Quando um e o outro corno lhe aquentava,
 E Flora derramava o de Amalthea;
 A memoria do dia renovava
 O pressuroso sol, que o céu rodea,
 Em que Aquelle, a quem tudo está sujeito,
 O sello poz a quanto tinha feito;*

Milagre é trazer a edição de Freire de Carvalho, sobre que escrevi as minhas notas, o v. 1 d'esta estancia sem macula.

Ha edições que lêem: *Era o tempo alegre*, etc. E algumas tambem não trazem no v. 3 o artigo *o* antes de *outro*.

Jeronymo Soares Barboza, talvez por falta de attenção (para não o suppor, com F. Evaristo Leoni, a pag. 200 do seu *Camões e os Lusíadas*, falto dos mais elementares conhecimentos astronomicos), discreteia, pouco rasoavelmente, sobre a presente oitava. N'ella nos mostrou Camões, tão graciosa quanto elegantemente, a conjuncção do sol com o signo de Tauro, para nos informar de que a chegada da frota a Melinde fôra no mez de abril e em domingo de Paschoa. Não é possivel fazê-lo com maior belleza poetica, e mais riqueza de engenho. Todavia, Barboza, que muitas vezes o louva, mostra aqui paixão e parcialidade. (Veja *Analyse dos Lusíadas*, pag. 45, da primeira edição de Coimbra.)

LXXIII

*Quando chegava a frota áquella parte,
 Onde o reino Melinde já se via,
 De toldos adornada, e leda de arte,
 Que bem mostra estimar o santo dia.
 Treme a bandeira, vôa o estandarte;
 A côr purpurea ao longe apparecia;
 Sôam os atambores e pandeiros;
 E assim entravam, ledos e guerreiros.*

O *santo dia*, do v. 4, é referencia ao de Paschoa, que n'esse anno de 1498 caíu a 5 de abril.

Com bem magoa minha, deixo ficar aqui soando os *atambores*, por não haver meio possível de os fazer calar. Quanto ao *assi*, mando-o passeiar, com os seus semelhantes já excluídos.

LXXIV

*Enche-se toda a praia melindana
Da gente, que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a de outra terra, atraç deixada.
Surge diante a frota lusitana;
Pêga no fundo a ancora pesada;
Mandam fóra um dos moiros, que tomaram,
Por quem sua vinda ao rei manifestaram.*

LXXV

*O rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto préza,
Quanto a gente fortissima o merece:
E, com verdadeiro animo e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhes manda rogar muito que saíssem,
Para que de seus reinos se servissem.*

No v. 7 mudo o *lhe* em *lhes*, como de costume. (Veja a minha annotação á est. 88, paragrapho segundo, d'este mesmo canto, com relação á presente oitava.)

LXXVI

*São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhes mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas, cevadas;
Com as fructas, que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.*

José Agostinho de Macedo indigna-se muito por causa dos carneiros e das gallinhas gordas d'esta estancia, dizendo que lhe parecem mais proprios de vendilhão da praça que da magestade da epopeia. Não creio que se possam fazer bons versos com gente que não coma, ou que ande de credo na bôca á espera de uma phtysica. Como este crítico cita a cada passo os poetas antigos, admira que se esqueça de Achilles, ou de quaesquer outros heroes gregos, que não faziam cousa nenhuma sem comesaina, segundo se pôde ler em Homero.

«*Gallinhas*, e bastava.» Objecta o padre. A circumstancia de serem cevadas, não é indifferente, sobretudo para a rima. E estou certo que menos o seria para Vasco da Gama e seus companheiros. Isto de se querer pegar por tudo, dá tristissima idéa dos censores! Que obra humana existe sem defeitos? E porque é que se hão-de esmerilhar estes, em vez de citar as bellezas, que, apesar de tantos estragos, adornam esta obra prima?! Os críticos de má morte queriam talvez este logar ornado com estylo campanudo; que, para o auctor poder pintar um quadro menos fóra da verdade humana, dissesse, no caso de lhe convir explicar que os personagens comeram, por exemplo, lingua de boi:

*Nos profanos estomagos sepultam
Idiomas d'Io e d'Apis, não divinos*

Esta maneira, apesar de tolissima, seria, provavelmente, mais do seu agrado? Bem mestre foi Virgilio, e não duvidou escrever:

*Dant famuli manibus lymphas, Cereremque canistris
Expediunt, tonsisque ferunt mantilia villis.
Quinquaginta intus famulæ, quibus ordine longo
Cura penum struere, et flammis adolere Penates.*

Æneis, liv. 1, v. 705 a 708.

Que João Franco Barreto traduziu:

*A todos agua ás mãos dão os creados:
Traçem nos cestos pão em continente;
E toalhas cos pellos tosquiados;
Cincoenta moças dentro apparelhavam
As viandas, e os Penates incensavam.*

Pag. 21, ed. de 1664.

Porque não diria também este insigne poeta romano, em vez d'essa poesia terra a terra, embora propria para o assumpto:

Co'a destra e co'a sinistra a lympha assaltam,

ou qualquer outra parvoíce, assim guindada, para regalo de s. ex.^a a crítica?!

Muito favor fez o poeta em não transcrever, com a crueza do tão preconizado realismo de hoje, alguns dos successos d'aquella estupenda viagem. Nem sequer desceu aqui a contar-nos, como faz o *Roteiro*, que Vasco da Gama, em paga dos tres carneiros que lhe mandou o rei de Melinde, lhe enviou bizarramente, pelos mesmos portadores «huum balandráo e dous rraemes de coraes e tres bacias e huum chapeo e cascavés e dous lambés!» (pag. 43, 44).

No poema, allude-se unicamente á lençaria — *escarlata purpurea*, e ao *ramoso coral*! Voltemos, porém, á estancia. Manuel Corrêa também nos illustra aqui muito, esclarecendo que «lanigeros he epitheto do carneiro e ovelhas.» Poderia acrescentar: «sem batatas».

O ultimo verso está mais que frouxo; explica-se talvez o descuido do poeta, porque no seu tempo se escrevia, como vem nas primeiras edições de 1572:

E a vontade aa dadiua excedia.

LXXVII

*Recebe o capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao rei outro presente,
Que de longe traçia apparelhado:
Escarlata purpurea, côr ardente;
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E, como é fóra d'ellas, se endurece.*

¹ *Lambel*. Lençaria de algodão listrada, que tinha então grande saída para o nascente commercio da Africa. — Nota dos editores do *Roteiro*, na mesma pagina acima citada.

LXXVIII

*Manda mais um, na prática elegante,
Que co'o rei nobre as pazes concertasse;
E que, de não sair n'aquelle instante
De suas naus em terra, o desculpasse.
Partido assim o embaixador prestante,
Como na terra ao rei se apresentasse;
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:*

O sr. visconde de Corrêa Botelho (Camillo Castello Branco), no seu livrinho *Luiç de Camões*, diz, a pag. 29 e seguintes: «No reinado de D. João II, Antão Vaz, avô do poeta, casára com D. Guiomar da Gama, parenta de Vasco da Gama, a quem seguiu á India, capitaneando uma caravella, talvez escolhido por Vasco, em attenção ao parentesco. O heroe dos *Lusiadas* enviou Antão Vaz embaixador ao rei de Melinde, a cumprimentál-o, a levar-lhe presentes e a concertar as pazes. Luiç de Camões, com rara modestia, omitta o nome de seu illustre avô. Dá-lhe, porém, predicados de elegancia oratoria, compraz-se em o fazer discursar largamente. Na dilação do discurso transluz uma licita vaidade». Cita o meu sabio amigo, em nota, as *Lendas da India*, de Gaspar Corrêa, pag. 560, 561; e acrescenta, depois de transcrever cinco versos da presente estancia: «Nenhum biographo, que me conste, approximou ainda a passagem do poema do nome do embaixador Antão Vaz. Verdade é que João de Barros, Damião de Goes e o bispo Osorio escondem o nome do enviado; e a maioria dos biographos não conheceu os mss. de Gaspar Corrêa, nem consultou senão os expositores triviaes, etc., etc.»

Advirto, sem a menor pretensão ou intuito de corrigir o mestre, mas simplesmente para esclarecer este ponto, que ha aqui confusão ou equivoco. Gaspar Corrêa está referindo, no lugar citado por Camillo, a viagem do 1.º visorei da India D. Francisco de Almeida, e não a primeira viagem de Vasco da Gama. Eis o que diz Gaspar Corrêa: «E o Visorey se fez á vela, e mandou fazer caminho pera hir a Magadaxo, que tambem trazia em apontamento que fizesse tributario; mas os pilotos nom consentirão, dizendo que perderia o tempo pera passar á India, porque já erão vinte e seis d'Agosto. Então *mandou a*

Melinde Antão Vaz na sua caravella a visitar El-Rey, e levar cartas e cousas que lhe El-Rey e Dom Vasco mandava, e desculparse que lá nom hia por nom ter tempo (Lendas da India, tomo. 1, pag. 560, 561).»

Foi, pois, na viagem de D. Francisco de Almêida, cuja armada, segundo o mesmo Gaspar Corrêa, saíu do Tejo a 25 de março de 1505, que Antão Vaz ía por commandante de uma caravella; e não agora, em que tanto o Gama como todos os demais portuguezes avistaram pela primeira vez Melinde, no dia de Paschoa, a 5 de abril de 1498. E tambem não consta que fosse na segunda viagem de Vasco da Gama, em 1502, como inadvertidamente diz o illustre romancista.

Confesso-me absolutamente ignorante em genealogias; com-tudo, não sei se Camões, que por vezes falla de si proprio, ainda que com incontestavel direito e justiça, deixaria de mencionar o nome do avô, se este fosse ao descobrimento da India, visto que cita outros muitos. Acho até pouco verosimil o parentesco do nosso poeta com Vasco da Gama, embora muitos o creiam. Se tal parentesco existisse, porque não alludiria nunca a elle, e porque escreveu a est. 99 do canto v, em que indubitavelmente se vê o contrario?

Com relação a Antão Vaz, lembrarei que era nome vulgar n'aquelle tempo; e que mesmo este, citado por Gaspar Corrêa, seis annos depois da primeira viagem do Gama, não ha a menor certeza de que tivesse appellido de Camões.

Penso, com relação ao verso:

Manda mais um, na pratica elegante — que a idéa do nosso auctor fôra imitar os antigos, indicando que a escolha do embaixador era de pessoa bem fallante. Seria uma especie de Illioneo, indo exorar do rei melindano benigno acolhimento, como os troyanos de Enéas dirigindo-se a Latino:

*Rex, genus egregium Fauni, nec fluctibus actos
Atra subegit hiems vestris succedere terris;
Nec sidus regione viæ littusve fefellit, etc.*

(VIRGILIO, *Æneis*, liv. VII, v. 213 a 215.)

É certo que as opiniões dos escriptores, a proposito d'esta embaixada, se acham um tanto contradictorias; mas não me parece difficil conciliál-os. A culpa foi de João Franco Barreto e de Manuel de Faria e Sousa. Na est. 77 do canto v dos *Lusíadas*, diz Camões, que o homem sabedor da lingua arabica,

que nos casos precisos se entendia com os moiros que a fallavam, se chamava Fernão Martins; o que é confirmado pelo anonymo auctor do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* (pag. 66); por Castanheda (cap. 5.º, 6.º, e 17.º do liv. 1, etc.); por Damião de Goes (*Chronica d'el-rei D. Manuel*, parte 1, cap. 39). E sobretudo por Barros, como já vamos ver.

Martin Affonso, que por muito tempo andára no Manincongong, ia na armada como interprete da lingua dos pretos. D'elle falla igualmente o auctor do *Roteiro* (pag. 12 e 18); Castanheda (liv. 1, cap. 4.º); Damião de Goes (cap. 36.º parte 1); Barros tambem lhe cita o nome (Dec. 1, liv. iv, cap. iii) sem dizer comtudo que entendia os negros. Mas vamos ao outro, Fernão Martins:

«... e alguns entendiam palavras do aravigo que lhe fallava um marinheiro por nome Fernão Martins.» E mais adiante, quando vieram á falla de Vasco da Gama os moiros de Moçambique: «Ao que Vasco da Gama mandou responder por Fernão Martins lingua», etc. E (na mesma *Decada* e livro, cap. iv) referindo-se aos tres abexins, que na mesma ilha foram a bórdo da capitania: «... começou de os inquerir por Fernão Martins lingua, os quaes posto que entendiam o arabigo, a muitas palavras não respondiam ao proposito, como que differiam na lingua, e d'outras não davam rasão, dizendo sairem de sua terra de tão pequena idade, que não eram já lembrados.» No cap. v (mesma *decada* e livro): «E posto que se teve muito resguardo que o piloto de Moçambique não fallasse á parte com elles (os de Mombaça), senão por ante Fernão Martins lingua», etc. Em Calecut (cap. x): «... conveio a Vasco da Gama leixar em terra com alguma pouquidade d'isso que levavam para compra de mantimentos a Diogo Dias por feitor, Alvaro de Braga por escrivão, Fernão Martins lingua», etc.

Este mesmo escriptor conta ainda que o primeiro recado mandado pelo Gama ao rei de Melinde foi levado por um degredado e um moiro velho; e o segundo, pelos dois moiros, que o dito rei enviára com o presente de carneiros. O *Roteiro* acrescenta: «... e quando se foy (o rei, que tinha vindo ver os navios) leixou no navio huum seu filho e huum seu xarife, e foram com elle a sua casa dous homens dos nosos, os quaees elle mesmo pedio que queria que fosse ver os seus paços», etc. (pag. 45).

Faria e Sousa, commentando o verso: *Um na pratica elegante*, affirma que fôra Fernão Martins. Effectivamente, não

podia ser outro, porque não o havia ali. Mas logo adiante, referindo-se ao v. 7 d'esta mesma est., acrescenta: «Advierto, que Damiã de Goes, cap. 39. dize, que este interprete se llamava Martin Alonso». Goes não diz tal; de Martin Affonso, falla no cap. 36; no 39 escreve, como deve ser «Fernão Martins». E João Franco Barreto, que leu, sem verificar, o equivoco de Faria, disse, no *Indice dos nomes próprios*, que anda junto a algumas edições dos *Lusiadas*, letra F: «Outro Fernão Martins, a quem Goes chama Martin Affonso, e diz que era um marinho, interprete de Vasco da Gama para a lingua arabiga». De ambos elles veiu pois o erro e supposta confusão de dois nomes distinctos, que aliás quasi todos os historiadores da India trazem bem citados.

Digo *quasi todos*, porque, que eu saiba, só Gaspar Corrêa corta a monotonia d'esta unanimidade chamando-lhe João Martins (*Lendas da India*, tomo 1, pag. 78); e acrescenta que era «degradado, que sabia falar arauia e ebraico, que era christão novo e homem de subtil entendimento, que já entendia a fala do mouro, mas a nom sabia falar».

D'aqui por diante, sempre que allude a este nome, escreve João Martins. Comtudo, n'esta parte, o auctor do *Roteiro* merece mais ser acreditado, porque escrevia na occasião de se passarem á sua vista os factos que narrava; ao passo que Gaspar Corrêa, ainda que valendo-se de informações fidedignas, só escreveu ao cabo de muitos annos (veja as interessantes noticias que d'elle nos deixou, no começo do tomo 1 das *Lendas*, o erudito Rodrigo Felner).

Como quer que fosse, a respeito d'essa embaixada de Antão Vaz, parece-me inaceitavel a opinião de Camillo, que falla d'ella por um equivoco, segundo fica demonstrado.

LXXIX

— *Sublime rei, a quem do Olympo puro
Foi da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos d'elle amado, que temido:
Como porto mui forte e mui seguro,
Já de todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar; para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.*

Verso 6—*De todo o Oriente conhecido*

Lêem todas. Parece evidente que o *já* estaria no começo do verso. Aquelle *porto*, *já* conhecido de todo o Oriente, *não o era ainda* dos portuguezes; e por isso iam elles buscál-o. Não ha nada que n'este logar complete o sentido, nem dê ao verso a respectiva pausa, que lhe falta, senão este adverbio. Restitúo-lh'o, pois, auctorisando-me com logares analogos, e crente em que assim o escreveria o poeta.

LXXX

—*Não somos roubadores, que, passando
Pelas fracas cidades, descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cubiçadas;
Mas, da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India, grande e rica; por mandado
De um rei, que temos, alto e sublimado.*

Por roubar-lhe, lêem todas as edições, no v. 4, excepto a Juromenha, que usa da syncope: *P'ra roubar-lhe*, etc. Esta figura grammatical nunca se encontra nos *Lusiadas*; por isso não a adopto. O illustrado editor desejou evitar, como eu tambem desejaria, a má pronúncia que resulta da ligação das duas primeiras syllabas do verso. Prefiro todavia deixál-o ir como está, a introduzir-lhe uma correcção contrária á maneira de escrever do poeta, que ambos venerâmos. Em ultimo caso, corrigiria:

Por furtar-lhe as fazendas cubiçadas;

Aos *p'ras* e *p'ros*, confesso que tenho particular aversão; e só os usarei em escriptos meus, quando me seja impossivel descartar-me d'elles.

LXXXI

—*Que geração tão dura ha ahi de gente,
Que barbaro costume e usança feia,
Que nos vedem os portos não sómente,
Mas inda o hospicio da deserta areia?*

*Que má tenção, que peito em nós se sente?
 Quem de tão pouca gente se receia,
 Que, com laços armados, tão fingidos,
 Nos ordenassem ver-nos destruidos?!*

Esta estancia afigura-se-me desconjuntada. Antes da edição de 1613, traziam todas, no v. 1 :

Que geração tão dura ahi de gente,

No v. 3 lembra (mas não corrige) a edição Juromenha, que se deve ler como eu escrevo. Todas, até agora, diziam :

Que não vedem os portos tão somente

A lição é claríssima, como eu a dou: *Que não sómente nos vedem os portos, mas ainda o hospício, etc.*

No v. 5, as duas de 1572 põem ponto de interrogação, adiante de *má tenção*; parece-me que só o deve ter no fecho do verso.

No v. 6 lêem todas:

Que de tão pouca gente se arreceia?

É evidente o erro. Em vez de *Que*, deve ler-se *Quem*, aliás não se entenderia. Faça a substituição e retiro do final do verso a interrogação, que só cabe no fim da estancia, onde a reforço com admiração, que dá mais vehemencia ao protesto.

LXXXII

— *Mas tu, em quem mui certo confiâmos
 Achar-se mais verdade, ó rei benino,
 E aquella certa ajuda em ti esperâmos,
 Que teve o perdido ithaco em Alcino;
 A teu porto, seguros, navegâmos,
 Conduzidos do Interprete divino,
 Que, pois a ti nos manda, está mui claro,
 Que és de peito sincero, humano e raro.*

Este *pois*, do v. 7, foi empregado como conjunção: *visto que*. Se o tivesse sido como adverbio: *portanto*, deveria ter

adiante a condicional *se*. Camões não era poeta que ignorasse nenhum dos segredos da lingua, segundo se vê de suas obras; apesar d'isso, muitos dos primeiros e dos ultimos editores, não sei como entenderam esta passagem. Copiando as de 1572, põem dois pontos no fim do v. 6, que, a meu ver, não se pôde separar tanto do v. 7; outros, mais raros, substituem por ponto e virgula; e a edição de 1609, traz ponto final!

Só as Crasbeeckianas, e poucas mais, se afastam d'esta regra, demonstrando tambem n'isto serem as melhores do seculo xvii, começando pela de 1631, revista por João Franco Barreto. Essas trazem apenas virgula, como eu.

Manuel Corrêa sollicitamente nos avisa n'este logar de que Alcino, rei de Corcyra, foi muito curioso de jardins e hortas. *Útile dulce!*

LXXXIII

— *E não cuides, ó rei, que não saisse
O nosso capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu rei; que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.*

A edição de 1613 escreveu, no v. 3, *e a servir-te*, em vez de *ou a servir-te*. Sem melhorar em cousa nenhuma o verso, enfraqueceu-o mais do que estava.

LXXXIV

— *E porque é de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de rei o officio,
Que ninguem a seu rei desobedeça.
Mas as mercês, e o grande beneficio
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquillo que elle e os seus poderem,
Emquanto os rios para o mar correrem.—*

LXXXV

*Assim dizia; e todos juntamente,
 Uns com outros, em prática fallando,
 Louvavam muito o animo da gente,
 Que tantos céus e mares vae passando.
 E o rei illustre, o peito obediente
 Dos portuguezes, na alma imaginando,
 Tinha por valor grande; e mui subido
 O do rei, que é tão longe obedecido.*

Verso 3—*Louvavam muito o estomago da gente*

Lêem as de 1572, e quantas se lhes teem seguido.

Se os melindanos tivessem visto devorar os carneiros e gallinhas cevadas, que tanto deram no gôto a José Agostinho, poderiam louvar-lhe o estomago! É possível que fosse Camões que escrevesse isto; mas, emquanto me não mostrarem a sua letra, reconhecida por tabellião, corrijo *estomago*. Rarissimos escriptores de boa nota usaram da palavra, no sentido que lhe tem dado nos *Lusiadas* todos os editores do poeta; e não seria de certo homem de tão delicado gosto que viria dizer, que os de Melinde gabavam uma viscera, vizinha dos intestinos, a proposito da ousadia maritima dos portuguezes. *Animo*, pelo contrario, tem todo o character de uma expressão verdadeira e bem applicada; *estomago* rebaixa a linguagem poetica á chanfana de carneiro moiro e contrasta singularmente com a escolha do orador da *prática elegante*, de que falla o v. 1 da est. 78.

Para aggravar a asneira (no nosso tempo), quasi todas as edições escrevem ainda *estomago*. Que lhes preste. Eu digo *animo*, com a maior convicção de que o digo com Camões, embora o padre Macedo fizesse o poeta responsavel por aquelle plebeismo.

LXXXVI

*E, com risonha vista e ledo aspeito,
 Responde ao embaixador, que tanto estima:
 «Toda a suspeita má tirae do peito;
 Nenhum frio temor em vós se imprima;*

*Que vosso preço e obras, são de geito
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pôde ter subido pensamento.*

LXXXVII

*«De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia.
Mas, se lh'o o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque o meu desejo satisfaça.*

Parece-me que o v. 6 deveria ler-se:

Nem eu consentiria que a excellencia

Nem eu consentirei, afigura-se-me desconnexo, depois do rei ter sido informado que o Gama tem ordem, ou finge tê-la, de não desembarcar. É portanto plausível que seja esta a lição verdadeira, que todavia não adopto ainda, apesar d'ella melhorar sensivelmente o verso. Corrêa explica: «Porque é costume não desembarcar o Capitão, em terra de inimigos.»

LXXXVIII

*«Porém, como a luz crástina chegada
Ao mundo fôr, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, munições e mantimentos.»*

Verso 4—*Que tanto ver desejo, ha muitos dias.*

Creio igualmente que este vem adulterado desde as de 1572, e em todas as outras; e que assim deveria restabelecer-se.

O rei desejava vê-los *ha muitos dias*, porque, umas vezes Baccho avisava a gente d'aquella costa, disfarçado em moiro, da passagem dos portuguezes, diligenciando sempre destruil-os (vidê est. 104 do c. 1, etc.); e n'outras, Mercurio, acompanhado da Fama, espalhava, por ordem de Jupiter e de Venus, a noticia da approximação d'aquelles valorosos navegantes (est. 58, do c. 11, etc. Veja, sobre estes logares, Faria e Sousa).

A de 1613, adverte ser *crastina*, «*cousa do dia seguinte*;» e *almadias*, «*barcos que se usa (sic) n'aquellas partes*.»

Pelo modo por que geralmente se acham orthographiados os v. 7 e 8, em quasi todas as edições, muitas d'ellas revistas por homens distinctos, dir-se-ia que as munições e mantimentos é que eram de pensamentos limpos! O morgado de Matheus, na de 1819, e na de 1823; José da Fonseca, na de 1846; e poucas mais, que seguiram fielmente as duas de 1572, são as que accentuam bem a lição de ser o piloto *de limpos pensamentos*, e não as cousas, que não os teem nem limpos nem sujos.

LXXXIX

*Isto disse. E nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro,
Com a embaixada alegre se partia
Para a frota, no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavam;
E assim, ledos, a noite festejavam.*

A grande maioria das edições põe no começo do v. 1 ponto e virgula (as de 1572 só trazem virgula). Eu não acho de mais o ponto final. E até me parece que o poeta, em vez d'estas duas conjuncções—*e nas aguas, e o mensageiro*, escreveria: *Isto disse. Nas aguas se escondia*, etc.

Co'a embaixada, escrevem todas, no v. 3 (a segunda, de 1572, lê *Co a embaxada*).

Pela contagem das syllabas, *coaem* sôa como se fosse uma e fica o verso errado. Da maneira por que o escrevo, acerto-o, sem offensa do poeta.

XC

*Não faltam ali raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando;
Façem os bombardeiros seu officio,
O céu, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos cyclópes o exercicio,
Nas bombas, que de fogo estão queimando;
Outros, com vozes com que o céu feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.*

Verso 1—*Não faltam ali os raios de artificio;*

Lêem todas. Escripto d'este modo, a terceira pausa iria cair em *os*, ou seria necessario forçar demasiado a pronúncia para a levar a *raios*. Estou persuadido que Camões escreveu como eu, e não hesito em restabelecer a sua lição, cortando o artigo *os*. Pela theoria de Freire de Carvalho, em casos semelhantes, o erro deixaria de o ser, com auxilio de uma figura de grammatica; mas para quê? se o verso fica certo sem ella?!

Todas escrevem *cyclópas*, no v. 5. O amigo de Camões ensina, n'este logar, como os cometas se fazem, com ajudas, etc.!

XCI

*Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zunido;
Anda em giros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulphureo escondido;
A grita se levanta ao céu, da gente;
O mar se via em fogos accendido;
E não menos a terra; e assim festeja
Um ao outro, á maneira de peleja.*

Não será a lição do v. 4, *contundido*, do latim *contundere*; ou antes, *comprimido*, de *comprimere*? Duvido do que está; *escondido*, é pobre; e deixa o verso a coxear, por falta de uma syllaba. Ao passo que *comprimido* o acerta, e corresponde perfeitamente á idéa do poeta.

Bocage tambem disse: *Estoira o ar comprimido no seio da terra*, etc.

José Agostinho, não se esquece de observar n'esta passagem que: «Se houvesse mais ouvido harmonico em os grandes admiradores, e editores de Camões, talvez fizessem melhor uso, e melhor applicação dos seus cabedaes, em dar esmolos aos pobres.»

Um ôdre de inveja!

XCII

*Mas já o inquieto céu se revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho;
E já a mãe de Memnon, a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho.
Iam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra, em frio orvalho,
Quando o rei melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.*

Verso 1 — *Mas já o céu inquieto revolvendo,*

Lêem todas. Com rasão nota aqui José Agostinho, que não podem ser *as gentes*, do immediato, como accusativo; porque para essas temos o verbo *incitar*. Porém, não quiz ver que *revolvido*, e amputado tambem, tinha sido este pobre verso! O poema foi, provavelmente composto por boçaes aprendizes typographicos; frequentemente quebrariam a fôrma da pagina, recompondo de novo a parte que se desmanchava, e juntando os versos a trouxe-mouxe. Só assim se pôde explicar tanta inversão de palavras e tanta falta no complemento do sentido.

Parece-me evidente que houve transposição: em vez de *inquieto céu*, compozeram *céu inquieto*; e, ou não se compoz, ou caiu da fôrma o *se*, que estava antes do verbo *revolver*. Para suppormos o contrario, teriamos de acreditar que Luiz de Camões seria o maior dos ignorantes, que não sabia grammatica, nem era capaz de fazer um só verso bem feito. Se alguem ha que admita similhante opinião, eu rejeito-a, por ser absurda; e vou diligenciando corrigir, quanto me é permitido, os erros typographicos das duas primeiras edições, convencido de que não prejudico o poeta, nem falto ao respeito que se deve ao seu glorioso trabalho. .

XCIII

*Viam-se em de redor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre, leda;
Luçem da fina purpura as cabaias;
Lustram os pannos da tecida seda;
Em logar de guerreiras açaiaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da lua, traçem ramos de palmeira:
Dos que vencem corôa verdadeira.*

XCIV

*Um batel, grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas côres,
Traç o rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores;
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça, uma fota, guarnecida
De oiro; de seda e de algodão tecida.*

No v. 8 lêem todas:

De ouro, e de seda, e de algodão tecida.

Estas conjunções repetidas, que afogam e enfranquecem o verso, prejudicam-lhe o sentido. A fota era tecida com seda e algodão, misturados; e guarnecida de oiro.

XCV

*Cabaia de damasco, rico e dino,
Da tyria côr, entre elles estimada;
Um collar ao pescoço, de oiro fino,
Onde a materia da obra é superada;
C'um resplendor reluç adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, enfim de tudo,
Cobrem oiro e aljofar ao velludo.*

XCVI

*Com um redondo amparo, alto, de seda,
Em uma alta e dourada haste enverido,
Um ministro á solar quentura veda,
Que não offenda e queime o rei subido.
Musica traz na prôa, estranha e leda;
De aspero som, horrisono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rude estrondo.*

Verso 2 — *Nũa alta e dourada astea enverido*

Dizem as duas primeiras; e as outras *N'uma*, ou *Numa*. De qualquer dos modos, o verso carecia de uma syllaba, que eu lhe dou da maneira por que o escrevo, crente em que seja esta a lição verdadeira.

Depois de feita a correcção, encontro-a em Barreto Feio.

Freire de Carvalho escreveu, no v. 6, *horrissimo*; e na sua tabella de correcções, lembra *que conviria fazer-se ainda esta* ... que já estava feita, desde 1613! Todos os editores de boa nota emendam; mas ha ainda muito quem ame os erros typographicos! — Não deixa de ser curioso o modo por que alguns iam escrevendo esta lição, antes da publicada por Pedro de Mariz: até á de 1597, liam *horrissimo*; na de 1609, *horrisino*; e só a supposta de Manuel Corrêa, lê bem, *horrisono*.

XCVII

*Não menos guarnecido, o lusitano,
Nos seus bateis, da frota se partia,
A receber no mar o melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo hispano;
Mas franceza era a roupa que vestia:
De setim, da adriatica Veneza,
Carmesim, côr que a gente tanto preza.*

Parece que no v. 6 deveria ler-se: *que trazia*, e não *que vestia*, porque já no de traz diz: *Vestido o Gama*, etc.

XCVIII

*De botões d'oiro as mangas veem tomadas,
 Onde o sol, reluçando, a vista cega;
 As calças, soldadescas, recamadas
 Do metal (que fortuna a tantos nega!)
 E com pontas do mesmo, delicadas,
 Os golpes do gibão ajunta e achega;
 Ao italico modo, a aurea espada;
 Pluma na gorra, um pouco declinada.*

O v. 7 carece de uma syllaba, que seria facil introduzir-lhe, se eu não estivesse persuadido de que a falta é do proprio poeta.

XCIX

*Nos de sua companhia se mostrava
 Da tinta que dá o nírice excellente
 A vária côr, que os olhos alegrava;
 E a maneira do trajo diferente.
 Tal o formoso esmalte se notava
 Dos vestidos, olhados juntamente,
 Qual apparece o Arco rutilante
 Da bella nympha, filha de Thaumante.*

C

*Sonorosas trombetas incitavam
 Os animos, alegres resoando;
 Dos moiros os bateis o mar coalhavam,
 Os toldos pelas aguas arrojando;
 As bombardas horrisonas bramavam,
 Com as nuvens de fumo o sol tomando;
 Amiudam-se os brados accendidos:
 Tapam co'as mãos os moiros os ouvidos.*

Os editores modernos que fizeram as suas impressões pela Rollandiana, de Freire de Carvalho — José da Fonseca, Juromenha, gabinete portuguez do Rio de Janeiro, etc., põem virgula

em *alegres*, no v. 2, por terem entendido que eram as trombetas que alegravam os animos. Persuado-me que não é essa a lição. Os animos, é que seriam incitados pelo som alegre das trombetas. N'este sentido, corrijo; mas, quem não gostar, que continue a entender como os outros dizem.

As de 1572, lêem:

*Sonorosas trombetas incitavam,
Os animos alegres resonando,*

e ambas erram a rima, no v. 5, escrevendo *bramando* em vez de *bramavam*. Provavelmente, quem *resonava*, na occasião de se compôr o livro, eram os typographos.

CI

*Já no batel entrou do capitão
O rei, que nos seus braços o levava;
Elle, co'a cortezia, que a rasão
(Por ser rei) requeria, lhe fallava.
C'umas mostras de espanto e admiração
O moiro, o gesto e o modo lhe notava;
Como quem em mui grande estima tinha
Gente, que de tão longe á Índia vinha.*

Não vá alguém entender, pelo v. 2, que o rei, quando entrou no batel, *levava o capitão nos braços*. Quer aqui dizer o poeta, que abraçou Vasco da Gama, com grande effusão de prazer; ao que o capitão portuguez não correspondeu com egual mostra, porque, como o outro era rei, lh'o vedava o respeito e deferencia com que o tratava. Para evitar o equivoco devia ler-se *tomava*, e não *levava*. Acaso não será esta a lição verdadeira?

Gesto, deve igualmente entender-se, no v. 6, *rosto*. A de 1613 lê *o gesto, o modo*; a de 1631, *o gesto, e modo*. D'aqui por diante seguem esta lição todas as dos Crasbeecks, e quantas se guiaram por ellas; mas Faria e Sousa conservou o verso tal como saiu nas de 1572, *o gesto e o modo*. É mais uma rasão para me eu convencer que a substituição de *rosto* por *gesto*, tantas vezes repetida nos *Lusiadas*, não é de Camões. Se n'este logar estivesse *o rosto e o modo*, como devia estar, affianço que ninguem se teria lembrado de mexer no verso.

CII

*E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse;
E que, se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lh'o pedisse.
Diŕ-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente lusitana, sem que a visse;
Que já ouviu diŕer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivera guerra.*

Tivesse guerra, lêem todas. É evidente o erro typographicó. O poeta deve ter escripto como eu; e não com a falta de syntaxe que lhe imputaram.

CIII

*E, como por toda Africa se sôa,
Lhe diŕ dos grandes feitos, que fiŕeram
Quando n'ella ganharam a corôa
Do reino onde as Hespéridas viveram.
E com muitas palavras apregôa
O menos, que os de Luso mereceram;
E o mais que, pela Fama, o rei sabia.
Mas d'esta sorte o Gama respondia:*

Este *se sôa* do v. 1, parece-me suspeito. Julgo que deve ser *resôa*. José Agostinho já o acoimou de mal soante. Provavelmente o typographo trocára o *r* por *s*, separando-os, como aconteceu na est. 72 do canto vii, segundo ali se verá.

As edições Barreto Feio e Biel são as unicas que escrevem, no v. 2, *dos grandes feitos*, e não *os grandes feitos*, como lêem todas as outras. Adopto a emenda, não porque a julgue necessaria á intelligencia do texto, mas por ter a convicção de que o poeta assim fez o verso. Não faltam exemplos que o comprovem nos *Lusiadas*; e, para poupar citações inúteis, basta apontar o da est. 5, v. 8, do canto iii:

Depois direi da sanguinosa guerra.

Escrevo *Fama* com letra maiuscula, ao contrário de todas as mais, e ponho-a entre virgulas, para que se entenda que foi

por esta divindade que o rei houve as informações que dá a Vasco da Gama.

Quanto á pontuação, que, em meu conceito, altera por vezes o sentido dos versos, não vale a pena referir-me a ella a cada instante, salvo um ou outro caso mais notavel. Quem tiver curiosidade, confronte a minha edição com qualquer das outras, antigas ou modernas, e verá se fazem differença.

CIV

— *Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente lusitana;
Que, com tanta miseria e adversidade,
Dos mares exp'rimenta a furia insana;
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o céu revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.*

CV

— *Tu só, de todos quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti, dos ventos hórridos de Eolo
Refugio achâmos bom, fido e jocundo.
Emquanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o sol der luz ao mundo;
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.—*

Todas lêem no v. 6, *der lume ao mundo*. Não haveria impropriedade em que se entendesse *dar lume*, por *dar calor ao mundo*: é, de feito, o calor solar que fecunda e torna productiva a terra, onde, sem elle, a vida seria impossivel. Todavia, não é uso dizer *o lume do sol* mas sim *a luz do sol*. Corrijo, portanto, como me parece que o poeta escreveria. E basta procurar no poema logares analogos, para se ficar logo convencido. O primeiro que de repente me occorre, é no v. 2, est. 6 do canto III:

Meta septentrional do sol luzente.

CVI

*Isto diçenão, os barcos vão remando
 Para a frota, que o moiro ver deseja;
 Vão as naus uma e uma rodeando,
 Porque de todas tudo note e veja.
 Mas, para o céu Vulcano fuçilando,
 A frota co'as bombardas o festeja;
 E as trombetas canoras lhe tangiam:
 Co'os anafis os moiros respondiam.*

CVII

*Mas depois de ser tudo já notado
 Do generoso moiro, que pasmava,
 Ouvindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostrava;
 Mandava estar quieto e ancorado
 N'agua o batel ligeiro, que os levava,
 Por fallar de vagar co'o forte Gama
 Nas cousas de que tem noticia e fama.*

Carecem de cunhas, os v. 3 e 5, para não manquejarem, como o auctor manquejou de um olho, segundo de si dizia. Não me parece que elle assim os deixasse.

No v. 6, lêem varias edições: *Na agua*, etc. É hiato inadmissivel, desnecessario, que faz o verso estupidamente prosaico, e até contrario á lição das de 1572, que ambas dizem: *Nagoa*.

CVIII

*Em práticas o moiro diferentes
 Se deleitava, perguntando agora
 Pelas guerras, famosas e excellentes,
 Co'o povo havidas, que a Mafoma adora;
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hespéria ultima, onde mora;
 Agora, pelos povos seus visinhos;
 Agora, pelos humidos caminhos.*

CIX

*«Mas antes, valoroso capitão,
 Nos conta» lhe dizia «diligente,
 Da terra tua o clima, e região
 Do mundo onde moraes, distinctamente;
 E assim de vossa antiga geração;
 E o principio do reino tão potente,
 Co'os successos das guerras do começo,
 Que, sem sabêl-as, sei que são de preço.*

Não se estranhem os tratamentos, ora por *tu*, ora por *vós*; era uso d'elles. Mas, n'estas práticas, parece que o rei de Melinde muda mais frequentemente para *vós*, quando se refere aos ascendentes dos portuguezes. Camões devia ter-se informado por si proprio. O seu *amigo*, se o tivesse sido, devia dar aqui preciosos pormenores, em vez de dizer baboseiras.

CX

*«E assim tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te traz o mar irado;
 Vendo os costumes barbaros, alheios,
 Que a nossa Africa rude tem creado.
 Conta; que agora véem co'os aureos freios
 Os cavallos, que o carro marchetado
 Do novo sol, da fria Aurora trazem;
 O vento dorme; o mar e as ondas, jázem.*

CXI

*«E não menos co'o tempo se parece
 O desejo de ouvir-te o que contares;
 Que quem ha que, por Fama, não conhece
 As obras portuguezas singulares?!
 Não tanto desviado resplandece
 De nós o claro sol, para julgares
 Que os melindanos teem tão rude peito,
 Que não estimem muito um grande feito.*

Os versos 5 e 6 são imitados da *Eneida*, (liv. 1):

Nec tam aversus equos Tyria sol iungit ab urbe.

A proposito dos dois ultimos, discorre, com a sabida má vontade, o malevolo Macedo; mas elle, que accusava Camões de falta de memoria, tambem não se lembrava já de que, seguindo, sempre servilmente, os *Lusiadas*, escrevêra, no seu frio *Oriente* (canto iv, est. 32) sobre identico assumpto:

*Não é de mim tão longe o trato humano
Q'a tão nobres acções não dê valia;
Quanto em meu reino tenho, e quanto posso
Com liso trato vos sujeito, é vosso.*

E (na est. 29 d'este mesmo canto) já tinha dito ao rei da terra:

*Ante o senhor do Tejo armi-potente
Já deu teu nome glorioso brado.*

E sabem a quem se dirigia? A um preto, ao qual faz dar, por Velloso, o epitheto de rei *sublime*!

Vejamos, porém, o caso em Melinde. Aqui, o Gama diz ao rei, pela bocca do ex-frade:

.....
Grão monarcha, lhe diç, teu nome, e fama
.....
O ouvi primeiro no ceruleo Tejo.

Isto é que é mentir com valentia! E atreve-se a criticar Camões?!

CXII

*«Commetteram, soberbos, os gigantes,
Com guerra vã, o Olympo claro e puro;
Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes,
O reino de Plutão, horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno e céu,
Que outrem commetta a furia de Neréu.*

CXIII

*«Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphónio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado.
Se também, com taes obras, nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tão dignas de memoria.»*

Não creio que no v. 8 Camões repetisse *obras*, que já escreveu no v. 5. Aqui, tenho quasi certeza de que fez assim o verso:

Quem faz acções tão dignas de memoria.

Não corrijo, porém, emquanto não ouvir mais votos.

FIM DO CANTO SEGUNDO



OS LUSIADAS



CANTO TERCEIRO

I

*Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao rei o illustre Gama;
Inspira immortal canto e voz divina
N'este peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheu pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.*

N'este lugar, foi-me impossivel supprimir o *assi* do v. 5; é verdadeiramente o caso em que a figura écthlipse, engulindo o *m* final de *assim*, concorre para fingir que este mau verso fica certo. Todavia, leiam-n'o como quizerem, nunca lhe acharão sabor de um bom hendecasyllabo. Falta-me convicção, aliás, escreveria:

Assim o claro auctor da medicina

Queria o padre Thomaz de Aquino sustentar este e outros semelhantes, como authenticos, na controversia que se levantou a proposito da sua edição. Diz elle que muitos diptongos podem elidir, para não errar o verso, e que Camões tinha por si numerosos exemplos; mas esta doutrina é insustentavel, perante a suavidade usual da poesia camoneana. O nosso auctor não precisava de ser defendido por semelhante modo. Repiso o que já tenho dito: foi elle o mais melodioso de todos os

poetas portuguezes. E se são seus alguns raros exemplos de mau gosto, que irei apontando, seriam devidos ao facto de não ter dado a ultima lima a este trabalho, que não teve ensejo de restaurar depois do naufragio.

II

*Põe tu, nymphá, em effeito meu desejo,
Como merece a gente lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licôr de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores do Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão, direi que tens algum receio
Que se escureça o teu querido Orpheio.*

No v. 5 todas as edições lêem *de Pindo*, com manifesta impropriedade. Corrijo *do Pindo*, como deve ser. Barreto Feio diz, no v. 6, *n'agua*. Parece, por esta emenda, que seria banhar-se n'uma agua qualquer e não na de *Aganippe*.

Orpheio, faz lembrar o sabido epigramma: *Força de consoante, a quanto obrigas*, etc.—Todos sabem que foi a rima que obrigou a estas torceduras.

III

*Promptos estavam todos, escutando
O que o sublime Gama contaria;
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assim dizia:
—Mandas-me, ó rei, que conte, declarando
De minha gente a gran genealogia;
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.*

Escutando, lêem todas, no v. 1.

Não me parece plausivel que o poeta escrevesse, no v. 3, *Quando, depois de um pouco estar cuidando*, e repetisse, immediatamente, no começo do v. 4, *Alevantando*. Não seria a lição verdadeira *Alevantado*? . . .

IV

— *Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus propios, arreccio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E, para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja.
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo: e serei breve.*

Não pude mudar *arreccio*, no v. 3, porque, tirada a syllaba, errava-o.

V

— *Além d'isso, o que a tudo enfim me obriga
É não poder mentir, no que disser;
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer.
Mas, porque n'isto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra;
Depois direi da sanguinosa guerra.*

VI

— *Entre a zona, que o Cancro senhoreia,
Méta septentrional do sol luzente;
E aquella, que por fria se receia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaç a soberba Europa; a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano;
E, pela Austral, o mar Mediterraneo.*

No v. 5 lá vae o *a quem*, licença poetica de que o nosso cantor usa com demasiada franqueza. Na prosa, só fallando de pessoas pôde empregar-se. *A qual*, seria talvez melhor; se acaso o poeta não escreveu *a que*, e o typographo mudou

para a *quem*. Comtudo, n'este logar, não se pôde, em rigor, taxar de abuso: *Jaç a soberba Europa*, etc., é como se dissesse, por uma figura de rhetorica, *jaçem os povos europeus*, os que *habitam esta parte do mundo*.

VII

— *Da parte d'onde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha; mas, o rio,
Que dos montes Rhipheios vae correndo
Na lagôa Meótis, curvo e frio,
As divide; e o mar que, fero e horrendo,
Viu dos gregos o irado senhorio;
Onde agora de Troya triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.*

VIII

— *Lá, onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperbóreos apparecem;
E aquelles, onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui, tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está continuo pelos montes;
Gelado o mar; geladas sempre as fontes.*

Talvez o v. 4 ficasse melhor, lendo-se: *Que co'o nome*.

Estes montes, que se ennobrecem com os sopros de Eolo, são os *Rhipheios*, de que se falla na oitava antecedente. *Rhipheios*, na lingua grega, quer dizer *sôpro*, porque n'essa agreste região da Scythia dizem que ha sempre vento.

IX

— *Aqui, dos scythas grande quantidade
Vivem; que, antigamente, grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Co'os que tinham então a egypcia terra.*

*Mas quem tão fóra estava da verdade,
 (Já que o juízo humano tanto erra)
 Para que do mais certo se informára,
 Ao campo damasceno o perguntára.*

Carece de cunha o v. 6. Não ousou acudir-lhe, por suspeitar que o auctor assim o deixára. *Campo damasceno*, do v. 8, é o logar d'onde se crê que Deus tirou o barro para fazer o primeiro homem.

X

*— Agora, n'estas partes se nomeia
 A Lappia fria, a inculta Noruega;
 Escandinavia, ilha, que se arreja
 Das victorias que Italia não lhe nega.
 Aqui, enquanto as aguas não refreia
 O congelado inverno, se navega
 Um braço do sarmático Oceano,
 Pelo prussio, suecio, e frio dano.*

Brussio, como todas lêem, crê Faria e Sousa que seria «yerro de estampa». Comtudo, deixou-o ficar; e ninguém mais fallou n'isso. Eu escrevo *prussio* como deve ser em portuguez. Camões escreveu alatinadamente; o nome da Prussia, em latim, é *Borussia*. Depois da occupação dos godos, a Prussia, propriamente dita, foi invadida por tribus slavas, entre as quaes a chamada *borussi* ou *porussi*, que habitava as margens do Vistula, e deu o seu nome áquella região.

XI

*— Entre este mar e o Tánais, vive estranha
 Gente: ruthenos; moscos; e livonios,
 Sarmátas outro tempo; e, na montanha
 Hercyna, os marcomanos são polonios.
 Sujeitos ao imperio de Allemanha
 São saxonios, bohemios, e pannonios;
 E outras varias nações, que o Rheno frio
 Lava, e o Danubio, Amásis, e Albis, rio.*

Saxones, lêem todas, no v. 6.

Veja-se o que diz Faria, de não ser impropriedade estar aqui *rio*, no singular, valendo como *rios*, no v. 8.

XII

— *Entre o remoto Istro e o claro estreito,
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os thracios, de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida;
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino:
Boa injuria do grande Constantino!*

Tambem não escrevo *thraces*, no v. 3, como todas as que me precederam.

XIII

— *Logo de Macedónia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria.
E vós tambem, ó terras excellentes,
Nos costumes, ingenhos e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juiços de alta phantasia
Com que tu, clara Grecia, o céu penetras;
E não menos por armas, que por letras.*

O v. 2 está mais que frouxo; acredito, porém, que é de Camões; e deixo-o ficar.

No 6, persuado-me que o poeta escreveria *altiva* e não *alta*.

Faria e Sousa disse que tal verso parecia manco, mas que era ... industrial! E explica-o de modo que o torna obscuro.

Não sei se o v. 7 se poderá entender de duas maneiras:

Com quem tu, clara Grecia, o céu penetras,

lêem todas. Querendo referir-se aos *peitos eloquentes* e aos *juíços de alta phantasia*, quem, seria bem posto, sem carecer de licença; mas eu creio que o poeta falla ás *terras excellentes*, do v. 3, que são o agente d'esta oração; por isso, corrijo para *Com que tu*.

Se me engano, se teem rasão os que me precederam, nem é a primeira vez que tal me acontece, nem será, infelizmente, a ultima.

XIV

— *Logo os dalmatas vivem; e, no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra, um braço vem ao mar, que, cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte, de gente sublimada;
Não menos nos ingenhos, que na espada:*

XV

— *Em tórno o cerca o reino neptunino;
Co'os muros naturaes por outra parte;
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte.
Mas, depois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bellica arte;
Pobre está já da antiga potestade:
Tanto Deus se contenta da humildade!*

Entenda-se que continua a referir-se a *braço*, da estancia antecedente.

O v. 3 manqueja.

De humildade, lêem, no v. 8, as de 1572. A de 1613 escreveu *da humildade*; e quasi todas teem accetado a correcção, que eu tambem faço. Freire de Carvalho, e poucos mais, deixaram de seguir a que se attribue a Manuel Corrêa.

XVI

— *Gallia ali se verá, que nomeada
Co'os cesáreos triumphos foi no mundo;
Que do Sequana e Rhódano é regada,
E do Garonna frio, e Rheno fundo:*

*Logo os montes da nymphã sepultada,
Pyrene, se levantam; que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de oiro e de prata então correram.*

No v. 4 lêem todas *Garumna*.

XVII

*—Eis aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça ali de Europa toda;
Em cujo senhorio, e gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá, com força ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe nodã,
Que lh'a não tire o esforço e ousadia
Dos bellicosos peitos que em si cria.*

Barreto Feio corrigiu, no v. 2, *da Europa*; lição que, com grande espanto meu, vejo que seguiram depois algumas edições, que se dizem fieis transumptos da *princeps*! Caso raro: exceptua-se Freire de Carvalho!

Não adopto a emenda, por me parecer que ella prejudica o sentido; e que assim escreveu Camões. *Cabeça de toda a Europa*, foi o que elle quiz dizer. A transposição—*de Europa toda*, em vez de *toda Europa*—foi necessidade da rima. Em dezenas de versos se acham nos *Lusiadas* exemplos semelhantes.

XVIII

*—Com Tingitania entesta; e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o sabido estreito se ennobrece
Com o extremo trabalho do thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer d'ellas cuida que é melhor.*

Verso 4—*Co'o extremo trabalho do thebano*:

Lêem todas; mas como os dois *oo* e o *e* formam uma unica syllaba, escrevo *com*, para acertar o verso. Não sei se Camões disse *com* ou *co*; porém sei que a cunha *co'o*, foi introduzida depois da impressão das de 1572, e admittida por todas. Portanto, maior rasão ha para se escrever *com*, que acerta o verso (e não sabemos se lhe caíra o *m*, no acto de entrar no prélo a 1.^a), do que *co'o*, que Camões nunca usou, e que continuava a deixar-lh'o errado.

De nações differentes se engrandece,

deveria talvez ler o v. 5.

XIX

— *Tem o tarragonez, que se fez claro*
Sujeitando Parthénope inquieta;
O navarro; as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente mahometa;
Tem o gallego cauto; e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor d'ella;
Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX

— *Eis aqui, quasi cume da cabeça*
De Europa toda, o reino lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano;
Este, quiz o céu justo que floreja
Nas armas, contra o torpe moiritano,
Deitando-o de si fóra; e, lá na ardente
Africa, estar quieto o não consente.

A edição de Hamburgo, e os que a seguiram, tambem lêem, no v. 2, *Da Europa toda*, etc. Pelas rasões já ditas, no v. 2 da est. 17, d'este canto, não accetto a emenda.

Faço as possiveis diligencias para que a pontuação torne bem claro o sentido de cada estancia ou verso, embora nem sempre o consiga, por falta de entendimento. N'este logar, parece-me que ponto final em *Oceano*, no v. 4, como trazem

muitas edições, não é bem cabido. *Este*, no v. 5, refere-se a *reino lusitano*, do v. 2; portanto, só cabe ponto e virgula em *Oceano*, visto que a oração continúa. Do contrario, poderiam os inexperientes entender que *quiç o céu justo* que fosse o *Oceano que florescesse nas armas contra o torpe moiritano!*

Se me não engano, já assim o entenderam varios editores, comquanto Barreto Feio e outros, auctorisados, tragam ponto final.

É muito engenhosa a maneira por que Faria e Sousa, ao contrario de Macedos, e quejandos invejosos da gloria de Camões, pretendeu justificar o poeta de ter dito, no v. 7, fallando ao moiro rei de Melinde, *torpe moiritano* (*Commentarios*, tomo II, pag. 27 e 28).

XXI

— *Esta é a ditosa patria minha amada;
Á qual se o céu me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz ali commigo!
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso ou Lysa; que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros;
E n'ella então os incolas primeiros.*

XXII

— *D'esta o pastor nasceu, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do céu, ligeiro e leve,
Veiu a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre; e foi d'esta arte:*

Este velho, do v. 5, que saboreava os filhos, é Saturno, ou o Tempo. Dou a explicação para os não familiarisados com a mythologia grega e latina.

XXIII

— Um rei, por nome Affonso, foi na Hespanha,
 Que fez aos sarracenos tanta guerra,
 Que, por armas sanguinas, força e manha,
 A muitos fez perder a vida e a terra.
 Voando d'este rei a fama estranha,
 Do herculano Calpe á cáspia serra,
 Muitos, para na guerra esclarecer-se,
 Vinham a elle e á morte offerecer-se.

XXIV

— E, com amor intrinseco, accendidos
 Da fé, mais que das honras populares,
 Eram de varias terras conduzidos,
 Deixando a patria amada e proprios lares.
 Depois que, em feitos altos e subidos,
 Se mostraram nas armas singulares,
 Quiç o famoso Affonso, que obras taes
 Levassem premio digno e dons eguaes.

As de 1572 lêem, no v. 1:

E com hum amor intrinseco accendidos

A de 1597: *E c'hũ*, etc.

É evidente que *hum*, ou *hũ*, foi introduzido, sem que o poeta aqui mettesse prego nem estopa. Algumas do seculo xvii emendam: *E cum*; os modernos: *E c'um*. Tendo de se tirar alguma cousa, porque não deixariam o verso correcto desde logo? Melhor era tirar *hum*, que o disforma, do que *com*, e escrever arvezadamente: *E c'um*.

A primeira em que encontro aquella inaceitavel emenda é a de 1644, que todavia fez algumas correcções sensatas. Esta, e outras dos Crasbeecks, foram preparadas para a imprensa por pessoas competentes; mas desamparadas no acto da revisão das provas, por circumstancias que absolutamente se ignoram. Só assim se justifica, n'esta de 1644, a falta da est. 125 do canto III, que principia:

Para o céu crystallino álevantando,

a de oito oitavas, no fim do canto v, da de 1669; e ainda outras anomalias, que hoje ninguem esclarece de modo plausivel.

XXV

— *D'estes, Henrique, dizem que segundo
Filho de um rei de Hungria, exp'imentado,
Portugal houve em sorte; que no mundo
Então não era illustre, nem prezado.
E, para mais signal de amor profundo,
Quiç o rei castelhano que casado
Com Thereza, sua filha, o conde fosse;
E, com ella, das terras tomou posse.*

XXVI

— *Este, depois que contra os descendentes
Da escrava Agar, victorias grandes teve;
Ganhando muitas terras adjacentes;
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio d'estes feitos excellentes,
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
Um filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino lusitano.*

XXVII

— *Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade hierosólyma sagrada,
E do Jordão a agua tinha vista,
Que viu de Deus a carne em si lavada;
Que, não tendo God'fredo a quem resista,
Depois de ter Judea subjugada,
Muitos, que n'estas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.*

No v. 3 lêem todas:

E do Jordão a arcia tinha vista,

Mas semelhante interpretação é disparatada. *A areia do Jordão viu a carne de Deus em si lavada?*! A *agua*, sim; mas a *areia*! Entretanto, ninguém até hoje teve dúvidas sobre se a carne de Deus seria lavada com *agua* ou com *areia*! . . .

Escrevo com apostrophe o nome do v. 5, porque *Godofredo*, como hoje se diz, daria uma syllaba de mais. As de 1572, lêem *Gotfredo*; a de 1597, *Golfredo*. Os modernos trazem *Gothfredo*. Eu sigo a traducção da *Jerusalem libertada*, de André Rodriguez de Mattos, acrescentando-lhe a *apostrophe*. Aquelle traductor diz *Godfredo*.

XXVIII

— Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso hungaro extremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deu a quem lh'o tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pae deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pae, tal filho se esperava.

XXIX

— Mas o velho rumor, não sei se errado,
(Que em tanta antiguidade não ha certeza)
Conta que a mãe, tomando todo o estado,
Do segundo hymeneu não se despreza.
O filho orphão deixava desherdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo, só sua era;
Porque, para casar, seu pae lh'as dera.

O v. 2 está erradissimo e prosaico. Duvido que o poeta o deixasse d'este modo. Talvez que escrevesse:

Que em tanta antiguidade ha incerteza

e que os directores da impressão mudassem para: *não ha certeza*. Seja como for, em vista das suas obras, é permittido a quem anda familiarisado com ellas acreditar que semelhante

verso não é d'elle. A edição de 1613 mette-o entre parenthesis, como eu tambem sigo. Barreto Feio começa parenthesis desde *não sei se errado*, do v. 1, até ao fim do v. 2.

No v. 3, deverá entender-se *tomando novo estado* ou *todo o estado*, como diz o verso. Refere-se á terra ou ao casamento?...

XXX

— *Mas o principe Affonso, que d'esta arte
Se chamava, do avô tomando o nome;
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe, com seu marido, as manda e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.*

No v. 3, tenho dúvidas sobre se será: *Vendo que em suas terras não tem parte.*

E no 7, deve ser *Revolvidas as cousas*, ou *Resolvidas as causas*? Eu não corrijo, porque ouço a todo o instante o terrível: *Noli me tangere!* Infelizmente, forçoso é tocar-lhe, porque a ignorancia deturpou a obra do poeta.

Desde as primeiras até á de 1597, lêem *Revolvidas as causas*; a de 1613, *cousas*. Depois, tem-se escripto arbitrariamente, ora *Revolvidas as causas*, ora *Resolvidas as causas*. O padre Carvalho, querendo, como de costume, mostrar agudeza, e tendo á vista a edição de 1651, em que vem *cousas* por *causas*, põe aquella substituição na sua famosa tabella. É assim que as reputações se arranjam!

XXXI

— *De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio, da intestina guerra;
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle, posta em campo, já se via;
E não vê (a soberba!) o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor!...
Mas, n'ella, o sensual era maior.*

José da Fonseca escreve, no v. 8: *era o maior*. E diz, em nota: «Outras edições trazem: *Mas n'ella o sensual era maior*. Porém a falta do artigo *o* torna esse verso prosaico e frouxo.»

Parece-me que só o morgado de Matheus traz o artigo *o*, em *maior*. Se eu o não visse, na de 1819, acreditaria que Fonseca pretendêra fazer passar uma emenda propria, faltando á verdade!

XXXII

— *Oh Progne crúa! Oh magica Medéa!*
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos paes, da culpa alheia,
Olhae que inda Thereza pécca mais!
Incontinencia má, cubiça feia
São as causas d'este erro principaes.
Scylla, por uma, mata o velho pae;
Esta, por ambas, contra o filho vae!

XXXIII

— *Mas já o principe claro, o vencimento*
Do padrasto e da iniqua mãe levava;
Já lhe obedece a terra n'um momento,
Que primeiro contra elle pelejava.
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros asperos atava.
Mas de Deus foi vingada, em tempo breve:
Tanta veneração aos paes se deve!

XXXIV

— *Eis se ajunta o soberbo castelhano,*
Para vingar a injuria de Thereza,
Contra o (tão raro em gente!) lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.

Verso 3—*Contra o tão raro e ingente lusitano,*

escreveu Manuel Corrêa, sem dizer que motivos teve para isso. Parece que outras edições adoptaram a emenda, porque o affirma Faria e Sousa. Eu não vi nenhuma; e inclino-me ás opiniões d'este, que são aqui perfeitamente acceitaveis. O exercito lusitano era *raro em gente*, e não *raro e ingente*, visto que na estancia seguinte, o poeta repete que esse exercito estava *mal apercebido*.

Freire de Carvalho, na tabella proposta para as correções, aconselha esta, e põe-lhe tres pontos de interrogação, entre parenthesis. Ignoro o que elle quiz dizer com essa pontuação pantafaçuda. Tres vezes repete os mesmos signaes, na referida tabella v; ou antes quatro, porque na quarta, põe só duas interrogações. Se as deixou, como a perguntar por que se não fez mais cedo a emenda, tambem elle a não introduziu no texto da sua edição; se interroga ácerca da utilidade d'ella, porque diz, no titulo da tabella, *que talvez conviria fazerem-se ainda estas correções nos Lusíadas?* De qualquer dos modos por que se encarem aquellas onze interrogações, divididas por quatro versos, parecem-me pouco sensatas. Á excepção do *ingente*, já eu tinha feito todas as outras, muito antes de as ver indicadas por elle. A primeira (depois de *ingente*) é no canto ix, est. 89, v. 3:

Que as nymphas, etc.

Outra coisa não é...

Nem n'isto ha concordancia grammatical, nem Camões assim deixou o verso. A segunda, no canto x, est. 68, v. 5:

Farão dos céus ao mundo vãos queixumes

Se querem igualmente que o poeta dissesse este contra-senso, provem-m'o.—A terceira, e ultima, com as tres interrogações de Freire de Carvalho, canto x, est. 76, v. 5: *Segue-me, etc.*

Quem não vir tambem que deve ser *segue-me*, escusa de me ler a mim, a Freire de Carvalho, e a Camões; porque em nenhum dos tres, sobretudo no primeiro, aprenderá cousa nenhuma.

Voltemos, porém, á nota do canto iii, que é tempo de terminar. José da Fonseca tambem acha *ingente* mais adequado ao

sentido da estancia, do que *raro em gente*, «que se lê em algumas edições». Em algumas? Lê-se em quasi todas; eu só vi a de 1613 e a sua, com semelhante emenda.

O *ingente fez fiasco*; e a rasão é obvia: nas variantes do primeiro manuscrito, achado por Faria e Sousa, na parte que se diz *desprezada*, estava, em vez de *o tão raro, o tão fraco*. Se era este que devia substituir aquelle, como muitas vezes se me afigura, e se realmente taes substituições vinham do poeta, ficaria o verso indiscutivel; e prejudicado, de uma vez para sempre, o *ingente*, que não me parece ter aqui cabimento. Veja-se a minha annotação ao canto iv, est. 102, v. 5. Para accentuar melhor a minha interpretação, metto entre parenthesis, e com ponto de admiração, *tão raro em gente*.

Na presente estancia, a segunda, de 1572, lê, no v. 5: *Em trabalho cruel*, etc.; e o morgado de Matheus, cópia da *princeps*: *Em batalha cruel*, etc., dizendo que o faz «porque no verso antecedente já havia a palavra *trabalho*, e este, de que queria fallar o poeta, era a batalha de Valdevez. A repetição podia ser erro de impressão». É exactamente o motivo por que todos nós corrigimos. Porém... *tu quoque?!...*

XXXV

— Não passa muito tempo, quando o forte
Príncipe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que d'esta sorte
Foi refazer-se o inimigo magoado.
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas, aio, foi livrado;
Que de outra arte podéra ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

No v. 6, todos lêem *amo*. É portuguez antigo, que as pessoas não letradas mal entenderiam hoje; por isso corrijo para *aio*. Entre os críticos que censuraram o vocabulo como obsoleto, houve um, que, no tomo iv dos *Annaes das artes, das sciencias e das letras*, publicados em Paris¹, por occasião de se dar á luz a segunda edição do morgado de Matheus, em 1819 (em

¹ De 1818 a 1822; 16 tomos, in 8.º grande.

nome do editor Firmino Didot), fez diversas accusações ao morgado, attribuindo-lhe a obra. Assignava-se o auctor d'essas considerações F. S. C.; e como era Francisco Solano Constancio o principal collaborador dos citados *Annaes*, só podia ser sua essa crítica acerba.

O que não deixa de ter graça, é ser elle auctor de um *Dictionario etymologico da lingua portugueza*, onde se acha a palavra *amo*, com a accepção que lhe deu Camões¹.

XXXVI

— *Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cêrco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.*

XXXVII

— *Chegado tinha o praso promettido,
Em que o rei castelhano já aguardava
Que o principe, a seu mando submettido,
Lhe dêsse a obediencia, que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que d'elle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.*

¹ As observações de Constancio, responderen Bento Luiz Vianna, n'um opusculo, intitulado: *Breve resposta á critica da nova edição dos Lusíadas, publicada em 8.º, n'este anno, por Firmino Didot, e conforme em tudo á que em 4.º deu á luz em 1817, o Ill.º e Ex.º Sr. D. J. M. de Sousa Botelho, etc. Paris, na officina de P. N. Rougeron, 1819.*

Sete annos depois, Mr. Mablin, na sua *Lettre à l'académie royale des sciences de Lisbonne, sur le texte des Lusíades* (Paris, 1826, chez Treuttel et Würtz), tomou o partido de Constancio; e, até certo ponto, respondeu ao campeão de D. José Maria de Sousa: mas sempre com grande moderação e comedimento, como seria para desejar que tivessem todos os críticos, em todos os tempos...

XXXVIII

— *E com seus filhos e mulher se parte,
A levantar com elles a fiança;
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move á piedade que á vingança.*
— « *Se pretendes, rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
— Dizia:— eis aqui venho, offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.*

As de 1572 escrevem, no v. 2 :

A alevantar co'elles a fiança

O verso coxeava; a de 1612 escreveu *com elles*, mas deixou ainda *A alevantar*. A de 1613 lê correctamente: *A levantar com elles*.

A grande maioria dos modernos, *sem excepção dos que affirmam ter seguido fielmente o texto das duas primeiras*, acceitou o *com*, deixando o *A alevantar*, e o hiato formidavel. O proprio Camões me auctorisa, com o seu exemplo, a supprimir o *a*, cada vez que o julgue desnecessario; porque tambem escreve de ambos os modos. Para não ir mais longe, veja-se o v. 5 da est. 36 (duas antes d'esta):

Levanta o inimigo o cêrco horrendo

A de 1609 lê: *A aleuamar co elles*, etc.

No v. 4, lêem todas:

Que mais move a piedade que a vingança.

XXXIX

— « *Eis aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos, sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos e excellentes
Dos fracos satisfaz a fêra morte.*

*Eis aqui as mãos e a lingua delinquentes:
N'ellas sós exp'rimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e do toiro de Perillo.» —*

Nos v. 2 e 5, todos lêem *Vês*, por *Eis*. E no 6, ponho *a*, antes de *sorte*, que já vem da de 1663. Deve ter sido assim que escreveu o poeta.

XL

— *Qual, diante do algoz, o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta; e, já entregado,
Espera pelo golpe tão temido:
Tal, diante do principe, indignado,
Egas estava, a tudo offerecido.
Mas o rei, vendo a estranha lealdade,
Mais poude emfim que a ira a piedade.*

XLI

— *Oh gran fidelidade portugueza
De vassallo, que a tanto se obrigava!
Que mais o persa fez n'aquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que, mil vezes dizendo, suspirava:
— «Que mais o seu Zopyro são prezára,
Que vinte Babylonias que tomára.» —*

XLII

— *Mas já o principe Affonso apparelhava
O lusitano exercito ditoso,
Contra o moiro, que as terras habitava
D'além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial, soberbo e bellicoso,
Defronte do inimigo sarraceno,
Posto que em força e gente tão pequeno.*

Verso 8—*Posto que em força grande tão pequeno*

Escreveu quem quer que fez a edição de 1613, dita de Manuel Corrêa. Não põe vírgulas, nem diz se assim aprendeu o verso do proprio Camões, como ousa afirmar n'outros logares.

O arraial soberbo e bellicoso, posto que em força e gente tão pequeno, parece contradictorio.

Soberbo, dá idéa de superioridade e grandeza, que no v. 8, e nas seguintes estancias, se vê que não existia. O poeta escreveu, porém, o v. 6 no sentido de serem os portuguezes ativos, insoffridos e bellicosos; e posto que ali estivessem em pequeno numero, nem por isso lhes faltava o animo para acommetter os moiros, muito superiores a elles em quantidade. A lição de Corrêa é estulta. Se a fez para dar maior clareza, não me parece que o conseguisse; e se ousava corrigir Camões, poderia ter dito ao menos:

Grande em esforço, posto que pequeno.

E só Deus sabe se não será esta a lição verdadeira! Com-tudo, nada auctorisa aqui a fazer a mudança, visto que, interpretando-se como digo, fica bem claro.

Faria e Sousa affirma que outras edições trazem «em força grande» como se acha em Corrêa; e que é melhor lição. Será; mas, faltando-me a convicção absoluta, escrevo o que se acha na *princeps*.

XLIII

—*Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deus que o céu regia;
Que tão pouco era o povo baptizado,
Que para um só cem moiros haveria:
Julga qualquer juízo socegado
Por mais temeridade que ousadia
Commetter um tamanho ajuntamento,
Que para um cavalleiro houvesse cento.*

Não leria o v. 6:

Ser mais temeridade que ousadia?

Desconfio d'este *Por*.

XLIV

— *Cinco reis moiros são os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama;
 Todos exp'riimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança illustre fama.
 Seguem guerreiras damas seus amigos,
 Imitando a formosa e forte dama,
 De quem tanto os troyanos se ajudaram;
 E as que o Thermodonte já gostaram.*

Todas as edições escrevem no v. 4: *a illustre fama*. Suprimo o artigo *a*, por ser absolutamente desnecessario, e porque duvido que o empregasse o poeta.

A proposito do v. 5, discorre Faria e Sousa de modo que muito merece ser lido.

Falta uma syllaba no v. 8; creio, porém, que o erro seria aqui do proprio Camões. Se em vez de *gostaram* se lesse *provaram*, não pareceria duvidoso que tivesse escripto *do Thermodonte*, deixando certo o metro. Mas *gostar*, penso que significa aqui, *saborear*; e por isso não ousa propôr a emenda, que prejudicaria o sentido.

XLV

— *A matutina luz, serena e fria,
 As estrellas do pólo já apartava,
 Quando na cruz o filho de Maria,
 Amostrando-se a Affonso, o reanimava.
 Elle, adorando quem lhe apparecia,
 Na fé todo inflammado, assim gritava:
 — «Aos infieis, Senhor! Aos infieis;
 E não a mim, que creio o que podeis!» —*

O v. 4, lendo-se *o animava*, anda errado em todas, provavelmente sem ser por culpa do poeta. Se acaso me engano, espero que não se tome como desacato acudir-lhe eu com o *re*, que tambem dá alentos ao verso, sem o alterar. Estou, comtudo, firmemente persuadido que elle escreveu *reanimava*: aliás, não lhe bulia.

Com relação aos dois ultimos, d'esta mesma estancia, diz Francisco Evaristo Leoni (*Camões e os Lusíadas*, pag. 214 e 215), que elles são «um verdadeiro quinau dado ao mesmo Christo». Ali adverte como Camões refere no seu poema tradições que em toda a parte encontram fé e se perpetuam nas crenças populares; e que um dos grandes meritos do nosso epico, talvez ainda não apontado, consiste na fidelidade com que desenha em breves e característicos traços o retrato de cada um dos heroes da nossa historia; e n'isto leva a palma a Virgilio, que frouxamente pintára os da *Eneida*. Em nota, cita os nomes de todos os varões illustres, que o poeta debuxou com as mais vivas, brilhantes e verdadeiras côres, na imensa têla do seu magestoso quadro.

Corrêa e Faria e Sousa alagam este lugar com citações; conta o ultimo que D. Affonso Henriques viu no acto da aparição de Christo, «multitud de moços muy hermosos, que yo creí eran los santos angeles», etc. E confirmam ambos a correcção que faço no v. 4.

XLVI

— *Com tal milagre, os animos da gente
Portugueza, inflamados, levantavam
Por seu rei natural este excellente
Príncipe, que do peito tanto amavam.
E, diante do exercito potente
Dos inimigos, gritando, o céu troavam,
Dizendo em alta voz: «Real! real!
Por Affonso, alto rei de Portugal!»*

Todas lêem, no v. 6:

Dos inimigos, gritando, o céu tocavam.

Como é que elles podiam tocar o céu, gritando?

Faria e Sousa, manda ver a est. 113 do presente canto, em que se diz: *o céu feriam*; e a est. 90, do canto II: *vozes com que o céu feriam*. Mas ferir o céu com vozes não é o mesmo que tocál-o. Nenhum editor deu pelo erro; trazem todos *tocavam*. *Troavam* deve ser o que o poeta disse, usando da licença poetica que lhe permite escrever assim, em vez de

atroavam. Confirmam-n'o muitos logares analogos, e especialmente o v. 8 da est. 48 d'este canto, e o v. 4 da referida 90, do canto II, citada por Faria, etc. Aquelle illustre commentador, alludindo a *ferir o céu*, despreza o exemplo, na mesma est. 90, que até lhe despertaria a idéa de fazer a emenda:

O céu, a terra e as ondas atroando.

A respeito dos dois ultimos versos, tambem aqui se agonia Macedo, por Camões fazer acclamar D. Affonso Henriques, antes da batalha de Ourique! Que sabia o padre d'essa batalha, e se a acclamação fôra antes ou depois d'ella?

O illustre historiador A. Herculano, que tanto a fundo estudou o assumpto, disse que a unica circumstancia que se sabia da batalha de Ourique foi vestirem armas as mulheres almoravides, e pelejarem ao lado de seus maridos e irmãos; e *que tudo o mais se ignora inteiramente*.

Como é pois que o ex-frade se intromette no negocio, não podendo ninguem affirmar de boa fé se proclamaram o rei antes se depois da acção? Poeticamente, tanto podia fazer-se no começo como no fim; mas, para o effeito da batalha, não seria indifferente; influiria de certo muito mais no animo dos companheiros do infante que fosse antes, porque elles aspiravam a ter rei que lhes mantivesse a independencia. O historiador citado, affirma que só depois dos preliminares da paz de Valdevez, entre D. Affonso Henriques e seu primo o imperador, é que aquelle começou a dar-se como rei. Mas, fosse como fosse, o que é evidentissimo é que D. Affonso Henriques soube, como habil politico, preparar a scena do apparecimento, que lhe deu a corôa.

XLVII

— *Qual, co'os gritos e vozes incitado,
Pela montanha, o rábido moloso
Contra o toiro remette; que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado;
Latindo, mais ligeiro que forçoso;
Até que enfim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:*

XLVIII

— *Tal do rei novo o animo accendido,
 Por Deus e pelo povo juntamente,
 O barbaro commette; apercebido
 Co'o animoso exercito rompente.
 Levantam n'isto os perros o alarido
 Dos gritos; toca alarma; ferve a gente;
 As lanças e arcos tomam; tubas soam;
 Instrumentos de guerra tudo atroam.*

Verso 1 — *Tal do rei novo, o estômago accendido*

Lêem todas. Póde ser que *estômago* explicasse bem, no tempo de Camões, coração e peito, como crê Faria; mas eu penso que foram mãos profanas que, n'este e n'outros logares, mudaram *animo* para *estômago*. Creio tanto na minha lição, que não hesito em fazer a emenda, embora escriptores de me-nos boa nota e de muito menor gosto, que Luiz de Camões, alguma rara vez escrevessem *estômago* por *animo*.

José Agostinho faz graça a este respeito, dizendo que parecia ser molestia que Deus déra ao rei, mimoseando-o com uma inflammação de estomago! Evitemos, pois, futuros zoilos, n'esta parte ao menos.

Verso 6 — *Dos gritos, tocam á arma, ferve a gente,*

Assim escrevem as de 1572, e quasi todas as teem seguido; mas ninguem deu ainda a lição que me parece verdadeira.

Uns trazem: *tocam arma*, ou *a arma*; e outros, como Barreto Feio, Biel, etc., *tocam á arma*, o que erra o verso. Ainda mesmo que tal poeta fizesse hendecasyllabos com o calibre de doze syllabas, não seria o verso entendido por muita gente.

A correcção deve ser, me parece, *alarma*, do francez à *l'arme*; ou, se não gostam, do italiano. Devia ter sido introduzido no tempo de Camões, que, provavelmente, a auctorizou aqui, e outros lh'a estropiaram. João Franco Barreto usa d'este termo, já agora classico, na sua traducção da *Eneida* de Virgilio, liv. vii, est. 149, v. 7; e est. 161, v. 7; liv. ix, est. 3, v. 3 e 4; liv. xi, est. 102, v. 1, etc. Ali se lê umas vezes *alarma*, e outras *al arma*.

XLIX

— Bem como quando a flamma, que ateadada
 Foi nos áridos campos (assoprando
 O sibilante Bóreas), animada
 Co' o vento, o secco matto vae queimando;
 A pastoral companhia, que deitada
 Co' o doce somno estava, despertando
 Ao estridor do fogo, que se ateia,
 Recolhe o fato e foge para a aldeia.

Já o visconde de Juromenha advertiu que *fato* é rebanho, e não roupa, como teem entendido varios traductores dos *Lusiadas*. A unica versão que agora tenho presente sobre a minha mesa de trabalho, em Cintra, é a de Carlo Antonio Paggi (1659), *emendata dagl'errori trascorsi nella prima*. N'esta, lê-se:

Raccoglie i fardi, e al castel se fugge.

Não tivessem elles o famoso adagio: *Traduttore, traditore!*

Os versos d'esta estancia foram imitados de Virgilio. Faria e Sousa, depois de remexer em todos os poetas que igualmente o seguiram, termina por dizer: «Advierto, que mi poeta venciô a Virgilio en esta comparacion, aunque le imita: porque la hizo de sujeto remoto», etc.

Veja-se a chateza com que José Agostinho tambem agora os imita de Camões, no intuito de o encovar:

*Bem como na tranquilla ingenua aldêa,
 De singelos pastores habitada,
 Se a labareda subita se atêa,
 E lambe o colmo, de que está forrada;
 Qu' o lavrador atonito recêa
 Perder com doce lar pingue manada,
 Com todos á porfia trabalhando,
 Salva o que pôde, as chammas apagando:*

(*O Oriente*, c. vii, est. 10.)

Não é poeta quem quer; aqui, só faltou uma bagatella... o genio!—Da *grammatica*, não digo nada, apesar de nunca ter visto aldeias *forradas de colmo*.

L

— *D'esta arte o moiro, attonito e torvado,
Toma sem tento as armas, mui depressa;
Nãõ foge; mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O portuguez o encontra; e, denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa.
Uns cáem, meios mortos; e outros vãõ
A ajuda convocando do Alcorãõ.*

Todas as edições lêem, no v. 5: *O portuguez o encontra denodado*. Isto está pedindo ponto e virgula, em *encontra*; e a conjuncção *e*, que liga e esclarece o sentido. Deve ter sido assim que o poeta escreveu. E tambem me parece que no v. 6, diria: *Pelos peitos a lança lhe atravessa*; e não *as lanças*.

LI

— *Ali se vêem encontros temerosos,
Para se desfazer uma alta serra;
E os animaes, correndo furiosos,
Que Neptuno mostrou, ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos e forçosos;
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.*

Do v. 2, escreve Freire de Carvalho que na «milicia antiga era designado pelo nome de *serra* o esquadrão formado de muitos angulos a modo de dentes de serra»: e manda ver o *Diccionario de Bluteau*; acrescentando ser provavelmente n'este sentido que o poeta emprega aqui o vocabulo *serra*.

Serra madeira, de carapinteira, como cantarolava Garrett, para indicar qualquer sornice, é o que isto parece! Se os *milicianos* d'aquelle tempo fossem da altura da serra da Estrella, ou do Bussaco, poderia fazer-se tão absurda observação. Veja-se em Faria e Sousa os exemplos de imitação, que poderiam offerecer-se ás reminiscencias do poeta, quando tal verso escrevia.

Que Neptuno amostrou, dizem todas, no v. 4: suprimo o *a* por desnecessario. E estive muito tentado a escrever *amestrou*, em vez de *amostrou*; porque na tragedia de Sophocles, *Cedipo em Colona*, diz o côro, fallando de Neptuno: «... Athenas gósa tambem um precioso dom de Neptuno, que é a sua principal gloria: *a arte de domesticar os cavallos*...» E dirigindo-se em seguida ao proprio deus, diz-lhe: «... *vós achastes o segredo de domar e pôr freio no corsel fogoso*». Porque não será, pois, a lição de Camões como a do grande tragico grego?

Uma edição moderna pontuou os versos 7 e 8, qualificando os portuguezes como —*os de Luso arnez*;— o que é dar-lhe interpretação differente da que lhe déra Camões. O de Luso, *rompe, corta, desfaz, abola e talha arnez, couraça e malha*. Este é o verdadeiro sentido; aliás, ficaria o arnez a salvo, fóra d'essa fragua horrenda.

LII

— *Cabeças pelo campo vão saltando;*
Braços, pernas, sem dono e sem sentido;
E d'outros, as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido!
Já perde o campo o exercito nefando;
Correm rios do sangue desparçido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesim, de branco e verde.

Parece que o v. 3 se deveria ler, em vez do que está:

E outros, com as entranhas palpitando,

Não sendo isto assim, como ha de entender-se o verso immediato?... Embora a minha pontuação defira geralmente da de outros editores, não sei se, apesar d'isso, ficará bem intelligivel.

A lição do v. 8 é da edição *princeps*, e não de Manuel Corréa, como affirmou José da Fonseca, podendo induzir outros em igual erro. Eu escrevo *carmesim*, como hoje se diz; e não *carmesi*.

O morgado de Matheus, que copiou a segunda, de 1572 (para a sua de 1819), escreve erradamente *tornando*, em vez

de *tornado*; do mesmo modo lê, no v. 6, *de sangue*, lição da segunda, copiada por alguns dos modernos; mas deve ser *do sangue*, como diz a primeira, de 1572¹.

LIII

— *Já fica vencedor o lusitano,
Recolhendo os tropheus e presa rica.
Desbaratado e roto o moiro hispano,
Tres dias o grão rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo, ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azaes esclarecidos,
Em signal d'estes cinco reis vencidos.*

Mauro hispano, liam todas, no v. 3, até á de 1609; esta corrigiu para *mouro*.

É portanto inexacto ser tal emenda, como suppoz a edição Juromenha, da de 1651, que o illustre editor diz que adoptára «em vista das judiciosas reflexões do annotador da Rollandiana». O que taes reflexões valem, se tem demonstrado, e se irá vendo melhor no proseguimento d'este trabalho; não porque o meu proposito seja desconceituar ninguem, mas porque tenho indeclinavel obrigação de dizer o que vou apurando aos que me fizerem a honra de ler estes estudos.

Todas as distincções que faz Freire de Carvalho, de *mouro* e de *mauro*, são destituidas de fundamento: puro ardil, para mostrar erudição. Em boa grammatica, ambos aquelles vocabulos são adjectivos; podem, comtudo, empregar-se como substantivos, cada vez que isso convenha, especialmente em poesia. Se dissermos «a moira lança», ninguem póde entender que se refira á lança de qualquer outro povo; «a moira gente, a moira vaidade, o moiro sangue, o moiro povo, o moiro engano», etc., valem o mesmo que «maura», que no estado actual

¹ Devo declarar que a edição de 1584, que agora tenho á vista, lê igualmente *do sangue* e não *de*, no v. 6. Como n'estes estudos digo por vezes que considero a de 1584 feita sobre a 2.^a de 1572, para reforçar a minha opinião, intentando extremar qual seja a *princeps*, não posso encobrir esta circumstancia, que me é contraria.

da nossa lingua não tem nenhuma rasão séria que lhe justifique o emprego.

No começo da nota a este verso, diz Freire de Carvalho que «as edições de 1572, e as suas copias mais ou menos fieis lêem todas *mauro hispano*».

Copias *mais ou menos fieis* das primeiras edições, são todas as que existem. Porque não citou quaes eram aquellas a que se referia? E vem dizer-nos, no fim da nota, que applicára a sua theoria ao v. 5 da est. 115, d'este mesmo canto e corrigira *mouro*, em lugar de *mauro*, que *traçiam todas as edições acima mencionadas*. É menos verdade que *todas* leiam, aqui, *mauro* por *mouro*. Já disse que a de 1609 fez a correcção, que igualmente vem nas de 1613, 1631, 1644, 1663, 1669, 1670, 1721, 1731 (Garcez Ferreira), etc. Isto só prova que convem desconfiar de *eruditos*.

LIV

—*E n'estes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deus fôra vendido;
Escrevendo a memoria, em varia tinta,
D'aquelle de quem foi favorecido.
Em cada um dos cinco, cinco pinta;
Porque assim fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.*

LV

—*Passado já algum tempo, que passada
Era esta gran victoria, o rei subido
A tomar vae Leiria, que tomada
Fôra, mui pouco havia, do vencido.
Com esta, a forte Arronches subjugada
Foi juntamente; e o sempre ennobrecido
Scalabicaastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.*

Parece-me que esta oitava anda desconjuntada. *Passada* e *passada*, no mesmo verso, e *tomar* e *tomada* em outro, cheira a miseria, impropria de tão rico engenho. Julgo mais natural,

avaliando-o pela sua indole poetica, que tivesse escripto assim

o v. 1:

Passado já algum tempo, que ganhada

e o v. 3:

Retomar vae Leiria, que tomada

O mar da Cochinchina pôde ter sido cumplice d'esta e de outras muitas maculas, que a memoria de Camões não teria depois poder ou tempo de apagar completamente.

Scabelicastro, lêem ambas as de 1572; é erro, que só Barreto Feio, e os que se lhe seguiram, corrigem. Freire de Carvalho, andando sempre nas aguas de outros, não se atreveu, comtudo, a negar que a correcção viera da de Hamburgo; mas, para estranhar que ninguem mais a fizesse, não se contenta com menos de tres pontos de admiração! Acrescento mais este ao seu reparo.

LVI

— *A estas nobres villas, submettidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço;
E nas serras da Lua conhecidas,
Subjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as naiâdes, escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.*

LVII

— *E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza;
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardânia accesa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedecestes á força portugueza,
Ajudada tambem da forte armada
Que das boreaes partes foi mandada.*

No v. 5 temos o emprego do demonstrativo conjunctivo *a quem*, que, em boa grammatica, se não applica a cidade. Todavia, usaram d'elle na prosa alguns dos nossos classicos de

melhor nota, e por isso não se deve censurar Camões de o ter feito em poesia.

José Agostinho embirrou com os dois primeiros versos: «Parece que quer dizer princeza das *outras Lisboas*», etc.

Não teve razão: pôde dizer-se, por ellipse, que Lisboa era princeza das outras cidades. Quem está de má fé, imagina os outros cegos.

LVIII

— *Lá do germanico Albis e do Rheno,
E da fria Bretanha, conduzidos
A destruir o povo sarraceno,
Muitos, com tenção santa, eram partidos.
Entrando a bocca já do Tejo ameno,
Co' o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos céus:
Foi posto cêrco aos muros ulysseus.*

LIX

— *Cinco vezes a lua se escondêra
E outras tantas mostrára cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendêra
Ao duro cêrco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presuppuesto
De vencedores, asperos e ousados;
E de vencidos, já desesperados.*

LX

— *D'esta arte, emfim, tomada se rendeu
Aquella, que nos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceu
Dos frios povos scythicos, ousados;
Cuj o poder a tanto se estendeu,
Que o Ibero o viu e o Tejo, amedrontados;
E emfim co' o Betis tanto alguns poderam,
Que á terra de Vandalia o nome deram.*

Até á edição de 1613 todos liam, no v. 8, *nome deram*; aquella acrescentou o artigo *o* a *nome*. Acho a correcção boa, por isso a adopto.

LXI

— *Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto vòã?
Já lhe obedece toda a Estremadura;
Obidos; Alemquer, por onde sôa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que lavam, murmurando; e Torres-Vedras.*

Verso 8— *Que murmurando lava, e Torres-Vedras.*

Lição das duas primeiras. Todas as seguiram, sem fazer caso da falta de grammatica.

A transposição é evidente; foi ella que errou o verso, o qual saíu correcto da mente e da penna do auctor. Quantos commentarios mal cabidos se teriam evitado, se, antes de os escrever, os críticos pensassem um instante nas diabruras typographicas?!

Já disse que não creio no frequente emprego da figura écthlipse, que Freire de Carvalho suppõe usada por Camões em muitos logares do poema; acredito unicamente que todas as estancias, citadas por este editor, e ainda outras muitas, se acham remexidas. Quanto á lição de grammatica, que elle nos dá, asseverando que o agente do verbo não é o *tom*, mas o subentendido *frescas aguas*, mais prudente seria que tivesse mettido a viola da erudição no sacco.

O visconde de Juromenha cria que se não fosse o cacophaton — *frescas aguas* — estaria melhor no singular e desfazia as dúvidas e críticas sobre este verso. «Se nos fosse licito — acrescentou — fazer uma alteração, emendaríamos por esta fórma.

O som da fresca lymphã entre as pedras.»

Posto no singular, como lembra este annotador, se não fosse o tal cacophaton, ficaria o verso mais que coxo. O *a* de *lymphã*, elidindo no *e* de *entre*, errava-o. Além de que, não me parecia grande ganho ler-se *casaguas* ou *calymphã*.

Mas, que necessidade temos de outras combinações, se o verso está bem feito por seu auctor, sem se lhe pôr nem tirar cousa alguma, restituindo-se apenas *lavam*, ao logar, que primitivamente occupára?! . . .

LXII

— *E vós tambem, ó terras transtaganas,
Afanadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes.
E tu, lavrador moiro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa, conhecidas,
E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.*

LXIII

— *Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio, antigamente;
Onde ora as aguas nitidas de argento
Véem sustentar de longe a terra e a gente,
Pelos arcos reaes; que, cento e cento,
Nos ares se levantam nobremente:
Obedeceu, por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.*

Verso 4 — *Véem sustentar de longo a terra e a gente*

Esta é de eternas luminarias! Desde 1613 até aos mais renitentes dos modernos, todos escrevem *longe*; só o venerando Freire de Carvalho lembrou, na sua tabella v, como idéa nova, que *longo*, é *dos que talvez conviesse corrigir ainda!*

LXIV

— *Já na cidade Beja, vae tomar
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso, que não sabe socegar,
Por estender co'a fama a curta vida.*

*Não se lhe poude muito sustentar
A cidade; mas, sendo já rendida,
Em toda a cousa viva, a gente irada
Provando os fios vae da dura espada.*

LXV

*— Com estas, subjugada foi Palmella
E a piscosa Ceçimbra; e, juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata um exercito potente.
Sentiu-o a villa e viu-o o senhor d'ella,
Que a soccorrêl-a vinha diligente,
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado;*

Verso 5— *Sentio-o a villa, e vio o a serra d'ella,*

Lição das duas primeiras. O morgado de Matheus e Barreto Feio equivocaram-se, dizendo o primeiro: «... O editor Manuel de Faria, não entendendo o logar, imaginou haver erro de impressão (difficil de *serra* a *senhor*) e substituiu senhor, o que faz um sentido extravagante». E o segundo: «... Erro solemne, que Faria e Sousa mui bem corrigiu, substituindo a *serra, senhor*».

Não foi Faria e Sousa quem corrigiu, nem a edição de 1609, como também erradamente asseverou Gomes Monteiro, na edição Biel; a de 1612 é a primeira que emenda. José Gomes Monteiro tomou uma de 1612, com o rosto de 1609, como sendo d'este ultimo anno; d'ahi o seu equivoco. (Veja-se na *Introdução* á presente edição o que digo a respeito das de 1609 e das de 1612.) Outros editores, entre os quaes o visconde de Juromenha, affirmam que fôra Manuel Corrêa (1613) o primeiro que fizera a correcção; o que não é verdade, como todos podem certificar-se, recorrendo á de 1612.

A este respeito, occorre mencionar aqui um facto, que me parece de algum interesse. Tenho repisado muito (e continuarei) que Corrêa não foi amigo de Camões; e que nem talvez o conhecesse. No meu exemplar, attribuido a este commettador, vem effectivamente assim este verso:

Sentiu-o a villa, e viu-o o senhor d'ella

Sem que se faça a menor observação, explicando o motivo da emenda.

Mas se nada se diz a tal respeito, adverte o *crítico* que— «chama o poeta a Cezimbra piscosa, por ser terra onde se armam grandes pescarias». Outro fosse elle que nos dissesse, como o commentador da de 1584, que *piscosa lhe vinha de se juntarem n'ella muitos piscos!*

Que se deve, porém, concluir do silencio de Corrêa, senão que, tanto aqui como n'outros logares que tambem corrige sem dizer nada, cáe por terra todo o seu edificio de mentiras, para não dizer de tollices incommensuraveis?!

O que me parece mais plausivel é que fosse Pedro de Mariz quem poz a direito o verso, achando-o emendado na de 1612. Por acaso não viveria já Corrêa, quando taes e tantas correccões se fizeram? Porque deixou de referir-se a ellas? E porque se calou Mariz? Seria este apenas plagiario de Corrêa, ou daria sob o nome d'aquelle os seus proprios trabalhos, com um fim puramente commercial? Eis o que é impossivel apurar-se hoje. N'esse tempo houve diversos sujeitos com o nome de Pedro de Mariz—um que foi escrivão da Torre do Tombo, desde 1605 até 1615; outro que em 1612 requeria á inquisição o logar de *procurador dos presos*, etc.

Ha todavia quem acredite que estes dois fossem um só.— Mas como podia o mesmo individuo servir de procurador dos presos, tendo o tempo todo occupado na Torre? . . . Ora se já hoje nada podemos saber, com certeza, a este respeito, como ha de esclarecer-se quem foi o verdadeiro auctor dos commentarios dos *Lusiadas*, em 1613? O estylo d'estes, não discrepa do do artigo, que traz por titulo *Ao estudioso da lição poetica*.

Seja porém como for, quem os fez viu as edições de 1597, 1609, e 1612. Trazendo inconscientemente tres das correccões da primeira, rejeitou a do canto ix, est. 21, v. 6:

Da mãe primeira co'o terreno seio

a do canto iv, est. 39, v. 5:

Tinge o ferro o sangue ardente

Quanto ás tres correccões que acceita, são: canto vi, est. 39, v. 6:

Mas esfregando, os membros estiravam

De toda esta oitava, não diz palavra! Evidencia-se que não deu pela emenda; que escreveu depois de 1597, e antes de 1612; e que não teve motivos, trinta annos antes, para interrogar Camões sobre se a emenda deveria ou não ter cabimento. *Prova de que eram amigos*, — se isto é de Manuel Corrêa.

Em compensação, commenta assim a estancia immediata:

«Este soldado se chamava Leonardo Ribeyro, segundo me disse Luiz de Camões, perguntando-lhe por elle, mancebo desenvolvido, disidor, e grande namorado.»

Está a ver-se a mentira. Nada mais o interessou, em tão interessante poema! Vamos a outra: canto VIII, est. 25, v. 4:

Não acha quem por armas lhe resista

Fallando da oitava, não commentou o verso, copiando-o sem dar pela correcção. Prova-se o mesmo que atraz. Outra: canto IX, est. 16, v. 8:

Do mar incerto timidos e ledos

Diz pouco do verso; e nada absolutamente que demonstre ter dado pela emenda.

Cito apenas os versos que a de 1613 adoptou da de 1597, porque são sufficientes para desmascarar o patranheiro, quem quer que elle fosse. Não se diz ali porque acceitou umas nem porque rejeitou outras emendas, senão com relação á est. 39 do canto IV, atraz citada, e á 21 do canto IX, como em seu logar se dirá. Mas que significa o silencio de um amigo de Camões, reproduzindo, sem dizer porquê, versos com emendas de outros editores, e alterando elle proprio, na edição que se lhe attribue, grande numero d'elles?! Tenho para mim, como indubitavel, que, se por acaso Corrêa conheceu o poeta, foi muito de longe, e nunca tiveram nem sombra de relações; mas duvido que alguma vez o visse, porque a sua edição demonstra até á saciedade a mais absoluta ignorancia de tudo quanto dizia respeito ao auctor dos *Lusiadas*.

Como já disse, a edição de 1612 foi a primeira que corrigiu o verso, que deu origem a esta nota; fel-o, porém, ainda imperfeitamente:

Sentio o a Villa, e vio o a senhor della

É d'este modo que o traz a referida edição, de typo italico, miudo, de uma só qualidade, tal qual a descreve Gomes Monteiro, na edição Biel, tomando-a como impressa em 1609, porque o frontispicio da que elle viu devia ser d'este anno. A de 1613 é com effeito a primeira que o traz escripto como deve ser, mas não a que teve a iniciativa na emenda.

LXVI

— *O rei de Badajoç era; alto moiro,
Com quatro mil cavallos furiosos;
Imnumeros peões, d'armas e de oiro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas qual no meç de maio o bravo toiro,
Co'os ciumes da vacca receiosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante,
Salteia o descuidado caminhante;*

LXVII

— *D'esta arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba, denodado;
Foge o rei moiro e só da vida cura,
De um panico terror todo assombrado;
Só de seguil-o o exercito procura:
Sendo estes, que fiçeram tanto abalo,
Não mais que só sessenta de cavallo.*

A pontuação d'esta estancia, deixa muito a desejar, desde as duas de 1572 até á de 1613. Esta, melhorou-a consideravelmente; mas d'ahi a pouco se corrompeu de novo. O proprio Barreto Feio crê que foi o exercito portuguez, *todo assombrado d'um panico terror, que procurava seguir o rei moiro e os destroços de sua gente!* Só quem não lida n'estes estudos, lhes desconhece as difficuldades.

As duas primeiras edições escrevem no ultimo verso *No-mais*; Freire de Carvalho e seus seguidores, *No mais*. José da Fonseca diz que adoptára a lição de Manuel Corrêa, quando é das de 1572!

LXVIII

—*Logo segue a victoria, sem tardança,
O grão rei incansavel; ajuntando
Gentes de todo o reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vae Badajoç; e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte, e valentia,
Que a fez fazer ás outras companhia.*

Do v. 2, deito fóra o *incansabil*, por obsoleto. E no 7, penso que poderia ler-se, talvez:

Com tanto esforço de arte e valentia

Não é só por elle coxear, que eu presumo que Camões o faria do modo que indico; é por ser mais natural dizer-se *de arte e valentia*, do que escrever tal poeta *esforço, e arte, e valentia*.

No v. 8, lê a primeira, de 1572: *Que a fez*; e a segunda: *Que a faz*, etc. Assim, os editores dividiram-se em dois ramos, de *fez* e de *faz*. Eu sigo a edição *princeps*, por mais correctá.

LXIX

—*Mas o alto Deus, que para longe guarda
O castigo d'aquelle que o merece,
E ou, para que se emende, ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece;
Se até aqui sempre o forte rei resguarda
Dos perigos, a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defeza
Da maldição da mãe, que estava preza.*

O v. 3 leu, até Barreto Feio: *Ou para que se emende*, etc. Este poz, antes de *ou*, a conjuncção *E*, que não só é logica senão que dá tambem mais suavidade. Adopto-a por isso, crente em que seja esta a verdadeira lição do poeta.

No v. 5, todos escrevem *atequi*.

LXX

—*Que, estando na cidade que cercára,
Cercado n'ella foi dos leonezes;
Porque a conquista d'ella lhe tomára,
De Leão sendo, e não dos portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assim como acontece muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo accêso
À batalha, onde foi vencido e prêso.*

LXXI

—*Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina;
Nem ver que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti victoria dina;
Posto que o frio Phásis ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina;
O Bootes gelado, e a linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente;*

Estive tentado a escrever no v. 4 *victoria indina*, posto que a correccção viesse do manuscrito de Manuel Corrêa Montenegro, achado por Faria e Sousa. Tinha-a visto nas edições de 1663 e 1669, duas das mais correctas do seculo xvii—(não a traz ainda a de 1651); mas, depois de muito meditar, entendi que a *justa* Némesis não podia ordenar cousas indignas; aliás seria *injusta*. Resisti, portanto, ás considerações de Barreto Feio; e mais tarde vi que Gomes Monteiro tambem rejeitava aquella emenda do seu amigo e mestre. É digna de ler-se a nota com que este crítico illustre apoia, na edição Biel, a sua opinião. Não foi, porém, Ignacio Garcez Ferreira que primeiro mudára *dina* para *indina*, como ali se diz. Garcez não corrigiu cousa nenhuma; contentou-se em copiar a sua edição, tendo á vista umas duas ou tres das que no seu tempo eram mais acreditadas; no que já não fez pouco, visto que n'outros logares aleijou versos.

Além das que citei atraz, e da de Garcez Ferreira, muitas outras lêem *indina*. A de 1613 diz *digna*.

LXXII

— *Posto que a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos, e colchos, cuja fama
O véu dourado estende; e os cappadoces;
E Judéa, que um Deus adora e ama;
E que os molles sophenos, e os atroces
Cilícios; com a Arménia, que derrama
As aguas dos dois rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto e santo monte;*

Feroces, atroces, rima de cappadoces, com que tive de aguentar-me!

LXXIII

— *E posto, emfim, que desde o mar de Atlante
Até o scythio Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem; não te espante
Se o campo emáthio só te viu vencido.
Porque Affonso verás, soberbo e óvante,
Tudo render, e ser depois rendido:
Assim quiç o conselho alto e celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este!*

A primeira edição escreve *Scitico* no v. 2; e a segunda *Scitico*. E as seguintes *Scythico*. De qualquer dos modos o verso fica durissimo; escrevi *scythio*, que o melhora, sendo só questão de orthographiar de um ou de outro modo o nome geographico. Persuado-me ser esta a lição de Camões.

Verso 7— *Assi o quiç o conselho alto celeste,*

Dizem as de 1572; mas não póde ser. Camões, que conhecia as linguas grega e latina, sabia que á nossa repugnava a figura écthlipse; e eu não creio que inundasse o seu poema de versos errados, por essa introdução forçada. O que elle escreveu é o que digo no texto; o *assi* era moda do seu tempo, e não tenho direito de me revoltar contra elle. Rejeito porém as figuras grammaticaes, que Freire de Carvalho e outros commentadores nos querem fazer crer que por ellas fabricára o poeta versos errados. O *o*, antes de *quiç*, foi aqui introduzido, sem

conhecimento nem consentimento do poeta. A conjunção e, antes de *celeste*, adoptada pela edição de 1613, torna o verso mais suave e numeroso, por isso igualmente a acceto.

LXXIV

— *Tornado o rei sublime, finalmente,
Do divino Juiço castigado,
Depois que em Santarem, soberbamente,
Em vão dos sarracenos foi cercado;
E depois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado,
Do sacro promontorio conhecido,
A cidade ulysssea foi trazido;*

LXXV

— *Porque levasse ávante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse de Alemtejo,
Com gente e co'o belligero apparelho.
Sancho, de esforço e de animo sobejo,
Ávante passa; e faz correr vermelho
O rio, que Sevilha vae regando,
Co'o sangue moiro, barbaro e nefando.*

LXXVI

— *E com esta victoria, cubiçoso,
Já não descança o moço, até que veja
Outro estrago, como este temeroso,
No barbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o príncipe ditoso,
Sem ver o fim d'aquillo que deseja.
Assim estragado o moiro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.*

Verso 7 — *Assim tratado o moiro, na vingança*

parece-me que se deveria ler. *Assi estragado*, como lêem todos, não ha figura possivel de grammatica, que o salve!

LXXVII

— Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
 O corpo fez perder, que teve o céu;
 Já vêem do promontorio de Ampelusa,
 E de Tinge, que assento foi de Anteu.
 O morador de Abyla não se escusa;
 Que tambem com suas armas se moveu,
 Ao som da moiritana e rouca tuba,
 Todo o reino que foi do nobre Juba.

No v. 1 póde dizer-se, a quem Medusa, porque esse monte se chamava Atlante, perdendo a primitiva fórma pelo horror que lhe inspirou a presença da terrivel Górgona.

Que teve o céu, deve entender-se, no v. 2, que susteve.

Ronca tuba, traz ainda a maioria das edições. Foi a de 1597 a primeira que corrigiu, e não Manuel Corrêa, como suppoz José da Fonseca.

LXXVIII

— Entrava com toda esta companhia
 O Mir-almuminim em Portugal;
 Treze reis moiros leva de valia,
 Entre os quaes tem o sceptro imperial.
 E assim, fazendo quanto mal podia,
 O que em partes podia fazer mal,
 Dom Sancho vae cercar em Santarem:
 Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX

— Dá-lhe combates asperos, fazendo
 Ardís de guerra mil o moiro iroso;
 Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
 Mina secreta, ariete forçoso;
 Porque o filho de Affonso, não perdendo
 Nada do esforço e accordo generoso,
 Tudo provê com animo e prudencia;
 Que em toda a parte ha esforço e resistencia.

LXXX

— *Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego;
Estando na cidade, cujo prado
Emverdecem as aguas do Mondego;
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem, do moiro povo cego;
Se parte diligente da cidade:
Que não perde a presteza com a idade.*

O já do v. 1, parece-me superfluidade, estranha ao poeta. Comtudo, não ousei retirá-lo.

A *socego*, escreveu a edição de 1613, no v. 2; mas ninguem adoptou.

Co a *idade*, dizem ambas as de 1572, no v. 8; a de 1613 lê *com a idade*, correcção que foi geralmente acceita por todos que possuem ouvido metrico.

LXXXI

— *E co'a famosa gente, á guerra usada,
Vae soccorrer o filho; e, assim juntados,
A portugueza furia costumada
Em breve os moiros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallo, jaezes, prêsa rica
De seus senhores mortos, cheia fica.*

A proposito do v. 1, diz a edição de 1613: «... No tempo de Tullio, esta palavra *famósus* se tomava sempre em má parte, por cousa infame».

Verso 2— *Vai soccorrer o filho, e assi ajuntados*

dizem as primeiras edições, e todas as outras seguiram, excepto a de 1584, dos jesuitas, que escreve *juntados*, como eu; mas não tirou o *assi*.

No v. 8, *senhores*, tem a significação de *donos* das cousas de que estava coalhada a campina.

LXXXII

— Logo todo o restante se partiu
 De Lusitania, postos em fugida;
 O Mir-almuminim só não fugiu,
 Porque antes de fugir, lhe foge a vida.
 A quem lhe esta victoria permittiu,
 Dão louvores e graças, sem medida;
 Que, em casos tão estranhos, claramente
 Mais peleja o favor de Deus que a gente.

LXXXIII

— De tamanhas victorias triumphava
 O velho Affonso, principe subido;
 Quando, quem tudo enfim vencendo andava,
 Da larga e muita idade foi vencido.
 A pallida doença lhe tocava
 Com fria mão o corpo enfraquecido;
 E pagaram seus annos d'este geito
 Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV

— Os altos promontorios o choraram;
 E dos rios as aguas saudosas
 Os semeados campos alagaram,
 Com lagrimas correndo piedosas.
 Mas tanto pelo mundo se alargaram,
 Com fama, suas obras valorosas,
 Que sempre no seu reino chamarão:
 — Affonso? Affonso? — os echos; mas, em vão!

No anno em que falleceu D. Affonso I, foram immensas as chuvas torrenciães, que se despenhavam dos montes, com impeto furioso, e levavam diante de si tudo que encontravam.

O nosso poeta, aproveitando-se habilmente d'essa circumstancia, faz, por uma feliz prosopopéa, chorar pelo fallecido os homens e as cousas, imitando Virgilio, Claudiano, Buscan, etc.;

mas não os imita do modo por que costuma dizer Faria e Sousa. Appropria ao seu quadro, e ao tempo e costumes da epocha em que o pinta, o desenho, a composição, as tintas; e executa-o, sobretudo, com genio superior a quantos o antecederam. Porque ninguém, antes d'elle, talvez que nem o proprio Virgilio, pôz na sua palheta as delicadas côres com que aqui nos mistura as *aguas saudosas*, que alagavam os campos, e as lagrimas piedosas, com que a fama, celebrando as obras do rei, faz com que em vão o fiquem chamando eternamente os echos. *Sunt lacrymæ rerum.*

Admiravel e bellissima poesia! Parece que Deus impediu de proposito que mão indigna tocasse n'esta e em muitas outras estancias dos *Lusiadas*, para que nós podessemos contemplar em toda a sua pureza obras de tão sublime engenho!

Virgilio dissera, na *egloga* primeira :

*Tytirus hinc aberat, ipsæ te Tytire pinus,
Ipsi te fontes, ipsa hæc arbûsta vocabant.*

LXXXV

— *Sancho, forte mancebo, que ficára
Imitando seu pae na valentia;
O que em sua vida já se exp'ri mentára,
Quando o Bétis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratára
Do ismaelita, rei de Andaluçia;
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes de seu braço em si provaram;*

Declaro ser esta rarissima emenda, do v. 3, proposta por Freire de Carvalho, na tabella v. Todas as edições lêem *E que*; eu adopto a sua lição. José da Fonseca, que o vae seguindo, pergunta, *ingenuamente*, se não será talvez melhor—*O que*, em vez de—*E que*!

LXXXVI

— *Depois que foi por rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava.*

*Foi das valentes gentes ajudado
Da germanica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judéa já perdida.*

No v. 1 ha um cacophaton horrivel; e no v. 5, *valentes gentes*: ambos tão faceis de mudar, mesmo por quem está longissimo de ser Camões, que faz pasmar como o poeta não se arripou ao dar-lhes carta de transito.

Tudo isto está attestando que os *Lusíadas* não chegaram a receber d'elle a ultima lima.

LXXXVII

— *Passavam, a ajudar na santa empreza
O roxo Frederico, que moveu
O poderoso exercito em defeza
Da cidade, onde Christo padeceu;
Quando Guido, co'a gente em sede accesa,
Ao grande Saladino se rendeu
No logar, onde aos moiros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.*

LXXXVIII

— *Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiç ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vae do santo marte.
Assim como a seu pae acontecera,
Quando tomou Lisboa; da mesma arte,
Do germano ajudado, Sylves toma
E o bravo morador destróe e doma.*

No v. 4 escreviam todos os editores antigos com letra maiuscula, *santo marte*; os modernos usaram da minuscula. Servindo-se aqui o poeta de uma figura de rhetorica, para se referir á guerra santa, parece melhor o emprego da letra pequena por mais conforme com o nosso modo actual de escripta.

LXXXIX

— *E se tantos tropheus do mahometa
 Alevantando vae, tambem do forte
 Leonez não consente estar quieta
 A terra usada aos casos de Mavorte:
 Até que na cerviç seu jugo metta
 Da soberba Tuy, que a mesma sorte
 Viu ter a muitas villas suas visinhas,
 Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.*

No v. 3 era incontestavelmente preferível *deixar*, do que *estar quieta*. Esta lição, que em nada altera o sentido, tinha tambem a vantagem de impedir que o verso coxeasse . . .

Tuy, no v. 6, necessita ler-se hoje como se tivesse duas syllabas. Já o meu fallecido amigo Rodrigo Felner se queixava (na *Noticia preliminar*, pag. xxvii, do tomo 1 das *Lendas da Índia*, de Gaspar Corrêa) de ser «tão mal conhecida a pronunciação de nossos avós». Por este motivo, pôde muitas vezes parecer-nos que falta ou sobeja um pé, em versos que n'aquelle tempo se consideravam certos, pela maneira por que se pronunciavam as palavras. *Tuy* deve estar n'este caso; o que não impediu a venenosa mordedura de José Agostinho. Affirma este que «Tui se pronuncia sempre, e não Tuí, com accento agudo no *i*». Esqueceu-lhe unicamente provar que em 1570 se fallava como em 1820!

José da Fonseca assevera, mas tambem não prova, que no v. 7 Camões escrevêra *sas visinhas*. Em ambas as primeiras edições se lê *suas*, e não *sas*; nem o achei em nenhuma outra edição, senão na d'elle.

XC

— *Mas, entre tantas palmas, salteado
 Da temerosa morte, fica herdeiro
 Um filho seu, de todos estimado,
 Que foi segundo Affonso e rei terceiro.
 No tempo d'este, aos moiros foi tomado
 Alcacere-do-Sal, por derradeiro;
 Porque d'antes os moiros o tomaram;
 Mas agora, estruidos, o pagaram.*

XCI

— *Morto depois Affonso, lhe succede
 Sancho segundo, manso e descuidado;
 Que tanto em seus descuidos se desmede
 Que de outrem, quem mandava, era mandado.
 De governar o reino, que outro pede,
 Por causa dos privados, foi privado;
 Porque, como por elles se regia,
 Em todos os seus vícios consentia.*

XCII

— *Não era Sancho, não, tão deshonesto
 Como Nero, que um moço recebia
 Por mulher; e depois, horrendo incesto
 Com a mãe Agrippina commettia;
 Nem tão cruel ás gentes e molesto,
 Que a cidade queimasse, onde vivia;
 Nem tão mau, como foi Heliogabalo;
 Nem como o molle rei Sardanapalo.*

XCIII

— *Nem era o povo seu tyrannisado,
 Como Sicilia foi de seus tyrannos;
 Nem tinha, como Phálaris, achado
 Genero de tormentos inhumanos.
 Mas o reino, de altivo e costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A rei não obedece, nem consente
 Que não for mais que todos excellente.*

Sousa Botelho, dizendo tanto mal dos que expurgaram, antes d'elle, o texto de erros de impressão, não acceitou, no v. 8: *mais que tudo excellente*, como lê a segunda (que tinha por primeira) de 1572! Porquê, se acreditava que fosse esta a lição de Camões?! Se o fez, como diz, por causa da medida do verso, quem lhe deu o direito de emendar o poeta?...

XCIV

— *Por esta causa, o reino governou
O conde bolonhez, depois alçado
Por rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso-o-bravo se chamou,
Depois de ter o reino segurado,
Em dilatál-o cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.*

Outras duas syllabas de character inconciliavel, no começo do v. 3. E era tão facil môdificar-lhe a pronuncia, sem offendê-lo! Bastava ler-se: *A rei*.

No v. 5, lêem differentes edições:

Este, Affonso o terceiro se chamou

A primeira que tal mudança fez foi a de 1631, seguida por todas as crasbeeckianas, e as que se reimprimiram segundo estas. José Agostinho e outros, accusam Camões de ter commettido n'este logar um erro historico, porque o cognome de *bravo* se dava ao quarto, e não ao terceiro Affonso. É possível que seja engano, facil de acontecer, e de mui pouca monta, como bem dizia já Faria e Sousa. Não era caso para os escarcéus que levantou o padre, auctor do *Oriente*.

Resta, contudo, provar-se que não foi de proposito que o poeta preferiu chamar *bravo* ao avô, em vez de o chamar ao neto. É certo que consagra a Affonso IV numerosas estancias, descrevendo a vinda da filha, rainha de Hespanha, a pedir auxilio contra os moiros; o soccorro do rei de Portugal, que acudira com o seu exercito aos campos do Salado; e, depois, todo o bello episodio de Ignez de Castro. Ao passo que, em duas oitavas unicas, diz tudo que se refere a Affonso III. Mas, em compensação pinta-nos o conquistador do Algarve, como tendo sido aquelle *que de todo fez Lusitania livre e senhora*.

Parece-me que esta circumstancia vale bem mais que se dê o titulo de *bravo* a quem tal serviço prestou, do que a que nos descreve sómente o combate dado pelo seu neto, em paiz estrangeiro, para auxiliar o genro. A batalha do Salado foi memoravel, certamente; mas quem pôde medir e pesar bem o valor d'estes dois Affonsos, sem receio de ser injusto com

algum d'elles? Em todo o caso, eu chamaria mais depressa *bravo* ao que acabou de libertar o territorio da patria, do que ao assassino de Ignez de Castro.

Com esta opinião, e tendo, de mais a mais, de alterar tão profundamente o texto, é claro que não acceito a emenda.

A respeito da interpretação dos dois ultimos versos d'esta oitava, são curiosissimos os commentarios de Faria e Sousa. Com bem magoa deixo de transcrever parte d'elles, para não avolumar tanto o meu trabalho; mas ha ali historias de comparações absurdas, que alguém lhe fez de Gongora com Camões, e de saltos de cabras, que acho engraçadissimas.

N'esses dois versos vem um hyperbaton, ou inversão da ordem natural das palavras, permittido aos poetas; mas que só deve usar-se com grande sobriedade. Ainda que se acha em alguns logares do poema, não ha todavia abuso. Se algum excesso póde notar-se nos *Lusiadas*, é o do emprego da synédoche, escrevendo-se a cada passo no singular os relativos *lhe* dos verbos, que deviam estar no plural, *lhes*; mas eu não attribuo semelhante uso a Camões, porém aos seus compositores, ou á ignorancia de quem copiou o manuscripto para a imprensa, se porventura houve tal cópia.

Os versos finaes da est. 94 devem, pois, entender-se:

*Que em terreno tão limitado, como então era o de Portugal, não cabia o peito altivo de Affonso III, por isso tratou de alargá-lo, completando a conquista dos Algarves*¹.

XCV

*— Da terra dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co' o braço; e deita fôra
O moiro, mal querido já de Marte.
Este, de todo fez livre e senhora
Lusitania, com força e bellica arte;
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.*

¹ Jeronymo Soares Barbosa, por vezes muito severo com Camões, diz, citando esta passagem, a pag. 430 (edição de 1830, da academia real das sciencias de Lisboa): «E nem em prosa, nem em verso se deve louvar a transposição, que fez Camões, *Lus.* III, 94».

XCVI

— *Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade alexandrina.
Com este o reino prospero florece,
(Alcançada já a paç aurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra, já tranquilla, claros lumes.*

O que fazia florescer o reino, e lhe augmentava a prosperidade, eram as boas constituições, as boas leis, e os bons costumes, fructos da paz, e a mais clara luz que pôde alumiar um povo. Por isso me parece que seria melhor lição *claros lumes da terra*, e não *claros lumes na terra*.

Peço votos.

XCVII

— *Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valioso officio de Minerva;
E de Helicon a musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fertil herva.
Quanto pôde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui capellas dá, tecidas de oiro,
Do baccharo, e do sempre verde loiro.*

O v. 1, para ter pausa na sexta syllaba, sacrifica a da segunda e quarta. Se o poeta lhe tivesse querido dar essas duas, diria:

Primeiro fez em Coimbra exercitar-se, etc.

Quem poderá, todavia, afirmar se foi elle que assim o deixou?!...

No v. 2, em vez de *valeroso*, como todos lêem, escrevo *valioso*, por me parecer que foi isto que disse Camões. Eu entendo, contra a opinião geralmente seguida, que cada vocabulo da lingua portugueza tem sua significação differente. Embora muitos digam, referindo-se a qualquer objecto precioso, que é de *grande valor*, eu digo de *grande valia*; e não

applico *valor* senão para designar pessoas de muito ou pouco animo, correspondendo ao sentido francez da palavra *courage*. O poeta, que foi nosso mestre em tudo, não sentiria isto que sente o mais humilde dos seus admiradores?...

A edição de 1613 escreve *Helicon*. Freire de Carvalho diz, na tabella v, que convinha ser adoptada esta emenda. Eu não a aceito, porque me parece estar bem o verso.

No v. 7 supprimo *as*, antes de *capellas*, porque julgo ser uma excrescencia, estranha ao poema.

Baccaro, ou *baccharo* é o nardo, planta graminea, amada dos poetas, que antigamente preservava de feitiços e mau olhado; hoje, como se ha de acreditar na virtude das hervas, se até ha quem duvide da de Deus?!

XCVIII

— *Nobres villas de novo edificou;*
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou,
Com edificios grandes e altos muros.
Mas depois que a dura Átropos cortou
O fio de seus dias, já maduros,
Ficou-lhe o filho, pouco obediente,
Quarto Affonso; mas forte, e excellente.

Poderia e deveria ler-se o v. 8:

Quarto Affonso; porém, forte e excellente

D'este modo, ganharia a syllaba que lhe falta.

XCIX

— *Este, sempre as soberbas castelhanas*
Com peito desprezou firme e sereno;
Porque não é das forças lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porém, quando as gentes moiritanas,
A possuir o hisperico terreno
Entraram, pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrel-a.

No v. 2 todos escrevem *co' o peito*; parece-me melhor como eu escrevo, suppondo que o *m* caíu na primeira composição do poema. E tanta rasão tenho para escrever *com*, como os que lêem *co' o*, que Camões nunca usou. As primeiras lêem *co peito*.

N'esta oitava tambem parece haver o que quer que seja. O *mas porém*, do v. 5, empregados, o primeiro como conjunção e o segundo como adverbio, foram usados pelos nossos classicos, embora hoje nos não sóem muito bem.

Affonso, que *despreçava com peito firme e sereno as soberbas castelhanas*, deve entender-se que tanto elle como seus vassallos se sentiam animados de valor sufficiente para resistir, na guerra, aos seus adversarios; que Portugal, embora pequeno, não duvidava affrontar poder maior que o seu, quando a isso fosse compellido. Não ha aqui nenhuma injuria para ninguem: pelo contrario, o *mas porém* está dizendo que os portuguezes soccorreram Castella contra os moiros. Corrêa crê que morreram 400:000 d'estes e... 20 christãos!...

C

— *Nunca com Semirâmis gente tanta
Veiu os campos hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
Gothica gente trouxe tanta; quanta
Do sarraceno, barbaro estupendo,
Co' o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos tartessios ajuntada.*

CI

— *E, vendô o rei sublime castelhano
A força inexpugnavel, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo hispano,
Já perdido uma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte lusitano,
Lhe mandava a carissima consorte:
Mulher de quem a manda, e filha amada
D'aquelle a cujo reino foi mandada.*

CII

—*Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados;
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espathados;
Diante do pae ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:*

Eis outra cacophonía, no v. 1, que tem sido notada com gaudío pelos censores de ninharias.

No v. 3, segundo tenho advertido n'outros logares, é *rosto*, em vez de *gesto*.

CIII

—*«Quantos povos a terra produziu,
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão rei de Marrocos conduziu
Para vir possuir a nobre Hespanha.
Poder tamanho junto não se viu,
Depois que o salso mar a terra banha;
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos, medo, e a mortos faz espanto.*

CIV

—*«Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra, amedrontada
Co'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da moira espada.
E, se não for contigo soccorrido,
Ver-me-has d'elle e do reino ser privada;
Viuva triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino, e sem ventura.*

No v. 7 lêem as duas primeiras:

Viuva e triste, e posta em vida escura.

Tiro a primeira conjunção *e*, por inutil. Deve suppor-se que viuvez é já natural condição de tristeza; e que a idéa ganha portanto em belleza e naturalidade.

Note-se que não tenho a estulta pretensão de emendar Camões; e menos ainda a de o *melhorar*. O meu trabalho diligencia apenas restabelecer, quanto possível, a lição que julgo mais isenta de erros typographicos. *Viuva triste*, ou *triste viuva* são quasi synonymos, que todavia tem significado differente; mas, n'este logar, aspiram a commover o pae, do qual se espera auxilio.

CV

— «*Portanto, ó rei, de quem com puro medo
O corrente Moluca se congela;
Rompe toda a tardança; acode cedo
Á miseranda gente de Castella.
Se esse gesto, que mostras claro e ledó,
De pae o verdadeiro amor assella,
Acode e corre, pae; que, se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.*»—

O corrente Mulucha, dizem muitas edições; mas as primeiras trazem *Muluca*. Escrevo como hoje se diz, e não com a affectação de quem sabe pronunciar em lingua moirisca ou arabe, de que não conheço palavra.

No v. 5 temos outro *gesto*, que significa *rosto*.

Nos v. 3 e 7 lêem todas as edições—*acude*, por *acode*.

Quem soccorras, se deveria igualmente ler no ultimo; e não *quem soccorres*, se não obrigasse a rima.

CVI

— *Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter, seu pae, favor pedia
Para Enéas, seu filho, navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, caído das mãos o raio infando,
Tudo o clemente padre lhe concede;
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.*

CVII

— *Mas já, co'os esquadroes da gente armada,
Os eborenses campos vão coalhados;
Lustra co'o sol o arneç, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaeçados;
A canora trombeta, embandeirada,
Os coraçoes, á paz acostumados,
Vae ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.*

Tendo Camões o verbo *reluzir*, para o v. 3, em vez de *lustrar*; e sendo, aqui, mais apropriado, parece-me duvidoso ser esta a lição legitima. Além dos dictionarios explicarem que *reluzir é luzir por reflexo*, perfeitamente definido para este caso, temos ainda que o verso fica perfeitissimo, com todas as pausas:

Reluç co'o sol o arneç, a lança, a espada;

Isto deve ser assim; mas, como estamos ainda no canto III, e já as notas são quasi tantas como as oitavas, não quero assustar os leitores; e peço que só se pronunciem depois de terem meditado seriamente o assumpto; e não só este, como tambem todos os mais que vou propondo.

Quanto ao v. 5, era costume antigo embandeirar as cornetas; e, n'este logar, conta Faria e Sousa que no seu tempo se pintava ou bordava n'ellas a insignia do chefe, que commandava o exercito. Gaspar Corrêa (*Lendas da India*, tomo I, pag. 96) descrevendo o desembarque de Vasco da Gama em Calcut, diz: «...e nas trombetas bandeiras de tafetá branco e vermelho com a esfera (esphera) dourada n'ellas, com seus cordões, e as trombetas limpas que reluzião como ouro...»

CVIII

— *Entre todos, no meio se sublima,
Das insignias reaes acompanhado,
O valoroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado;*

*E, sómente co'o gesto, esforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
Assim entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil, rainha d'ella.*

Deixo ir *alevantado*, no v. 4, para evitar o *collole*, que ficaria, se eu tirasse o *a*.

Em todo o poema reina tamanha confusão entre *gesto*, quando significa *rosto*; e *gesto*, quando é aceno, movimento da cabeça, mãos, ou de qualquer outra fôrma que exprima o pensamento, que eu deveria, talvez, mudar para *rosto*, sempre que encontro a palavra escripta n'esse sentido. Temo, comtudo, que me increpem por tomar demasiada licença; e absteinho-me. Já aqui não vae pouco com que me armem processo!

CIX

*— Juntos os dois Affonsos, finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte;
Emquanto não conheça e claro veja
Que co'o braço dos seus Christo peleja.*

CX

*— Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos christãos, fraco e pequeno:
As terras, como suas, repartindo
Antemão entre o exercito agareno;
Que, com titulo falso, possuindo
Está o famoso nome sarraceno;
Assim tambem, com falsa conta e nua,
Á nobre terra alheia chamam sua.*

A segunda de 1572 lê, no v. 4: *Antemão, ante o exercito agareno*. É outra prova evidente de que a de 1584 foi feita por esta, porque tambem assim traz o verso; e que, portanto, era

a segunda que então se encontrava ainda no mercado: ao passo que a que eu chamo *princeps* se tinha tornado rarissima. No v. 6 escreveu Barreto Feio *Estão* por *Está*. Atigura-se-me esta emenda mal cabida.—*Que*, n'este lugar, significa *O qual exercito agareno está possuindo com titulo falso o famoso nome sarraceno*. E ainda assim, tenho minhas dúvidas se pôde admittir-se a lição, em rigorosa grammatica; visto que no ultimo verso tornam os netos de Agar a ser o agente da oração. Seja como for, penso que houve trapalhada.

José Agostinho não quer que os agarenos possuam como falso o titulo de sarracenos; e Freire de Carvalho, sem o citar, aproveita-lhe o reparo, fazendo erudição; e escreveu *sarraceno* (que o seu admirador José da Fonseca copia), dizendo que usa assim para não fazer dizer ao poeta «uma grande needade».

A edição Juromenha, igualmente se dá por convencida com as reflexões do annotador da Rollandiana; acrescentando todavia que «já antes assim o tinha emendado Ignacio Garcez Ferreira». Logo, é falso o que affirmou Carvalho, de que todos os editores dos *Lusiadas* deixaram passar o erro (segundo elle). Sempre me quiz parecer. Mas nenhum d'elles convence, pelo menos a fracas intelligencias como a minha.

José Gomes Monteiro tambem não adoptou a emenda do seu amigo e mestre, Barreto Feio; e merece ser lida a nota em que responde ás observações de Freire de Carvalho.

CXI

—*Qual o membrudo e barbaro gigante,
Do rei Saul, com causa tão temido,
Vendo o pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido;
Com palavras soberbas, arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido;
Que, rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pôde a fé, que a força humana:*

Supprimo por desnecessario, no v. 5, o artigo *o* em *arrogante*. Depois de feita a correcção, vejo que não posso ufanarme d'ella, porque já vem na edição de 1613, primeira que a fez, e em todas as crasbeeckianas, e outras do seculo passado. Só os contemporaneos voltam a restaurar o erro!

CXII

—*D'esta arte o moiro perfido despreza
O poder dos christãos; e não entende
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrífico se rende;
Com ella o castelhano, e com destreza,
De Marrocos o rei commette e offende.
O portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.*

CXIII

—*Eis as lanças e espadas retiniam,
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam, segundo as leis que ali seguiam,
Uns: —«Mafamede!» — e os outros: —«Sanct'Iago!»
Os feridos, com grita, o céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meio mortos se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.*

As duas de 1572 trazem *bravo estrago*, no v. 2, entre virgulas; e *segundo as leis que ali seguiam*, do v. 3, entre parenthesis. Quasi todos os editores teem alterado estas fórmulas graphicas; eu sigo quasi, na pontuação d'esta passagem, o morgado de Matheus (París, 1819).

No v. 4 restituo a lição das de 1572 (menos na pontuação), a exemplo de alguns que me precederam; lição que andava adulterada desde as de 1584, 1591 e 1597, que escrevem:

Uns Mafamede e outros Sanct'Iago.

O proprio *amigo* de Camões o erra, sem dizer porquê; ao passo que a de 1609 lê bem. É nova demonstração de que em 1584 era mais facil achar exemplares da que eu chamo segunda, de 1572; embora a de 1597 tambem se esquecesse de pôr artigo em *outros*.

No v. 7 lêem todas *meios mortos*. Isto não pôde ser de quem conhecia perfeitamente a lingua; e por isso corrijo, certo de ser esta a lição do poeta.

CXIV

—*Com esforço tamanho estroe e mata
O luso ao granadil, que, em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza ou peito de aço.
De alcançar tal victoria, tão barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vae ajudar o bravo castelhano
Que pelejando está co'o moiritano.*

Todas as edições lêem *estroe*, no v. 1; e *ao bravo*, no 7. Corrijo ambos.

Não levanto mais frequentes objecções ácerca de versos duvidosos, para não tornar a minha tarefa interminavel. Por exemplo: a edição de 1613 escreveu, no v. 4: *peito d'aço*, emenda que só José da Fonseca adopta, dizendo que o faz porque «ella torna o verso mais sonoro, evitando o tom escabroso *de de* que apresenta o mesmo verso assim escripto em outras edições:

Sem lhe valer defeza ou peito de aço.»

Ser-me-iam precisos muitos volumes, se eu houvesse de registrar tudo!

CXV

—*Já se ia o sol ardente recolhendo
Para a casa de Thétis; e inclinado
Para o poente, o véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do moiro, grande e horrendo,
Foi pelos fortes reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo viu tão gran victoria.*

Da maneira por que esta estancia tem andado em todas as edições, excepto na *princeps*, parece difficil entendê-la.

Cada uma das que se seguiram a esta, foi pontuando caprichosamente. Muitas escrevem de modo que parte da oitava

diz que a batalha era ao pôr do sol, e a outra parte ao romper da manhã!

Os maiores admiradores de Camões não hesitaram em a deixar passar sem reparo. Manuel Corrêa commenta que o poeta descreve n'este logar o «tempo da tarde, com o qual se acabou a batalha, a qual se começou a hora da terça, que é as nove horas do dia».

Esta lição é optima: faltou só pôr o verso em termos que não a contradissesse.

Manuel de Faria e Sousa, segundo costuma, corre a buscar exemplos semelhantes n'outros poetas; mas não acha nenhum que atteste o phenomeno de ser manhã e tarde ao mesmo tempo: «Ya se iba el sol recogiendo para la casa de Tetis (esto es, que se ponía) i el Vespéro (que es la estrella de la tarde) estava trayendo, inclinado para el Poniente, el claro dia memorado, quando, o en que el poder barbaro fue vencido por los reyes catolicos. Quiere dezir, que el Sol iba a ponerse; i que saliendo la estrella de Venus, que comiença a verse al tiempo qui el se vâ a poner acabava de fenecer aquel feliz dia en que se ganò esta vitoria. Lo que embaraça mucho este entendimiento, es aquel, *Trayendo estava el dia*: porque parece que suena esso, que el dia venia; i lo que quiere dezir esso, es que se iba esse dia, que se acabava, por aquel termino que le traia: i es que le llevaba el Vespéro a su fin, porque dava principio al crepusculo de la tarde».

Chama-se a isto, ainda que plebeamente, metter os pés pelas mãos, e embrulhar-se nas suas proprias explicações, que frizam pelo absurdo!

Que a batalha acabou ao entardecer, dizem todos; a difficuldade está em conciliar o sentido dos versos. Ha dois modos de os fazer concordar; ou pondo: *e acabado*, em vez de *e inclinado*, no v. 2; ou: *descendo*, em vez de *traçando*, no v. 3.

*Já se ia o sol ardente recolhendo
Para a casa de Thétis; e acabado,
Para o poente o véspero traçando,
Estava o claro dia memorado:*

Ou:

*Já se ia o sol ardente recolhendo
Para a casa de Thétis; e, inclinado
Para o poente o véspero, descendo
Estava o claro dia memorado:*

Eu creio que a lição, se é differente da que traz a *princeps*, deve ser: *e acabado*. Na dúvida, deixo ir o que estava, pontuando a meu modo.

Todos lêem *Pouente*, no v. 3.

CXVI

—*Não mata a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram n'este vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Faz beber ao exercito sedento;
Nem o peno, asperissimo contrario
Do romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.*

No v. 1 lêem todas: *Não matou*, etc. Porém, esta lição erra o verso. Eu mudo-lhe o tempo do verbo, como tinha feito Camões, antes de impressa a sua obra; e nem elle nem eu offendemos a historia.

Por igual motivo, leio no v. 4 *Faz*, e não *Fez*, como todos até hoje teem dito.

Barreto Feio cria que com a mudança *não mata*, ficava lisonjeado o ouvido, á custa do entendimento (veja, n'este critico, a nota ao canto II, est. 55, v. 6, querendo sustentar uma emenda, que ninguem lhe acceitou)! Camões está narrando, e póde pôr os tempos dos verbos ora no preterito ora no presente, segundo se lhe offereça ensejo de tornear o verso com mais elegancia. Ha muitos exemplos nos *Lusiadas* em apoio da minha opinião; procure-os quem tiver pachorra. Eu limito-me a citar um, que parece feito de proposito para auctorisar a presente correccão; e só me admiro que escapasse a Barreto Feio!

A Polydoro mata o rei thréicio,

É no canto VIII, est. 97, v. 1. Todos os verbos d'essa oitava teem os tempos no presente, apesar de serem já passado, e bem passado!

Peno, no v. 5, periphraza de Annibal, que desde a infancia era inimigo do poder romano. O poeta diz aqui que o era de nascimento; porque, com effeito, já seu pae odiava Roma.

CXVII

—*E se tu tantas almas só podeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a santa cidade desfiçeste
Do povo, pertinaç no antigo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito!
Que assim dos vates foi prophetisado,
E depois por Jesus certificado.*

Barreto Feio e Biel escrevem *do Cocyto*, no v. 2, não sei porquê. Na est. 33 do canto iv se lê:

Se lá no reino escuro de Sumano,

As primeiras dizem *de* e não *do*.

O v. 5 parece-me que deveria também ler-se:

Permissão e castigo foi celeste

Attribuir vinganças ao céu, afigura-se-me improprio, e que Camões não escreveria.

CXVIII

—*Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso á lusitana terra
A se lograr da paz, com tanta gloria
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste, e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que, depois de ser morta, foi rainha.*

O v. 6 parece-me de interpretação duvidosa. O *caso*, que *do sepulchro os homens desenterra*, tratando-se de uma mulher, não sei se póde ser. O que realmente se me afigura é que em vez de *homens*, o poeta escreveu *mortos*; ou, se não querem, por se ler *morta* no v. 8 (coisa de que Camões não fazia o menor caso), leia-se *corpos*. Julgo inadmissivel que no ori-

ginal se lesse *homens*. A minha convicção é que diria *mortos*.

A edição de 1613, attribuida a Manuel Corrêa, refere todo este tristissimo successo com singular ingenuidade e singeleza; aquella obra teria ganho muito, se assim fosse toda escripta!

CXIX

— *Tu só, tu, puro amor, com força crua,*
Que os corações humanos tanto obriga,
Dêste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga!
Se dizem, fero amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
É porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano!

CXX

— *Estavas, linda Ignez, posta em socego,*
De teus annos colhendo o doce fruto,
N'aquelle engrano d'alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
No saudoso campo do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

No v. 2, o artigo *o*, em *doce*, foi introduzido pelas edições do seculo xvii. A primeira em que o vejo é a de 1663, copiada já talvez da de 1651, que não tenho presente.

Gaba-se José da Fonseca de ter sido o restaurador de *fruto* e *enxuito*, no *Parnaso Lusitano*, publicado em Paris, 1826-27. Em primeiro lugar, foi Garrett quem preparou essa publicação, pagando a Fonseca para a rever, o qual lhe estragou tudo, alterando a ordem e harmonia em que a tinha posto o auctor de *Camões*; e em segundo, se Ferreira assim escreveu na *Castro*, e n'uma *Carta a Diogo Bernardes*, que direito tinha Fonseca, se copiava fielmente a orthographia, como asseverou, para mudal-a na reimpressão?

O primeiro que n'esta oitava de Camões traz *fructo* e *enxuito*, é Freire de Carvalho; não se esquecendo de chamar «editores e commentadores ignorantissimos» aos que o tinham precedido. Mas tanta rasão tinha elle, lendo em ambas as de 1572 *fructo* e *enxuto*, para saber se a lição era do poeta, como se o era tambem o artigo *o* de *doce*, introduzido, provavelmente, pela edição de 1651, que elle tanto admirava. Porque supprime, pois, esse artigo, que falta na edição *princeps*, e escreve *fructo*, e *enxuito*, que não vem em nenhuma das primeiras?

A orthographia d'estes dois vocabulos, vista ali, demonstra que já em 1572 se escrevia *fructo* e *enxuto*, posto que tambem se usasse como os traz Carvalho.

Não só as de 1572, mas todas quantas se lhe seguiram escrevem *fructo* e *enxuto*; e apesar do meu desejo de pôr de parte todos os vocabulos antiquados, sou obrigado a admittil-os aqui, porque são rimas de *muito*.

Tambem adopto o artigo *o*, por me parecer que elle dá maior suavidade ao verso; e por ser mais natural dizer que Ignez estava *colhendo o doce fructo* de seus annos juvenis, do que, seccamente, *colhendo doce fructo*, etc.

Verso 5—*Nos saudosos campos do Mondego*

José Gomes Monteiro parece-me ter sido o unico, até agora, que corrigiu *campo*, em vez de *campos*, como todas teem escripto. Diz elle, e é verdade, que ainda hoje ao valle d'este poetico rio se dá a designação de *campo*. E cita para auctorisar-se o proprio Camões, em diferentes logares do poema. É forçoso acceitar a emenda, porque'não pôde admittir-se que *nunca enxuito* se refira a Mondego. Era o *campo*, que nunca estava *enxuto* das lagrimas da linda Ignez.

No primeiro manuscrito, achado por Faria e Sousa, parece que Camões escrevêra: *o soidoso campo*. E depois mudou para *saudosos campos*, esquecendo-se de que a substituição exigia, na rima seguinte, *enxuitos*, no plural. Aqui temos, portanto, um caso singular: faz-se a emenda, sendo, talvez, o erro do proprio poeta; e fica o verso peor do que estava!

Digo que fica peor, porque, n'este caso, dá-se tambem uma questão de esthetica:

No saudoso campo do Mondego

não é o mesmo que:

Nos saudosos campos do Mondego

Este ultimo dizer, exprime sentimento mais profundo e melancolico, mais suave e doce; o plural, tanto em *saudosos* como em *campos*, é mais da indole maviosa da nossa lingua: tem, por assim dizer, em si a dolencia de quem está só, e triste na sua solidão, a meditar sobre a ausencia da pessoa querida. O outro é secco, aspero, sem a elasticidade plangente da saudade.

Mas não é só a impropriedade ou incorrecção de se dizer que *Ignes estava posta nos campos*, como observou Gomes Monteiro; ha peor, segundo tambem já notei. Não se podendo attribuir a *Mondego* o *enxuito*, do verso seguinte, temos forçosamente de o attribuir a *campos*; e, oppondo-se a rima, que não diz *enxuitos*, é claro que rigorosamente só se deve escrever *campo*.

Muito antes de ter lido as annotações da edição Biel, tinha eu visto no *Cancioneiro* de Garcia de Rezende as *Trovas á morte de D. Ignes de Castro*. Foram os versos de Rezende que inspiraram o formoso episodio de Camões; e n'elles ha tambem *campos do Mondego*. Porém, como já notára Monteiro, usados com mais propriedade no *Cancioneiro* do que nos *Lusiadas*:

*Pelos campos do Mondego
Cavalleiros vi somar.*

Da alma, como se lê no v. 3 d'esta estancia, e *na alma*, segundo o v. 2 da seguinte, escrevo eu com apostrophe, em ambos, para evitar o hiato.

CXXI

— *Do teu principe, ali te respondiam
As lembranças, que n'alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam;
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto enfim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.*

CXXII

— *De outras bellas senhoras, e princezas,
Os desejados thálamos engeita;
Que tudo emfim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pae, siçudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria;*

CXXIII

— *Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem prêso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo accêso!
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pode sustentar o grande pêso
Do rancor moiro, fosse levantada
Contra uma fraca dama delicada?!*

Do furor moiro, no v. 7, como todas trazem, não pôde ser. É indubitavel erro do typographo. No v. 5, *furor* está perfeitamente empregado pelo mestre. Qualquer dictionario define: *Furor: agitação violenta, paixão, delirio*, etc.—Foi pois n'um impeto de taes sentimentos que o rei mandou assassinar a bella Castro. Mas aqui, não pôde ter cabimento a repetição; não porque o poeta se prendesse com o uso da mesma palavra, porém pela sua manifesta impropriedade. Se um movimento de colera exprime bem o acto de Affonso IV, não succede o mesmo, alludindo-se á guerra dos moiros contra os christãos. Essa não pôde ser explicada senão por *odio inveterado*, que é a unica definição de *rancor*. Vê-se que o compositor, se não o copista—se o houve—inconscientemente repetiu o vocabulo, quando tal repetição não existia: *A espada pode sustentar o grande pêso do rancor moiro, do odio inveterado*, e não *o grande pêso do furor*, que ficaria absurdo, em vista dos seus significados; além de attestar uma pobreza de engenho, que o poeta nunca teve.

Já disse a rasão por que escrevo *moiro*: todos entenderão que não me refiro a chim, nem a persa, deixando de dizer *mauro*. E *levantada*, em vez de *alev. antada*, quando o posso fazer, sem prejuizo do verso.

Tambem n'esta estancia, quer Faria e Sousa que o poeta imitasse os antigos. Não escapa uma!

CXXIV

— *Traziam-n'a os horrificos algozes*
Ante o rei, já movido á piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Rasões, á morte crua o persuade.
Ella, com tristes e piedosas vozes,
Saidas só da magoa e saudade
Do seu príncipe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava;

CXXV

— *Para o céu crystallino, levantando*
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos;
E depois, nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade, como mãe, temia;
Para o avô cruel assim dizia:

CXXVI

— « *Se já nas brutas feras, cuja mente*
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento;
Com pequenas creanças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram;
E co'os irmãos que Roma edificaram;

CXXVII

— «Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito;
 (Se de humano é matar uma donzella,
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencê-la!)
 A estas creancinhas tem respeito,
 Pois o não tens á morte escura d'ella;
 Mova-te a piedade, sua e minha,
 Pois te não move a culpa que eu não tinha.

Lêem todas, no v. 8:—culpa que não tinha. É evidente que o pronome *eu* deixou de ser escripto pelo amanuense, ou composto pelo typographo; aliás não se saberia quem era que não tinha culpa.

... eu não tinha, por eu não tenho ou não tive.

CXXVIII

—«E se, vencendo a moira resistencia,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia
 A quem para perdê-la não fez erro.
 Mas, se t'o assim merece esta innocencia,
 Põe-me em perpetuo e misero desterro:
 Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

— Põe-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres; e verei
 Se n'elles achar posso a piedade,
 Que entre peitos humanos não achei.
 Ali, co'o amor intrinseco e a vontade
 D'aquelle por quem morro, criarei
 Estas reliquias suas, que aqui viste,
 Que refrigerio sejam da mãe triste.» —

No v. 5 acrescento um *a* em *vontade*, por ser evidente a falta typographica.

Ambas as de 1572 lêem o v. 6: *N'aquelle por quem mouro*, etc. Outras salpicaram-n'o de vírgulas; mas todas dizem *N'aquelle*; e *mouro*. Sem a falta de espaço com que lucto, transcreveria a miude estancias inteiras, para que se ajuizasse do modo por que alguns as orthographiaram a seu sabor, por vezes sem grammatica e sem coherencia.

Não me parece que o mestre pozesse na bocca da formosa e casta Ignez versos impudentes, confessando que criaria os filhos, *com vontade no p.ae*. Esta interpretação é estúpida e falsissima. Senão, veja-se:

No desterro, com amor intimo, e com a vontade d'aquelle que eu amava mais que a vida (por quem morro), criaria estes filhos, para refrigerio da minha tristeza.

É isto o que diz a estancia; e não o que todas traziam, trocando o *D* por *N*.

Quanto ao *mouro* (verbo, e não substantivo, é claro), por *morro*, mando-o tambem para fóra do meu livro. Sei que foi classico, e que ainda hoje se lêem por gosto alguns livros, onde a gente o encontra; mas, pedindo venia á sombra respeitavel de João Franco Barreto, que ainda o traz na traducção da *Eneida*, fecho-lhe a porta.

CXXX

— *Queria perdoar-lhe o rei benigno,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaç povo, e seu destino,
Que d'esta sorte o quiç, lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito ali pregoam:
Contra uma dama, ó peitos carniceros,
Feros vos amostraes, e cavalleiros?!*

Freire de Carvalho, que amava os versos prosaicos, ainda traz *apregoam*, no v. 6.—No v. 8 escreveu Faria e Sousa, dizendo ser lição do original, e que o primeiro manuscripto lia *Feros*, quando é o contrario:

Ferozes vos mostraes, e cavalleiros.

D'aqui concluiu o morgado de Matheus (París, 1819, pag. 395), não sem alguma rasão, que Faria «fazia as mudanças a seu bel prazer». É possível, comtudo, que houvesse equivoco, grifando-se um em vez de outro.

CXXXI

— *Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a condemna,
Co'o ferro o duro Pyrrho se aparelha;
Mas ella os olhos, com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha),
Na misera mãe postos, que endoidece,
Ao duro sacrificio se offerece:*

CXXXII

*Taes contra Ignez os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sustinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que depois a fez rainha;
As espadas banhando, e as brancas flores
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos!*

CXXXIII

— *Bem podéras, ó sol, da vista d'estes
Teus raios apartar, aquelle dia;
Como da séva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da bocca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!*

A segunda, de 1572, lê no v. 7:

O nome do seu Pedro que ouvistes

E outra vez o morgado de Matheus copia da primeira, que chamava segunda, o verso correcto (para a sua de Paris, 1819), apesar de ter affirmado que não fôra Luiz de Camões *quem dictou as palavras mudadas na segunda edição* de 1572! Porque ralhou, pois, tanto, contra *os vícios atrevidos* dos editores dos *Lusíadas*, se n'esta segunda impressão até accitou emendas d'esses viciosos?!...

CXXXIV

— *Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella;
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traç perdido e a côr murchada;
Tal está morta a pallida donçella;
Seccas do rosto as rosas; e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida!*

CXXXV

— *As filhas do Mondego, a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe pozeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua, e o nome, amores.*

Verso 8— *Que lagrimas são a agua, e o nome amores.*

Assim escreve a maioria das edições, copiando as duas primeiras. Eu supprimo o artigo *a*, antes de *agua*, para evitar o hiato. A de 1613 corrigira primeiro, ainda que errando o verso; e foi seguida (sem o erro) por quasi todas as crasbeeckianas, excepto as de 1669 e 1670, sendo aquella uma das mais correctas. José da Fonseca (Paris, 1846, pag. 470), affirmo que Pedro Crasbeeck dá assim este verso:

Que lagrimas são agua, e nome amores.

As de 1613 e 1631, do citado Pedro Crasbeeck, tal não dizem. A primeira lê:

Que lagrimas são aguas, e o nome amores.

E a segunda:

Que lagrimas são agoa, e o nome amores.

Entre estas duas devem ter-se feito outras, que eu nunca vi, nem o dito José da Fonseca.—D. José Maria de Sousa Botelho, que accusa Faria e Sousa de muitas cousas que este não fez, tambem aqui lhe põe ás costas o crime da correcção; já se vê com que fundamento!

CXXXVI

*—Não correu muito tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas.
De outro Pedro cruissimo os alcança;
Que, ambos inimigos das humanas vidas,
O concerto fizeram, duro e injusto,
Que com Lépido e Antonio fez Augusto.*

Alguns editores, entre os quaes não podia ficar de fóra Freire de Carvalho, escrevem ainda, no v. 5: *Do outro Pedro*—como lê a edição *princeps*.

CXXXVII

*—Este, castigador foi rigoroso
De latrocínios, mortes e adulterios:
Fazer nos máus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando, justicoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deu
Que o vagabundo Alcides ou Theseu.*

CXXXVIII

—Do justo e duro Pedro nasce o brando
 (Vêde da natureza o desconcerto!)
 Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
 Que todo o reino pôz em muito aperto;
 Que, vindo o castelhano devastando
 As terras sem defeza, esteve perto
 De destruir-se o reino totalmente:
 Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

—Ou foi castigo claro do peccado
 De tirar Leonor a seu marido,
 E casar-se com ella, de enlevado
 N'um falso parecer mal entendido;
 Ou foi que o coração, sujeito e dado
 Ao vicio vil, de quem se viu rendido,
 Molle se fez e fraco; e bem parece
 Que um baixo amor os fortes enfraquece.

CXL

—Do peccado tiveram sempre a pena
 Muitos, que Deus o quiz e permittiu:
 Os que foram roubar a bella Helena;
 E com Apio tambem Tarquinio o viu;
 Pois por quem David santo se condemna?
 Ou quem a tribu illustre destruiu
 De Benjamin? Bem claro nol-o ensina,
 Por Sara, Pharaó; Sichem, por Dina.

Escrevo *a tribu*, no v. 6, afastando-me das primeiras e de todas quantas lêem: *o tribu*, que não sei se seria masculino, ao tempo em que o poeta creava a sua obra. A edição de 1613 também lê: «Os moradores de Guiba *do Tribu* de Benjamin foram mortos, e a terra assolada, por forçarem hũa mulher *do Tribu*», etc.

CXLI

—*E pois, se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece,
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.
Tu tambem, peno prospero, o sentiste,
Depois que a moça vil na Apulia viste.*

Todos escrevem no v. 7, *Peno*, com letra maiuscula; eu, não; porque, embora esteja aqui como periphrasis de Annibal, quer significar *africano* ou *carthaginez*, que hoje escrevemos com letra pequena.

Verso 8—*Depois que hũa moça vil na Apulia viste.*

Lê a edição *princeps*. A emenda, que faço, é da edição de 1597 e não da de Pedro Crasbeeck, segundo julgou José da Fonseca. A maioria dos editores copia as primeiras; outros, lêm, como Biel:

Depois que uma moça vil na Apulia viste,

o que não pôde admittir-se, por dar doze syllabas ao verso.

CXLIH

—*Mas quem pôde livrar-se por ventura
Dos laços, que amor arma brandamente,
Entre as rosas, e a neve humana pura,
O oiro, e o alabastro transparente?!
Quem, de uma peregrina formosura?
De um vulto de Medusa, propriamente?
Que o coração converte, que tem prêso,
Em pedra, não; mas em desejo accêso?!*

A edição Biel põe no v. 2 o artigo *o*, antes de *amor*, que o prejudica.

CXLIII

—*Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando;
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiencia;
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.*

FIM DO CANTO TERCEIRO



OS LUSIADAS



CANTO QUARTO

I

— *Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traç a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento;
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento:
Assim no reino forte aconteceu,
Depois que o rei Fernando falleceu.*

No v. 6 lêem ainda *ao pensamento* as aliás correctas edições de Barreto Feio e de Biel, e outras modernas. Vejo porém com pasmo a emenda adoptada por Freire de Carvalho, e pelo seu *fides achates* José da Fonseca! Comtudo, um e outro se enganaram: a correcção não é da de 1651, como ambos suppozeram; mas da de 1644.

Foram os editores do seculo xvii que prestaram maiores serviços a Camões, corrigindo numerosos erros typographicos ou de cópia, que vinham nas edições anteriores. Camões, segundo se vê das suas *Rimas*, sobretudo d'aquellas que se reconhece estarem puras de invasões barbaras, foi um poeta suavissimo. Em milhares de estancias dos *Lusiadas* se prova isto igualmente. Não só no manuscrito, que pôde ter sido pouco intelligivel, como na censura e na typographia deve este poema ter passado por transformações estupendas. O leitor, estranho a trabalhos de imprensa, pôde admirar-se de que a cada momento eu esteja a attribuir a erros typographicos

os que vou achando. Se me fosse permitido explicar-lhe as cousas que me teem succedido a mim proprio, talvez que o convencesse sem esforço. Referirei um só factó, para se fazer idéa dos tormentos por que passa um pobre auctor, para imprimir a sua obra.

Publicando, em certo estabelecimento de Lisboa, um dos meus humildes romances, corrigi *cinco vezes* um appellido, que tinha de escrever em abreviatura, por ser cópia; e nunca foi possível que o typographo o compozesse como devia. Ao cabo das mais laboriosas tentativas, e achando-me sempre com o erro á vista, perdi a paciencia, e qualifiquei com a maior severidade tamanha falta de attenção. Diante da minha colera, caíu a difficuldade, compondo-se então direito... na errata! Eram apenas quatro letras, que eu, já azedissimo, escrevia mais que garrafalmente, de tamanhos enormes; e que o typographo compunha com a mais fria indifferença, a pensar n'outra cousa.

Imagine-se o que seria, em 1572, imprimir-se um poema, com 1:102 oitavas ou 8:816 versos!

II

—*Porque se muito os nossos desejaram
Quem os damnos e offensas vá vingando
N'aquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Depois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne, sempre illustre, levantando
Por rei, como de Pedro unico herdeiro;
(Ainda que bastardo) verdadeiro.*

No v. 5 escreveria talvez o poeta: *poucos tempos*. Assim ficava elle certo.

No primeiro manuscripto de Faria e Sousa, Camões teria dito, no v. 7:

Que este só era então do reino herdeiro

Seria semelhante verso destinado a substituir o que vemos no texto? Ou o desprezado, que aquelle substituiu? Se com effeito elles são de Camões, inclino-me a crer que os compozesse depois do poema impresso, para corrigir os já publicados.

III

— *Ser isto ordenação dos céus divina*
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Évora a voz de uma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou;
E, como cousa enfim que o céu destina,
No berço, o corpo e a voz alevantou:
 — «Portugal! Portugal!» — *alçando a mão,*
 Disse: — «Pelo rei novo, Dom João!» —

IV

— *Alteradas então do reino as gentes*
Co' o odio, que occupado os peitos tinha:
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adúltero conde e da rainha,
Com quem sua incontinencia deshonestá
Mais, depois de viuva, manifesta.

Barreto Feio, na edição de Hamburgo, lê, no v. 7, *Com que*, em lugar de *Com quem*.

V

— *Mas elle enfim, com causa deshonorado,*
Diante d'ella, a ferro frio morre;
De outros muitos na morte acompanhado,
Que tudo o fogo erguido queima e corre.
Quem, como Astyanax, precipitado,
Sem lhe valerem ordens, de alta torre;
A quem ordens, nem aras tem respeito;
Quem nú por ruas, e em pedaços feito.

Infelizmente, já não sou eu só que acredito na mutilação dos *Lusiadas*! Digo «infelizmente», porque antes queria tomar como aberração do meu espirito, que exigisse perfeição ab-

soluta, incompatível com o poder limitado do engenho humano, do que adquirir certeza de não me haver enganado.

Relendo, no *Ensaio biographico-critico*, de José Maria da Costa e Silva, o artigo relativo a Luiz de Camões (tom. III, pag. 106 e seguintes), que desde annos não via, encontro o que vae ver-se:

«... basta dizer, que aquelle monumento immortal da gloria lusitana, só poude entrar no prélo, depois de desfigurado, e estropiado por esses barbaros (os censores).

«Lendo attentamente o poema, vejo a cada passo evidentes provas d'estes estragos da censura nas lacunas, que se offerecem, em algumas estancias mal torneadas, em algumas idéas desconnexas, e absurdas, que de certo não podiam ter saído da cabeça do poeta, mas que foi obrigado a acceitar dos censores para que lhe concedessem a licença.

«... Mas o que, quanto a mim, prova do modo mais saliente, que nos *Lusiadas* houve mutilações consideraveis é o seguinte:

«Termina o canto terceiro com quatro oitavas, em que defende el-rei D. Fernando de haver tirado D. Leonor a seu marido, para casar-se com ella, sendo elle vivo, com grave, e justo escandalo de seus vassallos, e entrando depois no quarto canto, principia assim: (seguem as quatro primeiras estancias do canto quarto).

«Quem nunca tiver lido os *Lusiadas*, e abrindo o livro ao acaso encontrar estes versos, força é que se persuada, que elles teem referencia a logares anteriores, d'onde conste quem é este conde adultero, porque se lhe dá este epitheto, e quem é a rainha, que manifesta mais a sua incontinencia depois de viuva, e porque d'essa deshonestidade resultavam tantos estragos, e tantas mortes; porém, se desandar com a leitura para os cantos precedentes, ficará attonito por não deparar cousa alguma, que a estas se refira, e não poderá conceber como tão grande poeta poude cair em tão grave falta, muito mais não havendo em todo o poema cousa semelhante! Não mostra isto que no manuscripto do poeta o canto terceiro não acabava, como está, mas com um quadro do reinado d'el-rei D. Fernando, em que se referia, como sua esposa o atraiçooou com o conde João Fernandes Andeiro, como estes amores, conhecidos de todos, escandalisaram a todos, e tornando-se mais evidentes depois da morte d'el-rei, produziram o furor do povo, o odio dos fidalgos, que invejavam a fortuna, e valimento do

conde, a sua morte, e as desordens, que se seguiram? E que os censores achando esta pintura demasiado livre, a cortaram, e que Camões foi por elles obrigado a substituil-a por um logar commum sobre o poder do amor. Esta observação, que me não consta que ainda se tenha feito, se tornaria evidencia, se apparecesse alguma cópia do manuscripto primordial de Camões. Talvez que na cópia dos primeiros seis cantos, que Faria e Sousa achou em Madrid *fosse esta uma das cousas, que elle nos informa que estando ali, se não encontram no poema impresso, e que não a restituísse com receio da censura.*»

Costa e Silva, comquanto não fosse um crítico de extraordinario alcance, sabia comtudo ver, e discorria judiciosamente sobre todos os assumptos que cabiam na sua esphera intellectual. N'este caso, conformo-me absolutamente com a sua opinião; e sublinhei de proposito as observações finaes, porque respondem perfeitamente ao que na edição Biel escreveu depois José Gomes Monteiro, ácerca da supposta integridade dos seis primeiros cantos. Sinto, por todos os motivos, que este meu honrado e benevolo amigo fallecesse: a elle, principalmente, desejava eu submetter as minhas dúvidas, a respeito dos citados manuscriptos.

Acho irrespondivel o argumento de Costa e Silva, ácerca das lacunas acima referidas. Creio firmemente que a censura mutilou esta obra prima, segundo já tenho advertido e continuarei a ir notando, não só n'este como n'outros logares.

E acredito tambem que Faria e Sousa não ousasse apontar todas as differenças que havia no dito manuscripto, por medo da inquisição; mas se porventura me engano, é porque então esse papel não conteria mais que parte da cópia do poema já impresso, como nos diz o proprio Faria e Sousa em o numero 16 da primeira Vida do poeta (columna 37 e 38), e nas lições varias (col. 647 do ultimo tomo), á qual se teriam juntado as estancias omittidas, e as respectivas variantes, extraídas de qualquer outro codice, por algum amator curioso, que por circumstancias de nós ignoradas deixou de copiar o resto do livro.

Salta aos olhos,—e só custa a crer, como já se disse na *Introducção*, que esta reflexão escapasse a tantos criticos atiladissimos,—que nenhum ladrão teria a parvoíce de se denunciar a si mesmo, escrevendo sobre o proprio roubo: *estes seis cantos se furtaram a Luiz de Camões da obra que tem*

começado sobre o descobrimento e conquista da India por os portuguezes, etc. (veja Introdução, pag. 54).

Com que intenção se escreveu a falsa declaração de se terem *furtado*, impossivel é saber-se; mas que houve para isso um fim, talvez de illudir alguém, na persuasão de tornar esse manuscripto valioso para a venda, parece indubitavel. Os velhacos, não são de hoje nem de hontem.

Terminemos, porém, tão extensa nota: são evidentes as alterações que padeceram os quatro versos da presente estancia. Diligenciei pontuál-os de modo que fiquem mais intelligiveis.

José da Fonseca emenda:

A quem ordens, nem aras, dão respeito;

A correção não pôde ser senão *tem*, por troca de uma letra; dado que este logar seja todo de Camões; o que não pôde affirmar quem, como eu, estiver convencido da mutilação do texto.

Todos os editores dizem:

A quem ordens, nem aras, nem respeito,

Depois de escripta a nota, vejo na edição Juromenha lembrada a correção *tem*; mas do modo por que a escreve, não se pôde acceptar o verso:

Por quem a ordens nem aras tem respeito,

Põe-lhe uma syllaba a mais.

VI

*— Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes que Roma viu,
Feitas do feroz Mário, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugiu.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira d'ella.*

VII

—*Beatriç era a filha, que casada
Co'o castelhano está, que o reino pede;
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lh'o concede.
Com esta voz, Castella levantada,
Diçendo que esta filha ao pae succede,
Suas forças ajunta, para as guerras,
De varias regiões e varias terras.*

VIII

—*Véem de toda a provincia, que de um Brigo
(Se foi), já teve o nome derivado;
Das terras, que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e moiro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos leonezes, cuja gente
Co'os moiros foi nas armas excellente.*

No v. 2, escrevem todos entre parenthesis (*Se foi*). Para clareza e intelligencia grammatical, parece-me que deveria dizer-se: (*Se o foi*), como penso que o poeta escreveria.

IX

—*Os vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se juntavam
Da cabeça de toda a Andaluçia,
Que do Guadalquivir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os tyrios habitavam;
Traçando, por insígnias verdadeiras,
As herculeas columnas nas bandeiras.*

A edição *princeps*, e grande numero das que a teem seguido, lêem no v. 3: *toda Andaluçia*. Reconheço o pessimo effeito dos tres *aa* reunidos, que formam o hyato; comtudo, parece-me indispensavel o artigo, já adoptado pela edição Biel.

X

—*Tambem véem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vae, suave e ledô,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Ó sordidos gallegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes,
Aquelles cujos golpes já provastes.*

Não diria o v. 1, primitivamente:

Vinham tambem do reino de Toledo?

XI

—*Tambem movem da guerra as negras furias
A gente biscainha, que carece
De polidas rasões; e que as injurias
Muíto mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscoa, e a das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou d'elle os soberbos moradores
Para ajudar na guerra a seus senhores.*

No v. 5 lêem todas: *e das Asturias*. É evidente a falta do artigo *a*, que restabeleço.

As de 1572 lêem, no v. 7, *matadores*, por *moradores*.

Faria e Sousa, segundo o seu séstro de querer provar com a auctoridade dos poetas antigos, quantos erros os typographos (ou quem quer que fosse) pozeram ás costas de Camões, pretende demonstrar aqui, apoiado em Silio Italico, a rasão por que o nosso chamou *matadores* aos asturianos. Mas, logo adiante, diz-nos: «En el original antiguo, que llegó tã tarde a mis manos, está *moradores* en vez de *matadores*: i essa tengo por verdadera lecion, assi por ser estilo del P. etc.»

De modo que a passagem de Silio Italico fica reduzida ao valor do maior numero das suas citações, a similhante proposito! O que elle qualifica de «original antiguo» é o primeiro manuscrito, ao qual a edição de 1644 (e não a de Hamburgo,

como affirmou Juromenha), foi buscar a correccão *moradores*, que muitas outras depois teem seguido.

Todavia, se n'esse original antigo vinha *moradores*, porque affirmou Gomes Monteiro, que, cotejado por Faria e Sousa o texto impresso com o referido manuscrito, não ha discrepância alguma? Em primeiro logar, para que a asserção de Faria merecesse confiança absoluta, conviria que tal manuscrito apparecesse; e nunca mais se fallou d'elle, depois da morte do commentador; e, em segundo, o proprio auctor do commento, que citou as differenças de texto, asseverando que eram melhores, não quiz adoptá-las. Ao passo que faz outras, espontaneamente!

É portanto escusado andarmos a querer illudir-nos uns aos outros: *texto, indubitavelmente puro, dos Lusíadas, desde o principio ao fim*, NÃO EXISTE. Cada editor tem concorrido, mais ou menos, para melhorá-lo, indo buscar ao primeiro manuscrito correccões, que não sabemos de quem são, embora confessemos que muitas d'ellas são excellentes; ou fazendo-as, por sua propria conta, na persuasão de que corrige erros e ás vezes despropósitos, que nem uns nem outros são do poeta. Todos teem prestado serviços á memoria de Camões; ainda que alguns não sejam dignos de grande sympathia.

Freire de Carvalho, continúa a ler *matadores*; emquanto que outros modernos, apesar de copistas ferrenhos das edições de 1572, trazem todos a emenda.

XII

—*Joanne, a quem do peito o esforço crece,*
Como a Samsão hebreu, o da guedelha;
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha.
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças;
Que sempre houve entre muitos differenças.

Verso 2—*Como a Sansam Hebreo da guedelha;*

Lêem todas as edições, excepto as de Barreto Feio e Biel, que escrevem *Hebreio*, no intuito de melhorar o verso, que

está errado. Não julgo preciso semelhante esforço graphico. Parece mais natural que o poeta designasse qual era o Sam-são a que se referia, por haver outros muitos do mesmo nome; e dissesse: *o da guedelha*. Ponho portanto uma virgula adiante de *hebreu*, e o artigo *o*, sem necessidade de maiores artificios; e crente em que assim escreveu Camões.

XIII

—*Não falta com rasões quem desconcerte
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade.
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade;
Negam o rei e a patria; e, se convem,
Negarão, como Pedro, o Deus que tem.*

XIV

—*Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nun'Alyares; mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:*

XV

—*«Como! Da gente illustre portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como! d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes, na guerra, em toda a parte,
Ha de sair quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De portuguez?! E, por nenhum respeito,
O proprio reino queira ver sujeito?!*

XVI

— «*Como! Não sois vós inda os descendentes
D'aquelles que, debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Venceram esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Pozeram em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxeram
Prêsos, afóra a prêsa que tiveram!*

Barreto Feio corrigiu o v. 4, que lia: *Vencestes*, etc. Freire de Carvalho adoptou a emenda, dizendo que a grammatica padecia *a mais barbara tortura!* Em apoio do seu dito, cita a traducção castelhana de Henrique Garcez. «Eguai correcção —acrescenta— encontrâmos feita em todas as mais traducções dos *Lusiadas* para outras linguas, que temos podido consultar: sómente escapou ella aos nossos sabichões e eruditaços! Já é cegueira, ou teimosa prevenção a favor das primeiras edições!»

Tem graça! Queria que tambem se traduzissem os erros de grammatica?

A citação de traducções, para provar que estas são mais correctas que o original, é unica. Veja-se a minha nota aos dois ultimos versos da est. 62, canto VIII, onde me lembro que elle volta a apoiar-se em versões, para nos ensinar como deve corrigir-se o texto dos *Lusiadas*.

José da Fonseca diz que, visto quasi todas trazerem a asneira (*vencestes* por *venceram*), não ousa corrigil-a. Ambos impagaveis!

XVII

— «*Com quem foram contínuo sopeados
Estes, de quem o estaes agora vós,
Por Diniç e seu filho sublimados,
Se não co'os vossos fortes paes e avós?
Pois se, com seus descuidos ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assim vos poç,*
*Torne-vos vossas forças o rei novo;
Se é certo que co'o rei se muda o povo.*

Todas as edições lêem *contino*, no v. 1.

XVIII

— «Rei tendes tal que, se o valor tiverdes
 Igual ao rei que agora levantastes,
 Desbaratareis tudo o que quiçerdes,
 Quanto mais a quem já desbaratastes.
 E se com isto enfim vos não moverdes
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atae as mãos ao vosso vão receio;
 Que eu só resistirei ao jugo alheio!

XIX

— «Eu só, com meus vassallos, e com esta;» —
 E, dizendo isto, arranca meia espada:
 — «Defenderei da força dura e infesta
 A terra, nunca de outrem subjugada!
 Em virtude do rei, da patria mesta,
 Da lealdade, já por vós negada;
 Vencerei não só estes adversarios,
 Mas quantos ao meu rei forem contrarios!» —

XX

— Bem como entre os mancebos, recolhidos
 Em Camúcio, reliquias sós de Cannas;
 Já para se entregar, quasi movidos,
 Á fortuna das forças africanas;
 Cornelio moço os faz que, compellidos
 Da sua espada, jurem que as romanas
 Armas não deixarão, emquanto a vida
 Os não deixar, ou n'ellas fôr perdida:

Verso 4— Á fortuna das gentes africanas;

Escreveu Freire de Carvalho, e os que o copiaram. Não sei onde elle foi buscar isto, porque *forças* lêem ambas as de 1572. Por aqui, dir-se-ia que não fez a sua tão decantada edição á vista das primeiras; e que se serviria de qualquer exem-

plar que reproduzisse os erros d'ellas, visto que tambem na sua os repete. Se as tivesse presentes, deveria ter escripto, no segundo verso d'esta oitava, *Camisio*, em vez de *Camisio*.

O v. 5 ficaria, talvez, melhor, lendo-se:

Cornelio moço fãz que, compellidos

Pelo menos, obedecia a uma syntaxe mais rigorosa.

Commentando esta estancia, nós diz Faria e Sousa que, em vez d'ella se lia no que chama primeiro original est'outra:

*Qual o mancebo claro no romano
Senado, os grandes medos aquebranta
Do grão carthaginez, que soberano
Os cutellos lhe tinha na garganta,
Quando ganhando o nome de Africano
A resistir-lhe foi com furia tanta,
Que a patria duvidosa libertou,
O que Fabio invejoso não cuidou.*

Parece indubitavelmente poesia de Camões; porque nunca nenhum dos nossos poetas, d'aquelle seculo aureo da litteratura, subiu tanto. Assim fossem muitas outras, das omittidas, que eu tenho grandissima dúvida de acceitar como suas!

XXI

— *D'esta arte, a gente fôrça e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as ultimas rasões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhes tinha os corações;
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando á bocca aberta:
— «Viva o famoso rei, que nos liberta!» —*

Para dar a esta oitava razoavel concordancia, deveria ler-se:

*D'esta arte, a gente fôrça e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as ultimas rasões,
Removeu o temor frio, importuno,
Que gelados lhes tinha os corações;*

*Nos animaes cavalga de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vae correndo e gritando á bocca aberta:
« Viva o famoso rei que nos liberta. »*

Se isto não é assim, deveria ler-se, no v. 1: *as gentes*, etc., se no 2 pudesse também dizer-se: *com lhe ouvirem*; e no 4, para harmonisar: *gelados lhes*, como eu escrevo. O *lhes* falta em todas, até á de' 1644. E também me parece que o v. 3 lia, no original, *Removeu*. O v. 1 da estancia seguinte diz *gentes populares*; parece pois que também assim devia ler o v. 1 d'esta. Em tal caso, seria indispensavel mexer no v. 2. O que tudo isto demonstra é que o poeta ía transformando a lingua á medida que o seu poema avançava, mas que não chegou a dar-lhe a ultima lima, por motivos que jamais serão sabidos.

XXII

— *Das gentes populares, uns approvam
A guerra com que a patria se sustinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam; peitos provam;
Arma-se cada um, como cowinha;
Outros fazem vestidos de mil côres,
Com letras e tenções de seus amores.*

Parece que no v. 3 deveria ler-se:

Estes, as armas limpam e renovam,

visto que no primeiro se disse já *uns*, e no 7 se lê *outros*.

Afigura-se-me que n'este logar houve igualmente córte ou supressão de algumas estancias pela censura, ou por qualquer outra causa que ignorâmos; o certo é que estas tres, 21, 22 e 23, não ligam com a naturalidade do costume. E também entre as omittidas, ou desprezadas, do manuscrito de Faria e Sousa, se todas são de Camões, não encontro nada que me esclareça a este respeito, salvo a que Faria affirma que estava primeiro no logar da 21, e que nada adianta.

XXIII

— *Com toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sáe da fresca Abrantes;
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.*

XXIV

— *Dom Nun'Alvares, digo, verdadeiro
Açoite de soberbos castelhanos,
Como já o fero hunno o foi primeiro
Para francezes, para italianos.
Outro, tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandál-os e regel-os:
Mem Rodrigues, se diç, de Vasconcellos.*

A segunda, de 1572, lê no v. 3, *forte*, por *fero*. A *princeps* escreveu a lição que eu sigo. Mas o verso é froixo em ambas; e talvez que Camões tivesse dito *feroz*, e não *fero*.

XXV

— *E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que depois foi de Abranches nobre conde;
Das gentes vae regendo a séstra mão.
Logo na retaguarda, não se esconde
Das quinás e castellos o pendão,
Com Joanne, rei forte em toda a parte,
Que escurecendo o preço vae de Marte.*

Tambem os primeiros quatro versos d'esta me parecem adulterados.

A edição Biel introduz o artigo *a* no v. 7, onde era indispensavel. Todas as outras lêem *em toda parte*.

Camões diz, por equívoco, que Antão Vasques de Almada fôra depois conde de Abranches, quando só o sobrinho, D. Alvaro Vaz de Almada, teve esse titulo.

XXVI

—*Estavam pelos muros temerosas,
E de um álgido medo quasi frias,
Rezando, as mães, irmãs, filhas e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima as recebem;
E todos grande dívida concebem.*

Verso 2—*E de um alegre medo quasi frias,*

Lêem todas as edições. De *álgido*, fez o compositor ou o copista *alegre*, que é o opposto de quem está com medo.

Por mais que Faria e Sousa e Barreto Feio se cansem, para sustentar o *alegre medo*, não posso acceitar semelhante lição. Na est. 29 voltarei a este assumpto.

Verso 3—*Rezando as mães, irmãs, damas, e esposas,*

Tambem dizem todos. Faria e Sousa quer que fosse de proposito que o poeta escreveu *damas*, porque no exercito havia uma ala chamada dos namorados! Evidente, para todos que saibam ler, e raciocinem um pouco, é que n'este logar só cabe a palavra *filhas*. Porque havia o poeta de introduzir *damas*, excluindo as *filhas*, as que de entre todas tinham mais rasão para temer a orphandade? Parece-me inconcebível absurdo; e não digo mais nada em defeza da minha correccão.

No v. 7 lêem todas: *os recebem*, em vez de *as recebem*. Trata-se de *esquadras bellicosas*.

Não julgo menos erro, no v. 8: *E todas*. A lição legitima deve ser: *E todos*, porque se allude aos dois exercitos. Como é facil succeder, o *a*, de *todas*, que estava no v. 7, em *as*, desceu; e o *o*, que se achava no v. 8, em *todos*, subiu; e assim

ficaram as duas incorrecções, que ninguem se lembrou nunca de emendar, pondo-as a cargo do poeta, que já não podia agradecer tanta... solicitude.

XXVII

— *Respondem as trombetas mensageiras,
Pifanos sibilantes e tambores;
Alferezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas côres.
Era no sêcco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astréa o sol, no mez de agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.*

Atambores, lê o v. 2, em todas. Os *alferezes* atacam-me os nervos; mas não me atrevo a arrostar com elles, substituindo-os por:

Os alferes volteam as bandeiras

XXVIII

— *Deu signal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o o monte Artábrego; e o Guadiana
Atraç tornou as ondas, de medroso;
Ouviu-o o Douro e a terra transtagana;
Correu ao mar o Tejo, duvidoso;
E as mães, que o som terrivel escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.*

Todas as edições escrevem, no v. 3: *Guadiana*, sem o artigo o. Restituo esse artigo, por não haver rasão que lhe justifique a ausencia, subsistindo em monte *Artábrego*, *Douro*, *terra transtagana*, *Tejo*, etc.

Como sempre, supprimo *terribil*, no v. 7, apesar dos que teem seguido essa lição crêrem que ella dá mais energia. Não me parece que assim seja. Quanto ao *escutaram*, bem me bastou acceitar, no episodio de Ignez de Castro, *fruito* e *enxuito*, porque eram rimas, comquanto não vinham nas de 1572.

José Agostinho de Macedo, nas reflexões sobre o episodio do Adamastor, afirma ser esta oitava roubada ao Ariosto. Se assim fosse, dava-se o caso de applicar o ditado: *Ladrão, que furta a ladrão*, etc., segundo dizem os que comparam o canto x do *Orlando furioso*, desde a oitava 20 até á 34, com as *Heroïdes*, de Ovidio, epistola x.

A idéa pôde ser a mesma; porém, de uma imitação a um roubo, a differença é enorme. Para mim, grande é tambem a superioridade do poeta portuguez sobre o italiano, como poderá certificar-se quem estiver desapaixonado, comparando a estancia dos *Lusiadas* com a 101, canto xxvii, do *Orlando*, que diz:

*Tremò Parigi, e torbidossi (il?) Senna
All'alta voce, a quello orribil grido;
Ribombò il suon fin alla selva Ardenna
Si, che lasciar tutte le fere il nido.
Udiron l'Alpi e il monte di Gebenna,
Di Blaja e d'Arli e di Roano il lido;
Rodano e Sonna udì, Garonna e il Reno:
Si strinsero le madri i figli al seno¹.*

Vêja o commentario de Faria e Sousa a este logar.

XXIX

— *Quantos rostos ali se vêem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes, o temor
É maior muitas vezes que o perigo;
E se o não é, parece-o: que o furor
De offender ou vencer o duro inimigo,
Faç não sentir, que é perda grande e rara
Dos membros corporaes, da vida cara.*

Barreto Feio mudou:

*Que nos perigos grandes o temor
É menor muitas vezes que o perigo:*

¹ Sigo a orthographia da edição de Paris, 1836, Baudry, Publicata secondo l'edizione del 1833, Da A. Buttura.

Mas elle proprio me não parece bem convencido da sua emenda, porque gasta tres paginas, de typo miudo, tentando convencer os leitores. E, cousa singular! Metade das suas reflexões persuadem a acreditar-se o contrario!

De feito, a passagem não prima pela clareza. Para mim, até ao quinto verso, é evidente a sentença de *maior*, e não *menor*. Este mesmo commentador o confirma, dizendo que o medo: «apenas se apodera do coração do homem, de tal sorte lhe offusca o entendimento e escandece a imaginação, que sempre lhe antolha muito maior, mais certo, e mais eminente o mal que teme.»

Perfeitamente raciocinado, comquanto sejam falsas as conseqüencias que tira: «Por isso não tem logar o dizer-se, por modo de excepção, como aqui faz o poeta,

*Que nos perigos grandes o temor
É maior muitas vezes que o perigo.»*

Confesso que não entro bem na sua maneira de raciocinar; e por isso volto ao meu pão, pão; queijo, queijo.

Na estancia antecedente, dá tudo signaes de grande terror, ouvindo soar a trombeta castelhana: os montes, as terras, os rios, e as mães, que apertam, transidas de susto, os filhinhos aos peitos. Vimos, ainda mais atraz, na est. 26, que:

*Estavam pelos muros temerosas,
E de um álgido medo quasi frias*

as mulheres. Não ha medos *alegres*, como tentam explicar alguns commentadores; e corriji, sem hesitação, o *alegre*. *Álgido*, definem os dictionarios por: *caracterisação de todas as doenças que dão uma sensação de frio glacial*. Ora, nada ha mais glacial que o medo. E se as mulheres estavam temerosas e quasi frias, sentindo-o, é porque realmente *o temor, se o não era, parecia maior que o perigo*¹.

¹ Não faltam nos proprios *Lusiadas* exemplos de *frio medo*: e o primeiro que agora me occorre, é o da est. 89, d'este mesmo canto, v. 7:

A desesferação, e frio medo

Mas ha muitas. Francisco Evaristo Leoni, no seu *Camões e os Lusiadas* (pag. 230 e 231), depois de louvar, como merecc, o soberbo retrato do condestavel, que

Vamos, pois, bem, como já disse, até ao verso quinto d'esta est. 29; mas, ahí, muda tudo inteiramente :

..... *que o furor*
De offender ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporaes, da vida cara.

A oitava encerra, inquestionavelmente, duas sentenças distintas. Uma: *que o temor é maior muitas vezes que o perigo*; e outra: *que o furor de offender o duro imigo, faz que não se olhe ao risco que se corre de perder também algum membro, ou a propria vida*. Se a alguém parecer que ellas se contradizem entre si, peça contas d'isso á inquisição, ou a quem quer que impediu o poeta de afinar o seu poema, no acto de o mandar para a imprensa. Das reflexões de Barreto Feio, nada concluo; só vejo que elle diz que não achou *nem sombra de*

compara ao Ajax Oileo, de Homero, cáe repentinamente n'um contrasenso. Acha novidade na expressão *alegre medo* «que pinta com tanta propriedade o estado do animo das damas, que justamente se alvoroça na esperança da victoria e liberdade dos que lhes são conjunctos, e no temor de os ver perecer pelo ferro dos aggressores». Ellas deviam ter muitas *esperanças de victoria*, vendo tão numerosos inimigos para tão poucos defensores; e, portanto, o tal *alegre medo*. Como um erro typographico tem força para fazer disparatar tanta gente sisuda!

Leoni escreveu, n'esta mesma pagina, que os versos de Camões são imitações de Virgilio: *Deu signal a trombeta castelhana, horrendo, fero, ingente, e temeroso*. —Vejam se isto tem semelhança: *bello dat signum rauca cruentum buccina* (*Eneidos*. Liv. xi, v. 474-75).

João Franco Barreto, traduziu:

A rouca tuba deu signal sangrento.

Odorico Mendes:

Roncam bozinas o cruento alarma.

Porque Virgilio assim escreveu, nenhum outro poeta pôde dizer que *deu signal a trombeta castelhana*, sob pena de que todos os malsins da crítica gritem: «é cópia!» Os cabos de guerra, os militares, os que fazem as chronicas das batalhas, podem repetir a phrase, que ninguem os accusará; mas, tomem sentido! não digam a cousa em verso!

A segunda citação também nada tem de verdadeira, a não ser n'este unico verso: *Et trepidæ matres pressère ad pectora natos* (*Eneidos*. Liv. vii, v. 518).

As imagens do poeta portuguez não são nem menos bellas, nem menos felizmente expressadas, nas passagens que cito, do que as de Virgilio. Comquanto aquelle tivesse a prioridade, o nosso, apropriando-se do pensamento, não lhe diminuiu a força e a belleza.

medo, onde eu vi medo em tudo. A organização militar e severa, a disciplina, e, sobretudo, o exemplo do Mestre de Aviz e de D. Nun' Alvares Pereira tiveram poder sobre os portuguezes, para que não fugissem, vendo-se tão poucos contra tantos. E o caso não era, realmente, ali, para menos! Se o condestavel e o rei não acudissem a todos os pontos da batalha, fazendo sentir áquelle punhado de heroes que não tinham outra esperança, senão vencer, ou morrer com gloria — *una salus victis nullam sperare salutem* — ninguem teria mão n'elles. Ainda na est. 39 se prova se tinham ou não *frio medo*, quando, depois de ouvirem a falla de D. João, se sentiram *accêsos de uma nobre vergonha*, que os chamou de novo ao dever, como assevera o poeta!

As edições de 1651, e outras que se lhe seguiram, escrevem o quinto verso:

E se o não é, parece que o furor

Comquanto Freire de Carvalho ache mais claro o sentido, com essa correcção, parece-me a mim mais obscuro. Vejam-se as explicações que elle dá, na edição Rollandiana de 1843.

O additamento de Gomes Monteiro, na Biel, á nota da de Hamburgo, tambem me não convence. Eu tinha já meditado o commentario de Garcez Ferreira, na de 1731; e d'elle colhi opinião opposta á que colhe Monteiro.

Garcez erra o ultimo verso:

Dos membros corporaes a vida cara.

Assim escreveu tambem a de 1644, que elle teria á vista. O exemplo que cita Monteiro, da *Chronica geral de Hespanha*, nem é novidade, nem persuade. Muitos homens, capazes de cumprir nobremente o seu dever, tremem, no momento do perigo, embora vão sempre para diante. Mas prova isso acaso *que nos perigos grandes, o temor seja menor que o perigo?*

Não o julgo. A citação demonstra unicamente, que, para a carne, *o temor é maior que o perigo*; e para o coração brioso, *é menor*, comquanto o não pareça.

Virgilio, diz, na *Eneida*, em caso semelhante:

It timor, et major Martis jam apparet imago.

. Liv. VIII, v. 556.

Que João Franco Barreto traduz:

É maior o temor do que o perigo.

Esta lição do mestre, que tanto accusam Camões de ter seguido, deve tirar todas as dúvidas. E os francezes tambem fizeram esta sentença:

La peur est un microscope qui grossit le danger.

Penso que o penultimo verso d'esta mesma estancia ganharia, escrevendo-se:

Faça não sentir a perda grande e rara

E só Deus sabe se a verdadeira lição não era esta!

XXX

— *Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns, leva a defensão da propria terra;
Outros, as esperanças de ganhál-a.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assignala;
Derriba, encontra, e a terra emfim semeia
Dos que tanto a desejam, sendo alheia.*

No v. 3 escreveu com pouco criterio o padre Thomaz de Aquino:

Huus levam a defensão da propria terra

convertendo os nominativos em accusativos, estropiando o metro, e o bom senso. Se reparasse melhor, veria que o verbo *levar* está perfeitamente empregado: *A defensão da terra propria, leva uns; as esperanças de ganhál-a, leva outros.*

No v. 7 tiro a conjunção *e*, antes de *encontra*, por se me afigurar ali sobejidão e não conveniencia. E no 8, que quasi todos escrevem:

Dos que a tanto desejam, sendo alheia

ponho o *a* adiante de *tanto*, como já fez a edição de 1660; em vez de o deixar atraz, segundo as outras.

XXXI

— Já pelo espesso ar, os estridentes
 Farpões, settas, e varios tiros voam;
 Debaixo dos pés duros dos ardentes
 Cavallos, treme a terra; os valles soam;
 Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
 Quédas, co'as duras armas, tudo atroam;
 Recrescem os inimigos sobre a pouca
 Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

— Eis ali seus irmãos, contra elle vão;
 (Caso feio e cruel!) mas não se espanta,
 Que menos é querer matar o irmão,
 Quem contra o rei e a patria se levanta.
 D'estes, arrenegados muitos são,
 No primeiro esquadirão, que se adianta
 Contra irmãos e parentes (caso estranho!)
 Quaes nas guerras civis de Julio e Manho.

Deve entender-se que o ultimo verso refere-se ás guerras civis de Julio Cesar e do grande Pompeo, cognominado o *Magno*; e que, por causa da rima, forçosamente tem de se pronunciar *Manho*, segundo usaram nossos classicos.

Faria e Sousa, tirou do segundo manuscrito a correcção *Julio e Magno*; porque as primeiras edições liam *Julio Magno*, sem fazer distincção de que eram dois.

XXXIII

— Ó tu, Sertorio; ó nobre Coriolano;
 Catilina; e vós outros, dos antigos,
 Que contra vossas patrias, com profano
 Coração, vos fizestes inimigos:
 Se lá no reino escuro de Sumano
 Receberdes gravissimos castigos,
 Diizei-lhe que tambem dos portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes!

XXXIV

—*Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está ali Nuno; qual pelos outeiros
De Ceuta, está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-n'o co'as lanças; e elle, iroso,
Torvado um pouco está; mas não medroso.*

O padre Macedo, que contava as syllabas dos versos pelos dedos, ignorando, provavelmente, as leis por que se rege o metro, achou errado o segundo verso d'esta, e tambem o segundo da seguinte oitava, protestando que se retractaria publicamente, se lhe provassem o contrario! Dos que o estão, não foi Camões culpado, senão em muito poucos — que a todos escapam —; mas não era o auctor do *Oriente* quem tinha competencia para vir medil-os.

XXXV

—*Com torva vista os vê; mas a natura
Ferina e a ira, não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio. Ali perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente!*

XXXVI

—*Sentiu Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria e via, e a todos dava
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leôa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, emquanto pasto lhes buscára,
O pastor de Massylia lh'os furtára:*

Nos dois ultimos versos se vê a attenção com que todos os editores publicaram este malfadado poema. No v. 7 dizem elles: *lhe buscára*; estando o ultimo a ensinar que se deve pôr no plural, visto que diz: *lh'os furtára!*

XXXVII

— *Corre raivosa, freme, e com bramidos*
Os montes Sete-Irmãos atroa e abala;
Tal Joame, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:
 — « *Ó fortes companheiros, ó subidos*
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala;
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

Não é natural que Camões pozesse, antes de *freme*, a conjuncção *e*, tendo-a tambem adiante do mesmo vocabulo. Retiro-a, convencido de que a lição verdadeira do v. 1 é esta. Assim eu podesse mudar igualmente o som barbaro da junccção das tres syllabas: *correrai!* E a mudança era facilima, fazendo-se a transposição: *Raivosa corre*, etc. Mas é que n'este logar penso que assim deixára o poeta o verso.

As duas conjuncções *e freme e com bramidos*, seriam de mais; elanguesciam as imagens, aliás excellentes. Uma das maiores qualidades d'este grande mestre é a facilidade com que doma e sujeita os vocabulos á pintura dos seus quadros. Aqui, o colorido é local, sem artificios, soberbo! Sente-se quasi o rugir da leôa, aspero, bravio, feroz, que a molleza das copulativas repetidas enfraqueceria.—Todo este episodio é bellissimo.

XXXVIII

— « *Vêdes-me aqui, rei vosso e companheiro,*
Que entre as lanças, as settas, e os arnezes
Dos inimigos, corro e vou primeiro:
Pelejae, verdadeiros portuguezes! » —
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E, sopesando a lança quatro vezes,
Com força a atira; e d'este unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro!

No v. 1, tenho dúvidas se será o que está, se: *Vêde-me, aqui, rei rosso e companheiro!*

No 2, lêem todas, e *settas*, menos a de 1613, que diz, errando o metro:

Que entre as lanças, settas, e os arnezes,

A lição verdadeira, não será como eu a dou?

No v. 3, será, *corro e sou primeiro, ou vou?*

Tambem no v. 7 escrevem todas: *Com força tira*, etc. É classico; mas ainda que se tome *tira* por *arremessa*, ficavamos sem saber o quê, por falta da preposição *a*. Não pôde, portanto, ser outro o sentido, apesar da reunião dos tres *aa*, que não é muito agradável ao ouvido.

XXXIX

—*Porque eis os seus, accêsos novamente
De uma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais, com animo valente,
Perigos vencerá do marcio jogo.
Porfiam; tinge o ferro o sangue ardente;
Rompem malhas, primeiro, e peitos logo:
Assim recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não dõe perder as vidas.*

Verso 5—*Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente;*

Salta aos olhos que não pôde ser; e apesar da pouca confiança que inspira o manuscripto de Manuel Corrêa Montenegro, força é ir ali buscar a correcção, que não se acha n'outra parte. É verdadeira e bella imagem, digna de tamanho poeta. N'este logar não me parece que o equívoco se possa attribuir senão ao proprio auctor, que, tendo em mente dizer *sangue*, se enganaria, pondo *fogo*. É descuido vulgar entre escriptores lançar no papel mui diversa palavra da que se tinha no pensamento. Só admira que ainda haja hoje tanto quem siga o erro. A emenda, que tem todo o cunho de uma phrase de mestre, poderá talvez attribuir-se ao proprio Camões, tendo sido ouvida pelos que a escreveram, e talvez pelo mesmo Montenegro.

Manuel Corrêa (ou Pedro de Mariz), que não a acceitou, na edição de 1613, aligura-se-me que discorre n'este logar com pouco acerto:

«E os que põem sangue ardente, damnam a intenção do poeta: porque aqui se aponta sómente a furia do princípio da batalha.»

Manuel de Faria e Sousa, não a tendo feito no logar respectivo, diz ter diante de si quatro edições, só uma das quaes a traz. E, citando Corrêa, acrescenta: «i dize mal, como siempre; porque no quiere dezir, sino que la sangre teñia el hierro, llamando fuego ardiente a la sangre», etc. Mas não se percebe se elle quer ou não que se corrija: «Siguese de todo lo dicho, que Manuel Corrêa, e otros doctos no entendieran el poeta; e que quien le emendó, diciendo por fuego sangre, entendiò lo que el quiso dezir, però no entendió la osadia, e elegancia con que lo dixo, pues le pareció que el fuego ali era cosa distinta de la sangre».

Barreto Feio diz que todas as edições trazem o erro, o que é engano; porque se acha corrigido já na de 1597. A d'elle e a de Biel parece-me serem as unicas que, modernamente, a acceitam.

Esta oitava, como já adverti no commentario á est. 29 d'este canto, responde tambem aos argumentos com que o mesmo Barreto Feio e Gomes Monteiro pretendem sustentar a lição de *menor*, em vez de *maior*, a que se refere a citada estancia. É só depois de *novamente accesos de uma nobre vergonha e honroso fogo*, que os lusitanos *porfiam*.

XL

— *A muitos, mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava;
O mestre morre ali de Sanct'Iago,
Que fortissimamente pelejava;
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro mestre cruel de Calatrava;
Os Pereiras, tambem arrenegados,
Morrem, arrenegando o céu e os fados.*

Arrenegados, nem n'este nem n'outros logares se pôde corrigir, porque o verso padecia, dizendo-se *renegados*.

XLI

—Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, e tambem dos nobres, ao profundo;
 Onde o trifauce cão perpetua fome
 Tem das almas, que passam d'este mundo.
 E, porque mais aqui se amause e dome
 A soberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira castelhana
 Foi derribada aos pés da lusitana.

XLII

—Aqui a fera batalha se encruece
 Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
 A multidão da gente que perece
 Tem as flores da propria côr mudadas;
 Já as costas dá, e as vidas; já fallece
 O furor, e sobejam as lançadas;
 Já de Castella o rei, desbaratado
 Se vê, e de seu proposito mudado.

Não leria o v. 1, no original, *fera, a batalha*, etc.?

Se havia *mortes, gritos e sangue*, necessariamente resultavam das *cutiladas*, de que falla o v. 2; é, portanto, improvavel que se escrevesse: *e cutiladas*. Todavia, não supprimo ainda a conjuncção *e*, substituindo-a por uma virgula, sem ouvir mais votos.

A edição de 1613 escreveu, do v. 4: «Estão amarellos, e perdida a propria e natural côr de seus rostos, por lhe faltar alma que lh'a dava. Outros entendem este passo, polas flores do campo cobertas do sangue dos mortos».

E não teve aquelle *amigo* (se foi elle), ensejo de perguntar ao auctor, como se devia entender o dito passo, para nol-o explicar! A lição está clarissima, pelo menos n'este verso e no antecedente, do qual é complemento: são os malmequeres, as papoulas brancas, e outras flores do campo, enrubescidas com o sangue dos mortos e feridos.

No 5 lêem todas: *Já as costas dão*; o que é erro, porque *a multidão da gente que perece*, e com o seu sangue muda a

côr das flores, é o agente do verbo *dar*; por conseguinte, deve pôr-se no singular e não no plural.

Quanto aos v. 7 e 8, não sei se devem entender-se como estão, ou se d'este modo:

*Já de Castella o rei, desbaratado,
Se vê de seu proposito mudado.*

A lição antiga, tal como a deixo ir, no ultimo verso, está quasi em ponto de pederneira! E ambas as de 1572 escrevem: *Se vêe, e*. Dado que a minha lição mereça mais confiança, os leitores o dirão, para que de futuro se evitem as ironias de outros Macedos, que tambem aqui se manifestaram sobejamente.

XLIII

— *O campo vae deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-n'o os que ficaram; e o temor
Lhes dá, não pés, mas aças á fugida.
Encobrem no profundo feito a dor
Das mortes, da fazenda dispendida,
Da magoa, da deshonra, e o triste nojo
De outrem ver triumphar de seu despojo.*

No v. 3, eu escreveria: *escaparam*, em vez de *ficaram*. Como, porém, me falte convicção; e este verbo tambem pôde ter a significação de *os que sobreviveram*, não ousou mexer-lhe.

No v. 4, onde corrijo *Lhe*, para *Lhes*, parece-me que se deve igualmente entender *aças na fugida*, e não *á fugida*.

Quanto ao 6, faço a correcção, porque o que todos trazem, mal se entende:

*Encobrem no profundo peito a dor
Da morte,*

Isto não pôde ser assim. Que sentissem a dor *das mortes*, dos que ali deixavam, é claro; mas sentir *a dor da morte*, os que não morreram, e que iam fugindo?!...

Acrescento o artigo *o*, em *triste*, no v. 7; por acreditar que ali viria, quando o auctor largou das mãos o livro.

E no v. 8, que lia: *De ver outrem*, por transposição typographica, restabeleço *De outrem ver*, que restitue ao verso a indole poetica, sem se lhe pôr nem tirar cousa nenhuma. O que se lia, com a ingrata pronuncia do *trem trium* não é acceitavel e dava ao verso mais uma syllaba do que este precisa; prova de que seu auctor o fez como eu lh'o restabeleço.

XLIV

— *Alguns vão maldiçendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros, a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo:
Deixando tantas mães, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas!*

XLV

— *O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria;
Com offertas depois e romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa transtaganas.*

XLVI

— *Ajuda-o seu destino, de maneira
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos vandalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a betica bandeira,
E de varios senhores, n'um momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força portugueza.*

No v. 6 parece que deveria ler-se: *E as de varios senhores*; temos, porém, no immediato o verbo *derriba*, no singular, que impede esta lição. Todavia, ella é a verdadeira; porque foi a betica bandeira de Sevilha, e as de outros caudilhos moiros, que D. Nuno venceu realmente. Mas para de algum modo haver aqui rasoavel concordancia, forçoso é admittir-se que a bandeira de Sevilha o era ao mesmo tempo de varios outros senhores¹.

No v. 8, e segundo a nossa actual grammatica, se devia ler *Obrigada*, entendendo-se que se referia á *betica bandeira*; mas não é assim. A cousa é com *varios senhores!* Por isso deixo ir.

As explicações geographicas de quem quer que fez a edição de 1613, são sempre muito uteis:

«*Bethica bandeira*. A bandeyra de Sevilha, porque o rio Guadalquivir chamado Bethis passa por ella». (!)

XLVII

— *D'estas e outras victorias, longamente
Eram os castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Depois que quiz o padre omnipotente
Dar os reis inimigos por maridos
Ás duas illustrissimas inglezas,
Gentis, formosas, inclitas princezas.*

XLVIII

— *Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já, a quem faça damno;
E assim, não tendo a quem vencer na terra,
Vae commetter as ondas do Oceano.*

¹ Os grammaticos permitem a lição tal qual está, comtanto que venha entre virgulas, como eu ponho. Pouquissimos editores escreveram assim; a começar das primeiras, nenhuma traz aquellas palavras como deve ser, senão Thomaz de Aquino, e as edições que pela sua se fizeram, morgado de Matheus e os que o seguem, visconde de Juromenha, gabinete portuguez do Rio de Janeiro, Biel, e... os que fazem as suas pelas d'estes.

*Este é o primeiro rei, que se desterra
Da patria, por fazer que o africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.*

Garcez Ferreira estropiou d'este modo o v. 2 :

Não ter imigo já a quem não faça dano.

São só treze syllabas; faltam apenas duas para verso e meio¹.

XLIX

*—Eis mil nadantes aves, pelo argento
Da furiosa Thétis inquieta,
Abrindo as pandas aças vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceuta, toma; e o torpe mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da juliana, má, e desleal manha.*

Garcez Ferreira diz que *pandas* é pleonasmio; o que me não parece, pois se póde entender tambem por *curvas*, *concavas*, etc. Veja-se Faria e Sousa, que cita a auctoridade de Nebrissa; e Pedro José da Fonseca, no seu *Tratado da versificação portugueza*.

L

*—Não consentiu a morte tantos annos,
Que de heroe tão ditoso se lograsse
Portugal; mas os coros soberanos
Do céu supremo, quiç que povoasse.
Mas, para defensão dos lusitanos,
Deixou quem o levou, quem governasse,
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclita geração, altos infantes.*

¹ Apesar do nome estar dizendo que cada verso tem onze syllabas (hendecasyllabo), a verdade é que, em portuguez, só contâmos dez, desprezando a ultima breve, quando a tem.

Se a fé me ajudasse um pouco mais, n'este logar diria, que no v. 1 deve ler-se *muitos annos*, em vez de *tantos*; no 6, *que governasse*; no 7, *acrescentasse*; e no 8, *de altos infantes*.

Toda a oitava é pouco feliz; e julgo improvavel que o poeta assim a deixasse. O sentido, parece-me ser este: *Que, para defensão dos lusitanos, deixou D. João I inclita geração de altos infantes, que governasse e acrescentasse a terra mais que de antes.*

Se o malevolo José Agostinho não estivesse tão atrozmente comido de inveja, seria mais indulgente, n'este e n'outros pontos, que tanto e tão injustamente diffama.

LI

— *Não foi do rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assim vae alternando o fado iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?
Pois inda n'este reino e n'este rei
Não usou ella tanto d'esta lei.*

Aqui é que se pôde fazer bem idéa dos erros sem conta que maculam este precioso livro; erros por que ninguem tem dado, por nunca ter succedido o caso de haver um editor nas tristes circumstancias em que eu me acho, doente, e podendo meditar á vontade sobre cada verso. O poeta, que já no v. 2 escreveu *tempo*, não podia, logo no immediato, 3, repetir:

Que assim vae alternando o tempo iroso

A referencia, aqui, é tambem *a fortuna*, como advertiu Faria e Sousa, sem comtudo dar pelo erro. Nem nas tradições gregas, nem nas romanas, a lenda de Saturno, que era o deus que presidia ao *tempo*, tem nada que ver com isto; e menos ainda na decadencia do polytheismo em que representavam esta divindade como um velho tonto, ou louco. Não me parece comtudo muito difficil achar o que o poeta escreveu. Em vez de *tempo*, a sua lição, evidente, clarissima, deve ser *fado*, que Homero nos representa como uma potencia terrivel, tendo

junto de si duas urnas, uma cheia de felicidades e a outra de amarguras. D'essas urnas vae o *fado* ou *destino* extrahindo alternadamente o prazer e a dor da humanidade.

Tenho tão absoluta certeza de ser esta a lição, que o juraria, se necessario fosse. Basta ver os epithetos com que n'outros logares é adjectivada a palavra para se não duvidar agora do seu emprego. Se, por exemplo, no canto I, est. 28, v. 1, lê *fado eterno*, e no canto IX, est. 86, v. 4, *immobil fado*, porque não leria aqui *fado iroso*? Não é bem distincto, em Homero, o mytho de que se serviu Camões, que alterna as *felicidades com as amarguras, o gosto com a tristeza*?

E aquelles v. 1 e 2, da est. 33 do canto VI:

*Que o grão senhor e os fados, que destinam,
Como lhes bem parece, o baixo mundo,*

tambem não serão concludentes? Meditem, e respondam.

A edição Biel escreve, *não ousou*, no v. 8.

LII

— *Viu ser captivo o santo irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava;
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao sarraceno se entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o público bem, que o seu, respeita.*

Ambas as primeiras escrevem, no v. 4, *sentregava*; e outros seguiram, pondo apostrophe. Biel, emendou para *se entregava*, com assaz de bom senso.

Do v. 6, que a *princeps* lê correctamente, e que a segunda e partidarios d'esta escrevem:

A vida de senhor a feita escrava

diz D. José Maria de Sousa Botelho, na sua segunda, de Paris: «Deixei ainda que com muita repugnancia a alteração feita por todos os editores», etc.

Salta aos olhos o erro typographico, que separou o *a* de *senhora*. Aquelle distincto editor, que n'este e n'outros logares corrigiu sensatamente, como todos teem feito, protestava seguir á risca a referida edição, que julgava primeira; mas, longe de o fazer, e na pontuação sobretudo, modificou profundamente a sua.

No v. 7, não posso emendar *Ceita* para *Ceuta*, porque é rima. E no 8, escreveram ambas as de 1572 *pubrico*, por *publico*.

LIII

— *Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiç mais a liberdade ver perdida;
Este, por que se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio, ouvidos por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.*

Todas as edições escrevem:

Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,

sem fazerem caso da incorrecção, porque deve ser *ouvidos*. Depois de feita a emenda, encontro a proposta para ella na tabella v da edição Rollandiana, de 1843. É outra das poucas lembradas por Freire de Carvalho.

LIV

— *Mas Affonso, do reino unico herdeiro,
(Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia!)
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria:
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quiçera ir ver a terra iberia:
Mas Africa dirá ser impossivel,
Poder ninguem vencer o rei terrivel.*

Impossibil, terribil, lêem todas nos.v. 7 e 8.

LV

—*Este poude colher as maçãs de oiro,
Que sómente o tyrinthio colher póde;
Do jugo que lhe impoꝝ, o bravo moiro
A cerviꝝ inda agora não sacode.
Na frente a palma leva e o verde loiro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa;
Tangeré populoso; e a dura Arçilla.*

Talvez que o v. 1 dissesse :

Este soube colher as maçãs de oiro

No 3, lêem todos: *que lhe poꝝ*, em vez de *impoꝝ*, como entendendo que deve ser, e assim emendo.

LVI

—*Porém ellas, emfim, por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas extremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros n'esta empreza,
Mais afinando a fama portugueza.*

Parece improvavel que tendo escripto *força* no v. 1, repetisse *forças*, no 3. Tinha *armas*, ou *hostes*; e qualquer d'ellas cabia perfeitamente:

Ás portuguezas hostes, costumadas

O 6 está arrevesado. Quer dizer: que *os casos de armas eram dignos de ser postos em elegante escriptura.*

No 8, diria Camões *dilatando*, e outros lhe mudariam para *afinando*. Eu não duvido de nada, pelo que respeita a violações do texto.

LVII

—*Porém depois, tocado de ambição
E gloria de mandar, amarga e bella;
Vae commetter Fernando de Aragão,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes d'ella,
Desde Cadix ao alto Pyreneu;
Que tudo ao rei Fernando obedeceu.*

As de 1572 escreveram *Calix*, no v. 7, por *Cadix*. Muitos dos modernos, acatando o erro, e, entre elles, o morgado de Matheus e Freire de Carvalho, rejeitam a correcção, que é da edição de 1613. O impagavel editor da Rollandiana, apesar de tudo, crê que se deverá corrigir; e aconselha-o na sua tabella v! Em vez do conselho, cabia a emenda.

LVIII

—*Não quiç ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joame; e logo ordena
De ir ajudar o pae ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saiu-se enfim do trance perigoso,
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pae sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento.*

LIX

—*Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso damno,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
D'esta arte foi vencido Octaviano;
E Antonio vencedor, seu companheiro;
Quando d'aquelles que Cesar mataram
Nos philippicos campos se vingaram.*

LX

—*Porém depois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no céu sereno,
O príncipe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e rei trezeno.
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pôde homem terreno,
Tentou, que foi buscar da roxa aurora
Os términos, que eu vou buscando agora.*

Toda esta estancia está profundamente demudada, talvez por inintelligencia do autographo, ou por erro de caixa, porque nada vejo aqui que podesse irritar melindres politicos ou religiosos de censores hypocritas. A estancia poder-se-ia restituir, do terceiro verso em diante :

*É Joanne segundo, e rei trezeno;
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que têl-a pôde homem terreno,
Intentou procurar da roxa aurora
Os términos, que eu vou buscando agora.*

Assim, haveria pelo menos tal ou qual concordancia, onde tudo parece estar baralhado. *Tentar, tentou; buscar, buscando; príncipe que governa foi Joanne, etc.*; são incorrecções, tão grosseiras e vergonhosas, postas de mais a mais umas em cima das outras, que não as fazia um principiante, quanto mais poeta de tão altissima esphera.

Acredite quem quizer que isto é d'elle; eu não posso. Estou convencido de que taes remendos são de penna estranha. Quem foi? porque o fez? em que circumstancias? Nenhum dos seus contemporaneos nos responde; nem se podem tomar a sério as notas attribuidas a Manuel Corrêa, que todavia nada elucidam.

LXI

—*Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthénope enterrada;*

*Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes subjugada;
Pela illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclitos hispanos.*

Os críticos não estão de accôrdo, a respeito do v. 5; umas edições lêem:

Napoles, onde os fados a mostraram,

e outras:

Napoles, onde os fados se mostraram,

entendendo aquelles que o auctor se refere á sercia Parthénope, e estes á historia de Napoles. As duas primeiras dizem: *se mostraram*, variando apenas a orthographia na terminação do verbo.

Sabem todos que Parthénope era o nome de uma das se-reias que, não tendo podido seduzir Ulysses, se arremessou com despeito e furor ás vagas. Estas, depozeram o seu cada-ver nas costas de Campania, onde se lhe erigiu um tumulo; e á roda d'elle se foi edificando Napoles, que primeiro teve o nome da imaginaria encantadora maritima.

LXII

*—Pelo mar alto Siculo, navegam;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
E d'ali ás ribeiras altas chegam,
Que co'a morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis, e ás terras que se regam
Das enchentes niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre o Egypto,
Que de Christo lá guarda o santo rito.*

Varias edições modernas, incluindo a Biel, dizem, no v. 4, *Manho*; as de 1572: *com morte de Magno*, etc.

Pompeu o grande, ou Magno, a que o poeta aqui se refere, foi assassinado no Egypto, ao pé de Alexandria. D'ahi, a allusão historica.

No v. 5 lêem todas, como eu tambem escrevo, *é ás terras que se regam*. Não sei se a conjuncção e será de mais; e, por

consequencia, estranha ao poeta. Memphis é no Egypto, á beira do Nilo; e, portanto, faz parte das terras que se regam com as enchentes d'este.

No 7, não tenho a menor dúvida de pôr o artigo o em *Egypto*. Era evidente a falta. Liam todas: *sobre Egypto*.

LXIII

— *Passam tambem as ondas erythreas,
Que o povo de Israel sem nau passou;
Ficam-lhe atraç as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou;
As costas odoriferas sabeas,
Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
Cercam; com toda a Arabia descoberta
Feliç, deixando a Pétrea, e a Deserta.*

LXIV

— *Entram no estreito persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria;
Ali, co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes, onde nascem, teem por gloria.
D'ali vão em demanda da agua pura
(Que causa inda será de larga historia)
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.*

Barreto Feio, se não me engano, foi quem pôz o v. 6 entre parenthesis. Adopto.

LXV

— *Viram gentes incognitas e estranhas:
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produz e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia;
Lá morreram emfim, e lá ficaram;
Que á desejada patria não tornaram.*

No v. 3, que todos lêem, *Vendo*; penso que seria *Tendo*.

No v. 4, muitos dos modernos trazem ainda: *produze*, que já na de 1613 vem emendado.

LXVI

—*Parece que guardava o claro céu
A Manuel e seus merecimentos
Esta empreza, tão ardua, que o moveu
A subidos e illustres movimentos;
Manuel, que a Joanne succedeu
No reino, e nos altivos pensamentos,
Logo, como tomou do reino o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo:*

Parece-me que o v. 4 deveria ler, primitivamente, *sentimentos*, e não *movimentos*. *Moveu a movimentos* não pôde ter sido escripto pelo nosso poeta.

Igualmente julgo desnecessario metter entre parenthesis os v. 5 e 6, como fez a edição de 1597, seguida por outras muitas, antigas e modernas.

No 7, adopto a correcção de Corrêa, ou de quem quer que fez a de 1613; embora muitos escrevam ainda *do reino cargo*, em vez de: *o cargo*.

LXVII

—*O qual, como do nobre pensamento
D'aquella obrigação, que lhe ficára
De seus antepassados (cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra cara),
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado: no tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas que saêm
A repouso convidam, quando cáem,*

Grande tem sido a discordancia dos commentadores, por causa da intelligencia d'estas duas estancias! Por minha parte, confesso-me absolutamente ignorante, ácerca da hora precisa a que sonhou el-rei D. Manuel. Acho, comtudo, plausiveis as rasões de José Gomes Monteiro, na edição Biel, que me pare-

cem superiores, pela sua clareza, a todas as outras interpretações, mais ou menos forçadas. É, porém, de notar que não seguisse ali bem o que diz, na nota em que commenta as opiniões do seu mestre e amigo Barreto Feio; e que, pelo contrario, se afaste d'ellas. A referida edição Biel copia quasi a lição da de Hamburgo; faltando-lhe uma virgula, no v. 2, da segunda estancia, em *obrigação*; e ponto e virgula no 8. Esta não é a lição da *princeps*, que eu copiei, não servilmente. Afasto-me da primeira, nas virgulas do v. 2 (primeira oitava); e no ponto final, que ella põe no fim da estancia.

Seria fastidioso transcrever tudo que a este respeito se tem dito; envio por isso os curiosos para as edições de Faria e Sousa, padre Thomaz de Aquino, Morgado de Matheus, de Hamburgo, para a de Biel, etc., etc.

O annotador da Rollandiana diz que a lição de Barreto Feio não deixa de lhe parecer sensata; e que lhe daria sem hesitação a preferencia, se visse que era insustentavel a intelligencia das de 1572. Não entendo.

LXVIII

— *Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo continuo no conceito
De seu officio e sangue a obrigação;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheu em varias fôrmas lhe apparece:*

LXIX

— *Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto, que tocava a prima esphera,
D'onde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera;
E lá bem junto d'onde nasce o dia,
Depois que os olhos longos estendera,
Viu de antigos, longinquos e altos montes
Nascерem duas claras e altas fontes.*

LXX

— *Aves agrestes, fêras, e alimarias,*
Pelo monte selvatico habitavam;
Mil arvores silvestres e hervas varias,
O passo e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas, adversarias
De mais conversação, por si mostravam
Que, des que Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

No v. 1, *fêras, e alimarias*, etc.; não sei se será assim. As fêras são alimarias, e as alimarias são fêras. Se fêras não significa *carniceiras*, lêa-se: *fêras alimarias*.

LXXI

— *Das aguas se lhe antolha que saiam,*
Para elle os largos passos inclinando,
Dois homens, que mui velhos pareciam,
De aspecto, inda que agreste, venerando.
Das pontas dos cabellos lhes caíam
Gotas, que o corpo todo vão banhando;
A côr da pelle, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

As duas primeiras edições lêem, no v. 2: *Por elle*, etc., que João Franco Barreto corrigiu, na de 1631, *Parelle*. Assim se escreveu até á de 1669, que corrige *Para elle*. Muitos dos modernos restabeleceram a lição das primeiras.

Aquella de que me tenho servido mostra sempre pouco gosto e menos crítica. O senhor Ferdinand Denis, tão nosso amigo e tão conhecedor da nossa litteratura, ou não a leu, ou a entendeu mal, visto que d'ella disse: «... adoptando frequentemente as correcções introduzidas por Mr. Mablin (?) o sr. Francisco Freire de Carvalho publicou em Lisboa, em 1843, uma edição, que d'ora em diante se póde tomar por modelo¹».

Nouvelle biographie universelle, etc. par M. M. Firmin Didot, frères, etc. Paris 1854, tom. VIII, pag. 357.

Pobre Camões, se tal parecer fosse seguido! Faça inteira justiça ao meu venerando amigo e mestre, que ao escrever aquella apreciação se deixou guiar pela sua proverbial benevolencia para tudo quanto é portuguez; ou não deve ter lido a edição de Carvalho. . . É verdade que os nossos críticos foram os primeiros que lhe alçaram o merito até ás nuvens. Que admira, pois, que um estrangeiro, sempre disposto a favorecer-nos, fechasse mais uma vez os olhos?! . . . Oxalá que tambem a sua indulgencia me não desampare, quando este livro lhe chegar ás mãos; talvez que eu careça mais d'ella que qualquer outro!

José da Fonseca, admirador de Carvalho, rejeitou aqui a lição d'este; e escreveu:

Pera elle os largos passos inclinando,

O conego da Rollandiana traz: *Par' elle*. Que eu me lembre, Camões nunca usou semelhante abreviatura¹.

O verso não é bom; mas se não nos é permitido melhorar-lhe a harmonia, com a synalepha, deixêmol-o ao menos certo. Freire de Carvalho parecia ignorar, ou se esqueceu, que na medição do metro é desprezado o numero das vogaes elididas:

Para elle os largos passos inclinando

está medido, e até com as tres primeiras pausas nos seus logares, embora careça de condições melodicadas.

No v. 5 escreveram as de 1572:

Das pontas dos cabellos lhe sahiam

e assim se repetiu até á de 1644, primeira que corrige. Mas até hoje ninguem emendou *lhe*, para *lhes*.

¹ Na *Taboa dos principaes erros da primeira edição de 1572, que foram emendados em a segunda do mesmo anno*, publicada a pag. 33 da *memoria de Trigo*, diz este que aquella a que chama segunda (e eu primeira) corrige *Par' elle*. Isto não é verdade; salvo se elle viu alguma outra edição de 1572 que eu não conheço; todas as que tenho visto lêem: *Por elle*. — Posto que n'outros classicos se encontra esta abreviatura, sendo o primeiro de que me lembro Jorge Ferreira de Vasconcellos, sobretudo na *Aulegraphia* (pag. 14, 15, 20, etc.), onde se encontra •parellas, parestas, pareste •, etc.; em Camões, não me lembro de ter visto nunca nenhuma d'estas fórmulas.

LXXII

— *De ambos de dois a fronte, coroada,
Ramos não conhecidos e hervas tinha;
Um d'elles a presença traç cançada,
Como quem de mais longe ali caminha.
E assim a agua, com impeto alterada,
Parecia que de outra parte vinha:
Bem como Alpheu, da Arcadia a Syracusa
Vae buscar os abraços de Arethusa.*

As de 1572 lêem, no v. 7, e todas teem repetido: *de Arcadia em*, etc. É erro, se não me engano. O sentido que o poeta quiz dar a esta passagem, penso que seria: bem como Alpheu, que caminha *desde* Arcadia *até* Syracusa, para ir buscar os braços de Arethusa.

A edição de 1609 lê: *Arcadia e Syracusa*; a de 1613, *em Syracusa*; mas põe o verso immediato assim:

Vae buscar os braços de Arethusa;

errando-o por sua conta e risco, como faz a outros muitos. A de 1663, reproduz esta lição; e as de 1669 e 1670:

Vae a buscar os braços de Arethusa;

a de 1721:

Corre a buscar os braços de Arethusa.

No v. 1, d'esta mesma estancia, ha um pleonasmio, que Garrett igualmente usava, e que ainda hoje é muito vulgar entre os camponezes da minha provincia: *ambos dois*, ou *ambos de dois*.

LXXIII

— *Este, que era o mais grave na pessoa,
D'esta arte para o rei de longe brada:
— « Ó tu, a cujos reinos e corôa
Grande parte do mundo está guardada;
Nós outros, cuja fama tanto vôa,
Cuja cerviç bem nunca foi domada,
Te avisâmos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.*

Parece-me que o v. 7 deve ler:

Te avisámos que é tempo já que mandes

A transposição afigura-se-me typographica, saltando o *já* para diante de *que*, em vez de estar atraz.

LXXIV

—«*Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Est'outro é o Indo, ó rei, que n'esta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos, contudo, dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês, porás o freio.*»—

Verso 3—*Estoutro he o Indo Rey, que n'esta serra*

Assim escrevem as duas de 1572; e, em alguns exemplares, a vírgula está quasi sumida na segunda, e apenas se adivinha na primeira. Ambas escreveram *rei*, com letra grande. A de 1597 lê:

Est'outro he o Indo rey que n'esta serra

A de 1609 põe vírgula em *rei*; a de 1612 não pontúa; a de 1613 também não pontúa; a de 1631, vírgula, em *rei*; a de 1644, idem; a de 1663, idem; 1669, e 1670, idem; 1721, idem; e assim todos, com vírgula ou sem ella, até Barreto Feio. Este foi o primeiro que poz *rei* entre vírgulas. Até elle, *rei* era o rio Indo, e não D. Manuel. O proprio Faria e Sousa se equivocou.

Eu uso o vocativo, com a interjeição *ó*, para que se entenda melhor. Não tem rasão José Gomes Monteiro, dizendo, no *ad-ditamento* á nota de Barreto Feio, que Camões «não costumava pôr os vocativos entre vírgulas». E cita dois exemplos dos *Lusiadas*, em apoio d'esta opinião:

Se pretendes rei alto de vingar-te

canto III, est. 38, v. 5.

Ora vê rei quamanha terra andamos

canto v, est. 69, v. 5.

Se o meu fallecido amigo tivesse reflectido um pouco, duvidado que avançasse tal proposição. Como é que podemos saber se o nosso poeta punha ou não os vocativos entre vírgulas, quando todos nos estamos queixando das barbaridades typographicas que lhe fizeram? É o proprio Monteiro, na estancia anterior, accusou os typographos ou os editores antigos de fecharem *irracionalmente* as oitavas com pontos finaes! É claro que nem elle, nem ninguem se lembrou ainda de fazer recair sobre Camões a responsabilidade da pontuação arbitraria do seu poema, porque seria uma atroz injustiça.

Mas se tal se intentasse, facil seria provar-se que nas suas obras se acham *mais vezes* os vocativos entre vírgulas, do que sem ellas, como se vê em centenaes de passagens. Citei primeiro alguns exemplos da terceira parte das *Rimas*, na edição *princeps*, 1666 a 1669:

Pag. 6, soneto 12:

Quem presumir, senhora, de louvar-vos

pag. 7, soneto 13:

Quem poderá julgar de vós, senhora,

pag. 8, soneto 15:

Sempre, cruel senhora, receei,

Na elegia II á morte de D. Tello, pag. 33:

*Ó tu, honra, e primor da natureza,
Illustre, e fermosissima Maria,
Não trates mal, senhora, tal belleza.*

Na elegia ao illustre senhor Pedro da Silva, a pag. 66:

O felice varão, Silva Troyano,

Na canção a el-rei D. Sebastião, pag. 93, v. 25:

Agora ouve, senhor, as verdadeiras

v. 58:

Iguaes somos, senhor, na natureza,

Mas tanto sabemos nós se estas virgulas foram postas pelo auctor, se tiradas pelos que lhe copiaram ou conspurcaram os escriptos. Comtudo, sempre demonstrarei com os proprios *Lusiadas*, que foi equivoco grandissimo de Gomes Monteiro, asseverar que o poeta não punha os vocativos entre virgulas. Transcrevo, de ambas as edições de 1572, para se ver que, ao menos n'esta parte, e como se estivessem apostadas a dar solemne desmentido a um dos mais intelligentes criticos do poeta, véem, geralmente, de accordo. É claro que não cito todos os exemplos; mas o caso de não se acharem os vocativos entre virgulas, nos versos citados por Monteiro, prova que esse facto é a excepção e não a regra.

No canto III, est. 62, v. 1, pag. 48:

E vós tambem, ó terras transtaganas,

mesmo canto, est. 105, v. 1, pag. 55, verso:

Portanto, ó rei, de quem com puro medo

mesmo canto, episodio de Ignez de Castro, est. 133, v. 1, pag. 60:

Bem poderas, ó sol, da vista d'estes

No canto IV, est. 37, v. 5 e 6, pag. 68:

*Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala*

mesmo canto, est. 80, v. 8, pag. 75:

Por vós, ó rei, o esprito e carne é prompta.

no mesmo canto, est. 87, v. 5:

Certifico-te, ó rei, que se contemplo

No canto VI, est. 89, v. 1, pag. 111:

Não creias, fero Boreas, que te creic

No canto ix, est. 37, v. 3, pag. 150, verso :

Lhe di7, amado filho, em cuja mão

mesmo canto, est. 77, v. 1, pag. 157, verso :

Todas de correr cançam, Nympha pura,

mesmo canto, est. 81, v. 6, pag. 158:

Que amor te ferirá, gentil donçella,

Canto x, est. 9, v. 7 e 8, pag. 162 :

*Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha
Das musas, cô que quero aa nação minha.*

mesmo canto, est. 142, v. 1, pag. 184:

Até qui, Portuguezes, concedido

Unicamente na segunda edição, falta a virgula adiante de *Portuguezes*.

Parece-me ficar assaz provado, que *se nem todos* os vocativos se acham entre vírgulas, a culpa não foi de Camões. E aos que me censurarem pela extensão d'esta nota, e de outras, responderei que ellas são estudos que nunca ninguem fez; e que além de outras lições proveitosas, para mim, igualmente nos ensinam a conhecer a pobreza typographica d'aquelles tempos, demonstrando que a maior parte das desordens de orthographia tambem se não deve attribuir ao poeta, embora lhe faltasse a necessaria pratica de rever provas, se por acaso chegou a ver alguma da sua obra, do que eu duvido. Ainda hoje se dão frequentemente nos melhores estabelecimentos do paiz estes factos anarchicos, compondo-se a mesma palavra por maneira differente, etc. Eu mesmo o poderia provar com alguns dos meus modestos trabalhos. E como não succederia assim, quando se fez a primeira edição dos *Lusiadas*? Letras, ora grandes ora pequenas, para os mesmos vocabulos; umas vezes *i*; outras *y*; *a*, e dois *aa*; *u* e *v*; n'um logar *am*, n'outro *ão*; e isto, ás vezes, na mesma pagina, e orthographiando o mesmo vocabulo!

LXXV

— *Não disse mais o rio illustre e santo,
 Mas ambos desaparecem n'um momento.
 Accorda Manuel, c'um novo espanto
 E grande alteração de pensamento.
 Estendeu n'isto Phebo o claro manto
 Pelo escuro hemispherio scmolento;
 Veiu a manhã no céu pintando as cores
 De pudibunda rosa e roxas flores.*

As edições de meados do seculo xvii escreveram, no v. 8: *Da pudibunda*, etc. Eu deixo ir a lição primitiva. Por aqui parece deprehender-se que o sonho teve logar de madrugada; mas isso não é commigo.

LXXVI

— *Chama o rei os senhores a conselho,
 E propõe-lhe as figuras da visão;
 As palavras lhe diz do santo velho,
 Que a todos foram grande admiração.
 Determinam o nautico apparelho,
 Para que com sublime coração
 Vá a gente que mandar, cortando os mares,
 A buscar novos climas, novos ares.*

Corroborando o que digo no fim da nota á est. 74 d'este canto, a edição *princeps* escreve no v. 2 d'esta, *visam*, rimando-a com *admiração* e *coração*!

LXXVII

— *Eu, que bem mal cuidava que em effeito
 Se pozesse o que o peito me pedia;
 Que sempre grandes cousas d'este geito
 Presago o coração me promettia:
 Não sei por que rasão, por que respeito,
 Ou por que bom signal que em mim se via,
 Me põe o inclito rei nas mãos a chave
 D'este commettimento grande e grave.*

LXXVIII

— *E com rogo e palavras amorosas,
Que é um mando nos reis que a mais obriga,
Me disse: — «As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga.
Faç as pessoas altas e famosas
A vida que se perde, ou que periga;
Que, quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.*

LXXIX

— *«Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empreza, qual a vós se deve;
Trabalho illustre, duro, e esclarecido,
E que eu sei que por mim vos será leve.»—
Não soffri mais; mas logo: — «Ó rei subido:
Aventurar-me a ferro, a fogo e a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena!*

Em vez do que diz o v. 3, não leria o autographo: *duro, illustre e esclarecido?* Isto é: que era *trabalho, duro, sim; mas nobre e esclarecido.*

Tambem no v. 4 dá na vista o erro da edição *princeps*, que todas seguiram, de se trocar o *E* por *O*. *O que eu sei*, não é plausivel. *Escolhi-vos para tão trabalhosa viagem, e que eu sei que por amor de mim vos parecerá leve.*

No v. 6 introduzo a conjuncção *e*, depois de *fogo*; ella torna o verso mais numeroso e elegante, vivifica o enthusiasmo de Vasco da Gama, e é propria da maneira de Camões.

LXXX

— *«Imaginae tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheu a Alcides inventava;
O leão cleoneu; harpyas duras;
O porco de Erymantho; a hydra brava*

*Descer emfim ás sombras vãs e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, ó rei, o esp'rito, e a carne é prompta.»—*

José da Fonseca pôz o artigo *a em carne* (Paris, 1846), no v. 8, já adoptado por Biel, e que eu tambem accetto.

LXXXI

*—Com mercês sumptuosas me agradece,
E com rasões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada, vive e crece;
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado de amor e de amisade,
Não menos cubiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão, Paulo da Gama.*

A edição de 1613 lê, no v. 5:

Acompanhar-me logo se offerece,

que alguns editores modernos teem seguido. Não adopto, por me parecer menos correcto. A citada edição alterou, segundo já notei, muitos versos a seu sabor, ou inconscientemente, na maioria dos casos. Não digo que algumas vezes não acertasse; porém nunca disse por que rasão o fazia, senão quando rejeitou uma ou duas correções sensatas, faltando talvez á verdade.

LXXXII

*—Mais se me ajunta Nicolau Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia e de conselho,
De experiencia em armas e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor,
Todos de grande esforço; e assim parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.*

Apesar da minha correção do v. 4, est. 38 do canto 1, e em outros logares, deixo ir *valia*, no v. 3, porque está aqui empregado no sentido de saber.

No v. 4, *furor*, parece mettido a malho; ainda mesmo significando enthusiasmo, seria mal applicado a homens de *valia*, *conselho e experiencia*. Não sei se Camões escreveria isto. Talvez:

De experiencia; e, em armas, de primor,

ou *a primor*; tudo me parece melhor.

LXXXIII

— *Foram de Manuel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem;
E com palavras altas animados,
Para quantos trabalhos succeddessem.
Assim foram os minyas ajuntados,
Para que o véu dourado combatessem,
Na fatídica nau, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.*

LXXXIV

— *E já no porto da inclita Ulyssea,
C'um alvoroço nobre, e c'um desejo,
(Onde o licôr mistura e branca areia
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo;
Porque a gente maritima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda a parte.*

Persuado-me que o v. 3 deveria ler-se:

Onde as aguas mistura e branca areia

Camões chamaria *licôr* ás aguas infamadas com os despejos da cidade?

A edição de 1613, citando o v. 4, escreveu: «Isto diz, porque o rio Tejo passa por longo de Lisboa, e quatro leguas da cidade em um lugar chamado Cascaes, entra no mar Oceano».

De *licôr*, nem palavra!

Advirta-se que as más condições da canalisação de Lisboa favorecem hoje enormemente o Tejo, ainda que com prejuizo da saude dos habitantes, deixando ficar no interior dos canos metade dos residuos, por falta da conveniente inclinação. N'aquelle tempo pagava-se mais largamente ao famoso rio o tributo de toda a população da cidade. Só a gente pobre fazia os seus despejos nas ruas, com o grito classico de: «Agua vae!» que chegou até aos nossos dias. «*Agua*» era um modo de dizer: ía tudo. Mas isto só se fazia em certas ruas, e pela gente menos favorecida da fortuna. Os remediados, e ainda mais os ricos, usavam depositos na maior parte das suas casas, durante o dia; e, logo que entrava a noite, a margem do Tejo era invadida por uma verdadeira legião de escravos africanos com grandes canecos á cabeça, que, em nome de seus senhores, levavam ao rio os ingredientes do tal *licôr*, que devia fazer dar urros a Neptuno!

LXXXV

—*Pelas praias vestidos os soldados,
De varias côres vem, e varias artes;
E não menos de esforço aparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naus, os ventos socegados
Ondeam os aerios estandartes;
E ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.*

Todas as edições dizem: *Ellas promettem*, no v. 7. É evidente que faltava a conjuncção *E*, que eu lhe restituo.

LXXXVI

—*Depois de aparelhados d'esta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.*

*Para o summo PODER, que a etherea côrte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.*

LXXXVII

*—Partimo-nos assim do santo templo,
Que nas praias do mar está sentado;
Que o nome tem da terra, para exemplo,
D'onde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó rei, que se contemplo
Como fui d'estas praias apartado,
Cheio dentro de dívida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho freio.*

Todos os editores antigos, insensíveis á harmonia metrica, escrevem, no v. 2, *assentado*. A de 1663 é a primeira em que leio *sentado*.

O v. 7 não se entende bem. Deveria, talvez, dizer:

Tanto me entro de dívida e receio

Faria e Sousa diz d'elle: «Parece que el poeta no ha escrito este verso para dezir esto, sinò que ha buuelto de dentro afuera un cuerpo humano en tal estado, para que estuviessemos viendo passearse por los intestinos las dudas, los recelos, e las lastimas».

Este *passeio das dividas, receios e lastimas pelos intestinos*, é bonita imagem!—Deve ter sido outra cousa que o poeta escreveu.

No v. 8, tiro o artigo *o*, em *freio*, que trazem todas as edições; e que não podia estar no autographo.

LXXXVIII

*—A gente da cidade, aquelle dia,
Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sómente, concorria,
Saudosos na vista e descontentes.*

*E nós, co'a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solemne, a Deus orando,
Para os bateis viemos caminhando.*

Saudosos, como se lê no v. 4, não concorda com *gente*, do v. 1. A *gente concorria saudosos e descontentes*?! Não sei se pôde aceitar-se. Convem, todavia, não esquecermos quão diferente era da nossa a *grammatica* por que se regulavam os nossos classicos. Só um mestre como Camões nos deixaria uma poesia tão perfeita!

Algumas edições, começando na *princeps*, trazem parenthesis, que principia no v. 2 e fecha no 3, antes de *concorria*. A de 1584 não o usa; mas vem nas de 1597 e 1609; a de 1613 rejeita-o. D'ali em diante, quasi todas o restauram, até Barreto Feio, que o expunge, bem como Biel. Eu tambem o retiro, embora a sua ausencia, do mesmo modo que a sua presença, não rémedieem a discordancia que me parece haver n'esta oitava.

LXXXIX

*—Em tão longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres, c'um choro piedoso;
Os homens, com suspiros que arrancavam:
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.*

Admira que sendo Camões um poeta de tanta naturalidade, se encontre muitas vezes no seu poema a transposição de palavras, que o prejudicam a miude. Diz o v. 1:

Em tão longo caminho e duvidoso

quando tudo aconselhava a escrever:

Em caminho tão longo e duvidoso

Mas de quem seria a culpa?...

XC

— Qual vae dizendo: — « Ó filho, a quem eu tinha
 Só para refrigerio, e doce amparo
 D'esta cançada já velhice minha,
 Que em choro acabará, penoso e amaro;
 Porque me deixas, misera e mesquinha?!
 Porque de mim te vaes, ó filho caro,
 A fazer o funereo enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento?! » —

No v. 4 não se pôde bolir no *amaro*, porque é rima.

Ainda que muito usado pelos classicos, substituí no 6, de *mi te vas*, por *vaes*, como hoje dizemos.

XCI

— Qual em cabello: — « O doce e amado esposo,
 Sem quem não quiç amor que eu viver possa;
 Porque is aventurar ao mar iroso
 Essa vida, que é minha e não é vossa?
 Como, por um caminho duvidoso,
 Vos esquece a affeição tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento,
 Quereis que com as vélas leve o vento?! » —

É indubitavel a falta do pronome pessoal, *eu*, no v. 2, que devia estar no manuscrito de Camões, e que restituo. Nenhuma o tem trazido.

Is, por *ides*, no 3.

XCII

— N'estas e outras palavras, que diçiam,
 De amor, e de piedosa humanidade,
 Os velhos e os meninos as seguiam,
 Em quem menos esforço pôe a idade.
 Os montes de mais perto respondiam,
 Quasi movidos de alta piedade;
 A branca areia as lagrimas banhavam,
 Que em multidão com ella se igualavam.

Todas as edições lêem, no v. 3, *os seguiam*. A edição Juromenha crê que se deve ler: *nos seguiam*, allegando que «o Gama está fallando de si e os companheiros». De quem o Gama falla, é das mulheres, mães e irmãs dos que partiam; e não de si e dos outros navegantes. Era a estas que *seguiam os velhos e os meninos, em quem menos esforço põe a idade*, e que por isso carecem d'ellas para se ampararem. Emendo, pois, com absoluta convicção de que restituo a lição grammatical e verdadeira do poeta.

O v. 8 anda igualmente adulterado em todas as edições, começando pelas de 1572, que lêem: *co ellas*, etc.

Corrijo, como entendo que deve ser. *As lagrimas que banhavam a branca areia, em multidão com ella (areia) se igualavam*. Se não é isto, confesso que não entendo. As notas da edição Juromenha (tomo vi, pag. 539), parece-me que tanto a respeito d'esta estancia como da seguinte, trazem graves equívocos.

XCIII

— *Nós outros, sem a vista levantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, n'este estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado;
Determinei de assim nos embarcarmos,
Sem o despedimento costumado:
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magôa.*

Parece que o v. 5 está pedindo:

Determinámos logo de embarcarmos,

Visto que se trata de *Nós outros*.

XCIV

— *Mas um velho, de aspecto venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente;*

*A voz pesada, um pouco levantando,
Que nós no mar ouvimos claramente;
C'um saber só de experiencias feito,
Taes palavras tirou do esperto peito:*

XCV

— « *Oh gloria de mandar! oh vã cobiça
D'esta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão, que muito te ama?!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades n'elles exp'rimetas?!*

XCVI

— « *Oh dura inquietação d'alma e da vida!
Fonte de desamparos e adulterios;
Sagaç consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios!
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios!
Chamam-te fama, e gloria soberana:
Nomes com que se o povo nescio engana!*

As exclamações imprecatorias do velho, continuam; portanto, o v. 1, que vem desde a impressão da *princeps* com uma syllaba de menos, está ensinando qual é o seu complemento. Lêem todas *Dura inquietação*, quando deve ser *Oh dura inquietação*, como eu restabeleço.

Já no tempo de Faria e Sousa era tão vulgar o juizo que se fazia na Europa do resultado dos nossos descobrimentos no Oriente, que aquelle escriptor dizia, no commento ao v. 3, d'esta estancia, que, em Portugal, só os aventureiros e ladrões colhiam os fructos da India!

A de 1613 foi a primeira que corrigiu o v. 8. Freire de Carvalho, e outros, escrevem ainda, erradamente, *com quem*, em vez de *com que*.

XCVII

— « *A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que pcrigos, que mortes lhe destinas
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos e de minas
De oiro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? que historias?
Que triumphos? que palmas? que victorias?* »

XCVIII

— « *Mas ó tu, geração d'aquelle insano,
Cujó peccado e desobediencia,
Nãó sómente do reino soberano
Te poz n'este desterro e triste ausencia;
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta e da simples innocencia
Da idade de oiro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou.* »

Pareceria, hoje, mais natural dizer o v. 1: *Mas tu, ó geração*, em vez de *Mas ó tu*. Comtudo, temos nos *Lusiadas* outros exemplos que provam não ser isto equivoco.

XCIX

— « *Já que n'esta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Já que á bruta crueza e feridade
Pozeeste nome, esforço e valentia;
Já que prézas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá:* »

No v. 1, forçosamente tem de dar-se quatro syllabas á palavra *vaidade*. Não sei como a pronunciavam no tempo de Ca-

mões. N'este logar, parece-me bem cabido o emprego da *diéresis*, ou *ĩ* com trema, á moda dos francezes. O erro pôde ter sido do poeta.

C

— « Não tens junto contigo o ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riquezas mais desejas?
Não é elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI

— « Deixas crear ás portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovôe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incognito perigo,
Porque a fama te exalte e te lisonje,
Chamando-te senhor, com larga cópia
Da India, Persia, Arabia, e de Ethiópia!

CII

— « Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas véla poç em secco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei, que sigo e tenho.
Nunca juiço algum, alto e secundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho
Te dê por isso fama, nem memoria;
Mas contigo se acabe o nome e a gloria!

A segunda edição, de 1572, lê no v. 2, *vélas*, em vez de *véla*, como diz a *princeps*. É mais natural que seja esta a lição de Camões. Uma navegação rudimentar, não ousaria pôr mais de uma véla nas primeiras tentativas que fizesse.

No v. 3, escreveu Freire de Carvalho *profundo*, com letra maiuscula, segundo já usára em outras partes. Se até agora todos teem entendido que é referencia ao inferno para que é a novidade?

Quanto ao v. 5, que todos liam *profundo*, até á de Hamburgo, adoptou Barreto Feio a substituição *facundo*, tirada do primeiro manuscripto achado por Faria e Sousa. Monteiro rejeita, na Biel, a emenda de seu mestre, dizendo que Camões fizera a mudança de *facundo* para *profundo*, por entender que sendo as duas vozes univocas de diversa categoria e diversa significação, a primeira substantivo e significando o *inferno*, e a segunda adjectivo, lhe era licito rimál-as entre si, como fez no canto VII, est. 23, onde rimou *parte*, verbo, com *parte*, substantivo.—E tambem na estancia antecedente, 101, rimou *longe*, com *alonge*, etc.

Mas por onde soube o illustrado annotador de Biel, que o poeta restabelecêra *profundo*? Pelo citado manuscripto? E quem nos diz que as variantes, até hoje desprezadas, não sejam antes na sua grande maioria as que deviam occupar o logar das que se acham no poema? Tanta rasão temos para crer n'um como n'outro caso; ou antes, parece mais plausivel o que eu digo, comparando-se muitas das citadas variantes. *Tagides musas*, por exemplo, não é peor do que *Tagides minhas* (canto I, est. 4). Mas o que sobretudo avigora a minha opinião é ver no principio do poema (canto I, est. 12) *os doze* em vez de *os onze*, que nos dão como variante desprezada. Sendo doze a totalidade dos cavalleiros portuguezes, que foram a Inglaterra desaffrontar as damas, é clarissimo o erro. Se foi Camões que escreveu no manuscripto *os onze*, esse apontamento representava uma mudança, em edição futura. Isto afigura-se-me incontestavel. Não direi que todas as variantes estejam nas mesmas circumstancias que esta; ha, comtudo, muitas, que o estão, como quem quizer poderá ver em Faria e Sousa, e nos seus reproductores.

Tratemos, porém, da lição do presente verso. Eu não creio que Camões escrevesse *facundo* e o substituisse por *profundo*, nem que primeiro imprimisse este no poema e depois tomasse nota para o substituir por aquelle. O que eu creio, firmemente, é que elle escreveu, para a substituição, *fecundo*, como eu escrevo; porque os versos que se seguem estão a indicar ter sido esta a lição verdadeira. *Nunca juízo algum alto e fecundo*; isto é, juizo fertil, creador; *nem cithara sonora ou vivo*

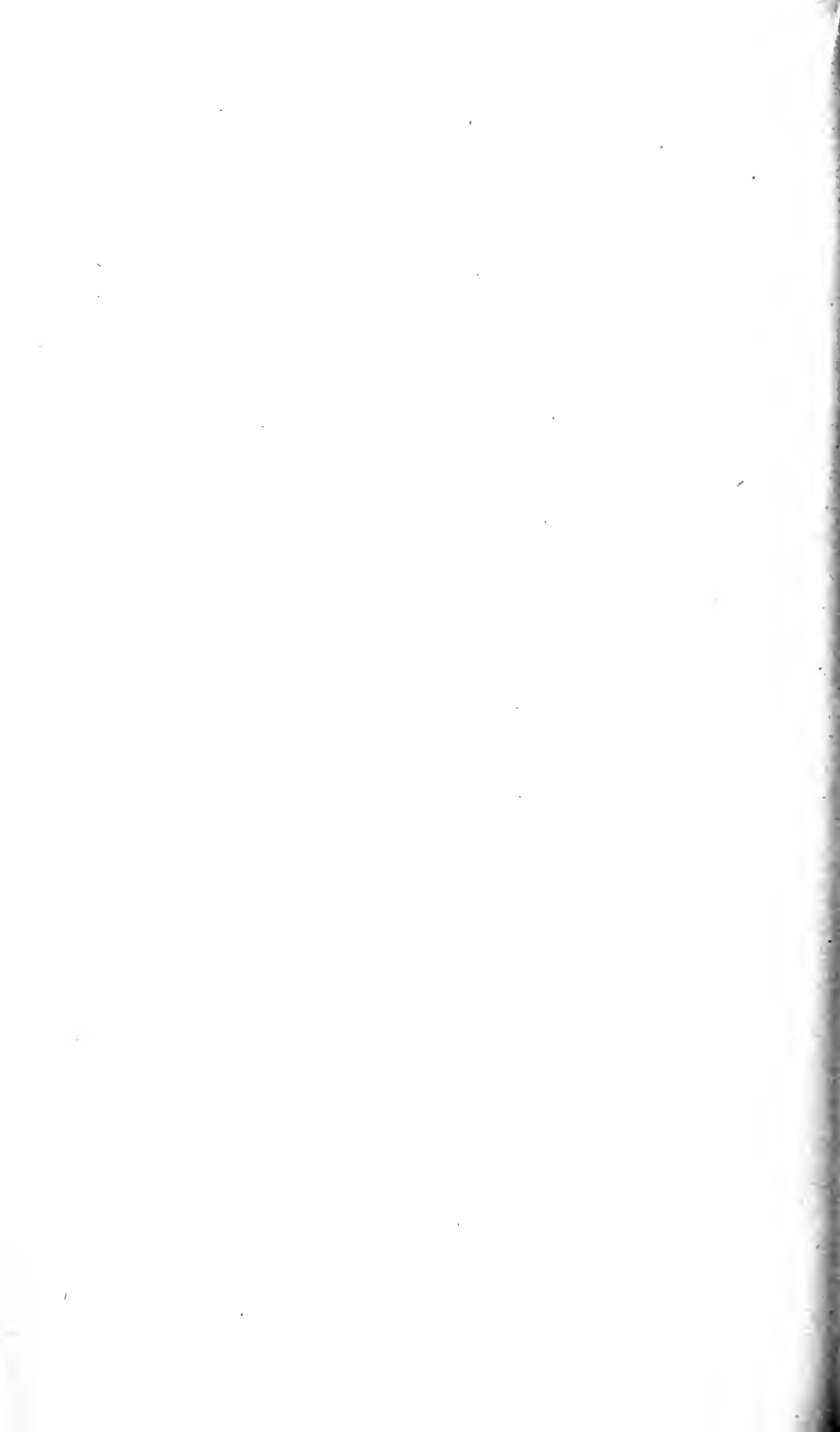
engenho, te dêem fama nem memoria. Tenho tamanha convicção de que foi isto o que elle disse, que nem um só instante hesitei na mudança. Na leitura do citado manuscrito de Faria e Sousa era facilimo o tomar-se o *e* por *a*, escrevendo-se *facundo*, em vez de *fecundo*. Seja esta lição de quem for, se não a fez o proprio poeta, ella honra-o, e por isso a restauro.

CIII

— « *Trouxe o filho de Jápeto do céu
O fogo, que juntou ao peito humano;
Fogo que o mundo em armas accendeu,
Em mortes, em deshonras, grande engano!
Quanto melhor nos fôra, Prometheu,
E quanto para o mundo menos damno,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!* »

CIV

— « *Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pae, nem o ar vasio
O grande architector co'o filho, dando,
Um, nome ao mar, e outro, fama ao rio.
Nenhum commettimento alto e nefando
Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração:
Misera sorte! Estranha condição!* » —



OS LUSIADAS



CANTO QUINTO

I

—*Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As aças ao sereno e soccgado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A véla desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: — «Boa viagem!» — logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.*

Porque não será no v. 6, *As vélas*, em vez de *A véla*?

II

—*Entrava n'este tempo o cierno lume
No animal nemeio truculento;
E o mundo, que co'o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo e lento.
N'ella vé, como tinha por costume,
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.*

As de 1572 dizem, no v. 3: *que com tempo se consume*. A de 1613 emendou, *que co'o tempo*.

III

— Já a vista pouco e pouco se desterra
 D'aquelles patrios montes que ficavam;
 Ficava o caro Tejo; e a fresca serra
 De Cintra; e n'ella os olhos se alongavam.
 Ficava-nos tambem na amada terra
 O coração, que as magoas lá deixavam:
 E já depois que toda se escondeu,
 Não vimos mais enfim que mar e céu.

IV

— Assim fomos abrindo aquelles mares,
 Que geração alguma não abriu;
 As novas ilhas vendo e os novos ares
 Que o generoso Henrique descobriu;
 De Mauritania os montes e logares,
 Terra que Antheu n'um tempo possuiu,
 Deixando á mão esquerda; que á direita
 Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

Suspeitava-se talvez já então a existencia de outro continente, que d'ahi a um anno foi descoberto por Colombo.

V

— Passámos a grande ilha da Madeira,
 Que do muito arvoredo assim se chama;
 Das que nós povoámos a primeira,
 Mais celebre por nome, que por fama;
 Mas nem por ser do mundo a derradeira,
 Se lhe avantajam quantas Venus ama:
 Antes, sendo esta sua, se esquecerá
 De Chypre, Gnido, Páphos, e Cythera.

Gabava-se Faria e Sousa de ser o melhor commentador, e o unico que até então tinha penetrado todos os sentidos dos

Lusiadas; e eu gabo-me de não o entender, a elle, em muitos dos seus commentos, e ao v. 4 da presente estancia! A fama da cousa, ou da pessoa, apossa-se-lhe do nome; e, a não estar isto deturpado, confesso que não sei interpretá-lo. Estou no caso que diz Faria, em o numero xi do seu prologo: «I desto (de ser commentador dos *Lusiadas*) no me dí la hora buena, sino el pezame al mundo, i al poema, por lo que a falta de entendimiento nos quedará por entender».

VI

— *Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os azenegues pastam;
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam;
A terra, a nenhum fructo enfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam;
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.*

Freire de Carvalho pôz uma nota ao primeiro verso d'esta estancia, para nos gratificar com a novidade de que Camões descreve aqui o grande deserto do Sahara! Se elle nos dissesse a rasão por que os azenegues não bebem agua, era mais de agradecer. Camões não quiz dizer d'essa pobre gente «que as frescas aguas nunca gosta», que ella as não bebe por uso e costume; mas, simplesmente, por não as ter.

VII

— *Passámos os limites, onde chega
O sol, que para o norte o carro guia;
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia.
Aqui, gentes estranhas lava e rega
Do negro Saagá a corrente fria;
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.*

Verso 1 — *Passámos o limite aonde chega*

Todas as edições, errando o verso. Escrevô *os limites*, porque assim o deve ter feito o poeta, segundo nos está ensinando o verso immediato :

O sol, que para o norte os carros guia;

Os mythologos dizem: *o carro do sol*, e não *os carros do sol*. Este salto deve ser dos typographos, que pozeram no plural *os carros*, e no singular *o limite*, quando o poeta tinha escripto o contrario.

Até hoje nenhum editor deu por tal equivoco; e, todavia, era facil, prestando-se alguma attenção, pois que o sol — devemos suppôl-o — não faz a sua carreira diaria com ares de enterro ou casamento rico, levando muitos carros... de alu-guer. Ainda na ultima estancia do canto iv, v. 2, temos: *O carro alto do pae*, etc.; na 70, v. 6 do canto vi: . . . *o carro radian-te*. E ha mais logares no poema, em que se prova ser a lição *carro* e não *carros*, como todos verão.

VIII

— *Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos, navegando, pelas filhas
Do velho Hesperio, Hespéridas chamadas;
Terras, por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas:
Ali tomámos porto, com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.*

IX

— *Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct' Iago;
Sancto, que os hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos moiros bravo estrago.
D'aqui, tanto que Bóreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano; e assim deixámos
A terra, onde o fresco doce achámos.*

Parece haver n'esta estancia equivoco do poeta, tomando o apóstolo das Hespanhas por outro santo de igual nome. Diz a edição Juromenha, que Jorge Cardoso tinha já advertido d'este engano.

X

— *Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente;
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Lográmos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambea as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe;*

XI

— *As Dórcadas passámos, povoadas
Das irmãs, que outro tempo ali viviam;
Que, de vista total sendo privadas,
Todas tres d'um só olho se serviam.
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De viboras encheste a ardente areia.*

É preciso entender-se que nos v. 5 e 6 não ha erro, mas simplesmente uma translação: *tu, cujas tranças encrespadas accendiam Neptuno lá nas aguas, etc.*

XII

— *Sempre emfim para o Austro a aguda prôa,
No grandissimo golpham nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leôa,
Co' o cabo, a que das Palmas nome demos;
O grande rio, onde batendo sôa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co'a ilha illustre que tomou
O nome de um, que o lado a Deus tocou.*

No v. 4, substituo 'a quem' das Palmas, por a que das Palmas. A culpa d'estas pequenas incorrecções não póde caber toda ao poeta, se acaso lhe pertence alguma. Corrêa diz que não se sabe quem descobriu a ilha de S. Thomé, como tambem não ha certeza de outras muitas cousas que aconteceram no tempo de D. Affonso V! É porque os chronistas eram como elle, a respeito de Camões.

XIII

— Ali o mui grande reino está de Congo,
 Por nós já convertido á fé de Christo,
 Por onde o Zaire passa, claro e longo
 Rio; pelos antigos nunca visto.
 Por este largo mar enfim me alongo
 Do conhecido pólo de Callisto;
 Tendo o término ardente já passado,
 Onde o meio do mundo é limitado.

XIV

— Já descoberto tinhamos diante,
 Lá no novo hemispherio, nova estrella,
 Não vista de outra gente; que ignorante
 Alguns tempos esteve incerta d'ella.
 Vimos a parte menos rutilante,
 E, por falta de estrellas, menos bella
 Do pólo fixo; onde inda se não sabe
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV

— Assim passando aquellas regiões,
 Por onde duas vezes passa Apollo,
 Dois invernos fazendo e dois verões,
 Emquanto corre d'um ao outro pólo;
 Por calmas, por tormentas e oppressões,
 Que sempre faz no mar o irado Eólo;
 Vimos as Ursas, apesar de Juno,
 Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI

— *Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem;
Subitas trovoadas, temerosas;
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros; noites tenebrosas;
Bramidos de trovões, que o mundo fendem:
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que eu tivesse a voz de ferro.*

Depois de feita, no v. 8, a correcção, vi que José da Fonseca (Paris, 1846) já antes de mim a introduzira. Ainda que se subentende, não pôde em boa grammatica prescindir-se do pronome *eu*, que nenhuma outra quiz pôr, antes nem depois do citado Fonseca.

XVII

— *Os casos vi que os rudes marinheiros,
Que teem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia;
E que os que teem juízos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vêem do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.*

É curioso como quasi todas as edições escrevem, no segundo e no quinto verso — *tem*, no singular; e algumas, mantendo esse erro, põem plural no setimo: *vêem*! As duas primeiras, não fazem distincção; aqui, nem n'outras partes: escrevem sempre *tem*, *vem*, etc.

XVIII

— *Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.*

*Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e causa certa de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano
Sorver as altas aguas do Oceano.*

Penso que tambem sobre parte d'estas admiraveis pinturas passou a brocha atrevida de algum audacissimo pinta-monos, persuadido de que as melhorava! Diria o poeta, no v. 3, *tormenta e vento esquivo*, ou *tormenta ou vento esquivo*? Eu deixo ir a conjuncção *e*, como todos trazem, comquanto *ou* me não pareça peor lição.

No v. 6 afigura-se-me que deve ser *causa certa*, e não *cousa certo*, como todos dizem. E este, corrijo sem hesitar, convencido de que assim estaria no manuscripto de Camões. Já a edição Biel escreveu: *cousa certa*, signal evidente de que teve dúvidas; e pena foi que só resolvesse metade d'ellas, porque me tiraria agora o trabalho de as completar, talvez com menos felicidade.

No v. 7 não sei se deve ler-se *nuvens do mar*, se do *ar*. Faria e Sousa diz que o poeta mostra não entender que as nuvens baixam do ar a colher a agua, etc. Humboldt julga o contrario, como logo veremos.

Quiz-me parecer tambem que no v. 8 houvesse erro; e que Camões escreveu *fundas aguas*, em vez de *altas*. A tromba sorve o liquido no seio do mar, porque mergulha n'este uma das suas extremidades. Esta lição poderia sem dúvida sustentar-se, se o caso fosse discutir qual dos dois sentidos explicaria melhor o phenomeno; mas, tratando-se unicamente de procurar de boa fé e sem idéa antecipada o legitimo texto do poema, acceto o que está, crente em que *altas aguas* significa, aqui, *altas ondas*, como em varios outros logares dos *Lusíadas*. Faria e Sousa, nas lições varias do primeiro ms., escreveu por engano, que o que está impresso diz: *altas ondas*, e que primeiro se lia *salsas aguas*. Nenhuma edição traz *altas ondas*. E a de Faria compoz *falsas* por *salsas*. Thomaz de Aquino e outros repetem este erro, nas estancias omittidas.

Todas as descripções d'este episodio são de uma belleza incomparavel. Camões, geographo de primeira ordem, versado nas sciencias da navegação e da astronomia, pinta-nos, com tintas perfeitamente modernas, os continentes e os phenomenos das longas viagens maritimas: as credices e abusões dos marinheiros, as tempestades horrorosas, o santelmo, as trom-

*Ouve os damnos de mim, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda hasde subjugar com dura guerra.*

XLIII

*— «Sabe que quantas naus esta viagem,
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas.
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno que o perigo.*

Manuel Corrêa, ou quem quer que fez o commentario que se lhe attribue, parece não ter entendido o v. 5 d'esta estancia. Diz que elle se refere aos trabalhos que passou Vasco da Gama n'esta paragem, quando o sentido é inteiramente outro: allude o ameaço do gigante á primeira armada que por ali passasse, depois da do Gama. Esta foi a de Pedro Alvares Cabral, que no Cabo de Boa Esperança esteve em risco de se perder toda, sossobrando quasi metade das treze naus que o descobridor do Brazil commandava.

Fazer castigo da primeira armada, como lêem todos nos v. 5 e 7? A lição verdadeira não será *na*, que liga melhor o sentido do que *da*?

Tambem se me afigura que o v. 8 pécca por pouco claro. *Ser maior o damno que o perigo?! Quatro naus*, segundo quer João de Barros, ou seis, como outros pretendem, e tantos infelizes que n'esses crueis naufragios pereceram, mereciam que ficasse mais explicito aquelle caso triste e digno de memoria.

XLIV

*— «Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança.
E não se acabará só n'isto o damno
De vossa pertinacia e confiança;*

XLI

— *E disse: — «Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas;
Pois os vedados términos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho
Nunca arados de estranho, ou proprio lenho;*

A segunda edição de 1572, lê, no v. 7:

Que eu tâto tempo ha que guardo e tenho

Faltou-lhe por consequencia o *já*, que vem na primeira.

É muito curiosa a nota do sr. Mablin, desde pag. 45 até 54, no seu opusculo, já citado. Ali prova a tenacidade da sua paciencia de investigador, dizendo, a proposito d'este verso, quantas vezes Camões escreveu «Que eu». Mas partindo aquelle erudito de uma hypothese opposta á minha convicção, todo o seu systema pécca pela base, ao menos para mim. Elle crê, e sobre isto versa a sua interessante carta, que a edição mais correctá, com a data de 1572, é a segunda; e que o poeta, commquanto (no seu conceito) revisse tambem a mais errada, esta foi a primeira impressa; o que eu não posso admittir, pelas rasões que dei na minha *Introdução*.

Para quem tivesse a mesma opinião, as suas reflexões seriam bem feitas. Seguindo eu outro ponto de vista, lamento esforços, que me parecem mal empregados, e que cairão ao menor sopro. Se elle tivesse encarado a questão pelo mesmo lado que eu a vejo, a sua sagacidade ter-lhe-ia dado triumphos, que a minha humilde crítica talvez não alcance nunca!

XLII

— *«Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:*

até nas noites mais escuras, a phosphorescencia das ondas, que batem contra os penedos, espalha em torno d'estes uma claridade lívida, mas intensa? Não sabiam que todos os phenomenos que se passam de noite, no mar, são mais ou menos luminosos, em virtude dos movimentos das vagas, quer ellas açoitem os flancos dos navios, quer as praias ou costas? A claridade resultante do seu embate, subindo pelo corpo do gigante (o Cabo), não podia ver-se a côr da bocca e a dos dentes, visto que o auctor descreve uma e outros de extraordinaria grandeza? Mas, se tudo isto é impossivel, que os criticos de má morte se resignem a contemplar essa bellissima pintura á luz com que a alumiou eternamente o genio.

José Agostinho publicou em o anno de 1811 um folheto de 34 paginas de oitavo, intitulado *Reflexões criticas sobre o episodio de Adamastor no canto v dos Lusíadas*. É um acervo de calumnias, comparando este formoso episodio do nosso epico á já citada passagem do Rubicon, na *Pharsalia*; e dizendo ser Adamastor o retrato do gigante Brunel, no canto III, est. 72, do *Orlando furioso*¹. Triunphantemente lhe respondeu o sabio D. Fr. Francisco de S. Luiz, destruindo-lhe todos os seus ridiculos argumentos, filhos de baixa e vil inveja, que o trazia em fermentação constante. A resposta, intitulada *Apologia de Camões*, encontra-se, além de impressa muitos annos antes em separado, no tomo x das *Obras completas do Cardeal Saraiva* (imprensa nacional, 1885, pag. 159. Veja-se tambem a curiosa noticia que d'estes opusculos dá o sr. Joaquim Martins de Carvalho, no seu interessante *Conimbricense*, de 27 de março de 1886).

XL

— *Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arripiam-se as carnes e o cabelo,
A mim e a todos, só de ouvil-o, e vél-o!*

¹ O qual Brunel não é gigante.

Todos os escriptores desapaixonados são concordes na minha opinião. Attestam-n'ò as numerosas traducções, que se tem feito de tão admiravel quadro. Já não ha zoilo que possa macular-lhe a belleza. O caso do Polyphemo, em Virgilio, apesar da excellencia e talvez, n'alguns logares, da superioridade do hexametro latino sobre o hendecasyllabo portuguez, para as descripções grandiosas, ficou-lhe muito inferior, pela originalidade e delicadeza de sentimentos. Polyphemo é um monstro horrendo e ingente, que só inspira terror e repugnancia; o Adamastor, pelo contrario, move-nos á compaixão, á sympathia quasi, condoidos de seus enormes pezares. É porque Polyphemo saiu criação descommunal, ultrapassou as condições dos homens e dos deuses, revelando unicamente paixões materiaes e brutas; ao passo que Adamastor se aproxima de nós por todas as delicadezas do coração. A sua deformidade desaparece diante de sentimentos que o mostram divino pelo amor, e humano e possivel pelo soffrimento.

A penna e a vontade fogem-me a cada passo para este campo, menos arido, que não cabe no modesto plano a que me votei de corrigir erros typographicos!

XXXIX

— *Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida;
De disforme e grandissima estatura;
O rosto, carregado; a barba, esqualida;
Os olhos encovados; e a postura,
Medonha e má; e a côr, terrena e pallida;
Cheios de terra e crespos, os cabellos;
A bocca, negra; os dentes, amarellos.*

Ha críticos tão desalmados e sem gosto, que teem chicanado os versos finaes d'esta estancia, terminação de uma das mais grandiosas pinturas que existem na poesia! Garcez Ferreira, que acaba de a achar admiravelmente delineada, acrescenta logo:

«*A bocca negra, etc.* Como se podiam ver as côres de noite? Se me não responderem, que ao pharol da Não.»

José Agostinho, o invejoso, repetiu, sem a ter melhorado, a sensaboria de Garcez. Mas estes detractores ignoravam que,

humanidade inteira de tudo que é imprevisito. E seria banalidade, senão tolice, dizer aqui o Gama que estavam descuidados; isto é: sem prever o apparecimento do Adamastor! *Descançados*, sim; porque havia cinco dias que navegavam com bons e serenos ventos, sem comtudo deixarem de vigiar na *cortadora prôa*, como lhes cumpria, n'aquelles mares desconhecidos e perigosos.

Descuidado não anda ninguém sobre as ondas; pôde estar mais ou menos *descançado*, com os signaes, ou, para fallar em termos proprios, com a cara do tempo, a fim de se acautelár á menor carranca que elle mostre. O Gama e as suas tripulações iam, pois, *descançados*, com ventos e mares bonançosos; mas *vigiando*, que é o contrario de ir *descuidado*.

XXXVIII

— *Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se dêsse em vão n'algum rochedo.*
— «*Ó Potestade — eu disse — sublimada:
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?*» —

No v. 5 lêem todas sem o pronome pessoal, *eu*, que lá devia estar, e que restabeleço.

No 7, a conjuncção *e*, depois de *clima*, foi introduzida por quem não sabia o que são versos. Ella endurece-o, e erra-o grammaticalmente, que é um pouco peor; porque, lendo-se *este clima e este mar*, deveria dizer igualmente — *nos apresentam*; e não: *nos apresenta*. É claro que corrijo, persuadido de que o poeta escrevêra como eu restauro.

Este episodio, já hoje traduzido em quasi todas (senão todas) as linguas cultas, é um dos mais bellos e originaes que se conhecem em poesia epica. Aqui não teve Camões nenhum modelo que imitar, embora José Agostinho de Macedo, com a malevolencia e má fé que caracteriza quasi toda a sua critica, tente insinuar que a idéa vem da *Pharsalia*, de Lucano, no livro 1, quando a imagem plangente da patria se mostra a Julio Cesar, na passagem do Rubicon.

—«*Sim, é — responde o ousado aventureiro:*
 —«*Mas quando eu para cá vi tantos vir*
D'aquelles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.»—

XXXVI

—*Contou então que, tanto que passaram*
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matál-o.
E tornando-se, logo se emboscaram;
Porque, saindo nós para tomál-o,
Nos podessem mandar ao reino escuro;
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Este caso de Velloso vem miudamente referido no *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* (pag. 6 e 7); e (a pag. 138 e 139) traz uma curiosa nota dos editores, mostrando não ser inteiramente exacto o modo por que Barros o descreve, discordando dos outros chronistas da India.

XXXVII

—*Porém, já cinco soes eram passados*
Que d'ali nos partiramos, cortando
Os mares, nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando uma noite, estando descaçados,
Na cortadora prôa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Verso 5 — *Quando hũa noite estando descuidados*

Dizem as primeiras; e as outras, ora *hũa*, ora *uma*.

Garcez Ferreira quer que o verso se refira a *estarem descuidados do successo*; e affirma ser isto que Camões quiz dizer. Para mim é indubitavel que no seu manuscrito devia estar *descaçados*, e não *descuidados*. Descuidada está sempre a

A correcção não é de Faria e Sousa, como julgou Barreto Feio; nem da edição d'este, segundo outros acreditaram. A primeira em que a encontro é a de 1584. Também se não acha no primeiro manuscrito, conforme assevera Gomes Monteiro, na de Biel. O proprio Faria diz, nas *lições varias*, ao canto v (tomo iv, col. 657, n.º 33): «tecida. Assi estava en el original, i en el impresso, i yo por no entenderle, le tuvo por errata, i dixé crecida: i aun agora no entiendo el *tecida*, que vale texida».

O padre Thomaz de Aquino, que, apesar de ser admirador de Faria e Sousa, lhe dá, a proposito d'esta emenda, uma correcção bem merecida, foi quem me encaminhou no descobrimento de qual fôra a primeira que corrigira. Parte dos editores attribue a emenda á de 1613; e eu proprio assim julgava, antes de ter lido a do padre Thomaz de Aquino. Não sendo esta a unica palavra que as duas de 1572 trazem errada, e que a de 1584 escreve como deve ser, é provavel que o deturpador da primeira dos jesuitas tivesse á vista o manuscrito original de Camões, embora se guiasse em geral pela mais recente das impressas.

A de 1609 lê *decida*.—Freire de Carvalho, dado por tantos como *correctissimo*, traz *tecida*.

Ainda no v. 6 lêem todos *lhe demos*.

XXXIV

—*E, sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada;
Vendo a malicia feia e rude intento
Da gente bestial, bruta e malvada;
De quem nenhum melhor conhecimento
Podemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe d'ella;
É assim tornei a dar ao vento a vela.*

XXXV

—*Disse então a Velloso um companheiro,
Começando-se todos a sorrir:
—«Ólá, Velloso amigo: aquelle outeiro
É melhor de descer, que de subir!»—*

XXXI

—É Velloso no braço confiado,
 E de arrogante crê que vae seguro.
 Mas, sendo um grande espaço já passado,
 Em que algum bom signal saber procuro,
 Estando, a vista alçada, co'o cuidado
 No aventureiro; eis pelo monte duro
 Aparece; e, segundo ao mar caminha,
 Mais apressado do que fôra, vinha.

XXXII

—O batel de Coelho foi depressa
 Pelo tomar; mas, antes que chegasse,
 Um ethiope ousado se arremessa
 A elle, porque não se lhe escapasse;
 Outro e outro lhe sáem; vê-se em pressa
 Velloso, sem que alguém lhe ali ajudasse.
 Acudo eu logo; e, emquanto o remo aperto,
 Se mostra um bando negro descoberto.

Lendo-se *a descoberto*, no v. 8, tornaria o verso mais euphónico e numeroso; e talvez que assim o escrevesse o poeta.

XXXIII

—Da espessa nuvem, settas e pedradas
 Chovem sobre nós outros, sem medida;
 E não foram ao vento em vão deitadas,
 Que esta perna trouxe eu d'ali ferida.
 Mas nós, como pessoas magoadas,
 A resposta lhes demos tão crescida,
 Que, em mais que nos barretes, se suspeita
 Que a côr vermelha levam d'esta feita.

Ambas as de 1572 lêem, no v. 6:

A resposta lhe demos tão tecida

*Eis, de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.*

XXVIII

*— Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo!
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De colchos o gentil metal supremo;
A prata fina; a quente especiaria:
A nada d'isto o bruto se movia!*

XXIX

*— Mando mostrar-lhe peças mais somenos:
Contas de crystalino transparente;
Alguns soantes cascaveis pequenos;
Um barrete vermelho, côr contente.
Vi logo, por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar, com tudo; e assim caminha
Para a povoação, que perto tinha.*

XXX

*— Mas logo ao outro dia, seus parceiros,
Todos nós, e da côr da escura tréva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vêem buscar, que est'outro leva.
Domesticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo matto.*

e, de qualquer dos modos, o verso ficaria certo; ainda que, como o d'elle, só com pausas na quarta e na oitava syllabas.

Corrijo, pois, para *borda*, que é genuinamente nosso; e não: *salta no bórdo*, que não é cousa nenhuma. E faço-o, apesar do v. 4, da est. 72 do canto vi, que diz que a nau *Toma gran somma d'agua pelo bórdo*; porque n'aquelle logar era rima, e o poeta para mudar o genero, usou da licença poetica que é sempre permittida em taes casos.

Depois d'isto escripto, vejo que a edição do gabinete portuguez, do Rio, lê no v. 1, *a planeta*. Parece-me acertada a mudança, comquanto a não adopte ainda n'esta edição.

XXV

— *Á maneira de nuvens se começam
 A descobrir os montes que enxergâmos;
 As ancoras pesadas se adereçam;
 As vélas, já chegados, amainâmos.
 E, para que mais certas se conheçam
 As partes tão remotas, onde estamos,
 Pelo novo instrumento do astrolabio,
 Invenção do subtil juizõ e sabio;*

XXVI

— *Desembarcâmos logo na espaçosa
 Parte, por onde a gente se espalhou,
 De ver cousas estranhas desejosa
 Da terra, que outro povo não pisou.
 Porém eu, co'os pilotos, na arenosa
 Praia, por vermos em que parte estou,
 Me detenho em tomar do sol a altura;
 E compassar a universal pintura.*

XXVII

— *Achâmos ter de todo já passado
 Do semicapro peixe a grande meta,
 Estando entre elle e o circulo gelado
 Austral, parte do mundo mais secreta.*

*Que grandes escripturas que deixaram!
 Que influença de signos e de estrellas!
 Que estranhezas, que grandes qualidades!
 E tudo, sem mentir, puras verdades!*

XXIV

*—Mas já o planeta, que no céu primeiro
 Habita, cinco vezes apressada,
 Agora meio rosto, agora inteiro
 Mostrára, enquanto o mar cortava a armada.
 Quando da etherea gavea um marinheiro,
 Prompto co'a vista: —«Terra! terra!»— brada.
 Salta na borda alvoroçada a gente,
 Co'os olhos no horisonte do Oriente.*

O planeta, não concorda com *apressada*; mas, subentende-se que é periphrase de lua. Deveria talvez ler-se *a planeta*, como seria a lição primitiva. Quando não fosse permitido, n'aquelle tempo, feminisar ou masculinisar os corpos celestes, segundo se dissesse *a planeta Venus* ou *o planeta Marte*, perfeitamente o supportava a liberdade poetica, que, sempre que quer, pôde fazer um substantivo neutro, e pô-lo em qualquer dos generos, concordando com substantivo da mesma especie.

Isto, com relação ao v. 1. Agora, quanto ao 7, o erro typographico parece mais accentuado. Apesar de um dos mais recentes e apregoados *dicionarios da lingua portugueza* trazer *bórdas* de tudo, excepto de navio, que, para uma nação de marinheiros, deveria achar-se em primeiro lugar, affirmo que o nosso auctor, mestre em navegações, não escrevia *bordo*, como todos lêem. Sempre, em bom portuguez, se tem dito e escripto em todos os tempos: *vou a bórdo*, como diriamos *vou a casa*; e: *vae á borda*, *chega á borda*, *corre á borda* ou *salta na borda*, como se dissessemos: *vae á janella*, *chega á janella*, etc. Ainda que dizemos *bombórdo*, e *estibórdo*, para designar os dois lados do navio, nunca poderíamos dizer com propriedade: *vou ao bórdo*, ou *salta no bórdo*. Camões poderia ter escripto:

Salta a bombórdo alvoroçada a gente

ou:

Salta a estibórdo alvoroçada a gente

A edição de 1651, que não tenho á vista, parece-me ter sido a primeira que, no v. 4, lê *do sangue alheio*, por *co'o sangue alheio*. Já na de 1663 e nas seguintes crasbeeckianas, vem a emenda. Eu não a acceito, por me parecer desnecessaria.

No v. 8 corrigiu João Franco Barreto á *nuvem*, em vez de *a nuvem*, que até ali todas liam, e que rarissimos modernos acceitaram, apesar de se reconhecer que é util para intelligencia do verso.

XXII

— *Mas, depois que de todo se fartou,
O pé, que tem no mar, a si recolhe;
E pelo céu, chovendo, enfim voou,
Porque com agua a jacente agua molhe.
As ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhes tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.*

As duas primeiras, que todos teem seguido, lêem: *Porque coa agua*, no v. 4. Confesso que não me admirava, se José Agostinho berrasse tanto contra este verso, que obrigasse os manes de Camões a sair da perdida cova, para vir corrigil-o. Considero-o entre os peiores. Eu escrevo *com*, em vez de *co'a*. Garcez Ferreira commenta-o d'este modo:

«*Porque co'a agua*, que tem chupado, *molhe a agua jacente*; e esta é a do mar.

«*Molhe*. Melhor dissera, *augmente*, ou cousa similhante; porém a rima tirou por aquelle verbo, que é aqui peor, que chover no molhado.»

Como é que a agua, saída momentos antes do mar, e tornando logo a cair n'elle, podia augmentál-o?

Ah! criticos! . . .

XXIII

— *Se os antigos philosophos, que andaram
Tantas terras por ver segredos d'ellas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as vélas:*

XX

—*la-se pouco e pouco acrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, ali se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava;
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.*

No v. 3 temos, em todas: *Aqui se estreita, aqui se alarga.* etc. Corrijo, como me parece que o poeta escreveria.

Camões, que tão bem pinta o phenomeno, é porque teve occasião de o ver. A tromba, á medida que enche, alarga, estreita, collêa, imita em todos os seus movimentos os das ondas, que está sugando. Parece portanto que elle diria no v. 5: *quaes ondas;* e não: *co'as ondas.*

Ao v. 6 cresce uma syllaba, que era facil corrigir:

E sobre elle uma nuvem se espessava

Não seria esta a lição legitima?

Tambem penso que o v. 8 está impuro, e que primitivamente diria:

Co'o pêso grande d'agua em si tomada.

Carregada co'o cargo, ou mesmo *co'a carga,* não é es-correito, nem digno de tal auctor. Talvez seja este um dos muitos casos em que se está a ver a idéa do poeta, que distra-hidamente escreveu *cargo,* tendo no pensamento *pêso.*

XXI

—*Qual roxa sanguesuga se veria,
Nos beiços da alimaria (que, imprudente,
Bebendo, a recolheu na fonte fria),
Fartar co'o sangue allieio a sêde ardente;
Chupando, mais e mais se engrossa e cria;
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si, e á nuvem negra que sustenta.*

Da parte duvidosa, nem uma palavra, porque não deu por ella; e, se dêsse, tanto n'este como n'outros logares, que inconscientemente transcreveu, seria para affirmar que «assim fizera Luiz de Camões os versos, e não como outros queriam».

XIX

—*Eu o vi, certamente (e não presumo
Que a vista me enganava), levantar-se
No ar um vaporsinho e subtil fumo,
E, do vento traçado, rodear-se;
D'aqui levado um cano ao pólo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.*

Eu o vi levantar-se no ar um vaporsinho: eis o que dão, postos em prosa, os dois primeiros e parte do terceiro verso, tirados o adverbio e o parenthesis. Pensa alguém que Camões deixou isto assim? Eu não o creio. Presumo que para se entender este logar, o v. 3 diria:

No ar, em vaporsinho e subtil fumo

ou, melhor, talvez:

Do mar, em vaporsinho e subtil fumo

Este *ar*, pertencia ao v. 7 da estancia antecedente; e o *mar*, que lá andava, só aqui cabia bem. No primeiro ms., achado por Faria e Sousa, está *No mar*. Parece emenda para edição futura. Eu não corrijo, sem ouvir mais opiniões de entendidos.

Comquanto *rodear-se* (*andar á roda*, segundo definem os *dicionarios*) dê bem idéa da formação das trombas marinhas, não sei se aqui estaria *arredondar-se*. Era mais plausivel; não só para dar ao v. 4 a syllaba que lhe falta, como por melhorar toda a oitava. Antes de feito, *o cano arredondava-se*; isto é: já antes de o ser, ficava o leitor sabendo que elle se estava formando. A imagem do mastro com que o poeta o compara, na estancia seguinte, auctorisa as minhas suspeitas.

poetico, e, em geral, de todas as suas *rimas*, vae enorme distancia.

Ha nos *Lusiadas* versos tão prosaicos, que eu tenho as maiores dúvidas de os aceitar como de Camões, em vista da sua bem conhecida indole artistica; ao passo que no mesmo poema se encontram milhares d'elles da mais admirável perfeição e acabamento, denunciando em tudo que são irmãos gemeos das *canções*, *elegias*, *eclogas*, etc.

Estão perfeitamente n'este caso os que descrevem as cousas maritimas, dos quaes diz o grande justiceiro Humboldt, mestre na materia, que nunca houve poeta mais exacto na descripção dos phenomenos naturaes; que, ao passo que sentimos a imaginação arrebatada pelas suas pinturas, póde a sciencia aceitar-lh'as como verdadeiras; vemos realmente o céu da India e todos os variados aspectos do oceano; sente-se n'esses cantos o cheiro inebriante das flores dos tropicos; e admira-se em todos a perfeita physionomia da natureza.—Onde, porém, Camões é inimitavel é quando descreve o mar (Veja-se *Cosmos*, tomo II, de pag. 64 em diante, e as respectivas notas, na edição franceza, de Paris, 1848).

Os louvores d'este sabio, o mais illustre dos tempos modernos, inspiram profundo desprezo pelas criticas dos Macedos, dos Verneys, dos Voltaires, e quejandos. Mesmo quando nota as faltas, como, por exemplo, o não ter Camões aproveitado a vegetação imponente dos climas que o Gama ia descobrindo, o illustre critico acode logo a desculpá-lo. Adverte que lhe faltariam palavras, termos de comparação, epithetos apropriados para pintar a natureza da India. Colombo, descrevendo a da America, fazia apenas um roteiro de viagem; mas Camões celebrava n'uma epopeia os feitos dos portuguezes; a sua paisagem servia de fundo ao quadro e não a podia carregar com nomes barbaros, que repugnavam a um espirito costumado á sonora harmonia da sua lingua. Assim é que é criticar. Aprendam aqui todos os maldizentes; e, sobretudo, alguns dos da nossa terra, que, por inveja, teem sido os peiores de todos.

A edição de 1613, attribuida a Manuel Corrêa, reforça d'este modo o erro do v. 8. Cito-o unicamente para se avaliar a parvoíce que tal commentador suppunha nos seus leitores.

«Isto que o poeta aqui diz das nuvens, que viu descer do céu, e receber agua em si, e lançá-la outra vez, elle mesmo me disse a mim, que o vira muitas vezes», etc.

bas marinhas, emfim, todos os epicos trabalhos que passaram os descobridores do caminho maritimo da India. E a sua musa audaz, innovadora, harmoniosa e sempre sublime, varia constantemente os quadros, e mostra, com a maior riqueza e elegancia de expressão poetica, o saber immenso d'aquelle profundo genio.

Se mãos indignas, talvez por inveja, não tivessem mutilado o poema, poderíamos considerál-o o mais bello de quantos existem; e, apesar dos senões que lhe notam e que, pela maior parte, foram devidos a profanações malevolas, ou de ignorantes, eu não hesito em julgar Camões o maior de todos os epicos modernos, por muito bem que se diga da unidade de acção e das subidas perfeições da *Jerusalem*, do Tasso.

Tenho insistido muitas vezes e continuarei insistindo sempre em que o poema se acha mutilado, quer fosse pela censura, quer por não ter sido bem restaurado por seu auctor, talvez já falto de memoria, dos estragos causados pela agua do mar; ou ainda porque não se entendesse bem a letra do manuscrito, de que se serviam os compositores.

Podem objectar-me que se as deturpações fossem feitas pela imprensa, ou se, como já tenho suspeitado, lhe introduzissem versos alheios, o poeta protestaria energicamente contra o attentado. Mas sabemos nós porventura se elle podia protestar? Quem foram os profanadores? Ou, se acaso protestou realmente, e não chegou até nós a noticia, nem sequer a tradição d'esse protesto?! Ignorâmos tudo, absolutamente!

O poeta sobreviveu oito annos á publicação da sua obra. Em que estado de saude estaria, porém, após vinte e tantos de combates, na Africa e na India? Foi elle quem tratou da impressão? Ou achava-se já tão impossibilitado pela doença, que precisou de recorrer ao favor de estranhos, os quaes, tambem em seu nome, requereriam a magra tença a D. Sebastião, e solicitaram a continuação d'ella?!

Quem pôde responder-nos, para afirmar ou negar estas cousas? Que os *Lusiadas* foram violados, parece-me innegavel. Bem sei que nenhum poeta pôde escrever sempre sublimidades, mantendo-se em estado de inspiração permanente; nem ignoro que, para fazer sobresaír as bellezas de tão notavel producção, carecia o auctor de andar algumas vezes terra a terra. Mas d'aqui aos singulares defeitos, que em partes semelham verdadeiras quédas, destoando completamente do seu modo de ser

*Antes em vossas naus vereis cada anno,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufragios, perdições de toda sorte;
Que o menor mal de todos seja a morte.*

É também muito notavel que o commentador da edição de 1613 diga: «Não particularisa aqui a Bartolomeu Dias seu primeiro descobridor, porque não tornou mais aquellas partes», etc.

Vão vendo o credito que elle merece em tudo! João de Barros affirma, positivamente, o contrario; sendo aliás sabido por todos os historiadores que Bartholomeu Dias se perdeu no Cabo de Boa Esperança: «A qual cousa logo se viu, rompendo em um instante tão furiosamente, que sem dar tempo a que se mareassem as vélas, sossobrou quatro, de que estes eram os capitães, Ayres Gomes da Silva, Simão de Pina, Vasco de Taide, e Bartholomeu Dias, o qual tendo passado tantos perigos de mar nos descobrimentos que fez, e principalmente no Cabo de Boa Esperança, (como atraz contámos,) esta furia de vento deu fim a elle, e aos outros, mettendo-os no abysmo da grandeza d'aquelle mar oceano», etc. (*Da Asia*, de João de Barros, *Decada* 1, liv. v, cap. 11.)

De vossa pertinace confiança: lêem todas as edições no v. 4, excepto a supposta de Manuel Corrêa, que, além do mais, também erra o verso, sem se sentir, escrevendo:

De vossa pertinaz confiança,

Eu corrijo para *pertinacia e confiança*, persuadido de que assim estaria no autographo, e não como saiu na primeira de 1572.

Não ponho o v. 6 entre parenthesis, como traz a maioria, porque não vem nas duas primeiras, nem era necessario para intelligencia da oitava.

XLV

— *«E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incognitos de Deus.
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prosperos trophéus:
Commigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa, com Mombaça.*

O primeiro illustre, a que allude o v. 1, foi o grande D. Francisco de Almeida, que tendo sido o terror e açoite da India, por vingar o filho estremecido, quando regressava ao reino, coberto de loiros e palmas gloriosas, o mataram os cafres, na Aguada de Saldanha.

XLVI

— *«Outro tambem virá, de honrada fama;
Liberal, cavalleiro, enamorado;
E consigo trará a formosa dama,
Que amor, por gran mercê, lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
N'este terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará d'um crú naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.*

Estas tres oitavas de Camões, sobre o misero destino de Manuel de Sousa de Sepulveda, e do de sua mulher e filhos, para mim valem quasi todo o languido poema de Jeronymo Corte Real, que não é comtudo despido de bellezas descriptivas. Mas que poesia pôde comparar-se á das duas patheticas estancias que se seguem?!

XLVII

— *«Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos!
Verão os cafres, asperos e avaros,
Tirar á linda dama seus vestidos!
Os crystallinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despídos,
Depois de ter pisada longamente
Co'os delicados pés a areia ardente!*

Dou o v. 5 tal como se acha em todas. Penso todavia que elle pôde destorcer-se assim:

Os membros crystallinos e preclaros.

Peço que se tenha sempre em vista, ao ler as minhas humildes advertencias, que Luiz de Camões foi o poeta de maior

elegancia e naturalidade que temos tido, o precursor de Garrett, seu emulo e discípulo; e que não é sem rasão que eu hesito a cada passo diante d'estes torcicollos, que realmente me parecem alheios da sua indole poetica.

XLVIII

— «*E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes (miseros!) ficarem
Na fêvida e implacavel espessura.
Ali, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão!*» —

Ponho *miseros!* em parenthesis, que ninguem usa.

XLIX

— *Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados, quando, alçado,
Lhe disse eu:— Quem és tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado.—
A bocca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:*

L

— «*Eu sou aquelle occulto e grande cabo,
A quem chamaes vós outros Tormentorio;
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, foi notorio.
Aqui toda a africana costa acabo
N'este meu nunca visto promontorio,
Que para o pólo antárctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.*

Como já se tem dito, só em casos excepcionaes se permite a liberdade de escrever *a quem*, fallando de cousas e não de pessoas; comtudo, n'este logar cabe perfeitamente a permissão, visto ser o Adamastor personificação do Cabo de Boa Esperança.

Faria e Sousa, que não o entendeu assim, consagrou *vinte e seis columnas e meia* á presente estancia, explicando (a seu modo) que o cabo representa Mafoma, que Mafoma representa Baccho, e que Baccho, ou Mafoma, ou o Cabo representam o demonio! Quem tiver tempo, animo e paciencia, veja se aguenta semelhante leitura, sem morrer de aborrecimento. De toda essa enorme trapalhada, apenas me lembro que Faria compara o Adamastor á visão de Daniel, quando este viu sair do mar quatro bestas disformes. Deviam entretanto ser menos terribes do que o pesadelo de vinte e seis columnas e meia! Mas, o que é inaudito, é que elle se gaba de ter descoberto os segredos do poeta, occultos n'esta embrulhada immensa; e pede louvores!

LI

—«Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeu, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor; e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pozesse serra sobre serra;
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII

—«Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empreza;
Todas as deusas desprezei do ceu,
Só por amar das aguas a princeza.
Um dia a vi, co'as filhas de Nereu,
Sair núa na praia; e logo presa
A vontade senti, de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII

—«*Como fosse impossível alcançá-la,
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la;
E a Doris este caso manifesto.
De medo, a deusa então por mim lhe falla;
Mas ella, c'um formoso riso honesto,
Respondeu: —«Qual será o amor bastante
De nympha, que sustente o d'um gigante?»*

Aqui temos, como rima, *gesto*, onde devia dizer *rosto*. Vê-se, pois, que, n'este logar pelo menos, a mudança é de Camões; hoje, porém, não se entende como se entenderia no seu tempo; e por isso mantenho as mudanças que fiz n'outros logares.

LIV

—«*Comtudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o damno.»—
—«Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair não pude n'este engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira!)
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças.*

Parece-me que os v. 5 e 7 ganhariam em clareza, se fossem assim escriptos:

*E eu, que cair não pude n'este engano,
(Que é grande dos amantes a cegueira!)
Encheu-se-me com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças.*

LV

—«*Já nescio, já da guerra desistindo...
Uma noite, de Doris promettida,
Me apparece de longe o rosto lindo
Da branca Thétis, unica, despida.*

*Como doido corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
D'este corpo! E começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos...*

No v. 3, lêem todas *gesto*; ora, n'um tempo em que *gesto* tem outra significação, e que sabemos perfeitamente que está aqui empregado como *rosto*, não duvido fazer a emenda.

LVI

— «*Oh que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'um duro monte,
De aspero matto, e de espessura brava!
Estando c'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo corpo angelico apertava,
Não fiquei homem, não; mas, mudo e quedo;
E, junto de um penedo, outro penedo!*

Verso 6—*Que eu pelo rosto angelico apertava*

Dizem todas. Não me parece que seja isto: como podia o gigante apertar contra si o rosto delicado de uma nympha, sem a magoar atrozmente? E como era possível dar-se a illusão enganosa, se não fosse, pelo menos, o corpo que elle supozesse estreitar contra o bruto peito? Os mesmos versos anteriores estão indicando a lição verdadeira:

Abraçado me achei c'um duro monte

É claro que, estando *fronte a fronte*, não a abraçava pela cabeça, mas pelo corpo. Se quizerem objectar-me a enormidade do gigante, que, comparado com a pequenez da nympha, não só a excederia immensamente na estatura, mas até mal poderia curvar-se para apertá-la pelo rosto, responderei que elle fôra assaz habil para começar *a lhe beijar os olhos bellos, as faces e os cabellos*: logo, tinha a cara a par da d'ella, e abraçava-a pelo corpo, illusoriamente.

Garcez Ferreira estranha que tendo Camões dito primeiro que o gigante se achou *abraçado c'um duro monte*, transforme

este em *penedo*. Isto é querer pegar por tudo, com manifesta má vontade! Podia ser monte, e penedo ao mesmo tempo, como o está indicando o adjectivo *duro*. Ha montes de uma só pedra; e até, por signal que eu já estive para ser victima de um d'elles, subindo a cavallo da margem do Tamega para a Feira Nova, no antigo concelho de Bem-viver. Vendo o cabeça coberto de relva, suppuz que seria terra; e, tendo do outro lado um precipicio enorme, esporeei o cavallo, na persuasão de que este galgasse a eminencia, e estive para ser precipitado ao rio da altura de 100 metros!

N'este logar do poeta tudo é bello e original. Para que, pois, chicanar-lhe o emprego de qualquer imagem, quando nada se oppõe a que ella seja verdadeira? Que importa que alguns antigos, taes como Ovidio e outros, tivessem, antes do nosso, imaginado antitheses semelhantes? É claro que se já no tempo de Salomão não havia nada que fosse novo debaixo do sol, fatalmente se hão-de encontrar as idéas. E quando esse encontro, ou imitação, for, como em Camões, superior aos imitados, poderemos sem contestações irrisorias aceitar-lhe a originalidade. Porque a imitação não consiste em traduzir, mas em saber revestir o pensamento de fórmulas novas, mais perfeitas do que as que tinha anteriormente, imprimindo-lhe o cunho do tempo em que se escreve. Isto, porém, só o fazem engenhos superiores, como o do auctor dos *Lusiadas*, que soube dar a tudo que imitou o caracter da belleza nativa.

Da confusão de *rosto* e de *gesto*, nasceu, sem dúvida, o equivoco de *rosto*, por *corpo*.

O padre Macedo tratou com grande truculencia este formosissimo episodio, que no seu *Oriente* substitue por um diabo pulha, com sobejidão de parvoice; mas, apesar de dizer mal, vae imitando, chocha e servilmente, quanto Camões fez. Não se contenta só com seguil-o, em quasi todos os episodios, embora tratando-os tolamente; apropria-se-lhe das imagens, e até lhe rouba versos ás duzias! Persuadia-se, talvez, que ninguém daria por esta falcaturia, espalhando-os a esmo entre os seus desenxabidos cantos! Prove-se isto, com alguns exemplos, antes de o mandarmos de vez pentear macacos. Folheio quasi ao acaso:

E, junto d'um penedo, outro penedo!

Lusiadas, canto v, est. 56, v. 8.

Como a par d'hum rochedo outro rochedo

Oriente, canto iv, est. 69, v. 1.

Que o coração presago nunca mente.

Lusiadas, canto I, est. 84, v. 8.

Mas quanto pode hum coração presago!

Oriente, canto v, est. 90, v. 1.

As mulheres queimadas vêem em cima

Dos vagarosos bois, ali sentadas;

Lusiadas, canto v, est. 63, v. 1 e 2.

Em vagarosos Bois vinhão sentadas,

Tão negras como os Ebanos, (!) donçellas;

Oriente, canto vii, est. 53, v. 1 e 2.

Onde a terra se acaba e o mar começa,

Lusiadas, canto iii, est. 20, v. 3.

Onde a Europa termina, e o mar começa,

Oriente, canto viii, est. 5, v. 6.

Não vale a pena continuar. É da gente gritar: «Aqui d'el-rei; larga os versos, que não são teus!» O *Oriente* não é senão os *Lusiadas*, estropiados, aleijados, virados do avesso. E se nós não sabemos como nem quem dirigiu a impressão d'aquelles, temos perfeito conhecimento de que o poema-frade foi dirigido, revisto, e defendido por seu auctor, que sobreviveu longos annos á sua publicação. Podiam outros ter deturpado os versos de Camões; porém, não se julgue que os não ha erados no *Oriente*, e até bastantes; nem que lhe faltam phrases e palavras de mau gosto. Encontram-se a cada estancia quasi: «Qu'ó grão» «Qu'as Aguias» (canto viii, est. 7, v. 2 e 3); «Qu'ó rumo, Qu'as Nãos» (canto vii, est. 95, v. 3 e 4); «undiva-gant' Armada (!)» «berço auri-splendente» «ali-potente» (vi, 6, v. 5; 10, v. 3 e 5). Cacophonias como «desarma a Morte» (iii, 46, 8) «mil halitos» (iii, 51, 3). «De alliançar-me com os Heróes do Tejo» (vii, 97, 8). «... s'erguia hum monte, Que em nuvem densa encapotava a fronte» (iii, 50, 7 e 8). Rima «ouve» com «chove» e «commove» (iii, 80, 1, 3 e 5). E outras muitas novidades que, tanto para os leitores como para mim, seria fastidioso apontar. Só me dei a esta seccante tarefa para despedir este mau crítico, em que só por excepção tornarei a fallar. Tal é a triste memoria que um homem, aliás erudito, póde deixar de si, quando o avassalla a inveja até o ponto de o fazer calumniador consciente!

LVII

—«*O nympha, a mais formosa do Oceano:
 Já que minha presença não te agrada,
 Que te custava ter-me n'este engano,
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
 D'aqui me parto, irado e quasi insano
 Da magoa e da deshonra ali passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse.*

LVIII

—«*Eram já n'este tempo meus irmãos
 Vencidos, e em miseria extrema postos;
 E, por mais segurar-se os deuses vão,
 Alguns a varios montes soto-postos;
 E, como contra o céu não valem mãos,
 Eu, que chorando andava meus desgostos,
 Comecei a sentir do fado inimigo
 Por meus atrevimentos o castigo.*

LIX

—«*Converte-se-me a carne em terra dura;
 Em penedos os ossos se fizeram;
 Estes membros que vês, e esta figura
 Por estas longas aguas se estenderam.
 Emfim, minha grandíssima estatura
 N'este remoto cabo converteram
 Os deuses; e, por mais dobradas maguas,
 Me anda Thétis cercando d'estas aguas!*»—

Este *diabo*, como Faria e Sousa quer que fosse o Adamastor, *Cabo, Mafoma*, ou *Baccho* (uma trapalhada, realmente, de todos os diabos, e não de um só!) deve confessar-se que dizia bonitas cousas! E não só era bem fallante, senão que excedia em formosura (que os teus ossos não ranjam no jazigo, honrado Manuel de Faria e Sousa: em for-

mosura!) a tudo quanto no mesmo genero escreveram antigos e modernos.

Freire de Carvalho transcreve a seguinte nota, de Mr. Sané, a respeito d'este episodio :

«Homère, Virgile, le Dante et Milton n'ont rien de plus grandieux, de plus original, et la poësie en est divine.»

LX

— Assim contava: e, c'um medonho choro,
Subito d'ante os olhos se apartou.
Desfez-se a nuvem negra; e, c'um sonoro
Bramido, muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI

— Já Phlegon e Pyrois vinham tirando
Co'os outros dois o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo d'esta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo um pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII

— A gente que esta terra possuia,
Posto que todos ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que tão mal nos receberam.
Com bailes e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres consigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem creado.

LXIII

— *As mulheres queimadas vêem em cima
 Dos vagarosos bois, ali sentadas;
 Animaes que ellas teem em mais estima
 Que todo o outro gado das manadas.
 Cantigas pastoris, em prosa ou rima,
 Na sua lingua cantam; concertadas
 Co' o doce som das rusticas avenas,
 Imitando de Tityro as camenas.*

Grande numero de editores modernos, bem como as duas edições de 1572, lêem, no v. 5: *ou prosa ou rima*, quando deve ser *em prosa ou rima*, como eu escrevo. Nem Biel, nem Freire de Carvalho, nem Barreto Feio corrigem o erro, que vem já emendado na edição de 1597, o que eu só vi depois da minha emenda. O auctor ou auctores da de 1613, tambem não deram por ella; aliás, corrigiriam.

LXIV

— *Estes, como na vista prazenteiros
 Fossem, humanamente nos trataram;
 Trazendo-nos gallinhas e carneiros,
 A troco d'outras peças que levaram.
 Mas, como nunca emfim meus companheiros
 Palavra sua alguma lhe alcançaram,
 Que desse algum signal do que buscâmos;
 As vélas dando, as ancoras levâmos.*

Já notei, que se diz *dar á véla*, e não *dar a véla*, como escrevem todas, desde as duas primeiras até hoje.

LXV

— *Já aqui tínhamos dado um grão rodeio,
 Á costa negra de Africa; e tornava
 A prôa a demandar o ardente meio
 Do céu; e o polo antárctico ficava.*

*Aquelle ilhéu deixámos, onde veio
 Outra armada primeira, que buscava
 O Tormentorio cabo; e, descoberto,
 N'aquelle ilhéu fez seu limite certo.*

A primeira armada, que chegou até o ilhéu a que deram o nome *da Cruç*, porque ali ergueram uma, compunha-se de tres navios, commandados por Bartholomeu Dias, seu irmão Pedro Dias, e João do Infante. Saira no anno de 1487, e foi a que, na volta, descobriu o cabo Tormentorio, cujo nome depois se mudou para *cabo de Boa Esperança*.

LXVI

*— D'aqui fomos cortando muitos dias,
 Entre tormentas tristes, e bonanças;
 No largo mar fazendo novas vias,
 Só conduzidos de arduas esperanças.
 Co'o mar, um tempo, andámos em porfias;
 Que, como tudo n'elle são mudanças,
 Corrente d'elle achámos tão possante,
 Que passar não deixava por diante.*

Lêem todas as edições, no v. 7, *n'elle*, em vez *d'elle*, o que não pôde ser. Acharam uma *corrente de mar* fortissima, e não uma *corrente no mar*, porque ali se encontram muitas, e em diversos sentidos, conforme as latitudes.

Tambem me parece que Vasco da Gama não diria no v. 8, á maneira da gente de terra, *por diante*, mas *para ávante*.

E o poeta, que igualmente conhecia os usos de bórdo, não lhe faltava de certo aqui com o termo apropriado. O que se me afigura é que sobre tudo isto andou mão alheia, ou lhe faltou em muitas partes a ultima lima do cantor sublime.

LXVII

*— Era maior a força em demasia
 (Segundo para traç nos obrigava)
 Do mar, que contra nós ali corria,
 Que por nós a do vento que assoprava.*

*Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça, iradamente,
Com que nos fez vencer a gran corrente.*

Varios editores põem o v. 2 entre parenthesis, o que eu tambem faço, embora não venha assim nas de 1572; o *parece*, do 6, é que n'essas se acha com parenthesis, que eu tiro, seguindo outras, por desnecessario. Mas, nem com elle, nem sem elle fica melhor a estancia.

LXVIII

— *Trazia o sol o dia celebrado
Em que tres reis, das partes do Oriente,
Foram buscar um Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
N'este dia, outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'um largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.*

LXIX

— *D'esta gente refresco algum tomámos,
E do rio fresca agua; mas, comtudo,
Nenhum signal aqui da India achámos
No povo, com nós outros, quasi mudo.
Ora vê, rei, quamanha terra andámos,
Sem sair nunca d'este povo rudo;
Sem termos nunca novas, nem signal
Da desejada parte oriental.*

No v. 1, quer dizer *que tomaram algum refresco d'aquella gente*. Do 5, bem podia Camões (se é d'elle) expungir aquella atroz *quamanha*, que, hoje, até a um morto atacaria os nervos! E era tão facil, para elle, sobretudo!

Ora vê, rei, quão grande terra andámos,

ou cousa semelhante.

Todas lêem *nova*, por *novas*, no v. 7. Parece-me incorrecção assignalada, e por isso a mudo francamente. Dizemos *ter novas*, e não *ter nova*. O v. 7, da est. 75, d'este mesmo canto, e o 2 da 78, o estão ensinando.

LXX

— *Ora imagina agora, quão coitados
Andariamos todos; quão pèrdidos;
De fomes, de tormentas, quebrantados;
Por climas, e por mares não sabidos;
E do esperar comprido tão cançados,
Quanto a desesperar já compellidos;
Por céus não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade!*

LXXI

— *Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e mau ao fraco corpo humano;
E, além d'isso, nenhum contentamento,
Que sequer da esperança fosse engano!
Crês tu, que se este nosso ajuntamento
De soldados, não fôra lusitano,
Que durára elle tanto, obediente,
Por ventura a seu rei e a seu regente?*

O primeiro verso talvez lêsse:

Já corrupto e damnado o mantimento,

LXXII

— *Crês tu, que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira?
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente, por certo, estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
D'aquella portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.*

LXXIII

— *Deixando o porto enfim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos d'esta costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda a armada;
Porque, ventando Noto, manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada
Que a costa faz, ali d'aquella banda,
D'onde a rica Sofala o oiro manda.*

Eu penso que no v. 8 se deve ler: *oiro nos manda*; e não o que lá está. Do contrario, não se ficava sabendo a quem é que Sofala mandava, n'aquelle tempo, o oiro, se não a nós portuguezes. E por signal que foi bem piedosamente applicado o primeiro que veiu de Quiloa, que serviu para a fabricação da monumental custodia do mosteiro de Belem!

LXXIV

— *Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolau,
Para onde o mar na costa brada e geme
A proa inclina de uma e de outra nau;
Quando, indo o coração, que espera e teme
E que tanto fiou d'um fraco pau,
Do que esperava, já desesperado,
Foi d'uma novidade alvoroçado:*

LXXV

— *E foi, que, estando já da costa perto,
Onde as praias e valles bem se viam,
N'um rio, que ali sáe ao mar aberto,
Bateis á vèla entravam e saiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas, que sabiam
Navegar; porque entre ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.*

LXXVI

—*Ethiopes são todos; mas, parece
Que com gente melhor communicavam;
Palavra alguma arabia se conhece
Entre a linguagem sua, que fallavam;
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.*

No v. 3, quer dizer que aquelle povo conhecia uma ou outra palavra arabica, e não que ignorava absolutamente o arabe; aliás, julgariam o poeta em contradicção com o que se lê no principio da estancia seguinte. Já na 59, d'este canto, dissera: *D'esta gente refresco algum tomámos*, que significa: *Tomámos algum refresco, que esta gente nos forneceu*. Toda a attenção é pouca para ler tal poeta!

LXXVII

—*Pela arabica lingua, que mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Diçem que por naus, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende;
Mas que lá d'onde sae o sol, se abalam
Para onde a costa, ao sul, se alarga e estende,
E do sul para o sol; terra, onde havia
Gente, assim como nós, da côr do dia.*

Sobre a sciencia do lingua Fernão Martins, de que falla o v. 2, já fica dito em nota á est. 78 do canto II.

Verso 3—*Diçem, que por nós, que em grandeza igualam*

Assim escreveu a *princeps*, repetindo-se o erro na segunda. A correcção foi feita pela de 1584. Julgo impossivel que o poeta escrevesse tal verso, apesar da justa emenda de *naus*, em vez de *nós*. Talvez que a lição verdadeira seja:

Diçem que em naus, que na grandeza igualam

ou *que por grandeza igualam*. Este tem todas as probabilidades de ser o proprio de Camões, tendo os compositores mudado *em* e *por*, indo para diante o que estava atraz, e passando para traz o que era de diante.

Tal verso, diminui muito a veneração que eu tinha por Fernão Rodrigues Lobo Soropita, que se diz ter sido revisor da edição de 1597.

Todos os criticos modernos o applaudiam, e eu dava-lhe tambem ingenuamente o meu voto; mas, depois de examinar detidamente a edição de 1584, vejo que ella traz grande numero das correções attribuidas a Soropita; e talvez que a de 1591, que ainda não vi, traga o resto das da de 1597! O verso da presente estancia é copiado d'aquella por esta ultima com uma fidelidade graphica, verdadeiramente admiravel!

LXXVIII

— *Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais.
Pelos signaes, que n'este rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-signaes.
Um padrão n'esta terra levantámos;
Que, para assignalar logares taes
Trazia alguns; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.*

Barros escreveu: «... no qual tempo com ajuda dos da terra poz hum padrão per nome S. Rafael, dos que levava lavrados pera este descobrimento.» (*Decada* 1, liv. iv, cap. iii.)

LXXIX

— *Aqui, de limos, cascas e d'ostrinhos,
Nojosa creação das aguas fundas,
Alimpámos as naus; que dos caminhos
Longos do mar, vêem sordidas e immundas.
Dos hospedes, que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis e jocundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.*

A Biel diz, no v. 8, *Limpo*, em vez de *Limpos*. Começando pelas duas de 1572 todas lêem *limpos*, excepto a de Fonseca (Paris, 1846) e a que acabo de citar.

A analyse d'estes dois versos dá o seguinte:—*Dos hospedes visinhos, limpos de todo falso pensamento, recebemos sempre o usado mantimento*. Receber o mantimento, limpo de pensamentos falsos, afigura-se-me absurdo: eram limpos, na alma, os que o forneciam.

A edição de 1613 supprime o artigo *o*, antes de *falso*.

LXXX

—*Mas não foi da esperança grande, immensa,
Que n'esta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnúsia, com nova desventura.
Assim no céu sereno se dispensa . . .
Com esta condição pesada e dura
Nascemos! O pezar, terá firmeza;
Mas o bem logo muda a natureza.*

Grande e immensa, como se lê no v. 1, em todas, não me parece puro. *Grande*, já dá idéa da muita alegria que tiveram os viajantes; e, depois d'este adjectivo, só é permittido o uso da virgula, para subir a *immensa*.

Rhamnúsia, ou *Nemesis*, divindade fatal, segundo Herodoto e Pindaro, respondeu logo á alegria da esperança, com outra desventura nova. João de Barros diz: « . . . por este prazer não ir puro sem algum desconto de trabalhos. . . adoeceu muita gente, de que morreu alguma.» (*Decada* 1, liv. iv, cap. iii.)

N'esta, como em muitas duzias de outras estancias, sigo pontuação diversa da de todos os editores que me precederam.

LXXXI

—*E foi que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida; e, em terra estranha e alheia,
Os ossos para sempre sepultaram.*

*Quem haverá que, sem o ver, o creia?
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na bocca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia!*

LXXXII

*— Apodrecia c'um fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava;
Não tínhamos ali medico astuto;
Cirurgião subtil, menos se achava.
Mas qualquer, n'este officio pouco instructo,
Pela carne, já podre, assim cortava
Como se fôra morta; e bem convinha:
Pois que morto ficava quem a tinha!*

O v. 1, pouco torneado, coxeia de sua natureza. Não ousei, contudo, mettêr-lhe cunhas, na persuasão de que assim o deixára o poeta. E, quando tal convicção me entra n'alma, não tenho o atrevimento de pretender *melhorá-lo*.

LXXXIII

*— Emfim, que, n'esta incognita espessura,
Deixámos para sempre os companheiros;
Que, em tal caminho, e em tanta desventura,
Foram sempre commosco aventureiros.
Quão facil é ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assim mesmo como os nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos!*

No v. 7, lêem as de 1572: *como aos nossos*. As do seculo xvii, começando pela de 1644, e algumas do seculo xviii, escrevem: *como nossas*. Parte dos modernos restabelece a primeira lição. Freire de Carvalho, na tabella v, lê *como nossos*, mas escreve no texto como as primeiras; e José da Fonseca, conhecendo, provavelmente, as edições citadas, pergunta se não ficaria talvez mais correcto, lendo-se... o que já outros muitos tinham dito.

Corrêa nada esclarece. Faria e Sousa afirma que este lugar se parece com muitos outros! Lembra Virgílio e acrescenta, logo em seguida, que o poeta talvez tivesse dito assim com Tucídides, nas exequias que Pericles mandou celebrar pelos athenienses mortos; e passa immediatamente ao Exodo, referindo-se a Moysés e aos israelitas! Garcez Ferreira encosta-se a Faria e Sousa! Nada ha como os commentadores, para... acrescentar dúvidas.

Creio ser a minha lição verdadeira. Camões diz que quaesquer ondas ou outeiros estranhos, podiam receber, como se fossem os nossos proprios, os corpos dos heroes que morriam n'essas peregrinações arrojadas. *Como os nossos*, parece-me, pois, preferivel.

*«Do quiera qual si fuera nuestra tierra
El tumulo el illustre cuerpo incierra.»*

Traduziu Luiz Gomes de Tapia.

LXXXIV

*— Assim que, d'este porto nos partimos
Com maior esperança e mór tristeza;
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza.
Na dura Moçambique, enfim surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor; e dos enganos
Dos povos de Mombaça, pouco humanos.*

LXXXV

*— Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Déra saude a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui, repouso; aqui, doce conforto:
Nova quietação do pensamento
Nos deste. E vês aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.*

No v. 3, as duas primeiras lêem *Dara*, etc. Subentende-se que é a gente habitadora d'esse porto, que recebeu e agasalhou muito bem os portuguezes; e não que o porto tivesse *brandura* e fosse de ameno trato, como alguns poderiam entender. *Dêra*, parece-me lição mais correcta que *dará*. O Gama está encarecendo o bom gasalhado, e diz, por hypothese, que elle é tal que poderia dar saude a um vivo e vida a um morto; mas seria absurdo affirmar-se que tal succederia. Não hesito em acreditar que foi como eu que o poeta escreveu.

Depois de feita a presente correcção, leio em José da Fonseca «que ella veio já feita na edição de Pedro Crasbeeck» que cita a miude, sem dizer de que anno. Tenho presentes as de 1613 e 1631 (ambas d'esse editor); mas não a acho em nenhuma d'ellas. Comquanto Fonseca não tenha por boa syntaxe a da lição que prefiro, confesso-me absolutamente falto de respeito pela sua sciencia grammatical.

LXXXVI

— *Agora julga, ó rei, se houve no mundo
Gentes que taes caminhos comettessem!
Crês tu, que, tanto Enéas e o facundo
Ulysses, pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que d'elle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?*

Verso 1—*Julgas agora Rey se ouve no mundo*

Lição de ambas as de 1572. E da de 1597:

Julga agora rei se houve no mundo

Nenhuma a quiz seguir; e só em 1631 apparece esta, de João Franco Barreto:

Julga tu agora Rey se houve no mundo

que foi copiada nas de 1644, 1651, 1663, 1669, 1670, e 1721. As cinco ultimas, põem todas virgula, adiante de *Rey*, como já fizera a de 1584. Garcez Ferreira escreveu:

Julga tu agora, ó Rei, se houve no mundo

Thomaz de Aquino, Barreto Feio, Biel, e todos os mais correctos, seguiram, como eu, a Faria e Sousa. Freire de Carvalho gaba-se de ter corrigido assim:

Julgas agora, Rei, que houve no mundo

e põe interrogação no segundo verso, como trazem as duas primeiras. Juromenha copia esta, textualmente; e diz, na respectiva nota, ser lição mais correcta!

No v. 5: *ousou a ver*, não me parece nem muito bom, nem authenticico. Decompondo os quatro ultimos versos, acho o seguinte: *ousou algum a ver, por mais versos que d'elle se escrevessem, a oitava parte do que eu vi e do que inda heide ver do mar profundo, a poder de esforço e de arte?*

Se estas mutações se podem permittir, o sentido fica perfeito; excepto em *ousou algum a ver*, que poderia mudar-se, e talvez se acertasse, escrevendo: *ousou algum ir ver*. Mas eu tenho dúvidas sobre tantas transposições, apesar do exemplo que se encontra no canto iv, est. 67, do sonho d'el-rei D. Manuel. N'este logar, tambem ha muito que desenhencilhar, para que a syntaxe de hoje não seja offendida. Repito, porém, sempre, que a grammatica do tempo de Camões tinha outras liberdades que a de hoje não comporta.

LXXXVII

*—Esse, que bebeu tanto da agua aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si, Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo, e Salamina;
Ess'outro, que esclarece toda Ausonia,
E cuja voz, altisona e divina,
Ouvindo, o patrio Mincio se adormece;
Mas o Tibre, co'o som, se ensoberbece:*

A edição *princeps* escreveu, no v. 5: *Esoutro*; e a segunda pôz o artigo *a* em *Ausonia*.

Sebastião Francisco Mendo Trigoso, segundo já referi na minha *Introdução*, affirma ter visto outra, que dizia:

Essoutro que escraresse toda Ausonia

Se isto é assim, haverá terceira da mesma data? Mas que foi feito do exemplar de que se serviu Trigoſo? Por muito que elle se descuidasse, não me parece que inventaria semelhante erro! Como tratei extensamente este assumpto, no começo do meu trabalho, para lá remetto os curiosos.

No v. 6 lêem todas, excepto José da Fonseca, que substituiu a particula *A* pela conjunção *E*:

A cuja voz altisona e divina

A lição de Fonseca parece-me ser a verdadeira, e por isso a adopto.

LXXXVIII

— *Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
D'esses seus semi-deuses; e encareçam,
Fingindo magas Circes, Polyphemos,
Sereias, que cõ'o canto os adormeçam;
Dêem-lhes mais navegar á vèla e remos
Os cicónes; e a terra, onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dêem-lhes perder nas aguas o piloto;*

A grande maioria dos editores tem feito de *magas Circes*, que se lê no v. 3, duas personificações, separadas por virgulas!

Acabo com as *sirenas*, no v. 4, e sempre que não são obrigadas a rima. E ponho, no 5, *dêem-lhes*, como deve ser, em vez de *dêem-lhe*. As de 1572 lêem, no v. 6, *onde se esquecem*; e a de 1597, *esquescem*.

LXXXIX

— *Ventos soltos lhes finjam, e imaginem
Dos odres; e Calypsos namoradas;
Harpías, que o manjar lhes contaminem;
Descer ás sombras nuas já passadas:
Que, por muito e por muito que se afinem
N'estas fabulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade, que eu conto nua e pura,
Vence toda grandiloqua escriptura.—*

Nos v. 1 e 3 *lhes*, por *lhe*.

Fingir ou *imaginar dos odres*, no v. 2 está pedindo, *as*, em vez de *e*. Eu escreveria:

Os odres; as Calypsos namoradas;

E penso que não ficaria muito longe da lição do poeta. Comtudo, esperarei os votos dos estudiosos, que quizerem honrar com elles o meu trabalho.

Estas tres ultimas estancias, mal se podem deixar ir sem alguma explicação, para as pessoas menos lidas; embora não seja este o fim que tenho em vista:

O que bebeu tanto da agua aonia, da fonte de Aganipe, foi Homero; aquelle que esclarece a Ausonia, Virgilio. O Mincio, rio que passa por Mantua, patria d'este immortal poeta, diz Camões aqui que adormece com a humildade do estylo das *Eclogas*; porém que o Tibre se ensoberbece com a grandeza e sublimidade da *Eneida*.

Magas Circes, referencia á encantadora, que se diz filha do sol e da nympha Persa. Homero e Virgilio fallam d'ella. Foi Circe que transformou em porcos os companheiros de Ulysses.

Sirenas ou sereias, sabem todos que especie de monstros eram... nas fabulas mythologicas.

Cicónes, povos da Thracia, que guerrearam Ulysses. Corrêa lê: «*Odyssea*, L. 13, cap. 17»; Faria: «L. 9». Lá se avenham!

Loto, fructo de uma arvore, julgado tão delicioso que os que o provavam se esqueciam da patria e dos que n'ella tinham deixado.

Odres, allude á passagem de Ulysses pelas ilhas Eolidas, onde o rei dos ventos metteu estes vassallos em odres, para que o seu collega, de Ithaca, se servisse d'elles, quando os precisasse.

Calypso, acaso se esqueceu alguém d'aquelle celebre trecho do Telemaco: «*Calypso ne pouvait se consoler du départ d'Ulysses*», etc.? A edição de 1613 diz: «Calypso grande esperdiçada por Ulysses»!

Harpías... quem é que não conhece alguma?!

Tudo isto é allusivo aos versos de Homero, na *Odyssea*; e, como n'aquelle bello poema, personifica poeticamente a resistencia violenta que os mares, auxiliados por todas as outras forças da natureza, offerecem aos navegantes, nas regiões desconhecidas que vão sulcando.

XC

*Da bocca do facundo capitão
 Pendendo estavam todos embebidos;
 Quando deu fim á longa narração
 Dos altos feitos, grandes e subidos.
 Louva o rei o sublime coração
 Dos reis, em tantas guerras conhecidos;
 Da gente louva a antiga fortaleza,
 A lealdade de animo e nobreza.*

XCI

*Vae recontando o povo, que se admira,
 O caso, cada qual que mais notou;
 Nenhum d'elles da gente os olhos tira,
 Que tão longos caminhos rodeou.
 Mas já o mancebo delio as redeas vira,
 Que o irmão de Lampecia mal guiou,
 Por vir a descancar nos thetios braços;
 E el-rei se vae do mar aos nobres paços.*

XCII

*Quão doce é o louvor, e a justa gloria
 Dos proprios feitos, quando são soados!
 Qualquer nobre trabalho, que em memoria
 Vença, ou iguale os grandes já passados!
 As invejas da illustre e alheia historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados:
 Quem valorosas obras exercita,
 Louvor alheio muito o esperta e incita.*

Verso 3—*Qualquer nobre trabalha que em memoria*

dizem todos. Nunca me pude conformar com esta absurda lição. O erro salta aos olhos; mas ninguém o tem querido ver até agora. Por troca de uma letra, aliás facilima de confundir, foi posto o verbo onde devia estar o substantivo.

*Quão doce é o louvor e a justa gloria dos proprios feitos!
Quão doce é qualquer nobre trabalho, que em memoria vença,
ou iguale os grandes trabalhos, já passados!*

É como se dissessemos, com o proprio Camões, na est. 142 do canto III:

*Mas quem pôde livrar-se por ventura
Dos laços, que amor arma brandamente,
Entre as rosas, e a neve humana pura,
O oiro, e o alabastro transparente?!
Quem, de uma peregrina formosura?
De um vulto de Medusa, propriamente, etc.*

O que quer dizer: *Mas quem pôde livrar-se dos laços que amor arma; mas quem pôde livrar-se de uma peregrina formosura?!*

Para que perder tempo com citações, quando tão clara está a lição que substitúo? Além de tudo, este verso, acceitandose-lhe a má interpretação que até hoje tem tido, seria banal repetição do que se lê, logo em seguida á estancia immediata, no primeiro verso:

Trabalha por mostrar Vasco da Gama

E foi talvez esta circumstancia que o fez andar tanto tempo torcido, fóra do verdadeiro sentido que se lhe deve dar. Imaginou-se que *qualquer nobre trabalha*, correspondia exactamente a *trabalha por mostrar Vasco da Gama*; e não se reflectiu que era uma exclamação, um formoso movimento poetico, uma bella figura de rhetorica, bordada de flores historicas, para passar da narração, que o Gama acaba de fazer, ás magnificas estancias, com que o poeta encerra o canto v!

A de 1613 *esclarece* o caso, esquivando-se a commentar a estancia! Sempre *amigos!*

XCIH

*Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandre, na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.*

*Os trophens de Melciades, famosos,
Themistocles despertam só de inveja;
E diz que nada tanto o deleitava,
Como a voz que seus feitos celebrava.*

XCIV

*Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama,
Como a sua, que o céu e a terra espanta.
Sim; mas aquelle heroe, que estima e ama
Com dons, mercês, favores e honra tanta
A lyra mantuana, faz que sóe
Enéas, e a romana gloria vôle.*

Tanto para esta, como para as seguintes estancias, deve ler-se o commentario de Faria e Sousa, espremendo-o cuidadosamente, para lhe extrahir só o succo verdadeiro.

Este heroe, de que falla o v. 5, era Augusto, protector e amigo de Virgilio.

Não deixa de ter sua originalidade o commento d'esta passagem, attribuido ao tal supposto amigo de Camões, Manuel Corrêa. Além de explicar que lyra mantuana é *viola de Mantua*, diz que o que seja heroe fica dito no canto iv, oitava 5o. Procurando-se a citada estancia, acha-se: «Heroe é palavra grega, significa senhor excellente»! N'este logar, nada explica.

XCV

*Dá a terra lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandres, e dá Augustos;
Mas não lhes dá comtudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos e venustos.
Não dirá Fulvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphira.*

Lhes, em vez de *lhe*, no v. 3.

XCVI

*Vae Cesar subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas, n'uma mão a penna e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia.
O que de Scipião se sabe e alcança,
É nas comedias grande experiencia;
Lia Alexandre a Homero, de maneira
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.*

XCVII

*Emfim, não houve forte capitão
Que não fosse tambem douto, e sciente
Da lácia, grega, ou barbara nação;
Senão da portugueza tão sómente.
Sem vergonha o não digo; que a rasão
De algum não ser por versos excellente,
É não se ver prezado o verso e rima:
Porque quem não sabe a arte, não a estima.*

Todas as edições, até á de 1613, escreveram, no v. 8, *não na estima*. O editor d'esta corrigiu, como eu sigo. O artigo *a*, em *arte*, foi quasi geralmente adoptado; não assim o *não na estima*, que a maioria ainda hoje traz. Eu expunjo-o.

XCVIII

*Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgílios, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Enéas, nem Achilles féros.
Mas o peor de tudo é que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudes, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhes dá pouco, ou nada d'isso!*

Lhes, em vez de *lhe*, no v. 8.

XCIX

*Às musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga;
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas de oiro fino; e que o cantassem.*

C

*Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o lusitano feito
Seu louvor, é sómente o presuppuesto
Das tagides gentis, e seu respeito.
Porém, não deixe enfim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito:
Que, por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.*

Não sei se no v. 4 se poderá entender: *a seu respeito*, em vez de *e seu respeito*. Ainda que Camões destacava, ás vezes, com outras de permeio, palavras que ligavam com as que lhe ficavam muito longe, para dar a exacta expressão do seu pensamento, hesito, aqui, se deverá ler-se: *seu louvor* (começo do v. 3), e *seu respeito* (fim do v. 4); ou se a lição seria: *É sómente o designio (presuppuesto) das tagides gentis, a seu respeito*.

Manuel Corrêa, ou quem quer que lhe attribue o commentario, esclarece do seguinte modo: «... o que n'esta oitava diz o poeta é que o seu intento n'este livro é dar o devido louvor aos heroicos feitos dos portuguezes, pela obrigação que atraz tocamos de serem seus naturaes, e não por elles o merecerem, pois não favorecem aos homens que n'esta parte os podem fazer grandes e excellentes com seus escriptos. Comtudo aconselha se applicuem as obras de virtude, porque nunca falta quem saía por ellas».

Como elle saíu! Já torceu o sentido da estancia antecedente, dizendo que *os portuguezes são pouco favorecedores dos poetas*,

quando a estancia se refere positivamente a Vasco da Gama, e seus descendentes. E ha quem ouse dar, como amigo de Camões, o auctor d'estes desconchavos mentirosos, que á nossa vista estão falsificando o que diz o poema! Provavelmente, vivia, no tempo em que se publicou a edição de 1613, algum valentão da estirpe do almirante, que metteria medo ao editor, e o obrigava assim a faltar á verdade.

Faria e Sousa, segundo já atraz notei, é menos cobarde, n'este logar: «Fuerte cosa es, que escribiesse el poeta tal obra en honra de tal casa, i que se le diesse tal occasion para pregonar esto, que durará mientras duraren las letras. I está dicho con un desprecio totalmente hijo de animo libre, i escandalizado». (tomo II, col. 649.)

Faria diz que Camões era aparentado com a casa de Vasco da Gama; porém, em vez de procurar mais minuciosas noticias e informações, a respeito do poeta, visto ter começado os seus commentarios pouco mais de trinta annos depois do seu fallecimento, tambem nos esclarece pouquissimo; e não traz nada que nos interresse, ácerca da primeira edição dos *Lusiadas*. É inacreditavel! que em tão breves annos desaparecessem todas as memorias d'aquelle egregio cantor; e que nada sobrenadasse, adiante do seu seculo, com relação á sua historia, que tenha character de authenticidade!

FIM DO CANTO QUINTO E DO TOMO PRIMEIRO

ERRATAS

	ERROS	EMENDAS
Pag. 11 lin. 23	<i>Novissima</i>	<i>Ultima</i>
• 23 > 25	Estes	Estas
> 24 > 1	logares communs	trivialidades
> 24 > 1	reproduzidos	reproduzidas
> 82 > 24	cabeça	começo
> 83 > 7	letra	linha
> 84 > 20	que em uma	que uma
> 84 > 21	o typo tinha	tinha
> 84 > 21	lavado	lavada
> 144 > 6	bibliotheca	bibliotheca
> 149 > 33	<i>Novissima</i>	<i>Ultima</i>
> 150 > 10	lhes deve	lhes deve
> 198 > 19	<i>sejam</i>	<i>sejam.</i>
> 243 > 35	restabeleço	restabeleço.
> 272 > 33	<i>nagoa</i>	<i>nagoa.</i>
> 283 > 26	ellipse	syncope
> 288 > 35	leme	leme
> 291 > 22	<i>oceanio obediente</i>	<i>Oceanio obediente.</i>
> 338 > 34	<i>Co'o</i>	<i>Co</i>
> 344 > 5	diz o verso.	diz o verso?
> 350 > 5	v. 2 e 5	v. 1 e 5
> 419 > 13	Eguai	Egual
> 465 > 14	<i>O doce</i>	<i>O doce</i>
> 475 > 13	<i>abastam;</i>	<i>abastam.</i>
> 475 > 14	<i>A terra, a</i>	<i>A terra (a</i>
> 475 > 16	<i>inopia,</i>	<i>inopia:)</i>
> 515 > 29	<i>como nossas.</i>	<i>como nossos.</i>







PQ
9198
A2
1839
t.1

Camões, Luiz de
Os Lusíadas de Luiz de
Camões Edição crítica

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

